

*Coletânea de contos em temas clássicos*

# JOGOS DE JACOB

**A CASA DO LAGO  
INVASORES DE MENTES  
ATAQUE DOS MORTOS-VIVOS  
SIMULACRO**





# FRINGE DIVISION

[www.fringedivision.com](http://www.fringedivision.com)

*Autor / Roteiro*

*Rodrigo Groff*

*Arte*

*Internet*

*Revisão*

*Tibor Moricz*

*Vilto Reis*



## Índice

<i>O outro lado do espelho</i>	4
<i>A tese dos mortos-vivos de Greenwood</i>	18
<i>Os perdidos estão sempre queimando</i>	70
<i>A intervenção de Ben Foster</i>	129

## Jogos de Jacob

<i>parte 1</i>	192
<i>parte 2</i>	211
<i>parte 3</i>	254
<i>parte 4</i>	280
<i>final</i>	304





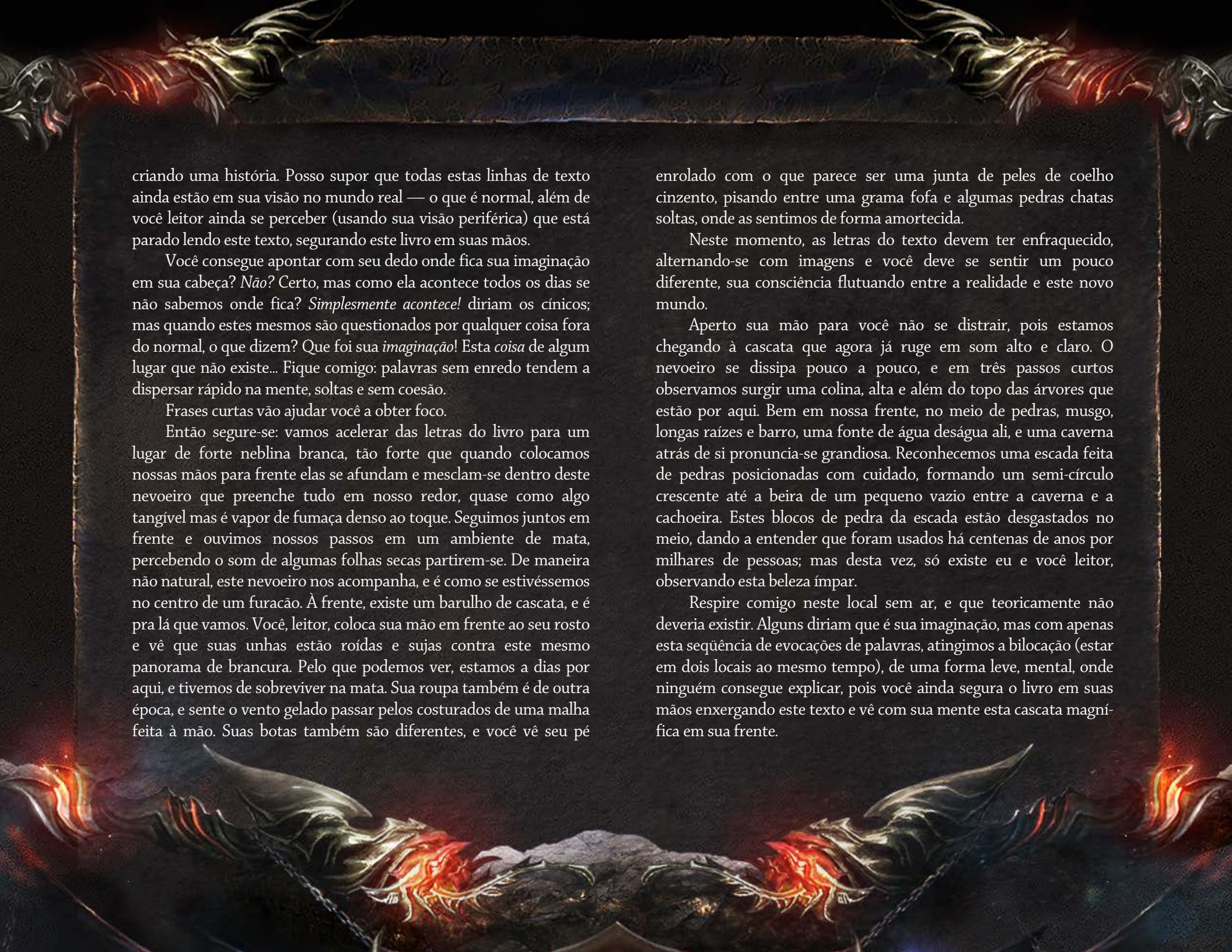
## **O OUTRO LADO DO ESPELHO**

**É IMPORTANTE DIZER QUE** sabemos que seu tempo é precioso. Tanto que nós que vivemos das palavras, usamos a primeira frase de nossas histórias em maiúsculas como em um grito de guerra, tentando segurá-lo nestes improváveis poucos segundos de atenção que tenho de você. Sim, você aí do outro lado da página, inquieto e inseguro se os planos e esperanças que temos, em íntima e máxima cumplicidade, poderão se encontrar em algum lugar destas histórias de forma arrebatadora.

Antes de qualquer coisa, gostaria de prepará-lo para o que vai acontecer. Já que somos agora apenas você e eu nesta empreitada, as coisas devem acontecer como no ditado: confiança e vida, uma só vez perdida. Aviso: não importando o caminho que trilharmos, confie em mim — ele foi especialmente construído para você, mesmo entrando em casas abandonadas e descendo por alguns porões onde *coisas* deslizam e caminham sozinhas nas sombras.

Voltando à leitura, escritores normalmente deixam esta parte de lado, mas este autor em particular entende que o processo da leitura é muitíssimo maior que apenas juntar palavras em sua mente





criando uma história. Posso supor que todas estas linhas de texto ainda estão em sua visão no mundo real — o que é normal, além de você leitor ainda se perceber (usando sua visão periférica) que está parado lendo este texto, segurando este livro em suas mãos.

Você consegue apontar com seu dedo onde fica sua imaginação em sua cabeça? *Não?* Certo, mas como ela acontece todos os dias se não sabemos onde fica? *Simplesmente acontece!* diriam os cínicos; mas quando estes mesmos são questionados por qualquer coisa fora do normal, o que dizem? Que foi sua *imaginação!* Esta *coisa* de algum lugar que não existe... Fique comigo: palavras sem enredo tendem a dispersar rápido na mente, soltas e sem coesão.

Frases curtas vão ajudar você a obter foco.

Então segure-se: vamos acelerar das letras do livro para um lugar de forte neblina branca, tão forte que quando colocamos nossas mãos para frente elas se afundam e mesclam-se dentro deste nevoeiro que preenche tudo em nosso redor, quase como algo tangível mas é vapor de fumaça denso ao toque. Seguimos juntos em frente e ouvimos nossos passos em um ambiente de mata, percebendo o som de algumas folhas secas partirem-se. De maneira não natural, este nevoeiro nos acompanha, e é como se estivéssemos no centro de um furacão. À frente, existe um barulho de cascata, e é pra lá que vamos. Você, leitor, coloca sua mão em frente ao seu rosto e vê que suas unhas estão roídas e sujas contra este mesmo panorama de brancura. Pelo que podemos ver, estamos a dias por aqui, e tivemos de sobreviver na mata. Sua roupa também é de outra época, e sente o vento gelado passar pelos costurados de uma malha feita à mão. Suas botas também são diferentes, e você vê seu pé

enrolado com o que parece ser uma junta de peles de coelho cinzento, pisando entre uma grama fofa e algumas pedras chatas soltas, onde as sentimos de forma amortecida.

Neste momento, as letras do texto devem ter enfraquecido, alternando-se com imagens e você deve se sentir um pouco diferente, sua consciência flutuando entre a realidade e este novo mundo.

Aperto sua mão para você não se distrair, pois estamos chegando à cascata que agora já ruge em som alto e claro. O nevoeiro se dissipa pouco a pouco, e em três passos curtos observamos surgir uma colina, alta e além do topo das árvores que estão por aqui. Bem em nossa frente, no meio de pedras, musgo, longas raízes e barro, uma fonte de água deságua ali, e uma caverna atrás de si pronuncia-se grandiosa. Reconhecemos uma escada feita de pedras posicionadas com cuidado, formando um semi-círculo crescente até a beira de um pequeno vazio entre a caverna e a cachoeira. Estes blocos de pedra da escada estão desgastados no meio, dando a entender que foram usados há centenas de anos por milhares de pessoas; mas desta vez, só existe eu e você leitor, observando esta beleza ímpar.

Respire comigo neste local sem ar, e que teoricamente não deveria existir. Alguns diriam que é sua imaginação, mas com apenas esta sequência de evocações de palavras, atingimos a bilocação (estar em dois locais ao mesmo tempo), de uma forma leve, mental, onde ninguém consegue explicar, pois você ainda segura o livro em suas mãos enxergando este texto e vê com sua mente esta cascata magnífica em sua frente.





100

A cascata continua seu som contínuo, enquanto um pássaro bate forte suas asas próximo de onde está o autor e o leitor, que observam aquela estrutura estranha em pedra. Ao ajustarem seus olhos com o início da claridade da manhã, os dois podem ver dentro daquela caverna um brilho ínfimo na parede da rocha escavada, tremeluzindo e indicando uma tocha acesa do lado de dentro.

"Agora que chegamos aqui, vamos nos comunicar por diálogos, pois interromper a narração com referências ao mundo real enfraquece demais esta conexão leve que temos agora, certo?" diz o autor ao lado do leitor, que força seus olhos para ver melhor aquele distante brilho de dentro da caverna, aguçando-lhe uma curiosidade tremenda.

O leitor enfim, coça sua cabeça confuso.

"Como assim, diálogos?"

"A narrativa é a maneira com que posso me comunicar com você sem quebrar a imersão com esta nova realidade. Sua consciência ainda está do outro lado da página em suspensão temporária, mexendo os olhos e virando as páginas; isto é prova suficiente de que conseguimos resistir à descrença."

O leitor agacha-se e pega várias pedrinhas ao chão. Cada uma é diferente e única aos seus olhos e também ao toque. A última solta um pedaço de barro que esfarela na mão do leitor, e ele então deixa cair pedacinhos devagarinho ao chão, intrigado.

"O que quer fazer?" pergunta o autor segurando o braço do leitor, que está um pouco confuso e desconfiado, mas têm seus olhos

fixados na escada de pedra.

"Quero ir ali, vamos lá?" pergunta o leitor, apontando o final da escada.

"Sim." diz o autor, sorridente.

"Foi você que criou tudo isso?" pergunta o leitor.

"Não, somos co-criadores. Lembra que gostaríamos de ter uma experiência juntos de forma a nos encontrarmos no meio das páginas? Bom, estamos *dentro* delas agora." diz o autor.

"Eu... acho que tem uma explicação para isso." diz o leitor com sua mão no queixo, intrigado.

"A mente é desacoplável. Fazemos isso todos os dias para nos lembrarmos de fatos em memória ou em sonhos. Como lhe disse, enquanto houver um enredo interessante sua consciência atuará suspendendo a descrença." diz o autor de braços cruzados, um pouco impaciente.

O leitor avança uma perna e coloca seu pé no primeiro degrau da escada de pedra, com um sorriso ansioso.

"Observe que existe uma técnica nisso tudo: você quer seguir adiante, certo?" pergunta o autor.

"Sim. O que tem lá?"

"Isto é um arco narrativo. Um até objetivo demais, porém este é um mundo de demonstração. Fato é que ao mostrar uma sequência lógica de passos, aqui representado por uma escada, você quer que isto se desenvolva, e então nossa narrativa deve seguir tal curso, mantendo a crença de que o mundo é válido de investimento de seu tempo."

"Você fala demais!" diz o leitor, um pouco mais sério.



"Ah, desculpe. Isso acontece às vezes. Chama-se *exposição*, e quando é feito de uma forma equivocada pode fazer o leitor desinteressar-se da trama."

"Você vai explicar *absolutamente tudo* o que acontecer?"

"Não, mas tenha cuidado com as pedras, algumas podem estar soltas." diz o autor, indicando o caminho com sua mão e um sorriso honesto e sincero.

Os dois subiram um por um os degraus daquela escadaria em pedra. Ao redor deles, podia-se ver insetos e alguns passarinhos pequenos junto ao vapor de água que a cachoeira produzia ao cair com violência na água. Um sapo pulou na frente do leitor, e com uma abocanhada e língua certa, pegou uma mosca parada na pedra.

"Ei, Foi você que fez isto?" pergunta o leitor.

"Merda." respondeu o autor, nervoso.

"O que foi?"

"Olhe lá." o autor apontou para cima, onde havia um homem velho todo vestido de branco, lhes lançando olhares de desaprovação na frente do último degrau da cascata, de braços cruzados.

"O que ele quer?" perguntou o leitor.

"Eu tinha tudo preparado para você, mas agora vai ser difícil." diz o autor, desviando seu rosto para o lado, balançando sua cabeça entristecido.

O leitor ri, e sobe mais um degrau: "Ele não me parece muito feliz com você também."

Segurando o leitor com força, o autor lhe sussurra: "Não posso

garantir nada daqui para a frente. Tenha cuidado!"

Acompanhando os olhos do outro naqueles detalhes do mundo — o sapo pula um degrau para baixo enquanto alguns insetos continuam por ali, voando em círculos — o autor fica pensativo: "Paradoxos."

"O que?" pergunta o leitor.

"Você ainda não entendeu como as coisas aqui funcionam, certo? E agora *ele* quer lhe dizer como são as coisas, por que eu estou fazendo tudo errado, lhe poupando de tudo, explicando tudo. Enfim, tratando você como um... idiota." falou o autor, coçando sua testa inquieto.

"Não estou ouvindo nenhum *diálogo* dele." riu o leitor.

"Ele fala somente comigo, mas não por palavras. É complicado."

Os pequenos insetos que estavam voando em círculos juntam-se em uma borboleta, que por sua vez pousa no ombro do leitor, assustando-o com aquela mágica repentina.

O autor suspira, e contrariado responde: "Ele lhe diz que poucos escapam do paradoxo pois quanto mais rápido pensam que estão fugindo, mais dos mesmos erros são cometidos. Esta força seguirá aprisionando cada vez mais os mesmos dentro dos ciclos, ao invés de libertá-los." diz o autor.

A borboleta voa devagar e livre para dentro da caverna.

Mais uma vez o autor suspira: "Por décadas estou tentando sobreviver aqui, e o máximo que consegui foi lhe dar uma roupa ao frio e botas para caminhar nesta floresta, lhe poupando dos desconfortos ao invés de fazer o que deve ser feito." fala o autor, de cabeça baixa ao seu lado.



O leitor abre sua boca e então a fecha por um momento, pensativo: *Tudo isso sobre alguns meros insetos?*

"Posso ler também seus pensamentos. Nada é o que parece. Este é um local de dor e sofrimento, não se distraia com aparências." fala o autor ainda cabisbaixo.

O velho descruza seus braços e segura suas mãos em suas costas, um pouco menos apreensivo. Seu olhar direto no autor e uma afirmação de cabeça indica que ele concorda.

A cachoeira pára, e o autor diz: "Ele quer te mostrar algo — algo que valha a pena, não bobagens de nevoeiros e cachoeiras, sapos e insetos." diz o autor contrariado.

Após todos pularem o ultimo degrau para a caverna, a água volta a cair. Uma cobra verde sai da água e dá um bote no sapo, engolindo-o depois de algumas mordidas, onde suas pernas longas debatem-se com violência em seus últimos momentos.



Com a tocha em suas mãos, o autor e o leitor seguem o mestre por dentro da caverna, com aquela luminosidade amarela fraca e um cheiro de fumaça muito distinto de madeira da floresta. Caminhando por aquele corredor, o leitor percebe o autor triste e pensativo, além de também verificar que este corredor possui uma leve inclinação para baixo, como se entrassem para dentro da terra.

"Este é o caminho de onde sempre saio com mais perguntas que respostas..." diz o autor.

O mestre continuou seguindo na frente, e logo os parou na

frente de um salão, onde diversas lamparinas mantinham o ambiente iluminado, com um piso de madeira escuro. Ao centro daquele salão, havia uma menina a lhes esperar, usando um vestido também branco. Ela era pequena, com cerca de cinco anos, e estava sorrindo.

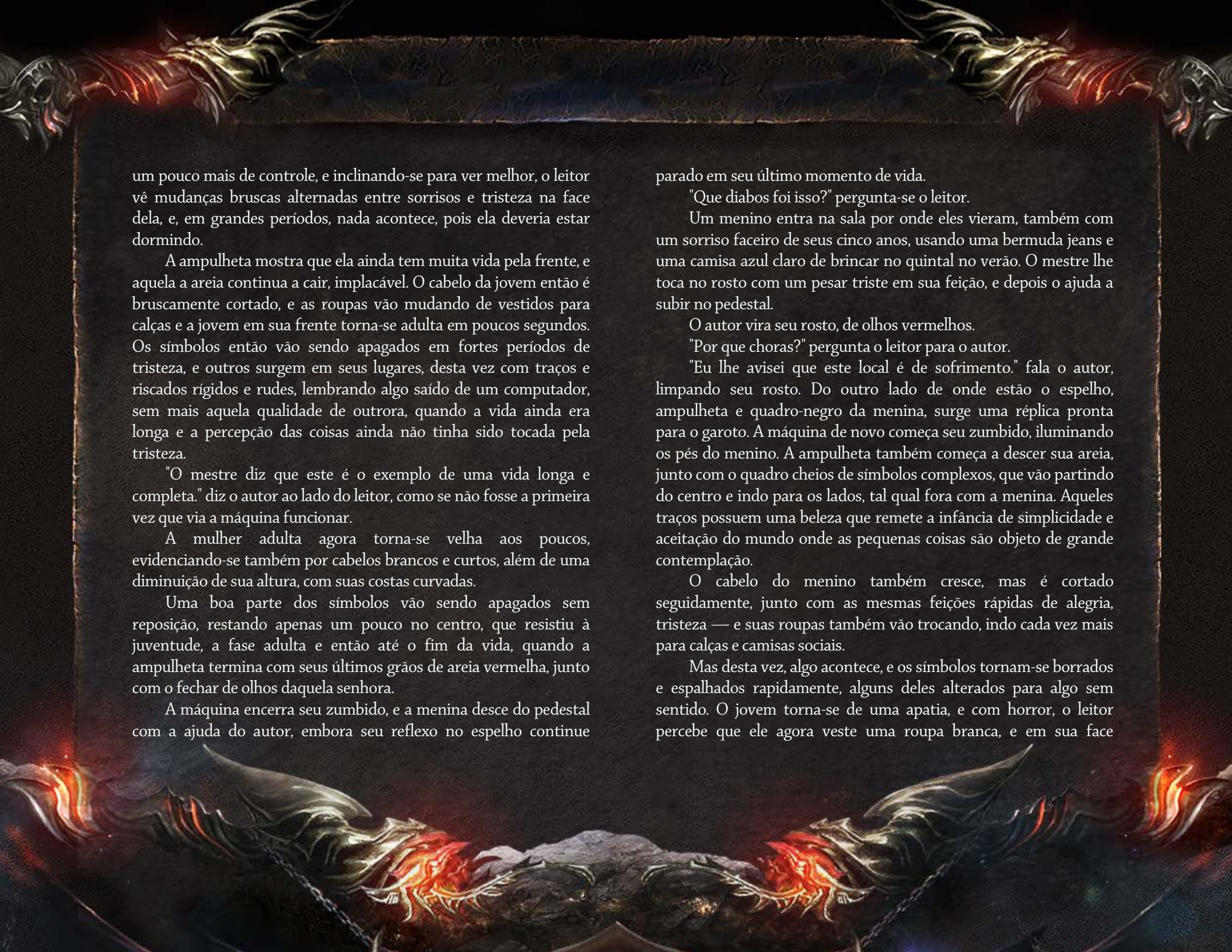
Ao lado da menina havia uma máquina estranha, que pareceu ao leitor como se fosse uma balança, junto a uma ampulheta enorme de areia vermelha, um espelho alto e largo ao lado de um quadro-negro.

O autor se vira para o leitor e diz: "Ele quer que você preste atenção nestes itens, enquanto a menina ativa a máquina."

O mestre indica o pedestal da máquina para a menina. Depois que ela sobe, o piso da balança ilumina-se de um leve branco confirmando que a máquina está ligada. O leitor aproxima-se ao lado da menina, e pode ver o espelho e o quadro-negro de perto, em grande detalhe. Após alguns instantes (junto com um zumbido alto), o espelho começa a mostrar o tempo passar no corpo da menina, que vai crescendo como mágica. Enquanto ela vai ganhando altura, o quadro-negro ao lado vai sendo preenchido em uma explosão de cores e marcado por algumas equações de símbolos escritos em outra língua; símbolos estes que vão sendo acrescentados, alterados e alguns apagados, mas que são de um rebuscamento e beleza de uma obra de arte abstrata, cheios de suas nuances e sutilezas.

Tudo acontece na frente do leitor, que agora leva suas mãos à cabeça, tamanha a realidade que percebe — ele toca no ombro da jovem e sua mão também vai levantando conforme ela cresce. Com





um pouco mais de controle, e inclinando-se para ver melhor, o leitor vê mudanças bruscas alternadas entre sorrisos e tristeza na face dela, e, em grandes períodos, nada acontece, pois ela deveria estar dormindo.

A ampulheta mostra que ela ainda tem muita vida pela frente, e aquela a areia continua a cair, implacável. O cabelo da jovem então é bruscamente cortado, e as roupas vão mudando de vestidos para calças e a jovem em sua frente torna-se adulta em poucos segundos. Os símbolos então vão sendo apagados em fortes períodos de tristeza, e outros surgem em seus lugares, desta vez com traços e riscados rígidos e rudes, lembrando algo saído de um computador, sem mais aquela qualidade de outrora, quando a vida ainda era longa e a percepção das coisas ainda não tinha sido tocada pela tristeza.

"O mestre diz que este é o exemplo de uma vida longa e completa." diz o autor ao lado do leitor, como se não fosse a primeira vez que via a máquina funcionar.

A mulher adulta agora torna-se velha aos poucos, evidenciando-se também por cabelos brancos e curtos, além de uma diminuição de sua altura, com suas costas curvadas.

Uma boa parte dos símbolos vão sendo apagados sem reposição, restando apenas um pouco no centro, que resistiu à juventude, a fase adulta e então até o fim da vida, quando a ampulheta termina com seus últimos grãos de areia vermelha, junto com o fechar de olhos daquela senhora.

A máquina encerra seu zumbido, e a menina desce do pedestal com a ajuda do autor, embora seu reflexo no espelho continue

parado em seu último momento de vida.

"Que diabos foi isso?" pergunta-se o leitor.

Um menino entra na sala por onde eles vieram, também com um sorriso faceiro de seus cinco anos, usando uma bermuda jeans e uma camisa azul claro de brincar no quintal no verão. O mestre lhe toca no rosto com um pesar triste em sua feição, e depois o ajuda a subir no pedestal.

O autor vira seu rosto, de olhos vermelhos.

"Por que choras?" pergunta o leitor para o autor.

"Eu lhe avisei que este local é de sofrimento." fala o autor, limpando seu rosto. Do outro lado de onde estão o espelho, ampulheta e quadro-negro da menina, surge uma réplica pronta para o garoto. A máquina de novo começa seu zumbido, iluminando os pés do menino. A ampulheta também começa a descer sua areia, junto com o quadro cheios de símbolos complexos, que vão partindo do centro e indo para os lados, tal qual fora com a menina. Aqueles traços possuem uma beleza que remete a infância de simplicidade e aceitação do mundo onde as pequenas coisas são objeto de grande contemplação.

O cabelo do menino também cresce, mas é cortado seguidamente, junto com as mesmas feições rápidas de alegria, tristeza — e suas roupas também vão trocando, indo cada vez mais para calças e camisas sociais.

Mas desta vez, algo acontece, e os símbolos tornam-se borrados e espalhados rapidamente, alguns deles alterados para algo sem sentido. O jovem torna-se de uma apatia, e com horror, o leitor percebe que ele agora veste uma roupa branca, e em sua face



predomina algo de uma artificialidade horrível.

"O-o q-que aconteceu?" pergunta o leitor angustiado, enquanto o tempo agora corre muito rápido pela ampulheta, e um homem adulto gordo vai surgindo.

"Ele tem esquizofrenia." diz o autor, com sua mão na boca, secretamente apertando seu lábio inferior.

Os símbolos, cada vez mais borrados, vão se apagando e se apagando, diminutos e com um traço fraco. O quadro-negro, por sua vez, torna-se cada vez mais negro, como um piche atacando aquele resquício de humanidade do homem.

"Parem!" pede o leitor assustado.

"É a história de muitos de nós. Respeite e honre-o." pede o autor, mais sério e com um dedo em riste ao leitor.

A ampulheta agora corre até o fim, como se houvesse uma misericórdia com o homem, que encerra sua vida pela metade do tempo da senhora. Seu espelho mostra evidentes cortes em seus pulsos.

O homem enfim fecha seus olhos.

Depois disso, o menino desce da máquina e junta-se à menina, e ambos saem daquele salão de mãos dadas com os mesmos sorrisos de quando entraram. Seus espelhos refletem seus últimos momentos de vida, junto com a configuração final de sua mente em seus respectivos quadros-negros.

Os três ficam em silêncio por um momento.

"O que está acontecendo?" pergunta o leitor.

O autor responde: "Estamos debatendo o que vai acontecer. Ele não gosta de falar, pois sua capacidade fica muito reduzida, mas eu

não vou ficar traduzindo o que ele quer. Têm muita coisa que eu não lhe digo, que fica só comigo, e eu acho que é o fardo do autor carregar. No caso do menino, ele deixou um colega de colégio inconsciente em um surto para finalmente ser diagnosticado e tratado dentro de uma casa de detenção. Estes desenhos que você vê no quadro, são a minha linguagem mental que corresponde a toda a história que ele viveu. Pude senti-la não por símbolos, mas por dentro dele, usando seus olhos e sentindo a própria faca em sua pele e o ar faltar na garganta esganada do outro menino. Estas histórias que escrevemos são apenas a ponta de um iceberg, acredite. Elas vêm daqui, deste local de perguntas e sofrimento; todas vividas e sentidas por mim, por dentro e por fora de suas glórias e misérias."

"Parece real mesmo." diz o leitor, olhando os espelhos e tocando o quadro-negro, com cheiro de giz e poeira que sai ao seu toque.

Após um duelo de olhares, que para o leitor parecia apenas que os dois estavam se observando com certo rancor, o mestre deu um passo a frente e então, pela primeira vez, observou o leitor, que lhe devolveu um semblante curioso.

"Vocês são a mesma pessoa, não?" perguntou o leitor.

"Na verdade, nós três somos a mesma entidade." diz o mestre. "Você é uma versão minha que tenta, mais uma vez, contemplar o infinito e sair são, sem nenhum arranhão. Tal como este incompetente ao seu lado, poupando os outros de verem o que realmente é de importância. Como pode ver agora, neste lugar não falamos de coisas óbvias, mas de coisas que ficam no escuro, longe dos postes de luz — onde as pessoas desejam que este conhecimento fique perdido, pois revelam verdades que machucam."



"Não seja rude." disse o leitor.

"Cale-se. Esta máquina foi minha primeira criação. O primeiro paradoxo. Por décadas assisti meus próprios amigos e familiares subirem nela e ver como seus símbolos mudavam, e de quando já não os reconhecia mais de meus próprios símbolos."

O mestre foi até o autor e segurou seu rosto com as duas mãos: "Embora minha angústia às vezes me cegue, esta é a minha construção, meu caminho, minha ponte entre o concreto e o abstrato. Através dele adquirir coragem e força para adentrar no escuro, e honrar cicatrizes que ninguém irá perceber. Às vezes esqueço isto, mas sem você ainda estaria perdido no espelho. Também reconheço que sem o nevoeiro e o caminho pela cascata, ainda estaríamos aqui sozinhos, em debates sem fim."

O autor agradeceu com um cumprimento de cabeça.

A borboleta voou do escuro do corredor da caverna até a mão do mestre, que a contemplou por um momento. "Paradoxos." disse ele, enquanto o pequeno inseto cria mais duas asas embaixo de si, tornando-se duas borboletas, que voam uma em cada palma da mão do mestre.

A borboleta da esquerda cai ao chão, e rapidamente se ergue uma menina — ao lado, a borboleta da direita torna-se um menino.

"Paradoxos: quanto mais se tenta escapar, mais preso ficará na própria armadilha: a areia movediça mental. O que achamos ser a solução do problema, aumenta o próprio problema." diz o velho.

O mestre segura as duas crianças com carinho, tocando de leve no topo de suas cabeças: "Observamos duas vidas passarem diante de nossos olhos. No caso destes dois, cada etapa de sua vida

corresponde a um estado diferente de pensamento, conforme vimos na ampulheta, espelho e o quadro-negro. Cada forma e registro destes itens único para aquele tempo específico."

O mestre se aproxima do leitor: "Como poderemos definir quem é esta pessoa, se cada momento, se cada ciclo ela se torna diferente? Este é o paradoxo do espelho, o primeiro de muitos que iremos achar descendo até o centro de nossa essência."

Com um leve toque, a menina dá um passo a frente: "No caso desta menina, se tentarmos defini-la no momento de sua morte, significa que o seu passado, reiteradamente alterado e muitas vezes apagado, é irrelevante! Isto é um mistério para todos nós, onde nos chocamos com fotos e filmes que registram de forma imparcial nosso passado longínquo."

O leitor observa de longe a distância da menina para a senhora idosa no espelho, praticamente outra pessoa.

"Se definirmos esta menina em sua juventude, estaríamos cometendo o mesmo erro, destruindo todos os outros quadros-negros futuros, como se ela não existisse a partir deste ponto."

"Mas...." começou o leitor.

"Cale-se." disse o mestre, ríspido. "Desta forma, se entrarmos dentro do universo desta pessoa, e nos olharmos no espelho em qualquer etapa de sua vida, a relevância e conteúdo destes quadros é nula, pois nenhum dos mesmos a define de forma satisfatória."

"Espere!" diz o leitor nervoso.

Com outro toque, o menino dá um passo a frente.

"No caso deste menino, tentar defini-lo antes da doença também não lhe fará justiça à sua vida por inteiro, ignorando aquilo



que lhe torna único. Ao mesmo tempo, impor uma definição após as drogas e o encarceramento significa que seu cérebro doente é quem lhe dá significado."

Os pulsos cortados no espelho em contraste com o sorriso do menino chocam o leitor, que dá um passo para a trás.

"A vida humana não tem o menor sentido: estamos presos dentro dos espelhos!" diz o mestre.

"Não!" grita o leitor, inconformado.

"Toda vez que te olhar no espelho é como se fosse a primeira vez que te observas. Cada um destes espelhos é uma máscara temporária, e o que sente e pensa não fará o menor sentido ao longo do tempo." diz o mestre.

O autor junta-se ao mestre: "Você acha justo ser definido quando se é jovem e idiota, ou quando se é velho e possivelmente senil?"

"O que é isto? Uma piada de mau gosto?"

O mestre olha o leitor com pesar e toca no ombro do autor, indicando com um olhar que ele tinha avisado que não seria compreendido (mais uma vez), também saindo do salão, batendo a porta em sua saída.

O autor e o leitor ficam mais uma vez sozinhos.

*MEP*

"O que ele quis dizer?" pergunta o leitor, interrompendo aquele silêncio depois da saída do mestre.

O autor toca o ombro do leitor de forma amigável: "Toda esta

história é a maneira com que os autores transmitem seus conhecimentos, por metáforas e símbolos. A escada de pedras através da cachoeira significava ascensão de onde estávamos, e os espelhos e a máquina mostram algo que não queremos olhar e também algo que não entendemos direito, entende a simbologia?"

"Eu vim aqui pelas histórias, você tem que me ajudar." diz o leitor, cruzando seus braços, impaciente.

"Tudo que vimos até agora é apenas uma narrativa certo? É algo *não real*. Se eu lhe conhecesse no mundo real, e lhe dissesse que *a vida não tem sentido*, você levantaria os ombros e diria que é apenas a minha opinião. Porém, aqui — aqui neste local *evocado* através da imaginação você ainda considera a tese do mestre confinado neste ambiente, pois seu *eu real* nunca será contestado."

"Esta máquina me dá arrepios!" responde o leitor.

"Ao largar o livro e se olhar no espelho, todos estes símbolos mentais e metafóricos serão ativados! É assim que funciona. Dependendo de como foi sua *suspensão de descrença* para chegar até aqui, você irá se sentir, no mínimo..."

"Esquisito. É assim que me sinto." responde o leitor.

O leitor voltou aos espelhos e ao quadro-negro, sentindo que havia algo lá que ainda lhe angustiava, e tal como a escada, ele sabia que a história não tinha ainda terminado, e que precisava de uma resolução. Pela face inquieta do autor, havia ainda mais coisas para acontecer.

"Esta é a sala dos paradoxos. Onde está a saída?"

"Levei muito tempo para sair daqui, e todas as vezes que me observava no espelho, eu pedia para alguém me socorrer desta coisa



sem sentido. A resposta agora é óbvia, mas não posso dar a você, senão perderá toda a sua manifestação metafórica sem uma narrativa convincente, percebe meu dilema?"

"Talvez," disse o leitor, um pouco confuso.

Por algum tempo, o autor caminha de um lado a outro, impaciente, e então ele fala ao leitor, com desespero forte em seus olhos: "O mestre tinha razão, sou um incompetente!"

O leitor caminha até ele: "Espere aí. Seus olhos, eles não piscam," diz o leitor, tocando a face do autor, curioso, mas também com certo receio.

Um novo sorriso surge na face do autor.

"Sim, você me vê, porém eu não existo."

"E estamos ainda dentro das páginas," fala o leitor, com seu dedo saindo da face do autor e indo para o quadro-negro do menino, com todos os seus símbolos estranhos.

"Esta é minha imaginação..." diz o leitor, que caminha até o espelho e sua mão atravessa-o, puxando a senhora para fora, que lhe agradece com um sorriso.

"Este reflexo também é temporário," diz o leitor para a senhora em sua frente, que também não pisca, ou mesmo respira neste local.

"Você mesmo não é real," replica o autor, ansioso. "Apenas uma projeção de sua imagem atual dentro desta realidade criada por sua imaginação."

"E toda esta... estranheza?"

"Outra maneira de você se convencer de que nada disso é de verdade, e que você está em um local onde não irá se machucar," responde o autor, um pouco mais cauteloso.

"Os símbolos, eles vão ser ativados..." pergunta o leitor.

"No mundo real. Neste estágio da história eu posso transcender suas defesas naturais, pois sua mente está em espera da conclusão deste arco narrativo difícil, enquanto você está aberto a receber estes símbolos mentais que serão ativados depois, quando os contextos surgirem na sua vida — ou no caso em pauta, o simples ato de ver-se no espelho."

"Você quer me transformar? Como a borboleta?"

"Você sabe que a vida têm sentido! Sente isso gritando dentro de você, certo? O problema é que este paradoxo confinou-o em uma situação onde o resultado é terrível!"

O leitor olha o homem gordo no espelho, que não pisca.

"O que está faltando?" pergunta o leitor.

"Você é quem precisa me dizer, mas como somos a mesma pessoa, posso ver suas linhas de pensamentos convergirem na direção certa."

Por um momento, o leitor caminha de um lado à outro na sala, evitando de ver os espelhos, mas observando os símbolos nos quadros. Duas vidas tão diferentes, mas ao mesmo tempo, os desenhos mostravam as mesmas similaridades de seus fins, com poucos símbolos e mínimo rebuscamento.

"Podemos voltar no tempo?" pede o leitor.

"Sim."

O autor vai até a máquina e começa a girar um botão, e ambos os reflexos e quadros vão mudando junto com grãos de areia que sobem.

"Não... quando eles eram crianças, por favor."



O autor aperta outro botão, e ambos os reflexos voltam a ser como menina e menino de cinco anos.

"Devagar." pede o leitor, olhando diretamente em frente ao espelho da menina.

Com pequenos giros do botão da máquina, a ampulheta cheia começa a descer devagar, grão a grão. A face da menina vai trocando de reações de forma muito mais lenta, onde o próprio leitor percebe seus lábios formarem palavras, em meio de sorrisos e às vezes alguns beijos, como se estivesse com alguém de sua família.

"Mais rápido!" diz o leitor já de olhos esbugalhados como se suspeitasse de algo que tinha percebido antes, mas que agora faria todo o sentido.

As palavras vão passando agora rápido, e a boca da menina torna-se um borrão. O leitor volta-se ao quadro-negro em um pulo.

"Pare! Pare!" pede o leitor levantando suas mãos.

"Sim, o que aconteceu?" pergunta o autor, apreensivo.

"Aquele símbolo novo *acabou* de aparecer! O que ela está pensando?" O leitor aponta para um pequeno símbolo que está ao alcance de sua mão: "Este!" mostra o leitor.

"Ela gosta de bombeiros. Muito. Isto se conecta com a proteção que ela percebe de seus pais e um senso de justiça e aplicação da lei, tudo em um só conceito puro."

"Tudo isso de uma simples figura?" diz o leitor, apavorado.

"Não desespere-se. A vitória está ao seu alcance!"

O autor gira mais o botão e mais grãos caem ao fundo da ampulheta. A menina faz um bocejo e fecha seus olhos, e seu rosto acompanha o fechar de seus olhos com uma expressão que o leitor

tinha identificado como ela estivesse dormindo.

"Devagar agora!" pede o leitor.

Por alguns minutos nada acontece, e então a menina abre seus olhos, junto com algumas pequenas caretas.

"Eu não entendo...." diz o leitor. "Onde estão os sonhos desta criança no quadro?"

O autor se levanta e aproxima-se do leitor: "O quadro registra somente o que a pessoa pensa do mundo. Sonhos são só nossa imaginação..."

*Prove que estou errado!* pensa o autor, em ansiedade tremenda.

"Como assim? Toda esta sua história de paradoxos está em minha imaginação e existe!"

"Aponte em sua cabeça onde fica sua imaginação!" desafia o autor, com olhos apertados.

"V-você devia ser meu... amigo." diz o leitor.

*Ele precisa de um empurrão,* pensa o autor.

"Este local é de sofrimento. Respeite-o. Não vai achar suas respostas nos postes de luz. Vá além, onde tudo dentro de si lhe diz para fugir." diz o autor desafiando o outro.

Os dois se olham em desagravo.

"O que é a bilocação?" pergunta o autor.

"Estar em dois lugares ao mesmo tempo."

"Como acontece?"

"Pela suspensão da descrença!"

"Você está acordado ou dormindo?"

"É óbvio que estou..." fala o leitor, e então ele pára.

*Só mais um pouco,* pensa o autor.



"Eu estou..." reflete o leitor.

"Onde estão os sonhos dos dois?" pergunta o autor.

Já de olhos muito abertos, o leitor agarra o autor por seus braços e fala eufórico: "Os sonhos estão em um lugar que transcende este salão. É desde local que os símbolos vem, porém aqui eles simplesmente não existem, pois a fantasia antecede a realidade!"

O autor observa o leitor com seus olhos vermelhos por um longo tempo, e então ele fala: "Não estamos confinados em porcaria de espelho nenhum. Pouco me importa o que o cérebro registra como *real*, pois ele mesmo também é temporário, percebe?"

"Certo!" diz o leitor em recíproca.

"Observe isso também..." diz o autor.

Eles voltam-se à máquina e conferem cabos saindo para a ampulheta, para o espelho e o quadro-negro. Para surpresa do leitor, existe ainda mais um cabo, que sai da máquina e entra na parede.

"O que é isso?" pergunta o leitor.

"Esteve sempre aqui, mas você nunca quis olhar para dentro da máquina. Era isso que eu queria dizer com postes de luz..."

"Outra metáfora?" pergunta o leitor.

"Talvez." diz o autor com um sorriso maroto.

Existe um pequeno botão ao lado da máquina, que está desligado. O autor coloca seu dedo em cima do botão e diz: "Vamos ver nossa borboleta?"

O leitor apenas concorda levemente com sua cabeça, ainda de olhos esbugalhados pela surpresa. O botão extra é acionado pelo autor, e então todas as luzes do salão se apagam junto com outro zumbido. As crianças voltam a crescer nos espelhos e no escuro da

sala os quadros-negros vão sendo preenchidos. Mas desta vez, outras formas vão aparecendo junto com o autor e o leitor no salão de forma espectral: hologramas coloridos vão passando por entre eles, mostrando a imaginação das duas crianças na máquina.

"Olhe! O caminhão de bombeiro!" diz o leitor.

"Sim!" fala o autor rindo no meio de brincadeiras infantis das duas crianças.

"O que são estas... coisas?"

"Formas-pensamento. Elas retém o contexto, forma, metáfora, conhecimento e sentimentos de algo significativo para a pessoa. Olhe o menino!"

"O que tem ele?" pergunta o leitor intrigado.

No espelho, o menino já é um homem gordo com aquela roupa branca, e seu quadro-negro possui os símbolos embaralhados e corromptos por seu cérebro doente. Ao mesmo tempo, seus hologramas continuam a acontecer, e ele aparece saindo de um prédio em ruínas, intocado pela corrupção daquele ambiente, balançando-se em uma gangorra com outros meninos de seu passado.

"Ele nunca parou de sonhar!" disse o autor vitorioso.

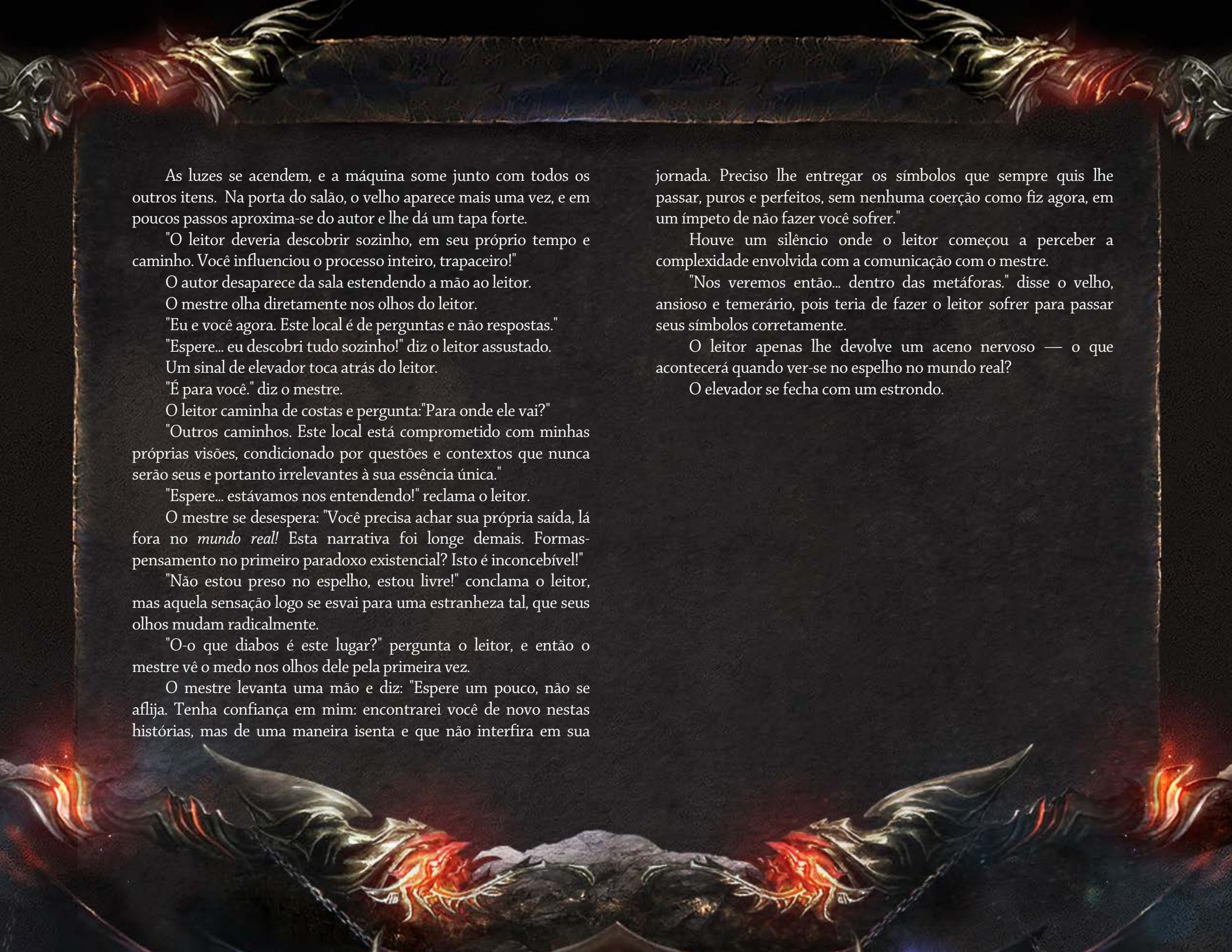
"Espere! De onde vem estas imagens?"

"Da próxima sala... evoluímos."

Um arrepio passa pelo leitor ao ver a ampulheta encerrar-se com o último grão, e os hologramas continuarem: "Ele... o menino está morto!"

O autor vira-se confiante para o leitor: "É isso que eu lhe digo: nossa imaginação vem de outro..."





As luzes se acendem, e a máquina some junto com todos os outros itens. Na porta do salão, o velho aparece mais uma vez, e em poucos passos aproxima-se do autor e lhe dá um tapa forte.

"O leitor deveria descobrir sozinho, em seu próprio tempo e caminho. Você influenciou o processo inteiro, trapaceiro!"

O autor desaparece da sala estendendo a mão ao leitor.

O mestre olha diretamente nos olhos do leitor.

"Eu e você agora. Este local é de perguntas e não respostas."

"Espere... eu descobri tudo sozinho!" diz o leitor assustado.

Um sinal de elevador toca atrás do leitor.

"É para você." diz o mestre.

O leitor caminha de costas e pergunta: "Para onde ele vai?"

"Outros caminhos. Este local está comprometido com minhas próprias visões, condicionado por questões e contextos que nunca serão seus e portanto irrelevantes à sua essência única."

"Espere... estávamos nos entendendo!" reclama o leitor.

O mestre se desespera: "Você precisa achar sua própria saída, lá fora no *mundo real*! Esta narrativa foi longe demais. Formas-pensamento no primeiro paradoxo existencial? Isto é inconcebível!"

"Não estou preso no espelho, estou livre!" conclama o leitor, mas aquela sensação logo se esvai para uma estranheza tal, que seus olhos mudam radicalmente.

"O-o que diabos é este lugar?" pergunta o leitor, e então o mestre vê o medo nos olhos dele pela primeira vez.

O mestre levanta uma mão e diz: "Espere um pouco, não se aflija. Tenha confiança em mim: encontrarei você de novo nestas histórias, mas de uma maneira isenta e que não interfira em sua

jornada. Preciso lhe entregar os símbolos que sempre quis lhe passar, puros e perfeitos, sem nenhuma coerção como fiz agora, em um ímpeto de não fazer você sofrer."

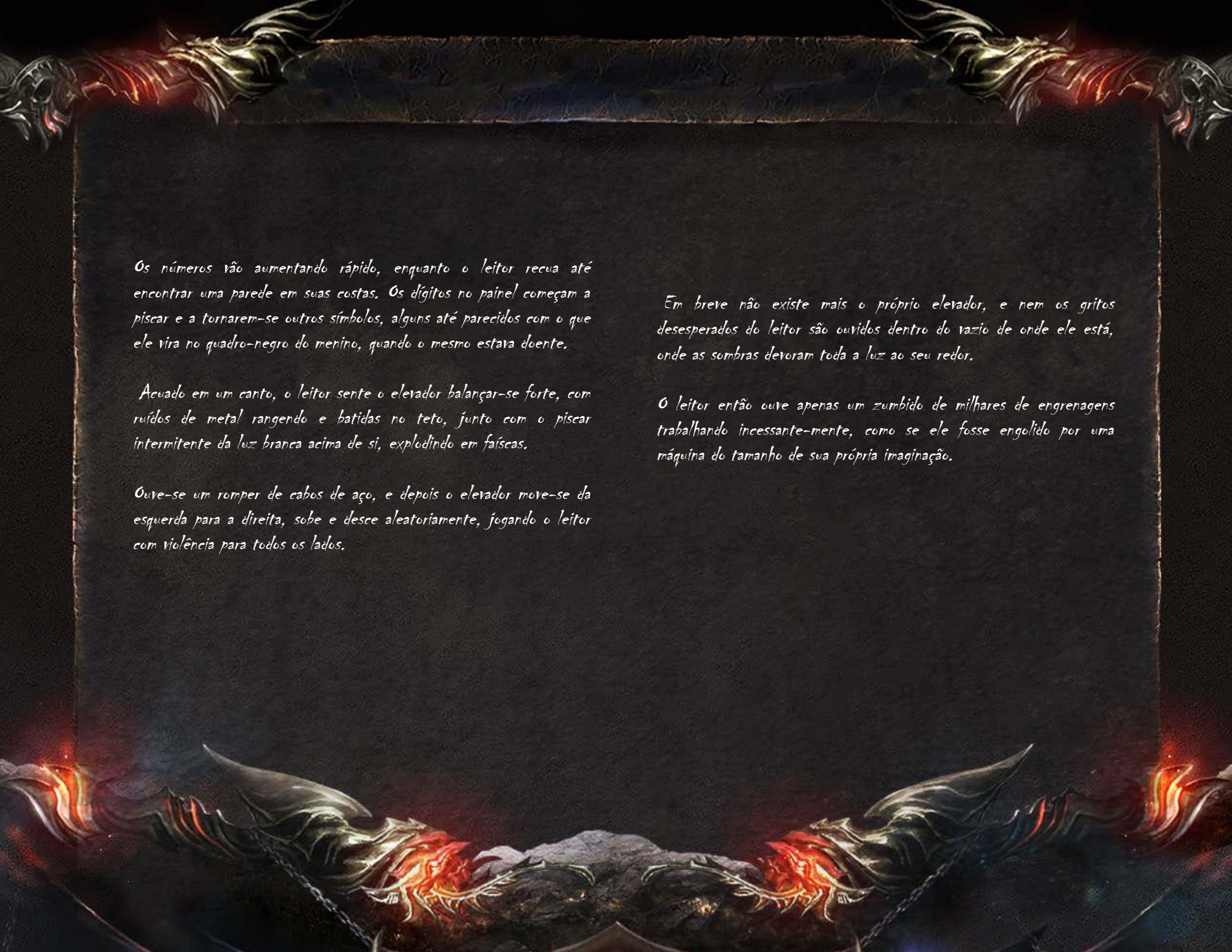
Houve um silêncio onde o leitor começou a perceber a complexidade envolvida com a comunicação com o mestre.

"Nos veremos então... dentro das metáforas." disse o velho, ansioso e temerário, pois teria de fazer o leitor sofrer para passar seus símbolos corretamente.

O leitor apenas lhe devolve um aceno nervoso — o que acontecerá quando ver-se no espelho no mundo real?

O elevador se fecha com um estrondo.





*Os números vão aumentando rápido, enquanto o leitor recua até encontrar uma parede em suas costas. Os dígitos no painel começam a piscar e a tornarem-se outros símbolos, alguns até parecidos com o que ele vira no quadro-negro do menino, quando o mesmo estava doente.*

*Acuado em um canto, o leitor sente o elevador balançar-se forte, com ruídos de metal rangendo e batidas no teto, junto com o piscar intermitente da luz branca acima de si, explodindo em faíscas.*

*Ouve-se um romper de cabos de aço, e depois o elevador move-se da esquerda para a direita, sobe e desce aleatoriamente, jogando o leitor com violência para todos os lados.*

*Em breve não existe mais o próprio elevador, e nem os gritos desesperados do leitor são ouvidos dentro do vazio de onde ele está, onde as sombras devoram toda a luz ao seu redor.*

*O leitor então ouve apenas um zumbido de milhares de engrenagens trabalhando incessante-mente, como se ele fosse engolido por uma máquina do tamanho de sua própria imaginação.*



# A TESE DOS MORTOS-VIVOS DE GREENWOOD

JOEL

**DEPOIS DE DUAS VOLTAS NA QUADRA**, Joel Finn finalmente criou coragem e estacionou seu velho Corolla, que precisava de uma revisão imediata — ignorava os eventuais rancos, chiados e avisos do painel à meses. Todas aquelas coisas poderiam esperar. Achou que duas horas pesadas de academia e um longo chuveiro quente lhe preparariam para aquele momento decisivo; mas suas mãos apertadas no volante e dentes cerrados mostravam que ele tinha subestimado o que lhe tirava o sono à noite, em uma evidente e massacrante derrota.

Fechou seus olhos, instintivamente.

Sentia aquele momento de decisão deslocar-se de sua mente e formar algo feito de gelo em sua barriga, deixando a briga que tivera com o soldado iniciante Edmund Garris (durante seu treinamento básico) algo minúsculo, mesmo rendendo-lhe um olho roxo e corte

na sobrancelha, vindo de uma inesperada esquerda rápida demais para ele. Teria de usar aquele estúpido curativo perto do olho por um bom tempo, e agüentar que perdera uma insubordinação para um garoto de dezenove anos, mesmo sendo capitão da brigada 2410 de incêndio de Jersey.

Abrindo os olhos e voltando a enxergar a rua, percebeu que só de parar seu carro a poucos metros do banco, aquelas sensações terríveis vinham com uma velocidade de resposta tremenda; seu instinto de preservação praticamente lhe obrigando a pisar no acelerador e correr.

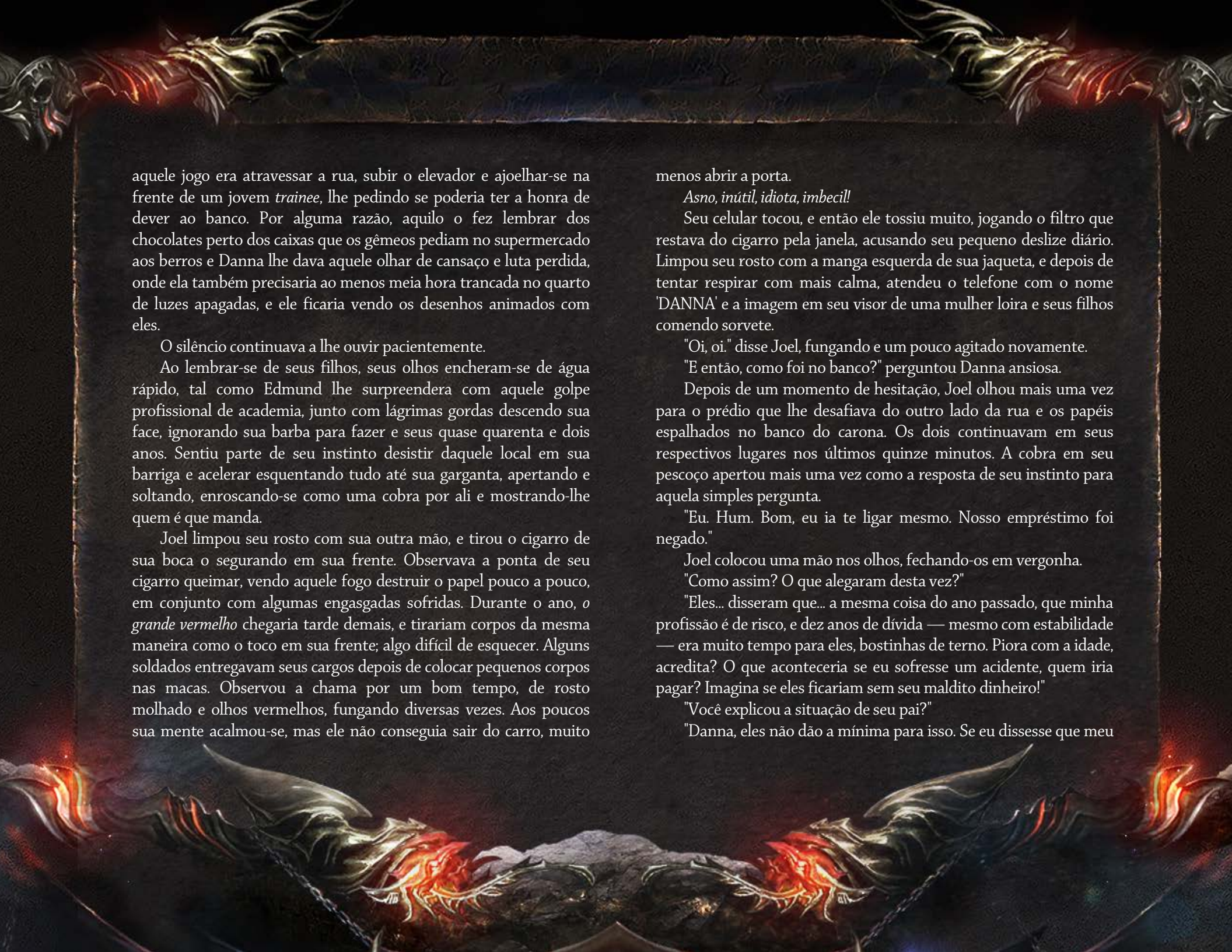
*Não vou conseguir!* pensou Joel, fechando mais uma vez seus olhos com força e fazendo algumas rugas na testa.

Desligou o carro. Pegou no porta luva os documentos que sabia que iriam lhe pedir, além de uma cópia da primeira hipoteca que teria feito apenas dois anos atrás, e que já não estava dando conta da situação.

"Filhos da puta." disse o capitão com desdém para a pilha de papéis, enquanto sua mão buscava sozinha seu cigarro do dia (as pastilhas não funcionaram), junto com um isqueiro escondido dentro de sua jaqueta.

"Malditos engravatados." trágou e falou junto com a fumaça, tal como teria feito vinte anos atrás, quando não imaginava que teria dois filhos gêmeos e nem ter de consultar dentistas, psicólogos, fonoaudiólogos, muito menos reformas na cozinha e banheiro a fazer por ter confiado no antigo proprietário e seu *encanador de confiança*. Fechou sua mão em um punho em cima do volante, apertando forte. Estava cercado, e sua única maneira de reverter





aquele jogo era atravessar a rua, subir o elevador e ajoelhar-se na frente de um jovem *trainee*, lhe pedindo se poderia ter a honra de dever ao banco. Por alguma razão, aquilo o fez lembrar dos chocolates perto dos caixas que os gêmeos pediam no supermercado aos berros e Danna lhe dava aquele olhar de cansaço e luta perdida, onde ela também precisaria ao menos meia hora trancada no quarto de luzes apagadas, e ele ficaria vendo os desenhos animados com eles.

O silêncio continuava a lhe ouvir pacientemente.

Ao lembrar-se de seus filhos, seus olhos encheram-se de água rápido, tal como Edmund lhe surpreendera com aquele golpe profissional de academia, junto com lágrimas gordas descendo sua face, ignorando sua barba para fazer e seus quase quarenta e dois anos. Sentiu parte de seu instinto desistir daquele local em sua barriga e acelerar esquentando tudo até sua garganta, apertando e soltando, enroscando-se como uma cobra por ali e mostrando-lhe quem é que manda.

Joel limpou seu rosto com sua outra mão, e tirou o cigarro de sua boca o segurando em sua frente. Observava a ponta de seu cigarro queimar, vendo aquele fogo destruir o papel pouco a pouco, em conjunto com algumas engasgadas sofridas. Durante o ano, *o grande vermelho* chegaria tarde demais, e tirariam corpos da mesma maneira como o toco em sua frente; algo difícil de esquecer. Alguns soldados entregavam seus cargos depois de colocar pequenos corpos nas macas. Observou a chama por um bom tempo, de rosto molhado e olhos vermelhos, fungando diversas vezes. Aos poucos sua mente acalmou-se, mas ele não conseguia sair do carro, muito

menos abrir a porta.

*Asno, inútil, idiota, imbecil!*

Seu celular tocou, e então ele tossiu muito, jogando o filtro que restava do cigarro pela janela, acusando seu pequeno deslize diário. Limpou seu rosto com a manga esquerda de sua jaqueta, e depois de tentar respirar com mais calma, atendeu o telefone com o nome 'DANNA' e a imagem em seu visor de uma mulher loira e seus filhos comendo sorvete.

"Oi, oi." disse Joel, fungando e um pouco agitado novamente.

"E então, como foi no banco?" perguntou Danna ansiosa.

Depois de um momento de hesitação, Joel olhou mais uma vez para o prédio que lhe desafiava do outro lado da rua e os papéis espalhados no banco do carona. Os dois continuavam em seus respectivos lugares nos últimos quinze minutos. A cobra em seu pescoço apertou mais uma vez como a resposta de seu instinto para aquela simples pergunta.

"Eu. Hum. Bom, eu ia te ligar mesmo. Nosso empréstimo foi negado."

Joel colocou uma mão nos olhos, fechando-os em vergonha.

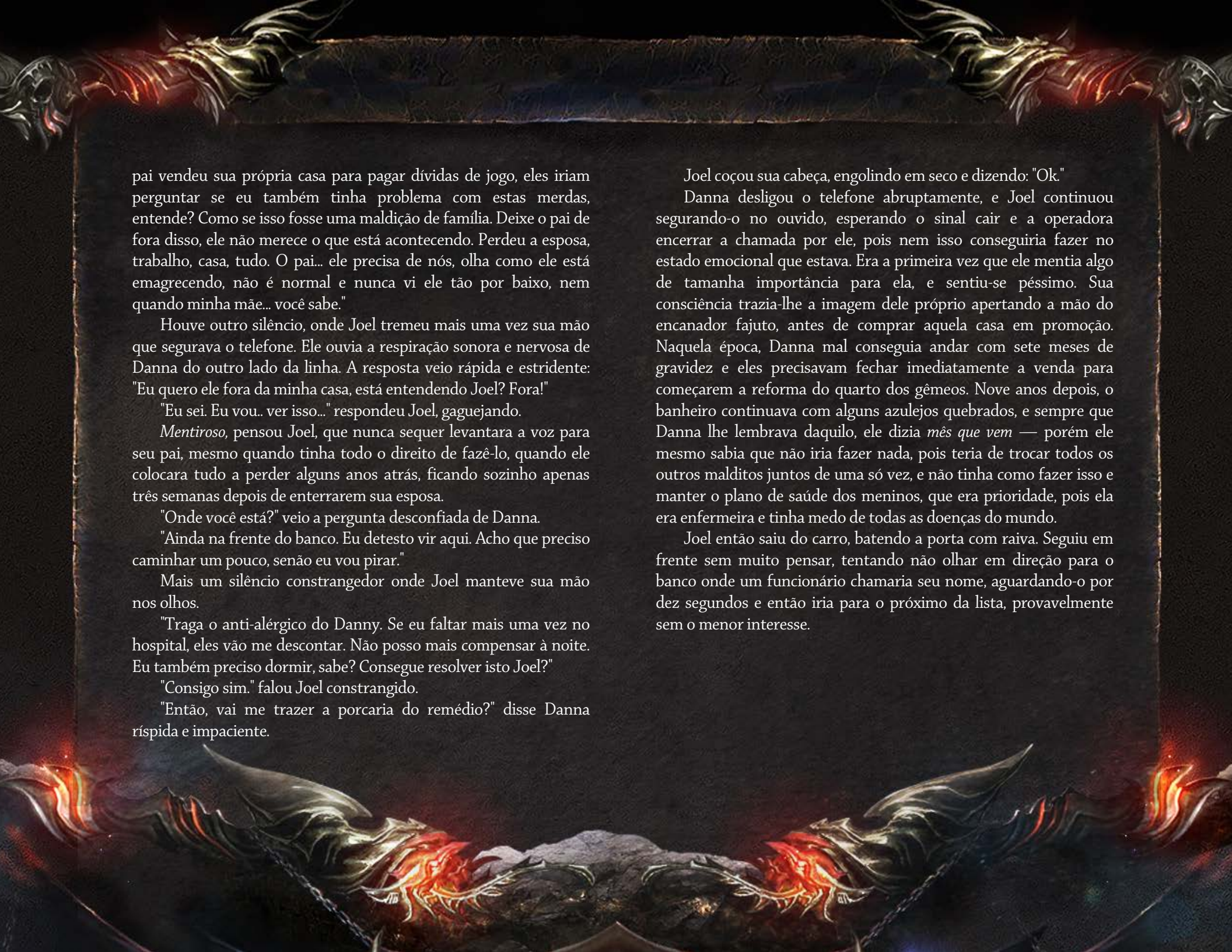
"Como assim? O que alegaram desta vez?"

"Eles... disseram que... a mesma coisa do ano passado, que minha profissão é de risco, e dez anos de dívida — mesmo com estabilidade — era muito tempo para eles, bostinhas de terno. Piora com a idade, acredita? O que aconteceria se eu sofresse um acidente, quem iria pagar? Imagina se eles ficariam sem seu maldito dinheiro!"

"Você explicou a situação de seu pai?"

"Danna, eles não dão a mínima para isso. Se eu dissesse que meu





pai vendeu sua própria casa para pagar dívidas de jogo, eles iriam perguntar se eu também tinha problema com estas merdas, entende? Como se isso fosse uma maldição de família. Deixe o pai de fora disso, ele não merece o que está acontecendo. Perdeu a esposa, trabalho, casa, tudo. O pai... ele precisa de nós, olha como ele está emagrecendo, não é normal e nunca vi ele tão por baixo, nem quando minha mãe... você sabe."

Houve outro silêncio, onde Joel tremeu mais uma vez sua mão que segurava o telefone. Ele ouvia a respiração sonora e nervosa de Danna do outro lado da linha. A resposta veio rápida e estridente: "Eu quero ele fora da minha casa, está entendendo Joel? Fora!"

"Eu sei. Eu vou.. ver isso..." respondeu Joel, gaguejando.

*Mentiroso*, pensou Joel, que nunca sequer levantara a voz para seu pai, mesmo quando tinha todo o direito de fazê-lo, quando ele colocara tudo a perder alguns anos atrás, ficando sozinho apenas três semanas depois de enterrarem sua esposa.

"Onde você está?" veio a pergunta desconfiada de Danna.

"Ainda na frente do banco. Eu detesto vir aqui. Acho que preciso caminhar um pouco, senão eu vou pirar."

Mais um silêncio constrangedor onde Joel manteve sua mão nos olhos.

"Traga o anti-alérgico do Danny. Se eu faltar mais uma vez no hospital, eles vão me descontar. Não posso mais compensar à noite. Eu também preciso dormir, sabe? Consegue resolver isto Joel?"

"Consgo sim." falou Joel constrangido.

"Então, vai me trazer a porcaria do remédio?" disse Danna ríspida e impaciente.

Joel coçou sua cabeça, engolindo em seco e dizendo: "Ok."

Danna desligou o telefone abruptamente, e Joel continuou segurando-o no ouvido, esperando o sinal cair e a operadora encerrar a chamada por ele, pois nem isso conseguiria fazer no estado emocional que estava. Era a primeira vez que ele mentia algo de tamanha importância para ela, e sentiu-se péssimo. Sua consciência trazia-lhe a imagem dele próprio apertando a mão do encanador fajuto, antes de comprar aquela casa em promoção. Naquela época, Danna mal conseguia andar com sete meses de gravidez e eles precisavam fechar imediatamente a venda para começarem a reforma do quarto dos gêmeos. Nove anos depois, o banheiro continuava com alguns azulejos quebrados, e sempre que Danna lhe lembrava daquilo, ele dizia *mês que vem* — porém ele mesmo sabia que não iria fazer nada, pois teria de trocar todos os outros malditos juntos de uma só vez, e não tinha como fazer isso e manter o plano de saúde dos meninos, que era prioridade, pois ela era enfermeira e tinha medo de todas as doenças do mundo.

Joel então saiu do carro, batendo a porta com raiva. Seguiu em frente sem muito pensar, tentando não olhar em direção para o banco onde um funcionário chamaria seu nome, aguardando-o por dez segundos e então iria para o próximo da lista, provavelmente sem o menor interesse.





Joel

Joel virou pela rua do banco, e depois seguiu um passo rápido pelas ruas secundárias, cada vez mais adentrando pelo subúrbio, que não acompanhava tanto a velocidade do progresso quanto as avenidas principais.

Após alguns minutos de caminhada, viu um senhor de boné e avental entregando uma sacola de laranjas a outra senhora, que o agradecia com um obrigado. Aquele bairro era longe de onde ele teria crescido, mas, de alguma maneira, o jeito das casas, árvores e a maneira como aqueles muros resistiam ao tempo (alguns sujos até meia altura, há tempos sem pintura, em casas fechadas de persianas quebradas) em muito lhe trazia uma forte nostalgia, afastando por um momento aquela sensação ruim de ter mentido e de ter fugido — mas ele se lembrava do semblante de pena do último atendente que lhe concedera o primeiro empréstimo, e ali, naquele mesmo momento, jurou a si mesmo que nunca mais iria fazer aquilo.

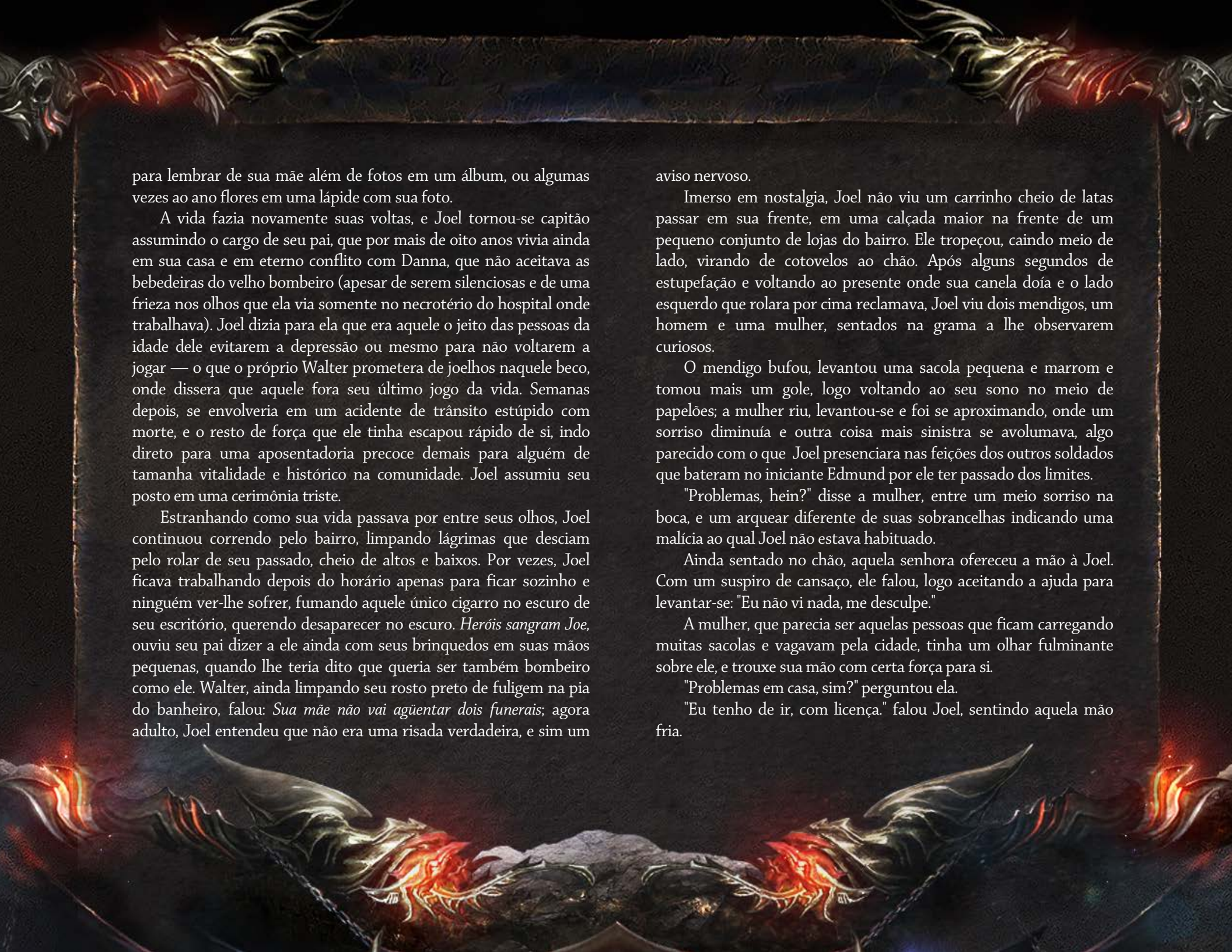
Conforme ele andava, sua mente se distanciava pouco a pouco do presente. Ao ver a senhora das laranjas atravessar a rua esboçando um sorriso franco a ele (como quem sabia que se ocuparia fazendo um bolo durante à tarde), lhe fez devolver um aceno automático, diminuindo seu passo, indo para um tempo onde as coisas lhe faziam mais sentido. Era também, de forma contundente, uma época onde seu pai era um herói para ele. Joel lembrou-se quando sua mãe, Nora, pegou-o pelo seu braço magrinho, jogou-o no carro e dirigiram até um incêndio que estava acontecendo perto dali, quando os vizinhos conheciam as pessoas

pelos nomes e os rostos no domingo pela manhã na missa, ou mesmo nas quermesses comunitárias.

Entre os gritos aflitos de uma mulher por seu marido, seu pai estava lá (não tivera nem tempo de colocar sua farda), e Joel viu ele quebrar uma parede lateral daquela casa de madeira com um machado em quatro lances fortes e precisos, com um chute final no meio. O ar preto escapou em uma labareda enorme, fazendo aquele barulho de *fuuum*, e ele entrou ali naquele escuro esfumado. Depois de presenciar aquilo de olhos esbugalhados, de um longo *uau* sair de sua boca de menino, ele sabia o que faria para o resto da vida, e que tudo seria bom, igual ao bolo de chocolate com refrigerante, vendo as reprises do *Flash Gordon* nos sábados pela manhã.

Mas esta mesma vida levaria sua mãe por um precoce câncer avassalador e Walter se envolveria em um acidente terrível de carro, voltando a beber e a jogar sem controle, perdendo sua casa e indo direto para a aposentadoria. Quanto à Joel, casou-se com Danna, que enfaixou seu primeiro braço quebrado, enquanto ele queria mostrar serviço como soldado aspirante, e uma viga caiu em cima de si. Após um elogio sincero de Joel, ela anotou seu número em baixo do gesso enquanto ele dormia. Ele levou alguns dias para perceber, mas compensou levando-a em um restaurante bacana, destes onde se usam grandes copos e guardanapos de pano. Perdeu sua mãe logo em seguida, que não pode ver seu casamento. Meses depois, encontrou Walter caído e embriagado em uma esquina, depois de longas horas o procurando. Joel intercedeu na casa de jogo e eles negociaram sua própria casa, junto a algumas armas à vista e outra na têmpora de seu pai. Depois disso, nada mais existiria no mundo





para lembrar de sua mãe além de fotos em um álbum, ou algumas vezes ao ano flores em uma lápide com sua foto.

A vida fazia novamente suas voltas, e Joel tornou-se capitão assumindo o cargo de seu pai, que por mais de oito anos vivia ainda em sua casa e em eterno conflito com Danna, que não aceitava as bebedeiras do velho bombeiro (apesar de serem silenciosas e de uma frieza nos olhos que ela via somente no necrotério do hospital onde trabalhava). Joel dizia para ela que era aquele o jeito das pessoas da idade dele evitarem a depressão ou mesmo para não voltarem a jogar — o que o próprio Walter prometera de joelhos naquele beco, onde dissera que aquele fora seu último jogo da vida. Semanas depois, se envolveria em um acidente de trânsito estúpido com morte, e o resto de força que ele tinha escapou rápido de si, indo direto para uma aposentadoria precoce demais para alguém de tamanha vitalidade e histórico na comunidade. Joel assumiu seu posto em uma cerimônia triste.

Estranhando como sua vida passava por entre seus olhos, Joel continuou correndo pelo bairro, limpando lágrimas que desciam pelo rolar de seu passado, cheio de altos e baixos. Por vezes, Joel ficava trabalhando depois do horário apenas para ficar sozinho e ninguém ver-lhe sofrer, fumando aquele único cigarro no escuro de seu escritório, querendo desaparecer no escuro. *Heróis sangram Joe*, ouviu seu pai dizer a ele ainda com seus brinquedos em suas mãos pequenas, quando lhe teria dito que queria ser também bombeiro como ele. Walter, ainda limpando seu rosto preto de fuligem na pia do banheiro, falou: *Sua mãe não vai agüentar dois funerais*; agora adulto, Joel entendeu que não era uma risada verdadeira, e sim um

aviso nervoso.

Imerso em nostalgia, Joel não viu um carrinho cheio de latas passar em sua frente, em uma calçada maior na frente de um pequeno conjunto de lojas do bairro. Ele tropeçou, caindo meio de lado, virando de cotovelos ao chão. Após alguns segundos de estupefação e voltando ao presente onde sua canela doía e o lado esquerdo que rolara por cima reclamava, Joel viu dois mendigos, um homem e uma mulher, sentados na grama a lhe observarem curiosos.

O mendigo bufou, levantou uma sacola pequena e marrom e tomou mais um gole, logo voltando ao seu sono no meio de papelões; a mulher riu, levantou-se e foi se aproximando, onde um sorriso diminuía e outra coisa mais sinistra se avolumava, algo parecido com o que Joel presenciara nas feições dos outros soldados que bateram no iniciante Edmund por ele ter passado dos limites.

"Problemas, hein?" disse a mulher, entre um meio sorriso na boca, e um arquear diferente de suas sobrancelhas indicando uma malícia ao qual Joel não estava habituado.

Ainda sentado no chão, aquela senhora ofereceu a mão à Joel. Com um suspiro de cansaço, ele falou, logo aceitando a ajuda para levantar-se: "Eu não vi nada, me desculpe."

A mulher, que parecia ser aquelas pessoas que ficam carregando muitas sacolas e vagavam pela cidade, tinha um olhar fulminante sobre ele, e trouxe sua mão com certa força para si.

"Problemas em casa, sim?" perguntou ela.

"Eu tenho de ir, com licença." falou Joel, sentindo aquela mão fria.



"Já chegou à sua casa. Falta pouco agora."  
Joel balançou a cabeça negativamente, muito sério: "Olhe, respeito suas opções de vida, mas não me incomode."

"Sua mulher já sabe, mas decidiu ignorar."

"Solte a minha mão." falou Joel, sem muita paciência.

"Uau. Não queria estar na sua pele, Joel." disse a mulher tocando com um indicador sobre sua palma da mão.

"Este aqui não é seu." falou a mulher, tocando várias vezes seu mindinho. "Más escolhas, más escolhas por todos os lados. Papai vai te mandar para a toca do leão. *Me desculpe filho, é tudo minha culpa!*" diz a moça, imitando um senhor idoso, com uma mão trêmula.

"Largue-me!" falou Joel, puxando sua mão com força até seu peito, como se tivesse tocado em algo podre e sujo.

"Willa!" disse a mulher em um êxtase vitorioso.

"O— quê?"

"WILLA." falou a mulher enquanto seus olhos trocavam para um vermelho conforme ela piscava e ria.

"Jesus!" disse Joel, atravessando a rua e correndo dali.

Após ver o capitão dobrar a esquina, a mulher virou-se para o mendigo: "Foi avisado. Este rapaz não tem volta."

"Não é de nossa conta." falou o outro, completamente sóbrio e de pé ao lado dela observando aquele homem adulto correr desesperado pela rua.

"Vamos de uma vez." disse o homem, puxando o braço da mulher e arregaçando sua manga, mostrando diversos nomes em seu braço. O homem vai com seu dedo até JOEL, e com um aperto, aquela tatuagem torna-se vermelha e depois some.

"Vinte e seis ainda." diz a mulher, empurrando o outro. "Seus nomes são uma piada. Nenhum deles vai fazer a menor diferença."

"Livre arbítrio, demônio." retruca o homem, arrumando seu casaco.

"Livre, como um rato em laboratório."

"Jogamos o jogo longo, lixo rasteiro."

"Então tire esse anel, se está tão confiante. Me mostre sua força." disse a mulher, em tom de deboche, seus olhos agora completamente negros como um piche e caninos que desciam até quase o meio do queixo.

"Acho que você não precisa de dois olhos, um deles já basta." falou o homem dando-lhe as costas, juntando as latas e as colocando no carrinho, com um sorriso.

*Joel*

Os dois meninos e Danna aguardavam o ônibus no degrau da porta de casa, todos quietos e arrumados. Ela passou a mão no cabelo de um, e deu um beijo no outro, o que eles reclamaram na hora.

"Mãe pode tudo." disse ela, acostumada com a timidez dos dois na rua. O ônibus escolar amarelo chega, e os dois dão um abraço sem jeito, onde ela responde com um sorriso: "Assim está melhor."

Os meninos subiram na condução, e Danna fechou a porta, cansada, com dor em suas costas. Ela foi até a sala, onde Walter, avô dos meninos e seu sogro, estava deitado no sofá. Sentou-se em uma das poltronas, observando ele dormir com desaprovção.



*"Este é um alerta da comunidade para George Mitchell, de West Milford, desaparecido há mais de cinco dias. Esta foto recente foi divulgada pela polícia."* noticiou a televisão.

Danna vai até a cozinha, pega uma sacola de lixo e sobe a escada lentamente, passo a passo, enquanto o apresentador do programa informa que é o terceiro desaparecimento em menos de trinta dias e que a polícia da região ainda não tem pistas sobre estes crimes, e que também não descarta ou confirma que se trata de algum criminoso em série.

Ao lado do quarto dos meninos, a porta do quarto de Walter encontrava-se fechada, e Danna abriu-a com certa pressa. O cheiro residual de cerveja estava bem forte, e seguindo sua rotina, ela foi pegando as latinhas e colocando na sacola.

*"Esta é a última vez que faço isso."* disse Danna enfática.

Depois de juntar tudo, Danna viu um casaco cinza jogado no chão, o que a levou-a quase à loucura: seus filhos faziam isso quase todos os dias, e praticamente sua dor nas costas tinha nomes grandes tatuados em vermelho DANIEL & JOSHUA como causa. Com violência, ela puxou o casaco do tapete, jogando-o na cama.

Um pequeno bloco de notas caiu do bolso interno direto para o chão, indo direto aos seus pés. Ela sentou-se surpresa na beira da cama, com o pequeno bloco em suas mãos.

Abriu-o do fim para o início (a maioria das páginas estavam rasgadas), e começou a ler pelas últimas entradas, impressionada com uma letra cuidadosa de Walter.

*12 de abril*

*Conseguimos trazer a caixa para dentro. Após uma trapalhada com o fio de energia (meu deus, eu agora sei o que é uma quase parada cardíaca, vou tentar manejar na gordura), a coisa está segura conosco.*

*Está difícil até de escrever, tamanha é a impossibilidade de algo assim surgir no meio do nada e parar aqui. Acredito que eu e o velho Harold pegamos o maior 'peixe' de nossas vidas!*

*Ha ha.. nunca vi um preto branco de susto na vida, Deus que me perdoe!*

*15 de abril*

*A coisa não é do exército. Os estados unidos não usariam um fio elétrico de uma empresa sueca. Posso estar velho, mas estas coisas não me passam a perna não, senhor. Este metal também não é ferro, muito leve para seu tamanho.*

*Se não é um destes pequenos de Roswell (a cor e os olhos são diferentes, não confere com os relatos da internet), então a coisa era destinada para Europa.*

*Não sei também se devemos ficar com 'ele'.*

*Álias, por que diabos o medidor fica exatamente em menos oito graus Celsius?*



*27 de abril*

*Harold pirou de vez.*

*Chega de ouvir suas asneiras bíblicas. Vou abrir esta porcaria logo para vermos o que é, senão ele vai ficar me enchendo com suas culpas cristãs (o tempo na cadeia não ajudou ele em nada).*

*É só um cadeado simples! Fecha como um geladeira antiga, aquelas de chumbo, que não fazem mais.*

Danna pega o bloco e joga-o no lixo, irritada. Com um suspiro cansado, pega seu celular e liga para Joel, que demora para atendê-la: "E então, como foi no banco?" pergunta ela, ansiosa.

*Joel*

Três meses se passaram. Walter continuou morando com eles, e, depois de pagar suas apostas, comprou um carro novo com o dinheiro que lhe restava no banco, pois passava a maior parte da semana indo e voltando na sua casa de veraneio. Neste tempo, ele perdeu mais de trinta quilos, ficando magro de um jeito esquisito, doente. Danna finalmente entendeu que ele passava por um momento difícil, pois bastava olhar para suas olheiras e dedos nervosos nas refeições. Após algumas semanas, ela mesma lhe colocava um cobertor quando ele dormia na sala, junto com "pobre homem", enquanto Joel virava seu rosto para a janela, querendo fugir

daquele pesadelo. Às vezes, quando ninguém estava por perto, Joel imaginava seus próprios olhos tornando-se vermelhos no espelho, e xingava aquela mulher por falar todas aquelas asneiras quando ele estava naquele momento difícil.

*Willa, o que diabos isso quer dizer?* perguntou-se Joel.

No alto da noite, Joel imaginava como aquela senhora poderia saber seu nome. Ninguém da família percebeu um mendigo parado na frente de sua casa e que lhes fazia uma benção ao alto da noite, enquanto uma mulher usando um tapa-olho o acompanhava silenciosamente a alguns passos de distância, com um sorriso sinistro.



## WALTER

Com muito cuidado, Walter Finn estacionou sua nova *pickup* na vaga do posto de gasolina. Era um destes dias cinzentos, e as poças no chão indicavam que a chuva de ontem fora intensa. Desligou seu carro e relaxou um pouco no banco. Viu em seu relógio que podia matar uns quinze minutos. Olhou-se no espelho retrovisor, e lá ainda estavam suas olheiras profundas. Em seus olhos já não havia mais medo ou culpa — já deixara isso de lado, e não seria agora que voltaria atrás. Tudo feito, até enterrado. Percebeu-se muito sujo para sair na rua, mas se iria ter de voltar à aquele inferno, levaria ao menos uma coisa para comer.

Abriu a porta. O frio de quinze graus que a chuva trouxera lhe torceu o nariz, junto com um xingamento automático. Caminhou até a parte de trás da *pickup*, conferindo mais uma vez aquele conteúdo coberto por lona azul, preso no reboque. Não fosse por aquela maldita tempestade alguns dias atrás, estaria livre de um peso a menos no seu carro e de outro na cabeça, o qual evitava de pensar a todo custo. Rápido como bote de cobra, tomou o resto do vidrinho de uísque em um único gole.

Ele atravessou a rua e subiu o trecho de escadas entrando no mercadinho. Pegou uma cestinha verde na entrada, passou pelos caixas, atravessou pela galeria de doces e foi direto para a seção de carnes. Colcou alguns bifes e três porções de batata-frita na cestinha. Por um instante, aquela rotina absorveu seus pensamentos, e ele não pensou mais no que deveria fazer e o frio na barriga que aquilo

causava.

*Perdendo tempo, seu velho idiota* registrou Walter em sua mente, quebrando aquele breve encanto. Fechou um pouco os olhos para concentrar-se, usando os dedos da sua mão esquerda, que estavam sujos (a terra só saía mesmo na terceira ou quarta lavada com força e usando detergente, porém ele tinha preguiça). Após este pequeno interlúdio mental, seus olhos procuraram sozinhos pelas bebidas, e ele as encontrou perto das geladeiras de congelados e sorvetes. Juntou algumas garrafas de uísque com rapidez de quem tem sede. Foi caminhando até a placa, que indicava com uma seta o caixa separado para bebidas; *SOMENTE DINHEIRO* dizia o cartaz.

Virou pelo final da esquina dos destilados, e entre um estande de cervejas, estacou ali, olhando fixamente o rapaz de uniforme cinzento, trocando uma nota de vinte.

Constrangimento e um aperto na barriga o fizeram curvar-se um pouco para frente.

Finn deu um passo desajeitado para trás.

Na mesma hora o jovem o reconheceu.

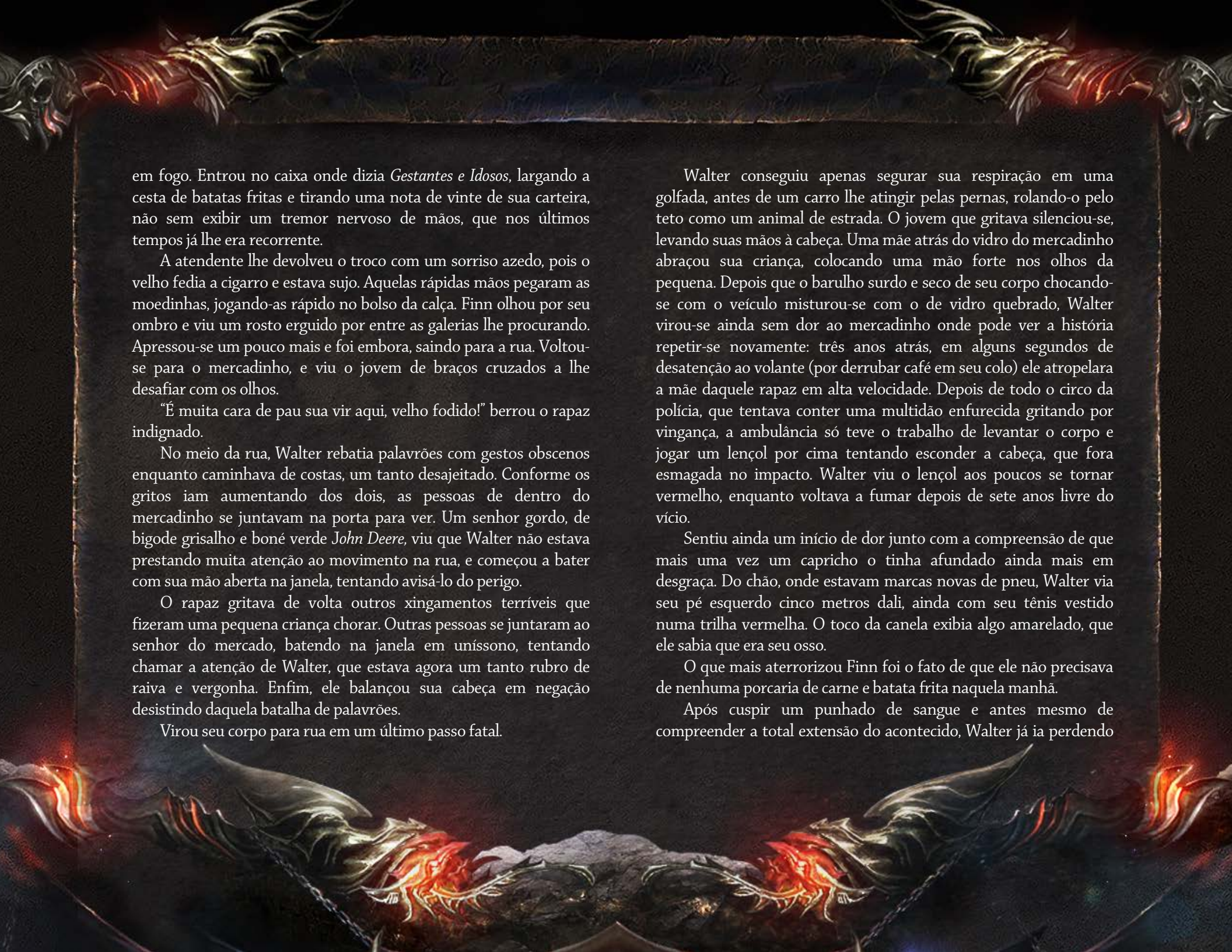
Para o homem que esperava o troco impaciente, o ex-capitão da brigada de incêndio parecia um velho tonto com olhar idiota, dando a entender que fizera algo dentro de suas calças jeans, que por sinal estavam bem sujas de uma terra marrom escura.

Os dois então viram aquele senhor magro dar meia volta um tanto desajeitado.

“Merda!” resmungou Walter entre dentes cerrados.

Caminhava agora apressado, largando suas garrafas em qualquer lugar da estante dos destilados, como se elas estivessem





em fogo. Entrou no caixa onde dizia *Gestantes e Idosos*, largando a cesta de batatas fritas e tirando uma nota de vinte de sua carteira, não sem exibir um tremor nervoso de mãos, que nos últimos tempos já lhe era recorrente.

A atendente lhe devolveu o troco com um sorriso azedo, pois o velho fedia a cigarro e estava sujo. Aquelas rápidas mãos pegaram as moedinhas, jogando-as rápido no bolso da calça. Finn olhou por seu ombro e viu um rosto erguido por entre as galerias lhe procurando. Apressou-se um pouco mais e foi embora, saindo para a rua. Voltou-se para o mercadinho, e viu o jovem de braços cruzados a lhe desafiar com os olhos.

“É muita cara de pau sua vir aqui, velho fodido!” berrou o rapaz indignado.

No meio da rua, Walter rebatia palavrões com gestos obscenos enquanto caminhava de costas, um tanto desajeitado. Conforme os gritos iam aumentando dos dois, as pessoas de dentro do mercadinho se juntavam na porta para ver. Um senhor gordo, de bigode grisalho e boné verde *John Deere*, viu que Walter não estava prestando muita atenção ao movimento na rua, e começou a bater com sua mão aberta na janela, tentando avisá-lo do perigo.

O rapaz gritava de volta outros xingamentos terríveis que fizeram uma pequena criança chorar. Outras pessoas se juntaram ao senhor do mercado, batendo na janela em uníssono, tentando chamar a atenção de Walter, que estava agora um tanto rubro de raiva e vergonha. Enfim, ele balançou sua cabeça em negação desistindo daquela batalha de palavrões.

Virou seu corpo para rua em um último passo fatal.

Walter conseguiu apenas segurar sua respiração em uma golfada, antes de um carro lhe atingir pelas pernas, rolando-o pelo teto como um animal de estrada. O jovem que gritava silenciou-se, levando suas mãos à cabeça. Uma mãe atrás do vidro do mercadinho abraçou sua criança, colocando uma mão forte nos olhos da pequena. Depois que o barulho surdo e seco de seu corpo chocando-se com o veículo misturou-se com o de vidro quebrado, Walter virou-se ainda sem dor ao mercadinho onde pode ver a história repetir-se novamente: três anos atrás, em alguns segundos de desatenção ao volante (por derrubar café em seu colo) ele atropelara a mãe daquele rapaz em alta velocidade. Depois de todo o circo da polícia, que tentava conter uma multidão enfurecida gritando por vingança, a ambulância só teve o trabalho de levantar o corpo e jogar um lençol por cima tentando esconder a cabeça, que fora esmagada no impacto. Walter viu o lençol aos poucos se tornar vermelho, enquanto voltava a fumar depois de sete anos livre do vício.

Sentiu ainda um início de dor junto com a compreensão de que mais uma vez um capricho o tinha afundado ainda mais em desgraça. Do chão, onde estavam marcas novas de pneu, Walter via seu pé esquerdo cinco metros dali, ainda com seu tênis vestido numa trilha vermelha. O toco da canela exibia algo amarelado, que ele sabia que era seu osso.

O que mais aterrorizou Finn foi o fato de que ele não precisava de nenhuma porcaria de carne e batata frita naquela manhã.

Após cuspir um punhado de sangue e antes mesmo de compreender a total extensão do acontecido, Walter já ia perdendo



os sentidos, e o que lhe restava de lucidez gritava que precisava estar na estrada imediatamente.

*O que estava feito, estava feito!* pensou ele, já desabando ao chão frio e sujo.

Não conseguiu coragem para olhar sua perna, e então tudo foi desmoronando rápido de uma vez só. Sentia-se minúsculo à força do destino, com rumos feitos nas pequenas coisas que ninguém se importa.

O diabo morava mesmo nos detalhes, e agora lhe aguardava com força no escuro, junto com tantas outras coisas que ele escondia de todos, inclusive de si mesmo.



Após alguns segundos com o telefone na mão, e olhando para seu amigo Reggie incrédulo, Joel engoliu em seco, sentindo seu mundo tremer dentro de si. Em meio ao sinal sonoro uivante, o capitão ouvia o paramédico gritar ao telefone da ambulância. No outro lado da linha, um enfermeiro rápido e atento desamarrava o sapato do pé perdido de seu pai dentro de uma bacia de ferro branca, salpicada de sangue. Ao lado dele havia um pequeno isopor cheio de gelo, com o selo TRANSPLANTE em letras vermelhas.

“Estarei e-esperando lá.” diz Joel, com sua mão tremendo.

Reggie olhava para seus sapatos à porta da garagem, onde o grande vermelho repousava para a próxima chamada. O capitão voltou seus olhos para o outro, que estava a esperar, devolvendo-lhe um aceno de descansar.

“Estamos com seu carro pronto, Joe.” disse Reggie.

O capitão saiu pela porta sem falar nada, e o outro agradeceu pelo silêncio, coçando o lado esquerdo de seu nariz, enquanto mordida seu lábio inferior.

Joel abriu a porta do carro, e sentou-se largando-se cansado no assento. Por um momento, observou as pessoas na rua, sem saber o que fazer. Depois de tantos anos levados por conversas ainda com os cabelos das orelhas, olhos e narizes ardendo dos fogos, Joel sabia que havia três tipos de pessoas dentro de cada um, mesmo que você não fosse um bombeiro: quem você era em casa; quem você era dentro do quartel e quem você era dentro de uma casa em chamas a dois passos da morte certa. Ele achava que se tudo fosse feito com a urgência, atenção e preocupação da última, você teria uma boa vida, nada passaria sua guarda. Alguns achavam que era possível manter-se no quartel com toda aquela disciplina; e em alguns casos era verdade, mas mesmo na corporação, aquela importância das vidas em jogo perdia-se em xingamentos mútuos e afirmações que isso ou aquilo não era de minha conta. Quando os fogos dos problemas da vida chegavam em casa, a situação era totalmente diferente, e em seu caso agora, inutilmente irreversível.

*Não sei mais quanto posso agüentar,* pensou Joel.

O capitão ligou a sirene azul de seu veículo e pisou forte-mente no acelerador, tentando deixar algumas coisas para trás.



*Joel*

“Ele está estável agora.” disse o médico.

“Posso vê-lo?” perguntou Joel enquanto os dois caminhavam rápido pela área de emergência.

“Seja breve. Cada minuto conta nestas situações.”

Havia uma cortina entre Joel e seu pai, mas o cheiro forte que vinha de lá lhe fez parar por alguns segundos, quase como uma reação automática. Por um momento, ele questionou se não era melhor encontrar com ele depois da cirurgia. Após a pequena hesitação, Joel então deu de ombros e abriu a cortina, mordendo seu lábio por causa do cheiro. Quando viu o vermelho forte no fim do tubo, aquilo o atingiu como um forte soco na cara e parou todos os seus movimentos.

“Ora, não fique aí parado, feito um idiota.” disse Walter.

Joel baixou sua cabeça e levou sua mão ao nariz.

“Dói mais que parece. Glória Deus pela morfina.” disse Walter com grande dificuldade e um sorriso cansado no final.

Houve um grande silêncio e então Joel aproximou-se e olhou a ferida mais de perto. Um outro enfermeiro aplicou mais uma injeção em Walter. Por fim, e após olhar bem o rosto abatido de seu pai, Joel segurou sua mão e algo em si (talvez por seus gêmeos e esposa forte) conteve sua raiva que ele tinha antes de chegar ali. Joel sentiu-se culpado por tudo que tinha pensado no que dizer, face a gravidade do acidente.

“Vamos sair dessa. Isso não é nada.” disse Joel, evitando os olhos cansados de seu pai.

A máquina ao lado registrava os batimentos cardíacos fracos de Walter, e sob aquela luz branca forte evidenciava a destruição que o velho bombeiro se encontrava. Joel engoliu em seco e apertou a mão fraca dele, fria e suja, com terra preta compacta debaixo das unhas, o que fez Joel a puxar um pouco para si, intrigado. Nesse momento, com grande agilidade, Walter foi ainda mais ao encontro dele, e falou quase num sussurro: “*O lago. Pegue meu carro e vá para lá. Eu fiz... besteira.*”

O capitão olhou os olhos aflitos dele bem de perto. Pela convivência de toda uma vida com ele, havia uma inegável verdade, certeza e absoluta urgência neles, o que lhe sobressaltou.

“O quê?” disse Joel, em interrogação.

“*Me ajude.*” disse o velho, voltando-se para a cama, gemendo de dor. Sua força desapareceu junto com o efeito do remédio, e ele fechou os olhos.

O enfermeiro retirou a mão de Joel de seu pai.

“Vamos entrar agora. Você pode esperar na sala?”

Joel deu dois passos para trás. Seu pai e o resto de sua perna foram cobertos com um lençol e foram saindo pela ala de emergência, entrando em uma grande porta de vidro.

O capitão tirou seu chapéu e viu o sangue no chão. Um forte pensamento acendeu uma luz em suas idéias: Walter não admitia equívocos de sua parte; qualquer que fosse o acontecido, venceu a habilidade inata de seu velho nunca deixar de lado seu orgulho.

Fazia muito tempo que não ia para o chalé de pescaria de seu pai, e um frio na sua barriga passou quando pensou no que poderia encontrar lá, num lugar onde toda a semana Walter (e seus amigos



bêbados) iam se encontrar fora da cidade, longe de suas famílias.



Ao observar o carro novo de seu pai, Joel fechou sua mão com força ao pensar nas dificuldades financeiras que eles estavam passando, enquanto seu velho rodava com todo aquele luxo. Sua esposa Danna acenou do outro lado da rua, e ele acenou de volta. Isso não tirou a atenção de Joel do reboque do carro, que ostentava um grande conteúdo envolto em uma lona.

Com a chave, ele abriu a porta e entrou na cabine. Achou rápido os pequenos frascos vazios de uísque nas fendas da porta, e outros muitos cigarros jogados por todo lugar. O cheiro de novo do carro misturava-se com o ranço generalizado de uísque e cigarro. Mesmo tendo apenas duas semanas de uso, podia sentir o cheiro característico do quarto de Walter passando para os bancos como uma infecção.

*Eu fiz besteira.*

“Com certeza pai, disso eu não duvido.” disse Joel enquanto colocava todo o lixo que encontrava em uma sacola de supermercado.

Uma nota de compra chamou-lhe a atenção, datada de hoje cedo, sobre um gerador de energia a diesel. O volume no reboque então tornou-se óbvio. No chão do carro, havia terra. Joel pegou um pouco em sua mão, e lembrou-se das unhas de Walter. Abriu a porta, bateu o capacho no lado de fora, escoando toda a sujeira.

Joel caminhou até o seu carro, atravessando a rua com cuidado,

viendo sua esposa a aguardar-lhe um pouco nervosa.

“E então?” perguntou Danna.

“Era o lixo que imaginava. Acho que vou ter de passar em Milford amanhã. Não sei ainda o que houve. Ele me disse que estava com problemas, e eu não quero nem pensar o que um gerador diesel pode ter a ver com resolver qualquer coisa.”

“E o nosso feriado?”

“Desculpe. Essas coisas... é a cara do pai, sempre problema.”

Danna aproximou-se do capitão. Ele parecia estar muito cansado e olhava constantemente no relógio, pois seu pai sairia de sua cirurgia às quatro. Ela tocou a mão dele, e os dois encostaram suas cabeças.

“Vai dar tudo certo.” disse ela.

“Ele não tem mais idade!” disse Joel indignado.

“Vou com você. Vai ser melhor. Deixaremos as crianças com a minha irmã.”

Joel beijou a testa de sua esposa e lhe afagou os cabelos.

“Você é a melhor!” disse ele, em um meio sorriso cansado.

“Acho que merecemos mesmo um fim de semana.” falou Danna, enquanto os dois se abraçavam.



## GREENWOOD

“Estas estradas estão muito quietas.” falou Danna.

Joel continuava quieto. Ficara boa parte da noite anterior no quarto de recuperação cuidando de seu pai. Naquele silêncio, tentou adivinhar se Walter não estava falando bobagens sobre o efeito da morfina.

*Não se esqueça da terra no chão do carro e nas roupas dele.*

“Joe?”

“Oh sim, me desculpe.”

“Quer voltar? Vamos deixar isso tudo de lado.”

“Não, não. Espero que seja tudo uma grande besteira.”

Postes de luz ao chão e casas destelhadas pareceram responder por que a estrada estava tão quieta. E então, um *flash* em sua memória apareceu. A pequena cidadezinha perto do lago nunca foi de ter tufões, mas Joel agora se lembrava de ter ouvido a notícia três dias antes do acidente sobre uma tempestade pela região.

“Não é possível!” disse Danna.

“Oh, olhe a destruição desse lugar!” falou Joel.

Os policiais em uma barreira próxima, faziam sinal para diminuir a velocidade, e quando o carro chegou próximo suficiente, Joel baixou sua janela e falou com alguém próximo, mostrando sua insígnia de bombeiro, e um preocupado arquear de sobrancelhas: “O que houve?”

“Sem luz. A maioria dos postes caiu. Com a proximidade do feriado, temos pouco pessoal. Acho que só na semana que vem

terminaremos o trabalho.”

Joel conduziu o carro pela outra via improvisada.

“Isso aconteceu semana passada. O pai estava junto comigo naquele dia. Ele simplesmente viu a tempestade no noticiário, pegou seu casaco e saiu de casa, sem dar nenhuma explicação, com muita pressa.” disse Joel quase falando sozinho.

Um carro preto os seguia, despercebido.

*MEP*

A casa ficava junto ao lago Greenwood, e de longe podia-se ver um píer construído em outros tempos de vacas gordas pelo avô industrial de Joel. A casa, feita toda de toras de madeira grossa, tinha um ar colonial, de Nova Inglaterra. O pequeno iate da família ainda estava lá, onde meia dúzia de pessoas podiam passar um dia de pesca tranquila.

Uma cena terrível veio na mente do capitão: Walter tentando subir a escada, arrastando-se pelo chão com seu toco na perna esquerda, degrau a degrau subindo com seus cotovelos e chegando ao segundo andar da casa, abrindo a porta do banheiro. Ele estica sua mão até o trinco, tomando banho sentado no ralo em baixo do chuveiro. Toda a casa precisaria de ajustes e mais uma cadeira de rodas elétrica com duas grandes rodas – e é claro, o barulho do abrir de muitas latas de cerveja.

“O que foi?” perguntou Danna intrigada com Joel pensativo.

“Nada, só me alcance a chave, por favor.” disse Joel com sua mão estendida, nervoso e impaciente.



Eles entraram.

Do lado de fora, a casa parecia fechada por muito tempo, e o cheiro comprovava isso. As cortinas e venezianas nas janelas estavam cerradas, como se a beleza do lago fosse uma inconveniência.

Joel bateu um interruptor e verificou a falta de luz.

“Vou abrir as janelas. Que desperdício de vista!” disse Danna.

Ela sentou-se no sofá e olhava curiosa por tudo, agora com a claridade do dia. Havia cabeças empalhadas de alce pelas paredes, junto com uma grande cabeça de urso colocada na viga principal, que convergia da sala para a cozinha aberta. Sem dúvida, o avô de Joel era ainda mais excêntrico que o pai. Os grandes sofás de couro amarelo estavam em bom estado, e o olhar clínico de Donna notou que aquela parte da casa era limpa de vez em quando pelo caseiro, dado o pouco nível de pó na mesa de centro. A lareira era grande e também bem cuidada. Havia lenha acessível por ali e as cinzas recentes mostravam uso. Sentou-se no sofá de couro e a almofada foi se encolhendo, em um macio que ela nunca tinha visto, o que a fez sorrir com aquela pequena surpresa.

Joel sumiu da vista de sua esposa, enquanto ela redecorava toda a sala de estar em sua mente, dando voltinhas pela mesa de centro, sonhando acordada.

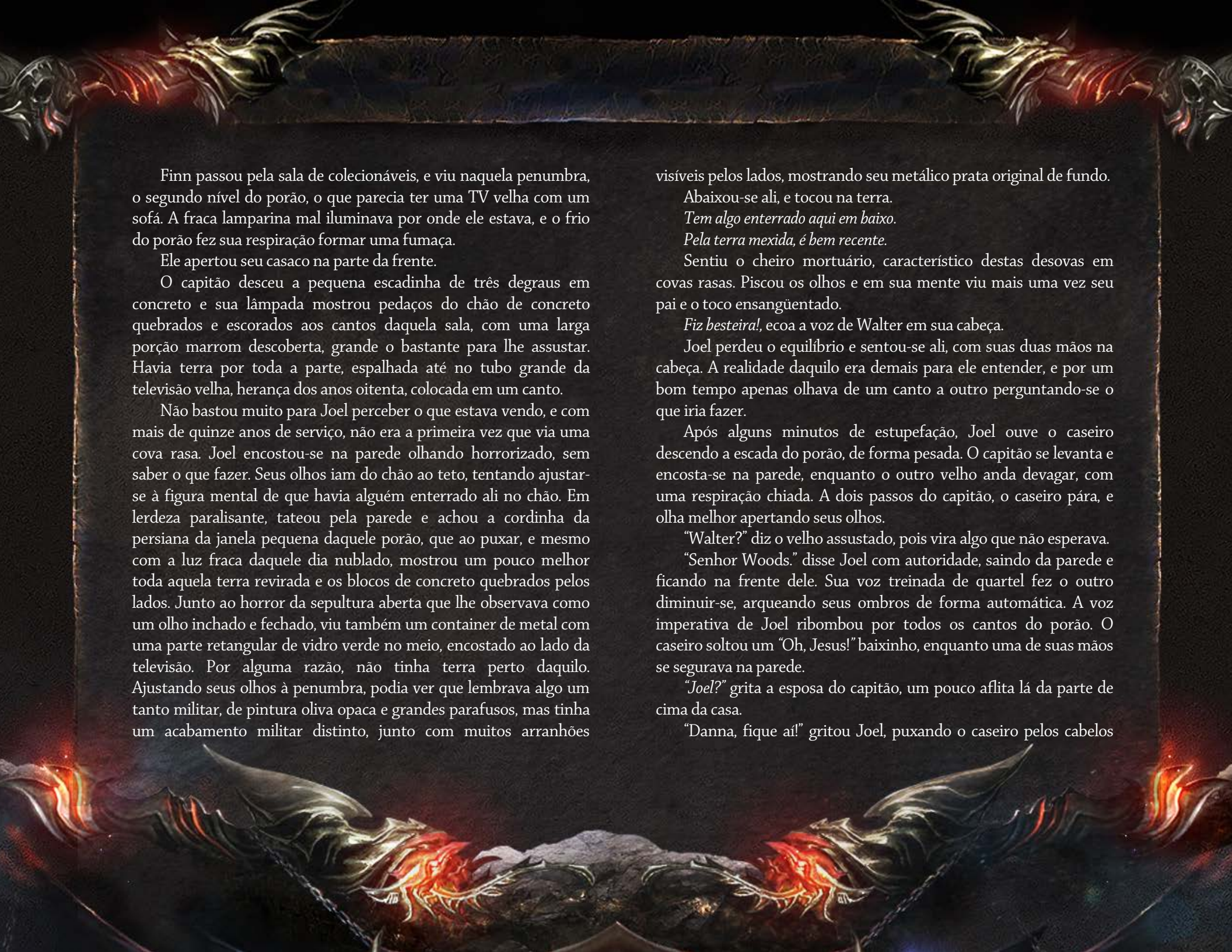
*Joel*

O capitão da brigada sabia exatamente onde procurar. Walter nunca gostara da parte da frente da casa. Seu pai gostava mesmo do

grande porão, construído para ser uma enorme adega, uma das fantasias inacabadas de seu excêntrico avô. Seu nariz percebeu o odor característico de bebedeira ao descer os degraus finais. Havia uma lamparina de óleo bem ao alcance, sem dúvida um indício que aquela parte da casa era usada. Finn tirou seu isqueiro do bolso — ainda fumava escondido, nada que duas pastilhas de menta não pudessem esconder. A chama da lamparina brilhou e ele adentrou no local escuro.

Walter mantinha suas coleções naquele enorme espaço, onde os antigos sonhos do avô de Joel esperavam preencher, mas o infarto súbito e certo aos quarenta e oito impediram. Seu pai começara adolescente com cartões de beisebol, em suas moldurinhas de plástico em pé, como um time pronto para o jogo; depois vieram armas antigas, machados, espadas, bestas, escudos e arcos. Réplicas de carros antigos conviviam junto com esculturas talhadas em madeira, algumas egípcias e outras africanas. Walter apreciava muito figuras de cães, e por todas as prateleiras haviam cachorros posicionados como em um estado de alerta, defendendo seus territórios. Mais distante por ali, haviam tanques de guerra, helicópteros, aviões e soldados de chumbo em guerra constante. Alemães e aliados, russos e japoneses se encaravam para a eternidade estática. Em um quadro separado, uma *Ruger* verdadeira dava um tom mais de seriedade, como em um aviso que aquela brincadeira tinha sim um lado muito real. Indiferente a tudo isso, o cheiro de cigarro era o que se destacava, e pela poeira nas prateleiras, as coleções e memorabilia estavam em último lugar na mente de seu pai.





Finn passou pela sala de colecionáveis, e viu naquela penumbra, o segundo nível do porão, o que parecia ter uma TV velha com um sofá. A fraca lamparina mal iluminava por onde ele estava, e o frio do porão fez sua respiração formar uma fumaça.

Ele apertou seu casaco na parte da frente.

O capitão desceu a pequena escadinha de três degraus em concreto e sua lâmpada mostrou pedaços do chão de concreto quebrados e escorados aos cantos daquela sala, com uma larga porção marrom descoberta, grande o bastante para lhe assustar. Havia terra por toda a parte, espalhada até no tubo grande da televisão velha, herança dos anos oitenta, colocada em um canto.

Não bastou muito para Joel perceber o que estava vendo, e com mais de quinze anos de serviço, não era a primeira vez que via uma cova rasa. Joel encostou-se na parede olhando horrorizado, sem saber o que fazer. Seus olhos iam do chão ao teto, tentando ajustar-se à figura mental de que havia alguém enterrado ali no chão. Em ladeira paralisante, bateu pela parede e achou a cordinha da persiana da janela pequena daquele porão, que ao puxar, e mesmo com a luz fraca daquele dia nublado, mostrou um pouco melhor toda aquela terra revirada e os blocos de concreto quebrados pelos lados. Junto ao horror da sepultura aberta que lhe observava como um olho inchado e fechado, viu também um container de metal com uma parte retangular de vidro verde no meio, encostado ao lado da televisão. Por alguma razão, não tinha terra perto daquilo. Ajustando seus olhos à penumbra, podia ver que lembrava algo um tanto militar, de pintura oliva opaca e grandes parafusos, mas tinha um acabamento militar distinto, junto com muitos arranhões

visíveis pelos lados, mostrando seu metálico prata original de fundo.

Abaixou-se ali, e tocou na terra.

*Tem algo enterrado aqui em baixo.*

*Pela terra mexida, é bem recente.*

Sentiu o cheiro mortuário, característico destas desovas em covas rasas. Piscou os olhos e em sua mente viu mais uma vez seu pai e o toco ensangüentado.

*Fiz besteira!*, ecoa a voz de Walter em sua cabeça.

Joel perdeu o equilíbrio e sentou-se ali, com suas duas mãos na cabeça. A realidade daquilo era demais para ele entender, e por um bom tempo apenas olhava de um canto a outro perguntando-se o que iria fazer.

Após alguns minutos de estupefação, Joel ouve o caseiro descendo a escada do porão, de forma pesada. O capitão se levanta e encosta-se na parede, enquanto o outro velho anda devagar, com uma respiração chiada. A dois passos do capitão, o caseiro pára, e olha melhor apertando seus olhos.

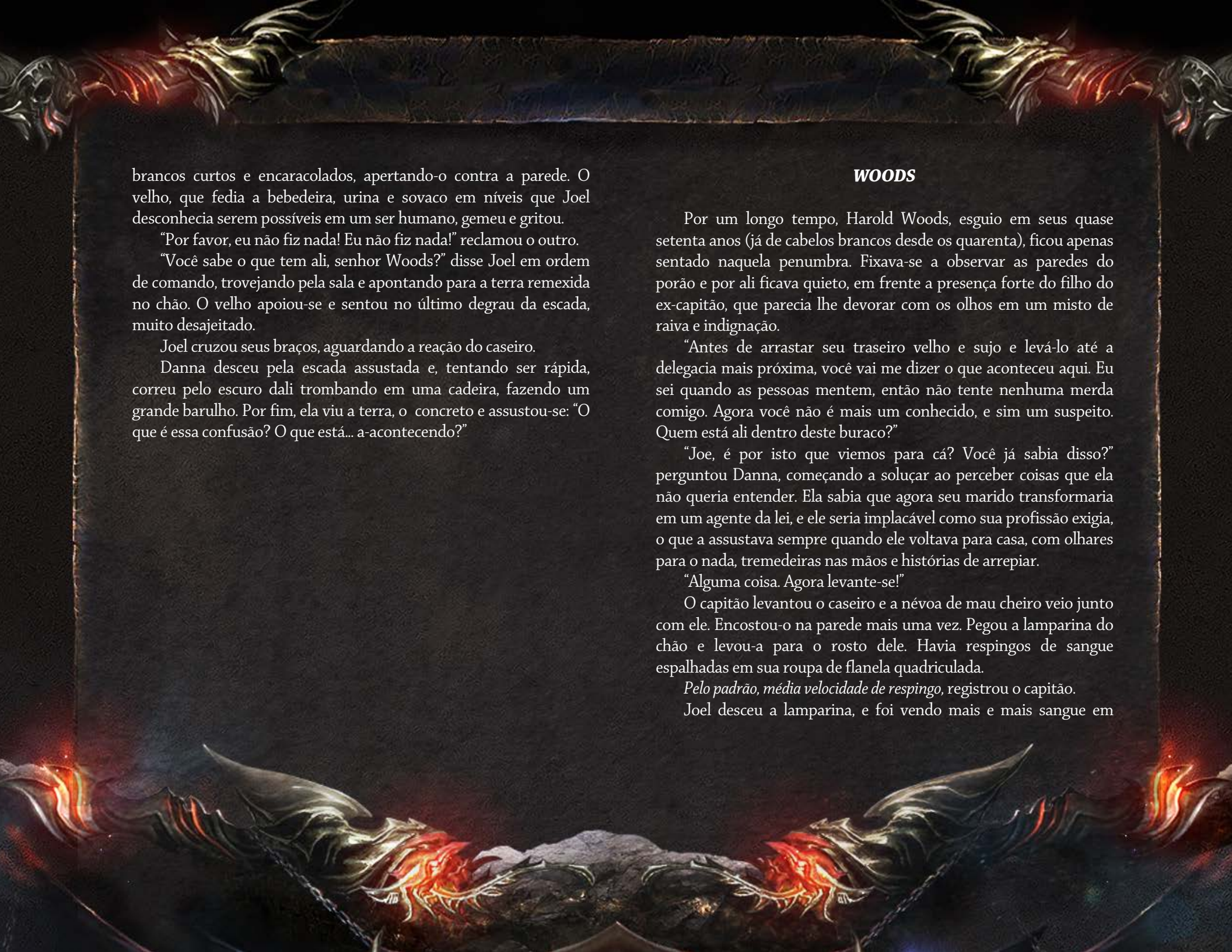
“Walter?” diz o velho assustado, pois vira algo que não esperava.

“Senhor Woods.” disse Joel com autoridade, saindo da parede e ficando na frente dele. Sua voz treinada de quartel fez o outro diminuir-se, arqueando seus ombros de forma automática. A voz imperativa de Joel ribombou por todos os cantos do porão. O caseiro soltou um “Oh, Jesus!” baixinho, enquanto uma de suas mãos se segurava na parede.

“Joel?” grita a esposa do capitão, um pouco aflita lá da parte de cima da casa.

“Danna, fique aí!” gritou Joel, puxando o caseiro pelos cabelos





brancos curtos e encaracolados, apertando-o contra a parede. O velho, que fedia a bebedeira, urina e sovaco em níveis que Joel desconhecia serem possíveis em um ser humano, gemeu e gritou.

“Por favor, eu não fiz nada! Eu não fiz nada!” reclamou o outro.

“Você sabe o que tem ali, senhor Woods?” disse Joel em ordem de comando, trovejando pela sala e apontando para a terra remexida no chão. O velho apoiou-se e sentou no último degrau da escada, muito desajeitado.

Joel cruzou seus braços, aguardando a reação do caseiro.

Danna desceu pela escada assustada e, tentando ser rápida, correu pelo escuro dali trombando em uma cadeira, fazendo um grande barulho. Por fim, ela viu a terra, o concreto e assustou-se: “O que é essa confusão? O que está... a-acontecendo?”

## WOODS

Por um longo tempo, Harold Woods, esguio em seus quase setenta anos (já de cabelos brancos desde os quarenta), ficou apenas sentado naquela penumbra. Fixava-se a observar as paredes do porão e por ali ficava quieto, em frente a presença forte do filho do ex-capitão, que parecia lhe devorar com os olhos em um misto de raiva e indignação.

“Antes de arrastar seu traseiro velho e sujo e levá-lo até a delegacia mais próxima, você vai me dizer o que aconteceu aqui. Eu sei quando as pessoas mentem, então não tente nenhuma merda comigo. Agora você não é mais um conhecido, e sim um suspeito. Quem está ali dentro deste buraco?”

“Joe, é por isto que viemos para cá? Você já sabia disso?” perguntou Danna, começando a soluçar ao perceber coisas que ela não queria entender. Ela sabia que agora seu marido transformaria em um agente da lei, e ele seria implacável como sua profissão exigia, o que a assustava sempre quando ele voltava para casa, com olhares para o nada, tremedeiras nas mãos e histórias de arrepiar.

“Alguma coisa. Agora levante-se!”

O capitão levantou o caseiro e a névoa de mau cheiro veio junto com ele. Encostou-o na parede mais uma vez. Pegou a lamparina do chão e levou-a para o rosto dele. Havia respingos de sangue espalhadas em sua roupa de flanela quadriculada.

*Pelo padrão, média velocidade de respingo, registrou o capitão.*

Joel desceu a lamparina, e foi vendo mais e mais sangue em



centenas de gotas pequenas e secas naquela roupa suja. Diversos trilhos faziam linhas curvas naquele casaco. *Múltiplos traumas cortantes?* O capitão sentiu um frio no estômago enquanto sua mente analisava a situação. Para melhorar a situação financeira, estudou para ser um investigador de polícia, e viu a fundo algumas técnicas e materiais de investigação de cenas de crimes, embora não tenha passado no teste (a data da prova foi, por um destes acasos do destino, logo depois de ele ser pai).

*Tem algo muito, muito errado por aqui.*

“Filho, eu não sei nem como começar, mas vou... tentar.” disse o caseiro.

“Não minta para mim filho da puta; eu sei quando vagabundo mente — tenho um em casa mentindo para mim todos os dias, e eu sei todos os trejeitos e olhares. Não me faça perder meu tempo!”

Woods olhou para baixo, e depois para a esposa do capitão, que virou seu rosto em vergonha. Por fim, seus olhos encontraram o container encostado ao lado da TV, e ele escarrou no chão, como sua educação humilde lhe tinha ensinado.

“Começou com uma merda de aposta. De seu pai, obviamente. Velho fodido, sempre competindo.”

*WCP*

Era um dia de muito sol, e Walter e o caseiro Woods estavam dentro do barco, navegando a uma distância do píer onde a casa de veraneio cabia dentro de suas mãos. Cada um com seu balde, e dentro deles nenhum peixe. Ao lado, um isopor de cervejas e gelo:

este sim estava cheio.

“Vamos voltar. Hoje tá difícil.” disse o caseiro cansado.

“Volta você trapaceiro. Pula aí na água, quem sabe acorda os putos.” disse Walter mastigando um palito e coçando sua barba, vermelha e espetada.

Como uma destas ironias do destino, a linha de Woods puxou rápido, e ele riu debochado.

“Filho da puta.” disse o capitão devagar num misto de raiva e inveja. Harold pegou o caníço, e com destreza de cinquenta anos de pescador nas costas puxou e girou, xingou, bufou e cuspiu; colocou a bota no barco, vergou a vara e a soltou, fazendo isto repetidas vezes, junto com um sorriso no rosto.

“Vai perder, passa para cá!” disse Finn, se aproximando.

“Não, não. Esse aqui vai para o crioulo doido, não te mete peido velho.” falou Woods sério, brigando com o peixe.

“Crioulo doido.” resmungou Walter de volta, cuspidando o palito na água, e puxando a sua linha. Pegou mais iscas, e trocou o anzol. Enquanto isso, Harold tirava uma truta grande, e com a faca rápido já limpava o bicho, cortando a cabeça e tirando as tripas, colocando o peixe limpo em seu balde.

Walter, com uma careta, gingou e largou a nova isca na água.

“Cem pratas que pego o segundo mais rápido que você.” falou Finn com a nota pronta na mão.

“Você disse que ia parar com essas merdas, véio de merda.”

“Deixa de ser cagão. Será que eu sou o único que tem bolas na porra desse barco?” falou Walter.

“Desconta do que me deve, então.”



“Trapaceado não vale.” retrucou Finn, ficando vermelho.

Por um bom tempo eles ficaram discutindo e relembrando apostas anteriores não pagas por ambos. No fim, era isso o que eles faziam. Viver da memória e se distrair no presente, junto com todos os remédios nas suas bolsas e as cervejas na cabeça anestesiando as outras horas lerdas do dia. O barco ficou no mesmo lugar, testemunha de grosserias e barbaridades que dois velhos falavam e esbravejavam sem parar, assustando os peixes ao redor. O tempo passou rápido, e nuvens pretas vieram. Os dois colocaram seus chapéus e continuaram por ali emburrados, com a chuva caindo, e nenhum deles desistindo da aposta.

Ao som dos trovões, Walter falou para o lago, com seu balde ainda vazio: “Malditos filhos da puta, parem de foder comigo!”

“Mas o que é isso?” disse Harold, se levantando e apontando no céu um pequeno avião particular. No céu já viam-se relâmpagos se amontoando, indo de nuvem em nuvem clareando o céu ao redor dele, que parecia estar com problemas.

“Baixo demais...” complementou Finn.

Um raio certo cruzou o avião num espetáculo de luzes e barulho, fazendo um rugido alto ecoando pelo lago até a casa. A asa esquerda partiu-se como se fosse de brinquedo, e o resto do avião foi caindo, girando e girando (lentamente para os dois no barco) em queda livre. Walter largou a vara de pescar, subiu no deck, ligou o motor acelerando o barco forte na direção onde aquele aeroplano estava caindo. A chuva foi aumentando. Harold segurava seu boné, olhando para o avião que caía perto dali, apontando para ele em sua vertiginosa e acelerada descida.

“Tá indo para a parte funda!” gritou Woods.

O resto do avião com a cabine e o piloto caiu a quase cem metros deles, em um barulho grave de estouro. Levantou uma onda, que balançou o velho barco. Walter foi indo até lá, devagar.

“Você tem de entrar na água!” gritou o capitão para o caseiro.

“O quê? Tá maluco?”

“Pega o salva-vidas. Alguém deve estar lá preso!”

O avião foi virando rápido. A asa traseira rompeu-se e soltou-se, indo direto para o fundo do lago. Woods olhou a situação, e vislumbrou alguém ali dentro se debatendo. Sem muito pensar, pegou o pequeno bote vermelho e branco e jogou-o na água. Finn ajudou-o a colocar o salva-vidas de forma apressada e um tanto atrapalhada.

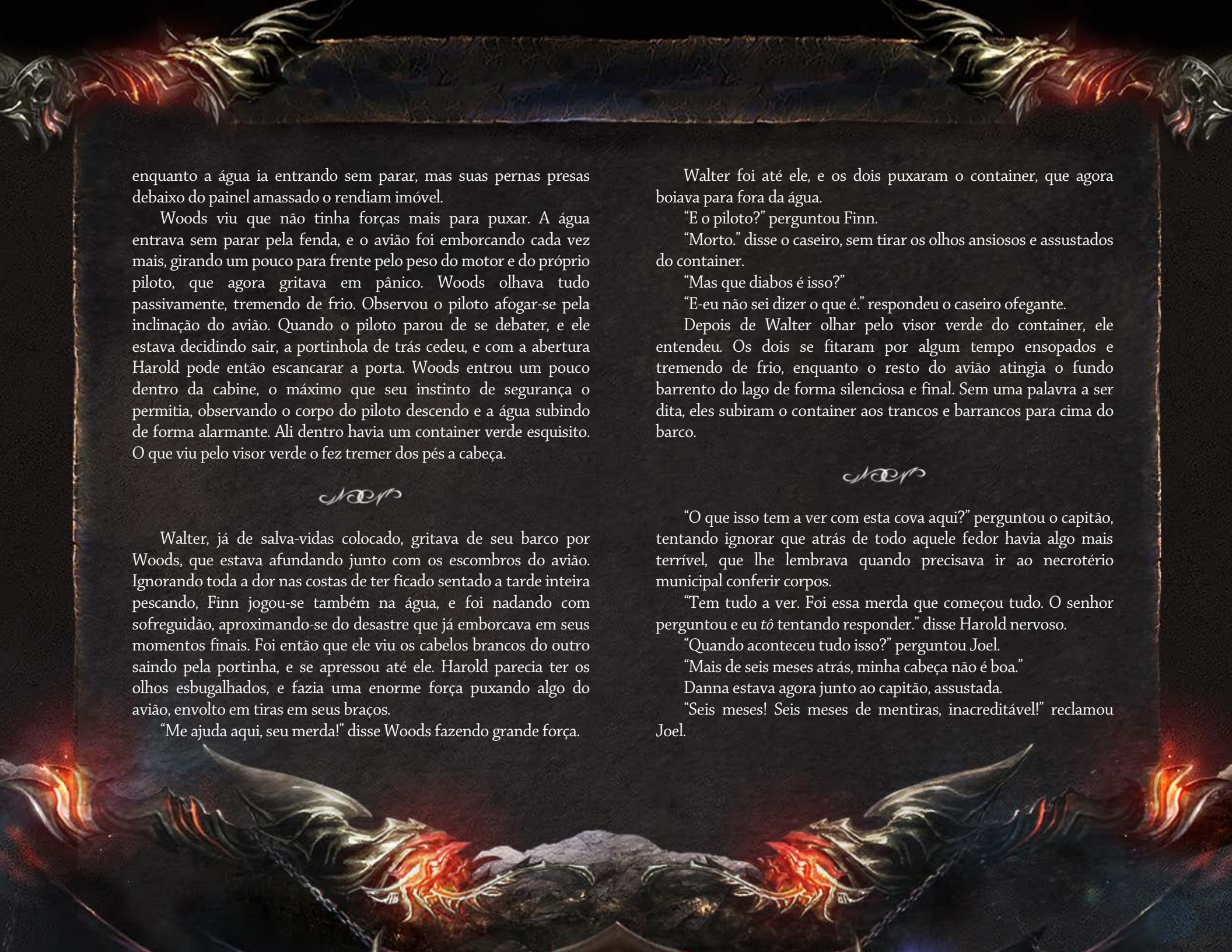
“Posso ver ele. Põe rápido essa porra aí.” falou o caseiro, xingando e tentando fazer tudo muito rápido.

Com mãos frias e ágeis, o ex-capitão da brigada vestiu Woods com o salva-vidas, e então o caseiro se jogou desajeitado na água gelada. Quando o frio atingiu sua barriga e peito, Harold gemeu em meio aos trovões, e começou a nadar devagar até onde o avião parecia debater-se em suas últimas convulsões. O caseiro se aproximou e viu o piloto bater no vidro, enquanto seu interior enchia-se de água. A cabine do pequeno avião mostrava sua porta traseira, entreaberta, com uma fenda de folga. Ele foi até ali, e tentou puxar a porta com grande dificuldade, sem conseguir mover um milímetro.

“Venha para cá!” gritou o caseiro ao piloto.

“Estou preso! Me ajude!” gritou o outro de volta pela fenda,





enquanto a água ia entrando sem parar, mas suas pernas presas debaixo do painel amassado o rendiam imóvel.

Woods viu que não tinha forças mais para puxar. A água entrava sem parar pela fenda, e o avião foi emborcando cada vez mais, girando um pouco para frente pelo peso do motor e do próprio piloto, que agora gritava em pânico. Woods olhava tudo passivamente, tremendo de frio. Observou o piloto afogar-se pela inclinação do avião. Quando o piloto parou de se debater, e ele estava decidindo sair, a portinhola de trás cedeu, e com a abertura Harold pode então escancarar a porta. Woods entrou um pouco dentro da cabine, o máximo que seu instinto de segurança o permitia, observando o corpo do piloto descendo e a água subindo de forma alarmante. Ali dentro havia um container verde esquisito. O que viu pelo visor verde o fez tremer dos pés a cabeça.



Walter, já de salva-vidas colocado, gritava de seu barco por Woods, que estava afundando junto com os escombros do avião. Ignorando toda a dor nas costas de ter ficado sentado a tarde inteira pescando, Finn jogou-se também na água, e foi nadando com sofreguidão, aproximando-se do desastre que já emborcava em seus momentos finais. Foi então que ele viu os cabelos brancos do outro saindo pela portinha, e se apressou até ele. Harold parecia ter os olhos esbugalhados, e fazia uma enorme força puxando algo do avião, envolto em tiras em seus braços.

“Me ajuda aqui, seu merda!” disse Woods fazendo grande força.

Walter foi até ele, e os dois puxaram o container, que agora boiava para fora da água.

“E o piloto?” perguntou Finn.

“Morto.” disse o caseiro, sem tirar os olhos ansiosos e assustados do container.

“Mas que diabos é isso?”

“E-eu não sei dizer o que é.” respondeu o caseiro ofegante.

Depois de Walter olhar pelo visor verde do container, ele entendeu. Os dois se fitaram por algum tempo ensopados e tremendo de frio, enquanto o resto do avião atingia o fundo barrento do lago de forma silenciosa e final. Sem uma palavra a ser dita, eles subiram o container aos trancos e barrancos para cima do barco.



“O que isso tem a ver com esta cova aqui?” perguntou o capitão, tentando ignorar que atrás de todo aquele fedor havia algo mais terrível, que lhe lembrava quando precisava ir ao necrotério municipal conferir corpos.

“Tem tudo a ver. Foi essa merda que começou tudo. O senhor perguntou e eu tô tentando responder.” disse Harold nervoso.

“Quando aconteceu tudo isso?” perguntou Joel.

“Mais de seis meses atrás, minha cabeça não é boa.”

Danna estava agora junto ao capitão, assustada.

“Seis meses! Seis meses de mentiras, inacreditável!” reclamou Joel.



"Onde está Walter?" perguntou o caseiro.

"No hospital. O que tem dentro desta coisa?" perguntou o capitão, esticando o braço, apontando para a caixa metálica.

"Eu não sei dizer. Melhor você ver por si mesmo".

"Espere aí." ordenou Finn.

Danna e Joel foram devagar, contornando os pedaços de concreto no que originalmente seria uma sala de estar de degustação de vinhos, mas que agora mudara de "local para bêbados" para "cova rasa" em poucos meses. Conforme ele caminhava por ali, o capitão ficava cada vez mais apreensivo com o tamanho do buraco, que com certeza não serviria para apenas um corpo.

O casal alcançou a televisão de madeira velha e suja, e Joel arriscou uma olhada pelo visor da coisa. O capitão gritou forte e rápido de susto, e Danna juntou-se a ele, em gritos horrorizados após olhar pelo vidro.

"Jesus cristo, eu quero morrer!" falou Danna.

Após um momento de forte estupefação, Joel virou-se para Woods: "I-Isso é algum tipo de b-brincadeira?" falou o capitão gaguejando ao caseiro, incrédulo e engolindo em seco com a loucura que via, enquanto Danna rezava e chorava apertando o braço do capitão em medo, se encolhendo toda.

"Me r-responda!" gritou Joel nervoso.

Woods voltou a falar, enquanto Danna virava seu rosto e escondia sua face nos ombros de Finn, tremendo um pouco em sua boca: "Depois do primeiro choque, onde você dúvida até mesmo se está sonhando ou não, é que se pode ver melhor a criatura. Tive de tomar três aspirinas por causa da força que tivemos de fazer, e

mesmo tonto de remédio essa coisa é de arrepiar. Este treco de metal não pesa muito, mas quem o criou o fez pra não quebrar. Horas depois com essa coisa na sala, eu tinha dificuldade em acreditar na loucura que estava na nossa frente. Fizemos um fogo, assamos umas carnes, quietos de medo, mas ao mesmo tempo, não posso negar: a coisa era magnética, de ver e conferir mais uma vez, não importando quantas vezes você olhasse de novo. A cabeça da gente nunca foi boa, e colocando na sua frente uma prova que algo tão horroroso possa existir, fascina. E então, um *bip* começou a apitar. Walter quase foi à loucura, e deu um pulo alto enquanto eu gelava no canto, querendo entrar na parede ou virar um sofá. Sou homem feito na lida dura, apanhei de todos meus irmãos e já até passei um tempo na cadeia, mas mesmo assim não consegui mexer nem um dedo. O barulho foi ficando mais seguido e estridente, e o velho Finn encontrou um marcador de temperatura direto no vermelho. Uma outra luz apitava, e tinha um texto embaixo dizendo BATERIA. Seu velho apalpou por tudo ali desesperado, e enfim achou uma corda em baixo para ligar a coisa na tomada. Minutos depois, tudo parou, mas foram os minutos mais longos da minha vida. O marcador voltou ao verde, e não teve mais nenhum barulho."

"Só depois disso, acho que conseguimos começar a falar. Walter dizia que era coisa do governo, porcarias de outros planetas, ou mesmo de Roswell e todo aquele circo infeliz da força aérea. Eu não tinha dúvida nenhuma: essa coisa vinha do inferno. Você sabe que eu sou cristão, e eu acredito que se existe um céu, precisa ter a turma do outro lado — e se *aquilo* estava ali, de uma monstruosidade óbvia, então confirmava sim que temos chance de salvação."



Woods cuspiu no chão para reforçar seu argumento.

“Seu pai disse que eu era mais um destes cagões do mundo, mas que merda ele sabe sobre qualquer coisa? É muito fácil dizer *foda-se*, cada homem por si e encher a cara. Meu pastor estava certo, e eu sou sim a porcaria de um homem fraco, pecador. Bebo sim, e muito. Sempre fui sozinho, nunca acertei esposa e olha que eu tentei até o terceiro *strike*. Mas, me escuta: dentro desta geladeira do inferno é a prova que o demônio existe, e da mesma maneira, Deus todo poderoso também existe. Precisa existir!”

Joel olhou com a lamparina o container. Não havia algum mecanismo de abertura, só rebites soldados fechando tudo como uma casca de noz. Qualquer que fosse o destino da coisa, estava selado ali dentro, o que lhe deixou um pouco mais seguro.

“Joel, e-eu não quero v-ver mais i-isso.” disse Danna de costas ao container, gaguejando e olhando para a fraca luz que vinha das pequenas janelas do porão.

“Não tem como abrir. Está soldado por fora.” disse Joel para Danna.

“Foi seu pai que fechou o filho da puta aí dentro.” respondeu Harold, fumando o cigarro até o fim, e depois o apertando com o sapato.

*MEP*

Naquele domingo, e mesmo passando a noite em claro fumando quase todos os cigarros que tinham, Walter e Harold desceram o container para o porão nas primeiras horas de sol. Depois de toda

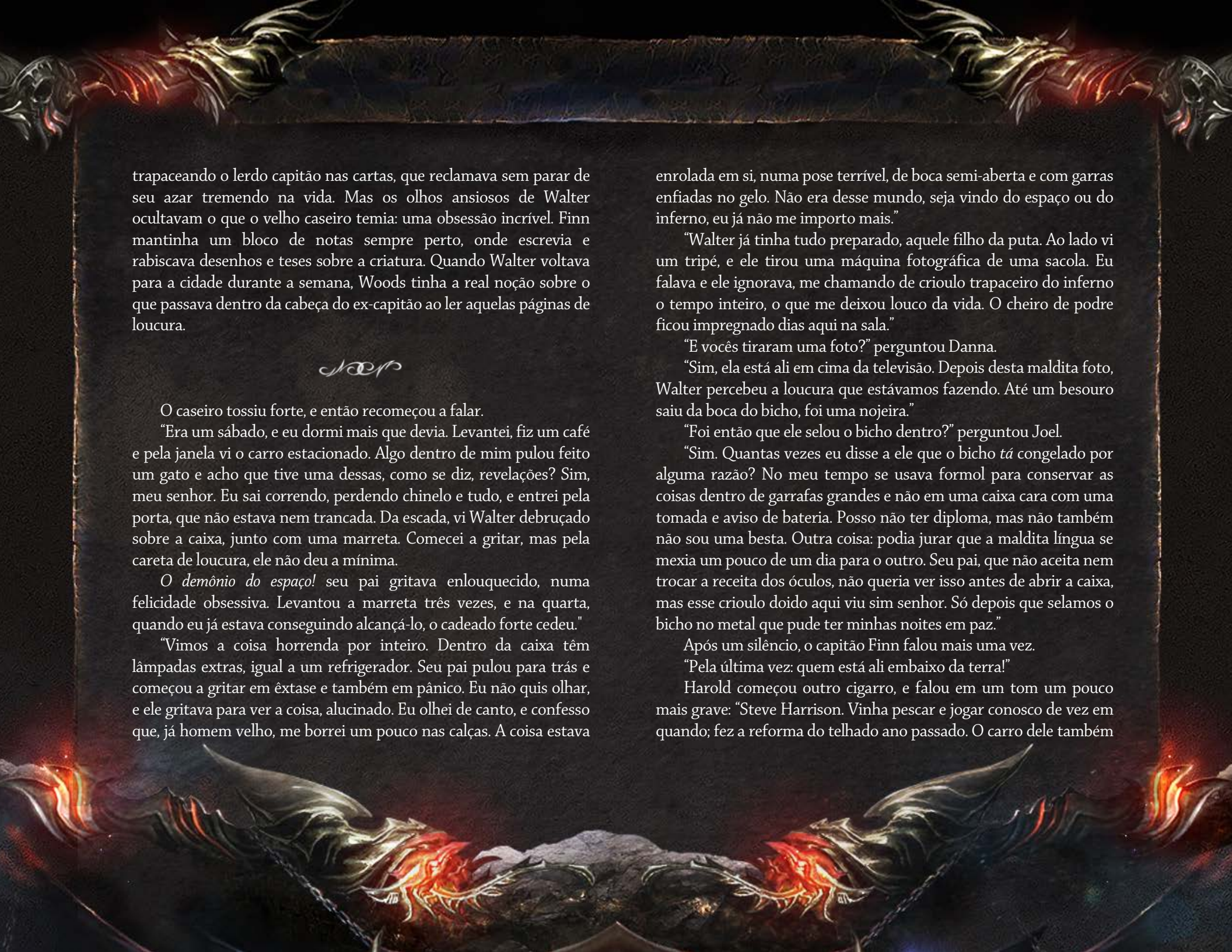
aquela discussão, a única coisa em que podiam concordar era de que tinham de esconder a coisa. Toda a situação era tão intensa em suas mentes, que o piloto e o avião foram esquecidos sem muitas considerações. As janelas da parte de cima da casa foram fechadas, e eles preferiam ficar no frio daquele porão. Ao lado da antiquada televisão de madeira, a criatura estava lá, congelada no tempo e sendo observada todos os dias, como um troféu macabro.

O tempo foi passando, e a curiosidade foi crescendo, pois o pequeno visor só mostrava parte da monstruosidade. Podiam ver que a criatura era pequena, menos de um metro, e no container havia uma fechadura simples com um cadeado fácil de abrir. Junto com as noites mal dormidas, eles discutiam teses de por que o pequeno demônio tinha sido posto dentro do metal. Walter dizia ao caseiro que aquele cadáver extraterrestre era preservado para outros cientistas poderem estudá-lo. Harold era muito mais pessimista, e dizia que aquela caixa era uma prisão para a criatura, como um réptil fica vivo, mesmo congelado.

Dos dois, o caseiro era o único que ainda tinha medo verdadeiro da criatura, pois acreditava que a coisa ainda estivesse viva, enquanto o velho sardento capitão ficava fascinado com a múmia espacial que eles tinham em mãos. Aquele tesouro contrastava demais com as coleções de armas, figurinhas de beisebol, agora pífios em relação ao monstro na caixa. Finn lembrava de forma constante que aquele cadeado não seria muito problema, que tinha as ferramentas e que era tudo seguro e fácil.

Durante o resto do tempo, os baldes com cerveja e gelo estavam sempre em movimento entre os dois, enquanto o caseiro continuava





trapaceando o lerdo capitão nas cartas, que reclamava sem parar de seu azar tremendo na vida. Mas os olhos ansiosos de Walter ocultavam o que o velho caseiro temia: uma obsessão incrível. Finn mantinha um bloco de notas sempre perto, onde escrevia e rabiscava desenhos e teses sobre a criatura. Quando Walter voltava para a cidade durante a semana, Woods tinha a real noção sobre o que passava dentro da cabeça do ex-capitão ao ler aquelas páginas de loucura.



O caseiro tossiu forte, e então começou a falar.

“Era um sábado, e eu dormi mais que devia. Levantei, fiz um café e pela janela vi o carro estacionado. Algo dentro de mim pulou feito um gato e acho que tive uma dessas, como se diz, revelações? Sim, meu senhor. Eu sai correndo, perdendo chinelo e tudo, e entrei pela porta, que não estava nem trancada. Da escada, vi Walter debruçado sobre a caixa, junto com uma marreta. Comecei a gritar, mas pela careta de loucura, ele não deu a mínima.

O *demônio do espaço!* seu pai gritava enlouquecido, numa felicidade obsessiva. Levantou a marreta três vezes, e na quarta, quando eu já estava conseguindo alcançá-lo, o cadeado forte cedeu.”

“Vimos a coisa horrenda por inteiro. Dentro da caixa têm lâmpadas extras, igual a um refrigerador. Seu pai pulou para trás e começou a gritar em êxtase e também em pânico. Eu não quis olhar, e ele gritava para ver a coisa, alucinado. Eu olhei de canto, e confesso que, já homem velho, me borrei um pouco nas calças. A coisa estava

enrolada em si, numa pose terrível, de boca semi-aberta e com garras enfiadas no gelo. Não era desse mundo, seja vindo do espaço ou do inferno, eu já não me importo mais.”

“Walter já tinha tudo preparado, aquele filho da puta. Ao lado vi um tripé, e ele tirou uma máquina fotográfica de uma sacola. Eu falava e ele ignorava, me chamando de crioulo trapaceiro do inferno o tempo inteiro, o que me deixou louco da vida. O cheiro de podre ficou impregnado dias aqui na sala.”

“E vocês tiraram uma foto?” perguntou Danna.

“Sim, ela está ali em cima da televisão. Depois desta maldita foto, Walter percebeu a loucura que estávamos fazendo. Até um besouro saiu da boca do bicho, foi uma nojeira.”

“Foi então que ele selou o bicho dentro?” perguntou Joel.

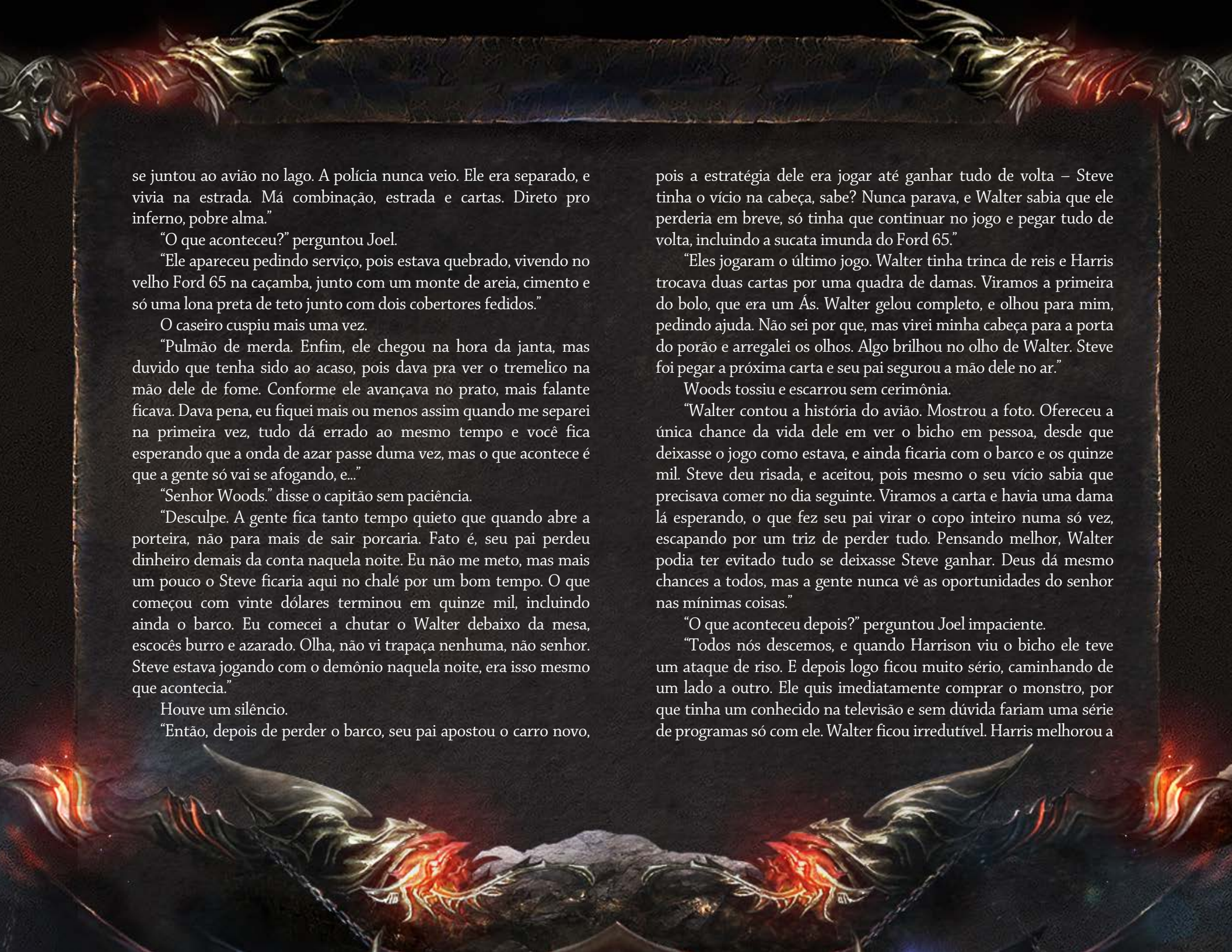
“Sim. Quantas vezes eu disse a ele que o bicho *tá* congelado por alguma razão? No meu tempo se usava formol para conservar as coisas dentro de garrafas grandes e não em uma caixa cara com uma tomada e aviso de bateria. Posso não ter diploma, mas não também não sou uma besta. Outra coisa: podia jurar que a maldita língua se mexia um pouco de um dia para o outro. Seu pai, que não aceita nem trocar a receita dos óculos, não queria ver isso antes de abrir a caixa, mas esse crioulo doido aqui viu sim senhor. Só depois que selamos o bicho no metal que pude ter minhas noites em paz.”

Após um silêncio, o capitão Finn falou mais uma vez.

“Pela última vez: quem está ali embaixo da terra!”

Harold começou outro cigarro, e falou em um tom um pouco mais grave: “Steve Harrison. Vinha pescar e jogar conosco de vez em quando; fez a reforma do telhado ano passado. O carro dele também





se juntou ao avião no lago. A polícia nunca veio. Ele era separado, e vivia na estrada. Má combinação, estrada e cartas. Direto pro inferno, pobre alma.”

“O que aconteceu?” perguntou Joel.

“Ele apareceu pedindo serviço, pois estava quebrado, vivendo no velho Ford 65 na caçamba, junto com um monte de areia, cimento e só uma lona preta de teto junto com dois cobertores fedidos.”

O caseiro cuspiu mais uma vez.

“Pulmão de merda. Enfim, ele chegou na hora da janta, mas duvido que tenha sido ao acaso, pois dava pra ver o tremelico na mão dele de fome. Conforme ele avançava no prato, mais falante ficava. Dava pena, eu fiquei mais ou menos assim quando me separei na primeira vez, tudo dá errado ao mesmo tempo e você fica esperando que a onda de azar passe duma vez, mas o que acontece é que a gente só vai se afogando, e...”

“Senhor Woods.” disse o capitão sem paciência.

“Desculpe. A gente fica tanto tempo quieto que quando abre a porteira, não para mais de sair porcaria. Fato é, seu pai perdeu dinheiro demais da conta naquela noite. Eu não me meto, mas mais um pouco o Steve ficaria aqui no chalé por um bom tempo. O que começou com vinte dólares terminou em quinze mil, incluindo ainda o barco. Eu comecei a chutar o Walter debaixo da mesa, escocês burro e azarado. Olha, não vi trapaça nenhuma, não senhor. Steve estava jogando com o demônio naquela noite, era isso mesmo que acontecia.”

Houve um silêncio.

“Então, depois de perder o barco, seu pai apostou o carro novo,

pois a estratégia dele era jogar até ganhar tudo de volta – Steve tinha o vício na cabeça, sabe? Nunca parava, e Walter sabia que ele perderia em breve, só tinha que continuar no jogo e pegar tudo de volta, incluindo a sucata imunda do Ford 65.”

“Eles jogaram o último jogo. Walter tinha trinca de reis e Harris trocava duas cartas por uma quadra de damas. Viramos a primeira do bolo, que era um Ás. Walter gelou completo, e olhou para mim, pedindo ajuda. Não sei por que, mas virei minha cabeça para a porta do porão e arregalei os olhos. Algo brilhou no olho de Walter. Steve foi pegar a próxima carta e seu pai segurou a mão dele no ar.”

Woods tossiu e escarrou sem cerimônia.

“Walter contou a história do avião. Mostrou a foto. Ofereceu a única chance da vida dele em ver o bicho em pessoa, desde que deixasse o jogo como estava, e ainda ficaria com o barco e os quinze mil. Steve deu risada, e aceitou, pois mesmo o seu vício sabia que precisava comer no dia seguinte. Viramos a carta e havia uma dama lá esperando, o que fez seu pai virar o copo inteiro numa só vez, escapando por um triz de perder tudo. Pensando melhor, Walter podia ter evitado tudo se deixasse Steve ganhar. Deus dá mesmo chances a todos, mas a gente nunca vê as oportunidades do senhor nas mínimas coisas.”

“O que aconteceu depois?” perguntou Joel impaciente.

“Todos nós descemos, e quando Harrison viu o bicho ele teve um ataque de riso. E depois logo ficou muito sério, caminhando de um lado a outro. Ele quis imediatamente comprar o monstro, por que tinha um conhecido na televisão e sem dúvida fariam uma série de programas só com ele. Walter ficou irredutível. Harris melhorou a



proposta, dizendo que dividia com ele, e que podiam lucrar milhões com a criatura, sem falar na fama de aparecer na TV. Em pouco tempo, estavam gritando. Steve pediu ao menos a foto, pelos quinze mil. Seu pai disse para ele ir embora e enfiar aquele dinheiro trapaceiro naquele lugar. Harris ficou alucinado pela coisa, e Walter começou a achar que ele iria levar a criatura de qualquer jeito, pois tinha os músculos para colocar dois velhos cansados onde bem quisesse.

“Joel, eu vi seu pai perder a cabeça por carteadado várias vezes, mas nada comparado com o surto de ódio quando Steve disse que ele não iria sair dali sem o bicho, e que não rasgaria milhões de dólares por causa de dois putos velhos cabeças de vento, bêbados e fedidos. Quando Steve descuidou-se, Walter pegou uma cerveja, quebrou-a na televisão e estocou Steve no pescoço e depois embaixo das costelas, repetidas vezes. Essa merda não sai da minha cabeça. A cara de Walter ficou vermelha e sua mão inteira molhada de sangue.”

“Jesus!” disse Danna com as duas mãos na boca.

Houve um grande silêncio.

“Meu pai matou um homem, é isso que você quer dizer, seu filho da puta, bêbado irresponsável!” gritou Joel furioso.

“Sim senhor.” respondeu Woods cabisbaixo.

“E v-vocês enterraram o c-corpo aqui na sala?” falou Joel, gaguejando e sentindo seus olhos arderem.

“Sim senhor.”

*Olhe o tamanho da cova. Não confere.*

“E você acha..” começou o capitão, mas Danna segurou seu braço

e seus olhos se encontraram. Ela estava trêmula, e lhe entregou uma foto Polaroid que encontrara em cima da televisão. A foto estava em branco. O caseiro levantou sua cabeça cansada e viu a foto.

“Venha até aqui.” ordenou Joel puxando o caseiro mais uma vez. Danna deu um passo atrás em repulsa ao cheiro e aspecto sujo do homem. Ele pegou a foto e a olhou de perto.

“É essa mesma. Seu pai sempre com a mesma cara de tonto. Eu não gosto de sair em foto não, dá azar.” disse Harold.

*Esse homem está insano,* pensou Joel.

O caseiro continuou a falar: “Depois que colocamos Steve embaixo da terra, seu pai não veio mais. Eu pedi dinheiro a ele para comprar a areia e o cimento, mas ele disse que aquilo era problema meu. Quando veio esta última tempestade, ficamos sem luz e o container começou a apitar de novo, sem bateria. Minha vontade era de enterrar esta porcaria, mas Walter voltou no mesmo dia, me ameaçando de perder minha casa se eu mexesse no monstro. Decidimos que ele iria comprar um gerador, por que às vezes demora demais da conta aqui no interior para a prefeitura restaurar a luz. Fazem dois dias que eu coloco gelo direto por cima do visor quebrado. Seu pai nunca mais voltou.”

Enquanto o caseiro falava, o capitão levava suas mãos à cabeça e começava a entender como todas as peças se encaixavam. A terra no carro e nas unhas do seu pai, o gerador, o pedido estranho de Walter para que eles viessem a casa de veraneio.

*A cova é grande demais, ele está imundo de terra e manchas de sangue. Sua linguagem corporal têm todos os trejeitos e olhares de*



*mentira. A foto está em branco e mesmo assim ele vê coisas ali. Pelo cheiro, não toma banho a mais de mês. Provavelmente bêbado por todo esse tempo.*

“O senhor agora, por favor, cale-se. Estou farto de mentiras. Meu pai e o senhor não prestam, agora posso ver claro como o dia e vocês dois vão pagar caro, muito caro.” disse Joel, colocando o dedo próximo do nariz do caseiro.

Finn subiu de novo na escadinha e com a ajuda da pequena lamparina, achou um pedaço de corda fina no meio de toda a bagunça da coleção de Walter. Ele amarrou o caseiro no corrimão da pequena escada, com bastante força. O velho gemeu de dor, mas não reclamou.

“Vamos embora buscar a polícia.” disse Joel à Danna.

*MEP*

“Você vai deixar ele lá com aquela coisa?” perguntou Danna na sala de cima da casa, onde o sol batia mais forte pelas janelas abertas.

“Eu não quero... nem pensar sobre isso.” disse Joel, que parecia não conseguir mexer mais suas pernas.

“O que foi?” perguntou Danna.

Joel sentia-se muito confuso e perplexo. Remexia nos bolsos em busca da chave. Aquela casa era de sua família, seus filhos deveriam estar correndo e brincando por ali, e a realidade do presente era tão cruel que colocava seu próprio pai como suspeito de um crime hediondo, que ele sabia que acabaria muito mal com tudo que vira

até então. Ele travou sua mente ali, *assassinato*, olhando para todos os lados. A poucos momentos atrás, ele sabia que o tinha de ser feito, mas agora, sob a luz do sol e na hora de botar as rodas da lei em movimento, ele vacilava ao tentar aceitar o que tinha acontecido. Teria mesmo seu próprio pai esfaqueado e ocultado o cadáver de alguém? Seria aquela história maluca uma tentativa fantasiosa do caseiro de se excluir ao que fizeram? Como dois bêbados podiam ter se organizado e criado algo tão elaborado e horripilante como aquela monstruosidade dentro da caixa? Duas horas atrás beijava os gêmeos no rosto, em um café da manhã tranquilo. Finn não conseguia aceitar o rumo das coisas, por mais que seu distintivo de capitão dos bombeiros dissesse que ele deveria seguir adiante e aplicar a lei.

Ele andava de um canto ao outro, sem parar, lembrando-se dos olhos vermelhos malignos daquela senhora que o fizera correr meses atrás.

“Pare com isso, você está me assustando! O que você têm?” perguntou ela em um guincho ao capitão, que agora se segurava no pilar da cozinha, confuso e desorientado.

“Meu Deus, você não pode pirar agora.” disse ela aflita.

Ele a olhava quieto, de olhos arregalados.

*Willal* lembrou-se Joel daquele nome estranho.

“Pára com isso!” ordenou Danna em um grito.

Finn colocou um indicador em seus lábios pedindo silêncio ao ver um outro carro grande e preto chegando pela pequena janelinha, e ele rapidamente entendeu que as coisas ainda podiam ficar muito piores. Dois saíram do carro, armados. Ele olhou para ela, e seu



instinto de liderança falou sozinho.

“Você precisa sair pela outra porta, ir até o lago e fazer toda a volta pela casa do caseiro.” falou o capitão.

“Como assim?”

“Eu sei o que estou dizendo, olhe pela a janelinha.”

Ela fez um beijo que ele conhecia de vinte anos de casado, mas depois de um olhar desconfiado a ele, foi devagar até a pequena janela do lado da porta. Lá fora, um sedan preto estava estacionado atrás da *pickup* de Walter.

“Eu vou lá ver o que é, enquanto você foge pelo lago e depois até a outra casa. Te encontro lá, quando for seguro.”

Joel a abraçou. Ela percebeu a mudança nele e ficou um pouco mais calma. O capitão não tremia mais e tinha recuperado seu olhar implacável, o mesmo que a fizera apaixonar-se, quando trabalhava com a equipe de primeiro socorros da ambulância, e o vira sair de uma casa em chamas com um braço quebrado — horas depois ela escreveria seu telefone no gesso e eles nunca mais se separariam.

“Pelo amor de Deus, tenha cuidado.” disse ela.

*Joel*

No escuro do porão, o caseiro se debate, com suas mãos presas pela corda forte. Sua cabeça vai da esquerda para a direita com violência. Ele cai e resvala no chão, trêmulo. Algo sobe por dentro de seu pescoço, dilatando e aumentando o tamanho de sua garganta. De sua boca, um verme marrom e grande sai lentamente, rasgando de dentro para fora os lados de suas bochechas com garras laterais

que cortam como navalhas. O verme vai em direção ao seu olho direito. Do ventre do bicho, uma boca se abre com pequenos dentes, e se coloca em cima da pupila, agora aberta por suas oito patas.

Iniciando com barulhos de sucção, o verme vai se contorcendo enquanto suga o olho inteiro de sua órbita óssea. O caseiro vai parando de se contorcer, enquanto seu outro olho também acontece o mesmo. Nas costas do verme, duas asas abrem-se, e ele voa dali até o container. O besouro passa por cima do visor verde e vai para o interior do container. De dentro do metal, a bocarra do demônio se abre devagar, enquanto o verme adentra por entre suas presas afiadas.

Com um barulho de terra se abrindo, dezenas de outros besouros vão saindo debaixo daquela cova, e, um por um, voltam à boca da criatura em um barulho de enxame de abelha.

Da penumbra daquela sala, luzes fortes saem da prisão de metal, enquanto a solda e os parafusos vão derretendo ao chão, lenta e silenciosamente.



## LAMBERT

“Vamos esperar um pouco.” disse Abbot Lambert, dentro do carro preto, junto a outros dois homens encapuzados no banco de trás.

“Você tem certeza?” reclamou um dos capangas conferindo o relógio. O outro ao lado conferiu sua arma de grosso calibre, dois canos serrados.

“Sou pago para ter certeza absoluta sobre as coisas.” disse Lambert, enquanto segurava a estatueta de bronze. “Se estiver acontecendo o que imagino, é melhor esperar mais um pouco, se quiser ter a cabeça ainda no mesmo lugar.”

Cinco meses atrás, Charles Van Zant aguardava Lambert em seu escritório. Aquela sala estava vazia, salvo uma mesa e duas cadeiras num piso velho de concreto, com paredes brancas mofadas. Charles gostava dali, pois naquele local muitas de suas missões de sucesso foram planejadas, e ele nem se importava mais com o cheiro de peixe ou o aspecto repugnante e pobre da sala.

Uma caixa preta de veludo ocupava a posição central na mesa. Pelos óculos pequenos de aros negros, ela era fitada pelo homem de terno cinza riscado. As últimas duas décadas não foram tão boas a Charles quanto aos tempos na Suíça pós-guerra, enquanto famílias germânicas lhe concediam suas coleções de arte em troca de dinheiro para sobreviver. Alguns membros da segunda geração da *Thule-Gesellschaft* (depois de perderem a guerra, é claro), cederam seus os livros e artefatos a ele por preços acessíveis, em troca de seu

dinheiro à vista para sua fuga na América do sul.

Abbot desceu do ônibus, e entrou no velho centro de Munique, com muito comércio de rua e gritos de preços e ofertas de tudo o que se podia imaginar. Prostitutas nas esquinas mostravam a decadência do local. Após subir um lance de escadas com *graffiti* de dizeres grosseiros nos cimentos, e em meio a uma peixaria e loja de artesanato, ele encontrou um corredor longo e estreito. Numa destas portas sem número entrou no mais antigo escritório de Van Zant, após duas batidas rápidas.

Eles se sentaram. A caixa preta ficou evidente entre os dois, do tamanho de uma caixa de leite.

“De volta a casa.” disse Abbot com um cumprimento rápido.

“Acho que o camarada gostaria de identificar um artefato?” perguntou Charles, coçando sua barba a fazer e desenhando com seus dedos a linha de seu bigode, penteado e cuidado com obsessão.

“Me tente.” provocou Lambert desafiador.

Van Zant abriu a caixa e tirou o bronze de dentro.

“Oh, vingança africana. Você precisa matar uma aldeia inteira?”

“Você, meu amigo, é um estraga prazer duma figa.”

“Eu valho o investimento. Conhecimento, para você, são lucros, mas para mim é mais um dia vivo na selva. Já tinha visto este antes. Arqueólogos ainda acham que alguns povos desapareceram do nada.”

“O que acha?”

Lambert conferiu a estatueta de bronze, com uma mulher de cabelos longos e unhas cumpridas em uma pose de ódio.

“Muito excesso e cuidados especiais. Normalmente ocorrem



contramedidas sobre estas travessias.”

“Nada que você não saiba como contornar.” resmungou o outro em uma careta de desagravo. Abbot girou a parte de baixo, e uma pequena gaveta abriu-se.

“Terra *Infernus*.” disse Charles, em um sorriso de triunfo.

“Você sabe então todos os procedimentos.” falou Lambert, cruzando os braços em desagravo.

“Já foram arranjados, mas os detalhes não. E nestes assuntos, os detalhes é que selam o destino das coisas. Eu quero saber se é...”

“Seguro? Está falando sério?”

“Não, estou perguntando se pode ser, digamos, melhor direcionado.”

“Ah, voltamos à vingança. Será ainda mais complicado. Tem certeza deste artefato? Sempre foi usado para extermínio e não queima de arquivo. Este pequeno aqui gosta de exageros, digamos, quando está fora de casa.”

“Sutilezas já me falharam tantas vezes.” disse o homem de óculos, olhando introspectivo pela janela.

“Guenevere e DeMarco.” disse Abbot com um mínimo sorriso.

“Está decidido! Junte o que você precisar e então pegará o próximo voo para Nairobi.” falou Charles, colocando a estatueta de volta à caixa de veludo com todo o cuidado possível, como um técnico opera-se uma bomba.

*III*

Era noite, e Lambert coordenava o pequeno avião a manobrar para dentro da vila. Podia-se ver uma pista de pouso improvisada, com estacas em chamas coordenando um caminho reto e batido no meio do barro seco. Abbot coordenava com o piloto todas as escalas que ele teria de fazer na volta, enquanto outros dois homens tiravam um container de metal com um visor de vidro verde da parte de trás da aeronave. A lado de cinco *sangomas*, todos em vestimentas vermelhas e grandes argolas douradas em suas orelhas, Obasi preparava a fogueira. Gordo e negro como carvão, usava um traje branco glorioso *Egungun*. Seus olhos olhavam e liam as chamas, enquanto os outros jovens cantavam baixinho.

“Abbot.” disse Obasi sem tirar os olhos da fogueira.

“Espero que tenha se preparado.” falou Lambert.

“Oh, estes rituais são mínimos.” disse Obasi

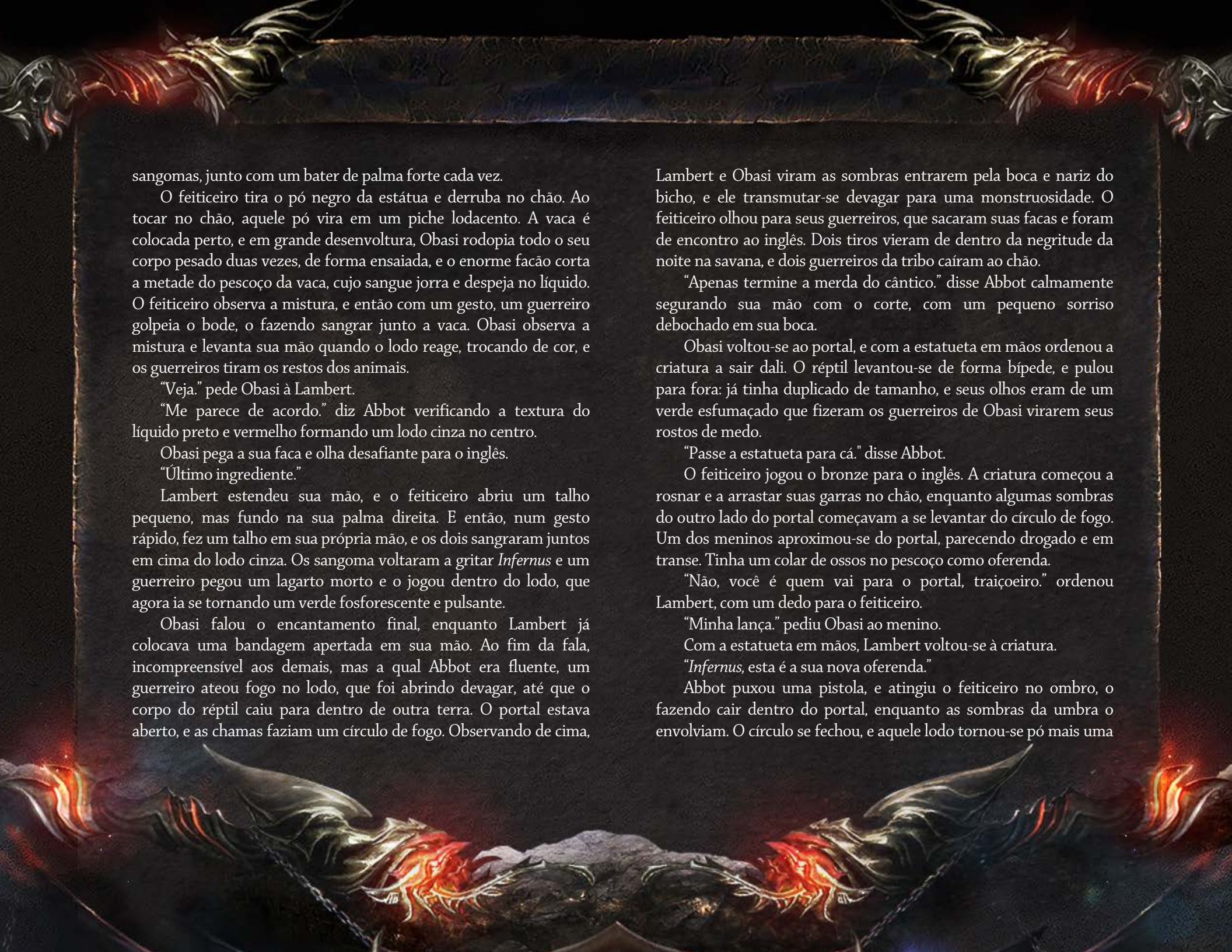
“E muito traiçoeiros.” completou Abbot.

Obasi fitava Lambert agora, cantando a mesma cantiga de seus discípulos. No meio da noite, e na penumbra da fogueira, seus olhos e dentes eram de uma brancura quase espectral. Lambert podia ver que ele já estavam nos ritos finais de encantamento, pois os pés dos meninos nas cantorias mal tocavam o chão. A cabra e a vaca foram trazidas ali perto. Obasi levantou um facão a altura de seus olhos, e os reflexos das chamas no fio do metal iam até o seu rosto.

“Os antigos não criavam muitos empecilhos às travessias.” falou o feiticeiro, com a estatueta em mãos.

“*Infernus. Infernus. Infernus.*” repetiram em uníssono os





sangomas, junto com um bater de palma forte cada vez.

O feiticeiro tira o pó negro da estátua e derruba no chão. Ao tocar no chão, aquele pó vira em um piche lodacento. A vaca é colocada perto, e em grande desenvoltura, Obasi rodopia todo o seu corpo pesado duas vezes, de forma ensaiada, e o enorme facão corta a metade do pescoço da vaca, cujo sangue jorra e despeja no líquido. O feiticeiro observa a mistura, e então com um gesto, um guerreiro golpeia o bode, o fazendo sangrar junto a vaca. Obasi observa a mistura e levanta sua mão quando o lodo reage, trocando de cor, e os guerreiros tiram os restos dos animais.

“Veja.” pede Obasi à Lambert.

“Me parece de acordo.” diz Abbot verificando a textura do líquido preto e vermelho formando um lodo cinza no centro.

Obasi pega a sua faca e olha desafiante para o inglês.

“Último ingrediente.”

Lambert estendeu sua mão, e o feiticeiro abriu um talho pequeno, mas fundo na sua palma direita. E então, num gesto rápido, fez um talho em sua própria mão, e os dois sangraram juntos em cima do lodo cinza. Os sangoma voltaram a gritar *Infernus* e um guerreiro pegou um lagarto morto e o jogou dentro do lodo, que agora ia se tornando um verde fosforescente e pulsante.

Obasi falou o encantamento final, enquanto Lambert já colocava uma bandagem apertada em sua mão. Ao fim da fala, incompreensível aos demais, mas a qual Abbot era fluente, um guerreiro ateou fogo no lodo, que foi abrindo devagar, até que o corpo do réptil caiu para dentro de outra terra. O portal estava aberto, e as chamas faziam um círculo de fogo. Observando de cima,

Lambert e Obasi viram as sombras entrarem pela boca e nariz do bicho, e ele transmutar-se devagar para uma monstruosidade. O feiticeiro olhou para seus guerreiros, que sacaram suas facas e foram de encontro ao inglês. Dois tiros vieram de dentro da negritude da noite na savana, e dois guerreiros da tribo caíram ao chão.

“Apenas termine a merda do cântico.” disse Abbot calmamente segurando sua mão com o corte, com um pequeno sorriso debochado em sua boca.

Obasi voltou-se ao portal, e com a estatueta em mãos ordenou a criatura a sair dali. O réptil levantou-se de forma bípede, e pulou para fora: já tinha duplicado de tamanho, e seus olhos eram de um verde esfumado que fizeram os guerreiros de Obasi virarem seus rostos de medo.

“Passe a estatueta para cá.” disse Abbot.

O feiticeiro jogou o bronze para o inglês. A criatura começou a rosnar e a arrastar suas garras no chão, enquanto algumas sombras do outro lado do portal começavam a se levantar do círculo de fogo. Um dos meninos aproximou-se do portal, parecendo drogado e em transe. Tinha um colar de ossos no pescoço como oferenda.

“Não, você é quem vai para o portal, traidor.” ordenou Lambert, com um dedo para o feiticeiro.

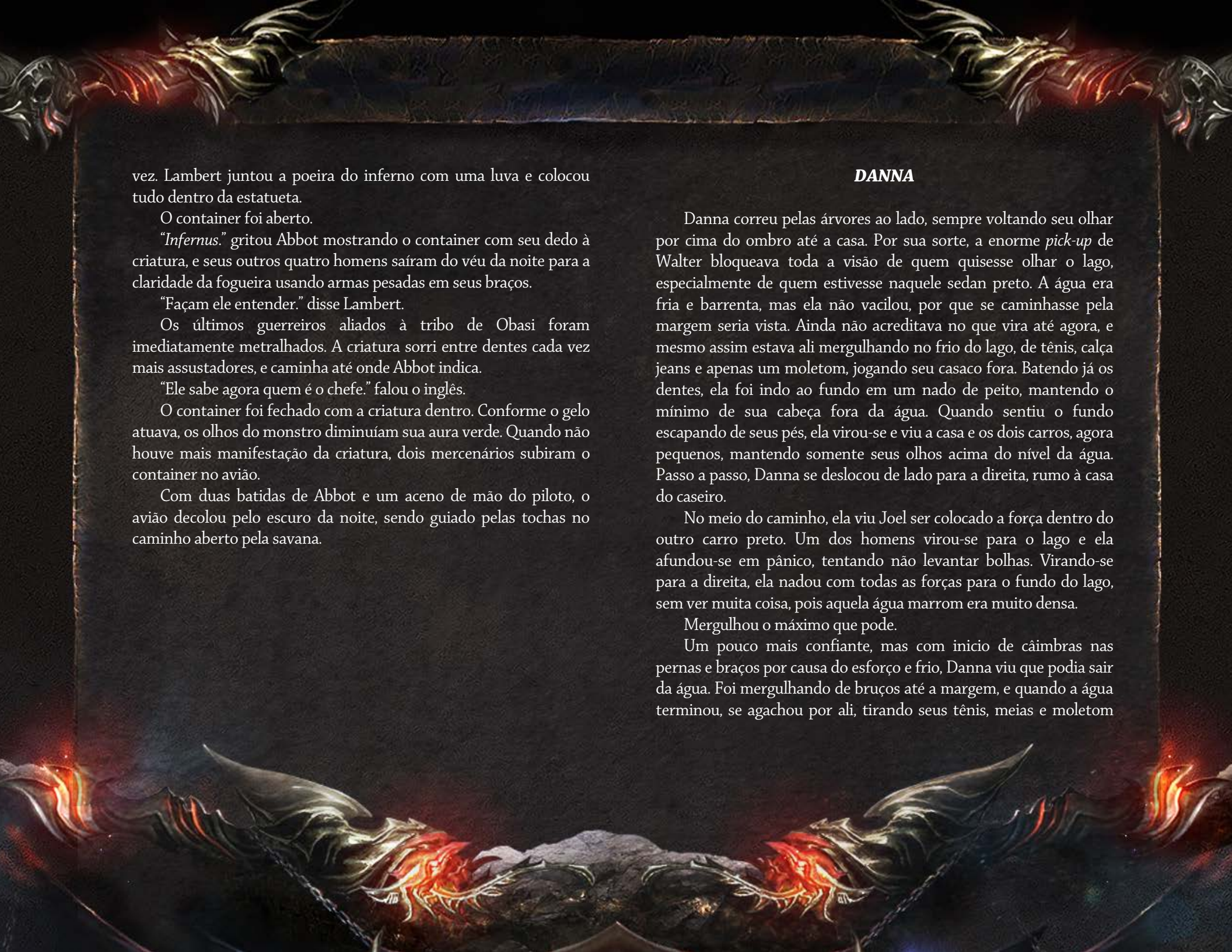
“Minha lança.” pediu Obasi ao menino.

Com a estatueta em mãos, Lambert voltou-se à criatura.

“*Infernus*, esta é a sua nova oferenda.”

Abbot puxou uma pistola, e atingiu o feiticeiro no ombro, o fazendo cair dentro do portal, enquanto as sombras da umbra o envolviam. O círculo se fechou, e aquele lodo tornou-se pó mais uma





vez. Lambert juntou a poeira do inferno com uma luva e colocou tudo dentro da estatueta.

O container foi aberto.

“*Infernus*.” gritou Abbot mostrando o container com seu dedo à criatura, e seus outros quatro homens saíram do véu da noite para a claridade da fogueira usando armas pesadas em seus braços.

“Façam ele entender.” disse Lambert.

Os últimos guerreiros aliados à tribo de Obasi foram imediatamente metralhados. A criatura sorri entre dentes cada vez mais assustadores, e caminha até onde Abbot indica.

“Ele sabe agora quem é o chefe.” falou o inglês.

O container foi fechado com a criatura dentro. Conforme o gelo atuava, os olhos do monstro diminuía sua aura verde. Quando não houve mais manifestação da criatura, dois mercenários subiram o container no avião.

Com duas batidas de Abbot e um aceno de mão do piloto, o avião decolou pelo escuro da noite, sendo guiado pelas tochas no caminho aberto pela savana.

## DANNA

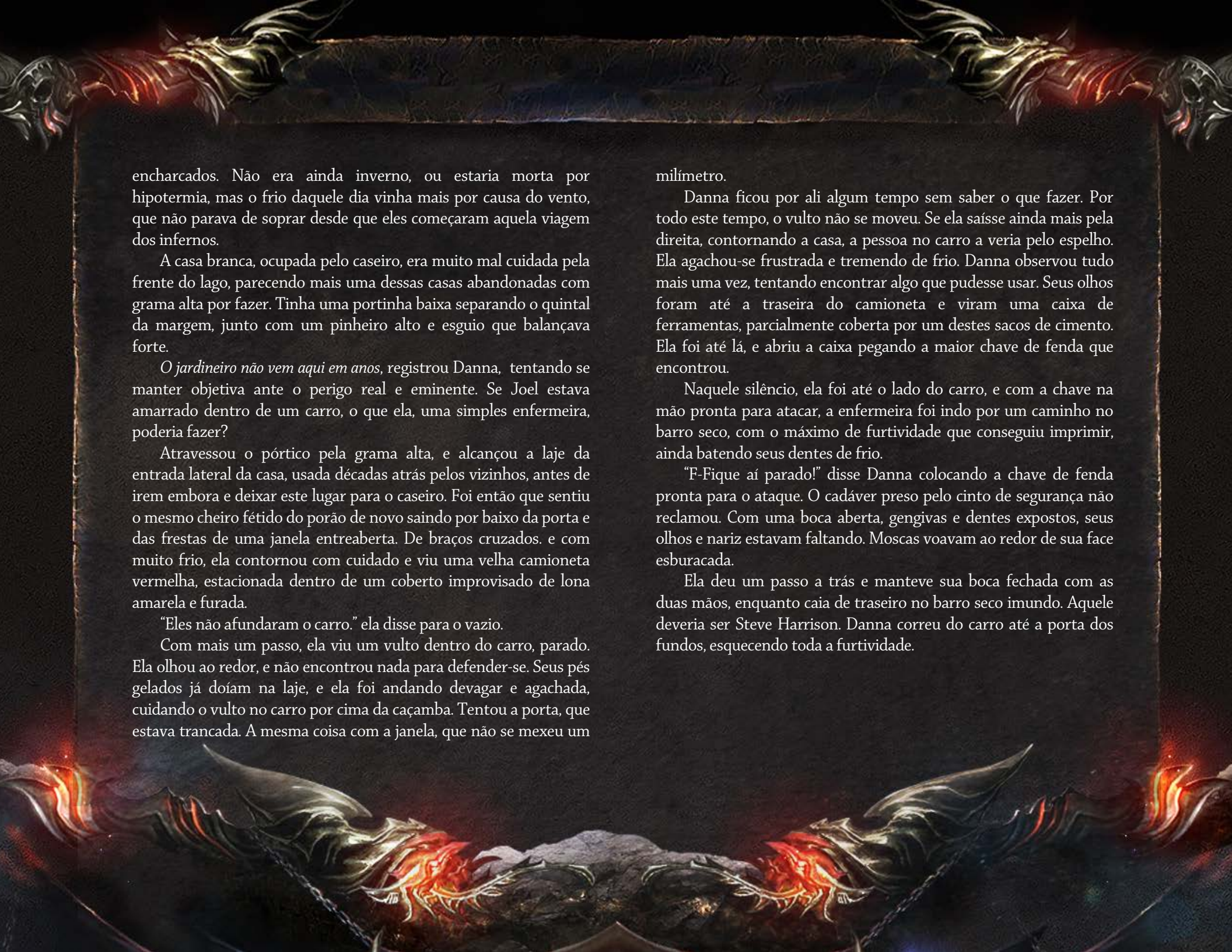
Danna correu pelas árvores ao lado, sempre voltando seu olhar por cima do ombro até a casa. Por sua sorte, a enorme *pick-up* de Walter bloqueava toda a visão de quem quisesse olhar o lago, especialmente de quem estivesse naquele sedan preto. A água era fria e barrenta, mas ela não vacilou, por que se caminhasse pela margem seria vista. Ainda não acreditava no que vira até agora, e mesmo assim estava ali mergulhando no frio do lago, de tênis, calça jeans e apenas um moletom, jogando seu casaco fora. Batendo já os dentes, ela foi indo ao fundo em um nado de peito, mantendo o mínimo de sua cabeça fora da água. Quando sentiu o fundo escapando de seus pés, ela virou-se e viu a casa e os dois carros, agora pequenos, mantendo somente seus olhos acima do nível da água. Passo a passo, Danna se deslocou de lado para a direita, rumo à casa do caseiro.

No meio do caminho, ela viu Joel ser colocado a força dentro do outro carro preto. Um dos homens virou-se para o lago e ela afundou-se em pânico, tentando não levantar bolhas. Virando-se para a direita, ela nadou com todas as forças para o fundo do lago, sem ver muita coisa, pois aquela água marrom era muito densa.

Mergulhou o máximo que pode.

Um pouco mais confiante, mas com início de câimbras nas pernas e braços por causa do esforço e frio, Danna viu que podia sair da água. Foi mergulhando de bruços até a margem, e quando a água terminou, se agachou por ali, tirando seus tênis, meias e moletom





encharcados. Não era ainda inverno, ou estaria morta por hipotermia, mas o frio daquele dia vinha mais por causa do vento, que não parava de soprar desde que eles começaram aquela viagem dos infernos.

A casa branca, ocupada pelo caseiro, era muito mal cuidada pela frente do lago, parecendo mais uma dessas casas abandonadas com grama alta por fazer. Tinha uma portinha baixa separando o quintal da margem, junto com um pinheiro alto e esguio que balançava forte.

*O jardineiro não vem aqui em anos*, registrou Danna, tentando se manter objetiva ante o perigo real e eminente. Se Joel estava amarrado dentro de um carro, o que ela, uma simples enfermeira, poderia fazer?

Atravessou o pórtico pela grama alta, e alcançou a laje da entrada lateral da casa, usada décadas atrás pelos vizinhos, antes de irem embora e deixar este lugar para o caseiro. Foi então que sentiu o mesmo cheiro fétido do porão de novo saindo por baixo da porta e das frestas de uma janela entreaberta. De braços cruzados, e com muito frio, ela contornou com cuidado e viu uma velha camioneta vermelha, estacionada dentro de um coberto improvisado de lona amarela e furada.

“Eles não afundaram o carro.” ela disse para o vazio.

Com mais um passo, ela viu um vulto dentro do carro, parado. Ela olhou ao redor, e não encontrou nada para defender-se. Seus pés gelados já doíam na laje, e ela foi andando devagar e agachada, cuidando o vulto no carro por cima da caçamba. Tentou a porta, que estava trancada. A mesma coisa com a janela, que não se mexeu um

milímetro.


Danna ficou por ali algum tempo sem saber o que fazer. Por todo este tempo, o vulto não se moveu. Se ela saísse ainda mais pela direita, contornando a casa, a pessoa no carro a veria pelo espelho. Ela agachou-se frustrada e tremendo de frio. Danna observou tudo mais uma vez, tentando encontrar algo que pudesse usar. Seus olhos foram até a traseira do camioneta e viram uma caixa de ferramentas, parcialmente coberta por um destes sacos de cimento. Ela foi até lá, e abriu a caixa pegando a maior chave de fenda que encontrou.

Naquele silêncio, ela foi até o lado do carro, e com a chave na mão pronta para atacar, a enfermeira foi indo por um caminho no barro seco, com o máximo de furtividade que conseguiu imprimir, ainda batendo seus dentes de frio.


“F-Fique aí parado!” disse Danna colocando a chave de fenda pronta para o ataque. O cadáver preso pelo cinto de segurança não reclamou. Com uma boca aberta, gengivas e dentes expostos, seus olhos e nariz estavam faltando. Moscas voavam ao redor de sua face esburacada.

Ela deu um passo a trás e manteve sua boca fechada com as duas mãos, enquanto caía de traseiro no barro seco imundo. Aquele deveria ser Steve Harrison. Danna correu do carro até a porta dos fundos, esquecendo toda a furtividade.





Ela tentou, em vão, a caixa de ferramentas na porta. A mão tremia de medo, o corpo inteiro vibrava de frio. Não conseguiria abrir aquela fechadura de jeito nenhum, e sabia que não tinha a tarde inteira. Precisava entrar naquela casa, tentar se secar. Ela sabia o que fazer, mas sua mente se negava a chegar naquela conclusão: Steve *podia* ter as chaves da casa, mas antes ela teria de revirá-lo, o que lhe causava arrepios só de imaginar. Ela levou suas duas mãos na cabeça, e pediu ajuda enquanto ouvia o lamurio monótono do vento assobiando nas folhas dos pinheiros ao redor da casa.



Danna estava a olhar a ruína da cara de Steve, ou a nova moradia de dezenas de moscas. Abriu a porta do carro. O cheiro era impossível, e ela segurou a respiração. O cinto segurava o corpo no lugar, e ela já tinha um pano rasgado de sua blusa no nariz, observando se ele tinha uma chave.

Não foi o caso.

“Merda!”

Ela contornou o carro, e entrou pelo outro lado. Olhou por tudo, no porta luvas, no chão e não encontrou nenhum molho de chaves. Danna pegou a chave de fenda e empurrou o cadáver. Era como madeira fraca e podre. Forçou mais uma vez e ouviu o barulho de chaves perto do bolso da calça.

Tocou nos bolsos de Harrison (usando a chave) e descobriu algo

metálico. Com toda a força de vontade que tinha, ela puxou o molho de chaves por ali, tentando não encostar no cadáver.

De volta à porta, descobriu a chave certa na quinta tentativa, tremendo sem parar pelo que fizera até então. A porta abriu, e ela viu uma sala de estar onde outros oito cadáveres estavam sentados nos sofás, olhando com buracos nos olhos em bocas rasgadas e escancaradas até ela.


O grito alto e agudo veio incontrollável, sendo segurado apenas com as duas mãos em sua boca. Após uns momentos de estupefação, ela não conseguiu segurar-se, caindo ao chão com as pernas bambas.

No meio da sala, um machado e uma tora de madeira avermelhada eram o destaque. Danna correu, evitando o toque em qualquer coisa, e trancou-se no banheiro, lavando seu rosto sujo, chorando sem parar.

Depois de alguns segundos tentando em vão assimilar o que vira sem sucesso, Danna secou-se com a primeira toalha que achou. Agachou-se no banheiro, tentando se esquentar.

*O que aconteceu neste lugar!*

Pensou nos filhos, que estavam a salvo na cidade e em seu marido, a poucos metros dali, preso no outro carro, precisando dela imediatamente.



O capitão abriu a porta da casa, tentando o carro de Walter. Joel chegou a abrir a porta da *pick-up*, mas um deles o segurou e o jogou



ao chão. Ele levantou-se, mas a arma do segundo homem, em sua tâmara, o convenceu a desistir. Da frente do veículo preto, Abbot Lambert abre sua porta. Ele pede para que os outros baixem as armas e se afastem.

“Quem são vocês?” perguntou Joel, imperativo.

Lambert sinaliza para ele se levantar.

“Melhor apagar ele.” disse um dos seguranças.

“O que vocês vieram fazer aqui?” perguntou Joel.

Um silêncio constrangedor passou lentamente, enquanto Abbot observava Joel com curiosidade.

“Quantos mortos?” perguntou o inglês impaciente.

“Eu não...”

“Vamos lá, não vamos perder tempo. Quantos mortos você viu?”

Joel pensou na cova enorme. Aquele homem falava com certeza sobre o que Finn mais tinha medo. O capitão fechou sua mão em raiva. Lambert indicou aos seguranças com um aceno, e eles colocaram Finn dentro do carro, junto com alguns socos e empurrões.

Com uma chave, enfim trancaram-no no carro.

“Interrogaremos ele depois. Vocês queriam ação, certo?” disse Abbot, mostrando a porta.

*Joel*

Danna correu até o carro preto. Ela colocou suas mãos no vidro, e Finn tocou seu lado com sua mão direita, não escondendo a emoção de vê-la a salvo.

“Vou te tirar daí.” disse ela.

Joel olhou ela voltar até a casa de Woods. Após alguns minutos, ela trazia um machado nas mãos. Danna gingou-o com força, arrebatando o vidro na terceira tentativa.

Antes de puxar-se para fora, ele viu sangue velho e seco na lâmina.

*Isto é evidência!* pensou Joel.

Danna ajudou-o a sair pelo buraco na porta. Ela estava fria por todo o seu corpo, e a notar isso, Joel a abraçou, lhe dando seu casaco prontamente.

“Você não tem idéia do que vi.” disse ela em prantos.

“Quantos corpos?” disse Joel, repetindo inconscientemente o que o outro perguntara.

“Muitos. Harold estava cortando eles em pedaços. Um outro cara estava lá, achei o carro dele. Morto também. Meu Deus, ele tira os olhos deles, é horrível!” chorou Danna.

“Eles me prenderam aqui e entraram na casa.” falou Joel.

“Vamos embora dessa loucura!” pediu Danna.

“Danna, eu.. eu simplesmente não posso.”

“O quê?” respondeu Danna soltando-o do abraço.

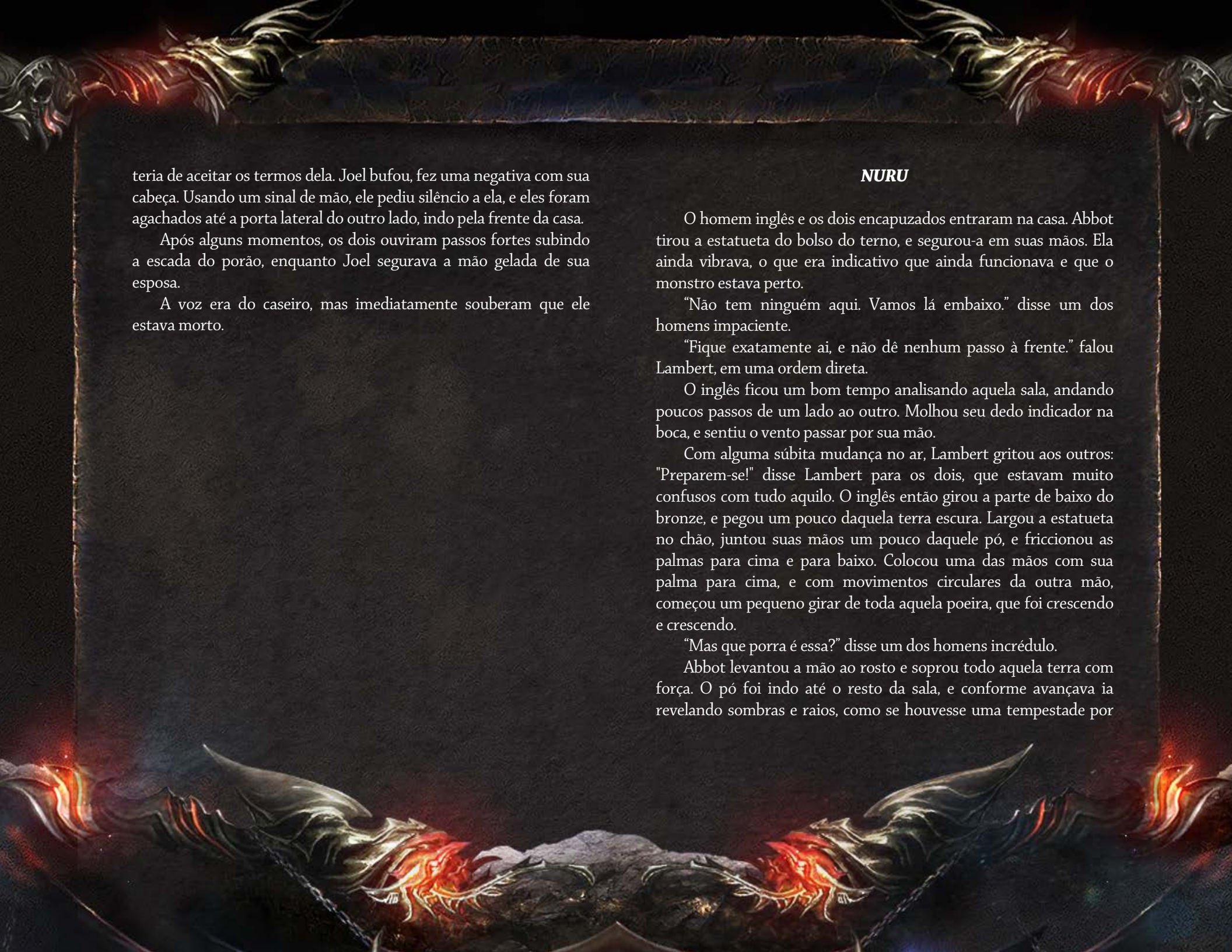
“E-Eu.. eu tenho de resolver isso pessoalmente, eu não acredito em nada que vi até agora, embora tenham evidências sobrando.”

“Joel, eu não estou te entendendo.”

“Não precisa, apenas pegue o carro e busque a polícia.”

Eles ouviram um tiro estrondoso dentro da casa. Joel correu pelo outro lado da casa segurando o machado, e Danna foi atrás. Com apenas um olhar, ele sabia que sua esposa não iria embora, e ele





teria de aceitar os termos dela. Joel bufou, fez uma negativa com sua cabeça. Usando um sinal de mão, ele pediu silêncio a ela, e eles foram agachados até a porta lateral do outro lado, indo pela frente da casa.

Após alguns momentos, os dois ouviram passos fortes subindo a escada do porão, enquanto Joel segurava a mão gelada de sua esposa.

A voz era do caseiro, mas imediatamente souberam que ele estava morto.

## NURU

O homem inglês e os dois encapuzados entraram na casa. Abbot tirou a estatueta do bolso do terno, e segurou-a em suas mãos. Ela ainda vibrava, o que era indicativo que ainda funcionava e que o monstro estava perto.

“Não tem ninguém aqui. Vamos lá embaixo.” disse um dos homens impaciente.

“Fique exatamente ai, e não dê nenhum passo à frente.” falou Lambert, em uma ordem direta.

O inglês ficou um bom tempo analisando aquela sala, andando poucos passos de um lado ao outro. Molhou seu dedo indicador na boca, e sentiu o vento passar por sua mão.

Com alguma súbita mudança no ar, Lambert gritou aos outros: “Preparem-se!” disse Lambert para os dois, que estavam muito confusos com tudo aquilo. O inglês então girou a parte de baixo do bronze, e pegou um pouco daquela terra escura. Largou a estatueta no chão, juntou suas mãos um pouco daquele pó, e friccionou as palmas para cima e para baixo. Colocou uma das mãos com sua palma para cima, e com movimentos circulares da outra mão, começou um pequeno girar de toda aquela poeira, que foi crescendo e crescendo.

“Mas que porra é essa?” disse um dos homens incrédulo.

Abbot levantou a mão ao rosto e soprou todo aquela terra com força. O pó foi indo até o resto da sala, e conforme avançava ia revelando sombras e raios, como se houvesse uma tempestade por



ali. Aos poucos revelou uma enorme monstruosidade arqueada ali, com múltiplos olhos de serpente espalhados no ventre.

Deveria ter no mínimo três metros.

Um dos seguranças (que carregava apenas uma pistola), levou suas mãos à cabeça, riu um pouco e caiu no chão desacordado, com uma careta de terror fixada em sua face.

Abbot esboçou uma negativa com sua cabeça. O outro segurança deu um passo para trás, e depois gritou e atirou na criatura com sua arma. Seu disparo acertou um dos braços do monstro, mas era como acertar em uma rocha. A criatura retirou um espinho de seu outro braço, e o lançou brutalmente, acertando-o direto entre os olhos, atravessando-o pela cabeça numa morte instantânea.

Lambert manteve seus olhos na criatura, mas com a estatueta vibrando em suas mãos.

“Você esteve ocupado, *Infernus*.” disse Abbot.

A entidade envolta na tempestade mexia sua enorme cabeça reptiliana, olhando para a estátua de bronze como um leão olhasse para chicote.

“Arranje uma comunicação para nós.” ordenou o inglês.

A criatura abriu sua boca, e um besouro fosforescente verde saiu de lá, e passou pela sala, indo direto ao porão. Lambert começou a temer: tudo saíra muito rápido de seu controle. Passos fortes na escada fizeram o inglês dar dois passos para a sua direita, evitando os restos encefálicos de seu guarda costas.

Joel já estava na porta lateral aberta, e ele e Abbot trocaram-se olhares. O capitão ainda não conseguia ver nada além do inglês e dos

dois corpos ao chão. Foi então que o caseiro terminou de subir a escada, e ele brilhava um verde dos buracos que a poucos minutos tinham sido seus olhos. O velho virou-se para Abbot, e sua voz fez Joel e Danna recuarem para trás horrorizados.

“*Trapaceiro*.” disse o monstro pelo caseiro.

“Posso ver que completou sua evolução.” disse o inglês.

“*Nosso vínculo de sangue me obriga a responder temporariamente suas questões tolas e desprezíveis.*”

“Exatamente.”

“*Você não é feiticeiro, guerreiro, tampouco iluminado ou amaldiçoado. Detesto trapaceiros, trabalhando a favor e contra a legião, conforme sua hubris patética.*”

“Temos um contrato. Honramos todas as condições. No entanto, você agiu sem meu consentimento. Você está quebrando as regras de equilíbrio.”

“*Até mesmo um trapaceiro como você deveria saber que um blungu tem termos colaterais dos dois lados da Umbra.*”

Abbot silencia-se. A estatueta treme e depois fica inerte em suas mãos. O inglês rapidamente larga o objeto de bronze no chão.

“*Minha cota foi preenchida e o outro lado foi correspondido. Você sabe o que acontece depois, não?*”

Lambert se agacha rápido no chão, abre o *blungu* de bronze e desenha um círculo de proteção com *glyphos* naquela terra *Infernus* espalhada. Ele se levanta, tira um frasco de seu pescoço e espalha o líquido do frasco em sua face. A criatura se move, e em dois passos largos, pega um dos guarda-costas desacordado do chão pelas pernas e o puxa de frente. Com uma garra, abre-o como um peixe de cima a



abaixo, depois o vira e pisa em cima, com um barulho de quebrar ossos. Daquele corpo esmagado, sangue se espalha pelo chão, criando outro círculo de fogo.

Woods começa a falar uma língua diferente, e a fumaça negra tempestuosa envolta da criatura faz ventar por tudo ao redor. De onde Abbot está, seu campo de força transparente o protege de pedaços de concreto que vão quebrando e se desprendendo do chão com violência sobrenatural. De dentro do círculo feito pela criatura, o sangue entra em chamas, formando uma passagem de fogo.

Por um momento, nada acontece. E então um homem negro pula de dentro do portal, alto e forte, usando somente os restos mortais de outra monstruosidade de três chifres por cima de sua cabeça, descendo até suas costas com uma coluna vertebral de ossos. Ele cai ao lado esquerdo da criatura segurando sua lança longa, e agradece ao monstro com um leve aceno de cabeça, que é recebido com um rosnado forte.

O homem se vira para o inglês, e sua face era de pura raiva.

“Obasi.” disse Lambert, um pouco confuso e surpreso.

“Me chame de Nuru agora.” veio a voz sobrenatural do outro.

O buraco no chão se fecha, e o círculo de fogo se desfaz. O feiticeiro bate a sua lança três vezes ao chão, e a ponta suga os raios da tempestade ao redor da criatura, e se energiza. Abbot faz três talhos em seu braço e joga um pouco de seu sangue no chão, o que faz aumentar ainda mais seu campo de força. Nuru ergue sua lança e faz um lançamento perfeito, usando toda a força de seus braços e pernas. A lança rompe o escudo e empala Abbot na parede, atravessando direto seu peito, fazendo o inglês perder um de seus

sapatos no caminho, tamanha força empregada.

Enquanto Lambert cospe sangue e se segura na própria lança, Nuru calmamente vai até ele, e o olha de perto, falando baixinho para ele: “Sem você não poderia completar minha evolução.” falou calmamente o feiticeiro. “Obrigado.”

Lambert treme em um último lampejo de raiva, e então se aquieta numa morte rápida. Nuru se aproxima, e sua boca aumenta de tamanho, mostrando dentes enormes. O feiticeiro abocanha um pedaço da cabeça do outro. Com suas mãos, ele quebra o resto do crânio e arranca parte do cérebro do inglês, mastigando e engolindo-o. Joel acompanhou tudo de onde estava e então vê o homem negro se contorcer de dor, e gritar caindo ao chão. O capitão observa sua face se quebrar por dentro, sua pele clarear, e todos os seus ossos se encolherem e se posicionarem em outros lugares.

No final, até o cabelo fica da mesma cor do homem inglês.

“N-não é possível!” diz Joel estupefato.

“O que está acontecendo?” pergunta Danna ao seu lado.

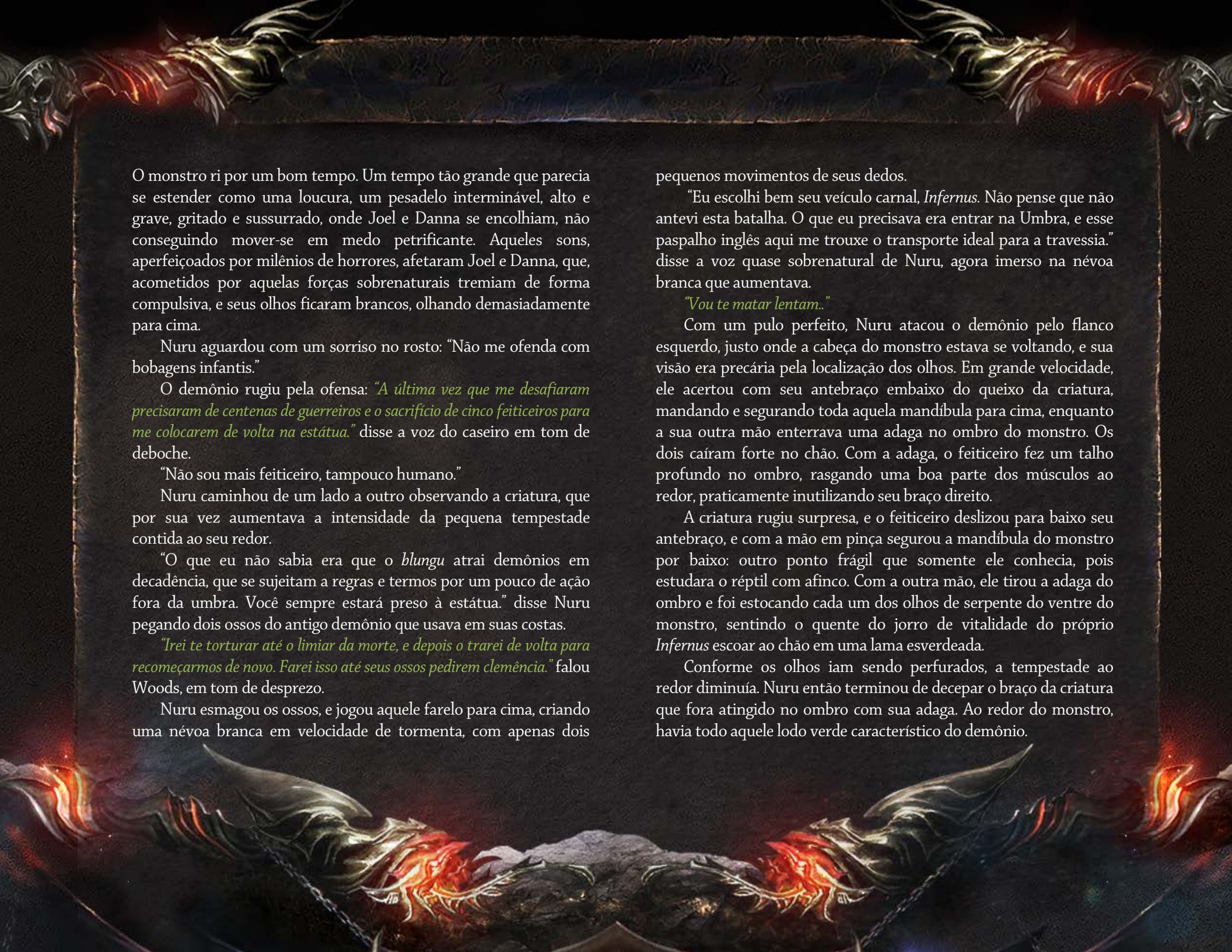
“Acho que t-temos de fugir. Imediatamente!” disse o capitão apavorado, mas sem conseguir se mover, paralisado de medo.

*✍*

Dentro da sala, Nuru, com o aspecto já completamente transfigurado para o corpo do inglês, retira o resto da roupa de Lambert e se veste. Ele retira também sua lança da parede, chuta o corpo nu do inglês e vira-se contra o demônio serpente.

Sem muitas cerimônias, Nuru bate sua lança três vezes ao chão.





O monstro ri por um bom tempo. Um tempo tão grande que parecia se estender como uma loucura, um pesadelo interminável, alto e grave, gritado e sussurrado, onde Joel e Danna se encolhiam, não conseguindo mover-se em medo petrificante. Aqueles sons, aperfeiçoados por milênios de horrores, afetaram Joel e Danna, que, acometidos por aquelas forças sobrenaturais tremiam de forma compulsiva, e seus olhos ficaram brancos, olhando demasiadamente para cima.

Nuru aguardou com um sorriso no rosto: “Não me ofenda com bobagens infantis.”

O demônio rugiu pela ofensa: *“A última vez que me desafiaram precisaram de centenas de guerreiros e o sacrifício de cinco feiticeiros para me colocarem de volta na estátua.”* disse a voz do caseiro em tom de deboche.

“Não sou mais feiticeiro, tampouco humano.”

Nuru caminhou de um lado a outro observando a criatura, que por sua vez aumentava a intensidade da pequena tempestade contida ao seu redor.

“O que eu não sabia era que o *blungu* atrai demônios em decadência, que se sujeitam a regras e termos por um pouco de ação fora da umbra. Você sempre estará preso à estátua.” disse Nuru pegando dois ossos do antigo demônio que usava em suas costas.

*“Irei te torturar até o limiar da morte, e depois o trarei de volta para recomencarmos de novo. Farei isso até seus ossos pedirem clemência.”* falou Woods, em tom de desprezo.

Nuru esmagou os ossos, e jogou aquele farelo para cima, criando uma névoa branca em velocidade de tormenta, com apenas dois

pequenos movimentos de seus dedos.

“Eu escolhi bem seu veículo carnal, *Infernus*. Não pense que não antevi esta batalha. O que eu precisava era entrar na Umbra, e esse paspalho inglês aqui me trouxe o transporte ideal para a travessia.” disse a voz quase sobrenatural de Nuru, agora imerso na névoa branca que aumentava.

*“Vou te matar lentamente...”*

Com um pulo perfeito, Nuru atacou o demônio pelo flanco esquerdo, justo onde a cabeça do monstro estava se voltando, e sua visão era precária pela localização dos olhos. Em grande velocidade, ele acertou com seu antebraço embaixo do queixo da criatura, mandando e segurando toda aquela mandíbula para cima, enquanto a sua outra mão enterrava uma adaga no ombro do monstro. Os dois caíram forte no chão. Com a adaga, o feiticeiro fez um talho profundo no ombro, rasgando uma boa parte dos músculos ao redor, praticamente inutilizando seu braço direito.

A criatura rugiu surpresa, e o feiticeiro deslizou para baixo seu antebraço, e com a mão em pinça segurou a mandíbula do monstro por baixo: outro ponto frágil que somente ele conhecia, pois estudara o réptil com afinco. Com a outra mão, ele tirou a adaga do ombro e foi estocando cada um dos olhos de serpente do ventre do monstro, sentindo o quente do jorro de vitalidade do próprio *Infernus* escoar ao chão em uma lama esverdeada.

Conforme os olhos iam sendo perfurados, a tempestade ao redor diminuía. Nuru então terminou de decepar o braço da criatura que fora atingido no ombro com sua adaga. Ao redor do monstro, havia todo aquele lodo verde característico do demônio.



Houve um grande silêncio, onde a criatura mal rosnava, perante todos os ferimentos que o feiticeiro fizera em tão pouco tempo.

Nuru levantou-se um pouco ofegante, sujo daquela viscosidade ao redor de si. Ele olhou para trás e gritou: “Vocês dois, entrem agora!”

Joel e Danna ainda não conseguiam se mover. Nuru fechou e abriu sua mão, e aquele encantamento de terror parou, derrubando os dois no chão. O capitão segurou a mão fria de sua esposa, e ele entrou dentro da sala, que não tinha mais móveis, e sim corpos dilacerados, sangue e um demônio do inferno agonizando no chão.

“Você veio para me matar?” disse o feiticeiro em desdém para Joel.

O monstro se debateu e Nuru voltou sua atenção à ele. Após alguns momentos de indecisão de Joel, Danna começou uma corrida até a porta, em gritos histéricos. Nuru retirou a adaga do ombro do monstro, transformou-a em lança apenas com um pensamento, e com um gesto tão rápido (que mais pareceu mais um borrão aos olhos do capitão) a lança agora prendia Danna na parede, na altura de sua clavícula, como mais um dos bichos de exibição da casa.

Joel levantou o machado à Nuru, e outro sorriu enquanto Danna gritava de dor sem parar.

“Não ofenda meus ancestrais.” disse Nuru.

O feiticeiro indicou o machado e a criatura à Joel.

“Esta será sua humilhação final, *Infernus*. Morto por um simples mortal.”

Joel, que voltava sua visão a todo momento entre sua esposa, o feiticeiro e o monstro, demonstrava não saber o que deveria fazer.

*Ele vai nos matar logo em seguida!* pensou Joel.

Alguns momentos passaram, e a até a própria criatura ficou em silêncio. Nuru observou a situação: “Por que você não faz o que eu peço?” disse ele em meio aos gritos de Danna.

Intrigado, o feiticeiro caminhou até a moça, que começou a suplicar por ajuda.

“Pare, por favor. Somos inocentes!” pediu Danna.

Com uma de suas unhas, Nuru fez um corte na barriga dela, e o sangue correu forte ao chão.

“Não!” gritou Joel.

A criatura ao lado guinchou, e o feiticeiro falou à Joel: “Ele tem ainda força para se reconstruir. Mate-o ou ele vai matar você. Você não tem muito tempo.”

O caseiro se arrastou um pouco para frente.

*“Nos veremos... mais uma vez... na Umbra.”* disse Woods caído ao chão, apenas um ífimo de brilho em seus olhos.

O feiticeiro ri, e sai pela porta. Após um breve momento ouve-se a ignição do carro e depois o silêncio completo, exceto pelos gritos cada vez mais diminutos de Danna.

*Joel*

De machado erguido, Joel olhava a monstruosidade em sua frente, com dezenas de furos e sem um braço, numa poça verde de fluidos estranhos, que provavelmente vinham do inferno.

*Ele ainda tem força para se reconstruir,* lembrou-se Joel.

Joel Finn tinha agora todas as peças do quebra-cabeça em sua



mente. Dana perdera muito sangue, e quase não tinha mais forças nem para gritar. Pelo que vira, a extensão de seus ferimentos era quase fatal; nem se paramédicos estivessem aqui ela teria alguma chance. O capitão apertava o cabo do machado com força. O bicho tinha o pescoço aberto, e provavelmente ele seria capaz de ir até o fim, de cortar a cabeça do demônio.

Seria esta a escolha certa?

*Por que Danna tinha de pagar por tudo isso!*

O monstro então parou de gemer. Lentamente os furos na barriga foram se encolhendo. Foi neste momento chave então que Joel entendeu tudo e tomou sua decisão.

"P-Pare! Quero propor um acordo!" gritou Joel.

*"Suma da minha frente escória mortal."* disse Woods, deitado ao chão.

"Não, eu fiz a minha escolha. Ouça meus termos!"

*"Mortais não conduzem negociações..."*

"Você está ainda condenado à estatua. Se eu te matar, ficará preso talvez para sempre lá. O que é necessário para quebrar o vínculo?"

Houve um silêncio e a voz da criatura ficou mais interessada: *"O que você quer?"*

"Que você salve ela. Você ainda pode!"

*"O blungu precisa ser quebrado do lado da umbra por um mortal. Pegue o resto de terra da estatueta e derrube aqui ao meu lado. Teremos de atravessar ao mesmo tempo e você terá de destruir o altar."*

"Cumpra sua parte primeiro!" gritou Joel colocando a lâmina do machado no maxilar do monstro.

Harold Woods levantou-se desajeitado, e foi até Danna, retirando-a da parede. Os dois então ficaram caídos, lado a lado no chão. O verme saiu da boca do caseiro e voou até cada um dos ferimentos de Danna, derrubando uma seiva verde, fechando-os rápido. O monstro cuspiu mais um pouco de seu sangue, exausto na frente de Joel.

O verme voltou à boca de Woods e ele voltou a falar: *"Esta feito. Traga a terra aqui."*

Joel largou o machado e correu até a estatueta, que tinha um pouco menos de um punhado de terra, misturado com as figuras que Lambert desenhara no chão. O capitão juntou tudo dentro da estatueta, e foi ver Danna, que lhe parecia a salvo, mas estava desacordada.

"Danna, acorde!" gritou Joel, lhe sacudindo.

*"Eu não tive como buscar sua consciência. Ela se esconde em terror. Esta mulher ainda vai viver muitas décadas, porém não há como dizer se voltará do choque."*

"Precisa haver um jeito de ela acordar!" disse Finn, desesperado.

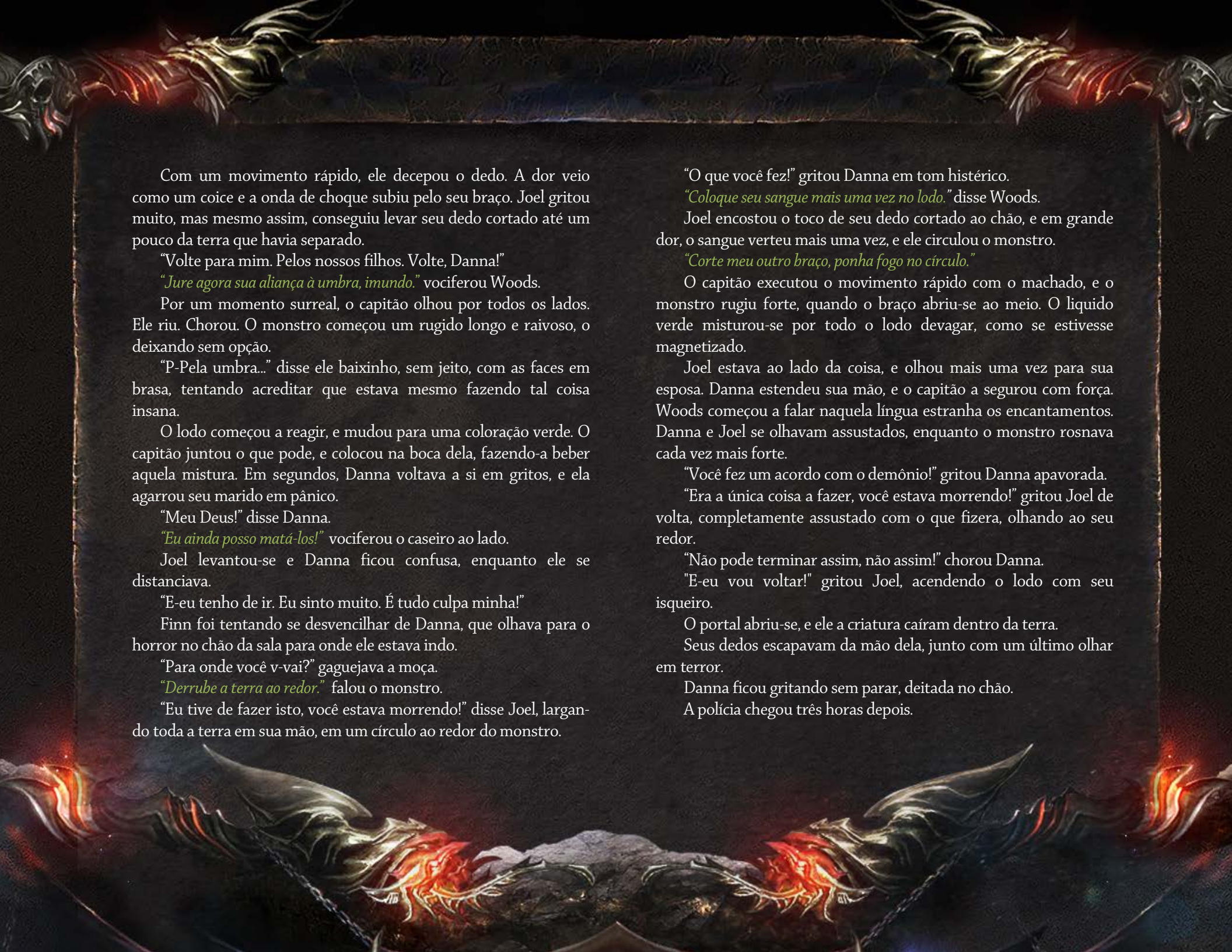
Joel levou suas mãos aos olhos. Cada passo ele se embrenhava em um mundo de loucura, que agora lhe era muito real. Sua esposa catatônica era pior que a morte. Fizera tudo errado!

*"Pegue um pouco da terra. Corte seu dedo como oferenda. Com o sangue faça um lodo e peça à legião da umbra para ela voltar para você. Coloque na boca dela esta lama, e a faça engolir."*

Joel juntou um pouco de terra, tremendo suas mãos.

"Eu preciso c-conseguir." disse Joel segurando a cabeça do machado na base de seu dedo junto à pedra.





Com um movimento rápido, ele decepou o dedo. A dor veio como um coice e a onda de choque subiu pelo seu braço. Joel gritou muito, mas mesmo assim, conseguiu levar seu dedo cortado até um pouco da terra que havia separado.

“Volte para mim. Pelos nossos filhos. Volte, Danna!”

*“Jure agora sua aliança à umbra, imundo.”* vociferou Woods.

Por um momento surreal, o capitão olhou por todos os lados. Ele riu. Chorou. O monstro começou um rugido longo e raivoso, o deixando sem opção.

“P-Pela umbra...” disse ele baixinho, sem jeito, com as faces em brasa, tentando acreditar que estava mesmo fazendo tal coisa insana.

O lodo começou a reagir, e mudou para uma coloração verde. O capitão juntou o que pode, e colocou na boca dela, fazendo-a beber aquela mistura. Em segundos, Danna voltava a si em gritos, e ela agarrou seu marido em pânico.

“Meu Deus!” disse Danna.

*“Eu ainda posso matá-los!”* vociferou o caseiro ao lado.

Joel levantou-se e Danna ficou confusa, enquanto ele se distanciava.

“E-eu tenho de ir. Eu sinto muito. É tudo culpa minha!”

Finn foi tentando se desvencilhar de Danna, que olhava para o horror no chão da sala para onde ele estava indo.

“Para onde você v-vai?” gaguejava a moça.

*“Derrube a terra ao redor.”* falou o monstro.

“Eu tive de fazer isto, você estava morrendo!” disse Joel, largando toda a terra em sua mão, em um círculo ao redor do monstro.

“O que você fez!” gritou Danna em tom histérico.

*“Coloque seu sangue mais uma vez no lodo.”* disse Woods.

Joel encostou o toco de seu dedo cortado ao chão, e em grande dor, o sangue verteu mais uma vez, e ele circulo o monstro.

*“Corte meu outro braço, ponha fogo no círculo.”*

O capitão executou o movimento rápido com o machado, e o monstro rugiu forte, quando o braço abriu-se ao meio. O líquido verde misturou-se por todo o lodo devagar, como se estivesse magnetizado.

Joel estava ao lado da coisa, e olhou mais uma vez para sua esposa. Danna estendeu sua mão, e o capitão a segurou com força. Woods começou a falar naquela língua estranha os encantamentos. Danna e Joel se olhavam assustados, enquanto o monstro rosnavava cada vez mais forte.

“Você fez um acordo com o demônio!” gritou Danna apavorada.

“Era a única coisa a fazer, você estava morrendo!” gritou Joel de volta, completamente assustado com o que fizera, olhando ao seu redor.

“Não pode terminar assim, não assim!” chorou Danna.

“E-eu vou voltar!” gritou Joel, acendendo o lodo com seu isqueiro.

O portal abriu-se, e ele a criatura caíram dentro da terra.

Seus dedos escapavam da mão dela, junto com um último olhar em terror.

Danna ficou gritando sem parar, deitada no chão.

A polícia chegou três horas depois.



## WALTER

A enfermeira notou com um suspiro cansado a luz vermelha, indicando o quarto 1201. Com uma prancheta de remédios em sua mão, e caminhando pelos corredores do hospital, ela xingava baixinho sua sorte por sempre pegar os reclamões ultimamente. Aquele paciente perdera a perna, e já havia outras marcações do turno anterior mostrando que ele já tomara o que estava prescrito, então aquela visita era puramente reclamatória. A moça abriu a porta, e Walter Finn estava de costas. Ela viu o seu remédio que estava preso na haste, pingando lentamente no tubo que ia direto à borboleta. Seu braço estava deslocado para trás, de forma estranha, e parecia que ele estava debruçado para o lado, como se quisesse pegar alguma coisa do chão.

“Sr. Finn?”

A enfermeira contornou a cama e então viu uma grande poça vermelha no piso. Com um grito, ela virou o velho e viu que em seu rosto cinza e seco faltavam seus olhos, agora dois buracos vermelhos escuros, junto a uma boca retalhada de orelha a orelha.

Seu rosto parecia esculpido em um grito permanente.

O celular caído mostrava uma ligação para a polícia.

## NECRONOMICON

Eugene Coleman passou rápido e nervoso pela sala de reuniões, onde outros trinta agentes debatiam calorosamente sobre o caso. Gene, que tinha já dois netos e cinquenta e oito anos em uma cabeça completamente grisalha, usava jeans e uma camiseta branca, pois era sábado. Se ele pudesse, usaria os mesmos tênis durante a semana, mas seu cargo de chefe da divisão de Búfalo, NY do FBI não permitia-lhe vestir-se assim.

O caso do *massacre de Milford*, onde até o governador saiu nas emissoras de TV prometendo uma investigação séria e respeitosa a todas as famílias da tragédia, rendera-lhe três visitas ao hospital: uma por causa de uma gripe fortíssima, outra por um princípio de úlcera e finalmente na semana passada, uma crise de pânico. Em sua sacola de remédios haviam diversas novas pílulas, e às vezes ele tomava o dobro do indicado, apenas para conseguir terminar seu dia com o mínimo de sanidade.

A cinco dias de completarem seis meses de investigação, prestes a chegarem a um acordo sobre uma versão oficial do ocorrido na casa de descanso de Walter Finn, Coleman e todos os outros trinta agentes entravam no quinto final de semana ininterrupto de trabalho. Sentou-se na cadeira alta e fofa, vislumbrando em uma versão miniatura ao que havia exposto na outra sala grande de reuniões: um mural completo de fotos e teorias, pilhas de material técnico sobre todas as provas do crime, e, em sua frente, uma lista de seus agentes trabalhando no caso.



Ele apertou um botão, e pediu à uma secretária: "Mande Wendell para cá."

Após alguns segundos, James Wendell, vinte e quatro anos, entrou usando um terno amassado, e uma pontinha de sua gravata amarela guardada rapidamente no bolso ficou a mostra.

O diretor não esperou ele sentar para falar sem parar.

"James, te chamei primeiro por que aqui diz em seu perfil psicológico que possui um raciocínio lógico diferenciado, e que sua personalidade é fria como o Alaska, que é onde eu gostaria de ser transferido imediatamente. Mas, esta lambança jurídica está em nossas mãos, temos de prover resultados aos pagadores de impostos. Dito isso: a última coisa que quero aqui é fantasia especulativa, e por isso nós dois vamos resolver o cacete deste caso e depois eu vou tirar uma licença saúde no Hawaii com algumas putas peitudas, praias e *drinks* de guarda-chuvinha. Entendido?"

"Sim," disse James cauteloso, face ao homem rubro.

"Certo, escute muito bem o que eu vou lhe dizer: eu quero que você me dê a história curta de tudo que vimos, e se possível mostre as evidências que comprovem sua linha de raciocínio. Eu vou ser o promotor, que infelizmente terá acesso a toda essa vergonha de papelada, e vou criticar os pontos que considerar incoerentes. Vai."

O jovem engoliu em seco e limpou a lousa de rascunho. Ele começou a falar, e pegou as fotos de cima da mesa e anexou na lousa conforme falava.

"O FBI, com base em todas as evidências coletadas no local, tomou conhecimento de que Steve Harrison, Harold Woods e Joel Finn são os principais suspeitos no evento conhecido na mídia como

o *massacre de Milford*, onde mais de oitenta corpos foram encontrados em uma casa de descanso no lago Greenwood, durante o feriado de independência."

"Me mostre como eles conseguiram a façanha," pediu Gene.

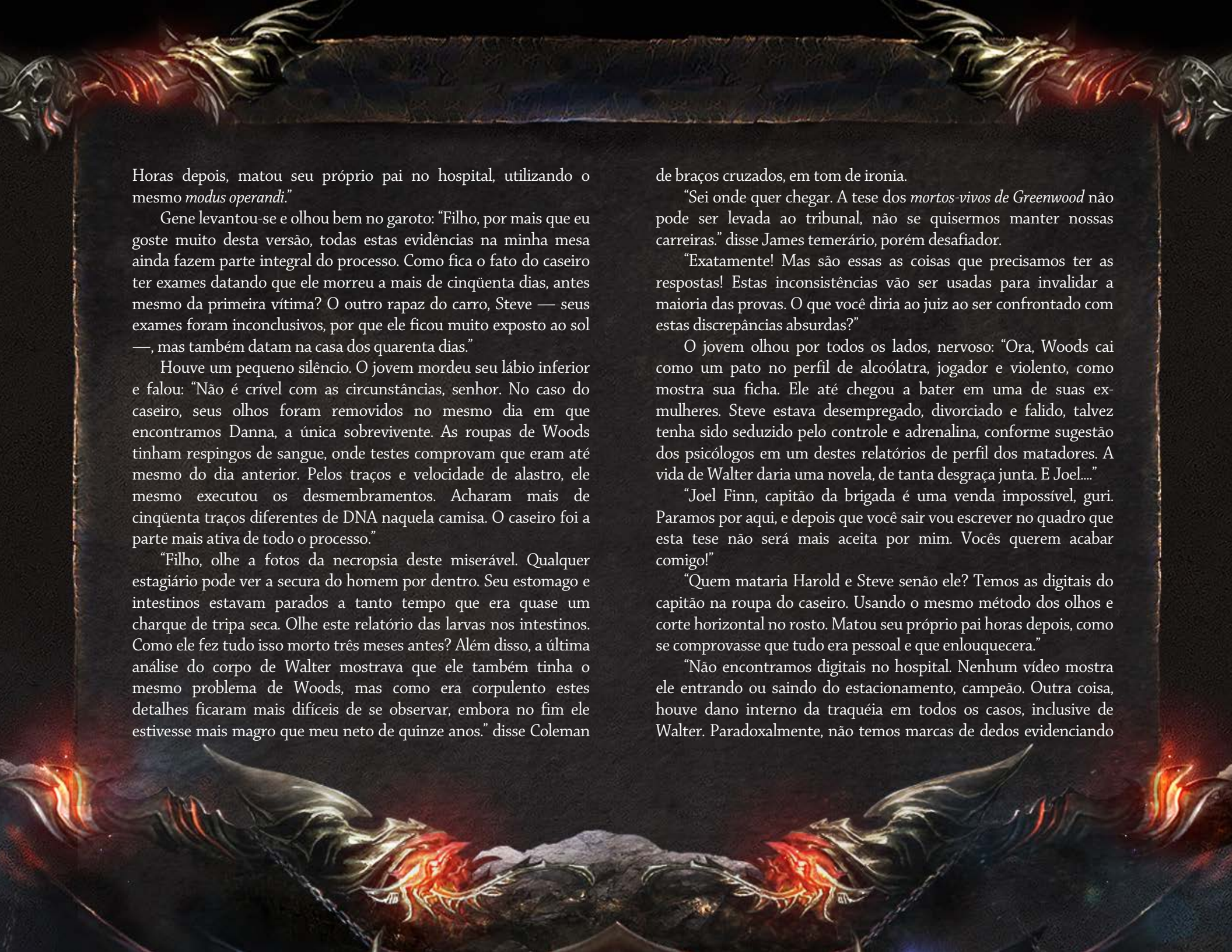
"O *Necronomicon*, por favor," disse Wendell, apontando o livro gordo ao lado do chefe da divisão, onde tinha fotos dos rostos de todas as pessoas, junto com informações técnicas sobre os seus ferimentos. O rapaz abriu a primeira página, já com certa apreensão sobre o que iria dizer.

"Temos razões suficientes para acreditar que Regina Albuquerque foi a primeira vítima. Esta garçonete apresenta marcas de inserção de seringa no pescoço, ou de outro agente perfurante, tal como a maioria das vítimas. De acordo com os entomologistas, ela foi morta quase quarenta dias antes das autoridades chegarem ao local, somente pela análise das larvas. Estava na fundo da cova de cinco metros encontrada no porão da casa. Ela não foi cortada, demonstrando que o desmembramento aconteceu somente nas últimas semanas pelo caseiro."

"Que morreu exatamente da mesma maneira."

"Sim, também o mesmo destino de Harrison. Pela análise das roupas dos dois, era Harrison quem atraía as vítimas, as drogava e ocultava na sua camioneta. Woods retirava os olhos das vítimas e as enterrava. Alguma desavença aconteceu entre eles, pois o próprio Harrison teve seus olhos arrancados, justo uma semana antes de chegarmos ao local. Neste ponto, Joel Finn, desaparecido, é o único elo possível entre eles, e que no mesmo dia em que chegamos ao chalé, executou o caseiro Harold e fugiu pelas barreiras policiais.





Horas depois, matou seu próprio pai no hospital, utilizando o mesmo *modus operandi*.”

Gene levantou-se e olhou bem no garoto: “Filho, por mais que eu goste muito desta versão, todas estas evidências na minha mesa ainda fazem parte integral do processo. Como fica o fato do caseiro ter exames datando que ele morreu a mais de cinquenta dias, antes mesmo da primeira vítima? O outro rapaz do carro, Steve — seus exames foram inconclusivos, por que ele ficou muito exposto ao sol —, mas também datam na casa dos quarenta dias.”

Houve um pequeno silêncio. O jovem mordeu seu lábio inferior e falou: “Não é crível com as circunstâncias, senhor. No caso do caseiro, seus olhos foram removidos no mesmo dia em que encontramos Danna, a única sobrevivente. As roupas de Woods tinham respingos de sangue, onde testes comprovam que eram até mesmo do dia anterior. Pelos traços e velocidade de alastro, ele mesmo executou os desmembramentos. Acharam mais de cinquenta traços diferentes de DNA naquela camisa. O caseiro foi a parte mais ativa de todo o processo.”

“Filho, olhe a fotos da necropsia deste miserável. Qualquer estagiário pode ver a secura do homem por dentro. Seu estomago e intestinos estavam parados a tanto tempo que era quase um charque de tripa seca. Olhe este relatório das larvas nos intestinos. Como ele fez tudo isso morto três meses antes? Além disso, a última análise do corpo de Walter mostrava que ele também tinha o mesmo problema de Woods, mas como era corpulento estes detalhes ficaram mais difíceis de se observar, embora no fim ele estivesse mais magro que meu neto de quinze anos.” disse Coleman

de braços cruzados, em tom de ironia.

“Sei onde quer chegar. A tese dos *mortos-vivos de Greenwood* não pode ser levada ao tribunal, não se quisermos manter nossas carreiras.” disse James temerário, porém desafiador.

“Exatamente! Mas são essas as coisas que precisamos ter as respostas! Estas inconsistências vão ser usadas para invalidar a maioria das provas. O que você diria ao juiz ao ser confrontado com estas discrepâncias absurdas?”

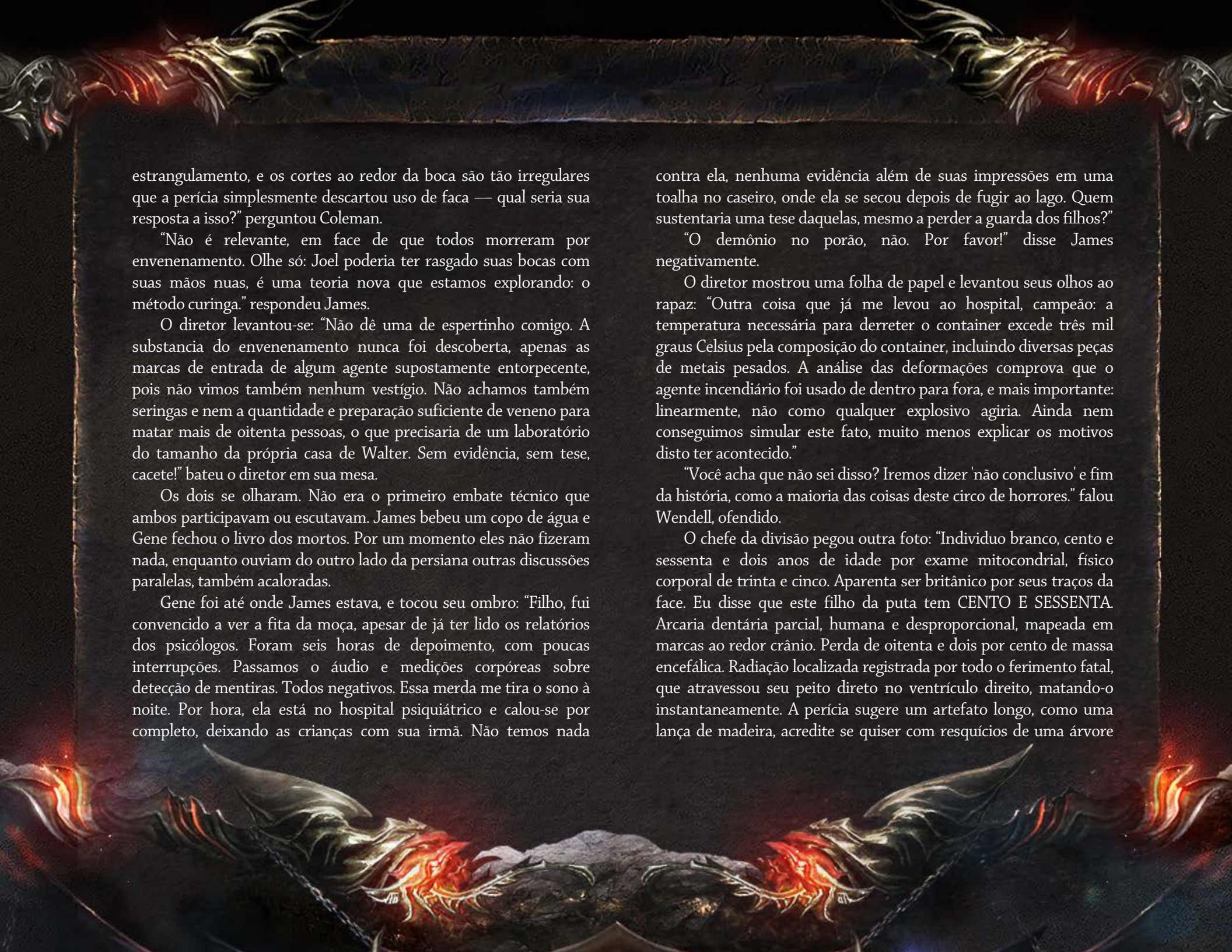
O jovem olhou por todos os lados, nervoso: “Ora, Woods cai como um pato no perfil de alcoólatra, jogador e violento, como mostra sua ficha. Ele até chegou a bater em uma de suas ex-mulheres. Steve estava desempregado, divorciado e falido, talvez tenha sido seduzido pelo controle e adrenalina, conforme sugestão dos psicólogos em um destes relatórios de perfil dos matadores. A vida de Walter daria uma novela, de tanta desgraça junta. E Joel...”

“Joel Finn, capitão da brigada é uma venda impossível, guri. Paramos por aqui, e depois que você sair vou escrever no quadro que esta tese não será mais aceita por mim. Vocês querem acabar comigo!”

“Quem mataria Harold e Steve senão ele? Temos as digitais do capitão na roupa do caseiro. Usando o mesmo método dos olhos e corte horizontal no rosto. Matou seu próprio pai horas depois, como se comprovasse que tudo era pessoal e que enlouquecera.”

“Não encontramos digitais no hospital. Nenhum vídeo mostra ele entrando ou saindo do estacionamento, campeão. Outra coisa, houve dano interno da traquéia em todos os casos, inclusive de Walter. Paradoxalmente, não temos marcas de dedos evidenciando





estrangulamento, e os cortes ao redor da boca são tão irregulares que a perícia simplesmente descartou uso de faca — qual seria sua resposta a isso?” perguntou Coleman.

“Não é relevante, em face de que todos morreram por envenenamento. Olhe só: Joel poderia ter rasgado suas bocas com suas mãos nuas, é uma teoria nova que estamos explorando: o método curinga.” respondeu James.

O diretor levantou-se: “Não dê uma de espertinho comigo. A substância do envenenamento nunca foi descoberta, apenas as marcas de entrada de algum agente supostamente entorpecente, pois não vimos também nenhum vestígio. Não achamos também seringas e nem a quantidade e preparação suficiente de veneno para matar mais de oitenta pessoas, o que precisaria de um laboratório do tamanho da própria casa de Walter. Sem evidência, sem tese, cacete!” bateu o diretor em sua mesa.

Os dois se olharam. Não era o primeiro embate técnico que ambos participavam ou escutavam. James bebeu um copo de água e Gene fechou o livro dos mortos. Por um momento eles não fizeram nada, enquanto ouviam do outro lado da persiana outras discussões paralelas, também acaloradas.

Gene foi até onde James estava, e tocou seu ombro: “Filho, fui convencido a ver a fita da moça, apesar de já ter lido os relatórios dos psicólogos. Foram seis horas de depoimento, com poucas interrupções. Passamos o áudio e medições corpóreas sobre detecção de mentiras. Todos negativos. Essa merda me tira o sono à noite. Por hora, ela está no hospital psiquiátrico e calou-se por completo, deixando as crianças com sua irmã. Não temos nada

contra ela, nenhuma evidência além de suas impressões em uma toalha no caseiro, onde ela se secou depois de fugir ao lago. Quem sustentaria uma tese daquelas, mesmo a perder a guarda dos filhos?”

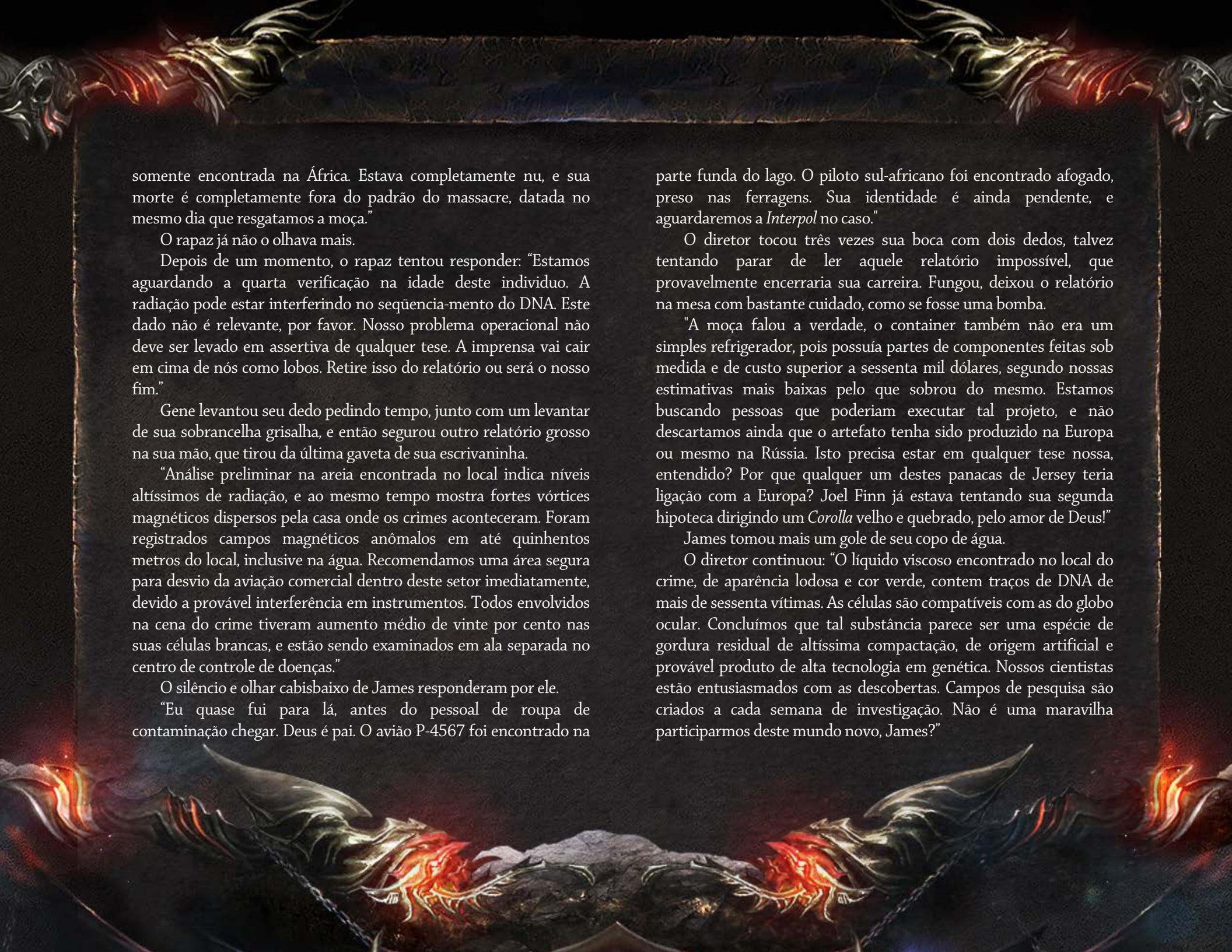
“O demônio no porão, não. Por favor!” disse James negativamente.

O diretor mostrou uma folha de papel e levantou seus olhos ao rapaz: “Outra coisa que já me levou ao hospital, campeão: a temperatura necessária para derreter o container excede três mil graus Celsius pela composição do container, incluindo diversas peças de metais pesados. A análise das deformações comprova que o agente incendiário foi usado de dentro para fora, e mais importante: linearmente, não como qualquer explosivo agiria. Ainda nem conseguimos simular este fato, muito menos explicar os motivos disto ter acontecido.”

“Você acha que não sei disso? Iremos dizer 'não conclusivo' e fim da história, como a maioria das coisas deste circo de horrores.” falou Wendell, ofendido.

O chefe da divisão pegou outra foto: “Indivíduo branco, cento e sessenta e dois anos de idade por exame mitocondrial, físico corporal de trinta e cinco. Aparenta ser britânico por seus traços da face. Eu disse que este filho da puta tem CENTO E SESSENTA. Arcaria dentária parcial, humana e desproporcional, mapeada em marcas ao redor crânio. Perda de oitenta e dois por cento de massa encefálica. Radiação localizada registrada por todo o ferimento fatal, que atravessou seu peito direto no ventrículo direito, matando-o instantaneamente. A perícia sugere um artefato longo, como uma lança de madeira, acredite se quiser com resquícios de uma árvore





somente encontrada na África. Estava completamente nu, e sua morte é completamente fora do padrão do massacre, datada no mesmo dia que resgatamos a moça.”

O rapaz já não o olhava mais.

Depois de um momento, o rapaz tentou responder: “Estamos aguardando a quarta verificação na idade deste indivíduo. A radiação pode estar interferindo no sequenciamento do DNA. Este dado não é relevante, por favor. Nosso problema operacional não deve ser levado em assertiva de qualquer tese. A imprensa vai cair em cima de nós como lobos. Retire isso do relatório ou será o nosso fim.”

Gene levantou seu dedo pedindo tempo, junto com um levantar de sua sobranalha grisalha, e então segurou outro relatório grosso na sua mão, que tirou da última gaveta de sua escrivaninha.

“Análise preliminar na areia encontrada no local indica níveis altíssimos de radiação, e ao mesmo tempo mostra fortes vórtices magnéticos dispersos pela casa onde os crimes aconteceram. Foram registrados campos magnéticos anômalos em até quinhentos metros do local, inclusive na água. Recomendamos uma área segura para desvio da aviação comercial dentro deste setor imediatamente, devido a provável interferência em instrumentos. Todos envolvidos na cena do crime tiveram aumento médio de vinte por cento nas suas células brancas, e estão sendo examinados em ala separada no centro de controle de doenças.”

O silêncio e olhar cabisbaixo de James responderam por ele.

“Eu quase fui para lá, antes do pessoal de roupa de contaminação chegar. Deus é pai. O avião P-4567 foi encontrado na

parte funda do lago. O piloto sul-africano foi encontrado afogado, preso nas ferragens. Sua identidade é ainda pendente, e aguardaremos a *Interpol* no caso.”

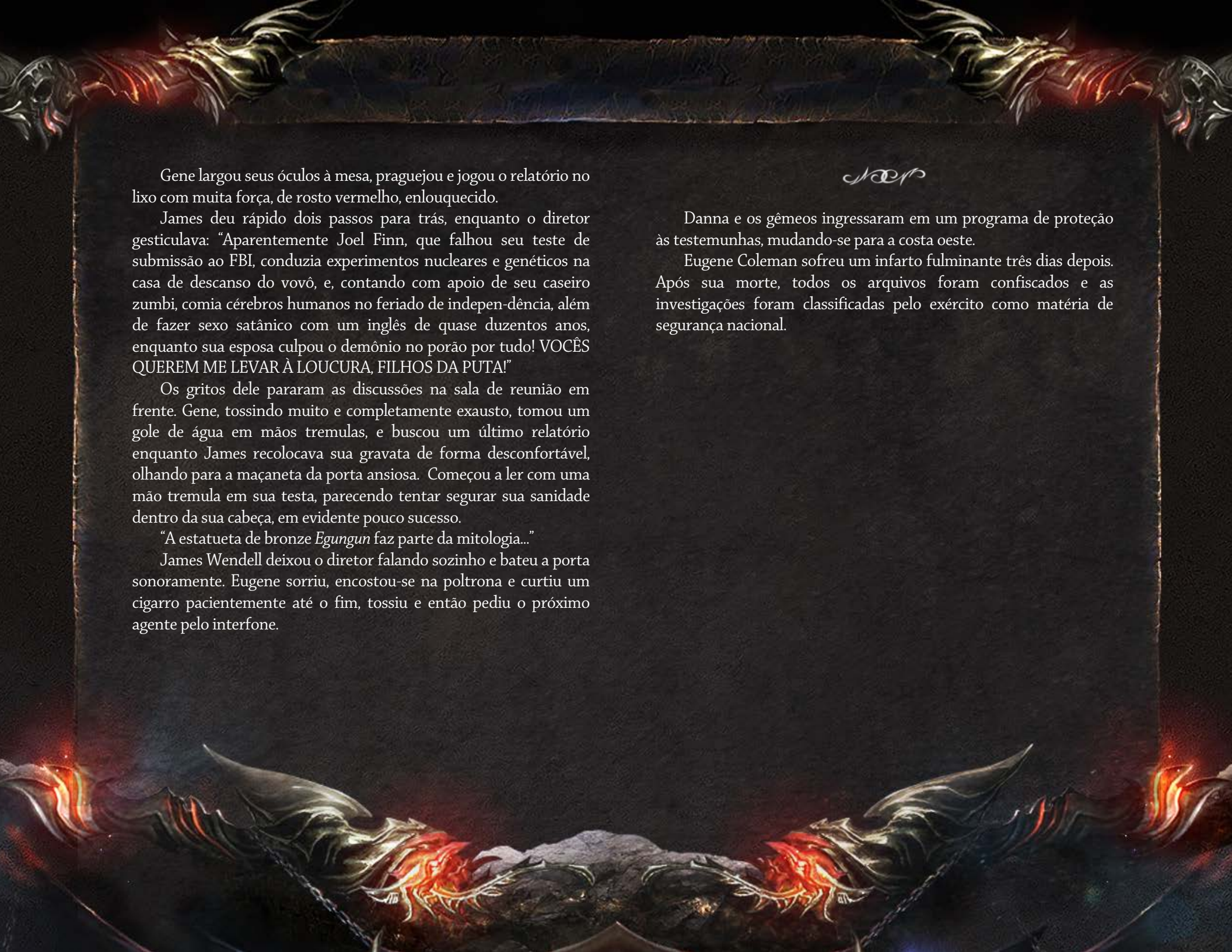
O diretor tocou três vezes sua boca com dois dedos, talvez tentando parar de ler aquele relatório impossível, que provavelmente encerraria sua carreira. Fungou, deixou o relatório na mesa com bastante cuidado, como se fosse uma bomba.

“A moça falou a verdade, o container também não era um simples refrigerador, pois possuía partes de componentes feitas sob medida e de custo superior a sessenta mil dólares, segundo nossas estimativas mais baixas pelo que sobrou do mesmo. Estamos buscando pessoas que poderiam executar tal projeto, e não descartamos ainda que o artefato tenha sido produzido na Europa ou mesmo na Rússia. Isto precisa estar em qualquer tese nossa, entendido? Por que qualquer um destes panacas de Jersey teria ligação com a Europa? Joel Finn já estava tentando sua segunda hipoteca dirigindo um *Corolla* velho e quebrado, pelo amor de Deus!”

James tomou mais um gole de seu copo de água.

O diretor continuou: “O líquido viscoso encontrado no local do crime, de aparência lodosa e cor verde, contem traços de DNA de mais de sessenta vítimas. As células são compatíveis com as do globo ocular. Concluímos que tal substância parece ser uma espécie de gordura residual de altíssima compactação, de origem artificial e provável produto de alta tecnologia em genética. Nossos cientistas estão entusiasmados com as descobertas. Campos de pesquisa são criados a cada semana de investigação. Não é uma maravilha participarmos deste mundo novo, James?”





Gene largou seus óculos à mesa, praguejou e jogou o relatório no lixo com muita força, de rosto vermelho, enlouquecido.

James deu rápido dois passos para trás, enquanto o diretor gesticulava: “Aparentemente Joel Finn, que falhou seu teste de submissão ao FBI, conduzia experimentos nucleares e genéticos na casa de descanso do vovô, e, contando com apoio de seu caseiro zumbi, comia cérebros humanos no feriado de indepen-dência, além de fazer sexo satânico com um inglês de quase duzentos anos, enquanto sua esposa culpou o demônio no porão por tudo! VOCÊS QUEREM ME LEVAR À LOUCURA, FILHOS DA PUTA!”

Os gritos dele pararam as discussões na sala de reunião em frente. Gene, tossindo muito e completamente exausto, tomou um gole de água em mãos tremulas, e buscou um último relatório enquanto James recolocava sua gravata de forma desconfortável, olhando para a maçaneta da porta ansiosa. Começou a ler com uma mão tremula em sua testa, parecendo tentar segurar sua sanidade dentro da sua cabeça, em evidente pouco sucesso.

“A estatueta de bronze *Egungun* faz parte da mitologia...”

James Wendell deixou o diretor falando sozinho e bateu a porta sonoramente. Eugene sorriu, encostou-se na poltrona e curtiu um cigarro pacientemente até o fim, tossiu e então pediu o próximo agente pelo interfone.

*WEP*

Danna e os gêmeos ingressaram em um programa de proteção às testemunhas, mudando-se para a costa oeste.

Eugene Coleman sofreu um infarto fulminante três dias depois. Após sua morte, todos os arquivos foram confiscados e as investigações foram classificadas pelo exército como matéria de segurança nacional.



## WILLA

A queda de Joel do outro lado do círculo de fogo foi dolorosa, pois caíra meio de lado, levemente inclinado para trás. Aquele baque lhe tirou o ar dos pulmões por alguns segundos.

Como por instinto e um medo terrível das consequências de que teria feito, manteve seus olhos fechados. Tentou reter a face de Danna em sua mente, mesmo vendo terror naqueles olhos. Contorcendo-se de dor e mantendo sua boca aberta em busca de ar, tocou no chão e sentiu uma grama rala junto com o que lhe pareceu alguns cogumelos ao seu toque numa terra fofa, o que provavelmente lhe salvou de ter quebrado alguma de suas costelas. O rosto de Danna em sua mente também ia se dissolvendo ao escuro conforme aqueles momentos forçavam-lhe a abrir a boca cada vez mais em busca de ar, que entrava aos poucos e em grande sofreguidão. Um rugido alto de dor da criatura ao lado lhe fez abrir os olhos em pânico, enquanto os últimos espasmos de suas costas terminavam sua revolta e sentiu seus pulmões voltarem a funcionar. Olhou para cima, tentando achar a casa em Greenwood, e pode ver o círculo de fogo tornar-se apenas uma diminuta nuvem branca mesclando-se em um céu púrpura escuro, sem nenhum sol ou lua aparentes, apenas uma luminosidade surreal que envolvia tudo.

O demônio ao lado terminou seu rugido fechando sua boca enorme na direção de Joel, e um líquido verde escorreu pelo meio de seus dentes. Arrastando-se um pouco mais para trás, Joel viu o monstro mais uma vez por completo — mesmo sem um dos braços

e todo perfurado em sua barriga, seu tamanho ainda causavam arrepios no capitão.

Sentou-se e abraçou um de seus joelhos olhando a criatura e estupefato por estar junto àquela monstruosidade.

*Não pode terminar assim!* ouviu Joel mais uma vez a lembrança longínqua da voz rouca e gritada de Danna em seu rosto assustado; aquela cena escapando rapidamente para sua memória ao invés de ela estar ao seu lado.

Ao perceber a complexidade e a consequência de seus atos, Joel começou um choro soluçado junto com um tremor involuntário de todo o seu corpo, tamanha a sua perda. Com um único olhar temeroso para aquele céu doente, Joel soube que não haveria volta — em um delírio apocalíptico pensou que talvez não estivesse mais no mesmo universo que sua família. Tudo isso acontecia com o acumular do líquido ao redor da boca da criatura, que parecia não ter resistido à queda, trancando-o para sempre naquele lugar.

"Não! NÃO!" gritou Joel repetidas vezes em um pranto incontrolável fechando seus olhos com força. Batia sua cabeça em seu joelho para não deixar os rostos de seus filhos serem levados pelo medo que se avolumava dentro de si.

Assoberbado, Joel não viu a fumaça negra escapar da criatura, tampouco percebeu que a grama lentamente ao seu lado tornara-se de um verde forte de floresta — alguns cogumelos pretos ao seu redor perderam aquela camada negra suja e doentia, dando lugar a um vermelho vibrante em sua base, reagindo à pureza dos sentimentos do capitão.



*Joel*

Um longo tempo passou. Joel, ainda limpando seus olhos, levantou-se devagar, apoiando-se com sua mão em seu joelho. De pé, pode olhar melhor o lugar: parecia uma colina, como um dedo levantado para o céu, o resto do mundo abaixo de si envolto em uma neblina branca. No meio de muitas pedras, notou a diferença na grama verde de onde estava para o resto de arbustos de cores escuras e apagadas com certa apreensão.

Ao lado, e na ponta da colina, um pequeno castelo de pedra com dois pisos e uma porta larga de madeira era o único resquício de civilização que via.

Voltou-se ao monstro e chutou-lhe no ventre com raiva.

Não ouviu nada de volta.

Joel sentiu olhos a lhe observarem atrás de si — e então viu uma mulher no andar superior do castelo o espreitando por entre as pedras.

"E-ei... E-espere!" gritou Joel estendendo a mão até ela, e sentindo sua voz completamente diferente naquele lugar.

A mulher escondeu-se dentro da estrutura de pedra.

Em uma corrida, Joel saiu da grama verde de onde estava e foi até a frente daquele pequeno castelo de pedra. A porta parecia ser muito velha, e aquela madeira parecia ser muito antiga, com buracos por todos os lados.

Espiou por ali, e logo viu um altar dourado no centro. Lembrou-se da estatueta e logo percebeu que aquela seria a versão original. A estátua era tão perfeita e tão assustadora que ele instintivamente

retirou seus olhos da porta em um susto ao ver a maldade esculpida no rosto e a agressividade da posição que aquele deus de ódio estava, sugerindo um ataque iminente com garras em forma de unhas.

"*Não tenha medo.*" ouviu Joel de uma voz feminina logo atrás da porta onde estava.

"O-o que v-você quer?" perguntou Joel, afastando-se da porta com suas mãos à frente tentando se defender.

"*Temos negócios não concluídos, lembra-se?*" disse a voz sobrenatural ainda atrás da porta.

Joel continuou parado mantendo sua distância.

A porta abriu-se e uma mulher bronzeada surgiu o olhando um pouco de lado. Joel percebeu que ela se parecia com uma personagem feminina de algum filme de época sobre o Egito — seus olhos vermelhos estavam envoltos em uma maquiagem negra forte e seu vestido apertado dourado em escamas lhe davam um aspecto de realeza, junto com diversos anéis em todos os dedos de suas mãos, que ainda mantinham unhas grandes e triangulares iguais à da estátua.

Com pavor, Joel viu presas nos dentes da moça.

"N-não se aproxime." disse Joel com um passo para trás.

"*Pare com estas bobagens, Joel. Você me ofende com todo este medo cristão estúpido.*"

"Uma hora atrás você era... aquilo!" falou Joel apontando para o monstro deitado no chão.

"*E agora estou aqui. Esta é quem sou. Meu nome é...*"

"Willa!" disse Joel estupefato.

Após um momento de inesperada surpresa, Willa tocou seu



lábio com aquela unha preta enorme: *"Interessante. Como um mortal como você pode saber meu nome?"*

"E-eu quero... voltar para casa." disse Joel sentindo-se infantil, porém muito verdadeiro.

A grama nos pés de Joel mudava sua cor mais uma vez.

*"Você é diferente de outras oferendas. Olhe como a umbra reage a seu espírito."* disse Willa, um pouco mais séria.

Joel olhou para baixo e acompanhou a mudança em grande surpresa.

*"Antes da legião tomar este local para si, magos vinham para cá meditar por algumas semanas. Todo este vale era deste verde que brota de você."*

"Eu não entendo." falou Joel confuso.

*"Toque o seu peito."* disse Willa, cruzando os braços.

Joel colocou sua mão onde estava seu coração e não sentiu nada a bater de lá. Em pânico, também não sentiu mais a frequência de sua respiração.

*"Acalme-se Joel. Neste local não precisamos de ar para vivermos aqui. Sua aura já ajustou-se perfeitamente."*

"Aqui é o... inferno?" perguntou Joel.

A risada demoníaca de Willa fez Joel ir um pouco mais para trás em receio. Os olhos dela brilharam um pouco de um vermelho que ele já vira meses antes, que lhe colocara para correr como um menino assustado após outro demônio lhe avisar de seu destino e de Willa.

*"Não. Não existe nada disso, apenas muitos outros limbos como este e uma luta infinita entre ascender até o divino e ter toda a sua*

*individualidade removida, sendo engolido por um ser universal — ou ..."*

Willa fez uma pausa esperando Joel lhe perguntar.

"Ou?" perguntou Joel temeroso com o que ouvia.

*"Lutar com seus irmãos para permanecer vivo por milênios, conquistando todos os mundos que existem junto com a Legião, negando ser engolido pela própria natureza. Ao invés de ser apenas uma nota na sinfonia, seja a sua própria orquestra tocando sua própria canção de liberdade."*

"Você não me engana."

*"Veja isto por exemplo."* falou Willa mostrando o dedo de Joel, mas que agora parecia estar envolto em uma aura verde fortíssima dentro da umbra. O capitão imediatamente segurou sua mão onde aquele dedo deveria estar.

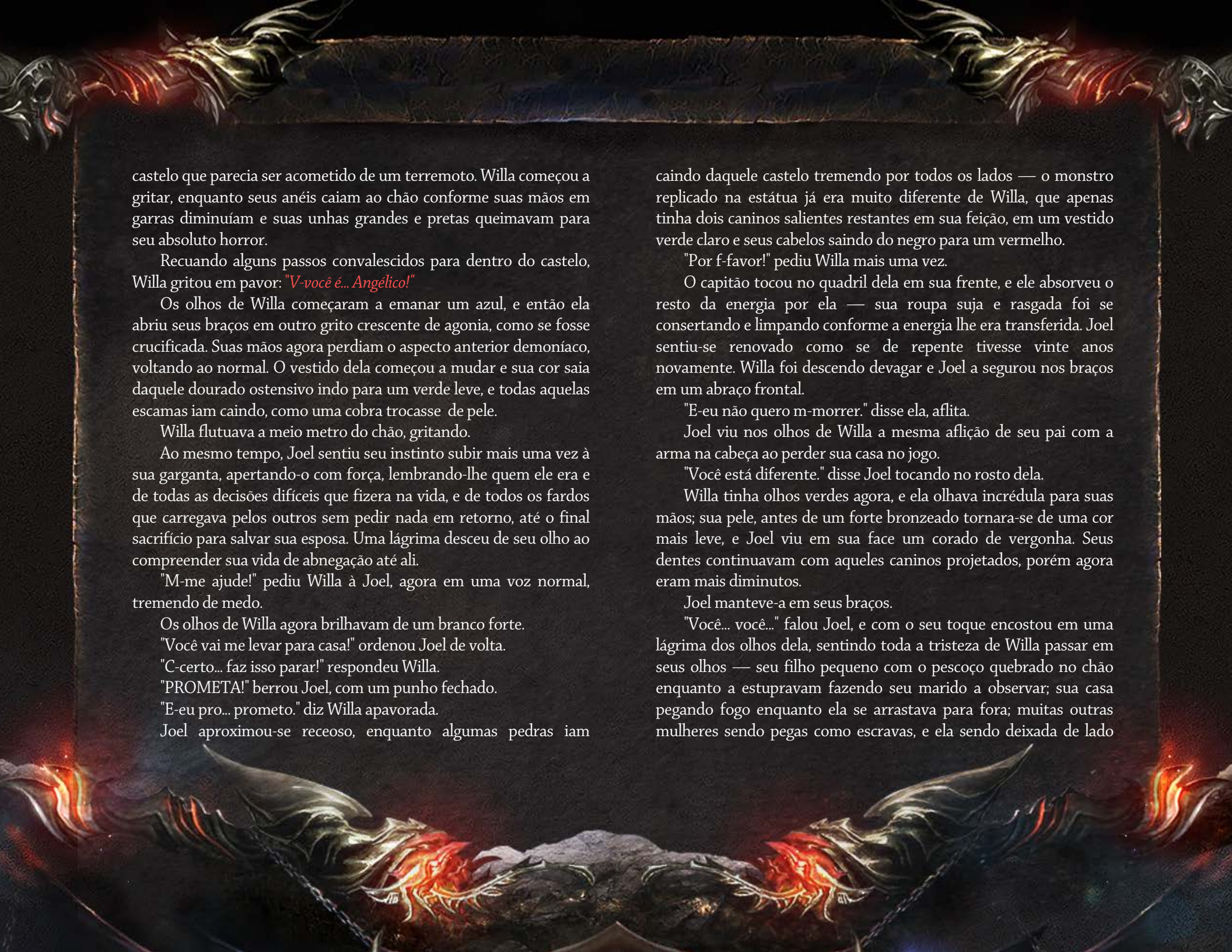
*"Sua oferta, aqui na umbra, é o equivalente a mais de duzentos anos extras, pois mesmo a aura de qualquer indivíduo decai. Magos também deverão ascender, e este local também cobra seu preço. O universo quer que todos voltem à ele, dando de volta o poder que foi dado em troca de sua experiência de vida. E pensar que criancinhas clamam por ele em suas preces à noite, quanta estupidez!"*

Como Joel apenas a olhava nervoso com o que ele percebia ser uma visão distorcida de Deus, Willa deu de ombros e engoliu o dedo, que parecia mais como uma pasta de energia à suas mordidas animais. Joel sentiu de longe aquele imenso poder em um tremor crescente no castelo e fazendo surgir de forma violenta uma aura verde em Willa, que estava surpresa pela intensidade do poder.

*"O q-que é isso!"* gritou Willa, contorcendo-se de dor.

A reverberação continuou sua onda e atingiu agora as pedras do





castelo que parecia ser acometido de um terremoto. Willa começou a gritar, enquanto seus anéis caíam ao chão conforme suas mãos em garras diminuía e suas unhas grandes e pretas queimavam para seu absoluto horror.

Recuando alguns passos convalescidos para dentro do castelo, Willa gritou em pavor: "*Você é... Angélico!*"

Os olhos de Willa começaram a emanar um azul, e então ela abriu seus braços em outro grito crescente de agonia, como se fosse crucificada. Suas mãos agora perdiam o aspecto anterior demoníaco, voltando ao normal. O vestido dela começou a mudar e sua cor saía daquele dourado ostensivo indo para um verde leve, e todas aquelas escamas iam caindo, como uma cobra trocasse de pele.

Willa flutuava a meio metro do chão, gritando.

Ao mesmo tempo, Joel sentiu seu instinto subir mais uma vez à sua garganta, apertando-o com força, lembrando-lhe quem ele era e de todas as decisões difíceis que fizera na vida, e de todos os fardos que carregava pelos outros sem pedir nada em retorno, até o final sacrifício para salvar sua esposa. Uma lágrima desceu de seu olho ao compreender sua vida de abnegação até ali.

"M-me ajude!" pediu Willa à Joel, agora em uma voz normal, tremendo de medo.

Os olhos de Willa agora brilhavam de um branco forte.

"Você vai me levar para casa!" ordenou Joel de volta.

"C-certo... faz isso parar!" respondeu Willa.

"PROMETA!" berrou Joel, com um punho fechado.

"E-eu pro... prometo." diz Willa apavorada.

Joel aproximou-se receoso, enquanto algumas pedras iam

caindo daquele castelo tremendo por todos os lados — o monstro replicado na estátua já era muito diferente de Willa, que apenas tinha dois caninos salientes restantes em sua feição, em um vestido verde claro e seus cabelos saindo do negro para um vermelho.

"Por f-favor!" pediu Willa mais uma vez.

O capitão tocou no quadril dela em sua frente, e ele absorveu o resto da energia por ela — sua roupa suja e rasgada foi se consertando e limpando conforme a energia lhe era transferida. Joel sentiu-se renovado como se de repente tivesse vinte anos novamente. Willa foi descendo devagar e Joel a segurou nos braços em um abraço frontal.

"E-eu não quero m-morrer." disse ela, aflita.

Joel viu nos olhos de Willa a mesma aflição de seu pai com a arma na cabeça ao perder sua casa no jogo.

"Você está diferente." disse Joel tocando no rosto dela.

Willa tinha olhos verdes agora, e ela olhava incrédula para suas mãos; sua pele, antes de um forte bronzeado tornara-se de uma cor mais leve, e Joel viu em sua face um corado de vergonha. Seus dentes continuavam com aqueles caninos projetados, porém agora eram mais diminutos.

Joel manteve-a em seus braços.

"Você... você..." falou Joel, e com o seu toque encostou em uma lágrima dos olhos dela, sentindo toda a tristeza de Willa passar em seus olhos — seu filho pequeno com o pescoço quebrado no chão enquanto a estupravam fazendo seu marido a observar; sua casa pegando fogo enquanto ela se arrastava para fora; muitas outras mulheres sendo pegas como escravas, e ela sendo deixada de lado



por ser velha, com uma batida forte em sua cabeça; uma velha bruxa a arrastando até o fogo dos mortos; ela estende sua mão assina seu nome na areia e com o sacrifício da bruxa torna-se finalmente um demônio, crescendo suas unhas e dentes; Willa vai até o faraó, matando todo seu exército e a guarda-real, tornando-se rainha; depois de uma imensa batalha, feiticeiros a aprisionam na estátua.

Joel percebe os olhos molhados e arrependidos de Willa.

"Você também está perdida." diz Joel emocionado com o que vira em sua mente.

Willa o abraça e chora copiosamente.

"Isto acaba agora." diz Joel, após Willa se acalmar.

O capitão aproxima-se da estátua e levanta a maior pedra que pode achar. Em um grito, ele joga a pedra quebrando a monstruosidade em ouro em sua frente em centenas de pedaços, que tornam-se apenas um barro negro.

Do lado de fora do castelo, os dois observam o amontoado de pedras ir se implodindo para dentro da terra, e de seu centro uma nova árvore crescer rapidamente com grandes flores brancas e azuis em meio a pequenos frutos vermelhos.

Willa vira-se para Joel e lhe beija em um misto de gratidão e fascinação. Joel inicialmente se assusta com aqueles caninos, mas sente dentro de si que finalmente tinha achado seu lugar no mundo, onde poderia existir justiça não apenas sofrimento e desesperança. De forma definitiva, entendeu que sua vida humana terminara. Ela toca admirada sua face angélica e nos olhos molhados de Joel, Willa também vê sua vida passar.

"Vamos honrar nossos mortos." diz Willa para o capitão, levan-

tando seu rosto gentilmente.

Ela pega sua mão e juntos eles tocam o chão — com uma energia fluindo pelos dois, as pequenas pedras vão também se juntando até a árvore.

Uma lágrima final de Joel cai ao chão e todas as pedras se unem formando estátuas do marido de Willa feliz com o menino pequeno em seus braços, assim como Walter e Nora com Danna agachada entre os meninos em um sorriso alegre para uma foto.



Tocaram cada rosto de sua família pela última vez, em grande emoção de despedida. Um raio de sol surge em uma brecha azul naquele céu púrpura doente, iluminando a árvore e as esculturas.

De mãos dadas, Willa e Joel foram caminhando para a névoa, ambos deixando sua marca verde naquele lugar de pesadelo, sumindo dentro da umbra em busca de redenção.



# OS PERDIDOS ESTÃO SEMPRE QUEIMANDO

**JULIA**

**JULIA STEVENS SENTOU-SE NA CADEIRA** em frente ao atarefado psicólogo do colégio. Evitava de olhar aquele homem engravatado a todo custo. Coçou sua aliança com o dedo, cruzou seus braços e pernas, fechando-se. O efeito de três noites mal dormidas veio rápido e sorrateiro, brincando de pular sobre suas pálpebras, querendo fechá-las. Somava-se ao cansaço uma ansiedade impetuosa que caminhava dentro dela, de passos arrastados e pesados, ecoando alto dentro de corredores estreitos e tortos, abrindo portas íntimas guardadas por correntes com fechaduras. A sombra de que algo terrível lhe espreitava adquiria contornos cada vez mais previsíveis de desgraça ao observar diversos documentos na mesa e fotos de seus filhos. Em um reflexo imediato de seu corpo, sugou o ar como se a atmosfera fosse rarefeita, tal como o ar que vinha de dentro daquelas portas trancadas em sua cabeça, que continuavam a ser abertas de forma implacável pelas circunstâncias.

Na multidão de pensamentos agora libertos (enquanto o

homem terminava sua longa conversa ao telefone), os maliciosos empurravam os outros mais mundanos com violência para o lado, e assim indo direto para destaque do palco em seus olhos, que já não enxergavam mais a sala onde estava, em complexa dualidade com aquele teatro de horrores.

Seu cotidiano alucinado detivera aqueles espectros sempre um pouco mais para dentro, postergando seus conflitos, evitando a dor, trancando-lhes nos últimos aposentos da mente. Mas, em pausas forçadas como esta que se encontrava, aqueles malditos ruinosos tomavam forma: via-se velha, sozinha e bêbada, rodopiando em um baile sem fim, igual ao destino de sua irmã. Enterrou a infeliz ano passado, encontrada morta em casa. Reconheceu o corpo na polícia, guardado dentro da gaveta com papel no dedão do pé. Mesmo sendo cobrada pela família para prestar as últimas considerações, Julia não foi ao enterro pois em sua mente a infeliz tinha morrido há muito tempo.

Conhecia muito bem seus demônios internos, que só precisavam de um pequeno motivo para saírem de suas masmorras e lhe causarem esta comoção cruel, que não podia evitar no presente momento. *Venha, vamos nos divertir*, sugeriu sua irmã a dois palmos de seu rosto no palco de sua mente: pálida como a lua, gorda e nua com a marca Y ainda em relevo em seu peito da autópsia. *Depois de um tempo, não dói mais*, continuou o cadáver em sua frente, em um esboço falho de sorriso, onde até seus olhos perdiam seu antigo verde.

De face para um quadro qualquer na parede, sua consciência lutava com outros espectros que sussurravam pelos cantos



*(ele sabe de tudo, fuja!  
não vá perder sua casa!)*

enquanto no mundo real, ela apertava suas mãos tentando conter-se. Após alguns rodopios intermináveis daquela dança macabra, lenta e agonizante, Julia conseguiu escapar para outro lugar, do tempo em que pediu um pouco de paz em prantos silenciados pelo chuveiro. Estava grávida mais uma vez. Decidira que o nome da criança seria algo puro e nobre como...

“Paul têm chamado nossa atenção, Sra. Stevens.”

Julia coçou mais uma vez a aliança. Não queria ver aquele homem e absolutamente não queria conversar sozinha com ele. Toda aquela confusão latejante em sua cabeça não existia meia hora atrás. Nunca mais viria nessa porcaria de escola.

“Eu tenho coisas a fazer. Se puder ir direto ao ponto eu agradeceria.” disse Julia.

O silêncio e olhar desafiador do psicólogo fizeram soar todos os alarmes em sua cabeça e ela percebeu em tempo a gravidade da situação, de onde estava, de quanto custava o colégio e com quem estava falando. Baixou seus olhos ao chão e engoliu em seco. Pedir desculpas não era de sua natureza, e ela resignou-se um pouco mais com as unhas dentro da palma de suas mãos punindo-se.

“Acalme-se. A professora Isabel me pediu para conversar com ele. Nós conversamos, ele fez alguns desenhos. Desenhos incríveis. Ele tem um jeito muito diferenciado, quase fala como um adulto se não levarmos em conta sua voz de criança. Ele fala sobre sua irmã, as pessoas do bairro e do colégio, parecendo saber tudo que acontece ao seu redor com uma riqueza de detalhes...”

A partir deste momento a atenção de Julia perdeu seu rumo e ela não entendeu mais nada. Lembrou-se de como fora difícil limpar o banheiro de sua última cliente e de como aquilo lhe doía os joelhos. Aqueles malditos azulejos brancos (que deviam ser tirados do mercado) estavam a lhe esperar prontamente semana que vem. O homem continuava falando. Ela aguardava uma pequena pausa pacientemente ignorando tudo, como sempre fizera, e tinha sobrevivido ilesa ao mundo, sim senhor. Não iriam achar ela afogada em seu vômito, nem seus filhos iriam reconhecê-la dentro de uma gaveta.

O psicólogo percebeu a expressão de ausência da mulher e calou-se, mudando radicalmente sua expressão. A respiração de Julia acelerou ao perceber a repentina diferença na expressão dele, e era sua vez de falar.

“Mas?” perguntou Julia, mordendo os lábios nervosa.

“Mas... ele não fala de seus pais. De você, ele fala muito... muito pouco.”

Julia colocou a mão em sua boca em um susto.

“É claro que se eu observasse qualquer suspeita de abuso ou mesmo sinais de violência você estaria conversando com um assistente social. Que isso fique bem claro.”

“Sim senhor.” veio a resposta imediata, com o baixar de cabeça de Julia.

“Dito isso, reitero que seu filho deveria ser encaminhado para uma escola preparada para crianças, digamos, mais despertas para o conhecimento, arte e inteligência em absoluta-mente outro nível. Confesso que nunca vi nada parecido em meus trinta anos nesta



profissão.”

Julia abaixou sua cabeça e logo virou seu rosto para a janela, com sua face corada de vergonha. Em seus quarenta anos sempre sabia que quanto maior era o elogio, maior era a queda — o olhar para os papéis do psicólogo e repentino silêncio constrangedor comprovavam sua história com boas notícias.

“Chamei você aqui para dar este recado e receitar um remédio para a ansiedade e depressão pelas quais o menino está passando.” disse o psicólogo.

“Depressão?” exclamou Julia quase como se recebesse uma bofetada, arrumando-se na cadeira para se levantar.

“Algumas crianças vêem TV o dia inteiro, entregam-se à comida, não tomam banho ou fazem constantes afrontas quando certas condições de ansiedade se formam. Seu filho é o oposto. Paul se mantém ocupado como um adulto viciado em trabalho. Pelo nível do material, beira a obsessão. Já fiz algumas aulas de arte, e posso dizer com segurança que não se chega a um realismo destes sem muito esforço e estudo técnico, mas isso não vem ao caso; o que me preocupa aqui e nossa escola é que Paul não brinca do mesmo jeito que crianças de sua idade e me parece estar sofrendo indiretamente pelo grau de dedicação a estes trabalhos.”

Julia estava muito nervosa. Não conseguia entender o que o outro estava dizendo. Para ela garotos deviam jogar bola, se machucar nos joelhos e cotovelos, fumar escondidos e conhecer o cheiro, gosto e prazer de cerveja como todo mundo eventualmente. Aquilo de artista não poderia ser bom para Paul. Ser diferente nunca é legal quando se é criança; ele que fizesse isso depois que saísse de

casa, depois de ter um emprego de verdade. O psicólogo prescreveu o remédio e ela guardou a receita rapidamente, como se aquilo fosse uma vergonha a esconder.

“Quando ele aprendeu a escrever?”

“Cedo. Sara o ensinou quando ficava com ele.”

“E os desenhos começaram quando?”

“Não sei. Crianças estão sempre rabiscando suas porcarias.”

Houve uma pausa. O psicólogo guardou a ficha de Paul dentro de sua gaveta e olhou bem nos olhos de Julia.

“Você já ouviu no termo criança *Indigo*?”

Pavor inundou visivelmente o rosto da mulher.

“Oh, por favor. É este o termo usado pelos *New Age*. Ouvi muito isso na faculdade. Paul fala com a clareza de pensamento de um jovem de trinta. As histórias dele sobre as pessoas revelam um conhecimento profundo de vida.”

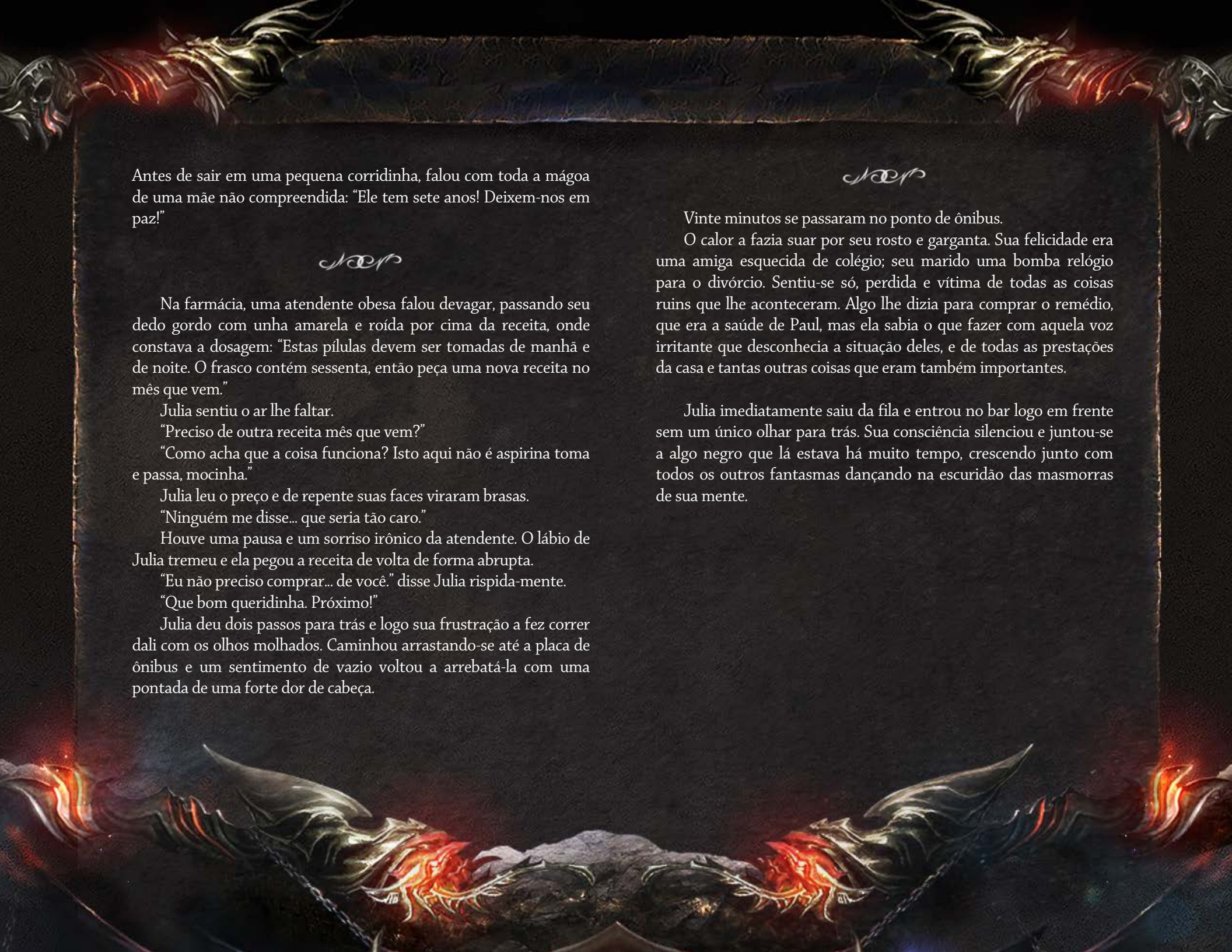
Após um momento de estupefação, ela perguntou ao psicólogo honestamente, com culpa, sofrimento e dor em seu peito: “Têm remédio para isso?”

O psicólogo não conteve uma risada curta, deixando Julia a poucos milímetros da resposta física evidente em sua mente. Sua mão tremeu e as unhas machucaram novamente sua palma. Depois de alguns momentos desconfortáveis, e de um silêncio terrível, ele ajustou seus óculos e falou muito mais sério.

“Alguns acham que tal termo *Indigo* se refira talvez à última encarnação, e que ele tenha conhecimento de todas as coisas que passou por todas as suas outras vidas. O que acha?”

Julia se levantou e foi indo de forma desajeitada para a porta.





Antes de sair em uma pequena corridinha, falou com toda a mágoa de uma mãe não compreendida: “Ele tem sete anos! Deixem-nos em paz!”



Na farmácia, uma atendente obesa falou devagar, passando seu dedo gordo com unha amarela e roída por cima da receita, onde constava a dosagem: “Estas pílulas devem ser tomadas de manhã e de noite. O frasco contém sessenta, então peça uma nova receita no mês que vem.”

Julia sentiu o ar lhe faltar.

“Preciso de outra receita mês que vem?”

“Como acha que a coisa funciona? Isto aqui não é aspirina toma e passa, mocinha.”

Julia leu o preço e de repente suas faces viraram brasas.

“Ninguém me disse... que seria tão caro.”

Houve uma pausa e um sorriso irônico da atendente. O lábio de Julia tremeu e ela pegou a receita de volta de forma abrupta.

“Eu não preciso comprar... de você.” disse Julia rispida-mente.

“Que bom queridinha. Próximo!”

Julia deu dois passos para trás e logo sua frustração a fez correr dali com os olhos molhados. Caminhou arrastando-se até a placa de ônibus e um sentimento de vazio voltou a arrebatá-la com uma pontada de uma forte dor de cabeça.



Vinte minutos se passaram no ponto de ônibus.

O calor a fazia suar por seu rosto e garganta. Sua felicidade era uma amiga esquecida de colégio; seu marido uma bomba relógio para o divórcio. Sentiu-se só, perdida e vítima de todas as coisas ruins que lhe aconteceram. Algo lhe dizia para comprar o remédio, que era a saúde de Paul, mas ela sabia o que fazer com aquela voz irritante que desconhecia a situação deles, e de todas as prestações da casa e tantas outras coisas que eram também importantes.

Julia imediatamente saiu da fila e entrou no bar logo em frente sem um único olhar para trás. Sua consciência silenciou e juntou-se a algo negro que lá estava há muito tempo, crescendo junto com todos os outros fantasmas dançando na escuridão das masmorras de sua mente.



## PAUL

Duas pequenas batidas na porta.

Sara Stevens (já com seu pijama de gatinhos) está olhando para o teto estrelado de adesivos do verão passado. A pequena luz de seu abajur de tartarugas em cima do criado mudo faz uma sombra em sua parede, onde a última metamorfose de pôsteres acusava uma leve direção para meninos e bandas de rock. Mas a mente da menina que faria doze anos em três meses não estava tão apegada assim com a fama dos astros e celebridades — ela pensava apenas em Luke da aula de educação física, e de como gostava de estar perto dele. Nos jogos de vôlei já notara que ele *quase* sempre passava a bola para ela, e quando era a vez dele de cortar, lhe acertava bem de leve para ela pegar a bola com ambas as mãos e dizer alguma coisa; *qualquer coisa*. Seus olhos eram azuis e ele tinha ombros largos, com algumas sardinhas aqui e acolá. Ela ensaiava pensamentos sobre como as mãos quentes dele apertariam as suas enquanto eles iam passear sozinhos, sem ninguém para atrapalhar a sua volta.

Mais uma batida na porta fez Sara voltar de seus devaneios adolescentes.

“Sara, posso entrar?” falou uma voz de criança.

“Entra pivete.” disse a menina com um sorriso.

A porta abriu devagar e um garoto de quase oito anos entrou com um grande calhamaço de desenhos. Ainda tinha a bermuda do colégio e seus dedos estavam um pouco sujos dos lápis de cor. Ele sentou-se na cama junto com ela.

“Julia não chegou ainda.”

“Não chame a mãe pelo nome. Já disse que é estranho.”

“Ela não se incomoda. Aliás, eu já disse para você trocar aquelas estrelas de lugar. Está tudo errado!”

“Eu deixei você mexer um pouquinho só Paulie e você já fica incomodando. Esse é o *meu* universo!” a menina abriu seus braços em contentamento seguido de um passo de balé deixando ele colocar os desenhos por cima da cama.

“Você é tão boba!”

“Você é nojento, ainda nem tomou banho.”

Paul a olhou com um sorriso maroto, porém havia algo diferente ali, algo que ela já vira nos olhos de seu pai, uma certeza absoluta sobre as coisas de que ela ainda não entendia.

*Às vezes você me assusta, Paulie* — pensou Sara.

O menino ficou um tempo parado a olhando, entre um sorriso e um franzir de seu cenho. Por fim, disse: “Olha só, trouxe estes aqui para você ver.”

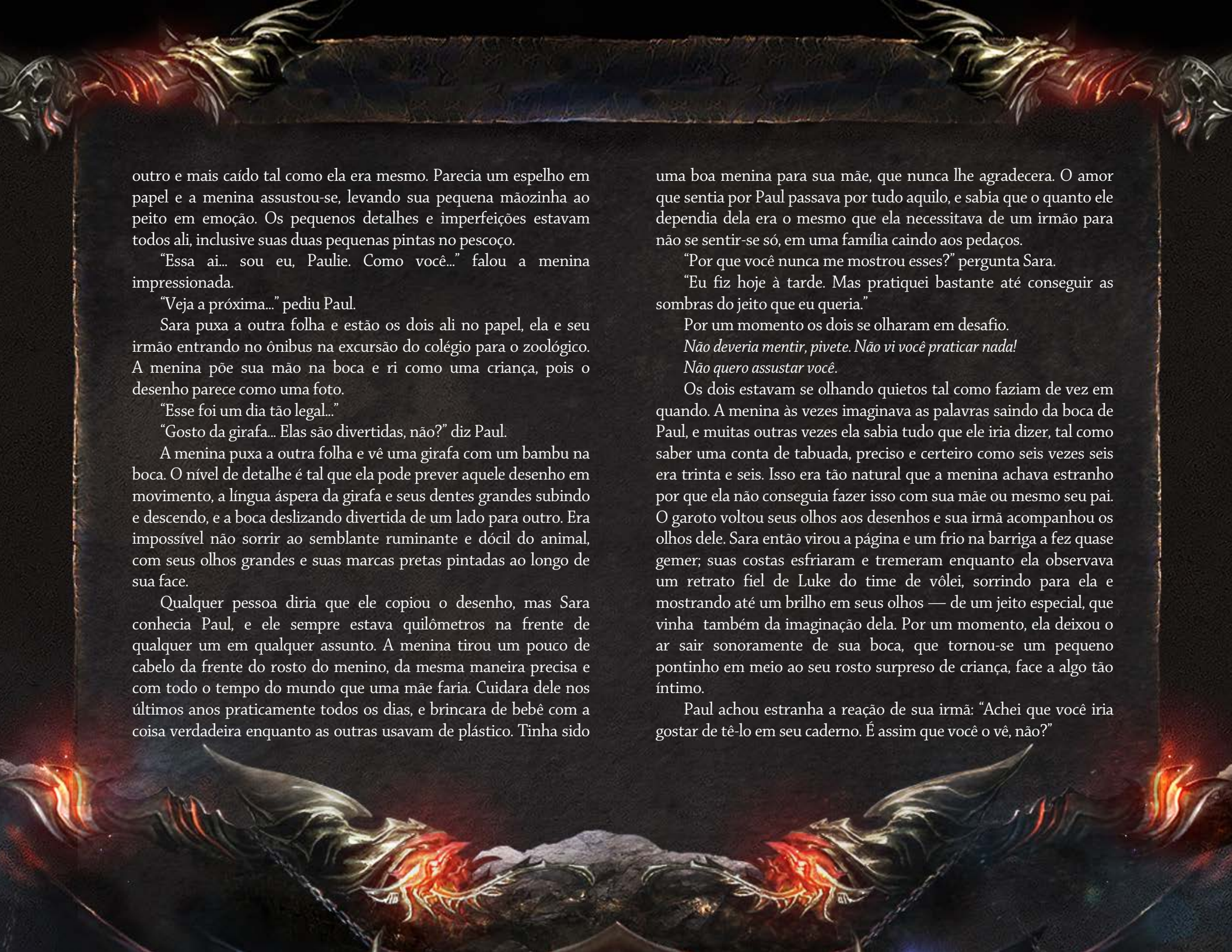
A menina desvia seus olhos dele, se inclina e puxa a lâmpada da tartaruga por cima dos papéis. A primeira impressão que Sara teve daqueles traços foi semelhante a descer de carro rápido por uma ladeira.

“Paulie... o que é... isto?” diz a menina em grande surpresa.

“O que lhe parece?”

Sara levanta a lâmpada e vê melhor todo o desenho, feito com ponta de lápis. As sombras são muito detalhadas e nítidas. Sem dúvida era ela ali no desenho. O cabelo estava solto e na sua bochecha havia um pequeno corte, um olho um pouco maior que o





outro e mais caído tal como ela era mesmo. Parecia um espelho em papel e a menina assustou-se, levando sua pequena mãozinha ao peito em emoção. Os pequenos detalhes e imperfeições estavam todos ali, inclusive suas duas pequenas pintas no pescoço.

“Essa aí... sou eu, Paulie. Como você...” falou a menina impressionada.

“Veja a próxima...” pediu Paul.

Sara puxa a outra folha e estão os dois ali no papel, ela e seu irmão entrando no ônibus na excursão do colégio para o zoológico. A menina põe sua mão na boca e ri como uma criança, pois o desenho parece como uma foto.

“Esse foi um dia tão legal...”

“Gosto da girafa... Elas são divertidas, não?” diz Paul.

A menina puxa a outra folha e vê uma girafa com um bambu na boca. O nível de detalhe é tal que ela pode prever aquele desenho em movimento, a língua áspera da girafa e seus dentes grandes subindo e descendo, e a boca deslizando divertida de um lado para outro. Era impossível não sorrir ao semblante ruminante e dócil do animal, com seus olhos grandes e suas marcas pretas pintadas ao longo de sua face.

Qualquer pessoa diria que ele copiou o desenho, mas Sara conhecia Paul, e ele sempre estava quilômetros na frente de qualquer um em qualquer assunto. A menina tirou um pouco de cabelo da frente do rosto do menino, da mesma maneira precisa e com todo o tempo do mundo que uma mãe faria. Cuidara dele nos últimos anos praticamente todos os dias, e brincara de bebê com a coisa verdadeira enquanto as outras usavam de plástico. Tinha sido

uma boa menina para sua mãe, que nunca lhe agradecera. O amor que sentia por Paul passava por tudo aquilo, e sabia que o quanto ele dependia dela era o mesmo que ela necessitava de um irmão para não se sentir-se só, em uma família caindo aos pedaços.

“Por que você nunca me mostrou esses?” pergunta Sara.

“Eu fiz hoje à tarde. Mas pratiquei bastante até conseguir as sombras do jeito que eu queria.”

Por um momento os dois se olharam em desafio.

*Não deveria mentir, pivete. Não vi você praticar nada!*

*Não quero assustar você.*

Os dois estavam se olhando quietos tal como faziam de vez em quando. A menina às vezes imaginava as palavras saindo da boca de Paul, e muitas outras vezes ela sabia tudo que ele iria dizer, tal como saber uma conta de tabuada, preciso e certo como seis vezes seis era trinta e seis. Isso era tão natural que a menina achava estranho por que ela não conseguia fazer isso com sua mãe ou mesmo seu pai. O garoto voltou seus olhos aos desenhos e sua irmã acompanhou os olhos dele. Sara então virou a página e um frio na barriga a fez quase gemer; suas costas esfriaram e tremeram enquanto ela observava um retrato fiel de Luke do time de vôlei, sorrindo para ela e mostrando até um brilho em seus olhos — de um jeito especial, que vinha também da imaginação dela. Por um momento, ela deixou o ar sair sonoramente de sua boca, que tornou-se um pequeno pontinho em meio ao seu rosto surpreso de criança, face a algo tão íntimo.

Paul achou estranha a reação de sua irmã: “Achei que você iria gostar de tê-lo em seu caderno. É assim que você o vê, não?”



Sara ia falar alguma coisa, mas a porta de entrada da casa se abriu e sua mãe entrou. Os irmãos ouviram uma discussão feroz. Depois de alguns momentos, Paul começou a chorar de seu jeito peculiar, onde só as lágrimas caíam. Sara envolveu-o e os desenhos em um abraço tenro e forte.

“Abraço de urso...” disse a menina com sua voz, agora não mais como sua irmã, mas como de uma mãe adolescente.

“Eu nunca vou aceitar isso.” falou o menino.

“Quietinho Paulie, vai passar. Sempre passa.”

A discussão aumentou de volume e a porta do quarto de seus pais foi batida.

“Eu gostaria de dormir aqui hoje.” pediu Paul a Sara.

“Tudo bem, mas promete que só vai mostrar para mim os desenhos.”

“Sim.”

“Um dia a gente sai daqui, pivete.” foi o que ela conseguiu dizer a Paul, que agora tinha o olhar concentrado nas estrelas do teto. A luz do corredor se apaga, e a TV é ligada de novo. Aparentemente seu pai vai dormir no sofá mais uma vez.

Alguns minutos se passaram e o garoto virou-se para o outro lado. Depois de ter certeza que seu irmão finalmente dormia, a menina pegou o retrato de Luke e disse boa noite, com um beijo.

Na sala, Charles trocava os canais da televisão sem parar.

III

“Charles, você e o Harry levem o monstro até o terceiro andar.” falou o motorista do caminhão com certo prazer.

Stevens e outro ajudante foram até a parte de trás do veículo e abriram as portas. Lá estava uma geladeira branca, velha e enorme.

“Uma velha durona.” disse Charles.

“Que merda de serviço, cara.” resmungou Harry.

“Melhor que dormir no sofá.” respondeu Charles.

“De novo?”

“Pois é.”

Harry subiu no caminhão e começou a desamarrar a geladeira das presilhas. Charles sentiu um pontada nas costas e se curvou um pouco. Minutos depois, os dois já estavam subindo a escada. Harry na frente e Stevens atrás com a parte de baixo da geladeira.

Esperando na porta, estava uma senhora com óculos de fundo de garrafa, e que, ao ver os dois ficarem conversando sem executar o serviço, falou: “Cuidado com a minha Bertha. Ela sobreviveu dois maridos e um incêndio em setenta e seis.” falou aquela senhora, com uma voz alta e rouca de fumante.

“Só um pedaço de lata para agüentar uma velha como essas.” resmungou Harry baixinho.

“Cala boca e sobe.” resmungou Stevens de volta.

Após subirem o segundo andar, um cachorro pequeno apareceu na porta da mulher, começou a latir e saiu correndo pelo corredor.

“Cachorro!” disse Harry concentrado no peso.

O pequeno *cocker spaniel* começou a cheirar e a caminhar entre



os dois. Stevens estava sofrendo com o peso, e quando subiu o degrau pisou na pata do cachorro que gritou.

"Cuidado!" gritou a senhora.

O monstro-geladeira escorregou dos dedos de Charles, caindo em cima de sua perna, logo acima do tênis causando um barulho de galho quebrado. Ele congelou em pânico sentido um enorme formigamento irradiar em ondas de sua perna. Enquanto Harry lutava, xingava e fazia tudo o que podia para tirar a coisa de cima de Charles, que ouviu a velha urrar enlouquecida que iria matar aquela porcaria de cachorro dos infernos e que não iria pagar mais pelo serviço.



Julia levantou-se ao meio dia, encontrando Paul e Sara vendo televisão na sala. Mesmo sentindo uma tontura horrível, fez a comida das crianças com o que havia na geladeira. Depois do almoço, os irmãos lavaram a louça enquanto sua mãe descansava no sofá, que continuava com o travesseiro do marido.

O menino tocou no braço de Julia: "Papai está atrasado."

"Que horas são?" perguntou Julia acordando desesperada.

"Quase duas." disse Sara.

"Oh, meu Deus!" gritou Julia.

A mulher se levantou imediatamente e correu ao banheiro, lavou seu rosto praguejando e depois penteou seu cabelo falando palavras sem parar. As duas crianças estavam paradas na porta já com suas mochilas nas costas a observá-la em seu rotineiro surto de

violência.

"Sara, traz o meu telefone aqui. Vou levar vocês à escola, por que aparentemente a única coisa que seu pai deveria fazer ele não faz."

A menina em pouco tempo encontrou e trouxe o celular. Não ousava olhar nos olhos de sua mãe. Por experiência, a lei do silêncio imperaria até a outra semana, se nada a mais tivesse acontecido até lá, prorrogando ainda mais aquele tempo.

"Vou ter de cancelar a faxina. Desgraçado!"

Julia penteou mais uma vez seu cabelo com violência e selecionou o nome SUSAN no celular. Depois de quatro chamadas, o operador informou que o celular estava fora da área de cobertura.

"Mas que droga! Filho da puta me paga!"

Julia calçava seus sapatos quando o barulho de chaves na porta fez todos olharem para lá. Charles entra em casa com um gesso enorme no seu pé esquerdo.

Julia parou por exatos dois segundos e bufou: "Vamos embora." disse ela.

"Oi crianças." disse Charles sem ânimo.

Paul e Sara abraçaram seu pai enquanto Julia o olhava com ódio do corredor. Enquanto Charles explicava a eles o que tinha acontecido, o menino tirou uma caneta de seu bolso e escreveu seu nome no gesso, que ia até seu joelho.

"Vamos embora, deixem o seu pai descansar. E *você* podia avisar de vez em quando."

"Desculpe, eu me esqueci do celular completamente. E já estou bem, se isso lhe interessa." respondeu Charles.

Enquanto Julia e as crianças entravam no carro, Charles deitava



de novo no sofá com um comprimido para dor na mão.

"Eu e você de novo, meu chapa." falou Charles, deitando-se, e, mais uma vez, os canais eram trocados um por um incessantemente na TV.



No carro, Paul e Sara cochicham no banco traseiro, enquanto sua mãe confere a maquiagem no espelhinho, tensa e nervosa.

"Ela bebeu de novo," disse Sara baixinho. "Dá pra ver."

"Papai vai se separar," confirmou Paul.

"Não diga isso!" reclamou a menina.

O trânsito andava devagar. Julia buzina às vezes e resmungava algo baixinho para si. Trocava as marchas do carro velho com força e acelerava bastante quando havia um espaço para avançar.

Alguns minutos se passaram.

A menina, acostumada com o comportamento da mãe (e também um pouco entediada) deu um beliscão em Paul e ele quase não reclamou. Sara achava aquilo estranho, outras crianças revidariam imediatamente, não a ignorariam como Paul fazia. Um pensamento leve passou por si que aquilo seria o que um adulto faria, mas seus hormônios adolescentes venceram e a curiosidade a levou a dar-lhe mais um beliscão para ver o que acontecia.

Antes de Sara fechar seus dedos na pele do menino, ele parou subitamente e virou sua cabeça para o lado de Sara. O ar dentro do carro tornou-se elétrico, e a menina sentiu os cabelos dos braços

endurecerem como se um frio súbito passasse por ela. A menina voltou lentamente sua cabeça para onde Paul estava olhando. Gritou com força quando viu um rosto de homem apertado contra a janela do carro. O vidro ao lado da menina embaçava e ficava molhado do outro lado. Um policial com seu bastão de madeira seguravam aquele homem naquela posição.

A tontura da bebedeira do outro dia volta com toda a força, e Julia inclina um pouco para frente com o susto e a violência do grito. Com o máximo de controle, a revolta no estômago é contida. O carro balança e ela finalmente volta sua cabeça para trás, vendo seus dois filhos jogando-se para o outro lado do carro. Um outro policial ajuda a tirar o homem dali algemado.

"Está tudo sob controle," disse o oficial, com seu rosto suado pela janela do carona para Julia.

"Cai..." disse Julia apertando seus olhos para conter o mal estar.

*Omeudeus vou passar mal na frente da polícia,* pensou Julia.

"C-cai fora do meu carro!" protestou ela de uma maneira esquisita. O policial fez um gesto com a mão indicando não se importar e foi voltando para a viatura.

Paul falou bem baixinho: "Algo... está diferente."

Os irmãos sentaram agora bem próximos um do outro e seguraram suas mãos. Não falaram mais nada, enquanto sua mãe reclamou e xingou incessantemente o policial até chegarem à escola. Sara fez uma anotação mental de que precisava parar com as suas ciancices.

Ao lado, Paul apertou um pouquinho sua mão, mas seu rosto contraído indicava que sua mente estava em outro lugar.



*100*

“O diretor vai vê-los agora.”

Após chegarem quase uma hora atrasados, Paul e Sara entram no gabinete do diretor com suas cabeças baixas. De mochilas de rodinha ao lado, eles se sentam em grandes poltronas de couro preto. Os dois nunca estiveram ali, mas as histórias (inventadas ou não) de outros que passaram por esta sala, misturadas com o friozinho na barriga deixavam a imaginação da menina inquieta. Paul achava aquilo no mínimo interessante. Richard Templeton terminou sua ligação no telefone e lhes deu o olhar. Sara sentiu-se envergonhada, mas não teve como conter um princípio de riso nervoso. Paul olhava o diretor e pensava no que ele iria dizer.

“Sara, vá para aula.” falou o diretor.

Sara respirou mais calma, levantou-se e beijou seu irmão: “Tchau Paulie.”

“E você... Paul Stevens. Garoto prodígio?”

O garoto balançou a cabeça, continuando a observar o diretor: “Esse é o Robin. Eu sou só um garoto.”

Richard coçou sua barba grisalha, e por um momento Paul achou que ele devia ser muito velho, quase oitenta pelas rugas na sua testa.

“Deixe-me chamar sua professora.”

“Eu agradeço.” veio a resposta imediata do menino.

O diretor o olhou esquisito, puxando o telefone: “Chame a Sra. Richarlier.”

O escritório tinha uma janela horizontal grande, junto com uma

persiana que estava aberta atrás de Paul. Através dela, Richard cumprimentou o professor de matemática que passava em sua cadeira de rodas com um pequeno aceno de mão. O professor perdera sua perna esquerda em uma viagem à Índia em um acidente de trânsito.

*Pobre infeliz*, pensou Richard.

“Estou ansioso por minha aula de frações.” disse Paul.

“Ah! Todos estão. É o evento do ano da escola.”

“Eu prefiro pizza; açúcar me deixa bobo demais.”

Richard tamborilou seus dedos na mesa: “Eu também. Não diga à minha esposa.”

Paul manteve seu sorriso enquanto sua professora Isabel entrou na sala e fez um cumprimento polido ao diretor da escola.

“Paulie.. o que houve?” perguntou Isabel com a mão no ombro do menino e um pouco agachada à sua frente.

“Meu pai se atrasou. Quebrou sua perna no trabalho.” disse o menino com um sorriso amarelo de desculpas.

Paul olhou para o diretor e quando ia dizer que sua mãe não estava disposta hoje, sua face mudou repentinamente para uma expressão de estranheza. O menino voltou seus olhos aflitos à Isabel, que lhe retornou um sorriso.

“Bom, vamos para classe?” disse a professora tentando sair daquela situação constrangedora.

Paul colocou a mão em sua boca por um momento, que se estendeu para outro e mais outro. Os olhos do menino iam da direita para a esquerda e depois se encontraram com os dois olhos azuis de Isabel, que estava achando aquilo tudo muito esquisito.



“Alguém se machucou.” disse Paul para a professora.

Isabel recuperou-se e ignorou completamente o que tinha recém acontecido — estaria ela vendo coisas? Os olhos do menino estavam tão aflitos.

“Vamos indo?” disse finalmente Isabel estendendo sua mão.

Paul virou-se novamente para o diretor.

“O telefone!” disse o menino se levantando abruptamente de sua cadeira, como se uma mola tivesse sido acionada.

O diretor e a professora se olharam enquanto o som do telefone ecoou pela sala.

“Onde está a Sra. Claire?” perguntou Richard como se nada estivesse acontecendo. Isabel forçou seu pescoço e viu que ela não estava na sua mesa.

“Ela... saiu?” disse Isabel ainda não entendendo.

O telefone tocou mais uma vez.

Richard olhou desconfiado para Paul e olhou o relógio.

O telefone tocou mais uma vez.

“Fui professor por quarenta anos. E se você acha que já viu de tudo? Ora.. garoto prodígio aqui quase me convenceu.” falou o diretor, visivelmente desapontado.

Richard alcançou o braço do menino e expôs o relógio dele: “Exatamente 15:20.” leu Templeton de seu relógio.

O telefone tocou mais uma vez.

“Richard! Pare com isso.” disse Isabel nervosa.

O telefone tocou mais uma vez.

“Vou ensinar o Robin aqui uma lição. Tentando me pegar com o dia das frações. *Muito esperto!*”

O telefone tocou mais uma vez. O diretor colocou o telefone em viva voz. Paul colocou suas mãos nos ouvidos antes de Richard começar a falar: “Sara, eu não acredito...”

Havia no mínimo três vozes ao mesmo tempo em um volume tão alto que o amplificador do telefone rangia, parecendo contorcer-se. Gritos de um menino, agudos e persistentes de dor contra um outro, mais selvagem e ameaçador. Junto com eles, ouvia-se a voz que Richard reconheceu ser da enfermeira da escola, pedindo em prantos que aquilo acabasse. Templeton ficou pálido enquanto Paul se encolhia na cadeira. Passaram segundos de gritaria enquanto uma quarta voz, da sua própria assistente, rezava uma ave Maria em espanhol.

“Richard... pelo amor de deus.” disse Isabel atônita, se aproximando do telefone.

“Você não se mexa!” veio novamente a voz da enfermeira pelo alto-falante, parando Isabel imediatamente a um palmo do telefone.

O diretor mantinha seus olhos incrédulos em Paul.

“Richard!” berrou a enfermeira entre os gritos.

“E-Eu estou aqui.” falou o diretor finalmente.

“Pobre criança!” chorou a enfermeira enquanto o grito selvagem ia diminuindo; os de dor haviam cessado por completo.

“Eu.. estou aqui.” repetiu Richard.

A outra voz selvagem diminui bastante. Agora ouvia-se um lamento rápido e indistinto no fundo.

“Venha imediatamente para cá. *(o som fica abafado)* Claire pare já com essa merda *(volta o som)*. Temos alguém muito machucado. Já liguei para a ambulância. Esqueci o nome... do menino. *Oh, Deus pai*



*todo poderoso.”*

A ligação é abruptamente cortada.

*~~~~~*

Isabel seguiu o diretor, e Paul acompanhou sua professora. A enfermaria ficava no outro bloco, por volta de noventa metros dali. Richard Templeton estranhou o barulho acima da média da escola e a falta de um professor monitor naquele corredor. Quando Isabel percebeu a enfermeira fora da sala, também notou que estava segurando a mão pequena de Paul.

Caren, que fora residente de pronto-socorro por mais de quinze anos, tremia e tinha riscos de sangue em seu avental. Quando o diretor, um homem imponente vestido de gravata e sapato italiano aproximou-se, ela começou a chorar e perdeu toda a sua compostura médica. Richard finalmente tomou ação. O diretor segurou na mão dela e lhe deu um aperto. Paul reconheceu o gesto de seu pai e Caren de seu ex-marido. Foi o suficiente em linguagem corporal para restabelecer um mínimo de controle emocional.

“E-Eu fiz o que pude.” balbuciou Caren.

“Saia da frente.” disse Richard respirando pelo nariz.

“A situação está... *controlada*.”

“Sra. Caren!” exigiu o diretor mais uma vez.

A enfermeira olhou agora para Isabel, cujos olhos bailavam da roupa salpicada de vermelho até a pequena gota de sangue ao lado da boca da enfermeira. Richard moveu Caren à força com o máximo de gentileza que pôde. Ele viu pela porta de vidro ondulado três

formas mais escuras. Uma forma estava em pé, e pelo tamanho deveria ser sua assistente. A segunda forma estava deitada em cima da mesa e a outra estava sentada no chão. Sua mente lhe lembrou dos gritos e ele estacou ali.

Isabel limpou o sangue do rosto da enfermeira com um lenço, depois agachou-se para falar com Paul: “Querido, você não precisa ver isto. Fique aqui fora só um pouquinho. Tudo bem?”

“Sim.” disse o menino.

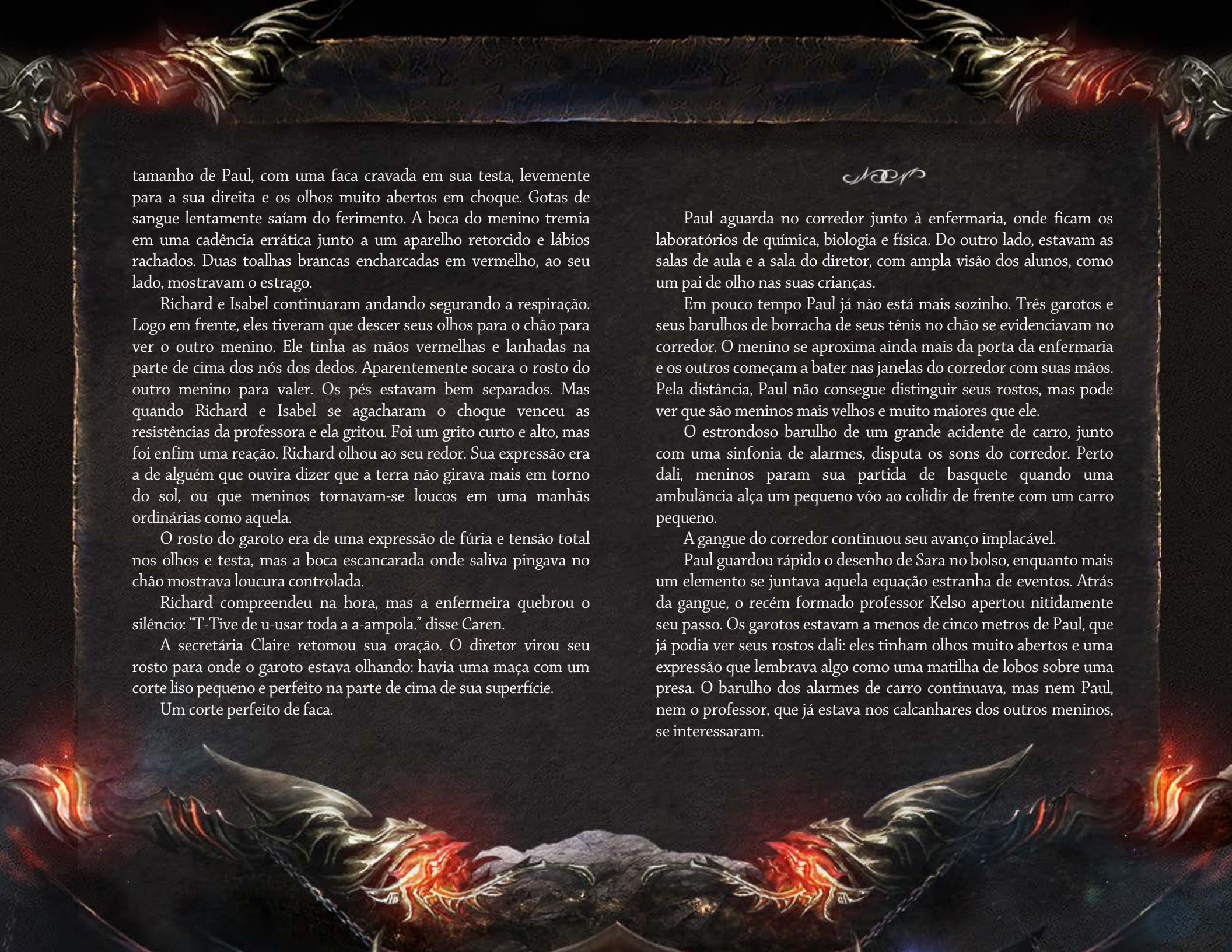
Isabel percebeu naquele instante que Paul sempre tinha as respostas na ponta da língua. Aquilo era estranho comparado aos meninos de sua idade, que sempre estavam correndo e dificilmente trocavam mais de poucas palavras com adultos.

A professora se aproximou da enfermeira e do diretor, e então eles entraram juntos um atrás do outro. Paul ficou com suas costas na parede e tinha o desenho de sua irmã apertado ao peito.

O que aconteceu com Richard e Isabel quando eles entraram na enfermaria não é muito diferente ao que acontece quando pessoas estão em um engarrafamento na estrada e de repente é a sua vez de ver na primeira fila um acidente trágico. No caso deles, talvez aquela porta tenha atenuado o choque inicial. O comportamento padrão veio logo em seguida. Templeton e Isabel viram primeiro a assistente Claire, com todo o seu corpo de frente para a parede, gemendo e rezando, como se quisesse naquele momento virar um pedaço vivo de escritório. Isso não os fez parar de andar devagar, ligeiramente encurvados em uma posição defensiva.

A segunda coisa que viram, por mais impossível que parecesse, também não os fez parar. Era um menino deitado na mesa, do





tamanho de Paul, com uma faca cravada em sua testa, levemente para a sua direita e os olhos muito abertos em choque. Gotas de sangue lentamente saíam do ferimento. A boca do menino tremia em uma cadência errática junto a um aparelho retorcido e lábios rachados. Duas toalhas brancas encharcadas em vermelho, ao seu lado, mostravam o estrago.

Richard e Isabel continuaram andando segurando a respiração. Logo em frente, eles tiveram que descer seus olhos para o chão para ver o outro menino. Ele tinha as mãos vermelhas e lanhadas na parte de cima dos nós dos dedos. Aparentemente socara o rosto do outro menino para valer. Os pés estavam bem separados. Mas quando Richard e Isabel se agacharam o choque venceu as resistências da professora e ela gritou. Foi um grito curto e alto, mas foi enfim uma reação. Richard olhou ao seu redor. Sua expressão era a de alguém que ouvira dizer que a terra não girava mais em torno do sol, ou que meninos tornavam-se loucos em uma manhã ordinária como aquela.

O rosto do garoto era de uma expressão de fúria e tensão total nos olhos e testa, mas a boca escancarada onde saliva pingava no chão mostrava loucura controlada.

Richard compreendeu na hora, mas a enfermeira quebrou o silêncio: “T-Tive de u-usar toda a a-ampola.” disse Caren.

A secretária Claire retomou sua oração. O diretor virou seu rosto para onde o garoto estava olhando: havia uma maçã com um corte liso pequeno e perfeito na parte de cima de sua superfície.

Um corte perfeito de faca.

*III*

Paul aguarda no corredor junto à enfermaria, onde ficam os laboratórios de química, biologia e física. Do outro lado, estavam as salas de aula e a sala do diretor, com ampla visão dos alunos, como um pai de olho nas suas crianças.

Em pouco tempo Paul já não está mais sozinho. Três garotos e seus barulhos de borracha de seus tênis no chão se evidenciavam no corredor. O menino se aproxima ainda mais da porta da enfermaria e os outros começam a bater nas janelas do corredor com suas mãos. Pela distância, Paul não consegue distinguir seus rostos, mas pode ver que são meninos mais velhos e muito maiores que ele.

O estrondoso barulho de um grande acidente de carro, junto com uma sinfonia de alarmes, disputa os sons do corredor. Perto dali, meninos param sua partida de basquete quando uma ambulância alça um pequeno vôo ao colidir de frente com um carro pequeno.

A gangue do corredor continuou seu avanço implacável.

Paul guardou rápido o desenho de Sara no bolso, enquanto mais um elemento se juntava aquela equação estranha de eventos. Atrás da gangue, o recém formado professor Kelso apertou nitidamente seu passo. Os garotos estavam a menos de cinco metros de Paul, que já podia ver seus rostos dali: eles tinham olhos muito abertos e uma expressão que lembrava algo como uma matilha de lobos sobre uma presa. O barulho dos alarmes de carro continuava, mas nem Paul, nem o professor, que já estava nos calcanhares dos outros meninos, se interessaram.



Um dos membros da gangue virou-se ao pressentir que algo corria atrás de si, e Kelso o acertou no mesmo momento no rosto. Um barulho de nariz partindo-se juntou-se aos sons da manhã; os outros pararam e imediatamente lançaram-se contra o professor. Como Kelso já tinha desferido o golpe no primeiro, expôs sua guarda aberta e uma pancadaria estranhamente silenciosa começou na frente de Paul.

Aquele que recebeu o primeiro soco avaliou a situação e resolveu voltar pelo corredor de onde viera, continuando com o mesmo padrão de comportamento sobre as janelas e inexplicavelmente indiferente ao seu nariz quebrado, deixando um rastro de pingos de sangue no chão. Os outros dois meninos lutavam com tudo que tinham: socos, pontapés, dentes e estrangulamento. O professor, em quem Paul notou um sorriso estranho, recebeu uma mordida em cheio em sua orelha. Não houve grito nenhum. Kelso segurou os cabelos do outro menino que buscava sua garganta e lhe desferiu um soco direto na barriga. Com calma, tirou o outro menino de si pelo pescoço e o arremessou na parede. Em poucos segundos, os dois garotos correram dali e voltaram a bater nas janelas tal como o primeiro fez ao fugir, com uma completa indiferença com o que acontecera.

Cabelos e sangue estavam no chão.

Kelso estava com um sorriso de dominação em sua face. Sua orelha direita sangrava escorrendo por seu pescoço. Paul viu seus olhos e compreendeu imediatamente. O jovem professor aproximou-se. A dois passos de Paul, Kelso levantou a mão com a formação dos dedos em uma pinça, indo diretamente para o pescoço

do garoto.

Paul estava com uma expressão calma em seu rosto.

“Você não devia ter feito isso.” disse Paul baixinho, mas aquilo ecoou na cabeça de Kelso, fazendo seu nariz sangrar e o sorriso desaparecer para uma expressão de vazio.

“Olá, professor Kelso.” disse Paul.

Lentamente o homem adquiriu alguma expressão em seu rosto. Os olhos e boca esboçavam curiosidade, como numa conversa casual. Algumas gotas de sangue que caíam de seu nariz subiram a pequena lombada de seus lábios e pingaram no chão. Suas mãos ficaram abertas e repousadas ao longo de seu corpo.

“Você devia ir para casa.” disse Paul, enquanto o outro concordou lentamente e foi embora pelo corredor.

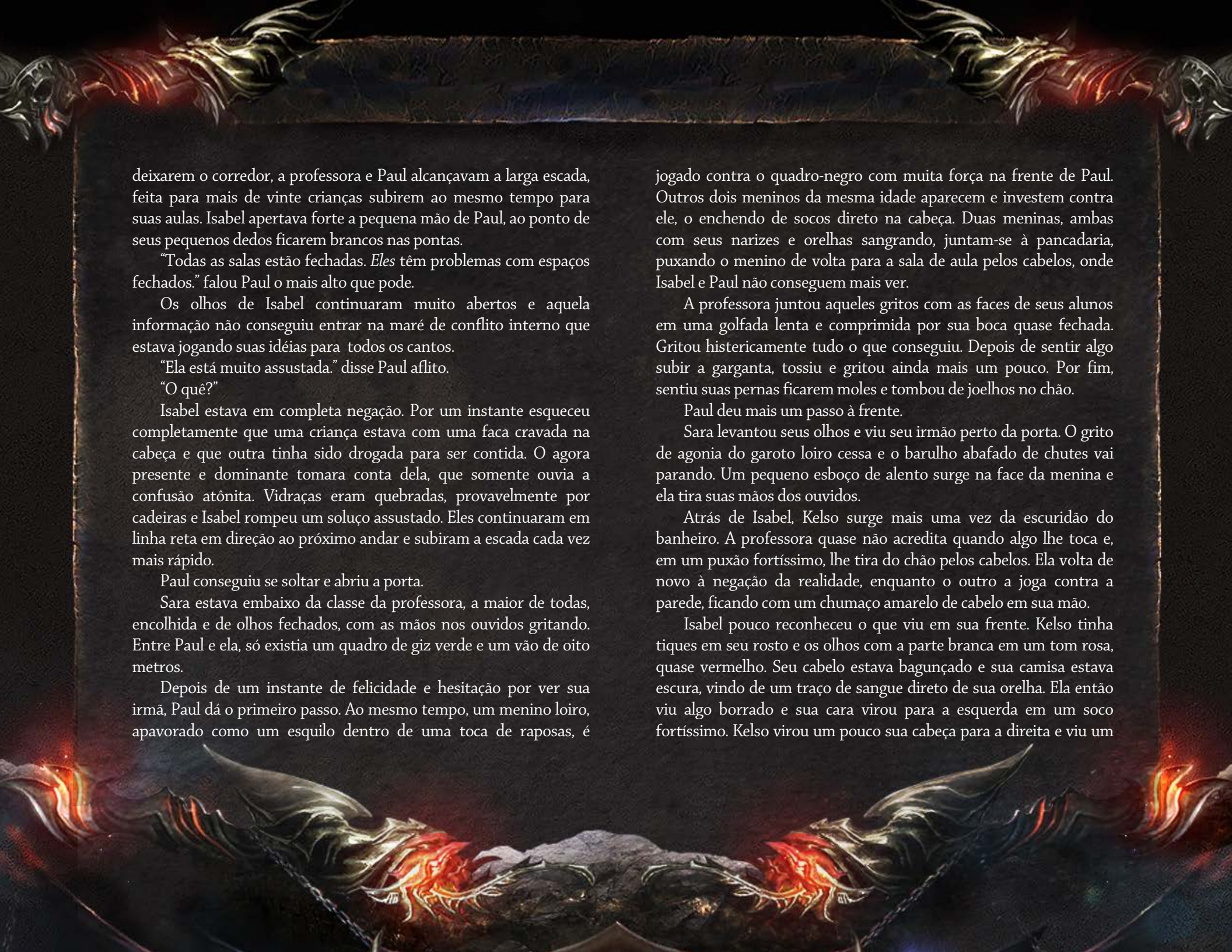
*~~~~~*

Minutos depois na enfermaria, Isabel abre a porta de vidro, tremendo nervosa dos pés à cabeça. Achou Paul no mesmo lugar. A professora pega em sua mão e ele se vira para ela rapidamente e diz: “Precisamos achar Sara!”

Pouco a pouco o barulho normal da escola começa a se tornar uma gritaria incontrolável. A professora e o garoto corriam pelo vão das janelas, enquanto nas ruas pessoas brigavam em volta do acidente com a ambulância. Isabel nota o sangue no chão, mas deliberadamente o som de destruição e vidros sendo quebrados por toda a escola.

Os dois, sem se perceber, corriam. Momentos depois de





deixarem o corredor, a professora e Paul alcançavam a larga escada, feita para mais de vinte crianças subirem ao mesmo tempo para suas aulas. Isabel apertava forte a pequena mão de Paul, ao ponto de seus pequenos dedos ficarem brancos nas pontas.

“Todas as salas estão fechadas. *Eles* têm problemas com espaços fechados.” falou Paul o mais alto que pode.

Os olhos de Isabel continuaram muito abertos e aquela informação não conseguiu entrar na maré de conflito interno que estava jogando suas idéias para todos os cantos.

“Ela está muito assustada.” disse Paul aflito.

“O quê?”

Isabel estava em completa negação. Por um instante esqueceu completamente que uma criança estava com uma faca cravada na cabeça e que outra tinha sido drogada para ser contida. O agora presente e dominante tomara conta dela, que somente ouvia a confusão atônita. Vidraças eram quebradas, provavelmente por cadeiras e Isabel rompeu um soluço assustado. Eles continuaram em linha reta em direção ao próximo andar e subiram a escada cada vez mais rápido.

Paul conseguiu se soltar e abriu a porta.

Sara estava embaixo da classe da professora, a maior de todas, encolhida e de olhos fechados, com as mãos nos ouvidos gritando. Entre Paul e ela, só existia um quadro de giz verde e um vão de oito metros.

Depois de um instante de felicidade e hesitação por ver sua irmã, Paul dá o primeiro passo. Ao mesmo tempo, um menino loiro, apavorado como um esquilo dentro de uma toca de raposas, é

jogado contra o quadro-negro com muita força na frente de Paul. Outros dois meninos da mesma idade aparecem e investem contra ele, o enchendo de socos direto na cabeça. Duas meninas, ambas com seus narizes e orelhas sangrando, juntam-se à pancadaria, puxando o menino de volta para a sala de aula pelos cabelos, onde Isabel e Paul não conseguem mais ver.

A professora juntou aqueles gritos com as faces de seus alunos em uma golfada lenta e comprimida por sua boca quase fechada. Gritou histericamente tudo o que conseguiu. Depois de sentir algo subir a garganta, tossiu e gritou ainda mais um pouco. Por fim, sentiu suas pernas ficarem moles e tombou de joelhos no chão.

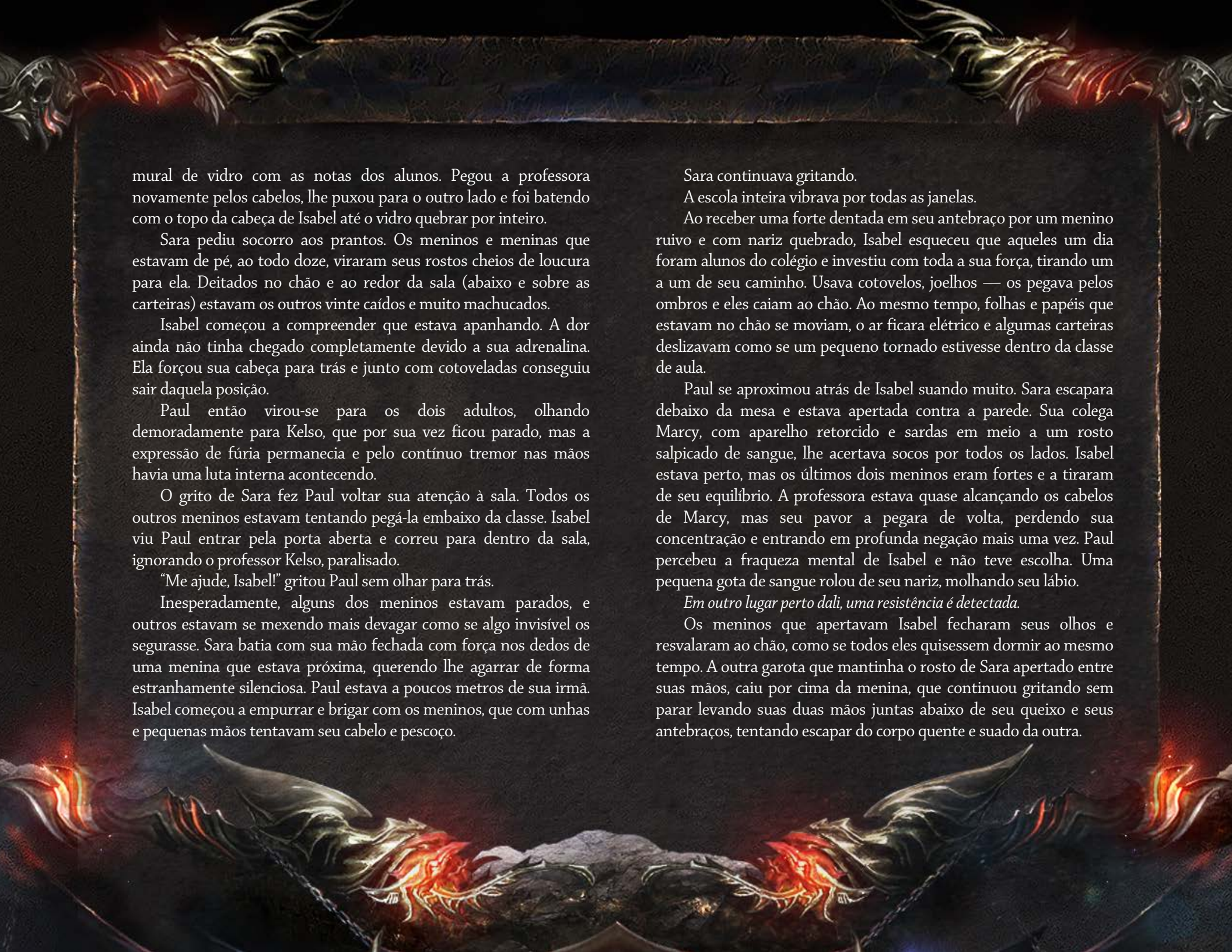
Paul deu mais um passo à frente.

Sara levantou seus olhos e viu seu irmão perto da porta. O grito de agonia do garoto loiro cessa e o barulho abafado de chutes vai parando. Um pequeno esboço de alento surge na face da menina e ela tira suas mãos dos ouvidos.

Atrás de Isabel, Kelso surge mais uma vez da escuridão do banheiro. A professora quase não acredita quando algo lhe toca e, em um puxão fortíssimo, lhe tira do chão pelos cabelos. Ela volta de novo à negação da realidade, enquanto o outro a joga contra a parede, ficando com um chumaço amarelo de cabelo em sua mão.

Isabel pouco reconheceu o que viu em sua frente. Kelso tinha tiques em seu rosto e os olhos com a parte branca em um tom rosa, quase vermelho. Seu cabelo estava bagunçado e sua camisa estava escura, vindo de um traço de sangue direto de sua orelha. Ela então viu algo borrado e sua cara virou para a esquerda em um soco fortíssimo. Kelso virou um pouco sua cabeça para a direita e viu um





mural de vidro com as notas dos alunos. Pegou a professora novamente pelos cabelos, lhe puxou para o outro lado e foi batendo com o topo da cabeça de Isabel até o vidro quebrar por inteiro.

Sara pediu socorro aos prantos. Os meninos e meninas que estavam de pé, ao todo doze, viraram seus rostos cheios de loucura para ela. Deitados no chão e ao redor da sala (abaixo e sobre as carteiras) estavam os outros vinte caídos e muito machucados.

Isabel começou a compreender que estava apanhando. A dor ainda não tinha chegado completamente devido a sua adrenalina. Ela forçou sua cabeça para trás e junto com cotoveladas conseguiu sair daquela posição.

Paul então virou-se para os dois adultos, olhando demoradamente para Kelso, que por sua vez ficou parado, mas a expressão de fúria permanecia e pelo contínuo tremor nas mãos havia uma luta interna acontecendo.

O grito de Sara fez Paul voltar sua atenção à sala. Todos os outros meninos estavam tentando pegá-la embaixo da classe. Isabel viu Paul entrar pela porta aberta e correu para dentro da sala, ignorando o professor Kelso, paralisado.

“Me ajude, Isabel!” gritou Paul sem olhar para trás.

Inesperadamente, alguns dos meninos estavam parados, e outros estavam se mexendo mais devagar como se algo invisível os segurasse. Sara batia com sua mão fechada com força nos dedos de uma menina que estava próxima, querendo lhe agarrar de forma estranhamente silenciosa. Paul estava a poucos metros de sua irmã. Isabel começou a empurrar e brigar com os meninos, que com unhas e pequenas mãos tentavam seu cabelo e pescoço.

Sara continuava gritando.

A escola inteira vibrava por todas as janelas.

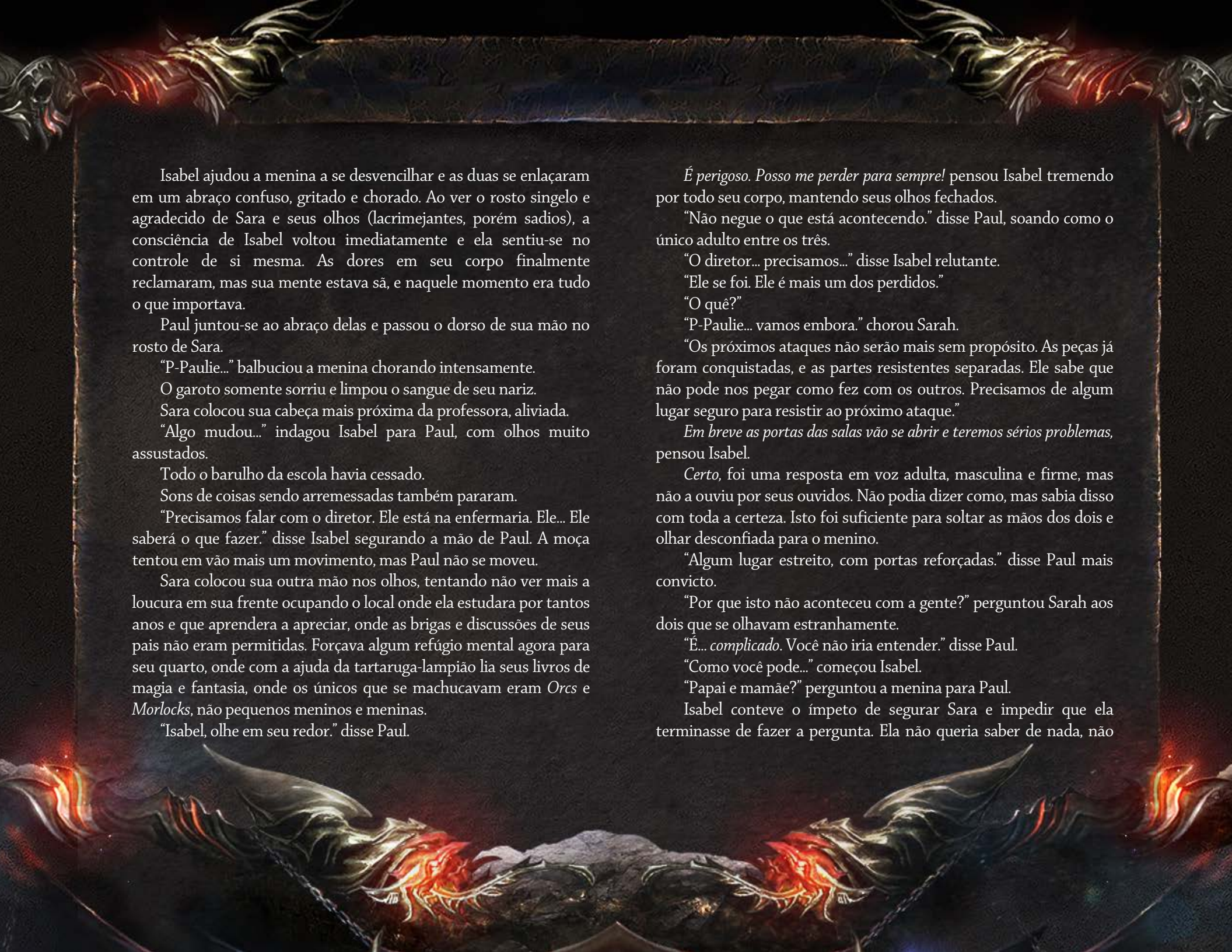
Ao receber uma forte dentada em seu antebraço por um menino ruivo e com nariz quebrado, Isabel esqueceu que aqueles um dia foram alunos do colégio e investiu com toda a sua força, tirando um a um de seu caminho. Usava cotovelos, joelhos — os pegava pelos ombros e eles caíam ao chão. Ao mesmo tempo, folhas e papéis que estavam no chão se moviam, o ar ficara elétrico e algumas carteiras deslizavam como se um pequeno tornado estivesse dentro da classe de aula.

Paul se aproximou atrás de Isabel suando muito. Sara escapara debaixo da mesa e estava apertada contra a parede. Sua colega Marcy, com aparelho retorcido e sardas em meio a um rosto salpicado de sangue, lhe acertava socos por todos os lados. Isabel estava perto, mas os últimos dois meninos eram fortes e a tiraram de seu equilíbrio. A professora estava quase alcançando os cabelos de Marcy, mas seu pavor a pegara de volta, perdendo sua concentração e entrando em profunda negação mais uma vez. Paul percebeu a fraqueza mental de Isabel e não teve escolha. Uma pequena gota de sangue rolou de seu nariz, molhando seu lábio.

*Em outro lugar perto dali, uma resistência é detectada.*

Os meninos que apertavam Isabel fecharam seus olhos e resvalaram ao chão, como se todos eles quisessem dormir ao mesmo tempo. A outra garota que mantinha o rosto de Sara apertado entre suas mãos, caiu por cima da menina, que continuou gritando sem parar levando suas duas mãos juntas abaixo de seu queixo e seus antebraços, tentando escapar do corpo quente e suado da outra.





Isabel ajudou a menina a se desvencilhar e as duas se enlaçaram em um abraço confuso, gritado e chorado. Ao ver o rosto singelo e agradecido de Sara e seus olhos (lacrimejantes, porém sadios), a consciência de Isabel voltou imediatamente e ela sentiu-se no controle de si mesma. As dores em seu corpo finalmente reclamaram, mas sua mente estava sã, e naquele momento era tudo o que importava.

Paul juntou-se ao abraço delas e passou o dorso de sua mão no rosto de Sara.

“P-Paulie...” balbuciou a menina chorando intensamente.

O garoto somente sorriu e limpou o sangue de seu nariz.

Sara colocou sua cabeça mais próxima da professora, aliviada.

“Algo mudou...” indagou Isabel para Paul, com olhos muito assustados.

Todo o barulho da escola havia cessado.

Sons de coisas sendo arremessadas também pararam.

“Precisamos falar com o diretor. Ele está na enfermaria. Ele... Ele saberá o que fazer.” disse Isabel segurando a mão de Paul. A moça tentou em vão mais um movimento, mas Paul não se moveu.

Sara colocou sua outra mão nos olhos, tentando não ver mais a loucura em sua frente ocupando o local onde ela estudara por tantos anos e que aprendera a apreciar, onde as brigas e discussões de seus pais não eram permitidas. Forçava algum refúgio mental agora para seu quarto, onde com a ajuda da tartaruga-lâmpião lia seus livros de magia e fantasia, onde os únicos que se machucavam eram *Orcs* e *Morlocks*, não pequenos meninos e meninas.

“Isabel, olhe em seu redor.” disse Paul.

*É perigoso. Posso me perder para sempre!* pensou Isabel tremendo por todo seu corpo, mantendo seus olhos fechados.

“Não negue o que está acontecendo.” disse Paul, soando como o único adulto entre os três.

“O diretor... precisamos...” disse Isabel relutante.

“Ele se foi. Ele é mais um dos perdidos.”

“O quê?”

“P-Paulie... vamos embora.” chorou Sarah.

“Os próximos ataques não serão mais sem propósito. As peças já foram conquistadas, e as partes resistentes separadas. Ele sabe que não pode nos pegar como fez com os outros. Precisamos de algum lugar seguro para resistir ao próximo ataque.”

*Em breve as portas das salas vão se abrir e teremos sérios problemas,* pensou Isabel.

*Certo*, foi uma resposta em voz adulta, masculina e firme, mas não a ouviu por seus ouvidos. Não podia dizer como, mas sabia disso com toda a certeza. Isto foi suficiente para soltar as mãos dos dois e olhar desconfiada para o menino.

“Algum lugar estreito, com portas reforçadas.” disse Paul mais convicto.

“Por que isto não aconteceu com a gente?” perguntou Sarah aos dois que se olhavam estranhamente.

“É... *complicado*. Você não iria entender.” disse Paul.

“Como você pode...” começou Isabel.

“Papai e mamãe?” perguntou a menina para Paul.

Isabel conteve o ímpeto de segurar Sara e impedir que ela terminasse de fazer a pergunta. Ela não queria saber de nada, não



queria mais se envolver; seu mundo interno não agüentaria mais rupturas colossais como o que vinha acontecendo. Para uma criança deveria ser mais fácil fazer a travessia do impensável, mas para ela era traumatizante ver a realidade calcificada em sua cabeça arrebrandada com tanta fúria e violência.

O garoto segurou as duas mãos de sua irmã de uma forma gentil: "Charles está longe, mas Julia, ela é... resistente de alguma maneira. De alguma forma seu corpo e espírito naturalmente criaram uma espécie de proteção. Talvez ela tenha sido exposta muito tempo ao... *adversário*, trazendo efeitos colaterais imensos. Isto explicaria muita coisa."

Sarah começou a gritar e chorar por seus pais, apertando os dedos pequenos de Paul.

"Oh, não..." disse o menino com temor nos olhos agarrando na mesma hora a mão fria e relutante de sua professora, que imediatamente tentou puxar de volta.

Isabel foi perdendo os sentidos rapidamente enquanto tudo ficava preto e um barulho crescente de vento surgia em seus ouvidos.



*Dentro de sua mente ela gritou até perceber que via Paul, Sara e inclusive a si mesma como espectros azuis. Uma euforia rapidamente tomou conta de si, pois não sentia mais a gravidade. Não estavam mais na escola, e sim em uma outra rua da cidade que ela desconhecia. Naquele breve instante achava que tinha morrido, mas a paz que irradiava dela e*

*dos outros fez com que não se importasse com esse detalhe. Tal deslumbramento durou pouco, pois ouvia o choro incessante da menina e Paul falando a eles sem mexer sua boca; por seus novos olhos via uma mulher saindo do carro e entrando em um prédio residencial.*

"Julia ainda não sabe o que aconteceu", disse Paul Stevens com a voz adulta que Isabel reconheceu, pois já a ouvira antes.

"MÁEE!" gritou Sara desesperada e indiferente a tudo.

"Desculpe Isabel, mas preciso de toda a energia possível, e Sara está muito debilitada."

"Q-Quem é v-você?" perguntou Isabel.

Os três, agora em sua nova forma foram atravessando os muros e tijolos, que eram pura luz dentro deles. Paul pressentiu a cadeia de pensamentos de Isabel e voltou-se para ela, enquanto remotamente seus cérebros registravam tudo que acontecia da melhor maneira que podiam: tornaram-se fantasmas.

Paul tentou esclarecer as coisas: "Esta é nossa verdadeira natureza. Somos seres de energia preenchendo seres de carne e osso. Deslizamos agora pelo fluxo natural de nossa consciência com sua conexão a este mesmo universo. Pelas regras da natureza, podemos deslocar parte desta mesma consciência no espaço-tempo, mantendo o veículo carnal em um leve paralisação."

"N-Não estou pronta para isso." falou Isabel.

"Ela está entrando em casa" disse Sara aflita.

Julia abriu a porta e viu Charles de pé, com seu gesso assinado por Paul. Seus olhos injetados de fúria a fizeram engolir em seco, mas ela fechou a porta atrás de si furiosa.



"O que está olhando, seu *cretino*." disse Julia.

Charles, que sempre fora capaz de destilar sua raiva e frustrações em longas discussões permaneceu quieto.

Julia percebeu isso e enervou-se.

Charles pegou um taco de beisebol no chão. Ele o girou no ar, mantendo a expressão alucinada, mas agora exibindo dentes.

"Não faça isso!" pediu Julia, finalmente entendendo o real perigo em que estava.

"Lembrem-se de coisas boas" pediu Paul.

"Como?" perguntou Sara.

"Lembranças boas representam fluxos de energia de um mesmo padrão que preciso. Para salvar os dois, precisamos vencer as barreiras do adversário, que já dominou-o."

Julia deu um passo para trás, enquanto seu marido foi quebrando um por um dos móveis da sala com o taco.

"Pare com isso, seu doido!" gritou Julia.

O homem continuou indiferentemente.

"Papai! Deixe a mamãe em paz!" gritava Sara.

Isabel e Paul viam-se diferentemente. Uma espécie de brilho azul emanava dos dois.

"Acho que posso... fazer isto." falou a moça.

"Sara é muito pequena. Preciso de você Isabel."

Paul voltou-se para Sara e girou seu corpo em volta dela.

"Sara. Preste atenção agora." disse o garoto.

"Sim, Paulie?" disse a menina olhando o corpo de Paulie, que emanava um azul lindíssimo parecendo como a aurora boreal.

"Lembra-se do zoológico? Preciso que você se lembre. Você me ajuda?"

"Ok!" disse Sara um pouco mais calma.

Ao redor deles, projeções espectrais dos animais começavam a correr: macacos, pássaros, camelos, elefantes e girafas. De mãos dadas com Paul, Sara observou maravilhada a tudo aquilo e começou lentamente a emanar sua própria luz azul de suas mãos pequeninas. Depois de um tempo, Paul largou a mão de sua irmã e convergiu toda aquela energia de todos eles para Charles em um movimento que Isabel vira em suas aulas de Tai-Chi.

Aquilo fez com que Charles largasse o taco.

"Está funcionando!" gritou Sara vendo bancas de pipoca e algodão doce, e todos se divertirem com os macacos, pulando pelos galhos e roubando bananas uns dos outros. Perto dali estavam também projeções de seu pai e mãe de mãos dadas sorrindo em silêncio, e de quando os dois achavam que ninguém estava olhando, se darem um beijo com desejo e culpa.

Isabel sentiu toda aquela energia como se estivesse no centro de uma tempestade elétrica, e ao seu lado estava um homem segurando a sua mão. Ele a olhava com um jeito triste, porém emocionado.

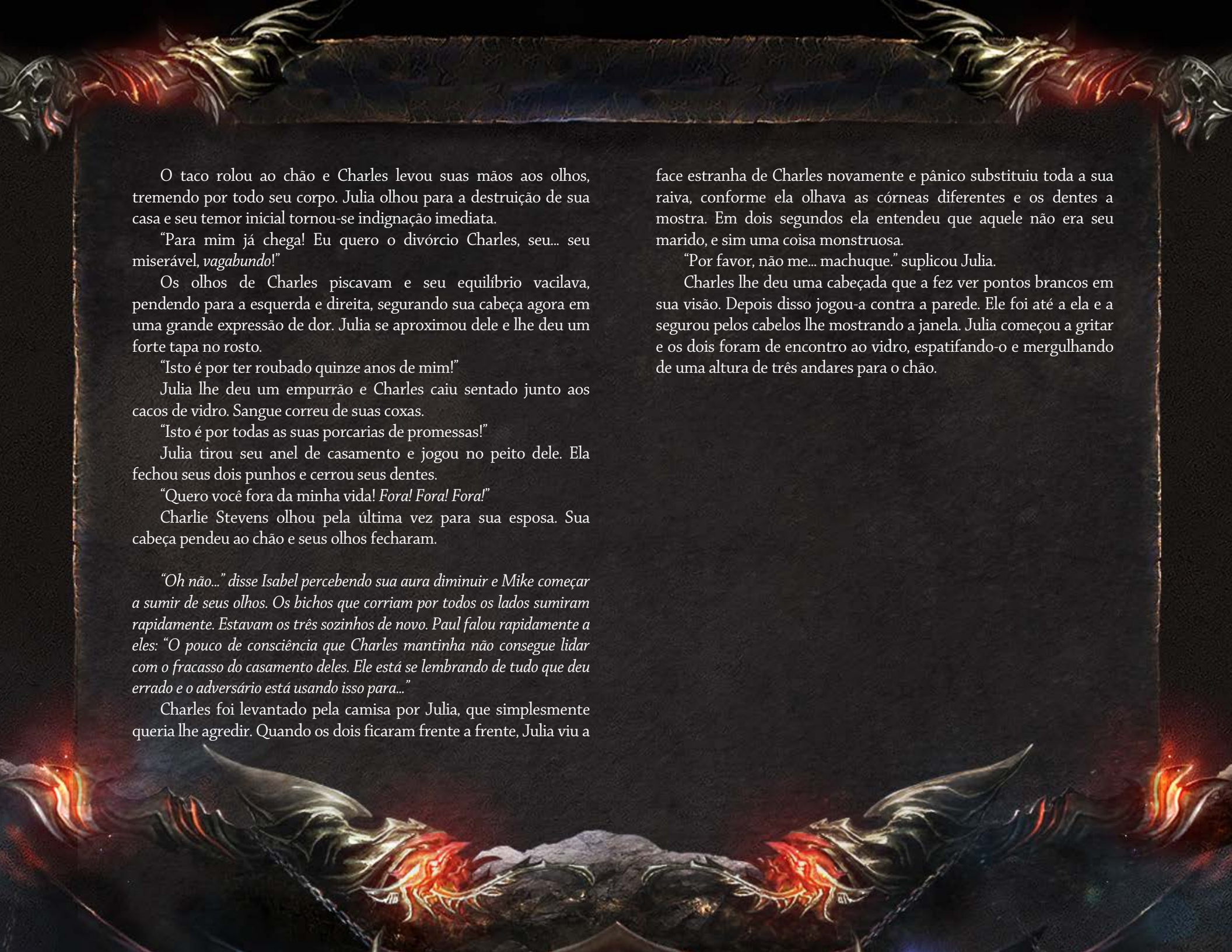
"Você se foi muito cedo, Mike." disse Isabel emanando sua própria luz azul esplêndida.

"Eu nunca te esqueci." disse o rapaz.

O homem a contemplava e balançou a cabeça afirmativamente. Tinha uma barba grossa e um pouco grisalha.

"Você precisa ser forte." falou ele para Isabel.





O taco rolou ao chão e Charles levou suas mãos aos olhos, tremendo por todo seu corpo. Julia olhou para a destruição de sua casa e seu temor inicial tornou-se indignação imediata.

“Para mim já chega! Eu quero o divórcio Charles, seu... seu miserável, *vagabundo!*”

Os olhos de Charles piscavam e seu equilíbrio vacilava, pendendo para a esquerda e direita, segurando sua cabeça agora em uma grande expressão de dor. Julia se aproximou dele e lhe deu um forte tapa no rosto.

“Isto é por ter roubado quinze anos de mim!”

Julia lhe deu um empurrão e Charles caiu sentado junto aos cacos de vidro. Sangue correu de suas coxas.

“Isto é por todas as suas porcarias de promessas!”

Julia tirou seu anel de casamento e jogou no peito dele. Ela fechou seus dois punhos e cerrou seus dentes.

“Quero você fora da minha vida! *Fora! Fora! Fora!*”

Charlie Stevens olhou pela última vez para sua esposa. Sua cabeça pendeu ao chão e seus olhos fecharam.

*“Oh não...” disse Isabel percebendo sua aura diminuir e Mike começar a sumir de seus olhos. Os bichos que corriam por todos os lados sumiram rapidamente. Estavam os três sozinhos de novo. Paul falou rapidamente a eles: “O pouco de consciência que Charles mantinha não consegue lidar com o fracasso do casamento deles. Ele está se lembrando de tudo que deu errado e o adversário está usando isso para...”*

Charles foi levantado pela camisa por Julia, que simplesmente queria lhe agredir. Quando os dois ficaram frente a frente, Julia viu a

face estranha de Charles novamente e pânico substituiu toda a sua raiva, conforme ela olhava as córneas diferentes e os dentes a mostra. Em dois segundos ela entendeu que aquele não era seu marido, e sim uma coisa monstruosa.

“Por favor, não me... machuque.” suplicou Julia.

Charles lhe deu uma cabeçada que a fez ver pontos brancos em sua visão. Depois disso jogou-a contra a parede. Ele foi até a ela e a segurou pelos cabelos lhe mostrando a janela. Julia começou a gritar e os dois foram de encontro ao vidro, espatifando-o e mergulhando de uma altura de três andares para o chão.



## JAMES

Na frente de uma casa no subúrbio, James Burtows toca na campainha pela quinta vez. No reflexo do vidro da porta, o jovem arruma seu cabelo loiro e levanta seu dedo novamente à campainha. A porta abre e um sorriso calculado e automático molda sua melhor interpretação de rapaz simpático na frente de uma senhora idosa.

"Não quero comprar nada." antecipou-se a mulher em reprovação.

"Eu não vim vender nada, Sra. Margret." disse James, ainda sustentando seu sorriso.

"Então caia fora, tenho de sair."

A mulher enorme abre a porta e sai com sua bolsa apertada ao peito. O rapaz a acompanha pelo jardim de entrada da casa.

"Sou do *Inside View*," falou James apressado, mostrando seu cartão à mulher que mantinha sua caminhada, evitando-o. "Você estaria interessada em uma entrevista?"

A mulher se vira e diz: "Ora, me deixe em paz. Você tem alguma idéia do que tenho passado ultimamente?"

"Tenho sim, senhora."

Margret lhe dá as costas e distancia-se caminhando pelo gramado até a parada de ônibus.

"Você recebeu a carta, não recebeu?"

Ela continua a caminhar, mas o passo diminui.

"Seu marido não está morto." diz James.

A mulher volta-se para o rapaz. Com o rosto no sol, a

maquiagem excessiva junto com as sobrancelhas pretas pintadas fazem James quase torcer o nariz. Tentando controlar-se, ele morde seu lábio inferior e desvia o olhar para os olhos da mulher.

"Olhe aqui, eu preciso dessa pensão. Não se meta!"

"Está dispensando grandes oportunidades."

A senhora aproxima-se de James e a careta se transforma em curiosidade.

"Eu preciso da carta." diz James enfático.

"E eu preciso sair da casa da minha irmã, ter a minha TV a cabo de volta, meu carro, minha casa de dois pisos e uma maldita geladeira só minha. Eu perdi... tudo..."

James tira sua carteira e começa a empilhar notas e lhe pergunta: "Quanto você amava seu marido?"

A senhora não fala nada, mas se aproxima e já toca o dinheiro com a ponta de seus dedos. James lhe entrega tudo com um sorriso.

"Você poderá saber tudo sobre seu marido na próxima edição de domingo."

A senhora coloca o dinheiro dentro de seu sutiã como alguma prostituta velha e lhe entrega a carta verde que estava dentro da bolsa. Com um sorriso começa a voltar para a casa.

"Sra. Margret?"

Ela volta sua cabeça com um sorriso amigável.

"Eu só preciso saber algumas coisas..."



James... não seja idiota!" disse a voz impaciente, do outro lado do telefone a lhe devolver gritos e grosserias.

"Sim, mamãe." retrucou James, sem paciência.

Houve um momento de silêncio. James ouvia o ventilador de teto do outro lado da linha como sempre rangers nos últimos anos: "Se você prosseguir garoto, você está sozinho." disse enfático o chefe da redação do tablóide.

"Me mostre algo novo na cidade." respondeu Burtows, desligando o celular e o colocando de volta na sua sacola.

O sacolejar do ônibus fez o canto de uma foto aparecer de uma pasta marrom. Burtows suspirou e trouxe a pasta para seu colo. Ele fechou a proteção de pano da janela e ligou a luzinha de leitura. A viagem até a base normalmente levava quarenta e cinco minutos, mas houvera um acidente no percurso. Já estava a mais de uma hora naquele ônibus velho.

O rapaz conferiu mais uma vez sua identidade falsa.

"Mathew Williams Jr." falou ele baixinho.

Burtows passou a mão pela pasta e abriu na primeira página. Não redigira nenhum texto ainda. A primeira e segunda fotos presas com *clips* eram coisa de amador, aparente-mente normais caso você emprestasse sua câmera a uma criança no parque; mas James as manteve por que elas davam um contexto, pois ao virar-se a página a história revelada não era bonita — era o close de um tiro de rifle sendo disparado por um soldado em um cidadão na rua, mostrando o clarão da pólvora. A placa na esquina mostrava a localização.

Qualquer leitor nem tão ávido da *Inside View* chegaria a conclusão de que houve uma operação militar dentro de casa. A próxima camada só pode ser vista com lupa, e então James a tira de sua pasta. Esta parte faria seus leitores *pularem de suas meias*, imaginava o jovem repórter.

Olhando a foto de perto, James conferia mais um vez que no lugar dos olhos, haviam apenas dois buracos; a boca de derrame para a esquerda estava sem os dentes da frente. Talvez por um capricho do destino, a foto foi tirada no mesmo instante que a bala estava ainda dentro do rifle; um instante depois não teríamos cabeça alguma para ver. Aquilo fez Burton mexer-se na cadeira involuntariamente

(*parem com isso, me larguem.. ME LARGUEM!*)

e o fez engolir em seco guardando tudo amontoado embaixo de seu assento. Abriu sua janela e por um instante mordeu a unha de seu dedão como se tivesse oito anos de idade. Em algum lugar de dentro de si algo revirava-se, mas James não conseguia acesso. Seu médico o informara que amnésia pode ser fruto de algum evento traumatizante, o que não era nenhuma dedução brilhante depois de o acharem em casa sujo, deitado dentro da banheira segurando sua câmera fotográfica. Após um breve repouso de uma semana em uma casa de descanso, seu chefe foi lhe buscar e lhe confessou que nunca vira nada igual em seus dez anos de tablóides, nem quando outro novato tinha entrado dentro de uma cena de crime e visto os corpos pendurados no varal. Os arames com os pedaços selecionados de carne (um pequeno *post-it* amarelo indicava 'língua') e os tênis imundos ao lado, por ordem de tamanho. As cabeças estavam de



ponta cabeça, com as bocas abertas em um sussurro macabro, onde moscas disputavam seus lugares. O nome do garoto era Jimmie, fotógrafo de vinte e oito anos vindo do Alabama, e ele gritou *até acordar os mortos*, foi o que a polícia lhe disse. Foram necessários homens fortes para segurar o garoto e lhe aplicar as injeções.

Burtows, no entanto, estava machucado dentro de sua banheira como se tivesse fugido de uma guerra, e o silêncio de sua boca não era mais assustador que a expressão do medo visceral em seus olhos.

Sua mente se fechara ao chegar em casa depois de fugir do *ponto zero*, provavelmente quando o som da explosão alcançou e quebrou todas as janelas de sua casa.



Um jovem Mathew Williams Jr. aparece na frente de um cansado oficial do exército, onde na plaquetinha em cima de sua mesa está escrito *Tenente Daniel Rivers*. Enquanto fala com Burtows, Daniel lê a carta que o jovem prontamente lhe entregou.

James deu uma boa olhada para o lugar. Nenhuma foto na parede, nenhuma condecoração e apertado como um elevador. Na verdade parecia com o escritório dele, onde escrevia suas histórias *coisa-de-doido* como seu pai lhe dizia. Em seu antigo blog, pegava fotos estranhas da internet, e escrevia seu texto como os antigos criavam suas lendas, deixando sempre algumas perguntas não respondidas como uma pista de avião para que a imaginação de seus leitores decolasse.

Tudo que James precisava era de uma história, simples assim.

*Uma grande história*, repetiu para si mesmo.

“Então sua avó está no médico. Mas você veio assim mesmo...” houve uma pausa e ele voltou seus olhos ao repórter, “Jr?”

Um frio súbito em sua barriga devolveu-lhe ao mundo real. Botou em prática seu curso de três meses de arte cênica em seu período *artístico*, segundo ele mesmo registrara na história de sua vida.

“Sim, a pensão é importante para minha avó.”

“Sentimos muito mesmo por sua perda. Garantimos todas as compensações da sua família de acordo com este documento. Infelizmente teremos de mandar um oficial até sua residência, pois somente ela pode autorizar o processo via biometria.”

*Hora de jogar*, registrou a mente de James.

“Então, o que realmente aconteceu?” perguntou James quase distraidamente, mas uma gota de suor deslizou de sua testa. Houve uma grande pausa, tão demorada que o estômago nervoso de James deu algumas voltas e ele achou que seu embuste fora descoberto.

Daniel se levanta e senta na cadeira ao lado de James com uma pasta. Tentou ler o semblante do militar, mas sem nenhum sucesso, pois aparentemente o Tenente estava confuso, perdido e até um pouco perturbado. Por fim, falou: “Não é mais segredo nenhum. Já se passaram dois meses desde a explosão. Amanhã mesmo sairá o pronunciamento oficial.”

“O que causou esta... explosão?” pergunta James, agora mais repórter.

Mais uma leve pausa. Um sorriso leve brota no canto da boca do tenente. Ele abre a pasta e tira algumas fotos.



"Vê isso? É uma UAC-499. Nossa melhor arma de detonação micro-nuclear já produzida, feita para lançarmos em *bunkers* inimigos de longa distância."

James abriu a boca para falar, e Rivers falou por cima: "O problema da 499 é que foi pouco testada. A merda disso tudo é que tivemos de reestruturar nosso sistema, e a informação sobre a arma vazou."

Rivers colocou outra foto na mesa para James.

"Este avião, de cujo piloto não temos nenhum dente ou osso, foi roubado. Quando ele passou por Rotterdam, nós o acertamos, mas o software de gatilho da arma deve ter sido modificado pelos terroristas."

"E então muitos quarteiros foram pelos ares," disse Burtows.

"Bom garoto."

James já imaginava uma explicação ridícula como aquela, mas já fizera seu tema de casa no ônibus e sabia qual era sua próxima jogada.

"E a quarentena?" perguntou incisivamente o rapaz.

A mudança de tom no oficial foi súbita: "Você acha que isso é uma brincadeira? Isto é muito sério, rapaz!"

"A quarentena veio antes da explosão," disse James desafiador.

Houve uma breve pausa. Os visitantes marcaram seu ponto e o pequeno sorriso sumiu do canto da boca do tenente, mudando imediatamente o tom da conversa.

"Eu tenho aqui a foto de seu avô. Acho que foi por isto que você está aqui, não? Não é muito bonita. Tome o seu tempo para identificá-lo... se conseguir," disse o oficial, abrindo uma gaveta e

deslizando uma foto preto e branco até a frente de James.

Havia uma pessoa grande e carbonizada deitada em uma mesa de necrotério. Na segunda figura, o close do cadáver, sem o nariz e parte do queixo. Houve um momento de silêncio e James falou com todo o controle que conseguiu, num misto de raiva, estupefação e angústia: "Você deve estar tirando com a minha cara!"

"Este é seu avô, filho. Não lute contra isso. Temos prova de arcada dentária e DNA. Somos muito bons no que fazemos, e estamos falando de inocentes de um ato terrorista..."

"Vocês não sabem de nada. Meu avô... só tem uma perna.. Isso é... *ultrajante!*" gritou James empolgado com sua atuação, entrando mesmo no personagem. "Vocês querem enganar quem com esta farsa ridícula!" conclui o rapaz em olhos esbugalhados.

A boca do tenente abriu e nenhum som saiu de lá. James teve tempo de refletir que sua atuação silenciosa no ônibus fora melhor, mas os gestos e expressão estavam excelentes naquele momento. Mesmo assim, havia sempre o último ato. James levantou-se e começou a gritar e a jogar as fotos da mesa ao chão.

"Que merda é essa? Que porra de merda é esta que vocês fazem aqui o dia inteiro? É isso que fazem com nossos impostos?"

Rivers levantou-se imediatamente e foi até a porta. James aproveitou que o outro estava de costas e colocou uma pílula rápido em sua boca e mastigou, berrando suas grosserias com os dentes da frente apertados enlouquecidamente.

"Cadê o meu avô! Eu quero o meu avô, seu desgraçado!"

Dois soldados entraram com aparelhos de choque nas mãos. James foi jogado ao chão e tomou um choque no pescoço e outro na



coxa. Aquilo ia doer, mas *quanto pior melhor* também era outro lema do escritório. Em menos de um segundo, James arrependeu-se de ter batido na porta daquela senhora de manhã ou mesmo de ter levantado da cama hoje. A dor cresceu e todo o seu corpo virou uma enorme bola infernal de câimbra. Tentou gritar, agora sem nenhuma interpretação, pois sua garganta estava travada. Sua mente revoltava-se e ele podia se ver deitado mais uma vez dentro da banheira, aquele enorme clarão, e alguns segundos depois o barulho, o vento e os vidros quebrados ao chão.

“Agora fique quieto garoto. Vou chamar um médico para você. O efeito passa logo, e espero que reflita sobre seus atos.” disse Rivers.

Depois de alguns espasmos de James, um soldado que estava ao lado agachou-se e viu a boca espumar-se de forma agressiva do rapaz.

“Médico!” disse o soldado levantando o rosto de James.

“Não-não-não-nm.... me larguem, me larg...” falou Burtows em delírio.

James desmaiou em sua melhor interpretação do ano.

*Jeff*

Na enfermaria da base, James acorda com um aparelho acoplado em seu dedo, monitorando seus sinais vitais. Abre seus olhos e um médico que o aguardava, levanta-se da cadeira.

“Você passou por um choque muito forte, mas não é nada grave, talvez sinta um pouco de desconforto no início. Não se preocupe, já chamamos uma ambulância e você será encaminhado para o Saint

Patrick onde faremos alguns exames de rotina, tudo bem?”

A imensa bola de câimbra tinha ido embora, mas suas juntas não paravam de reclamar. Suas memórias voltaram rapidamente, e lembrou-se de ter feito o seu plano sozinho no escritório, onde passara a noite em um destes sacos de dormir para escoteiros nas últimas semanas, apesar das reclamações de seus colegas.

“Eu fui espancado. Estou ligando agora mesmo para meu advogado. Qual o seu nome?” perguntou James revoltado.

“Vou chamar o tenente.” disse o médico, desinteressado.

“Você faça isso mesmo.” respondeu James.

O médico sai da sala e rapidamente o repórter tira de seu bolso uma pequena fotografia aérea da base onde está. Burtows tenta ignorar a dor por seu corpo, pegando suas coisas e saindo pela outra porta, em uma corrida contida.

Em frente ao pavilhão dezessete, James tira uma foto com seu celular da estrutura. Perto dali, mais para a esquerda, dois homens parados fazem vigia. Burtows corre de seu prédio até o pavilhão, e consegue não ser visto. Ele abre a porta e entra. As paredes são brancas e há muitas outras portas fechadas pelo corredor. James nota um balde no chão, com marcas recentes de água por ali.

A porta abre e um faxineiro de cabeça raspada entra.

“Ei...” diz o soldado atônito ao ver James.

James lhe segura sua boca com alguma força: “Quietos, pelo amor de Deus.”

O soldado protesta e tenta se desvencilhar.

“Eu só quero tirar uma foto. Você pode se dar bem nessa cara, e eu saio daqui em dois minutos. Quinhentas pratas do meu bolso



para o seu, sem impostos.” diz James, rápido e direto ao ponto.

O homem parou imediatamente como reflexo.

James pegou sua carteira com a outra mão e entregou o dinheiro para o soldado, retirando a mão de sua boca para o outro poder falar.

“Tire sua foto dos loucos e caia fora.” disse o soldado, contando rápido o dinheiro.

“Loucos?” sussurrou James interessado.

Com celular em mãos, James acompanha o soldado enquanto ele tira um molho de chaves de seu bolso e vai tentando chave por chave.

“Ande com isso!” falou o repórter, nervoso.

“Aqui, achei. Seja rápido.” sussurrou o soldado.

E a porta foi aberta.



Havia uma persiana logo depois da porta naquela cela, algo totalmente diferente do esperado pelo repórter. Depois de um tempo de hesitação de Burtows, o soldado lhe toca no ombro e lhe indica a cordinha. James prontamente puxou-a, e então seu almoço veio imediatamente para fora em uma golfada incontrolável, sujando o vidro que separava eles da coisa.

Lá dentro, entre paredes de concreto e um chão sujo cinza estava vovô, menos a sua perna. O velho estava encostado na parede, com o rosto virado para James. No lugar do olho esquerdo havia uma linha de cicatriz indicando que fora removido

cirurgicamente. Por todo o corpo haviam hematomas, enquanto feridas novas e antigas co-habitavam por todos os lados em grandes e pequenas bolas pretas e outras já descoloridas, beirando um roxo e outras até mesmo de um verde escuro. Mesmo de relance, seu olho clínico de fotógrafo registrou todas as unhas dos pés e das mãos quebradas e pretas.

Por todas as paredes daquela cela havia pequenas marcas que sugeriam sangue seco. Sua roupa cinza, que mal tapava sua genitália, estava rasgada e um prato de comida estava virado em seus pés. Vovô parecia dormir em meio ao seu almoço, de olho entreaberto. Burtows não sabia o que dizer. Sua garganta doeu após vomitar, e ele se apoiou no outro soldado que reclamou que teria de limpar aquela merda.

“Putá que pariu..” falou James horrorizado.

“Olha, não vou devolver a grana.” disse o soldado.

“Pode ficar, não é minha mesmo.” respondeu o repórter em um levantar de ombros inconsequente.

Um *click* audível fez os dois afundarem suas cabeças em seus ombros. Rápido como um reflexo, o soldado rende James na parede, pegando seu braço e colocando-o nas costas, sem nenhuma reclamação do repórter.

“Poupe o *show* e comece a limpar a sujeira, soldado.” disse Rivers com sua pistola bem à mostra. “Depois devolva o dinheiro ao rapaz perdido.”

O soldado tentou dizer algo, mas o tenente o cortou com um gesto de mão, mostrando com um indicador uma câmera no teto que monitorava tudo.



Rivers intimidava James, que estava muito assustado com tudo aquilo: “Você não foi o primeiro a querer saber.”

James limpou sua boca com o antebraço.

“Mas achar um familiar de um sobrevivente e conseguir a carta de reconhecimento do corpo foi uma proeza. Uma ligação para a irmã da *pobre senhora* doente foi o suficiente. Devia fechar melhor sua história, garoto.”

“Ela...” começou James.

“Cale-se.” cortou o tenente. “Normalmente a foto sempre basta, um pouco de choro e era isso. Mas você...”

“Vocês não sabem quem ele é?” disse James revoltado.

“Não...” foi a resposta honesta de Daniel.

“E os dentes..?” continuou James.

“Se você achar um que preste. Olhe garoto, isso aqui não era para você ver. Agora temos um *grande* problema.”

*Hora de mostrar as cartas*, pensou o rapaz tirando a foto de sua jaqueta.

“Você é que tem o problema. Isto aqui foi entregue ao meu editor ontem.” falou James com segurança.

O tenente pegou a foto e viu o cenário. Olhou o garoto de novo por um tempo e devolveu-a: “Fotos não dizem nada hoje em dia.”

“Admita. Você está ferrado.”

O tenente avançou em James e empurrou-o contra a parede, levantando o rapaz uns dez centímetros do chão pelo pescoço.

“Pessoas sendo mortas na rua...” começou James quase não conseguindo falar.

“Nunca mais vai acontecer.”

“Como vocês podem fazer isso?”

“Acredite. Eu sei. Não vai acontecer de novo.”

Os dois se confrontaram por um tempo.

“Você tá... fodido!” disse James rindo sem parar.

“Cale a boca, pirralho. Enquanto aquele Geiger na parede marcar verde, ninguém está em perigo...”

James foi parando sua risada, mantendo um olhar estranho para o outro lado da sala. Daniel acompanhou o olhar e com um susto repentino, soltou logo o rapaz. No equipamento, haviam mais duas barras amarelas, além das três verdes.

Rivers bruscamente retirou o equipamento da parede, e passou sobre o rosto de James. Mais uma barra amarela e duas vermelhas surgiram junto com um aviso sonoro. O faxineiro caminha para trás até encontrar a parede, se defendendo instintivamente com a vassoura apertada em seu peito.

Burtows fechou seus olhos e sua mente vagou pelo tempo imediatamente, como se finalmente tudo fizesse sentido. Ele lutou, mas por fim suas memórias venceram, como destampar a banheira e a água descer pelo ralo.

“Eu... Eu... Eu...” foi só o que pode dizer, se encolhendo ao chão, perdendo as forças em suas pernas ao lembrar-se de tudo, encerrando sua amnésia.

Do outro lado do vidro, vovô, com seu nariz quebrado e rosto quase cinza de tanta sujeira, abre seu único olho vermelho.

Existe algo ali, primitivo e impassível.

Uma fúria sem fim jogava-se contra o vidro.





100

Depois de dois anos juntando material de pesquisa para o jornal local da universidade, James conheceu o tablôide *Inside View*, e admitido como repórter, jornalista e fotógrafo (um *freak papparazzi* como ele se gabava), James pode finalmente pagar seu aluguel. Três anos depois, e muitas histórias para ele e seus leitores, Burtows estava atravessando a cidade para entrevistar um homem que dizia ter vindo do futuro. Era o terceiro naquele ano, mas *nunca se sabe* era a primeira frase em letras gigantes no mural do escritório, logo acima de *Acreditamos no pé grande!* ou da sempre popular *Se não lembro, não fiz*.

Era uma terça-feira, e James estava atrasado como sempre. O rádio cortou a música e uma pessoa nervosa anunciou: "...descobertos mais de oitenta corpos dentro de uma casa de veraneio em Greenwood, New Jersey. Escute toda esta notícia estarrecedora logo mais no noticiário das..."

Burtows desligou o rádio na mesma hora.

"Por que essas merdas não acontecem por aqui?"

Na rua onde estava, havia uma placa indicando *Rotterdam Avenue* e James fez a curva para a direita. Ao ver carros de polícia o ultrapassando e um outro voltando, Burtows imediatamente voltou-se para o banco de trás, e, depois de tirar uma pasta de papéis de seu caminho, puxou sua câmera NIKON pela fivela.

Ao voltar seus olhos para frente, num movimento de cabeça de seu ombro direito até o volante do carro, Burtows viu de relance o que lhe pareceu como uma escola; mas quando seus olhos

alcançaram a rua, James viu que estava em colisão com outro carro, que parava bruscamente para não bater em dois pedestres em uma briga de rua.

Com reflexo rápido, James tirou seu Honda para a esquerda, mas para seu horror, uma ambulância vinha rápido pela outra via. O rapaz pôde ver o médico ao lado do motorista levar suas mãos a cabeça, e naquele mesmo segundo, um grito saiu de sua garganta.

A batida foi ouvida muito longe dali: um longo som de metal contra metal, vidro e plástico em um abraço terrível.

James, em grande reflexo, inclinou seu torso para a direita protegendo-se com as mãos enquanto o vidro se partia. Alguns meninos que estavam jogando basquete na escola, pararam seu jogo e amontoaram-se na cerca. As rodas da ambulância subiram e giraram no ar levantando o grande carro mais de meio metro do chão. A ambulância escorregou pelo asfalto por mais de dez metros, enquanto o Honda de James tornou-se uma massa de metal amassado com ele dentro. O repórter perdeu sua consciência assim que o barulho do acidente parou de ecoar ao redor.

Ao lado, a briga entre os adolescentes não tinha hora para parar. As crianças na grade olhavam para aquela cena totalmente hipnotizadas. Uma bola de basquete cai da mão de um menino e rola livre em direção ao meio da quadra.

Se houve algum evento naquele dia que simbolizasse o início de tudo, seria o grande acidente em frente à escola elementar de Rotterdam. Em qualquer outra terça-feira, James seria retirado de seu veículo e acordado dentro de outra ambulância ou mesmo no hospital. Mas isso nunca aconteceu: Burtows permaneceu



inconsciente e talvez por isso tenha sobrevivido.

Um longo tempo se passou.

Um tempo onde as coisas mudaram.



Antes de abrir seus olhos e ver que estava preso em uma armadilha de metal, James levou muito tempo para entender onde estava. Os sons foram os primeiros a invadirem sua cabeça. Mesmo abafado pelo lugar apertado, ele ouvia muitos passos de pessoas correndo e coisas sendo quebradas. Ao fundo, o crepitar de fogo, com grandes e pequenos estalidos vindo de muitos lugares. Logo Burtows sentiu por todo o lado um cheiro de queimado. Foi então que se lembrou do acidente, de ser jogado para o lado e para frente e do médico rolando em sua frente e, ao mesmo tempo, fazendo uma pintura abstrata pela cabine com o sangue de seu rosto. Com um pequeno movimento em seu quadril sentiu cacos de vidro roçarem em uma dor repentina e aguda.

*Estou preso!*

Manteve seus olhos fechados. Mexeu os dedos dos pés e das mãos; não estava paralisado. Levou sua mão ao meio de suas pernas e aferiu que as três coisas estavam nos seus devidos lugares e operacionais. Arriscou abrir os olhos. Viu sua câmera na sua frente e a colocou no bolso da calça que estava mais perto, com algum sofrimento. Por frestas do resto do carro amassado, viu vultos se deslocando rápido junto a muitos gritos. Começou a contar, e então notou que aquilo parecia uma revolta popular. Sua garganta foi mais

rápida que qualquer pensamento refletido e um tossido seu escapou, adicionando-se a cacofonia louca de barulhos, gritos e confusão fora dali.

Pela fresta, James viu alguns vultos pararem.

Sentiu uma dor aguda de novo no quadril ao tentar dali mais uma vez. O resto de seu carro era chacoalhado, chutado e atingido com paus e pedras com vigor. Sua respiração parou por um instante quando dedos roçaram por seus ombros, cravando-lhe unhas fortes e decididas. James sentiu um outro odor característico que ele não quis registrar a todo custo em sua mente.

*Estou sangrando? Oh, não!*

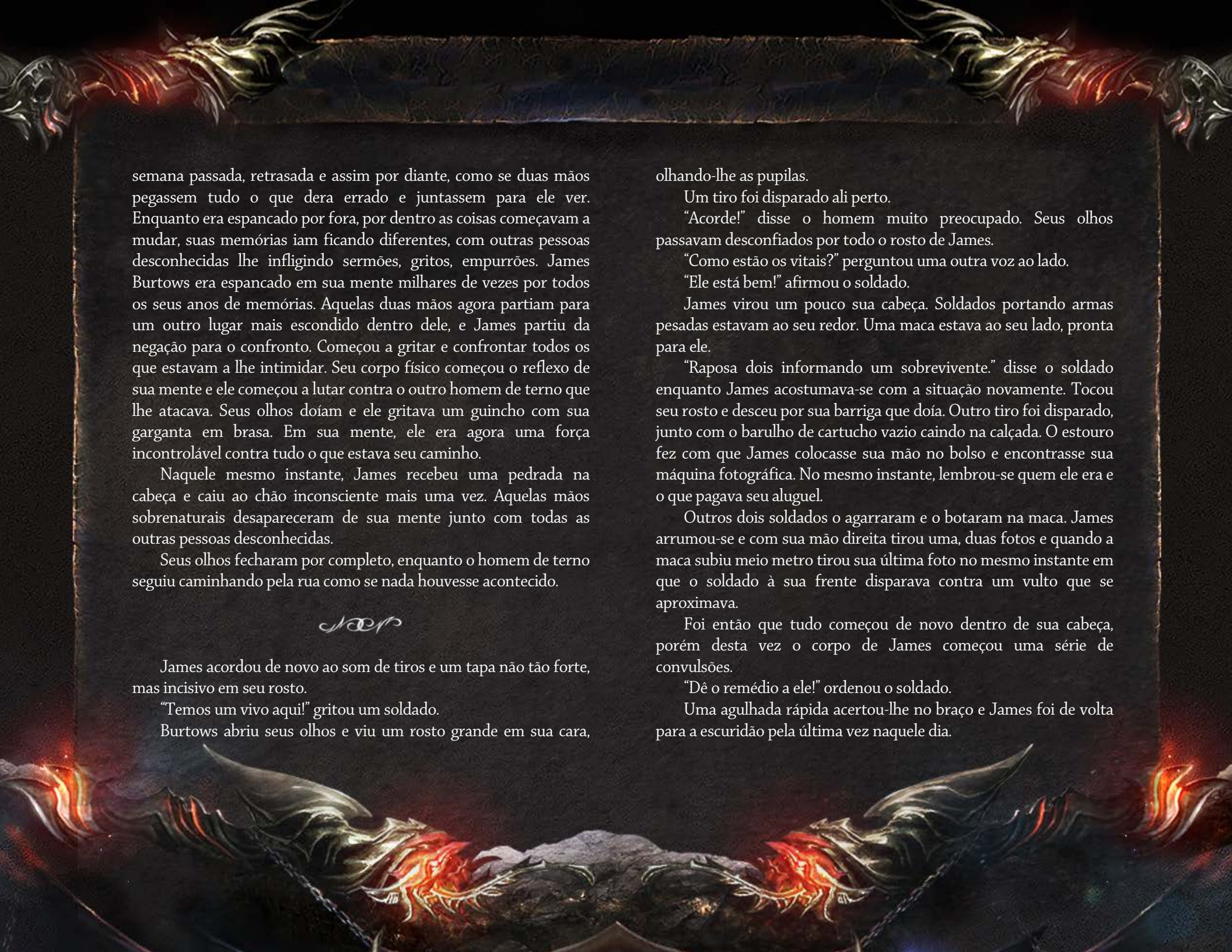
As mãos investiram de novo. James começou a gritar e a dor aguda pronunciou-se e cessou. Um pequeno talho abriu em seu quadril e ele agora sentiu novos dedos roçarem por todas as partes de seu rosto, entre o nariz e sua boca.

*“Parem com isso, me larguem.. ME LARGUEM!”*

O carro virou de lado e Burtows foi arrastado para fora da armadilha de metal. Seus olhos puderam contemplar o que a TV mostrava das zonas de conflito em algum lugar do oriente médio, mas ele não pôde pensar por muito tempo. Um vulto de terno começou a lhe esmurrar silenciosamente em uma ordem aleatória em seu rosto, pescoço e peito. Suas mãos tentavam segurar o sujeito de terno rasgado e com dentes cerrados à mostra.

Isto acontecia meramente no plano físico, pois James sentia-se em dois lugares. Não tinha como descrever a situação de outra maneira nos últimos instantes de lucidez: ondas de memórias e situações vinham incessantemente, coisas de sua infância e da





semana passada, retrasada e assim por diante, como se duas mãos pegassem tudo o que dera errado e juntassem para ele ver. Enquanto era espancado por fora, por dentro as coisas começavam a mudar, suas memórias iam ficando diferentes, com outras pessoas desconhecidas lhe infligindo sermões, gritos, empurrões. James Burtows era espancado em sua mente milhares de vezes por todos os seus anos de memórias. Aquelas duas mãos agora partiam para um outro lugar mais escondido dentro dele, e James partiu da negação para o confronto. Começou a gritar e confrontar todos os que estavam a lhe intimidar. Seu corpo físico começou o reflexo de sua mente e ele começou a lutar contra o outro homem de terno que lhe atacava. Seus olhos doíam e ele gritava um guincho com sua garganta em brasa. Em sua mente, ele era agora uma força incontrolável contra tudo o que estava seu caminho.

Naquele mesmo instante, James recebeu uma pedrada na cabeça e caiu ao chão inconsciente mais uma vez. Aquelas mãos sobrenaturais desapareceram de sua mente junto com todas as outras pessoas desconhecidas.

Seus olhos fecharam por completo, enquanto o homem de terno seguiu caminhando pela rua como se nada houvesse acontecido.

*James*

James acordou de novo ao som de tiros e um tapa não tão forte, mas incisivo em seu rosto.

“Temos um vivo aqui!” gritou um soldado.

Burtows abriu seus olhos e viu um rosto grande em sua cara,

olhando-lhe as pupilas.

Um tiro foi disparado ali perto.

“Acorde!” disse o homem muito preocupado. Seus olhos passavam desconfiados por todo o rosto de James.

“Como estão os vitais?” perguntou uma outra voz ao lado.

“Ele está bem!” afirmou o soldado.

James virou um pouco sua cabeça. Soldados portando armas pesadas estavam ao seu redor. Uma maca estava ao seu lado, pronta para ele.

“Raposa dois informando um sobrevivente.” disse o soldado enquanto James acostumava-se com a situação novamente. Tocou seu rosto e desceu por sua barriga que doía. Outro tiro foi disparado, junto com o barulho de cartucho vazio caindo na calçada. O estouro fez com que James colocasse sua mão no bolso e encontrasse sua máquina fotográfica. No mesmo instante, lembrou-se quem ele era e o que pagava seu aluguel.

Outros dois soldados o agarraram e o botaram na maca. James arrumou-se e com sua mão direita tirou uma, duas fotos e quando a maca subiu meio metro tirou sua última foto no mesmo instante em que o soldado à sua frente disparava contra um vulto que se aproximava.

Foi então que tudo começou de novo dentro de sua cabeça, porém desta vez o corpo de James começou uma série de convulsões.

“Dê o remédio a ele!” ordenou o soldado.

Uma agulhada rápida acertou-lhe no braço e James foi de volta para a escuridão pela última vez naquele dia.





*100*

Quando James acordou, ficou a ouvir o que estava acontecendo. Havia conversa entre soldados e ordens sendo ditas. Ao seu lado, havia outro jovem que deveria estar morto, pois a sua mandíbula estava faltando no meio de uma piscina de sangue em seu peito.

*Isso explica esse maldito cheiro!* foi o que James pensou.

Estava em uma ambulância, e a porta estava semi-aberta. Sacos de areia estavam ali por perto. Uma voz gritou forte perto dali: “Todos os blocos vão entrar em quarentena! Vinte minutos!”

James segurou a respiração: hora de correr.

“Temos mais sobreviventes.” foi o que ouviu no meio de tiros, barulhos de motores de carro. Rapidamente o ruído de pessoas correndo até a frente dos sacos de areia fez James se apressar. O repórter escapou dali, enquanto o motorista da ambulância despercebido ajudava os soldados com mais um desacordado.

## RIVERS

A quatro metros da ambulância de onde estava James (ainda desacordado), o tenente Daniel Rivers está ao telefone, aguardando uma resposta em meio a uma barricada de areia. Em pouco tempo os olhos de Rivers encontram o major, que está muito agitado ao celular e vem caminhando de encontro a ele, desviando de armas pesadas apontadas para a rua.

Soldados no caminho batem continência.

“Major.” saudou Rivers ao oficial.

“Tenente. Temos reforço chegando?” perguntou o Major.

“Sim. Pouco tempo agora.”

Os dois viram toda a operação em silêncio. Soldados traziam macas e sobreviventes pela esquerda, enquanto alguns atiradores de elite disparavam contra a rua, acertando alguns loucos que vinham correndo contra aquele quartel improvisado. O major se aproximou de Daniel e tirou um rádio de seu bolso.

“Tenho uma missão não oficial. Você a aceita?”

“Imediatamente senhor.”

O major puxou sua carteira e tirou uma foto de lá.

A foto de Isabel passou para as mãos do tenente.

“Você a encontrará na escola pública, poucas quadras daqui. Pegue dois homens e parta agora. Sem perguntas e também sem paradas.”

Com um pequeno aceno de cabeça, Daniel pegou seu rifle e saiu dali. Caminhou por entre outros muitos soldados apoiados na



trincheira, e enfim tocou no ombro de dois soldados de seu batalhão que estavam aplicando doses nos sobreviventes deitados no chão.

"Nós vamos de novo," disse Daniel.

Os dois se levantaram imediatamente, seguindo-o.

Antes de cruzar a barricada, Rivers voltou seu rosto ao major que lhe prontamente respondeu no rádio: "*Traga minha sobrinha com vida.*"

O Major acompanhou aquela pequena tropa subir a rua, e após uma breve pausa ele discou um número no celular, aguardando ansiosamente pela caixa postal: "Isabel, aqui é Edward. Fique onde você está minha filha. Ajuda está a caminho. Não saia de onde você está!"

Um grande ônibus branco chegou ao local.

A quarentena veio antes que o previsto.



Correndo para dentro da *área de contágio* como eles chamavam, os dois soldados sussurravam enquanto pulavam por detritos e desviavam de carros queimados juntos com muito lixo espalhado pela calçada.

Após um bom tempo caminhando, Daniel adiantou-se um pouco e os soldados ficaram um pouco mais longe, verificando a retaguarda.

O soldado Nathan coçava sua barba sem parar.

"Dizem que é vírus, mas eu não acredito," disse Nathan.

"Quem é você pra saber alguma coisa?" respondeu Gabriel.

"Troy mediu os pulsos dos loucos. Sempre acima de cento e quarenta. Severa adrenalina *horas* depois de serem resgatados. Ele disse que nunca viu loucos tão quietos e tão ferozes."

Gabriel cuspiu no chão quando eles pararam. Estava de costas para Nathan que cobria o outro lado. Daniel estava na sua frente conferindo um mapa da cidade. Gabriel olhou pelas casas onde havia fumaça por todas as janelas: "Todo o bairro em fogo, cara. O mais estranho é que antes de chegarmos não tinha nenhum bombeiro. As pessoas ficaram trancadas enquanto o fogo se alastrava."

Nathan sentiu sua boca seca e desejou estar em casa com seus filhos. Nunca quis tanto voltar a sua rotina de se preocupar se tinha ou não perdido algum filme no cinema ou não se esquecer de uma data importante com sua mulher.

"Todos já voltaram. Vamos embora daqui!" sussurrou Nathan para soldado ao lado.

"Faça só o trabalho, cara. Em duas horas tudo vai acabar de qualquer jeito. Estamos em quarentena. Não quero nem imaginar os tipos de testes que irão fazer conosco depois dessa loucura."

Os dois soldados então ficaram quietos face ao seu destino.

Rivers estava quatro metros na frente deles, e não sabia mais onde estava. O mapa em sua frente estava em uma escala muito alta, com alguns poucos pontos de referência. Aqueles condomínios eram todos iguais e as casinhas só mudavam suas cores.

"Reportem," pediu o tenente de qualquer jeito.

"Tudo certo, tenente," disse Gabriel rapidamente.

Nathan não sabia o que dizer, pois pela retaguarda, uma pequena gangue se aproxima vindo de uma rua paralela.



"Nate." pediu Rivers impaciente, ainda tentando achar-se no mapa.

"O-Oito loucos. V-vindo devagar."

Todos eles se viram para onde o soldado estava olhando e então os loucos começam uma corrida. Alguns deles tinham pedaços de paus e algumas pedras foram atiradas. Daniel, Gabriel e Nathan juntaram-se em pavor um tanto desastrados, recebendo as pedradas em seus peitos e nos braços; eles apontaram suas armas para frente, ainda sem alvos em particular. O mapa caiu da mão de Daniel ao chão dando lugar a um revólver que precisou ser segurado com ambas as mãos, que insistiam em tremer.

Os loucos continuaram a corrida indiferentemente.

"Isto é real!" gritou Gabe.

O primeiro tiro, vindo da pistola de Rivers, faz a orelha de um deles tornar-se uma fumaça vermelha, junto com um pequeno e grave urro de dor.

Os loucos mantiveram sua corrida da mesma maneira.

Por fim, o treinamento militar assumiu o controle e os soldados dispararam pequenas seqüência de três tiros. Braços e pernas foram cortados, poças de sangue se acumularam no asfalto. Conforme os loucos da frente caíam, outros saíam em retirada para as ruas perpendiculares de onde vieram.

Tudo acabou em poucos segundos, e novamente veio o silêncio das ruas, junto com outros cinco corpos deitados no chão.

Nathan, que fechou seus olhos quando comprimiu seu dedo no rifle, foi o primeiro a falar, depois de algum tempo onde o pequeno time de resgate mal ousava respirar: "Acho que v-vi alguma coisa...

diferente."

Gabriel deu o primeiro passo hesitante olhando para Rivers, tentando obter uma confirmação para investigar.

"Sejamos r-rápidos, enquanto eu tento entender a porcaria desse mapa." disse Rivers voltando-se ao mapa.

Os dois soldados foram até os corpos enquanto as casas ao redor continuavam a arder em fogo. Caminharam menos de cinquenta metros, e o cheiro se notava em vinte. Ao chegar ao primeiro corpo, com a ponta do rifle, Gabriel verificou se o mesmo estava morto de verdade. Pela quantidade de hematomas ele sentiu-se enojado e cuspiu no chão.

"Estão infectados há  *muito* tempo." disse Gabriel.

Nathan olhou mais de perto e levantou-se rápido: "Isto.. parece com o vídeo que eu vi na marinha, sobre... submarinos nucleares e ..."

"Contaminação?" perguntou Rivers.

Nathan ajoelhou-se e olhou bem a carranca de um corpo estendido que recebera dois tiros no peito.

Um silêncio repentino e eles se entreolharam.

"Pare com essa merda!" disse Gabriel.

Nathan pareceu extremamente perturbado.

"Eu não estou infectado. Por deus, não. Olhe meus olhos, por favor."

"Está tudo bem, seu merdinha. Vamos indo soldado."

"Preciso de água. Me passe o cantil." pediu Gabriel.

Nathan passou o único cantil que eles tinham.

O outro soldado bebe rápido dois goles.

"Isto aqui é um calor dos infernos."



Após um pequeno instante de indecisão, e então Gabriel tira o suor da testa, removendo seu capacete por um tempo.

Nathan e Daniel por sua vez, conferem o mapa. O soldado se vira e Gabriel já está com as suas mãos no pescoço dele, com o rosto impassível e fechado, com a boca apertada na forma de um risco. Logo Nathan se desvencilha, mas Gabriel lhe aplica uma chave de braço. Rivers dá dois passos para trás, atônito. Nathan continua a debater-se contra aquela força esmagadora em seu pescoço, e seus olhos finalmente encontram Rivers, perplexo.

O mapa cai mais uma vez no chão, e a arma surge rápida em reflexo. Rivers olha para seu amigo Gabriel. Cinco anos trabalhando juntos e ele nunca vira tal expressão louca em sua face. *Aquele não é Gabe*, diz uma voz alienígena em sua cabeça. Rapidamente Rivers coloca a arma na testa dele, mas o mesmo não demonstra nem entendimento ou temor por este fato.

“Você esta infectado.”, diz Rivers devagar como em um sonho, enquanto Nathan vai perdendo aos poucos seus sentidos e fechando seus olhos, junto com os espasmos em suas mãos.

Um tiro ecoa na rua, Gabriel se desloca meio metro e cai morto no chão. Eles olham o furo no meio da testa e o capacete largado no chão ao lado. A compreensão vêm com um reflexo de suas mãos rápidas em suas cabeças, segurando seus capacetes com força e arrumando o prendedor no queixo corretamente, de maneira frenética.

Prosseguíram com suas armas em punho e, por um longo tempo, nenhum dos dois conseguiu dizer qualquer coisa.

## EDDIE

Eddie Smith empurrou sua esposa por causa de uma discussão que ele nunca mais conseguiria lembrar-se. Talvez sua memória falhasse pelo choque de vê-la cair quatro andares pelo vão central do prédio onde moravam. Depois do julgamento, as duas décadas passaram rápido e a justiça o deixou voltar para casa por bom comportamento. As novas pessoas do prédio, que nunca iriam saber dele o que aconteceu, o receberam com certa apreensão por causa de sua velhice aparente. Smith alugou seu antigo apartamento, e agora mora como zelador, no pequeno cômodo reservado à zeladoria no térreo.

Eddie sabia que seus anos na penitenciária passaram rápido por que sua mente não conseguiu lidar com o que aconteceu. Ele sempre lia livros sem parar e dormia mais de dez horas por dia. Com a ajuda de remédios fortes, o sono tornava-se ainda mais forte, e ele ficou com aquela névoa sonífera durante a maior parte de sua reclusão.

Algo mudou quando voltou para casa. Quando vai dormir neste novo apartamento, Eddie sonha que está em sua cama enquanto ouve passos na escada, e imagina se não é o Diabo que vêm rastejando degrau por degrau para fazê-lo pagar pelo que fez. Sua imaginação corre louca por algo semelhante a uma múmia sem olhos, com os mesmo cabelos de sua mulher, volumosos e grisalhos. Nesta hora, Eddie sempre abre seus olhos e olha para o teto amarelo e mofado de seu antigo quarto, no último andar. Ele se senta na cama e então ouve o barulho de pés molhados no corredor e o roçar



de dedos na madeira da porta.

Neste ponto ele sempre se levanta.

“Estamos esperando por você, Eddie.” gorgoleja a múmia.

“Não me desaponte.” diz sua ex-mulher, como uma sombra do Diabo.

Ao descer da cama, Eddie se vê no espelho do móvel em frente ainda com seu pijama laranja de prisioneiro. Ouve uma batida de punho na porta e por mais que não queira se aproximar da entrada, ele é impelido até lá, passo a passo. Unhas vão descendo e arranhando a madeira até o vão debaixo da porta.

Eddie sempre espera acordar nesta parte do pesadelo, mas isso também nunca acontece. Tenta não se agachar, mas sempre o faz, impelido por uma força sobrenatural. Eddie Smith também não consegue evitar o ato de esticar sua mão, tal como o fez antes de Janet cair pelo vão da escada abaixo. Neste momento ouve uma pequena risada de mulher e então unhas vermelhas roídas em dedos esqueléticos brancos aparecem por baixo da porta, tentando lhe alcançar.

“Segure minha mão, Eddie. Aqui é muito solitário.” pede sua esposa em uma voz rouca e baixa.

O zelador acorda gritando com as mãos em seu pescoço, seus dedos gelados e molhados de suor.

“O que está feito, está feito.” repetiu Eddie até se acalmar, o que levou algum tempo.

III

Era uma terça-feira.

Depois de tomar seu banho, o velho zelador fritou seus ovos como sempre fazia de manhã. Após comer com vontade ele decidiu fritar um bife já que estava disposto. Não gostava muito de sua comida, mas *a gente se acostuma* era sua frase de auto-ajuda mais repetida nos últimos tempos.

De seu apartamento no primeiro andar podia ver que seria um dia quente pelo sol na grama. Na sua camisa branca, a parte de baixo das axilas já estava molhada em volta da eterna parte amarelada, mas isso não importava. Aliás, pouca coisa importava; o que gostava era de fazer sua comida, bem frita e com bastante chocolate depois. Ele pegou sua vassoura lentamente e com muito cansaço.

Smith respirou fundo e abriu sua porta, trombando com uma mulher loira e magra que saía desesperada, chorando às golfadas.

O zelador viu a mulher entrar em seu carro, e em duas manobras rápidas sair correndo do condomínio, batendo contra um vaso pequeno de decoração.

“Pobre Susan.” disse Eddie com sinceridade. Quando o carro virava na curva, Eddie já a esquecera. Foi até a casinha de ferramentas e tirou um cortador de grama, desejando ainda mais chocolate logo em seguida.

“Eddie, venha aqui.” falou um senhor de terno na porta de entrada.

Smith parou de aparar a grama que já estava quase pronta, e limpou o suor de seu rosto com o braço.



"Antes de sair de casa ouvi a nova inquilina do 405 dizer que está com problemas com sua água." disse o homem de terno.

"O registro fica bem escondido atrás na pia." falou Eddie.

"Pois é. Deus, hoje vai ser um dia quente. O vejo depois, Sr. Smith."

Eddie esperou o outro engravatado entrar no carro e sair. Largou a tesoura de grama no chão. Queria ele fugir dali, mas não tinha mais ninguém depois que sua irmã morrera de câncer enquanto ele ainda estava na cadeia.

*Sempre a merda do câncer*, pensou Eddie.

Ao entrar no prédio, a diferença de luz o fez forçar os olhos. Tudo continuava lá: as caixas de correspondência, sua cadeira e a TV pequena passando as telenovelas de tarde. Estava lá ainda o grande vão no meio do prédio onde sua mulher caíra.

"Sr. Smith?" veio uma voz lá de cima.

"Já estou subindo." respondeu o velho.

"Oh, muito obrigado. Preciso tomar banho e está droga não está funcionando."

Eddie foi subindo os degraus, olhando para o chão onde imaginava os riscos de giz representando onde ficara o corpo de sua mulher no centro do prédio. Por fim, o hábito lhe tomava conta e a pequena alucinação diária sumia.

"Um dia ainda vou me mudar." disse com raiva.

Com suas mãos apertando os joelhos, Smith continuou a subir pela escada. Já tinha marcado uma consulta com o doutor Andrews, mas tinha medo que alguém lhe contasse que teria de parar de trabalhar, pois era a única coisa que afastava suas lembranças.

O velho levantou sua cabeça e falou: "Esse problema de água é antigo. Fácil de resolver se você sabe onde fica o registro."

Eddie subiu outros degraus e sentiu uma tontura súbita. Sentiu o bife que comera protestar em sua barriga e pensou na estupidez que fizera esta manhã; já não era mais um garoto.

"Venha Eddie, estamos esperando por você." disse a múmia.

Eddie parou e teve de se segurar na parede: "O que você disse, senhorita?"

"Se o senhor aceita um refresco." disse a moça.

Smith continuou a subir a escada até chegar ao terceiro andar. Não estava gostando em nada daquilo tudo e sentiu o ímpeto de voltar para seu apartamento, mas resolveu continuar conversando. Estava senil, e isso agora lhe era uma certeza, mas a gente se acostuma.

"Um copo seria bom. Com certeza está ótimo hoje para um longo banho." falou o zelador.

Depois de uma parada para respirar, Eddie retomou seu passo, mas quando tocou no chão ouviu seus pés fazerem um barulho de água. Abaixou sua cabeça e viu que o chão por ali estava cheio de poças.

"Oh Deus." disse Smith, caminhando cada vez mais lentamente enquanto água saía de seus pés, como se ele tivesse saído de uma piscina.

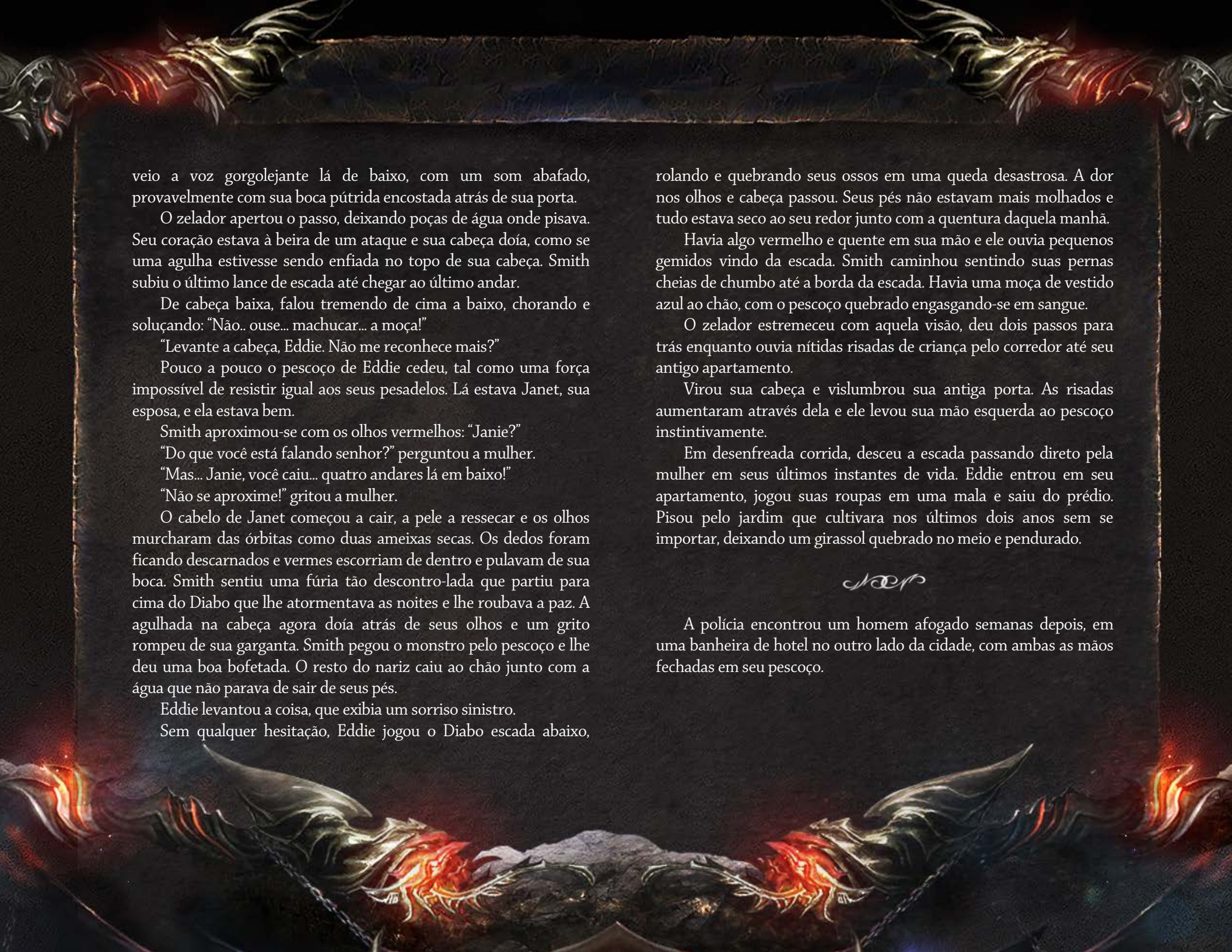
"Está tudo bem ai embaixo?" disse a mulher.

"Não me deixe esperando, Eddie." disse a múmia.

"Oh Deus. Deixe a moça, por favor!" pediu Smith.

"Você foi um mau menino, Eddie. Nós vamos pegar sua vadia!"





veio a voz gorgolejante lá de baixo, com um som abafado, provavelmente com sua boca pútrida encostada atrás de sua porta.

O zelador apertou o passo, deixando poças de água onde pisava. Seu coração estava à beira de um ataque e sua cabeça doía, como se uma agulha estivesse sendo enfiada no topo de sua cabeça. Smith subiu o último lance de escada até chegar ao último andar.

De cabeça baixa, falou tremendo de cima a baixo, chorando e soluçando: “Não.. ouse... machucar... a moça!”

“Levante a cabeça, Eddie. Não me reconhece mais?”

Pouco a pouco o pescoço de Eddie cedeu, tal como uma força impossível de resistir igual aos seus pesadelos. Lá estava Janet, sua esposa, e ela estava bem.

Smith aproximou-se com os olhos vermelhos: “Janie?”

“Do que você está falando senhor?” perguntou a mulher.

“Mas... Janie, você caiu... quatro andares lá em baixo!”

“Não se aproxime!” gritou a mulher.

O cabelo de Janet começou a cair, a pele a ressecar e os olhos murcharam das órbitas como duas ameixas secas. Os dedos foram ficando descarnados e vermes escorriam de dentro e pulavam de sua boca. Smith sentiu uma fúria tão descontro-lada que partiu para cima do Diabo que lhe atormentava as noites e lhe roubava a paz. A agulhada na cabeça agora doía atrás de seus olhos e um grito rompeu de sua garganta. Smith pegou o monstro pelo pescoço e lhe deu uma boa bofetada. O resto do nariz caiu ao chão junto com a água que não parava de sair de seus pés.

Eddie levantou a coisa, que exibía um sorriso sinistro.

Sem qualquer hesitação, Eddie jogou o Diabo escada abaixo,

rolando e quebrando seus ossos em uma queda desastrosa. A dor nos olhos e cabeça passou. Seus pés não estavam mais molhados e tudo estava seco ao seu redor junto com a quentura daquela manhã.

Havia algo vermelho e quente em sua mão e ele ouvia pequenos gemidos vindo da escada. Smith caminhou sentindo suas pernas cheias de chumbo até a borda da escada. Havia uma moça de vestido azul ao chão, com o pescoço quebrado engasgando-se em sangue.

O zelador estremeceu com aquela visão, deu dois passos para trás enquanto ouvia nítidas risadas de criança pelo corredor até seu antigo apartamento.

Virou sua cabeça e vislumbrou sua antiga porta. As risadas aumentaram através dela e ele levou sua mão esquerda ao pescoço instintivamente.

Em desenfreada corrida, desceu a escada passando direto pela mulher em seus últimos instantes de vida. Eddie entrou em seu apartamento, jogou suas roupas em uma mala e saiu do prédio. Pisou pelo jardim que cultivara nos últimos dois anos sem se importar, deixando um girassol quebrado no meio e pendurado.

*MEP*

A polícia encontrou um homem afogado semanas depois, em uma banheira de hotel no outro lado da cidade, com ambas as mãos fechadas em seu pescoço.



## SUSAN

Susan estava tranqüila e de cabeça baixa olhando para suas mãos. Definitivamente naquele local ela se sentia melhor. Seria a poltrona, ou a voz macia do psicólogo? Não importava. Era como sair de um lugar fechado cheio de fumaça para ao ar livre. Aquele pensamento lhe deixou suspeita de que algo estava efetivamente acontecendo, e ela voltou sua atenção ao homem em sua frente, mantendo o olhar em suas mãos.

“Os remédios deveriam ajudar.” falou o psicólogo, que esperava uma resposta já a algum tempo.

“Eu tomo as pilulas direitinho. A vermelha e amarela. Às vezes funciona, e eu finalmente durmo melhor.”

“Sei. Seu humor, como fica?”

“Acho que sou uma péssima mãe.” disse Susan.

A mulher tocou com calma e com todo o tempo do mundo o sofá de couro. Deslizou seus dedos por entre os botões dourados de metal. Aquilo era bom, poderia ficar horas ali ouvindo aquele homem falar e sentindo a textura do couro. Será que o animal que cedeu sua pele vivera o bastante? Será que ele nunca passara fome ou ficara dormindo na chuva? Com certeza ele corria no pasto, a relva passando por suas patas fortes e enlameadas, bebendo água direto do...

“Susan?” pediu atenção o psicólogo mais uma vez.

A mulher tremeu por todo o seu corpo. Treinara sua fala por todo o tempo no ônibus: “Se eu pedir uma coisa a você, você a faria?

*Por mim?”*

“Sim, querida.” disse o psicólogo, um pouco aflito.

“Eu... quero... *desistir*.” veio a resposta junto com um rosto levantado com vergonha, inchado nas pálpebras com olheiras profundas e o cabelo seco misturado e enrolado com seu suor nervoso em sua testa.

“Sei que já passaram alguns anos, mas algumas pessoas levam muito tempo para superar o luto e seguir com suas vidas.”

“Eu quero! Eu preciso!” gritou ela.

“Providenciarei sua internação, mas volte amanhã pela manhã. Enquanto isso, precisaremos chamar os serviços sociais para seu...”

Susan teve um início de convulsão, e imediatamente o psicólogo levantou-se da cadeira, segurando sua mão: “Respire fundo Susan!”

Enquanto tentava respirar, se engasgando e tentando abrir sua boca, Susan novamente achou aquilo estranhamente familiar, porém esqueceu mais uma vez. Vivia esquecendo de tudo, porém uma única coisa zumbia e não saía de sua cabeça: a voz de seu filho.

*Não esqueça meu presente, mamãe.*

*Você não me ama mais?*

*~~~~~*

Susan entrou em casa com uma grande sacola, após subir todos os quatro andares pela escada. Ela fechou a porta de costas para a sala e depois de virar a chave, voltou-se e encontrou seu filho parado em sua frente.

“Craig! Que susto você me deu!”



Apenas um meio sorriso no menino de nove anos, que avaliava o tamanho do pacote.

Susan deu um sorriso junto a um rosto cansado: "A mãe te trouxe um presente. Vou fazer um bolo para nós."

Craig recebeu o presente e o carregou até a sala. Susan coloca a chave junto no chaveiro, onde guarda a correspondência. Seus pés estão inchados e doloridos, pois passou o dia tentando achar uma coisa que valesse a pena para o menino, mas nada era correto em sua mente.

"MÃE!" veio a ordem da sala.

Susan sentiu um pesar nas pernas.

"Não foi isso que eu pedi!" guinchou o menino.

Susan sentou na primeira cadeira que achou.

"Querido, depois que o papai se foi tudo ficou um pouco mais difícil," disse Susan. Seu queixo e mãos começaram a tremer antecipando mais uma briga.

"Mas não foi isso que eu pedi!"

"Eu.. Eu.. não temos dinheiro nem para a prestação, não faça isso comigo..." gaguejou Susan.

Craig levanta-se e se aproxima. Sua boca não mexeu, mas Susan o ouviu perfeitamente em sua mente naqueles olhos furiosos.

***Me dê o que eu quero, maldita!***

Susan começa um forte ataque psicótico. Ela joga seu corpo contra a parede, arrebenta a televisão, quebra os dois vasos que

estavam na mesa posta para o almoço, e em seguida arranca um imenso tufo de seu próprio cabelo mostrando seus dentes de cima e de baixo para o garoto.

Susan pára estupefata quando vê o sangue em sua mão.

Craig não.

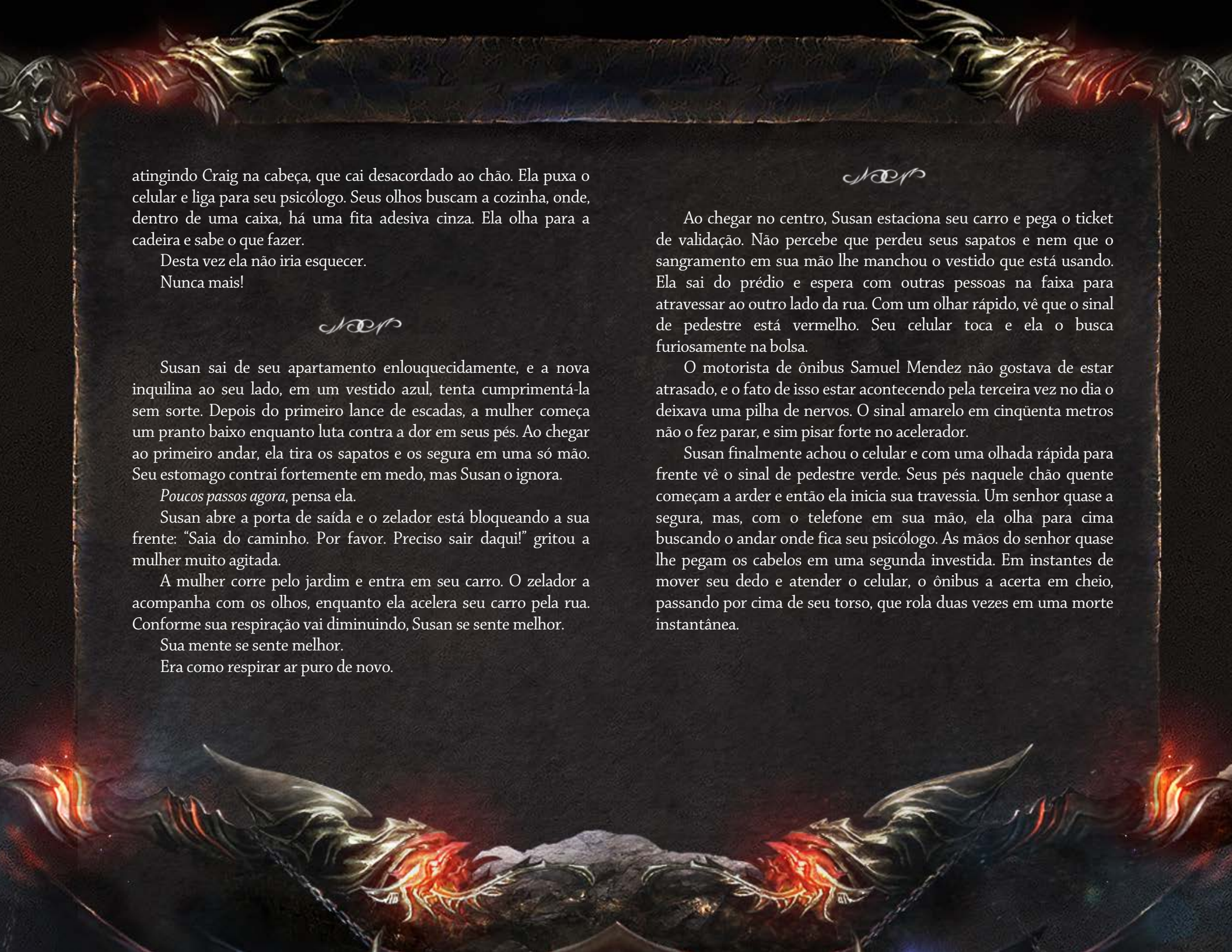
*O sol muda repentinamente de posição. Era final de tarde agora. Susan olha para a esquerda e vê seu filho na frente da porta do banheiro. Ela acha estranho, pois podia jurar que ele estava com ele na sala. Susan volta seus olhos para o apartamento vazio, cujas sombras fracas e indistintas de um sol cinzento na rua lhe trazem frio. O menino caminha para dentro do banheiro e Susan o segue. Depois de dois passos, reconhece uma voz que fazia muito tempo que não ouvia. Susan alcança a porta e vê um pequeno sentado em um banquinho na frente da banheira onde está seu falecido marido Phil, com olhos alucinados para o menino. Susan vê os dois conversarem, mas desta vez o som está abafado. Ela se aproxima de Phil para tocar em seu rosto, em uma alegria contida. O menino fala alguma coisa e Susan vira-se para ele. Nos olhos dele existe uma satisfação imensa. Susan volta seus olhos ao seu marido e existe uma faca com ele. Breve a banheira fica vermelha. Phil vira-se para ela e diz adeus em um sorriso triste, conformado. A escuridão vem junto com o fechar dos olhos do homem, deslizando para o fundo da banheira.*

Susan então acorda daquela pequena visão, e vê Craig com a mesma cara de satisfação em seus olhos.

Começa a gritar e uma risada infantil a acompanha.

Susan pega o último vaso intacto em sua frente e o arremessa,





atingindo Craig na cabeça, que cai desacordado ao chão. Ela puxa o celular e liga para seu psicólogo. Seus olhos buscam a cozinha, onde, dentro de uma caixa, há uma fita adesiva cinza. Ela olha para a cadeira e sabe o que fazer.

Desta vez ela não iria esquecer.

Nunca mais!



Susan sai de seu apartamento enlouquecidamente, e a nova inquilina ao seu lado, em um vestido azul, tenta cumprimentá-la sem sorte. Depois do primeiro lance de escadas, a mulher começa um pranto baixo enquanto luta contra a dor em seus pés. Ao chegar ao primeiro andar, ela tira os sapatos e os segura em uma só mão. Seu estomago contrai fortemente em medo, mas Susan o ignora.

*Poucos passos agora, pensa ela.*

Susan abre a porta de saída e o zelador está bloqueando a sua frente: "Saia do caminho. Por favor. Preciso sair daqui!" gritou a mulher muito agitada.

A mulher corre pelo jardim e entra em seu carro. O zelador a acompanha com os olhos, enquanto ela acelera seu carro pela rua. Conforme sua respiração vai diminuindo, Susan se sente melhor.

Sua mente se sente melhor.

Era como respirar ar puro de novo.



Ao chegar no centro, Susan estaciona seu carro e pega o ticket de validação. Não percebe que perdeu seus sapatos e nem que o sangramento em sua mão lhe manchou o vestido que está usando. Ela sai do prédio e espera com outras pessoas na faixa para atravessar ao outro lado da rua. Com um olhar rápido, vê que o sinal de pedestre está vermelho. Seu celular toca e ela o busca furiosamente na bolsa.

O motorista de ônibus Samuel Mendez não gostava de estar atrasado, e o fato de isso estar acontecendo pela terceira vez no dia o deixava uma pilha de nervos. O sinal amarelo em cinquenta metros não o fez parar, e sim pisar forte no acelerador.

Susan finalmente achou o celular e com uma olhada rápida para frente vê o sinal de pedestre verde. Seus pés naquele chão quente começam a arder e então ela inicia sua travessia. Um senhor quase a segura, mas, com o telefone em sua mão, ela olha para cima buscando o andar onde fica seu psicólogo. As mãos do senhor quase lhe pegam os cabelos em uma segunda investida. Em instantes de mover seu dedo e atender o celular, o ônibus a acerta em cheio, passando por cima de seu torso, que rola duas vezes em uma morte instantânea.





*100*

Preso a cadeira pelos pés e mãos com fita adesiva cinza, Craig acorda. A dor em sua testa o faz lembrar imediatamente do acontecido. O garoto tenta se mexer, mas não consegue. Tenta localizar sua mãe (descobrira como fazer isso há muito tempo), mas aparentemente ela deixou de existir.

Tal pensamento lhe deixou um pouco triste, pois estava ficando com fome.

*E é claro, tinha esta merda de ficar amarrado na porcaria da cadeira* pensou o garoto.

Lutou com a fita mais uma vez. Sua mãe fizera o tema direitinho: três voltas. Mas ela estava morta, disso tinha certeza, por que a presença sumira do mesmo jeito que a de seu pai.

*Vamos nos divertir a valer agora, esqueça essas merdas.*

Depois de algum tempo, o garoto olha por todos os lados desconfiado. No corredor, ele ouve a voz da nova inquilina pedindo ajuda ao zelador pela escada.

Um sorriso de satisfação surge em Craig, pois agora ele pode se divertir.

Sem limites desta vez.

Algum tempo depois, o garoto começa a rir.

**BILL**

O homem de barba a fazer acordou em um susto. Sentou-se encostado à parede branca do quarto, e olhava para o espelho em sua frente desconfiado. Não sabia como quantificar o tempo que passou; era algo como deduzir uma complexa conta de bar de cabeça, com muitas pessoas e muitas garrafas depois. Voltou-se ao espelho e mexeu em seu cabelo espesso e duro, que lhe pareceu estranho ao toque. Ao lado na cômoda, havia alguns cigarros deixados de forma casual, com um isqueiro pequeno de prata por cima.

"Apaguei de novo!" foi sua fala imediata e quase sussurrada entre seus lábios, mas era como um policial despreveria um incêndio em frente a uma casa em cinzas.

Ele não se sentia perdido, aquela era sua casa e disso ao menos tinha certeza, então aqueles deveriam ser os seus cigarros e quase que instantaneamente já tinha um pendurado em sua boca; deu uma mordida com gosto, alguns milhares de neurônios dispararam suas cargas elétricas conhecidas a mais de vinte anos e então o homem girou com seu dedão a parte de cima do isqueiro *zippo*. Ele ficou olhando a chama pelo espelho por um tempo. Uma memória lhe assombrou, tal como lera em algum livro de como os antigos faziam sua magias com velas no escuro a frente do reflexo para chamar seus demônios interiores. A sensação de fogo correu veloz em sua imaginação junto com o ribombar crescente de seu batimento cardíaco. Antes de sua primeira tragada

*(os perdidos! Eles não descansam NUNCA)*



sua visão falha, seu abdômen torna-se uma massa dura petrificada e o homem sofre uma violenta série de convulsões que o derrubam de sua cama.



O homem acorda mais uma vez, agora no chão, coçando sua testa em um movimento único de sua mão esquerda. Desta vez não se assusta, e vira lentamente seu pescoço, enquanto um jovem o observa de braços cruzados perto da porta.

“Acho que podemos dispensar os paramédicos.” diz o rapaz.

Com algum esforço, o homem sentou-se.

“Talvez ainda seja tempo de chamar a polícia.”

O rapaz sorriu e colocou as mãos nos bolsos: “Vinte e cinco paus não estragarão meu futuro brilhante de lavar pratos. Sua carteira está dentro da jaqueta junto com o resto de suas pílulas. Se quer mesmo se matar, aconselho o frasco inteiro.”

Depois de uma longa olhada no rapaz, desde seus tênis sujos e roupas simples, o homem sorriu: “Você é o filho do vizinho. Você cresceu.”

O homem desceu sua mão ao chão e pegou sua jaqueta. Sacudiu-a e ouviu o barulho do remédio. Apalpou a jaqueta e tirou sua carteira, abrindo-a ao meio e puxando sua carteira de motorista.

“Bill Copper...” leu o homem incrédulo na primeira linha.

“Você sempre têm esses ataques? Isso não pode ser bom.” disse o rapaz um pouco perturbado.

Bill apontou o dedo em ameaça.

“Fique longe da minha carteira, garoto.”

O rapaz fez uma careta de negação. Após um silêncio um tanto constrangedor, os dois trocaram olhares tempo suficiente para que o homem começasse a ouvir os barulhos da rua e pensar se hoje era uma segunda ou sábado. O mesmo olhar continuava no rapaz. Seu estômago protestou e Bill levantou as mãos como se desistisse.

“O que você quer? Está com fome? Onde se pode comer nesta hora da manhã?”

“Você mora aqui e não sabe?”

“Ei, eu sou o doente aqui.” Bill sacudiu o frasco.

O garoto não conteve um sorriso azedo: “Tudo bem, mas tire essa barba da cara. Você parece estar em alguma lista de procurados.”



O garçom entrega um prato grande de torta de maçã e um *milkshake* na mesa. Copper come um grande pedaço de sua torta enquanto o rapaz assiste a TV pendurada no teto sugando uma boa parte de seu sorvete. O calor era grande e o ventilador girava inutilmente devagar. Bill saciou a maior parte de sua fome rápido. Havia outras pessoas ali perto, pais com seus filhos e algumas enfermeiras solteiras conversando alto sobre suas aventuras sexuais do último fim de semana.

O rapaz não tirava os olhos do televisor.

“Então, como vai a escola?” perguntou o homem.

O rosto do jovem vira-se com uma sorradeira olhadela de lado,



confirmando que a aquela pergunta estava demorando. Por fim, limpou sua boca e jogou o guardanapo na mesa: "É uma droga. Posso ir embora agora, *papai*?"

O rapaz fez menção de levantar-se.

"Pare com essa isso, moleque. Sente aí."

O rapaz terminou seu *milkshake* com deboche.

Copper balançou sua cabeça em descontentamento.

"Oh Sim, já tinha me esquecido. Você é o coitado do *meio* frasco de pílulas." comentou o garoto.

"*Cale a boca!*" gritou o homem.

As enfermeiras param de tagarelar. Somente o barulho da TV confronta o calor do lugar junto ao inútil ventilador.

Com o dedo em riste, o jovem conclui: "Você e eu sabemos que não vou terminar o colégio. Não se faça de tonto ou que esqueceu."

"Esqueci o quê?"

Bill fica muito chateado e empurra o prato para a frente enquanto o garoto vai embora.

O garçom vem rápido na direção de Bill: "Senhor, você poderia ficar calmo? Eu não me importo, mas está assustando as enfermeiras, e elas são boa clientela."

Bill olha para as moças e tira sua carteira, puxando uma nota de vinte. Na TV, a apresentadora do tempo confirma um dia ensolarado com máxima de trinta e oito graus.

"Desculpe, mas você precisa ir." pede o garçom.

Bill abana para as moças, e paga o garçom. Depois dele sair pela porta, as enfermeiras começam a rir. O garçom leva o prato de torta junto com um *milkshake* cheio para a cozinha.

*Bill*

Após caminhar pelo estacionamento acionando o alarme, Bill achou finalmente o seu carro no estacionamento exterior do prédio. Ele então abriu o porta-luvas, achando vários recibos de pedágio. Alguns deles datavam do ano passado.

"Utah?" perguntou Bill a seus olhos no retrovisor.

Em baixo da papelada do porta-luvas havia uma pistola, mas Bill não se assustou com isso, colocando o resto dos papéis em cima da arma para escondê-la.

"Talvez eu seja procurado mesmo."

Bill levantou seus olhos e viu o jovem o observando do segundo andar dos apartamentos.

"Filho da puta!" disse Bill abrindo a porta do carro rapidamente.

Bill saiu do carro e foi atrás do menino sem desviar os olhos dele em uma caminhada rápida. O garoto então foi indo para o outro lado. Bill subiu o lance de escadas em três pulos, mas quando alcançou o segundo piso o jovem já tinha entrado em sua casa. Bill seguiu os apartamentos até onde vira o rapaz entrar. Olhou pela janela, mas a casa parecia estar vazia, com toalhas brancas por cima dos móveis.

Copper virou para sua direita e viu uma mulher loira com uma grande tatuagem tribal no braço esquerdo.

"Eles se mudaram ano passado." disse ela, que usava um jeans rasgado e sandálias rasteiras.

"O garoto... ele não entrou por aqui?" perguntou Bill, ainda tentando ver algo pela janela.



"Se você quer entrar, eu posso ajudar." disse a mulher.

"Não, já tive muita ação para uma manhã só."

Bill viu que a mulher tinha um problema. Talvez pelo jeito estranho de falar ou a sua boca meio torta.

"Você não se lembra de mim?" perguntou a moça.

"Olhe, o que quer que seja vai ter de esperar. Isso aqui..."

Bill percebeu que um fedor saía da mulher.

"Oh Bill, assim você realmente me machuca. De verdade..."

A mulher deu um passo à frente e tocou Copper na mão. Os dedos estavam frios e úmidos, e ele sentiu o enrugamento da pele. Bill se retesou contra a porta e ela o empurrou com força.

"Você não se lembra?"

Bill notou que a voz mudara, talvez por que o pescoço estava diferente, com uma marca roxa dando uma volta.

"Você tinha que lembrar, Billie."

"Oh Céus..." disse Bill ao cadáver molhado em sua frente lhe apertando os bagos com um joelho cada vez mais dentro de sua calça.

A coisa foi ao seu ouvido e então falou baixinho: "Você me enganou. Me esqueceu naquele lugar de propósito."

A coisa voltou sua face para ele. Os olhos foram ficando cada vez mais embaçados e a íris ia tornando-se um pontinho minúsculo numa ilha azul que ia se dissipando num mar branco. Um pequeno verme verde surgiu de uma narina e correu por cima do olho aberto.

"Meu... remédio... Oh Deus..." suplicou Bill.

A mulher segurou a mão de Copper, que corria dentro da jaqueta tentando achar seu frasco, e então colocou uma corda em

seu pescoço bem devagar imprimindo uma força tremenda.

"Dezenove anos Billie. Eu tinha uma vida inteira pela frente."

"Me... desculpe..." disse Bill com seus olhos fechados sentindo o frio e o fedor do corpo da mulher. A corda apertou seu pescoço. Foi então que ele recebeu uma joelhada direto na barriga, junto com uma risada em uma voz grossa e aguda, sussurrada e gritada. Quando Bill caiu de joelhos, a corda o segurou e ele ficou estrangulado por alguns momentos. Conforme a risada da mulher diminuía, o mesmo acontecia com a pressão da corda. E então ele caiu no chão de azulejos, machucando seus joelhos.

Copper tremia e chiava. O ar aos poucos foi voltando e ele pode respirar. Puxou o frasco da sua jaqueta e engoliu duas pílulas que lhe desceram rasgando em sua garganta seca.

Bill aperta seus joelhos ao peito em posição fetal no chão, fechando furiosamente seus olhos.



Alguns minutos depois, Bill ousa olhar para sua frente e então percebe que a mulher sumiu, assim como o peso e a sensação da corda em seu pescoço. Uma sombra ocultou seu rosto do sol. Bill fica sobressaltado e defende seu rosto com as mãos instintivamente.

"Não há tempo para desperdiçar com velhas lembranças, Billie."

O homem ergue seus olhos e vê um padre ao seu lado: "Você... é... real?"

"Conheço você há vinte anos, Billie. Sempre foi um bom moço." disse calmamente o padre.



O homem começa a se desesperar e a perder o controle. Pega o frasco de remédio e quando vai tomar o resto das pílulas o padre segura sua mão.

“Você não devia tomar estas pílulas: já lhe falei isso!”

“E-Eu não... sei... o que está acontecendo.” diz Bill.

“Vamos embora. Muito ainda há de ser feito.”

O padre estava com muita pressa. Bill, por outro lado, sentia-se muito mal e enquanto o padre caminhava rápido e lhe puxava pela mão, suas náuseas o faziam curvar-se cada vez mais.

“As pílulas lhe enfraquecem. Jogue-as fora!”

“Me... deixe em paz!” disse Copper, tropeçando.

“Você nunca precisou de nada disso antes.”

Bill sentiu a febre alta em sua testa.

Os dois pararam em frente a uma dessas antigas igrejas sempre com mendigos à frente. O padre e o homem não pararam até chegar ao altar, passando por muitos bancos vazios.

Bill caiu por ali mesmo e começou a tremer: “Por favor.. me deixe em paz. Eu lhe peço.”

O padre o olhou serenamente com tal compaixão que Bill teve certeza que estava alucinando novamente.

“Deixe-me mostrar sua obra.”

Pessoas começaram a entrar e a preencher os lugares. Elas pareciam felizes. Os bancos vão ficando lotados – haviam velhos, mulheres e homens de todos os tipos.

“Para cada uma destas pessoas desta sala, centenas de coisas ruins deixaram de acontecer. O mundo é um lugar muito melhor pela sua interferência, Bill. Tudo o que sobrou foram seus pesadelos,

mas estes são seus ossos do ofício.” falou o padre.

A primeira fila foi se preenchendo. Bill reconheceu a mulher que o atacou na segunda fila. Os bancos foram apinhando de pessoas, mas na frente de onde estavam havia um local vazio.

“Você quase terminou sua quota.”

“Por favor... a dor... é insuportável!” reclamou Copper.

“Aceite isso como parte necessária desta realidade.”

“Não posso suportar mais!”

“Você só se esqueceu mais uma vez, Billie. Estou lhe trazendo de volta para o caminho.”

Bill reuniu todas as suas forças e levantou-se. Segurou o outro pelos ombros e lhe deu uma sacudida: “NÃO EXISTE DEUS AQUI!” gritou Copper.

Sua dor cessou no mesmo momento, como se alguém desligasse uma tomada. Bill então viu o garoto com quem passara a manhã na entrada da igreja caminhando até ele. As pessoas sentadas nos bancos baixaram suas cabeças e um início de coro baixo arrependido começou. Em pouco tempo os dois estavam frente a frente. Bill observou que todos que pareciam temer o garoto e a desviar seus olhos.

“Ainda confuso?” perguntou o rapaz com um sorriso.

Copper tateou sua boca, bochecha, nariz e começou a entender.

“Não...” disse Bill em completa negação.

“Dezessete anos. Você viveu, aprendeu e entendeu o bom senso.” disse o rapaz.

“Oh não...” repetiu Bill segurando seus cabelos de forma enlouquecida.



"Um bom moço. Um bom soldado."

Bill olhou para fora e tudo estava parado. Uma senhora estava entre um passo e outro, uma pomba quase levantando vôo e os carros parados na rua.

O garoto se aproximou de Bill perdendo o sorriso.

"Sua consciência foi limitada a este plano de cárcere mental. Mas você é um caso especial. O que sobrou foi um pedaço de carne com impulsos elétricos. Neste tempo, você podou alguns ramos que estavam influenciando a complexidade e aproximando a extinção da vida espiritual na Terra."

"Eu m-m-matei todas essas pessoas?" perguntou Bill.

"Você terminou com os vasos perdidos, e pelas regras da existência, podemos interferir nestes caminhos conforme alguma influência sobrenatural excessiva na coletividade. Eles estavam possuídos, desafiando o livre arbítrio."

O garoto se aproximou. Tinha os cheiros da infância que o pouco da consciência de Bill reconheceu imediatamente.

"Você está pronto para morrer, Billie?"

"Eu q-quero... t-terminar essa coisa..." gaguejou o homem.

E então rapidamente os três deram as mãos.

*~~~~~*

*Por um tempo que Bill não podia dizer com certeza, ele tornou-se apenas um ponto no espaço: um grande olho. Copper viu uma sequência de eventos que ficaram impressos em sua memória. Viu uma moto. Viu um capacete. Viu uma ambulância e um machado. Viu uma escola com janelas*

*quebradas. Viu uma mulher, de cabelos loiros, um menino e uma menina. Viu um jardim com um girassol quebrado. Viu uma explosão e o círculo de fogo.*

*Milhares de vezes.*

Bill abriu seus olhos e viu que eles estavam sozinhos na igreja novamente. Lembrava-se de tudo agora, e lembrava-se de um outro detalhe que era fundamental para fazer o seu trabalho: "Os perdidos estão sempre queimando!" gritou Bill ao sair correndo da igreja.

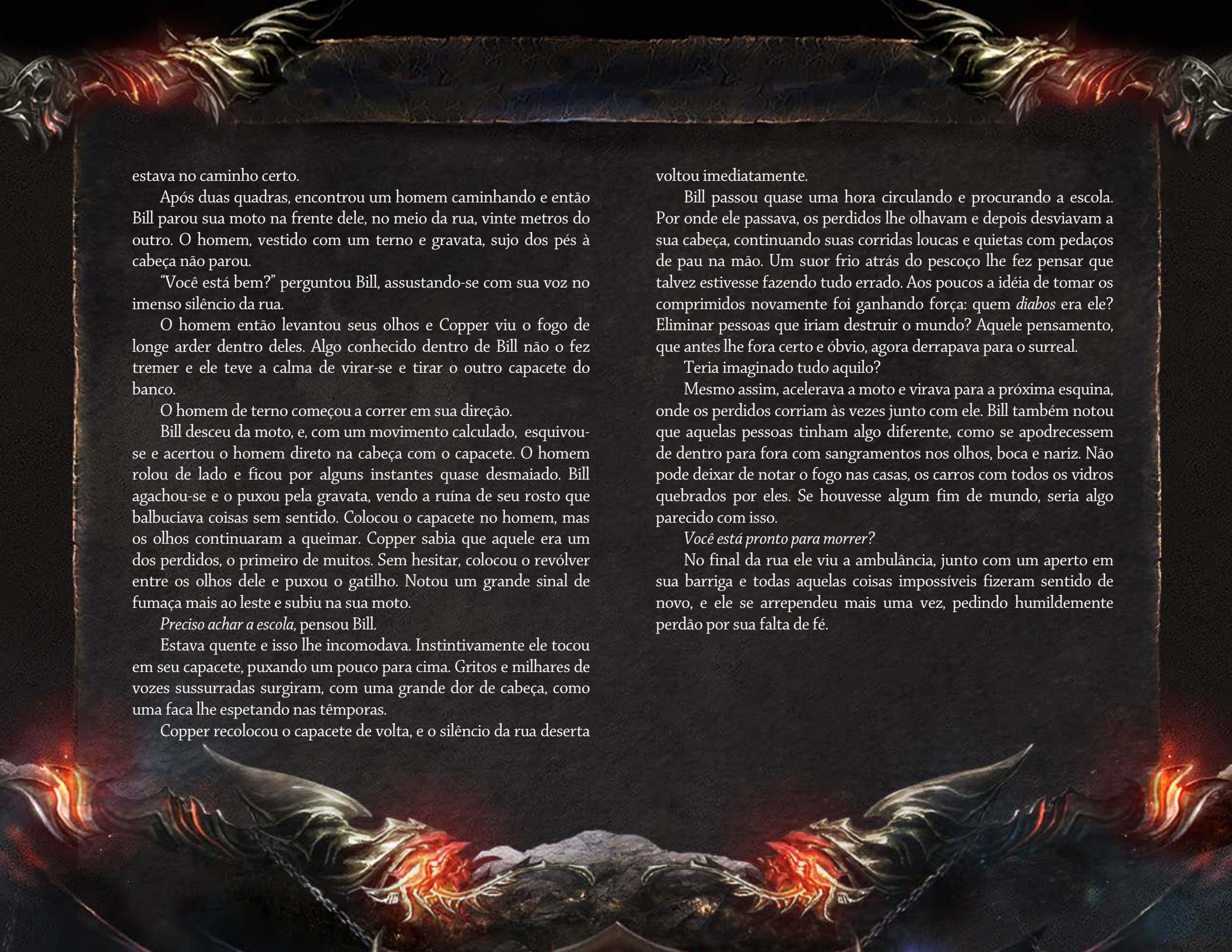
*~~~~~*

Ele correu duas quadras até ver a moto. Como por destino, haviam dois capacetes junto ao assento. Um gordo tatuado estava sentado ali, e uma bandana branca apertava o topo de sua cabeça careca. Bill reconheceu a moto imediatamente. O gordo, que estava conversando com outro motoqueiro, virou-se e o viu correndo em sua direção. Os dois cruzaram os braços; Copper apenas diminuiu o passo, sacando a arma, rendendo-os.

Já de capacete, Bill acelerou a moto. Conhecía a escola que havia visto na visão, mas não tinha muita certeza sobre qual o caminho que deveria seguir. Aquela era uma cidade grande, e era fácil confundir-se. Seguiu ao sul, a única direção que sabia. Na placa onde dizia *Rotterdam Avenue*, Bill não teve mais dúvidas e fez a curva à direita.

Estranhamente, todo o comércio estava fechado às quatro da tarde e nas ruas não havia ninguém. Para Bill, a confirmação que





estava no caminho certo.

Após duas quadras, encontrou um homem caminhando e então Bill parou sua moto na frente dele, no meio da rua, vinte metros do outro. O homem, vestido com um terno e gravata, sujo dos pés à cabeça não parou.

“Você está bem?” perguntou Bill, assustando-se com sua voz no imenso silêncio da rua.

O homem então levantou seus olhos e Copper viu o fogo de longe arder dentro deles. Algo conhecido dentro de Bill não o fez tremer e ele teve a calma de virar-se e tirar o outro capacete do banco.

O homem de terno começou a correr em sua direção.

Bill desceu da moto, e, com um movimento calculado, esquivou-se e acertou o homem direto na cabeça com o capacete. O homem rolou de lado e ficou por alguns instantes quase desmaiado. Bill agachou-se e o puxou pela gravata, vendo a ruína de seu rosto que balbuciava coisas sem sentido. Colocou o capacete no homem, mas os olhos continuaram a queimar. Copper sabia que aquele era um dos perdidos, o primeiro de muitos. Sem hesitar, colocou o revólver entre os olhos dele e puxou o gatilho. Notou um grande sinal de fumaça mais ao leste e subiu na sua moto.

*Preciso achar a escola, pensou Bill.*

Estava quente e isso lhe incomodava. Instintivamente ele tocou em seu capacete, puxando um pouco para cima. Gritos e milhares de vozes sussurradas surgiram, com uma grande dor de cabeça, como uma faca lhe espetando nas têmporas.

Copper recolocou o capacete de volta, e o silêncio da rua deserta

voltou imediatamente.

Bill passou quase uma hora circulando e procurando a escola. Por onde ele passava, os perdidos lhe olhavam e depois desviavam a sua cabeça, continuando suas corridas loucas e quietas com pedaços de pau na mão. Um suor frio atrás do pescoço lhe fez pensar que talvez estivesse fazendo tudo errado. Aos poucos a idéia de tomar os comprimidos novamente foi ganhando força: quem *diabos* era ele? Eliminar pessoas que iriam destruir o mundo? Aquele pensamento, que antes lhe fora certo e óbvio, agora derrapava para o surreal.

Teria imaginado tudo aquilo?

Mesmo assim, acelerava a moto e virava para a próxima esquina, onde os perdidos corriam às vezes junto com ele. Bill também notou que aquelas pessoas tinham algo diferente, como se apodrecessem de dentro para fora com sangramentos nos olhos, boca e nariz. Não pode deixar de notar o fogo nas casas, os carros com todos os vidros quebrados por eles. Se houvesse algum fim de mundo, seria algo parecido com isso.

*Você está pronto para morrer?*

No final da rua ele viu a ambulância, junto com um aperto em sua barriga e todas aquelas coisas impossíveis fizeram sentido de novo, e ele se arrependeu mais uma vez, pedindo humildemente perdão por sua falta de fé.



## ISABEL

Daniel Rivers e o soldado Nathan comunicam-se por sinais. Contornando toda a escola e evitando contato armado com os loucos, eles entram pelo portão do lado, onde estão todos os carros dos professores. Rivers nota que o portão está fechado, e o vigia então aparece pelo vidro de cima, batendo sua cabeça vigorosamente e esmurrando a porta.

“Ela não está atendendo o celular.” disse Rivers.

“Ela está morta, tenente! Ninguém sobrevive a isso!” falou Nathan assustado, segurando seu capacete.

Daniel pegou o soldado pela camisa e o colocou do lado do vidro quebrado, onde mais um dos loucos tentava alcançar.

“O que você vai dizer ao Major quando voltarmos?”

“Eu.. não sei!” disse Nathan.

“Nós vamos achar o corpo dela e voltar, soldado. Você entendeu? É muito simples. Lembra-se de Gabe? O que acha que vamos dizer para a família dele? Ainda não acredito que fiz aquilo. Temos de levar o corpo dele também, e explicar o porque do buraco em sua testa.”

Após um breve momento de confrontação, o soldado parou de lutar e falou um pouco mais controlado: “S-Sim... me desculpe.”

“Temos o explosivo?” perguntou o tenente.

“Acho que s-sim. No b-bolso esquerdo.”

O soldado Nathan preparou a bomba, enquanto Daniel estourou a cabeça do louco pela pequena janela superior da porta.

Com a bomba armada, eles tomaram distância. A explosão abriu um rombo na fechadura de ferro, mas nenhum dos outros loucos se importou.

*Isabel*

Por um bom tempo, Isabel sentiu todo o seu corpo formigar, e ficar com frio em suas costas, enquanto suas mãos suavam. Ela observa agora o pequeno Paul tomar conta de sua irmã, alisando seu cabelo e respirando junto com ela no chão da cozinha do refeitório, fechados a cadeado. Os dois concentra-dos somente naquela tarefa. A menina tinha seus olhos esbugalhados e a boca ainda balbuciava de vez em quando *Mamãe-Papai*, depois de ela ter gritado quase meia hora. Isabel admitiu para si mesma que preferiria enfrentar os loucos lá fora que continuar a ver a mente da menina implodir a cada grito.

A professora sentiu uma depressão tão grande que se tivesse um cigarro o acenderia na hora, mesmo na frente de crianças. Estava perdendo o pouco de controle que conseguira quando estivera

*(etérea)*

naquele estado. A experiência fora marcante, e o garoto lhe pediu desculpas várias vezes lhe dizendo que não era certo fazer tudo aquilo sem o consentimento dela, mas que ele fez o que pode para salvar seus pais.

A escola continuava em silêncio de onde estavam, mas algo ainda incomodava Isabel. Faziam mais de hora desde que ela e o diretor tinham visto os meninos na enfermaria, mas ela sabia que



precisava ter feito alguma coisa todo esse tempo. Havia uma cesta de frutas ao lado de Isabel.

Ao se lembrar da maçã caída nos pés do menino com a faca na cabeça, a professora sentiu uma náusea profunda e sua visão escureceu.

Isabel resvalou ao chão sem sentidos.

Paul notou a queda de sua professora, mas continuou a cuidar de sua irmã, e falou baixinho para ela que Isabel estava bem, e que seu corpo precisava descansar para o que estava por vir.



A professora acordou com as duas crianças em seus pés, e Sara estava com seu rosto limpo e cabelo penteado, o que era muito bom sinal.

“Achei melhor fazer você descansar.” disse Paul.

Isabel sentou-se encostada ao armário.

“Quanto tempo fiquei fora?”

“Quase duas horas. Você estava exausta.”

“Deus, que dor de cabeça. Preciso de um...”

Um sonoro e claro tiro de arma de fogo ecoou perto dali. Isabel levantou-se imediatamente, de olhos esbugalhados olhando para o menino. Os três se aproximaram. Paul olhou para cima até Isabel com um sorriso no rosto.

“Soldados procurando por você. Eles descobriram como anular a presença do adversário.”

“Podemos ir embora?” perguntou Sara aflita.

Isabel abriu sua boca em protesto (como ele podia saber aquilo?), mas foi fechando conforme se lembrava de ter encontrado mais uma vez seu ex-marido morto cinco anos atrás em um acidente de carro.

Rápido como um raio, ela enfim se lembrou: “Meu celular! Está na minha bolsa na sala dos professores... Devem estar nos ligando!”

Paul cruzou seus braços.

“É melhor esperarmos. Eventualmente eles entrarão pela porta.”

“E se eles não vierem? Não podemos ficar presos aqui por muito tempo!” falou Isabel exaltada, saindo pela porta.

Sara pegou uma banana da cesta de frutas e começou a tirar sua casca lentamente e com pouco entusiasmo, à beira de começar a chorar mais uma vez. O menino não disse nada, mas seu olhar perdia-se em um lugar distante.

Em alguns momentos, Paul percebeu a presença diminuta, porém distinta de Bill em sua motocicleta, e com um leve sorriso entendeu por que não detivera Isabel.

Uma intervenção estava por vir.



Craig nunca teve a necessidade de fazer algo sequer parecido com aquilo, mas sabia que era possível. Seus dedos, inchados pela radioatividade da energia psíquica que forçara, mexiam como se ele coordenasse um boneco de corda. Suas risadas e divertimento inicial cederam à raiva e ódio pelo cárcere imposto no momento. Sua visão já estava severamente comprometida, como se visse por um vidro



enfumaçado e nos últimos minutos começou a sentir um gosto forte e metálico em sua boca. Pouco tempo atrás notou que certas forças não lhe eram sensíveis de *ajuste*, mas ele também sabia que se o plano superior lhe era fechado, o ataque teria de ser físico.

*Todos seriam punidos.*

A quilômetros dali, o professor Kelso caminhava para o fim do corredor da escola, mas suas pernas as vezes pareciam tropeçar ou arrastarem-se. Seus olhos iam por todos os lados, por vezes erráticos, conforme a consciência de Craig co-habitava a mente destruída do professor de educação física. O garoto sabia onde aquela grande resistência ficava e isso lhe deixava louco. Havia agora cinco resistências, sendo uma tão diferente que ele não tinha certeza se era humana ou de um animal, de tão pouca intensidade. Mas seus *brinquedos* estavam trancados, da mesma maneira que ele. Concentrou-se mais uma vez naquela mente vacilante, e abriu a primeira porta. E assim o fez até que todas as portas não fossem mais um obstáculo.

*Você deve estar muito doente*, ouviu Craig em sua mente.

O menino rosnou de raiva em resposta.

*Pela maneira que está conduzindo tudo isso, você descobriu por acaso. Este universo tem as suas próprias maneiras e regras para lidar com as exceções, mas você já deve ter percebido o agente*, disse Paul, de forma telepática.

Medo instaurou-se na mente do outro, pois ele sabia muito bem sobre o que a voz falava em sua cabeça: algo que ele não conseguia distinguir se estava vivo ou não, e que tinha uma força diferente e que ele nunca presenciara.

“Agora é a minha vez, idiota.” falou Craig, com uma língua mole e baixinho em seu quarto.

*✍*

Mais de quatrocentos alunos conseguiram escapar das salas de aula, portando restos das carteiras em suas mãos.

O corpo do professor Kelso caiu morto no chão.

Craig juntou todas as suas forças em uma dor lancinante e então fez com que todos os convertidos fossem para o mesmo local, em sua estranha corrida silenciosa e letal. As crianças perdidas começaram a descer as escadas.

Os infectados da zona de contágio se voltaram para a escola e também começaram a correr. Após alguns minutos, os loucos da rua encontraram a porta da frente do colégio, e, em um movimento de tumulto, a trouxeram ao chão. Juntos eles formavam um exército de mais de três mil perdidos.

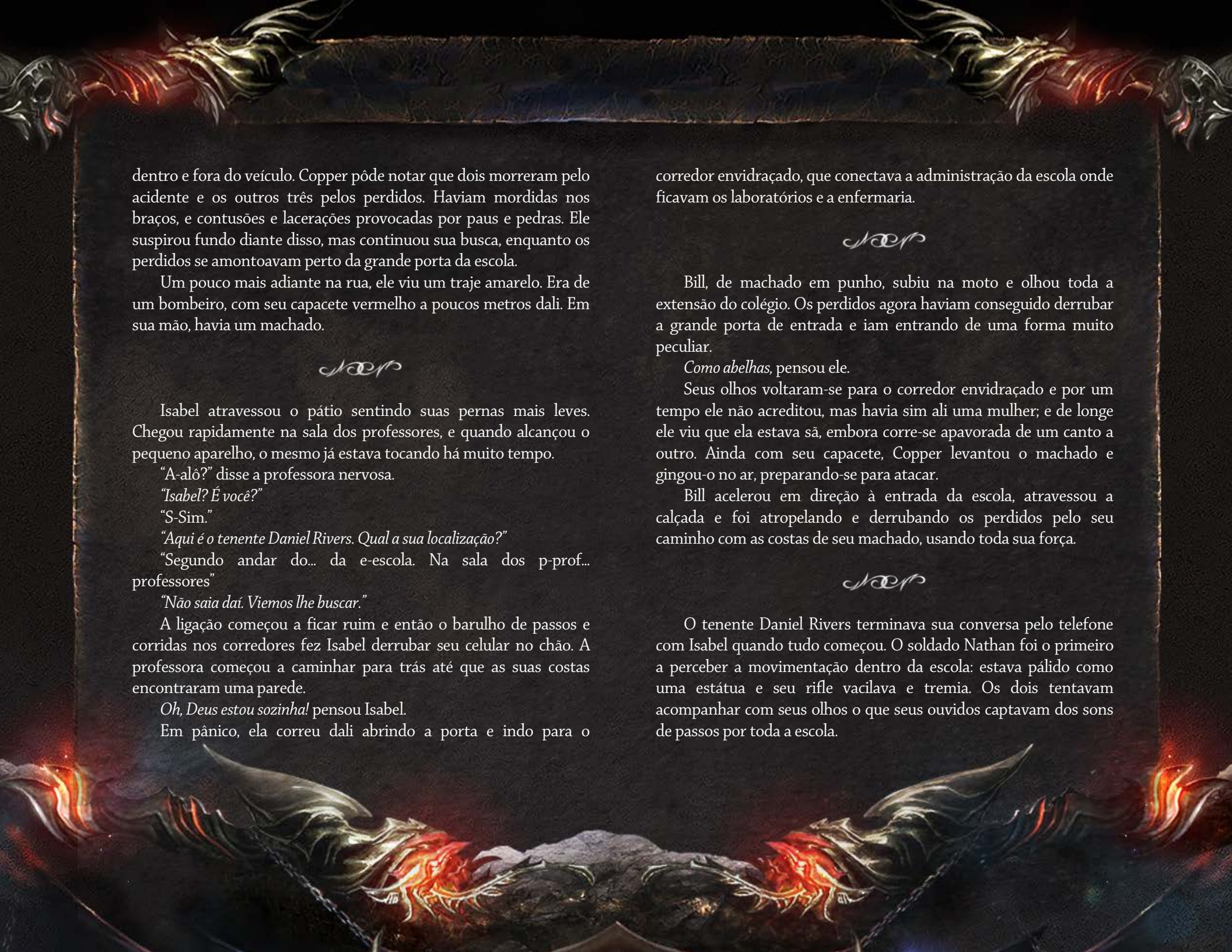
*✍*

Bill chegou até a ambulância, enquanto os perdidos começaram a se acumular nas ruas e a correr para a escola. Ele viu aquilo e parou. Dentro de si, a sequência de imagens ou o que ele chamava de *plano de Deus*, voltava. Os perdidos agora corriam a menos de vinte metros dele, quase não o percebendo.

Era como se eles todos tivessem apenas um propósito.

Bill rodeou a ambulância e viu os corpos dos paramédicos,





dentro e fora do veículo. Copper pôde notar que dois morreram pelo acidente e os outros três pelos perdidos. Havia mordidas nos braços, e contusões e lacerações provocadas por paus e pedras. Ele suspirou fundo diante disso, mas continuou sua busca, enquanto os perdidos se amontoavam perto da grande porta da escola.

Um pouco mais adiante na rua, ele viu um traje amarelo. Era de um bombeiro, com seu capacete vermelho a poucos metros dali. Em sua mão, havia um machado.



Isabel atravessou o pátio sentindo suas pernas mais leves. Chegou rapidamente na sala dos professores, e quando alcançou o pequeno aparelho, o mesmo já estava tocando há muito tempo.

“A-alô?” disse a professora nervosa.

“Isabel? É você?”

“S-Sim.”

“Aqui é o tenente Daniel Rivers. Qual a sua localização?”

“Segundo andar do... da e-escola. Na sala dos p-prof... professores”

“Não saia daí. Viemos lhe buscar.”

A ligação começou a ficar ruim e então o barulho de passos e corridas nos corredores fez Isabel derrubar seu celular no chão. A professora começou a caminhar para trás até que as suas costas encontraram uma parede.

*Oh, Deus estou sozinha!* pensou Isabel.

Em pânico, ela correu dali abrindo a porta e indo para o

corredor envidraçado, que conectava a administração da escola onde ficavam os laboratórios e a enfermaria.



Bill, de machado em punho, subiu na moto e olhou toda a extensão do colégio. Os perdidos agora haviam conseguido derrubar a grande porta de entrada e iam entrando de uma forma muito peculiar.

*Como abelhas*, pensou ele.

Seus olhos voltaram-se para o corredor envidraçado e por um tempo ele não acreditou, mas havia sim ali uma mulher; e de longe ele viu que ela estava sã, embora corre-se apavorada de um canto a outro. Ainda com seu capacete, Copper levantou o machado e gingou-o no ar, preparando-se para atacar.

Bill acelerou em direção à entrada da escola, atravessou a calçada e foi atropelando e derrubando os perdidos pelo seu caminho com as costas de seu machado, usando toda sua força.



O tenente Daniel Rivers terminava sua conversa pelo telefone com Isabel quando tudo começou. O soldado Nathan foi o primeiro a perceber a movimentação dentro da escola: estava pálido como uma estátua e seu rifle vacilava e tremia. Os dois tentavam acompanhar com seus olhos o que seus ouvidos captavam dos sons de passos por toda a escola.



"Movimento." disse Nathan.

"Ela disse que estava no segundo andar." falou Rivers.

O barulho de vidro estilhaçando fez os dois se ajoelharem e empunharem seus rifles com maior presteza.

"D-Devem haver crianças por aqui." falou Nathan.

"Os loucos atravessaram a porta da escola!" disse Rivers.

"Preciso sair daqui!" gritou o soldado.

Rivers levantou Nathan do chão e lhe aplicou uma surra moral, com tapas fortes em seu rosto e um chute em seu traseiro quando o soltou rolando no chão.

"Você quer mais um pouco?" gritou Rivers.

Nathan ficou furioso, mas pegou seu rifle do chão e começou a caminhar em direção à escada, logo atrás do tenente.

Após subirem dois trechos de escada, eles viram Isabel no outro lado, quase cinquenta metros deles, correndo e gritando por ajuda. Rapidamente, como bichos selvagens, os loucos começaram a atacar pelos lados e Nathan foi logo pego de surpresa. Seu corpo foi arrastado, surrado e em golpe de um cano, sua testa afundou matando-o instantaneamente.

Rivers caminhou para trás e começou a disparar, enquanto os corpos começaram a cair em sua frente. Eram velhos, senhoras, jovens em absoluta degradação física. Eles iam caindo, com buracos do tamanho de maçãs em suas costas.

Isso não deteve os próximos loucos em seu avanço contínuo.

Rivers então pôde ver Nathan caído no chão e começou a gritar em pânico. Os loucos agora vinham dos dois lados, e um deles tinha um cano que pingava sangue da outra ponta. Ele continuou

atirando seu rifle até as balas acabarem. Todos aqueles que estavam perto de Natham caíam ao chão mortos.

Isabel agora caminhava em direção ao soldado, e a cada disparo da arma do tenente seu corpo tremia dos pés a cabeça. Segundos depois, um barulho de moto ecoou por ali, mas os loucos continuaram seu movimento de entrar na escola indiferentemente. Daniel colocou outro clipe de balas e continuou a atirar, conforme eles chegavam perto.

A moto de Bill atravessou a porta e passou pelo outro lado de Rivers, mais próximo de Isabel. O pneu traseiro começou a saltar fumaça ao derrapar na laje de pedra do chão da escola. Bill quis gritar para Isabel para ela vir com ele, mas um dos perdidos o derrubou no chão com o que pareceu ser uma pá.

Rivers começou a correr na direção dos dois, e foi atirando ao acaso conforme os loucos avançavam, como ondas em uma muralha. O chão começava a ficar repleto de corpos, e caminhar por ali estava ficando difícil, pois não se achava mais onde se pisar.

Os loucos então começaram a investir contra o motoqueiro, e o tenente parou sua travessia quando viu Bill empunhar seu machado e acertar um deles no peito, e empurrando o corpo com um pontapé. Ele ergueu o seu visor e falou diretamente para Isabel que o olhava incrédula.

"Você está bem?" perguntou Bill.

"Isto é loucura total!" gritou Isabel.

Quatro loucos se aproximaram de Bill e ele foi indo para trás. Um deles pegou a pá do chão e a levantou em cima da cabeça. Copper segurou o machado com cada mão em uma ponta, detendo



aquela pá no ar, emitindo um som forte de metal contra madeira.

Os tiros de Rivers foram ecoando por aquela que fora uma sala onde pais, alunos e mestres entravam e saíam da escola. Daniel viu Isabel mais uma vez, enquanto Bill agora lutava com dois loucos alternando turnos. O tenente recarregou sua arma e foi se aproximando dos dois, enquanto a quantidade de loucos diminuía conforme os corpos amontoavam-se e dificultavam a entrada, para a sorte deles.

Um dos loucos conseguiu acertar um soco no rosto de Daniel, e ele desequilibrou-se, arrastando-se sentado e mirando naqueles que se aproximavam.

“Por favor...” disse Isabel para Rivers.

“Isabel, fique aí!” gritou o tenente de volta.

Bill tinha um dos loucos agora em cima de si, e podia ver os fogos dentro de seus olhos. Aquele parecia ser um daqueles meninos que ficavam o dia nas academias, e tinha grandes tatuagens em seus braços fortes.

*Você está se esquecendo de novo*, ouviu Bill a voz do padre.

Copper virou seu rosto para a mulher e viu que um soldado estava perto dela agora, com sua arma em punho e atirando contra a multidão que avançava, enquanto outras centenas esperavam pela sua vez de entrar. A voz continuou a falar com ele, enquanto a madeira de seu machado aproximava-se de seu pescoço, pouco a pouco.

*Você recebeu um dom, Bill. Use-o.*

A madeira já tocava em seu pomo de adão, e ele sentia a pressão em seu peito subir. Um outro perdido tinha uma chave inglesa

grande em sua mão, e acertou seu capacete, quebrando o visor. Duas, três mãos rápidas como o bote de uma serpente já removiam seu capacete. Daniel e Isabel cada vez mais caminhavam juntos para trás, enquanto ele lutava sozinho no chão contra todos eles.

*Preciso libertar este perdido*, pensou Copper.

O capacete foi puxado, e então Bill abriu a boca o máximo que pode em um grito lancinante. Algo dentro de si despertou: ele começou a sugar o fogo dos olhos dos perdidos ali por perto, em uma energia azul e branca, entrando por sua boca, nariz e olhos em um fluxo contínuo, absorvendo e convertendo toda aquela loucura para dentro de si em um barulho ensurdecador, que tremia as paredes e quebrava vidraças.

A multidão parou seu movimento imediatamente.

Rivers abaixou sua arma, estupefato.

Os perdidos perto de Bill caíram ao chão inertes enquanto Copper jogava seu capacete quebrado no chão: ele tinha uma aura elétrica azul por todo os arredores de seu corpo. Isabel reconheceu imediatamente aquela energia, e com sua mão segurou forte o ombro do soldado.


“Vamos ficar bem!” disse Isabel eufórica.

Os loucos começaram um novo recuo conforme a professora se aproximava do motoqueiro.

“Você deve-me levar ao menino.” disse Bill a Isabel.

“Os loucos... pararam.” disse Rivers.





Uma multidão separava os três do refeitório onde estava Paul. Bill caminhava na frente, e uma espécie de bolha de isolamento ia se formando, com um bom espaço em volta deles. Isabel olhava os meninos e meninas e via o pesadelo de rostos deformados, inchados e sangrentos. No meio deles estavam alguns professores, e logo depois pode-se ver inclusive o diretor, severamente infectado.

Eles continuaram saindo do caminho em seu passo lento e estranhamente silencioso. Por fim, Isabel viu o rosto de Paul pela janela, e o garoto correu para abrir a porta.

Bill viu o menino e sentiu seu corpo imediatamente cair ao chão de joelhos. Só ele podia ver com seus olhos a aura enorme do garoto, muito maior que o prédio onde eles estavam, com uma forma de galáxia, etérea e brilhosa girando sem parar com milhares de estrelas.

O um em muitos. O primeiro e o último.

“Um... desperto...” balbuciou Bill para o menino que exibia um meio sorriso cansado.

“O que ele está fazendo?” perguntou Rivers ao ver Bill.

“Eu... acho que compreendo.” disse Isabel.

O garoto abriu a porta e foi até ele.

“Levante-se por favor. Seja bem-vindo. Já faz muito tempo que não vejo um agente. Acho que posso lhe ajudar.”

Isabel começou a ajeitar as cadeiras em um semicírculo, ignorando os protestos de Rivers pedindo para eles irem embora dali, antes que tanques e artilharia abrissem caminho escola adentro. A professora sentia-se muito mais calma agora, e organizar aquele espaço, colocar alguma coisa em ordem depois de toda aquela confusão lhe fazia muito bem, portanto ela somente virou sua cabeça para o tenente e falou no seu tom usual quando tratava com crianças.

“Cada um sente-se na sua cadeira, inclusive você, soldado.”

“Tenente.” disse Rivers, tentando em vão consertar seu rádio.

Do lado de fora, os perdidos se aglomeravam pelas janelas. Sara e Isabel sentaram-se juntas, enquanto Bill e Rivers foram aos poucos sentando por ali, cansados e exaustos.

Paul ficou ao centro, sentado como um monge. Longos momentos se passaram, até que todos se calaram e cessaram seus movimentos. Era como se uma gravidade extra pairasse no ar, junto com um zumbido agudo em seus ouvidos. Todos eles foram se sentindo pesados, e respiravam mais devagar, quase como se estivessem dormindo acordados.

A voz de Paul surgiu e preencheu então suas mentes.

*Entendem-se corpo e consciência como irmãos: um menor infantil, por vezes selvagem e muito suscetível a vícios enquanto seu irmão mais velho, que quer o bem dos dois, busca por conhecimento, significado e o bem estar dos dois; juntos e de mãos dadas até o fim da vida do irmão*



*menor. O mais velho tenta os conduzir pela lógica e sabedoria, cuidando e querendo fazer com que tenham uma vida digna para os dois – enquanto isso, o mais novo gosta das sensações, do cheiro, do gosto e do toque das coisas em seu redor, preenchendo cada minuto de sua vida. Infelizmente, nem sempre será assim. Muitos de nós se perderão pelo caminho, com o irmão menor corrompendo o mais velho, e trazendo outros inocentes para dentro de sua espiral negativa ao invés de ascender de forma sadia rumo a seus outros irmãos, que os esperam na árvore da vida. O que nos traz para nossa presente situação: o adversário descobriu por acaso os meios pelos quais nossos corpos se conectam com suas consciências muito cedo, e também muito cedo descobriu um dos canais psíquicos pelo qual eu estou me comunicando com todos vocês, mas sem consentimento e completa destruição do receptor, usando sua raiva como coerção.*

*O adversário tem apenas oito anos.*

*Este menino vêm corrompendo todas as consciências perto de sua casa em um raio de alguns quilômetros. Infelizmente esta maneira telepática obtida por extrema força tem efeitos na natureza desta realidade, alterando átomos e infringindo energias não naturais nos corpos das pessoas. Eu sei disso, pois tive de intervir nesta mesma frequência, e agora estou com leucemia. Infelizmente, todas as pessoas que ele tocou já estão sem nenhuma conexão espiritual e seus corpos são vasos quebrados, com seus espíritos presos neste limbo. Por isso, o universo mandou seu agente, para corrigir e absorver todas estas entidades perdidas, que queimam dentro de uma prisão não natural, impedindo suas ascensões: inclusive a do próprio menino.*

*Bill, a casa que você procura fica a cinco quadras daqui, e você encontrará o girassol quebrado na terceira casa da segunda rua.*

A conversa acabou, e todos os outros se olharam desconfiados. Sara estava visivelmente triste.

“Você está doente, Paulie?” perguntou Sara.

“Sim, mas vamos todos ficar bem.”

Isabel olhou para Rivers que estava paralisado com sua boca aberta, respirando de forma audível. A professora então voltou-se para Paul, e ele falou alegremente: “É comum não conseguir dizer nada depois de se usar o método da telepatia. Leva-se um tempo para voltar-se a comunicar-se do jeito primitivo, cérebro e cordas vocais.”

“Mas você disse...” disse Isabel.

“Vou ficar bem. Ainda bem que não estamos na idade média.” respondeu o menino, tentando sorrir.


“Eu... acho... que se usarmos o carro... o seu carro, Isabel, poderemos sair desta confusão mais... rapidamente.” disse Rivers, com alguma dificuldade em falar.

Bill levantou-se de sua cadeira e falou: “Obrigado, Paul. Agora sei onde fica.”

Paul somente levantou seus olhos até ele: *Ele está muito doente. Todas estas pessoas desencadearão uma reação em cadeia que converterá matéria em pura energia. Precisamos estar longe daqui quando isso acontecer. Aguarde meu sinal.*

“Estou pronto para morrer.” respondeu Bill baixinho, em um sopro de voz somente para o menino.





Bill subiu na motocicleta enquanto Paul, Sara e o soldado fugiam de carro pela avenida. Não tinha mais seu capacete, e não tinha mais receio sobre os perdidos, que iam o seguindo a média distância, todas suas cabeças disformes e inchadas viradas para ele, de olhos queimando em fúria. Ele foi conduzindo a moto, e um por um foram lhe abrindo espaço. Os perdidos atingiram o tamanho de um exército, mas nenhum deles podia mais feri-lo. Bill virou à direita e foi contando as casas. Da janela de algumas, o fogo queimava a muito tempo. Naquele local, a ordem não era mais dos homens.

*Já estamos a salvo, Bill.*

*É nesta casa. Prossiga.*

Bill parou a moto em frente ao prédio onde havia um girassol quebrado em sua entrada. Tirou seu machado da mala lateral. No pátio, haviam vários idosos mancando, que insistiam em não sair do lugar. Bill não teve escolha senão de tirar o fogo de seus olhos. Os corpos caíram, uma aura azul emanou de Bill por algum tempo.

*Ele está muito doente. Vá para o último andar.*

Ele subiu todos os quatro andares de um prédio silencioso e escuro sendo seguido pelos perdidos a meio lance de escadas. No último andar havia uma moça caída em um vestido azul e seu pescoço inchado e deslocado. A poça de sangue ao redor marcou seu sapato, e ele deixou uma trilha de respingados vermelhos até a porta do final do corredor.

*A única porta trancada. Quebre ela.*

Bill usou seu machado e arrebentou cada parte da porta,

descarregando todo a sua força em cada investida. Ele sentiu-se bem com a descarga de adrenalina e o sangue forte em suas veias. O agente olhou para trás e viu a procissão de vultos por todos os degraus da escada a escoltá-lo. Bill parou por um bom tempo olhando seus rostos, suas roupas e imaginando se o mundo perderia dentistas, advogados, médicos ou engenheiros. A total indiferença deles o fez soltar um suspiro longo e triste.

Bill entrou no apartamento, e, após alguns passos, começou a sentir o fedor de fezes e urina.

*É só um garoto. Um garoto doente.*

Ele levantou a gola de sua camisa e a colocou em cima seu nariz. Os perdidos agora entravam junto no apartamento com ele. Havia outra porta fechada, e Bill a trouxe abaixo, desta vez com vários chutes até a fechadura ceder.

Por fim ele viu Craig, e desejou morrer imediatamente. A criança estava toda inchada, e fezes e urina juntavam-se ao chão. Sua cabeça estava parcialmente careca, inchada e branca. Seus olhos a muito tinham vazado, e estava coberto de sangue seco, em meio a dentes caídos na frente de sua camiseta. Suas mãos e pés, presas ainda com fita cinza estavam arroxeadas, e veias cinzas saltavam por toda a sua pele de forma agressiva.

Bill parou na frente do garoto monstro.

“É hora de irmos.” disse Bill tentando imaginar uma criança por baixo daquele terror.

Um choro abafado e sofrido se fez na sala.

Bill levou suas duas mãos ao rosto, limpando suas lágrimas. Após alguns momentos contemplando a loucura de tudo aquilo, Bill



sugou a alma de Craig em um pequeno e simples suspiro.

Houve um pequeno clarão, que rapidamente foi evoluindo à medida que todas as almas iam ao encontro de Bill, que estava agora com seus braços abertos, em uma aura energética violenta. Dois segundos depois, houve uma imensa explosão, e uma cratera do tamanho de um grande estádio surgiu de onde o menino morava.



*Bill finalmente encontrou-se com sua consciência de novo, e ele lembrou-se de toda a sua vida antes de tornar-se um agente. Sua consciência ascendeu por entre os planos da existência e toda a sua vivência foi agregada junto à de muitas outras, as quais ele foi conhecendo uma a uma. Para Bill, anos se passaram de puro conhecimento.*

*Ele estava de volta à sua tribo, sua própria árvore da vida.*

*Momentos depois, uma nova criança nasce e mais uma história será agregada à imensa substância da consciência eterna que Bill Copper fizera parte da última vez, que está agora de mãos dadas com esta nova menina.*

## PAUL

No pavilhão da base do exército, James e o tenente Rivers conversavam agora a sós, com apenas um vidro à prova de bala separando eles do louco, que continuava a se debater e a encostar seus dentes naquela janela, tentando mordê-los.

“Por que me contou tudo isso?” disse James.

“Porque eu precisava.”

“As pessoas precisam saber o que aconteceu.”

“E nunca irão acreditar. Confie em mim.”

James olhava para baixo. Havia um oceano entre ler e achar bacana, e ler e acreditar. Ele mesmo era cético até os dentes e sempre se divertia com tudo que escrevera até agora. Nunca acreditara em nada que escreveu em dez anos. Com seus leitores seria o mesmo, e então compreendeu o que o tenente estava dizendo, mesmo com a evidência viva na frente deles.

“Eu estava lá. Vi tudo com meus próprios olhos.” disse Rivers para James, olhando o louco pela janela, que vagueava em círculos como um animal enjaulado.

Houve um pequeno silêncio.

“Você sabe o que é mais interessante?” perguntou Daniel.

“O que poderia ser mais que tudo isso?”

“Todas as vezes que conto esta história, ela resvala mais um pouco para o meu inconsciente. Talvez seja a forma como o meu cérebro interprete o que aconteceu e o rotule como impensável, inaceitável. As coisas vão se esvaindo para lá. É como segurar um



monte de areia, no final fica apenas um pouquinho em suas mãos. Muitos detalhes já se foram, e apenas se passaram dois meses."

"E e-eles?" perguntou James, apontando para o monstro.

"Ficarão em baixo da terra, com dois tiros na cabeça e dentro de quinze metros de concreto."

O tenente fechou a cortina e fez um sinal da cruz.

*JP*

Com o endereço do hospital, o repórter-sobrevivente James Burtows vai visitar o garoto Paul Stevens. Sua matéria no tablóide gerou um bom número de vendas, mas nada comparado com o grande furo de reportagem de seu colega sobre a chegada dos seres de *Arcturus* até o fim do ano. Dentro do carro observando o hospital, James não pode deixar de dar uma risada. Naquela altura, ele simplesmente não se importava mais, mesmo tendo passado mais de um mês sendo examinado pelo exército por causa de sua radiação acima da média.

Paul estava se recuperando do transplante de medula, onde Sara prontamente tornou-se doadora. Mesmo ainda sobre os efeitos dos sedativos, Paul percebeu James no estacionamento, e uma marca negra em sua consciência, onde o adversário quase o pegou diversas vezes.

*Rapaz de sorte*, pensou Paul.

"Paulie, estamos indo" disse Sara agarrada em sua avó.

"Tudo bem." falou Paul em um sorriso.

*Nós temos nossos segredos!* pensou Sara.

*E muitas coisas a descobrir!* pensou Paul.

Depois que todos se foram, o menino fechou seus olhos. Sua respiração diminuiu, e sua frequência cardíaca desceu até o limite onde as enfermeiras não achassem que ele estivesse passando mal. A consciência de Paul desceu de sua cama enquanto seu corpo recuperava-se. Ele passou por entre a porta, como se nada fosse. Do outro lado, estava um médico a lhe esperar, calmo e sereno de braços cruzados.

"Obrigado por aceitar nosso convite." disse o médico.

"Seria no mínimo deselegante de minha parte declinar."

"Claro. Mas ainda acreditamos no livre arbítrio."

"Um hospital. Interessante analogia."

"Você é um dos poucos despertos que aceitaram nossa proposta."

"Sempre fui um operário com uma ponta de arquiteto, não o contrário."

"Será gratificante trabalhar com você. Normalmente temos consciências muito brutas para operar, iguais ao do último agente que você conheceu."

Por um momento os dois sorriram.

"Antes de começarmos, eu nunca tinha visto um exemplo de natureza maligna se manifestar tão cedo; sempre entendi que o ambiente criasse os monstros e não o contrário."

Houve uma pausa, onde Paul entendeu que o anjo fora verificar a questão pessoalmente. Ele aguardou mantendo um sorriso um pouco mais cansado.

"O garoto, quando deixado em casa, sofria agressões por uma



das faxineiras quando era muito criança, o que abriu caminho para..."

"Parasitas?"

"Sim. Diversas entidades co-habitaram a criança."

Os dois se olharam, fantasmas nos corredores.

"Contra-medidas habituais falharam por que?" perguntou Paul, revoltado.

"Este particular mundo, nesta particular evolução, precisa de um silêncio para ouvir propriamente a canção universal, ou como todos nós concordamos, a evidência final se dará pela vitória parcial da umbra, que ao mesmo tempo forçará uma conversão em uma só linha, clara e concisa, que puxará esta coletividade por mais dez mil anos. Assim prevemos, assim o acontece, assim se sucederá."

"Sempre o sacrifício. Meu tempo no Egito ainda me assombra, espero não termos mais intervenções divinas nunca mais."

O anjo virou-se e lhe fez um cumprimento de realeza.

"Ó grande Ramsés, todas as chances foram dadas, todos os exemplos forjados em pedra e sangue. Infelizmente, o véu é pesado a estas criaturas devido à curiosidade do próprio cosmos em ver até onde é possível a ascensão à ele."

*III*

*Os dois caminharam por muitos corredores e leitos, onde Paul coletará suas consciências perdidas. Sem dúvida será uma grande obra, mas mesmo do alto de sua consciência desperta no ápice de sua evolução espiritual, tendo conhecido todas as emoções e experiências humanas, por todos os planos desta e de outras realidades; o último não pode deixar de se questionar ainda por mais uma vez...*

*Onde isto tudo termina?*



# A INTERVENÇÃO DE BEN FOSTER

*Louisiana, 1928*

O GAROTO TERMINOU SUAS tarefas com muita destreza. Não fora por falta de incentivo: com quase quinze anos, tinha força nos braços e pernas de homem pela lida no campo, reforçadas diariamente pela mão pesada do pai. Na zona rural onde ele morava, a educação seguia mais ou menos os ritos de criação dos animais — e ele não fora exceção do ciclo de recompensa e violência. Seu pai, que ia a igreja todos os domingos e participava do “levanta e senta” comunitário, não abria mão de alguns goles escondidos de uísque barato para manter-se acordado durante o culto. A mãe do menino já não se importava por este deslize, pois já tinha ido conhecer o criador em pessoa (depois de parto hemorrágico e de sua pressão nas alturas). Às vezes estas coisas acontecem, e era, em parte por isso, que estavam todos ali, suando e tentando crédito junto ao Pai.

Quando o garoto já corria pela casa, o aprendizado veio com a varinha de pinheiro, rápida e certa, aperfeiçoada nos campos duramente nos bois de carga. O silvo agudo e rápido corria veloz

contra sua meninice. Fora assim com todos na família, seria o mesmo com ele. No início, o rapazinho até achava engraçado, mas depois, exposto em sua pele para todos verem sua educação, as risadinhas viravam choros altos contidos por ainda mais violência.

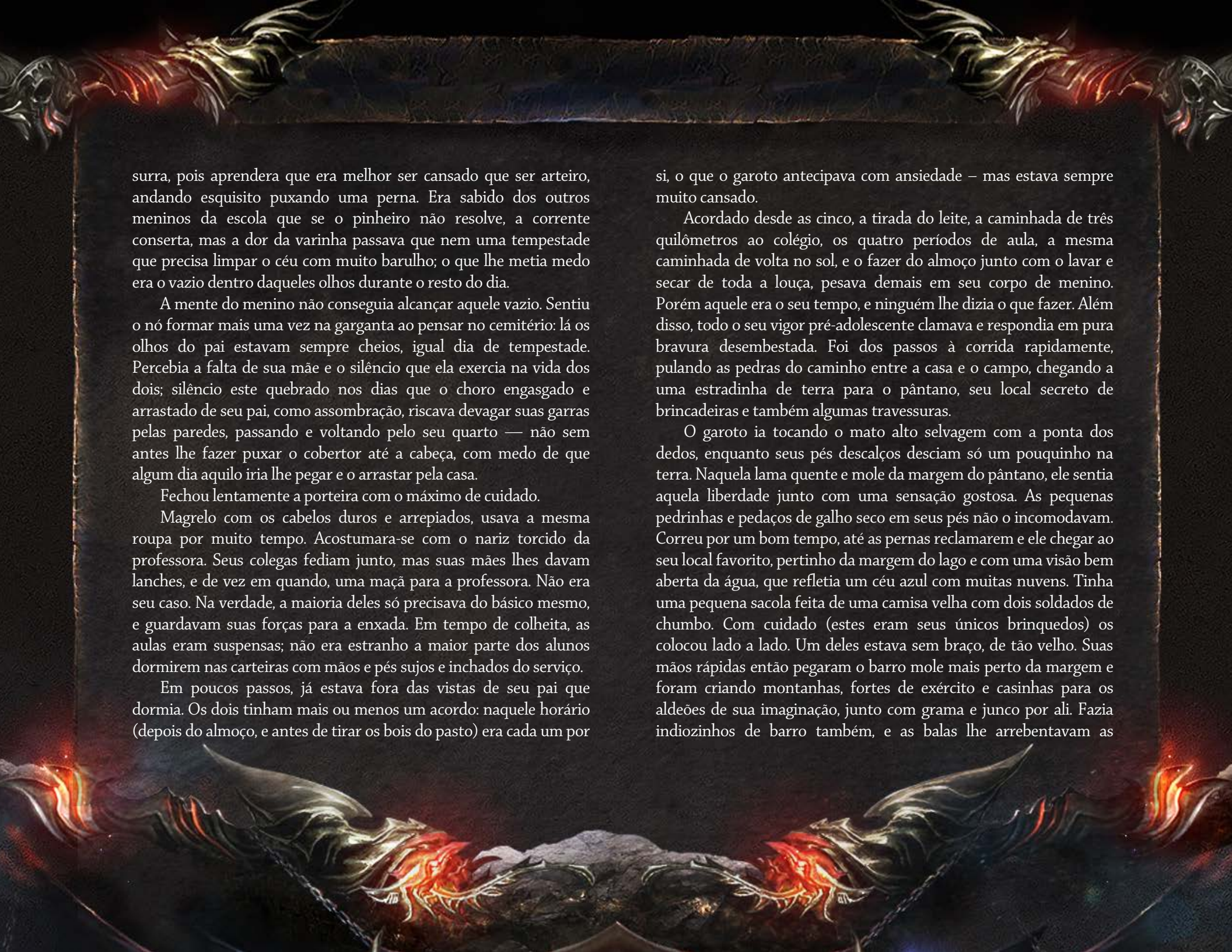
A irmã solteira da falecida compadeceu-se com a miséria do homem. Ajudou na limpeza e manutenção da casa até ver os roxos nas pernas do menino. Não houve despedida em seu ultimo dia, somente um armário limpo, gavetas vazias e um beijo rápido na bochecha do menino dormindo. O homem agradeceu por ela ter ido embora. Não queria ver mais aquela cópia gorda, velha, mal acabada e indecente de sua mulher o incomodando, pois lhe mostrava sua vergonha peluda pela porta escancarada à noite, ofertando-se em rotineira luxúria, esperando que ele cumprisse aquele acordo não verbal.

*MF*

O garoto viu seu pai na varanda com o boné enterrado na cara e a camisa de flanela arreganhada, subindo alto e descendo em uma barriga grande de umbigo feio. O ronco treinado assoviava rápido, conhecedor de seus caminhos de sempre pela casa. Ele limpou todos os pratos e panelas, levou o resto da comida para os porcos, cortou e salgou a carne para amanhã. Usava os dedos para se lembrar de todas essas coisas. Não eram tantas tarefas assim, mas não podia esquecer.

Observou a varinha ao lado da cadeira, pronta para o corretivo na mão enorme do fazendeiro. Já fazia tempo que não levava uma





surra, pois aprendera que era melhor ser cansado que ser arteiro, andando esquisito puxando uma perna. Era sabido dos outros meninos da escola que se o pinheiro não resolve, a corrente conserta, mas a dor da varinha passava que nem uma tempestade que precisa limpar o céu com muito barulho; o que lhe metia medo era o vazio dentro daqueles olhos durante o resto do dia.

A mente do menino não conseguia alcançar aquele vazio. Sentiu o nó formar mais uma vez na garganta ao pensar no cemitério: lá os olhos do pai estavam sempre cheios, igual dia de tempestade. Percebia a falta de sua mãe e o silêncio que ela exercia na vida dos dois; silêncio este quebrado nos dias que o choro engasgado e arrastado de seu pai, como assombração, riscava devagar suas garras pelas paredes, passando e voltando pelo seu quarto — não sem antes lhe fazer puxar o cobertor até a cabeça, com medo de que algum dia aquilo iria lhe pegar e o arrastar pela casa.

Fechou lentamente a porteira com o máximo de cuidado.

Magrelo com os cabelos duros e arrepiados, usava a mesma roupa por muito tempo. Acostumara-se com o nariz torcido da professora. Seus colegas fediam junto, mas suas mãos lhes davam lanches, e de vez em quando, uma maçã para a professora. Não era seu caso. Na verdade, a maioria deles só precisava do básico mesmo, e guardavam suas forças para a enxada. Em tempo de colheita, as aulas eram suspensas; não era estranho a maior parte dos alunos dormirem nas carteiras com mãos e pés sujos e inchados do serviço.

Em poucos passos, já estava fora das vistas de seu pai que dormia. Os dois tinham mais ou menos um acordo: naquele horário (depois do almoço, e antes de tirar os bois do pasto) era cada um por

si, o que o garoto antecipava com ansiedade — mas estava sempre muito cansado.

Acordado desde as cinco, a tirada do leite, a caminhada de três quilômetros ao colégio, os quatro períodos de aula, a mesma caminhada de volta no sol, e o fazer do almoço junto com o lavar e secar de toda a louça, pesava demais em seu corpo de menino. Porém aquele era o seu tempo, e ninguém lhe dizia o que fazer. Além disso, todo o seu vigor pré-adolescente clamava e respondia em pura bravura desembestada. Foi dos passos à corrida rapidamente, pulando as pedras do caminho entre a casa e o campo, chegando a uma estradinha de terra para o pântano, seu local secreto de brincadeiras e também algumas travessuras.

O garoto ia tocando o mato alto selvagem com a ponta dos dedos, enquanto seus pés descalços desciam só um pouquinho na terra. Naquela lama quente e mole da margem do pântano, ele sentia aquela liberdade junto com uma sensação gostosa. As pequenas pedrinhas e pedaços de galho seco em seus pés não o incomodavam. Correu por um bom tempo, até as pernas reclamarem e ele chegar ao seu local favorito, pertinho da margem do lago e com uma visão bem aberta da água, que refletia um céu azul com muitas nuvens. Tinha uma pequena sacola feita de uma camisa velha com dois soldados de chumbo. Com cuidado (estes eram seus únicos brinquedos) os colocou lado a lado. Um deles estava sem braço, de tão velho. Suas mãos rápidas então pegaram o barro mole mais perto da margem e foram criando montanhas, fortes de exército e casinhas para os aldeões de sua imaginação, junto com grama e junco por ali. Fazia indiozinhos de barro também, e as balas lhe arrebetavam as



cabeças, junto com um barulho de sua boca.

*Pow, pow.*

Estava muito velho para aquilo, e ele mesmo já percebera alguma coisa acontecendo quando via as irmãs de seus colegas na igreja – uma coisa quente nas bochechas e de lá onde ele não podia mexer (recebera várias lições do padre sobre isso). Porém, o menino continuava com os brinquedos mesmo assim, pois quanto mais velho ficava, mais tarefas recebia, não importando qualquer esperteza. Sem muito entusiasmo, o soldado sem braço bonzinho ganhava mais uma batalha do soldado azul, que em sua eterna malvadeza roubava diligências. No final, todos estavam felizes, havia uma pilha de mortos e era assim que o menino gostava.

Piscou seus olhos uma vez. Virou-se para ficar à sombra, e encostou-se de bruços por ali, observando o resultado de sua pequena guerra particular, um pouco mais de longe. O som do lugar parecia repetir e repetir, ir e voltar, girar por suas ideias dizendo a ele para ficar por ali e, brincar, brincar...

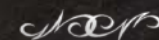
*Dormir, dormir!* seu corpo clamou com larga vantagem.

“Preciso voltar...” disse ele com pouca convicção.

Fechou seus olhos e a mão que segurava a cabeça foi deslizando. Ele girou lenta e precisamente o corpo ali na lama quentinha até achar a posição, agarrando seus joelhos, sem se perceber. Quase imediatamente roncou e assoviou. O pântano abraçou-o e o envolveu como um filho voltando para a casa, hospedando-o em seu seio, livrando-o de suas tarefas humanas.

Uma borboleta pousou seu tornozelo, mas ele não sentia mais nada. Ele era parte da natureza e sua única tarefa era sonhar

provavelmente seus últimos momentos de infância.



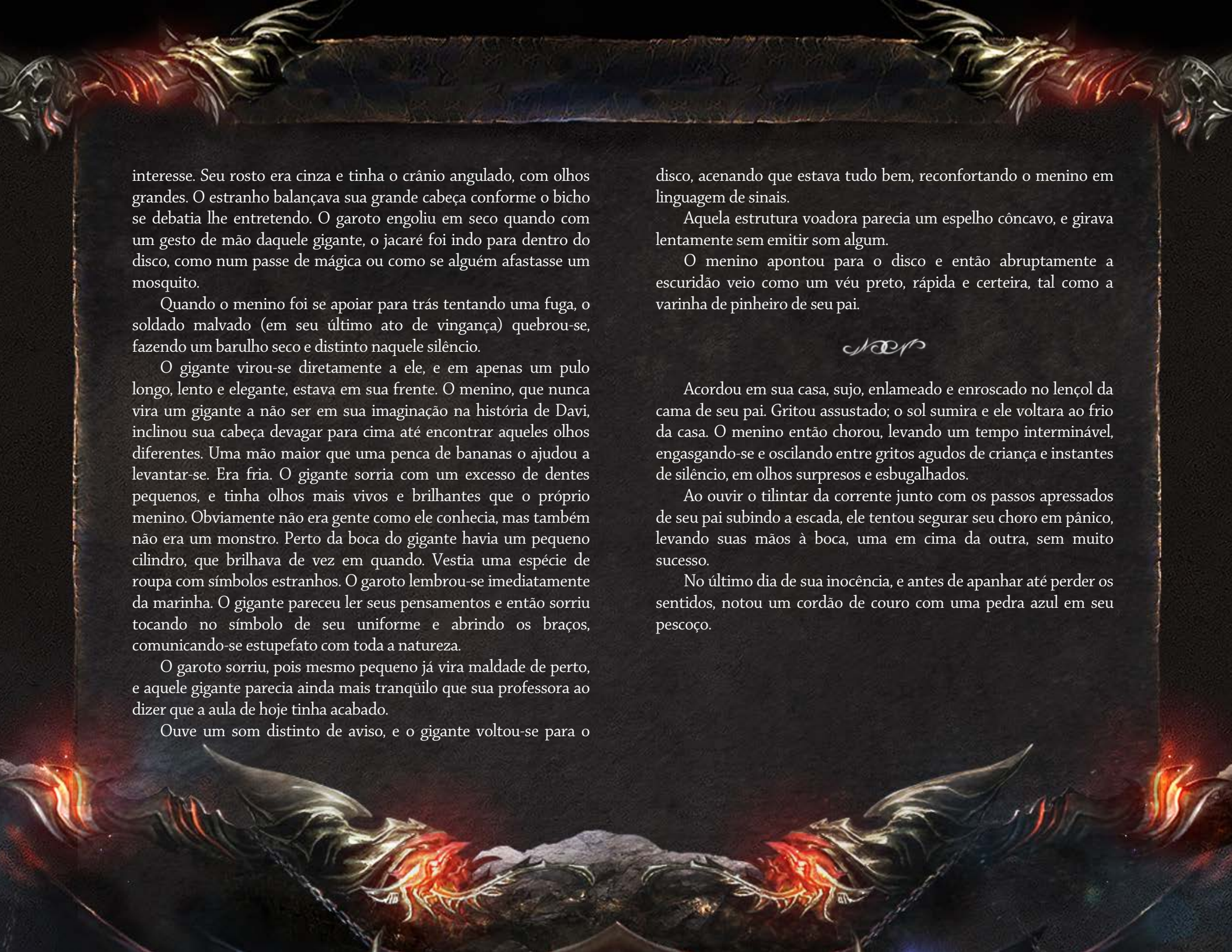
O menino acordou em um susto. O pântano estava agora em um silêncio incomum, e havia um barulho estranho de água por perto. De olhos bem abertos, e seu peito como um trovão ribombando, virou-se devagar para a origem do som, ainda deitado no chão, no meio daquelas folhagens altas da margem onde estava deitado.

O que viu não o fez gritar, embora naquele calor todo sentiu um gelado nas costas de susto. Seu queixo caiu e ele ficou com a boca aberta, como a professora de música tinha-o ensinado a cantar. Na frente dele, um disco metálico largo e grande pairava no ar. Já tinha visto o trem da capital algumas vezes, mas o que viu era algo de impossível tamanho. De qualquer maneira, estava ali, em sua frente, desafiando tudo o que ele tinha visto até então: mais alto que a torre de água, longo como a sua escola. Em pouco tempo descobriu o barulho, pois peixes de todos os tamanhos subiam da água, batendo seus rabos de forma enlouquecida, como se fossem puxados por um fio invisível. Peixes pequenos e grandes subiam e desapareciam dentro de uma abertura no disco.

Era uma pescaria extremamente eficiente.

Então ele ouviu um barulho mais forte à sua esquerda, e virou sua cabeça até lá: existia um jacaré lutando no ar, mordendo e girando violentamente, enquanto na frente do animal, uma criatura alta e imponente estava em pé, observando o bicho com muito





interesse. Seu rosto era cinza e tinha o crânio angulado, com olhos grandes. O estranho balançava sua grande cabeça conforme o bicho se debatia lhe entretendo. O garoto engoliu em seco quando com um gesto de mão daquele gigante, o jacaré foi indo para dentro do disco, como num passe de mágica ou como se alguém afastasse um mosquito.

Quando o menino foi se apoiar para trás tentando uma fuga, o soldado malvado (em seu último ato de vingança) quebrou-se, fazendo um barulho seco e distinto naquele silêncio.

O gigante virou-se diretamente a ele, e em apenas um pulo longo, lento e elegante, estava em sua frente. O menino, que nunca vira um gigante a não ser em sua imaginação na história de Davi, inclinou sua cabeça devagar para cima até encontrar aqueles olhos diferentes. Uma mão maior que uma penca de bananas o ajudou a levantar-se. Era fria. O gigante sorria com um excesso de dentes pequenos, e tinha olhos mais vivos e brilhantes que o próprio menino. Obviamente não era gente como ele conhecia, mas também não era um monstro. Perto da boca do gigante havia um pequeno cilindro, que brilhava de vez em quando. Vestia uma espécie de roupa com símbolos estranhos. O garoto lembrou-se imediatamente da marinha. O gigante pareceu ler seus pensamentos e então sorriu tocando no símbolo de seu uniforme e abrindo os braços, comunicando-se estupefato com toda a natureza.

O garoto sorriu, pois mesmo pequeno já vira maldade de perto, e aquele gigante parecia ainda mais tranquilo que sua professora ao dizer que a aula de hoje tinha acabado.

Ouve um som distinto de aviso, e o gigante voltou-se para o

disco, acenando que estava tudo bem, reconfortando o menino em linguagem de sinais.

Aquela estrutura voadora parecia um espelho côncavo, e girava lentamente sem emitir som algum.

O menino apontou para o disco e então abruptamente a escuridão veio como um véu preto, rápida e certa, tal como a varinha de pinheiro de seu pai.



Acordou em sua casa, sujo, enlameado e enroscado no lençol da cama de seu pai. Gritou assustado; o sol sumira e ele voltara ao frio da casa. O menino então chorou, levando um tempo interminável, engasgando-se e oscilando entre gritos agudos de criança e instantes de silêncio, em olhos surpresos e esbugalhados.

Ao ouvir o tilintar da corrente junto com os passos apressados de seu pai subindo a escada, ele tentou segurar seu choro em pânico, levando suas mãos à boca, uma em cima da outra, sem muito sucesso.

No último dia de sua inocência, e antes de apanhar até perder os sentidos, notou um cordão de couro com uma pedra azul em seu pescoço.



### **Chicago, 1955**

Sentados à frente do enorme tanque, os garotos observavam com atenção o movimento dos peixes.

John e Benjamim Foster, de doze e dez anos, foram visitar o *Aquarium* da cidade já pela quinta vez, curtindo particularmente o coral de recifes. Gostavam de dar nomes aos peixes grandes como *Bob-feio* ou *Chukie-dentinho*.

Ben tinha um pequeno corte em sua testa, e em baixo de sua camisa um hematoma roxo do tamanho de uma maçã, resultado de uma briga que tivera com *Roger-come-bosta* (um gordo brigão da turma 701 que no passeio da escola teve a infelicidade de escorregar e cair de cara num monte ainda mole de esterco). John não lembrava mais o que tinha dado origem à briga, porém sabia que alunos como ele precisavam de meninos pequenos para manter sua fama de encrenqueiro.

John apontou para um peixe azul e laranja que dançava em frente a ele, enquanto Ben desenhava no vidro o círculo da boca do peixe que abria e fechava. Ele manteve sua outra mão no bolso, e um dos seus tênis estava com os cadarços soltos. Os cabelos, que antes teriam resistido bravamente ao pente, agora estavam apertados com gel, no melhor estilo *a vaca lambeu* que fazia Benjamim contorcer-se de tanto rir, imaginando a língua enorme da vaca em sua cabeça.

"Como está sua barriga, dói ainda?" perguntou John.

O irmão menor cerrou um pouco seus olhos: "Eu tô com muita

raiva, muita mesmo."

John falou com um sorriso nos lábios: "Puxe a calça dele na frente da turma. Humilhar é muito mais eficiente que dar socos na cara."

Os dois ficaram quietos e por alguns momentos apenas observavam o espetáculo natural em sua frente. Reflexos das luzes riscavam pequenas linhas dançantes de luz em seus corpos de criança no escuro.

Ben apoiou sua cabeça na outra mão, e falou um tanto cansado, com a boca meio torta e com seu jeito peculiar de menino tonto que sempre quer mais um pouco de atenção: "Baixar as calças não é mesma coisa; além de ser *péssimo* pra minha reputação."

John balançou sua cabeça negativamente.


"Se você lutar, adicione um nariz quebrado na sua lista. Aquele retardado já repetiu o ano e come todas as manhãs como se fosse o último dia de sua vida. Provavelmente têm uns dez quilos a mais que você," disse John.

Os dois se entreolharam automaticamente mudando da raiva para um princípio de risada quando Ben apontou o dedo para seu irmão e perguntou histericamente: "Dez quilos de *bosta*?"

Em meio às risadas infantis, John puxou o braço dele para trás dando-lhe uns cascudos. O banheiro externo ficava logo ali e ele disse que já voltava. Ben esperou na área externa, já ao ar livre, onde havia uma fonte de água em forma de golfinho.

Ben ficou ali sentado, olhando o movimento.





O irmão menor começou a se inquietar depois de tomar dois sorvetes, bem devagarzinho, e nada de seu irmão voltar. Sua paciência de criança tinha atingido o limite e algo em seu peito já incomodava. Por fim, o garoto levantou-se e foi correndo até a entrada do banheiro. A construção era extrema-mente rústica, de tijolos à vista e com um telhado simples, só uma cobertura como se tivesse sido feita de improviso ou em reforma, pois muito material de construção estava largado ao chão.

Em frente à calha onde os adultos urinavam, haviam seis portas onde se podia ter um pouco mais de privacidade.

“Johnny, você tá demorando demais.” sussurrou o menino, junto com um pequeno eco do banheiro.

Ben foi até a primeira porta, estranhando o fato de não ter ouvido ainda nada em resposta do outro. O cheiro de urina era muito forte, fazendo o menino torcer o nariz, e o desconforto aumentou quando abriu a primeira porta e surpreendeu-se por que não havia ninguém lá.

“Já chega cara. Muito sem graça.”

Benjamim tinha ficado todo o tempo sentado na frente do banheiro e não desviara seu olhar nem uma única vez. Aquilo era uma agonia para sua mente. Detestava quando os outros lhe faziam de bobo, mas aquilo já tinha passado demais da conta. Ben foi abrindo as próximas portas rapidamente e encontrava nada além de privadas vazias.

Ao chegar à última porta, falou ao silêncio dali tentando conter


sua aflição: “Vou baixar a sua calça, mano.”

Um choro desesperado veio ao abrir a última porta não ver nada além de um vaso quebrado e restos de porcelana no chão imundo.

Ben parou na frente da fonte com seus cabelos eriçados.

Sentia uma dor imensa na barriga, subindo e descendo.

Pela primeira vez em sua vida, estava sozinho.



Uma hora inteira agoniosamente se passou. Ainda sentado na fonte, Ben olhava furiosamente para a entrada do banheiro, quase em um transe hipnótico.

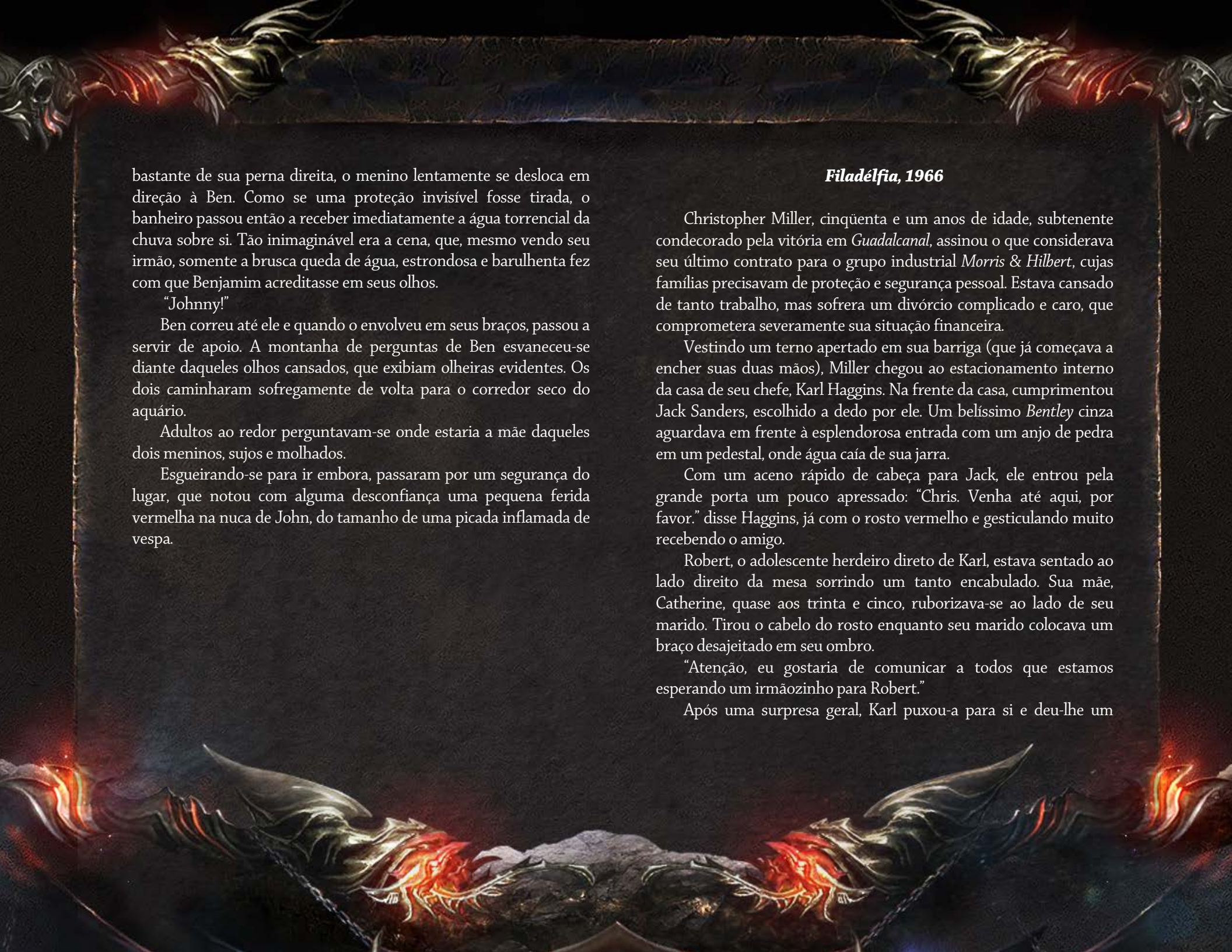
De uma maneira obsessiva, falava rapidamente, baixinho, em uma voz rouca que quase não parecia mais ser de uma criança: “Ele vai sair dali. Agora. Nesse momento... Ele vai sair. Por favor, sai daí cara.”

O céu acumulara muitas nuvens negras na última meia hora e agora algumas gotas frias caíam marcando o chão de concreto.

Benjamim continuava sua prece cada vez mais rápido.

Um grande trovão fez o garoto tremer por todo seu corpo e, por fim, a chuva veio forte empapando-lhe as roupas. Não tardou para que ele, apertando os olhos, observasse que naquele banheiro a água da chuva milagrosamente não caía, o que era estranho, uma vez que perto de si grandes poças de água acumulavam-se. Com olhar atônito, levantou-se deixando seus braços caírem ao longo do corpo. Houve um barulho de telhas quebrando. Neste momento, John saía do banheiro como um fantasma. De cabelo molhado e mancando





bastante de sua perna direita, o menino lentamente se desloca em direção à Ben. Como se uma proteção invisível fosse tirada, o banheiro passou então a receber imediatamente a água torrencial da chuva sobre si. Tão inimaginável era a cena, que, mesmo vendo seu irmão, somente a brusca queda de água, estrondosa e barulhenta fez com que Benjamim acreditasse em seus olhos.

“Johnny!”

Ben correu até ele e quando o envolveu em seus braços, passou a servir de apoio. A montanha de perguntas de Ben esvaneceu-se diante daqueles olhos cansados, que exibiam olheiras evidentes. Os dois caminharam sofregamente de volta para o corredor seco do aquário.

Adultos ao redor perguntavam-se onde estaria a mãe daqueles dois meninos, sujos e molhados.

Esgueirando-se para ir embora, passaram por um segurança do lugar, que notou com alguma desconfiança uma pequena ferida vermelha na nuca de John, do tamanho de uma picada inflamada de vespa.

### **Filadélfia, 1966**

Christopher Miller, cinquenta e um anos de idade, subtenente condecorado pela vitória em *Guadalcanal*, assinou o que considerava seu último contrato para o grupo industrial *Morris & Hilbert*, cujas famílias precisavam de proteção e segurança pessoal. Estava cansado de tanto trabalho, mas sofrera um divórcio complicado e caro, que comprometera severamente sua situação financeira.

Vestindo um terno apertado em sua barriga (que já começava a encher suas duas mãos), Miller chegou ao estacionamento interno da casa de seu chefe, Karl Haggins. Na frente da casa, cumprimentou Jack Sanders, escolhido a dedo por ele. Um belíssimo *Bentley* cinza aguardava em frente à esplendorosa entrada com um anjo de pedra em um pedestal, onde água caía de sua jarra.

Com um aceno rápido de cabeça para Jack, ele entrou pela grande porta um pouco apressado: “Chris. Venha até aqui, por favor.” disse Haggins, já com o rosto vermelho e gesticulando muito recebendo o amigo.

Robert, o adolescente herdeiro direto de Karl, estava sentado ao lado direito da mesa sorrindo um tanto encabulado. Sua mãe, Catherine, quase aos trinta e cinco, ruborizava-se ao lado de seu marido. Tirou o cabelo do rosto enquanto seu marido colocava um braço desajeitado em seu ombro.

“Atenção, eu gostaria de comunicar a todos que estamos esperando um irmãozinho para Robert.”

Após uma surpresa geral, Karl puxou-a para si e deu-lhe um



beijo. Todos bateram palmas. Karl e sua esposa casaram quando ambos tinham menos de vinte anos, tiveram um bebê logo em seguida e, ainda que as tentativas continuassem (uma família grandiosa era um dos maiores sonhos do casal) o tempo passava com pressa e passos largos sem lhes deixar mais frutos. Com uma barriga de quatro meses, os quinze anos de espera finalmente davam resposta, embora tardia.

Miller recebeu a novidade com um sorriso um pouco amarelo e distante. Respirou um pouco e ouviu no fundo da cabeça, como um disco velho, arranhado e sujo, seu pai gritando enquanto ele saía da fazenda em Louisiana só com a roupa nas costas

*(Você acha que é melhor que nós, seu merda?)*

e mais nada além de dinheiro para o próximo almoço em sua carteira. Teria também dezenove anos na época, justo como Robert em sua frente. Com um toque no ombro feito por Jack e uma afirmativa de cabeça, Chris começou a bater palmas com discrição, olhando para o anfitrião e tentando um meio sorriso sem graça.

De cabelos cumpridos até os ombros, Robert levantou sua taça até a de seu pai e falou muito divertidamente, brindando logo em seguida.

“Parabéns pai, mas não pense que vou dividir meu quarto.”

*MEP*

Chris abriu a porta do carro para o garoto entrar. Robert, fardado para sua partida de tênis, entrou no banco de trás naquela tarde quente. Sanders dirigia sozinho na frente, enquanto os pais

iam com outros seguranças no carro grande e cinza à frente.

No *walkie-talkie*, uma outra voz falou: “Podemos ir?”

“Sim.” respondeu Jack.

Logo depois de saírem pelos portões da propriedade, Robert inclinou-se para o lado e perguntou diretamente a Chris: “Você já jogou tênis?”

Antes de a boca de Miller emitir qualquer som de resposta, Sanders falou em gracejos: “Se não termina em olho roxo, acho que Chris não aprecia, Sr. Haggins.”

Miller balançou sua cabeça colocando uma mão na testa, não acreditando que Sanders teria dito aquilo. O garoto riu um tanto desajeitado, balançando seu corpo magricelo, e então disse: “É um bom esporte, mas pouca gente consegue jogar. Eu acho que é por que na maioria das partidas quem ganha é quem erra menos, não quem jogou melhor. Para ganhar deve-se estar seguro sobre o que sabe, mas absolutamente certo sobre o que não consegue fazer.”

Para os dois homens no carro, o silêncio a seguir preenchido apenas pelo zombado levantar de sobrancelhas de Jack olhando Chris pelo retrovisor, comprovava que em uma única sentença o garoto falara algo que os dois nunca perceberiam em sua vida de carros, socos e pontapés.

*Bom garoto*, registrou Chris em uma nota mental.

Quanto aos outros rapazes com quem Miller já trabalhara, na maioria das vezes seu primeiro pé na vida adulta vinha junto com um belo chute nos bacos dos pais. Drogas, pequenos furtos, grandes bobagens. Quando tinha que fazer valer seu trabalho com a imposição da força, Chris tinha vontade de ir pouco mais além, e



mostrar a alguns daqueles meninos enjoados e mimados (que nunca sabiam o que é uma verda-deira dificuldade), como era que as coisas funcionavam no mundo real. Antes de ir para a marinha, participou de lutas onde entrava-se num ringue e tudo só terminava quando alguém caía desacordado.

Sanders falou novamente pelo rádio, avisando ao carro da frente que esperasse, reduzindo a velocidade para não avançar o sinal. Por reflexo, Miller fechou sua mão, enquanto seus olhos fitavam as casas nobres do quarteirão passando rapidamente pela janela.

Robert notou a mudança de humor naquele homem grande ao seu lado, e perguntou: "Tudo bem com você?"

Miller tentou esboçar um sorriso de volta, mas o que conseguiu foi só um franzir de seu cenho e um pedido de desculpas por ter se distraído.



Como todos os outros dias, Jose Ramirez abre ansiosamente a porta de seu armário pela manhã. Desta vez, ao invés do vazio de ontem, vê um envelope pardo.

Depois de três meses trabalhando como garçom, finalmente havia uma mensagem o esperando.

Uma vertigem lhe passou, mas ele não tremeu ao ver uma foto de família com um círculo vermelho em torno de seu alvo.

No fundo do pacote, um revólver carregado.

No verso da foto havia uma mensagem.

*Olhe bem para a foto e queime-a no lixo junto com este envelope. Esta será sua única chance. Faça seu trabalho direito e então cumpriremos a nossa parte do acordo.*

Ao fechar o armário, Ramirez colocou a arma por baixo da camisa, e foi indo em direção ao lixo, onde montes de grama cortada esperavam para ser incinerados. Ele tirou o envelope do bolso de trás da sua calça e abriu a válvula de gás, para que a chama acendesse com mais força, onde queimou todo aquele lixo junto com o envelope. Conforme tudo virava um vermelho em chamas, Jose Ramirez sentia uma forte dor de barriga, junto com uma sensação de estar flutuando para todos os lugares errados em sua cabeça.



O treino de Robert havia terminado, e ele limpou seu rosto suado na toalha branca. O treinador devolveu-lhe um aceno, enquanto outros meninos, que vestiam um uniforme azul de ajudantes, começavam a preparar a quadra para a próxima partida, o grande evento da tarde. No microfone, o árbitro anunciava que o jogo deverá começar em menos de cinco minutos. As pessoas começam a se aproximar e a tomar seus lugares nos arredores.

Enquanto Robert recuperava seu fôlego, Miller falou em um tom divertido, abaixando um pouco sua cabeça: "Achei que você ia jogar."

"Comecei a aprender faz pouco tempo." respondeu Robert.



"Talvez na minha folga eu possa acabar com seu traseiro magrelo." respondeu Chris, com um sorriso sincero.

"Você pode tentar, mas começa me dando uma mão com estas coisas aqui, por favor."

Robert então entregou sua mochila à Miller e subiu o último lance de escada em dois pulos. Beijou sua mãe no rosto, que já o esperava ansiosamente na mesa do restaurante. O garoto pediu uma jarra de água junto com a taça de *champagne* que seu pai pedia ao garçom.

Chris cumprimentou baixinho Jack que estava ali ao lado, pois ele estava vermelho como um bom polonês.

"Esqueceu a loção em casa, *moça*?" perguntou Chris.

Sanders respondeu com um olhar frio, enquanto limpava o suor de sua testa com um lenço. No bar, Ramirez observava o garçom que voltava da mesa de Karl; quando ele debruça-se sobre o bar, pergunta então com muita segurança: "Posso atender esta mesa?"

Com um olhar distante, o garçom esperou a jarra encher-se.

O jogo começou e todos estavam virados para a partida, exceto os dois seguranças, que mantinham seus olhos nas mãos de cada um que chegasse perto da mesa. Karl perguntava alguma coisa a Robert sobre as regras do Tênis, enquanto sua mãe abanava-se e bebia um copo de água. Ramirez vinha por seu trajeto sinuoso pelas mesas onde todos os pescoços estavam virados para a quadra.

O tenista da casa abria o jogo marcando um ponto na lateral direita, levantando muitas palmas entusiasmadas de todos. O garçom levantou a bandeja junto para não esbarrar nos meninos que passaram correndo por ele, enquanto as pessoas voltavam a

sentar-se em seus lugares. A poucos metros dali, Karl levantava e acenava seu braço em direção à ele.

O garçom sentiu sua respiração aumentar junto com o barulho da bolinha batendo no chão. Karl recebeu sua taça de vinho sem mesmo olhar para o ele, e quando Ramirez foi tirar a jarra de água da bandeja, derrubou de propósito uma boa quantidade de seu conteúdo na mesa.

Ramirez começou a falar rápido demais: "Oh meu Deus, como sou atrapalhado. Me desculpe senhor, deixe que eu limpe aqui sua mesa e... puxa que confusão, eu..."

Karl fez uma negativa com a mão, decepcionado: "Olhe o que está fazendo. Preste atenção, moço!"

Sanders acompanhava a pequena confusão a dois passos de distância com certo receio. Miller observava os arredores ao lado do garoto. Ramirez tirou um pano detrás de seu avental e começou a limpar a mesa, continuando com suas lamurias.

"Por favor, este é o único emprego que tenho..."

Ramirez sente seu batimento cardíaco mover seu peito para cima e para baixo enquanto sua mão gelava conforme o pano encharcava com a água fria. *Teria de ser agora*, pensou ele. Jose olhou ansiosamente para o garoto duas vezes. Chris percebeu a situação com sua intuição de veterano: aqueles olhos eram um tanto ansiosos demais. Mais um ponto no jogo, mas desta vez ouviu-se um lamento geral na torcida. O árbitro apontou para o outro lado e o tenista da casa recebia uma nova bola, preparando-se para sacar novamente.

Miller levantou-se da cadeira sobressaltado.

De uma forma quase sincronizada, o garçom se ajoelhou e



deixou sua toalha cair no chão de propósito. Miller segura e puxa forte o ombro de Robert para ele se levantar. Ramirez levanta-se, mostrando seu revólver em face transtornada para Chris e o jovem. Em um susto, Sanders segura o avental do garçom com muita força, o fazendo virar. Ramirez então atinge Sanders com um disparo em seu ombro esquerdo, caindo ao chão e rasgando consigo um pedaço do avental.

Algumas pessoas começam a gritar. O garçom, em grande violência, já rende Karl com a arma em sua cabeça, enquanto Miller saca sua arma ao lado de Robert. Chris tenta obter sucesso em mirar no agressor, mas o pai do garoto cobre toda a frente.

Robert olha com terror a arma na cabeça de seu pai: "Por favor senhor..." diz o jovem.

Miller então vociferou naquele silêncio mortal: "Largue o Sr. Haggins, agora mesmo!"

Enquanto Sanders tenta buscar sua arma, Ramirez começa então a falar como um maluco e a bater com a arma no ouvido de Karl, que fica paralisado em um olhar distante e vazio para sua mulher, que quase não respira com suas mãos protegendo seu bebê: "Eu não tenho dinheiro para viver. Tudo isso é culpa de vocês, desgraçados que não sabem dar valor nenhum a quem faz seu trabalho sujo. Minha filha passa mal enquanto vocês enchem a cara, filhos da puta."

Ramirez enquanto fala olha mais uma vez para o menino, e para a mesa. Miller percebe que ele está preparando algo, mas não acredita no que seus olhos vêem.

*Ele quer o garoto!* pensou Chris.

Rápido e como Miller previra, ele empurra Karl para o lado, e a arma pende no espaço entre o garçom e Robert.

Usando todos seus instintos, rapidamente Miller se atira para frente, ficando firmemente entre o garoto e a arma, abrindo seus braços. O primeiro disparo acerta Miller em cheio na barriga. Miller recebe o tiro e não se move. Ramirez atira novamente, lhe acertando no ombro, e desta vez o impacto faz Miller cair ao chão, se embolando com a mesa.

Sanders troca sua arma para a outra mão, e de forma quase desajeitada efetua três disparos no garçom. Um deles atinge sua cabeça mortalmente, e ele cai no chão, vendo Jack com olhos abertos e um tanto surpresos.

Chris observa Robert do chão, enquanto o rapaz abraça sua mãe ao lado, que chorava muito. Seu corpo treme: escapara de oito anos na guerra sem um único ferimento de bala, e ele quase não acredita na intensidade da dor que sente. O sangue começa a pronunciar-se vermelho em sua camisa. O garoto solta-se de sua mãe e se agacha no chão procurando a mão de Chris.

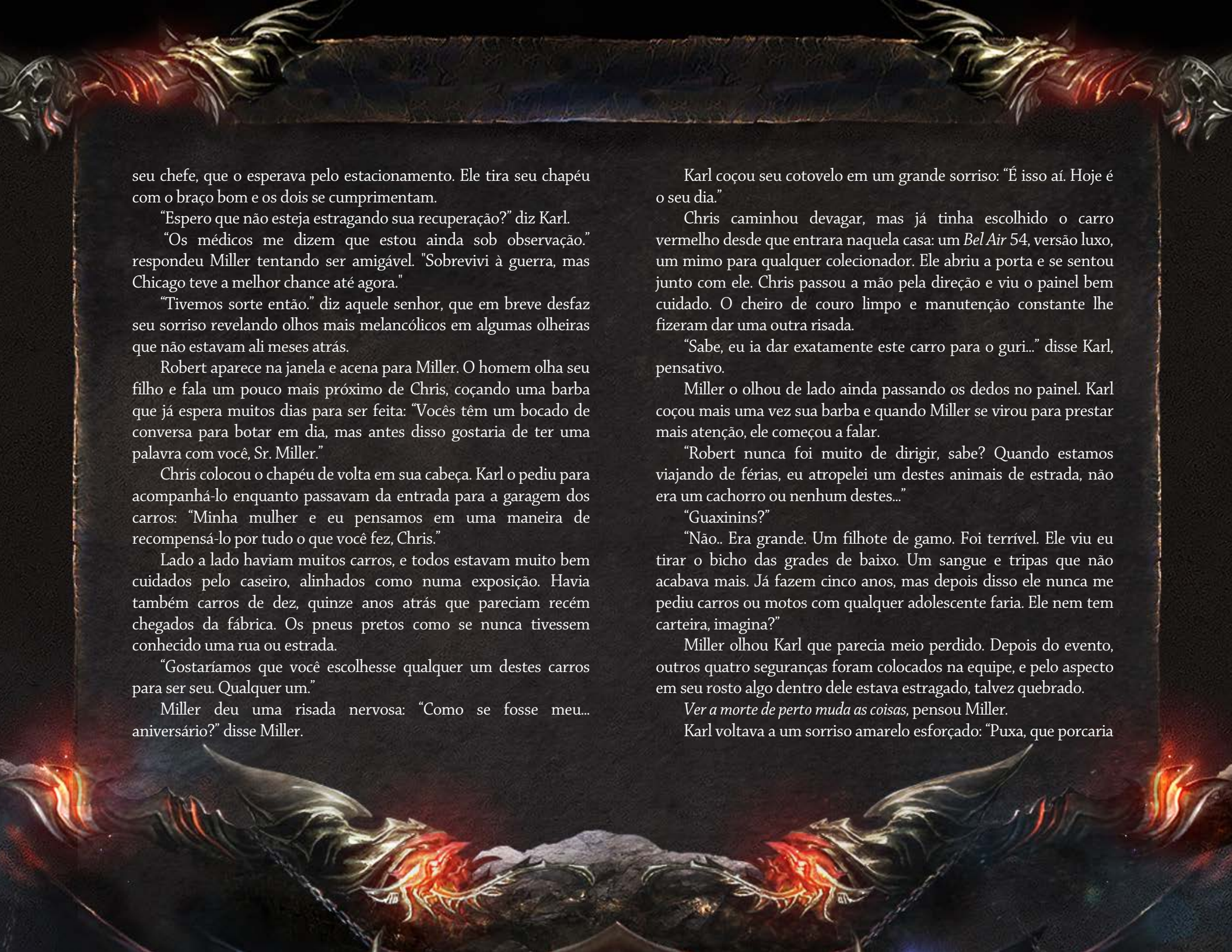
Robert consegue dizer uma única frase direto nos olhos de Miller, que já ia perdendo sua consciência: "Muito obrigado... Sr. Miller." falou Robert.

E as luzes se apagam para Chris.

*✍*

Alguns meses depois, com uma faixa no ombro e um grande curativo perto de suas costelas, Miller caminha pelo pátio onde está





seu chefe, que o esperava pelo estacionamento. Ele tira seu chapéu com o braço bom e os dois se cumprimentam.

“Espero que não esteja estragando sua recuperação?” diz Karl.

“Os médicos me dizem que estou ainda sob observação.” respondeu Miller tentando ser amigável. “Sobrevivi à guerra, mas Chicago teve a melhor chance até agora.”

“Tivemos sorte então.” diz aquele senhor, que em breve desfaz seu sorriso revelando olhos mais melancólicos em algumas olheiras que não estavam ali meses atrás.

Robert aparece na janela e acena para Miller. O homem olha seu filho e fala um pouco mais próximo de Chris, coçando uma barba que já espera muitos dias para ser feita: “Vocês têm um bocado de conversa para botar em dia, mas antes disso gostaria de ter uma palavra com você, Sr. Miller.”

Chris colocou o chapéu de volta em sua cabeça. Karl o pediu para acompanhá-lo enquanto passavam da entrada para a garagem dos carros: “Minha mulher e eu pensamos em uma maneira de recompensá-lo por tudo o que você fez, Chris.”

Lado a lado haviam muitos carros, e todos estavam muito bem cuidados pelo caseiro, alinhados como numa exposição. Havia também carros de dez, quinze anos atrás que pareciam recém chegados da fábrica. Os pneus pretos como se nunca tivessem conhecido uma rua ou estrada.

“Gostaríamos que você escolhesse qualquer um destes carros para ser seu. Qualquer um.”

Miller deu uma risada nervosa: “Como se fosse meu... aniversário?” disse Miller.

Karl coçou seu cotovelo em um grande sorriso: “É isso aí. Hoje é o seu dia.”

Chris caminhou devagar, mas já tinha escolhido o carro vermelho desde que entrara naquela casa: um *Bel Air* 54, versão luxo, um mimo para qualquer colecionador. Ele abriu a porta e se sentou junto com ele. Chris passou a mão pela direção e viu o painel bem cuidado. O cheiro de couro limpo e manutenção constante lhe fizeram dar uma outra risada.

“Sabe, eu ia dar exatamente este carro para o guri...” disse Karl, pensativo.

Miller o olhou de lado ainda passando os dedos no painel. Karl coçou mais uma vez sua barba e quando Miller se virou para prestar mais atenção, ele começou a falar.

“Robert nunca foi muito de dirigir, sabe? Quando estamos viajando de férias, eu atropelei um destes animais de estrada, não era um cachorro ou nenhum destes...”

“Guaxinins?”

“Não.. Era grande. Um filhote de gamo. Foi terrível. Ele viu eu tirar o bicho das grades de baixo. Um sangue e tripas que não acabava mais. Já fazem cinco anos, mas depois disso ele nunca me pediu carros ou motos com qualquer adolescente faria. Ele nem tem carteira, imagina?”

Miller olhou Karl que parecia meio perdido. Depois do evento, outros quatro seguros foram colocados na equipe, e pelo aspecto em seu rosto algo dentro dele estava estragado, talvez quebrado.

*Ver a morte de perto muda as coisas*, pensou Miller.

Karl voltava a um sorriso amarelo esforçado: “Puxa, que porcaria



para se dizer em um aniversário.”

Os dois deram uma risada franca e Miller falou agradecido em seguida, apertando mais uma vez a mão do homem.

“Muito obrigado, senhor. Muito obrigado!”

Haggins olhou para a entrada de sua casa e viu sua mulher já com uma barriga significativa. Uma nuvem transeunte apareceu no céu e diminui o calor nos assentos de couro. Por fim, Karl falou em tom mais sério: “Espero que não tenha que lhe dar mais presentes fora de sua data.”

“Claro. Estaremos preparados para o que vier.”

Karl abriu a porta e encontrou os olhos de Miller. Aquela parte estragada em sua cabeça tornou-se evidente em uma voz diferente carregada de rancor.

“Que merda de mundo cruel.”



Seis meses se passaram. As feridas cicatrizaram, e tudo voltara a um nível de quase normalidade. A irmã de Robert, Sofia, nasceu com um pouco mais de três quilos, e dois olhos azuis curiosos. No fim, cada um sabe como lamber suas feridas. O vermelho de Chris já tinha conhecido muitas estradas. O couro continuava cuidado pelo menos, e mesmo nas suas bebedeiras, Miller não deixava nada cair em cima.



Era uma quarta-feira de tempestade.

Por volta das dez e meia da noite, e justamente em seu dia de jogar sinuca, Chris recebeu um chamado urgente ao telefone. O dono do bar, deixou o fone com bocal no descanso ao lado do aparelho, esperando para ser atendido. Miller terminou sua tacada e caminhou lentamente até o balcão, colocando seu ouvido no telefone. Era Jack Sanders do outro lado. Voz rouca dizendo que não tinha boas notícias. Miller passou sua mão no rosto e apertou seus olhos em busca de um pouco mais de lucidez. O rapaz que estava jogando com ele lhe acenou. Chris se virou para o outro lado o ignorando.

“Mas o que houve, pare de enrolar!”

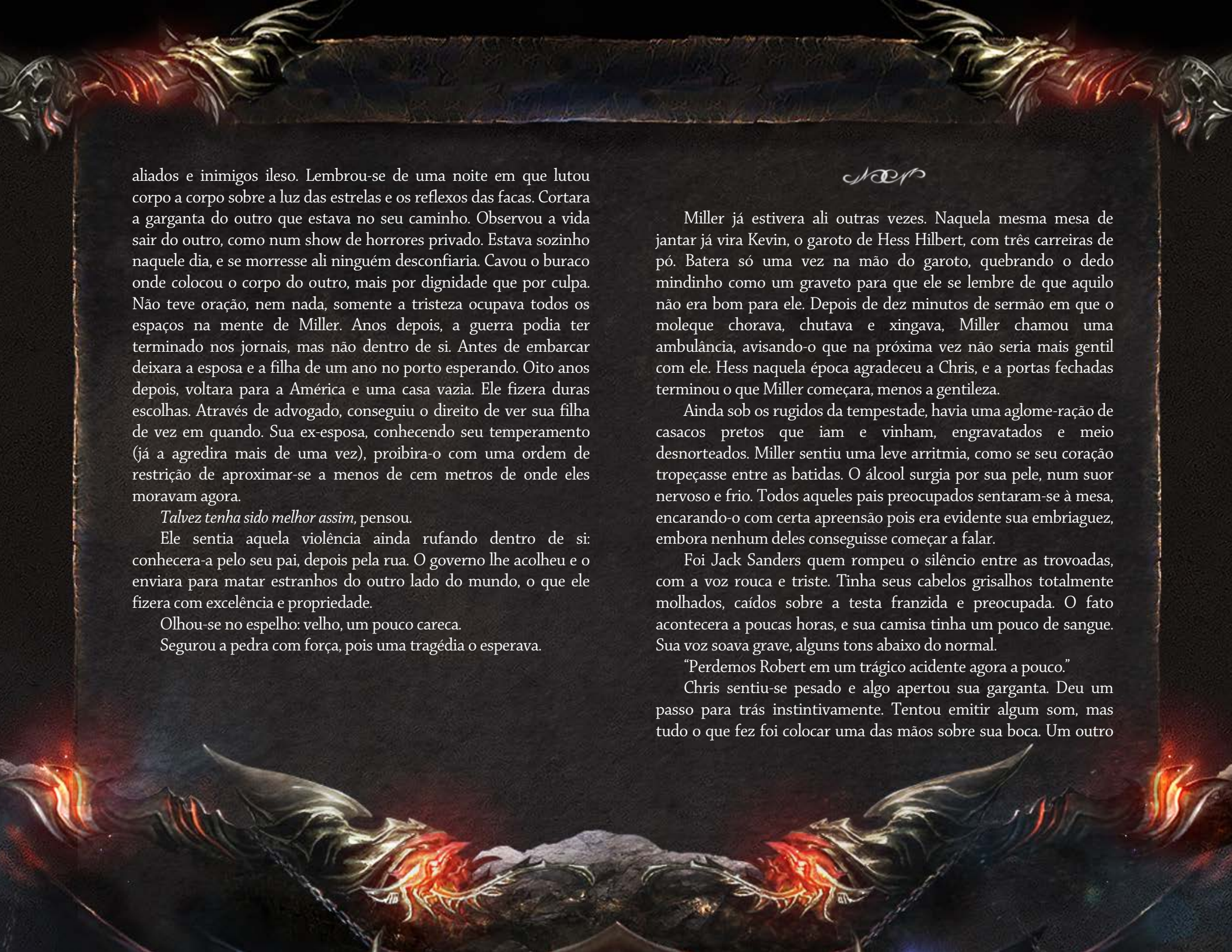
“Chris, estamos todos aqui na casa de Hilbert.”

Miller notou que a Sanders colocou a mão no fone, para que somente os dois ouvissem o que ele iria dizer.

“Tragédia. Venha para cá, rápido. E tente ficar sóbrio no caminho, seu bêbado de merda.”

Miller desligou o telefone. Foi aos tropeços para o banheiro e lavou sua face na água fria. A tempestade rugia lá fora. A voz rouca do outro ainda estava em sua mente. *Tragédia*. Com uma careta, tomou um pouco da água da torneira, e cuspiu com força, enquanto olhava-se no espelho. Conforme o vento da tempestade batia as pequenas janelas, ele apertava a pequena pedra azul em seu peito com força. Usava-a junto com as insígnias do exército. Sobrevivera à loucura naquelas ilhas do pacífico, caminhara por pilhas de corpos





aliados e inimigos ileso. Lembrou-se de uma noite em que lutou corpo a corpo sobre a luz das estrelas e os reflexos das facas. Cortara a garganta do outro que estava no seu caminho. Observou a vida sair do outro, como num show de horrores privado. Estava sozinho naquele dia, e se morresse ali ninguém desconfiaria. Cavou o buraco onde colocou o corpo do outro, mais por dignidade que por culpa. Não teve oração, nem nada, somente a tristeza ocupava todos os espaços na mente de Miller. Anos depois, a guerra podia ter terminado nos jornais, mas não dentro de si. Antes de embarcar deixara a esposa e a filha de um ano no porto esperando. Oito anos depois, voltara para a América e uma casa vazia. Ele fizera duras escolhas. Através de advogado, conseguiu o direito de ver sua filha de vez em quando. Sua ex-esposa, conhecendo seu temperamento (já a agredira mais de uma vez), proibira-o com uma ordem de restrição de aproximar-se a menos de cem metros de onde eles moravam agora.

*Talvez tenha sido melhor assim, pensou.*

Ele sentia aquela violência ainda rufando dentro de si: conhecera-a pelo seu pai, depois pela rua. O governo lhe acolheu e o enviara para matar estranhos do outro lado do mundo, o que ele fizera com excelência e propriedade.

Olhou-se no espelho: velho, um pouco careca.

Segurou a pedra com força, pois uma tragédia o esperava.

*III*

Miller já estivera ali outras vezes. Naquela mesma mesa de jantar já vira Kevin, o garoto de Hess Hilbert, com três carreiras de pó. Batera só uma vez na mão do garoto, quebrando o dedo mindinho como um graveto para que ele se lembre de que aquilo não era bom para ele. Depois de dez minutos de sermão em que o moleque chorava, chutava e xingava, Miller chamou uma ambulância, avisando-o que na próxima vez não seria mais gentil com ele. Hess naquela época agradeceu a Chris, e a portas fechadas terminou o que Miller começara, menos a gentileza.

Ainda sob os rugidos da tempestade, havia uma aglomeração de casacos pretos que iam e vinham, engravatados e meio desnorteados. Miller sentiu uma leve arritmia, como se seu coração tropeçasse entre as batidas. O álcool surgia por sua pele, num suor nervoso e frio. Todos aqueles pais preocupados sentaram-se à mesa, encarando-o com certa apreensão pois era evidente sua embriaguez, embora nenhum deles conseguisse começar a falar.

Foi Jack Sanders quem rompeu o silêncio entre as trovoadas, com a voz rouca e triste. Tinha seus cabelos grisalhos totalmente molhados, caídos sobre a testa franzida e preocupada. O fato acontecera a poucas horas, e sua camisa tinha um pouco de sangue. Sua voz soava grave, alguns tons abaixo do normal.

*“Perdemos Robert em um trágico acidente agora a pouco.”*

Chris sentiu-se pesado e algo apertou sua garganta. Deu um passo para trás instintivamente. Tentou emitir algum som, mas tudo o que fez foi colocar uma das mãos sobre sua boca. Um outro



senhor magro, com um chapéu em uma das mãos emocionou-se, e levou sua mão ao ombro do amigo. Haggins mordida os dedos de sua mão direita quase ao sangramento, numa tentativa vã de segurar-se emocionalmente e tentar suplantar a dor da perda de um filho por alguma dor física.

Sanders completou o cenário: "Acidente de carro. Alta velocidade direto no muro. Estava sozinho."

Um calafrio passou pelo corpo de Miller.

"Mas Robert não sabia dirigir!" gritou Chris bêbado em resposta.

Sanders tragou um cigarro quase até a ponta sendo observado de perto por Miller, ainda com seus olhos incrédulos.

"Robert nocauteou Douglas, quase o dobro de seu peso, em três socos antes de pegar a chave. Dougie disse que sua mão parecia fogo e que ele quase não reconheceu seu rosto, parecia o demônio. Ele fez o Bentley pegar, atravessou o portão e dirigiu por dez minutos sendo seguido por Doug e eu, pedindo para ele encostar. Isso foi até ele decidir não fazer uma curva. Atropelou um cara desavisado, que também morreu ali mesmo, e..."

Todos olharam para Chris que cambaleava trocando uma perna e segurando seus poucos cabelos com as mãos.

"Por que *diabos* ele faria isso?" falou Miller.

As pessoas abriram um pouco mais de espaço para Chris, que cambaleava, tanto pelo nervoso ou pelo efeito da bebida. Jack o segurou com força, mantendo-o pelo braço. Hess Hilbert, amigo de infância de Haggins, quase dois metros de altura com mais de cento e quarenta quilos, aproximou-se, colocando um dedo muito próximo

do rosto de Chris: "Não estamos seguros, Sr. Miller. Você nos falhou espetacularmente. Bêbado e ultrapassado!"

Miller já não ouvia mais nada. Já não via mais nada. Passou a mão no ombro, onde estava a cicatriz da bala que tinha salvo Robert da primeira vez. Nesta hora deveriam estar retirando os pedaços de sua cabeça do muro com esponja e balde.

O pai do rapaz aproximou-se. Um dos maiores capitalistas da cidade, que nunca mais faria piadas nos almoços de sábado. No ano seguinte, pediria sua aposentadoria do grupo. Karl então abraçou Miller pesadamente.

"Cuide-se." falou desvencilhando-se rapidamente.

"Senhor? O que pretende fazer?"

"Talvez seja a hora de todos repensarmos nossas vidas. Jesus... tenho uma criança em casa. Que Deus nos proteja."

Chris baixou os olhos ao chão. Não era muito inteligente, mas até ele sabia o que ia vir em seguida.

"Você está dispensado." disse Karl dirigindo-se a porta.

*MEP*

Por apenas um instante, Miller hesitou. Talvez acometera-lhe uma vontade de ver (e entender) o que tinha acontecido com Robert. O trágico acontecido debatia-se violentamente em sua cabeça, levando-lhe naqueles segundos de hesitação a pisar no acelerador. O carro acompanhou seu delírio imediatamente, com centenas de cavalos de força a dispor. Muitos sinais vermelhos foram passados, e as curvas fechadas faziam Chris juntar-se à porta,



tamanha força que a aquela velocidade empregava. Em um ímpeto instintivo de sobrevivência, caiu-se por si e viu-se fechando de outro carro, sem local para desvio.

Mesmo usando todo o freio, Chris bateu forte no carro em frente. Seu rosto atingiu a direção, abrindo seu nariz em cima, abrindo um talho feio. Ele quase não sentiu pela adrenalina. Conforme a fumaça dos pneus baixava, viu os três rapazes saírem do outro carro, que ficara completamente amassado na parte traseira. Eles estavam com as mãos na cabeça e vinham na sua direção, enraivecidos, gritando com ele. Miller cuspiu sangue no chão, olhando-os pelo vão do pára-brisa que estava trincado, parecendo uma réplica perfeita de seu estado emocional.

Ele fechou os punhos, apertou os dentes em fúria.

O resto já sabia o que fazer, e o fez com maestria.



O delegado olhava uma folha de papel com óculos fundos, fumando um charuto, enquanto resmungava junto com um chiado de asma: "Não sei se ponho você junto com a escória ou te coloco nas rondas da madrugada, senhor... Christopher." disse a autoridade.

Miller estava algemado, segurando um lenço no nariz.

"Cinco agressões, incluindo dois policiais que agora estão no hospital. Ligaram agora: um dos rapazes do outro carro está com braço quebrado e três costelas quebradas, um policial com braço rompido. O que diabos aconteceu?"

Miller engoliu uma aspirina junto com um pouco de sangue de

sua boca. Seu olho estava inchado, a barriga doía por causa de todos os chutes que levou no final, quando o reforço da polícia chegou. Piscou várias vezes seu olho bom. Não tinha resposta para aquela pergunta, ao menos nenhuma que fizesse sentido.

"Eu só quero usar o telefone. Depois, faça o que quiser na extensão da lei comigo."

O delegado apertou seus olhos: "Olhe aqui. Este país preza muito o que os nossos heróis fizeram com os comunistas e os japoneses filhos da puta. Mas aqui, dentro de casa, temos leis, e que Deus me ajude, devem ser aplicadas com distinção."

Miller colocou um lenço molhado e frio em seu olho.

O delegado apontou a porta do corredor para Miller: "Você tem seus cinco minutos."

Miller colocou a moeda, e o sinal do telefone veio. Girou os números lentamente no dial, junto com um olhar rápido para seu relógio. O telefone tocou do outro lado muitas vezes. Miller, ainda com a adrenalina da briga, tremia. Sua mão direita, com dois dedos quebrados, estava envolta num trapo avermelhado de sangue.

"Alo? Quem está falando?" disse uma voz feminina, um pouco assustada.

"Terry?" perguntou Miller em uma voz grave e rouca.

"Pai, o que foi desta vez?" falou a adolescente intrigada.

"Filha, tenho muita saudade de você, querida."

Chris ouviu a respiração nervosa do outro lado.

"Pai, já está muito tarde, o que o senhor fez?"

"Eu queria... que as coisas... não fossem tão difíceis, sabe?"

Ouve um silêncio entre os dois.



"Eu sei. Você bebeu de novo?" perguntou sua filha em desaprovacão.

Miller tossiu em resposta.

Houve um breve silêncio constrangedor.

"Eu acho que vou tirar umas férias," disse Chris, de olhos fechados, mas dentro de sua mente ele via mais uma vez o oriental com a garganta aberta...

*(A guerra nunca vai me deixar, Jesus Cristo!)*

...afogando-se em seu próprio sangue, olhando-o furiosamente em seus últimos instantes de vida, antes de ficar para o resto da eternidade dentro de uma vala rasa, onde somente ele sabia de sua existência, o que lhe tirava o sono todas as vezes que sua mente falhava em conter aquela violência em seu subconsciente.

Chris pôs sua mão na boca ao imaginar a cena.

"A próxima vez, me visite, ok? Pare de beber tanto, por favor, só piora as coisas," disse Terry um pouco assustada.

"Eu sei. Te cuida Terry, papai te ama. Acredite nisso."

Ele desligou o telefone rapidamente. Fazia três meses que eles não se falavam, pois ele estava sempre trabalhando. Ela sonhava em ser jornalista, e ele ajudou-a a entrar na faculdade. A garota tinha seus olhos e sua curiosidade de viver, mas todo o resto era da sua mãe, incluindo endereço e pensão. Conseguira ser pai, mas nunca fora um marido de verdade.

*Talvez seja melhor assim*, pensou Miller caminhando para a sua cela. Enquanto o guarda o conduzia, ele lembrou-se de Robert jogando tênis e lhe alcançando a mochila, e como tudo aquilo era impossível de acreditar.

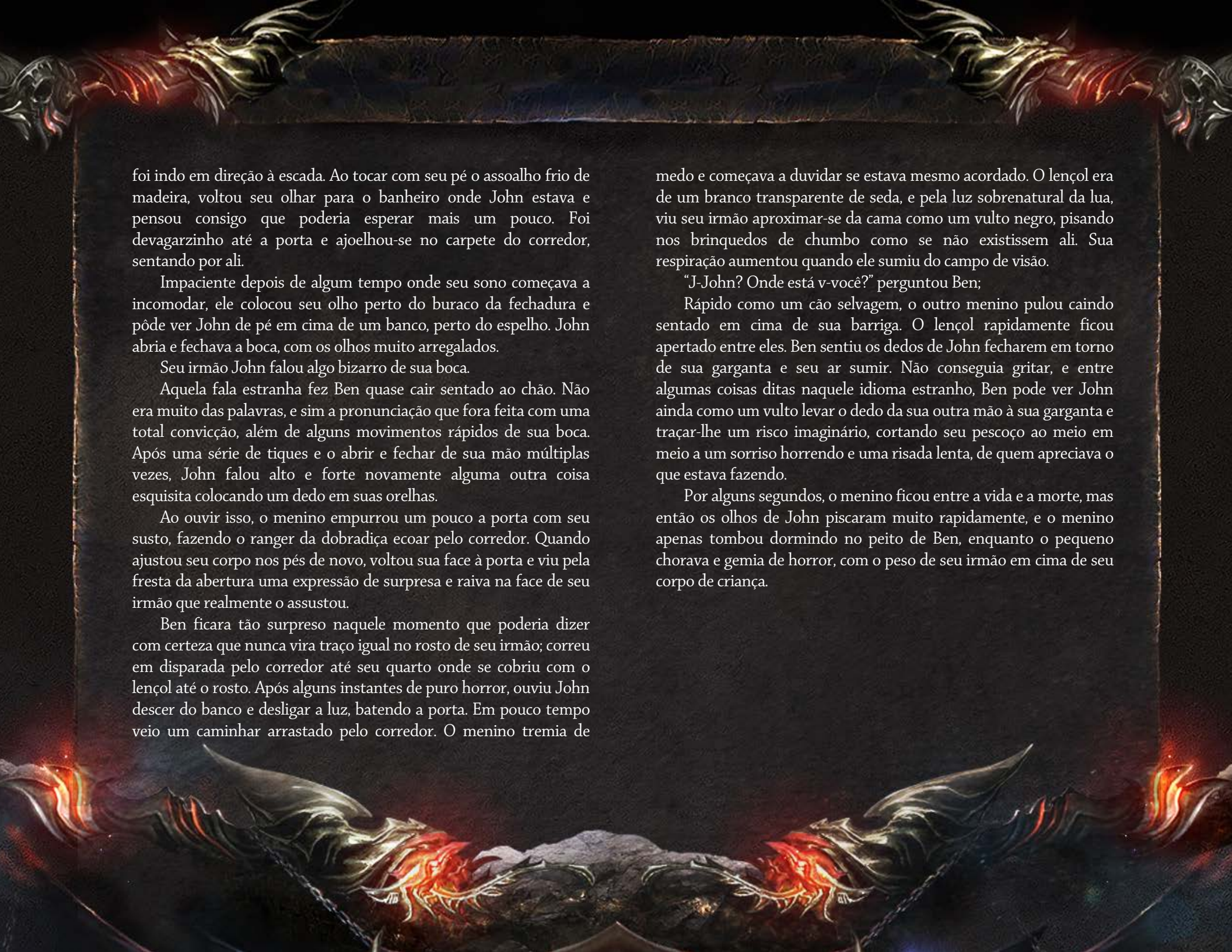
## **Chicago, 1955**

Eram duas e meia da manhã de sábado na mansão Foster, e já faziam duas semanas que John havia sumido e reaparecido no *Aquarium*. Assustado, o irmão menor não falou nada enquanto o médico examinava John em casa. Com recuperação rápida, em dois dias seu irmão já estava sem febre, e a marca vermelha feia em sua nuca desaparecera antes mesmo do médico chegar. Benjamin ainda olhava desconfiado para ele, que tinha desaparecido por uma hora inteira e reaparecido como mágica. O menino podia jurar que não tinha tirado os olhos da porta daquele maldito lugar.

Naquela mesma noite, Ben acordou com um barulho de porta abrindo e viu somente os pés de seu irmão enquanto ele saía pelo quarto. Após algum tempo, notou que estava com vontade de ir ao banheiro e tirou suas cobertas do caminho, pondo seus pés descalços no carpete. No vão até a porta, tentou desviar-se da coleção de carrinhos e de um exército completo de índios e soldados de chumbo que estavam espalhados ao chão.

Aquele era um dos dias em que a luz da lua preenchia de lado o quarto, com sua luz branca passava por todas as frestinhas das persianas das janelas, oferecendo uma iluminação sobrenatural por toda a casa. Com os nós dos dedos em seus olhos, Ben ajustou-se rapidamente à luz ambiente e logo seguiu o caminho de seu irmão pela porta aberta. Ao chegar ao corredor, o menino notou que a porta do banheiro estava fechada e um pouco de luz amarela escapava pela abertura da chave. Não quis esperar por ele, e então





foi indo em direção à escada. Ao tocar com seu pé o assoalho frio de madeira, voltou seu olhar para o banheiro onde John estava e pensou consigo que poderia esperar mais um pouco. Foi devagarzinho até a porta e ajoelhou-se no carpete do corredor, sentando por ali.

Impaciente depois de algum tempo onde seu sono começava a incomodar, ele colocou seu olho perto do buraco da fechadura e pôde ver John de pé em cima de um banco, perto do espelho. John abria e fechava a boca, com os olhos muito arregalados.

Seu irmão John falou algo bizarro de sua boca.

Aquela fala estranha fez Ben quase cair sentado ao chão. Não era muito das palavras, e sim a pronúncia que fora feita com uma total convicção, além de alguns movimentos rápidos de sua boca. Após uma série de tiques e o abrir e fechar de sua mão múltiplas vezes, John falou alto e forte novamente alguma outra coisa esquisita colocando um dedo em suas orelhas.

Ao ouvir isso, o menino empurrou um pouco a porta com seu susto, fazendo o ranger da dobradiça ecoar pelo corredor. Quando ajustou seu corpo nos pés de novo, voltou sua face à porta e viu pela fresta da abertura uma expressão de surpresa e raiva na face de seu irmão que realmente o assustou.

Ben ficara tão surpreso naquele momento que poderia dizer com certeza que nunca vira traço igual no rosto de seu irmão; correu em disparada pelo corredor até seu quarto onde se cobriu com o lençol até o rosto. Após alguns instantes de puro horror, ouviu John descer do banco e desligar a luz, batendo a porta. Em pouco tempo veio um caminhar arrastado pelo corredor. O menino tremia de

medo e começava a duvidar se estava mesmo acordado. O lençol era de um branco transparente de seda, e pela luz sobrenatural da lua, viu seu irmão aproximar-se da cama como um vulto negro, pisando nos brinquedos de chumbo como se não existissem ali. Sua respiração aumentou quando ele sumiu do campo de visão.

“J-John? Onde está v-você?” perguntou Ben;

Rápido como um cão selvagem, o outro menino pulou caindo sentado em cima de sua barriga. O lençol rapidamente ficou apertado entre eles. Ben sentiu os dedos de John fecharem em torno de sua garganta e seu ar sumir. Não conseguia gritar, e entre algumas coisas ditas naquele idioma estranho, Ben pode ver John ainda como um vulto levar o dedo da sua outra mão à sua garganta e traçar-lhe um risco imaginário, cortando seu pescoço ao meio em meio a um sorriso horrendo e uma risada lenta, de quem apreciava o que estava fazendo.

Por alguns segundos, o menino ficou entre a vida e a morte, mas então os olhos de John piscaram muito rapidamente, e o menino apenas tombou dormindo no peito de Ben, enquanto o pequeno chorava e gemia de horror, com o peso de seu irmão em cima de seu corpo de criança.



### **Filadélfia, 1966**

“Nunca pensei que você cozinhasse.” disse Sanders.

“Nem eu.” replicou Chris, forçando-se a um sorriso amistoso e girando o espeto do churrasco improvisado no quintal.

Muitos anos após Miller ter sido desligado da segurança do conglomerado, Jack, Douglas e Chris retomavam a amizade. Houve a esperada mudança de chefia, algum desconhecido de outro estado, porém os outros dois seguranças continuavam nas famílias. Havia aquele incomodo no ar, por todo aquele tempo perdido e as feridas ainda não curadas daquele dia, mas eles estavam ali para curtir uma bonita tarde de futebol, bastando comer e xingar o juiz para que tudo voltasse a um mínimo de normalidade. A televisão fora colocada no pátio, e eles comiam ferozmente, lutando contra os silêncios desconfortáveis que o tempo imprimia.

Enquanto isso, os atletas suavam e lutavam em campo.

“Ah, pára com isso.” reclamou Douglas, de uma jogada interceptada. O grande segurança, que ganhou ainda mais dez quilos naquele ano (pura ansiedade, dizia sua esposa), usava camisetas apertadas, com os botões numa luta descomunal para segurar o tecido naquela nova barriga.

“Porcaria de time.” disse Miller, tentando se interessar.

Por um tempo eles ficaram quietos enquanto o time visitante marcava mais um *touchdown*. Jack então desligou a TV em um sorriso amarelo. Ninguém reclamou. Eles terminaram a comida e avançaram nas cervejas geladas.

Quando os assuntos usuais acabaram, o segurança Douglas falou, deixando seu pão com salsicha de lado e mexendo muito suas mãos, agitado: “Sabe, eu ainda não entendo o que aconteceu naquele dia.”

Grande parte da culpa sobre o ocorrido recaíra em Douglas, que não conseguira segurar o rapaz antes dele entrar no carro.

“Doug, por favor. Não é o momento.” reclamou Sanders.

Após alguns instantes, inevitavelmente os dois voltaram-se para Chris, que ainda olhava a TV desligada, como se ainda estivesse vendo algum filme. Miller se recompôs, e então disse: “Também não entendo o que aconteceu com a menina Goldberg.”

“Foi semana passada.” disse Sanders.

“Em uma festa no centro, atirou-se do paraquedista. Dezoito andares. As testemunhas não ouviram seus gritos, e a polícia concluiu ser suicídio.” disse Miller.

Os seguranças se olharam, pois aquelas informações eram confidenciais de dentro da polícia e da família.

“Não houve reunião desta vez. Os pais...” disse Douglas.

“Ainda estão em estado de choque no hospital.” terminou Miller.

Douglas trocou um olhar de estranheza com Jack: “Como você sabe de tudo isso?”

“Eu... fiz novos amigos na polícia. A Terry é jornalista no *Globe* e teve acesso a alguns detalhes que não podiam ser abertos ao público via mandado judicial. Perfil psicológico não mostrava nenhum dos traços usuais suicidas. Sandra Goldberg tinha viagem marcada ao México em poucas semanas. Notas acima da média, namorado fixo. Tudo fora do padrão.”



Mais um silêncio. Miller virou toda a sua lata de cerveja olhando a TV, quase em transe.

"Venham comigo." pediu Chris, levantando-se.

*JP*

Miller abriu uma porta trancada com duas chaves, e eles entraram dentro em escritório improvisado, com suas paredes exibindo muitos artigos de jornal e notas suas rabiscadas ao lado. Os dois amigos respiravam sonoramente, olhando por tudo e curiosos, pois nunca tinham visto nada parecido em suas vidas.

"Eu não entendo ainda o que está acontecendo, mas os fatos estão aí. Suicídios trágicos. Seis meses de investigação." falou Miller.

"Quantos?" perguntou Douglas.

"Oito só na nossa cidade. Dois em proximidade com as famílias."

"Robert, filho de Karl Haggins, orgulho da cidade de Filadélfia, veio a falecer hoje em um acidente trágico. O repórter Thomas Jenkins esteve no local..." Douglas leu em voz alta.

"Não achou nada relevante." completou Sanders, de mau humor. "Eu tenho esse recorte também."

"A imprensa não soube de metade que aconteceu. A reportagem não menciona a luta de Douglas, muito menos a perseguição. O fato de que Robert não sabia dirigir foi levado como único fator que explicaria o acidente, como eles colocam aqui." disse Miller.

Houve um silêncio desconfortável.

"Chovia *pra cacete* naquele dia." disse Douglas um pouco receoso, olhando para Sanders que lhe devolveu o mesmo olhar de

cumplicidade.

Miller corria seus olhos mais uma vez pelos artigos.

"Por mais que eu olhe, não existe padrão. Só a estupidez da morte destas pessoas. Aconteceu com Robert e Sandra. Parece ser algo... recorrente a cada mês." disse Chris.

Miller olhava o mural com raiva. Sua mente tentava alcançar alguma coisa, mas o que fazia era empurrar cada vez mais o inexplicável para longe de si.

Sanders se aproximou de Miller e falou: "Isto está me matando faz tempo. Na verdade, estamos tentando entender isso desde aquele dia. Não queremos parecer imbecis, mas temos de contar a você mais uma coisa, Chris. Uma coisa.. impossível!"

Miller olhou para os dois, intrigado. Sanders parecia ainda mais nervoso, e começou a falar rápido: "Me escute: o carro tinha recém batido, Robert voou para frente, e acertou o muro. Fumaça ainda saia do capô do *Bentley*, e o barulho do acidente continuava ecoando na minha cabeça."

"Então aconteceu o raio." completou Douglas afirmando com sua cabeça. "Eu achei que o raio tinha caído ali perto, até me abaixei, por que tudo ficou iluminado."

Sanders completou: "Mas lá em cima, entre duas nuvens cheias de raios, passou um destes... discos. OVNI como dizem no rádio, nestes programas de madrugada. Eu... tenho me informado." Jack estava um pouco ruborizado e assustado.

"Foi muito rápido, menos de dois segundos entre as nuvens. Eu achei que tinha pirado, mas nós dois vimos a mesma coisa, Chris." disse Douglas.



"Foi a coisa... mais bizarra que eu já vi." falou Sanders.

Eles olhavam para Miller, e o cigarro que estava fumando caiu no chão, e ele ficou por um bom tempo parado de boca aberta e de olhos esbugalhados, com a garganta subindo e descendo nervosa, sentindo todos os cabelos de sua nuca eriçarem-se como num choque elétrico.

"Você não acredita?" perguntou Douglas.

*O gigante, meu deus do céu, o gigante.*

"Eu... quero acreditar." disse Chris baixinho, tocando sua pedra azul no peito com força.

*SEP*

Por dois dias seguidos, Miller evitou o seu escritório e voltou a fumar duas carteiras por dia em mãos trêmulas. Conhecía bem seus amigos para saber que eles não estavam mexendo com suas idéias, e pela feição deles, seu instinto também confirmava o que eles disseram como verdades.

*O que eles teriam a ganhar passando por malucos?* pensou Chris.

Estava agora na frente do espelho, nu, com a água do chuveiro aberta esquentando o banheiro, enquanto a fumaça ia aumentando vagarosamente. Tocou-se em baixo de seu mamilo direito, onde uma pequena cicatriz estava lá, em um tom mais branco que o resto da pele. Era em curva, como um anel. Havia outras em suas pernas, mas fora aquela ali que o derrubou sem ar no chão e perdendo os sentidos, quando era menino no quarto de seu pai.

*O que o pinheiro não resolve, a corrente conserta.*

Miller ficou por ali, como o disco que pairava nas nuvens, até não se ver mais no espelho. Quem estava se escondendo lá? Seria loucura pensar nisso, mas seu coração batendo forte respondia que sim, havia uma conexão bizarra.

*O meu disco não está lá fora, e sim em minha cabeça!*



### **Filadélfia, 1973**

"Tente relaxar, senhor Miller." disse o hipnotizador com o máximo de paciência.

"Isto não está funcionando!" reclamou Chris.

"Precisa de tempo e dedicação. O que você esperava?"

"Resultados. Já estamos na sétima sessão e acho que estou cada vez mais longe de me lembrar de qualquer coisa."

O hipnotizador colocou suas mãos nos olhos, cansado: "Chris, acho que essas memórias estão muito fechadas, e os meios habituais de hipnose não serão suficientes para passarmos esta barreira emocional tão forte."

Miller suspirou sonoramente, completamente frustrado.

"Memórias represadas são normalmente associadas com violência ou abuso. É este o caso?" perguntou o profissional.

"Não é da sua conta." retrucou Miller.

"Já lhe falei que é preciso ter confiança. O senhor até consegue ficar no estado mental apropriado, um transe leve, mas alguma coisa está impedindo o acesso."

"O quê?"

"Vou recomendar você para outra terapeuta. Ela já tratou de veteranos com sucesso e você precisa de, digamos assim, artefatos que o tirem de sua resistência habitual ao sofrimento. Sua mente aprendeu a defender-se muito bem pela força que guarda seus sentimentos mais íntimos."

Albert Krezensky abriu a sua última gaveta, pegou um cartão e o

entregou a Miller.

"E se não funcionar?" perguntou Miller.

"Talvez seja melhor não mexer com o que está quieto."

*MEP*

A casa de Kate Hobbes ficava na zona rural, quarenta minutos fora da cidade. Por ali, carroças passavam lerdamente ignorando o mundo moderno. Miller, após perguntar algumas vezes, encontrou a casa branca com alguns carros velhos estacionados no pátio da frente.

Chris bateu na porta, ansioso.

"Senhor Miller?" disse a moça, loira e grande em sua frente, ocupando todo o vão da porta.

"Senhorita Hobbes? Krezensky lhe... recomendou."

"Para qual serviço?" perguntou ela com certo sarcasmo.

"Hip...Hipno..." Miller não conseguia dizer a palavra.

"Você parece mesmo com um veterano. Mais alto até que eu imaginava." disse ela com um olhar mais observador, ao mesmo tempo tentando diminuir a tensão da situação.

Miller sorriu um pouco sem graça. Olhou em volta com uma corrida de olhos e entendeu que aquela era uma casa de hippies, com roupas coloridas e música distorcida. A moça, que parecia ter vinte e cinco, estava descalça e usava um vestido grande e branco, com um decote largo. Era uma mulher grande, voluptuosa. Não usava sutiã, e os bicos de seus seios ficavam um tanto evidentes pelas transparências, o que deixou Miller imediatamente muito nervoso.



"Eu acho que devo ir embora." disse Miller, olhando para o lado, evitando de olhar aquele detalhe.

"É aqui mesmo. Se quiser a mesmice que lhe ofereceram, pode voltar para a cidade."

Ela foi fechando a porta e Chris rapidamente colocou seu pé, barrando-a.

"Não, não. Me desculpe. Eu achei..."

"Que tinha entrado no puteiro."

"Não, não é nada disso. Eu, realmente... preciso de ajuda, por favor não se ofenda."

O sorriso voltou aos poucos no rosto da moça.

"Então entre, reservei a tarde para nós."



Sentado no quarto de cima, com portas e janelas fechadas e uma pequena luz de cabeceira amarela ligada, Miller começou a ouvir a um disco que Kate colocou na vitrola. Era um simples som de tambor monótono, parecia africano, junto com alguns pássaros ao fundo.

*Tum, tum, tum, tom, tom, tom.*

Os dois estavam sentados nos lados da cama. Ela olhava-o com muito interesse, mas de forma séria. Chris podia sentir alguma fisgada, algo diferente, como se ela estivesse rondando a porta da sua mente somente com aqueles olhos.

"Muito bem Chris. O que estamos procurando?"

Miller tossiu um pouco e despejou tudo de uma só vez.

"Eu.. Eu era menino, e alguma coisa aconteceu comigo na fazenda, pois acordei na cama, todo sujo, sem saber por onde eu fui uma tarde inteira. Eu preciso saber o que aconteceu."

*Tum, tum, tum, tom, tom, tom.*

"Certo. Acalme-se, respire fundo."

Miller descruzou seus braços e com suas mãos segurou seus joelhos, nervoso. Puxou o ar com o nariz, tossiu mais um pouco, junto com uma risadinha nervosa.

"Precisamos estar tranquilos. Você está a salvo aqui." disse a moça, puxando uma cadeira na frente dele.

"Certo." disse Miller ficando mais sério.

*Tum, tum, tum, tom, tom, tom.*

Aos poucos, Chris parou de olhar ao redor (pinturas de natureza, armário semi-aberto com roupas hippies penduradas) e finalmente deixou-se levar ao encontro dos olhos de Kate. Ela o aguardou pacientemente, e quando os dois estavam olho no olho, ela se levantou devagar.

*Tum, tum, tum, tom, tom, tom.*

Sem nunca perder seus olhos, ela foi até ele. Tocou as mãos dele, rijas e frias. Com mãos fortes, ela levantou sua mão direita, pegou cada dedo, massageou e foi para o próximo sem pressa. Fez o mesmo com a mão esquerda. Ela balançava sua cabeça levemente, como se seguindo o ritmo do tambor. Das mãos, ela foi até os braços. Apertou forte seus bíceps também ritmicamente, sempre mantendo contato visual.

*Tum, tum, tum, tom, tom, tom.*

"Estamos tranquilos, Chris?"



"Sim."

Mas os olhos dele ainda tinham aquela angústia característica que Kate conhecia bem em seus pacientes.

"Está tudo indo muito bem. É assim mesmo."

"Sim."

*Tum, tum, tum, tom, tom, tom.*

"Fique quieto agora. Mantenha seus olhos em mim, amor."

De pé na frente dele, ela tocou seus ombros, retesados e tensos. Mantinha seu olhar nele, como uma cobra em sua presa. Miller sentia que não controlava mais seu pescoço, pois ele acompanhava a mulher onde quer que ela fosse. Além disso, ele sentia suas mãos e braços mais leves, descarregados. Sua boca afrouxou um pouco, e ele respirava cada vez mais devagar.

"Você carrega o mundo nas costas, Chris."

*Tum, tum, tum, tom, tom, tom.*

"Agora feche os olhos. Estamos seguros aqui."

Pela primeira vez, Chris sentiu algo diferente. Tinha um formigamento pequeno em seus pés, e sua cabeça parecia não ter conexão com o resto de seu corpo. Ele sorriu. O cheiro de incenso também era bom. A cama tinha aquele cheiro único de mulher, que ele já tinha esquecido desde o divórcio. Mesmo de olhos fechados, ele sentia a presença de calor dela, e aquilo lhe confortava, dava-lhe segurança mesmo naquela sessão hippie maluca. Ele percebeu que Kate fez a volta na cama, e ficou ajoelhada atrás dele na cama.

Kate tirou um cigarro marrom do decote em seus seios, e com um isqueiro do criado mudo ao lado acendeu-o.

*Tum, tum, tum, tom, tom, tom.*

"Isto vai acelerar as coisas. Ele tem um ingrediente feito exclusivo por mim dentro dele. Acredite, faz toda a diferença do mundo. Levei dez anos aperfeiçoando-o e nunca falha."

Ela tragou fortemente, e soltou a fumaça no rosto dele pelo lado. Colocou o cigarro na boca de Chris, e ele tragou com a mesma intensidade. Pouco a pouco, o som do disco parecia mesmo vir de dentro de uma floresta.

*Tum, tum, tum, tom, tom, tom.*

"Consegue sentir a diferença?"

Ela abraçou-o com força, e mesmo de dentro de seu torpor ele sentiu os seios dela o tocarem. Os dois ficaram assim abraçados, fumando e ela lhe massageando as costas lhe dizendo para relaxar. Chris agora balançava para esquerda e direita levemente, entrando em um transe forte.

*Tum, tum, tum, tom, tom, tom.*

"Quero que você se lembre de quando era menino," disse Kate em seu ouvido bem baixinho.

Miller gemeu um pouco em resposta.

"Me conte sobre aquele dia, aquele dia especial que você não se lembra mais e quer tanto ver novamente."

*Tum, tum, tum, tom, tom, tom.*

Kate saiu pelo lado da cama, e o posicionou corretamente com os travesseiros. Ela desabotoou a camisa dele e a retirou por completo. Chris não esboçou nenhuma reação, indiferente e completamente em transe.

"Estamos voltando juntos no tempo," disse ela.

Kate verificou os olhos dele, levantando e vendo as pupilas



olharem apenas para a frente. Continuou a massagem, de cima para baixo nos braços com seus dedos fortes. Por vezes, ele tinha pequenos espasmos, e Kate ia lá e relaxa o músculo em questão.

*Tum, tum, tum, tom, tom, tom.*

Ficaram assim, por um bom tempo. O disco parou, mas ela continuou sua rotina, pois não precisava mais dele.

*~~~~~*

Miller agora sorria, sem mais se movimentar. Kate percebeu rapidamente a mudança, e lhe perguntou mais uma vez, baixinho: “Onde estamos, rapazinho?”

“Minha casa.” disse o menino Christopher em uma voz pequena, quase sonhadora, dois, quase três tons acima de sua voz grave.

“Posso sentir o vento.. estou correndo para meu local. Só eu conheço. Oh Deus, é lindo.”

“Vá adiante, sem medo. Está seguro comigo.”

Ele respira lentamente.

“Pow. Pow.” disse Chris sorrindo, como se tivesse doze anos.

“Me conte o que está acontecendo.”

“Estou.. cansado, deitado na lama. Que coisa maravilhosa.”

Ela se levanta e toca o rosto dele maravilhada. Já vira diversos veteranos responderem bem a hipnose, mas Miller foi absolutamente e radicalmente direto ao ponto em apenas uma sessão. Kate pensou um pouco, e, talvez aquilo significasse alguma coisa, mas ela desconhecia, pois seu método era muito artesanal e profundamente intuitivo.

Chris estava em total imersão, e ela ficara fascinada com ele. Sua face mudara completamente, apesar da calvície, rugas e bochechas, ele tinha um ar de menino faceiro, moleque. Aquela era uma das coisas que ela aguardava ansiosamente em seus pacientes. Alguns levavam meses. Era como encontrar um diamante em um lugar de difícil acesso. Por alguns segundos, eles se reencontravam no tempo, o menino e o adulto, e tudo de bom que a grandiosidade dos olhos inocentes refletem sobre o universo vinham à tona em um grande momento único.

Ela lhe limpou as lágrimas, emocionando-se junto.

“Aproveite, querido. Você não sabe o quanto isto é especial.”

“Estou dormindo na relva. Está quente. Cheiro de lama e grama.”

“Você pode se ver, deitado?”

“Sim. É estranho, não?”

“Não, esta é a nossa visão áurica querido.”

“Eu posso ver e sentir tudo. Uma borboleta pousou em mim, algumas formigas roçam em meus pés. Parece que eu estou flutuando e me vendo ali em baixo, é esquisito.”

“Você esta acessando a memória fora do corpo. Tudo normal. Confie em mim. Deixe passar o tempo.”

Christopher respirou lentamente, e então sua voz de adulto voltou: “Acordei rapidamente. Barulho de água. Os peixes estão voando para dentro. MEU DEUS. É imenso, no mínimo duzentos metros. Eu estava certo.”

“O que é imenso, Chris?”

Agora a voz de Miller foi mudando para o seu normal.

“O disco. Oh, parece refletir a água, como num espelho.”



Houve um silêncio. Mais uma lágrima surgiu em Chris, mas desta vez havia um pouco de medo junto com toda aquela comoção.

"O gigante. P-posso ver ele. Ele tem roupa característica de oficial. Deus todo poderoso, ele é enorme."

"Quem você está vendo?"

"O gigante. Ele esta colocando um enorme jacaré para dentro. Não, ele me viu. Vai me pegar. Oh, não, não, não, não, não..."

"Calma, ninguém irá o pegar. Esta a salvo."

A respiração de Miller aumenta de intensidade.

"E- Ele é ainda maior do que eu me lembrava."

Kate lhe abraça novamente com dois braços fortes.

"Ofereceu-me a mão... eu aceito. É fria, como peixe."

Kate coloca o cigarro na boca de Miller, e ele traga mais uma vez.

O pânico dissolve e ele respira um pouco melhor.

"Eu aponto para o disco..."



*Eu aponto para o disco e o gigante parece entender que eu quero ir lá. Acena que sim com sua cabeça enorme, grandes olhos espertos. Com um toque em uma coisa quadrada em seu cinto, subimos em uma estrutura que parece também flutuar, onde todo o pântano fica visível por todos os lados.*

*O gigante vai descendo por outra plataforma perto dali, até um tanque através de uma escada feita especialmente para ele. Suas passadas fazem um barulho forte e duro.*

*Uma moça me recebe. Ela tem as mesmas roupas que o gigante, e não*

*consegue deixar de exibir uma cara de surpresa: "Você é um ribeirinho muito curioso!" disse ela, muito feliz e até um pouco surpresa.*

*"Ele é enorme!" digo em estase infantil.*

*"De onde eles vêm, tudo é um pouco mais diferente, grandioso. Ele o acha engraçado." responde a moça, agachando-se um pouco para me ver melhor.*

*"Ele não fala." retruco rápido, sem educação.*

*A moça, que estava em seus vinte anos, vira um pouco sua cabeça e mostra um equipamento esquisito dentro de sua orelha, batendo duas vezes no aparelho.*

*"Precisa ter um destes. Eles não podem falar diretamente conosco, só usando uma máquina para traduzir."*

*Eu olho ao redor: o exterior de onde estamos é transparente, vejo a floresta por todos os lados, mas o chão é de metal. Tem uma cadeira perto, e eu me sento com pernas frouxas e mãos geladas.*

*"Vamos ter de sair por um pouco. Depois o deixaremos em casa."*

*A minha ansiedade é maior que a tremedeira nas pernas, e me levanto da cadeira. Vou até uma beirada de onde estamos para olhar o gigante, que agora aponta um tubo metálico para o jacaré já em uma jaula, que se contorce e logo cessa todos os movimentos, parecendo dormir.*

*"Temos o suficiente." disse ela para outro rapaz ali perto, com um capacete transparente esquisito em sua cabeça, onde símbolos e formas voam por seu redor.*

*E então, sem barulho nenhum ou aviso, a floresta vai caindo. Até as árvores mais altas vão ficando para lá em baixo. Naquele silêncio todo, eu me agacho instintivamente. A moça gentilmente me recoloca na cadeira. Um cinto aparece detrás e fecha na frente, em cinco pontos.*



*"Acredite, você vai precisar. Eu precisei." disse ela, mais serena e também com uma mão mais forte em meu ombro.*

*Olho para cima, e vejo as nuvens se aproximando rápido. Solto gritos e mais gritos, e então me agarro no cinto. Sinto a mão firme e forte da moça, de pé ao meu lado, a me cuidar.*

*"Leva um tempo para acostumar. Acredite, está tudo bem."*

*"S-Santa Ma-maria de D-Deus!" grito em pânico.*

*O céu azul vai tornando-se escuro, até que as estrelas aparecem no meio daquele dia. Como isso pode acontecer? A noite ainda demoraria muito para chegar. Lembro-me de casa e começo a chorar, pois se chegar tarde, irei apanhar para valer.*

*"Em pouco tempo estaremos de volta. Eles nunca viram um jacaré tão de perto assim antes, e estão um pouco ansiosos." diz a moça.*

*Do lado de fora, eu vejo algo imenso girando no espaço. Um pedaço abre-se, como uma porteira, e nós entramos. A moça me olha com muito interesse, com um enorme sorriso: "Faz muito tempo que não vejo um menino como você. Você me lembra meu irmãozinho. Acho que entendi o que o nosso gigante fez; eles são muito recompensadores."*

*O gigante caminha até onde estamos. Eu não consigo parar de olhar para ele. Ele gentilmente toca meu ombro e logo vira seu rosto para a moça, que toca sua orelha e se emociona. Após alguns instantes de uma comunicação silenciosa entre eles, algo muito sério acontece, pois ela muda rapidamente seu semblante.*

*Ela toca meu rosto, com ambas mãos. Seus olhos se enchem de água junto com os meus rapidamente: "O mundo é das crianças. Largo e imenso, cheio de mistérios, de coisas bonitas e perigosas. Nunca deixe de acreditar nisso. Agarre-se em tudo o que seu coração mandar."*

*A moça tira uma tira de couro com uma pedra azul e a coloca no meu pulso, amarrando com carinho e ternura. Eu apenas respondo com um sorriso sincero de menino da roça.*

*"Um dia você vai entender. O universo nunca dá nó sem corda. Tudo tem um sentido, embora a gente nunca sabe a hora. Essa corda não tem fim." diz ela com uma mão na sua orelha, traduzindo o que o gigante dizia.*

*Ela se levanta, olha para o gigante e pára por um momento. A criatura me toca de leve no ombro mais uma vez. Aqueles olhos enormes ficam apertados e as pupilas sobem, deixando apenas o branco. Por um longo momento, eu não respiro. A moça então leva a mão em sua boca e se emociona, mas desta vez as suas lágrimas são outras, de tristeza. O peso em meu peito denuncia: as mesmas lágrimas de meu pai no cemitério.*

*"Por que está chorando, moça?" pergunto ansioso.*

*"Eles observam o futuro, sabem tudo sobre você. Sua provação será próxima e dura."*

*O moça se agacha e me abraça. Eu também choro sem saber. não preciso de aparelho para sentir que eu estou em apuros.*

*"Hora de voltar, prepare-se." diz ela, limpando as lágrimas de seus olhos.*

*Ele está segurando minha cabeça! Eu vejo uma luz, parece...*

*~~~~~*

*"P-Parece me e-envolver..." disse Chris tremendo.*

*Kate segura Miller com todas as suas forças, enquanto ele se debate. Ele é pesado, e muito forte para ela. Ela gira para o lado e os dois caem no tapete. A gravidade sempre funciona para quebrar o*



transe, e por isso ela tinha seu tapete pronto.

Chris acorda e olha para ela com os dois olhos esbugalhados: “Eu não acredito!” diz Miller atordoado.

Kate passa uma mão em seus olhos, conferindo se o transe efetivamente acabou. Miller olha para todo o quarto apertando seus olhos. Os dois se separam e sentam lentamente no tapete felpudo, com Miller um pouco desconfiado.

“Em todos esses anos, nunca vi nada parecido.” diz Kate.

“Eu fui... subi, até lá. Era imenso!” disse Chris apontando para cima.

“Sim. Eu fui junto com você no disco. Que viagem!”

“O que tinha nesse fumo?”

“Placebo!” responde Kate com um sorriso.

Miller notou que estava sem camisa e ruborizou-se.

“Desculpe, eu fiz algo errado?”

“Você... não precisa se desculpar.”

Em pouco tempo, ele sorriu agradecido para ela. Ninguém fora tão atencioso com ele em todos estes últimos anos. Ela desvendou aquelas memórias guardadas por toda violência do mundo com tanta generosidade e carinho. Kate se aproximou, e em dois movimentos rápidos, os dois agora estavam sem a parte de cima de suas roupas. Miller sorriu e estendeu sua mão para ela, que o envolveu em um abraço quente e generoso, sentindo-a por todo seu corpo em um beijo demorado.

Foi uma tarde espetacular que ele jamais esqueceria.

### ***Los Angeles, Agosto 1973***

Hober Keelix abre a porta lateral de uma Kombi verde com os dizeres em branco *Lavanderia Rose*, em uma rua secundária do centro. Em um pulo, desce à calçada. O carro segue em frente, enquanto ele entra imediatamente em uma cabine telefônica. Hober confere seu relógio e coloca uma moeda no telefone, girando os números sem hesitação. Quando fecha a porta completamente da cabine, ouve sua respiração um pouco nervosa — aquela ligação iria colocar algumas rodas em movimento, e ele esperava que nenhuma delas chegasse perto demais, muito menos que a lama o atingisse.

O sinal sonoro da chamada em seu ouvido parou e havia apenas um silêncio de máquina no fundo. Ele fungou um pouco e falou, olhando mais uma vez para o relógio.

“Kansas Delta Zulu, 17.”

Hober desligou o telefone, pegando o troco e colocando no bolso da calça. Foi até a banca a alguns passos dali e comprou uma revista qualquer. De óculos escuros, aguardava a ligação de volta, enquanto passava seus olhos distraidamente pelas folhas cheias de fotos de gente famosa e seus escândalos semanais.

Dois minutos depois, o telefone toca e ele atende. Do outro lado, uma voz impaciente: “Você pode prosseguir.”

“Tivemos danos ao protocolo. Agente 11 está compro-metido. Possível vazamento de tecnologia para outras agências e até mesmo... imprensa. Última avaliação psicológica apresentou sinais de paranóia acima do esperado.”



Silêncio do outro lado. Após um momento breve veio a resposta incrédula. “É lamentável termos de fechar mais uma operação sua, dezessete.”

A face de Hober tornou-se rubra instantaneamente e quase se pode ouvir o ranger de seus dentes do outro lado da linha. Sentiu o ímpeto de quebrar o vidro com sua mão, mas isso só iria tornar as coisas ainda mais difíceis para ele. Por fim, o homem alto e bruto falou entre dentes, parecendo completa-mente ofendido.

“Lamentável é ter de fazer tudo sozinho, e de nunca poder ver a cara de espanto de vocês quando temos uma intervenção ocorrendo dentro de casa. Vocês estão sempre em uma merda de sala, operando uma merda de telefone.”

A resposta veio ríspidamente e pontual.

“Mais alguma falha que queira reportar, 17?”

Keelix automaticamente puxou um cigarro e o acendeu com uma mão em concha, quase funcionando no automático, tragando furiosamente e botando para fora dois jatos de fumaça por seu nariz achatado.

“Temos um possível substituto para a última... Bem, baixa. Preenche o perfil. Talvez possamos aproveitar este contexto de ruptura. Providenciarei as condições.”

Silêncio do outro lado por algum tempo.

“Somente Frank decide estas coisas.” disse a voz do outro lado.

Em sua frente, a Kombi já tinha voltado e parado bem perto da cabine, com motor ligado e pronta para sair. Por fim, Hober falou com o máximo de desprezo que pode conseguir: “Faça só a merda do seu trabalho, piloto de gabinete.”

Mais silêncio do outro lado. O fone é abafado, mas uma meia conversa é torna-se audível. Depois de alguns sons de discussão, o som torna-se um inconfundível tom raivoso cheio de ironia, com outras conversas paralelas ao fundo: “Terá de resistir mais que o último. O custo é quase impensável quando algo dá errado. E as coisas ultimamente sempre dão erradas, não?”

O homem fechou seus olhos e os massageou com o polegar e seu penúltimo dedo da mão esquerda. Nunca se dera muito bem com os burocratas, que ainda estavam mordidos e pagando pelos estragos da última confusão. Em uma careta, apertou os dentes em seu lábio inferior tentando esquecer o que ele vira quando tudo se tornou um pesadelo. Sua mente já tinha absorvido a maioria da coisa, mas os *flashes* são os mais difíceis de ignorar, quase como os ecos de um grito do passado quem nem era tão remoto assim e que iam e voltavam sem controle.

O homem falou então em um desabafo cúmplice: “Nunca foi fácil... para ninguém.”

*MEP*

O telefone tocou duas vezes dentro do apartamento. Ecoou pelas paredes, cortinas fechadas, cigarros e garrafas de uísque espalhadas pelo novo habitat de Chris. No terceiro toque, ele levantou-se em um grande susto, com olhos vermelhos esbugalhados. Chutou um sapato fora de lugar, empurrou a cadeira, que bateu forte na parede, e, com agilidade, tirou o fone do gancho de seu telefone fixado na parede, a poucos metros da cama.



"Alô, alô, alô?" disse ele rapidamente, achando que tinha perdido a única ligação em seis meses de silêncio total com o mundo externo.

"Pai?" disse Terry do outro lado da linha, um pouco nervosa.

"Sim. Sou eu."

"Como estão suas férias? Olha, eu sempre quis viajar para Los Angeles, você sabia? A mãe nunca sai de casa. Quem sabe eu possa passar por aí?"

Chris abriu um pouquinho a persiana. O sol forte das onze da manhã abriu uma fenda luminosa pelo apartamento, e seus olhos arderam – ele se virou rapidamente para o outro lado. Lá estava mais uma vez sua investigação, sempre a lhe esperar. Uma parede inteira de fotos, recortes, linhas de barbante, anotações suas fixadas com muitas interrogações ao lado de notícias de OVNIS e suicídios. Pela mesa, chão, cama haviam muitas revistas e jornais, misturados com comida, bebida e cigarro.

*Deus, o que digo agora?* pensou Miller.

"As férias, vão... bem." disse melancólico.

Para todos os lados que olhasse, havia pedaços de pistas do caso o esperando. Em sua frente, um recorte onde casal reportava que teria sido abduzido perto do reservatório *Encino*, duas semanas atrás.

*Preciso conferir com os obituários do Times.*

"Pai?" perguntou Terry ansiosa.

"Sim, querida. Me desculpe. Meus amigos do clube ficaram de me buscar e preciso achar uma roupa limpa nessa confusão. Aparentemente vinte anos solteiro não me ensinaram a combinar uma camisa com jeans, você pode acreditar?"

*Não mente pra sua única filha, seu senil de merda.*

"Liguei para dizer que ganhei uma promoção. Sou a nova assistente júnior!"

"Parabéns, querida. Você merece tudo de bom."

Miller tira a foto de Terry de sua carteira e a segura perto de si. Sua filha com treze anos e um cachorrinho.

*Deus do céu, o tempo voa.*

Dois toques na porta. Chris estica o telefone, abre uma fresta pela porta e vê o entregador de jornais. Miller tira uma nota de cinco, e passa pelo pequeno espaço. Equilibrando o telefone com o ombro, ele pega o exemplar com a outra mão.

Miller tosse, pisca seus olhos e busca algo a dizer: "Eu... finalmente aprendi a fazer um *birdie* sem trapacear."


"Você jogando golfe?" retrucou Terry incrédula.

"As pessoas evoluem filha. Uns menos, outros bem menos."

Miller automaticamente vira o jornal no fim, com a foto de sua filha ainda na mão. Ele passa pelos esportes, pela seção de polícia e chega nos obituários. Lá estava a foto de outra menina sorridente, junto com uma nota fúnebre de missa de sétimo dia. Lentamente, sua mão desce com a foto de sua filha e ele coloca as duas fotos lado a lado, quase inconscientemente.

Algo dentro de si finalmente racha. Duas lágrimas vertem imediatamente de seus olhos. Se tivesse algo no estômago, vomitaria imediatamente. Terry do outro lado da linha dá uma risada com a última fala de seu pai e começa a contar seu dia. Chris, em completo horror, coloca a mão no bocal e o aperta fortemente enquanto o choque das imagens corre por todo o seu corpo desenfreado, num





choque emocional. *Podia ser você!* Rapidamente os sentimentos fluíram para a raiva, e ele trincou seus dentes e socou fortemente a parede frágil daquele apartamento sujo e fedido, que cedeu com o impacto, ficando com metade de sua mão dentro da parede.

Chris sabia que havia mais de quinhentos casos parecidos sem solução desde que o começara sua nova investigação. Percebia perplexo a loucura de onde estava, enquanto sua filha dizia que tinha dado entrada em um carro somente seu, embora sua mãe odiasse isso, ela estava louca para viajar, conhecer Nova Iorque.

Miller encontrou uma pausa e disse: “Filha, posso te ligar depois? Estão me chamando lá em baixo para o jogo, e eu não os quero deixar esperando.” disse Miller com o máximo de controle possível.

“Vê se liga de volta. Você tá mais estranho do que o normal. Vou te esperar, beijo.”

“Te amo. Por favor, *por favor*, te cuida.”

“Ok, até mais.”

Miller não desliga o telefone. Ele segura o bocal em seu peito, fecha fortemente seus olhos. Não podia mais ver tudo aquilo. Não haviam pistas, somente registros e mortes que não tinham fim.

Tal como um cego, de olhos fechados ele foi passo a passo caminhando por ali, esbarrando por tudo. Seus pés iam tocando o chão com receio, e muito lentamente ele foi se deslocando até o armário, onde entrou e fechou-se por completo.

Pegou uma camisa qualquer, colocou-a na boca, mordeu-a e gritou tudo o que podia.

*III*

Notadamente, o Boxe não deixa de ser uma forma de comunicação. De sua camada mais na superfície, existe uma espécie de acerto físico entre duas pessoas em busca de afirmação de força e destreza. Depois que a adrenalina atinge seu planalto de impacto, algo escapa para o íntimo. E nesse íntimo, um pouco mais longe dos sentidos do corpo, sempre existe paz. Alguns buscam o templo de Deus por longas rezas e mantras; outros recorrem à punição física extrema para atingir o mesmo refúgio da mente. Naquele local, o que se oferecia era uma viagem pelo templo da violência. Talvez um nariz quebrado de troco, mas nada muito pessoal.

Sem dúvida o remédio preferido de Miller.

O salão grande e alto, que já fora abrigo para mendigos, oficina de carros populares, estacionamento barato para pessoas visitando o teatro e até uma pequena fábrica de tecidos, exalava um forte cheiro de couro, suor e cigarro vindo daquele velho piso. Para quem olhasse de longe, era uma pocilga cheia de possíveis marginais, mas para Chris sempre fora algo sério. Em seu tempo, resolviam-se as coisas daquele jeito e com ele não seria diferente. Ultimamente, era a única coisa que anulava o eco de todas as coisas absurdas em que estava passando.

Em sua frente, Reynolds arrastava-se já no terceiro round, parecendo rebocar toda sua banha com dificuldade. Chris sabia que isso não lhe servia de vantagem alguma. Depois de tanto tempo ganhando e perdendo lutas por alguns trocos, sabia o que fazia a diferença (quando não se têm nenhum treinamento) residia até



onde se suportava a dor. Um homem pesado como aquele, agüentaria muita porrada e depois ainda mais um pouco. Todo aquele peso extra pode ser extremamente estratégico, mesmo com amadores. Todas essas coisas voavam por cima de suas ideias, e, enquanto Reynolds lhe entregava uma seqüência um tanto previsível em sua barriga, lembrou-se de ter visto um rapaz negro chamado Ray ganhar de um universitário metido quebrando dois dedos de sua mão esquerda no meio da luta. Mesmo assim, Ray estava na construção no dia seguinte, de mão enfaixada. Talvez o gordo tenha sido uma péssima escolha, mas Chris nunca fora de recusar um ringue. E de apanhar um pouco também. Suas melhores lutas sempre terminaram com ele dormindo doze horas seguidas de tanta exaustão, e seu rosto machucado que fariam sua mãe, se não tivesse morrido tão cedo, orar a Deus, só de olhar.

O passado estava morto, tal como Robert, que não teve um funeral aberto, somente uma foto grande e colorida ao lado de flores brancas.

*Onde estão as respostas!* gritava Miller em sua mente.

Miller mordida ainda mais o protetor bucal e via que o queixo do gordo estava parcialmente levantado. Com agilidade de veterano, gingou o corpo para frente, enquanto sua esquerda desceu e subiu rápido. Reynolds desabou como um saco de batatas. O irmão do outro, muito mais pesado que ele e mordendo um charuto apagado, levantava uma de suas pernas gordas pela corda do meio do ringue, lamentando o dinheiro perdido. Miller cuspiu a proteção bucal em sua mão e falou com a maior calma que conseguiu: "Você me deve duzentos."

"Isso não foi luta justa. Olhe só meu irmão." reclamou o gordo abanando seu chapéu no rosto do irmão caído.

"Archie, deixe de ser mau perdedor. Ele nem dormiu, só está descansando sua bunda gorda." falou Chris, estendendo sua mão e esperando o dinheiro.

O gordo com o charuto contou o dinheiro tirado de seu bolso e entregou relutante. Reynolds levantou-se sem olhar para Chris. Ali não lutaria mais, teria de trapacear em outro local.

No ringue ao lado, um novo pugilista com corte militar cumprimentou Miller ao acaso.

*Miller*

"Testando." disse Miller, já em sua casa, ao gravador em sua frente. Ele rebobinou a fita e ouviu sua voz, com nitidez suficiente.

"Não tenho mais paciência para escrever em papéis o que está acontecendo. Então vou gravar aqui meu testemunho antes que eu enlouqueça."

Ele tomou um grande gole de sua vodca.

"A conexão OVNI e suicídios não é mera coincidência. 86% nas contas são bem convincentes. O problema está na teoria, ou a falta dela. Não temos evidências posteriores e muito menos algum *modus operandi* conhecido, somente mortes sem sentido. Em 60% dos casos, a vítima – sim, a vítima, tenho certeza disso senão já tinha voltado para casa –, é de classe alta. Isto sugere alguma predisposição. Outra estatística: não temos casos com pessoas acima dos vinte e oito anos de idade. Todos morrem cedo."



Miller coça seus olhos.

Estava a dois dias sem dormir direito.

"Nos registros de OVNI, misturam-se abduções e o comum testemunho sobre a observação de pontos de luz. Discos são raros, algo em torno de 10%. Os discos são sempre enormes, quando aparecem."

Ele espera um pouco, e olha desconfiado para a janela.

"O que acho que seja mais próximo da verdade. Foi assim comigo."

Miller pára o gravador, volta e começa a gravar sobre o que ele disse, apagando sua última fala. Pegou outra fita com o dizer "OVNI" e colocou no gravador. Ouviu o último trecho onde se ouvia falando que iria na convenção próxima.

Chris apertou o botão de gravar e falou.

"Sobre o simpósio de ufologia: um desastre. Tudo especulativo. As descrições de abduções são o pior. Eu não tenho como descrever o horror. Não pode ser verdade esta merda toda. Este pessoal gosta de uma platéia, e muitos vendiam seus livros também."

Ele se silencia, fuma um cigarro, olha o movimento abaixo na rua: "Porém, um deles me convenceu. Não disse nome, nem nada. Falou pouco. Tinha ares de milico, dava pra ver pelo jeito truncado de falar e andar. Disse que era *número 11*. Começou falando sobre monitoração das pessoas, e de que os ETs podiam controlar qualquer um a hora que quisessem. Algumas pessoas deram risada, o organizador pediu silêncio, foi uma merda. Ele ficou irado e saiu da sessão. Aquele cara... ele tinha raiva verdadeira. Eu."

Miller olha para a sua arma na mesa.

"Eu conheço essa raiva. O segui por dois dias. Já sei quais locais onde ele vai, e tenho seu endereço. Viciado em pó também. Talvez esta seja a hora de fazer uma visita."

Miller coloca o papel do endereço um pouco amassado em suas calças, e vira o copo em um só gole. "Faço isso por você, Robert. Algum filho da puta vai pagar, nem que eu tenha de buscá-lo no inferno." Ele coloca sua mão na cabeça. "Preciso... estar mais sóbrio." Chris pega duas aspirinas fortes e as engole com o restinho do copo.

Encostou-se no sofá e dormiu umas boas quatro horas. Ao acordar, percebeu que estava usando uma de suas luvas.

*SEP*

Postergando mais um pouco o interrogatório com seu suspeito, Miller voltou ao clube pressentindo que hoje seria como nos velhos tempos de dureza; sem vencedores — só os quebrados e vencidos pelo mundo. Depois de amarrar sua luva com muita calma, sentou-se no banco e começou a ver as duas lutas que aconteciam em sua frente, enquanto sua mente distanciava-se dali e encontrava-se com os olhos de um menino e um revólver, girando...

*(muito obrigado... Sr. Miller)*

...e apontando para ele.

"Sabe, você parece um velho durão para mim."

Era o cara novo. Devia trabalhar em um açougue carregando carne, pelo tamanho de suas costas. Provavelmente teria quase sua idade, talvez uns cinco anos menos. Corte de cabelo curto, de máquina, parecendo querer esconder uma calvície precoce. A velha e



besta vontade de jogar tudo para o alto e apostar todas as fichas brilhou nos dentes de Chris. Perdendo ou ganhando, o que importa era pelo menos tirar um pouco de sangue do outro, e isso Chris sabia como fazer.

O homem então se apresentou, virando o rosto rápido e cuspidno no chão: "Hober."

"Chris."

"Vi você bater aquele gorducho outro dia."

Chris olhou um pouco melhor o homem grande ao seu lado, que continuou falando: "Na marinha eu escolhia muito mal. Mas lá era outro tipo de boxe. Dizem que a fúria é que faz a diferença, mas eu vi uns filhos da mãe lutarem até deslocar a retina, por um mês a mais de soldo. Dinheiro é o melhor amigo do homem, pode-se dizer isso com todas as letras e putas do mundo," falou Hober.

Um pequeno silêncio entre eles foi preenchido por golpes surdos e um arrastar de pés no chão. Hober olhava frio a luta enquanto Chris coçava a cabeça e pensava quantos *rounds* poderia agüentar empurrando toda sua idade nas costas.

Hober propôs enquanto fumava um cigarro com a outra mão sem luvas: "Quatro *rounds*."

Aquele cara ao lado parecia que podia quebrar a sua cara em dois, mas Miller concordou em seguida. Sentia uma crescente necessidade de ver até onde conseguiria ir.

Chris então falou, reunindo tudo que tinha de podre na cabeça para em breve libertar sua angústia de uma só vez: "Somos os próximos."

*III*

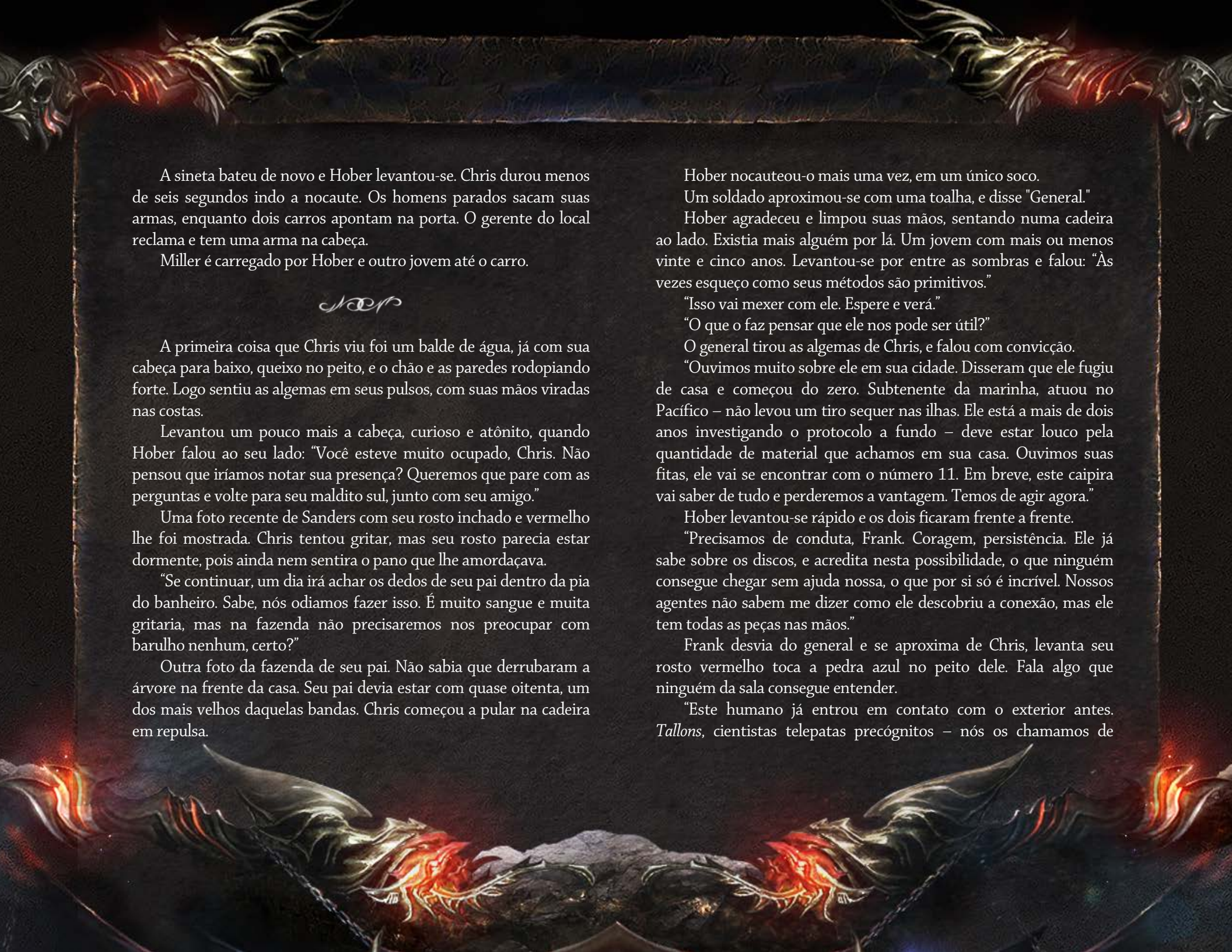
Desde o primeiro golpe recebido de Hober, Miller soube que estava acabado. Lembrou-se de marginais que colocavam dois anéis mais grossos nos dedos para um soco mais forte, mas você sabe na pele sempre a diferença quando não existe trapaça e é a coisa verdadeira. Rápido e usando todos os músculos, começando pelo quadril que girava até sua direção, passando aquela energia até o ombro, onde o cotovelo abria-se como uma máquina, transferindo todo o impacto até os dedos apertados na luva, que por sua vez encaixava uma direita no rosto de Chris. No fim do primeiro round, Miller já estava quase esgotando todos seus truques, praticamente só na defesa. Além disso, havia os olhares do outro ao relógio. Um alerta na cabeça já vacilante de Chris piscava um tanto esquecido. Conforme seus olhos viam Hober a lhe acertar fortes seqüências, quase o levando ao chão, via também algumas pessoas diferentes na platéia. Mesmo corte militar de cabelo escondido sobre bonés e gorros.

A sineta bateu e os dois foram cada um ao seu canto. Hober simplesmente sentou-se, ofegando um pouco como se tivesse feito uma volta correndo na quadra. Chris, por outro lado, tinha o lábio inferior cortado e dores abdominais fortes, tonto e cansado.

Agora, com mais calma, dava um pouco mais de atenção à platéia. Olhares desviaram quando Chris os encarou. Eram quatro. Todos eles de braços cruzados e um deles tinha seus pés apontando para a saída, com a cabeça mais virada.

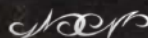
*Esses caras não estão vendo a luta, pensou Chris.*





A sineta bateu de novo e Hober levantou-se. Chris durou menos de seis segundos indo a nocaute. Os homens parados sacam suas armas, enquanto dois carros apontam na porta. O gerente do local reclama e tem uma arma na cabeça.

Miller é carregado por Hober e outro jovem até o carro.



A primeira coisa que Chris viu foi um balde de água, já com sua cabeça para baixo, queixo no peito, e o chão e as paredes rodopiando forte. Logo senti as algemas em seus pulsos, com suas mãos viradas nas costas.

Levantou um pouco mais a cabeça, curioso e atônito, quando Hober falou ao seu lado: “Você esteve muito ocupado, Chris. Não pensou que iríamos notar sua presença? Queremos que pare com as perguntas e volte para seu maldito sul, junto com seu amigo.”

Uma foto recente de Sanders com seu rosto inchado e vermelho lhe foi mostrada. Chris tentou gritar, mas seu rosto parecia estar dormente, pois ainda nem sentira o pano que lhe amordaçava.

“Se continuar, um dia irá achar os dedos de seu pai dentro da pia do banheiro. Sabe, nós odiamos fazer isso. É muito sangue e muita gritaria, mas na fazenda não precisaremos nos preocupar com barulho nenhum, certo?”

Outra foto da fazenda de seu pai. Não sabia que derrubaram a árvore na frente da casa. Seu pai devia estar com quase oitenta, um dos mais velhos daquelas bandas. Chris começou a pular na cadeira em repulsa.

Hober nocauteou-o mais uma vez, em um único soco.

Um soldado aproximou-se com uma toalha, e disse “General.”

Hober agradeceu e limpou suas mãos, sentando numa cadeira ao lado. Existia mais alguém por lá. Um jovem com mais ou menos vinte e cinco anos. Levantou-se por entre as sombras e falou: “Às vezes esqueço como seus métodos são primitivos.”

“Isso vai mexer com ele. Espere e verá.”

“O que o faz pensar que ele nos pode ser útil?”

O general tirou as algemas de Chris, e falou com convicção.

“Ouvimos muito sobre ele em sua cidade. Disseram que ele fugiu de casa e começou do zero. Subtenente da marinha, atuou no Pacífico – não levou um tiro sequer nas ilhas. Ele está a mais de dois anos investigando o protocolo a fundo – deve estar louco pela quantidade de material que achamos em sua casa. Ouvimos suas fitas, ele vai se encontrar com o número 11. Em breve, este caipira vai saber de tudo e perderemos a vantagem. Temos de agir agora.”

Hober levantou-se rápido e os dois ficaram frente a frente.

“Precisamos de conduta, Frank. Coragem, persistência. Ele já sabe sobre os discos, e acredita nesta possibilidade, o que ninguém consegue chegar sem ajuda nossa, o que por si só é incrível. Nossos agentes não sabem me dizer como ele descobriu a conexão, mas ele tem todas as peças nas mãos.”

Frank desvia do general e se aproxima de Chris, levanta seu rosto vermelho toca a pedra azul no peito dele. Fala algo que ninguém da sala consegue entender.

“Este humano já entrou em contato com o exterior antes. Tallons, cientistas telepatas precógnitos – nós os chamamos de



sentinelas. Muito acima de nós na folha de pagamento. Tudo o que este homem fez até hoje foi previsto por eles, até esta mesma sala. A pedra azul é uma recomendação de valor após avaliação completa do indivíduo até aqui. É assim que eles se comunicam conosco. Bom, isto muda nossos planos imediata-mente."

Frank dirigiu-se lentamente à porta enquanto acendia mais um cigarro, e falou, quase como um deboche: "Sobre o caso Deveraux: mais sorte na próxima vez."

"Tire esse miserável de minha vista." disse Hober aos dois soldados de escolta.

Um médico aplica uma injeção em Miller, ainda desacordado.

"Não nos decepcione, Chris." falou Hober.

***Los Angeles,  
Dezembro 1968***

Chris acorda lentamente em seu apartamento. Com sua mão, ele apalpa bandagens em seu supercílio esquerdo. Ainda de olhos fechados, percebe-se com as roupas que usava antes de ter começado a luta.


*Desgraçados!*

Ele senta na cama. Seu apartamento foi completamente saqueado, e sua investigação removida da parede. Miller cospe sangue no chão em repulsa. Levanta-se, e vai até a geladeira. Ficou um bom tempo olhando ao redor, e com um pano e gelo fez uma trouxa e a colocou no rosto, que ardia intensamente.

Um pensamento rápido lhe acometeu, e ele correu até o seu armário, buscando suas calças e jaquetas, revirando os bolsos para fora e jogando o conteúdo no chão. Achou um endereço rasgado em uma calça.

*Este filho da puta é meu*, pensou Chris. Embaixo da gaveta de cuecas e segura por um esparadrapo, estava sua pistola reserva e dois pentes cheios. Miller se vestiu rapidamente com uma jaqueta preta, onde colocou sua arma num bolso interno. Com um óculos escuros escondeu os dois roxos em seus olhos e saiu de casa, batendo a porta com violência.





Dentro de uma van preta, Hober tinha visão completa da rua e comércio. Com óculos amarelos de precisão, ele ajustou mais uma vez a luneta de seu rifle de longo alcance, acertando a distância.

O motorista da van, que usava binóculos, falou rápido: “Alvo em movimento, subindo a rua.”

“Qual deles?” perguntou Hober.

“Onze. Sozinho.”

“Dê a volta na quadra. Reagrupem.” disse Hober ao rádio.




Chris saiu do apartamento número 201 sem nenhuma pista. Não havia nada lá, somente revistas de sacanagem, muito uísque e uma quantidade de cocaína suficiente para muitas pessoas farrearem o mês inteiro.

Desceu a escada devagar. Deveria comer alguma coisa, mas sua mente não descansaria tão cedo enquanto não falasse com o outro, então ele ignorou tudo. Engoliu uma aspirina de dentro de um frasco na jaqueta.

*Esses caras nunca vão muito longe de suas drogas.*

Ao sair do prédio, Miller, mesmo de óculos escuros, sentiu o sol da rua. Aquele calor seco já o enervava, e ele se sentiu cansado, muito cansado.



César Betancourt, ou mais conhecido como número 11, entrou no café a meia quadra de seu apartamento. Nervoso, comprou um sanduíche duplo e sentou-se ao lado da porta, olhando para todos os lados. Estava em abstinência, pois sabia que não podia voltar para o esconderijo. Conhecia os métodos da agência, e percebera as mínimas mudanças nas suas coisas. O último telefonema com os russos fora um fracasso total. Mordeu duas vezes no sanduíche. Enquanto mastigava, olhava para a rua pela janela desconfiado. Era hora de sumir, e ele detestava ter de recomeçar mais uma vez, mas era inevitável pelas circunstâncias.

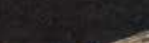
Miller entrou apressado dentro do café e sentou-se na frente dele. César encolheu-se, e como não tinha uma arma, sorrateiramente escorregou uma pequena faca para o lado externo de sua perna.

“Olá.” disse Chris ajeitando seus óculos.

César sorriu. De maneira nenhuma aquele ali seria um agente. Tinha o visto em uma das reuniões frustradas dos ufólogos em um lapso seu de consciência. Tentou contar o que sabia, pois tinha muitos esqueletos no armário. Servira apenas de piada para os paranóicos de plantão, mas ele ao menos tentara, e isso lhe bastava para dormir um pouco mais tranquilo.

“Oh, sim. Você estava na porcaria da reunião.” disse o agente onze, ainda mastigando olhando para rua, mas manteve a faca pronto para agir.

A mesma van passou novamente na rua e os olhos treinados de





César viram com facilidade uma placa manjada de outro estado. Ele engoliu tudo em uma só vez, e sentiu um suor frio correr por si.

"História interessante a sua." perguntou Miller, tentando iniciar uma conversa.

"Você sabe, sou um homem morto. E os mortos falam merdas sem parar."

"Você me parece muito vivo de onde eu estou." retrucou Chris.

"O que você quer?"

"A verdade. Não a desinformação que você vem falando."

"Você parece morto também. Pelo visto, conheceu a agência."

Miller tirou os óculos, abriu sua jaqueta exibindo a arma.

César não se impressionou.

"Sabe, eles mentem demais. E quando você já está lá operando, até os joelhos dentro da merda, a verdade finalmente aparece e você percebe que não tem mais volta. Nós não somos nada, cara. Essa é a sua merda de verdade."

César pediu um cigarro e Chris passou um para ele.

"Existem apenas três operativos hoje em dia. Um na Europa, dois aqui nos estados. Antes eram cinco. *Eles* estão contra-atacando e estamos tomando merda direto na cara. Eu não acho que temos recursos para toda a porcaria."

Miller apertava seus dentes, sem entender muita coisa, mas sabia que tudo o que o outro dizia era verdade pelos seus olhos, parecidos com os de Sander em Douglas ao mencionarem OVNIS em sua casa.

César se aproximou e falou baixinho: "O próximo passo é evidente. Vão usar a tecnologia como operativo. Eu não quero isso,

não senhor. Pro inferno com o protocolo novo. Agente de campo, o cacete: esta mente é minha, e pronto!" disse Cezar tocando diversas vezes sua têmpora com o dedo.

O agente fumou seu cigarro observando Chris, que não compreendia nada.

"Você..." começou Cezar a falar.

A janela em frente a eles estoura, e a cabeça de César cai na mesa, com um buraco vermelho onde era seu olho esquerdo. As pessoas ao lado gritam histericamente, e o casal ao lado fica sujo com sangue e massa encefálica do outro agente.

Miller se agacha ao chão, enquanto todos correm dali.

"*Agente 11 neutralizado*" disse o rádio.

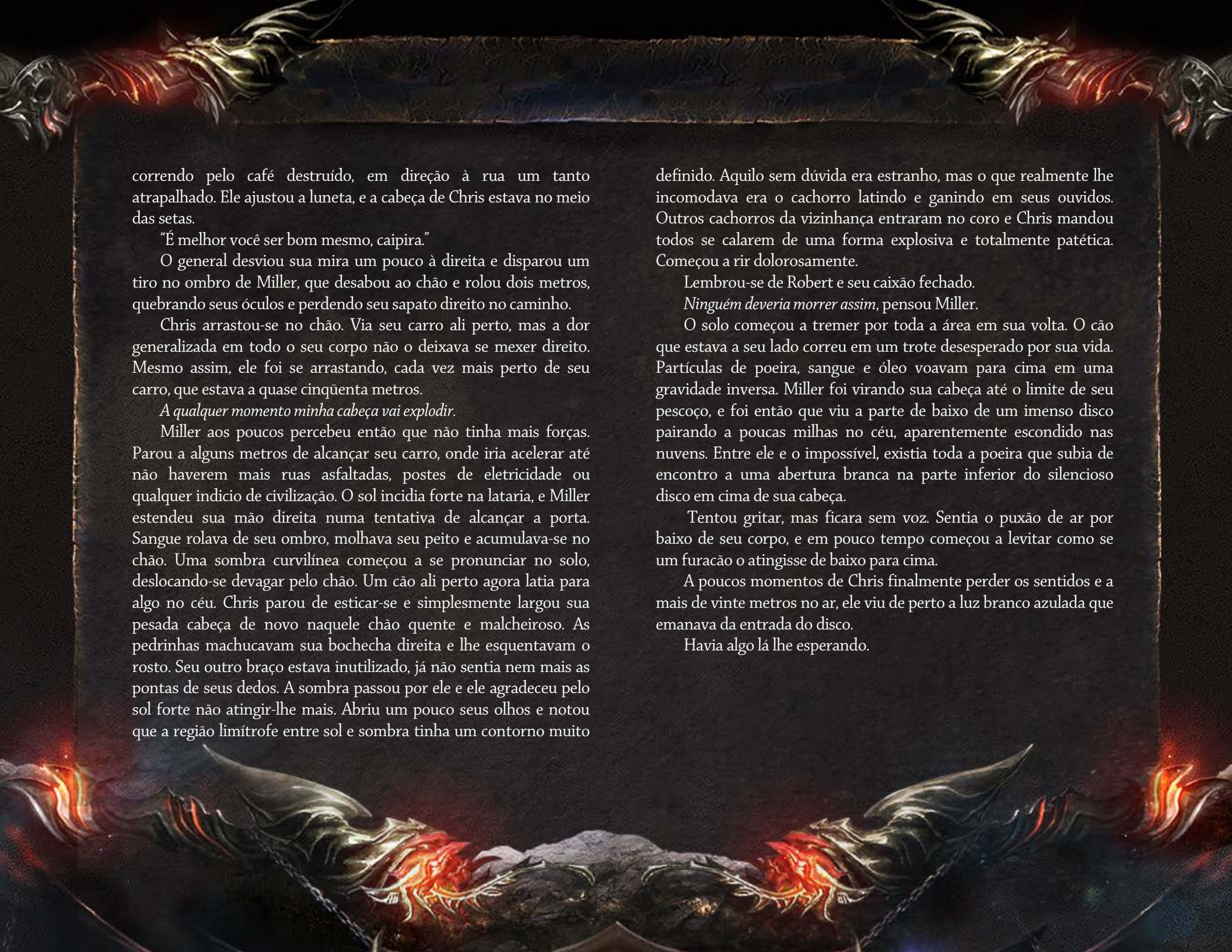
"Faça o novo agente sair. Somente dano material!" gritou Hober re-ajustando seu rifle para longa distância.

Chris ouviu uma nova rajada de tiros, e os letreiros do café explodiram em milhares de pedaços. A maioria do pessoal já tinha saído correndo, mas Miller se apoiava no chão do balcão das bebidas, de arma em punho.

"Merda!" gritou Chris, enquanto olhava mais uma vez ao agente morto. Se tudo o que ele disse era convenção era mesmo verdade, então era tudo uma loucura insana. Uma piada de extremo mau gosto. Sua mente gritava em fúria. Não haveria nada a fazer, e tudo que ele fizera até então iria para o lixo. Teria de fugir com o rabo entre as pernas, perdido e sem respostas.

Hober puxou e deslocou o cartucho vazio de seu rifle. Miller saiu





correndo pelo café destruído, em direção à rua um tanto atrapalhado. Ele ajustou a luneta, e a cabeça de Chris estava no meio das setas.

“É melhor você ser bom mesmo, caipira.”

O general desviou sua mira um pouco à direita e disparou um tiro no ombro de Miller, que desabou ao chão e rolou dois metros, quebrando seus óculos e perdendo seu sapato direito no caminho.

Chris arrastou-se no chão. Via seu carro ali perto, mas a dor generalizada em todo o seu corpo não o deixava se mexer direito. Mesmo assim, ele foi se arrastando, cada vez mais perto de seu carro, que estava a quase cinquenta metros.

*A qualquer momento minha cabeça vai explodir.*

Miller aos poucos percebeu então que não tinha mais forças. Parou a alguns metros de alcançar seu carro, onde iria acelerar até não haverem mais ruas asfaltadas, postes de eletricidade ou qualquer indicio de civilização. O sol incidia forte na lataria, e Miller estendeu sua mão direita numa tentativa de alcançar a porta. Sangue rolava de seu ombro, molhava seu peito e acumulava-se no chão. Uma sombra curvilínea começou a se pronunciar no solo, deslocando-se devagar pelo chão. Um cão ali perto agora latia para algo no céu. Chris parou de esticar-se e simplesmente largou sua pesada cabeça de novo naquele chão quente e malcheiroso. As pedrinhas machucavam sua bochecha direita e lhe esquentavam o rosto. Seu outro braço estava inutilizado, já não sentia nem mais as pontas de seus dedos. A sombra passou por ele e ele agradeceu pelo sol forte não atingir-lhe mais. Abriu um pouco seus olhos e notou que a região limítrofe entre sol e sombra tinha um contorno muito

definido. Aquilo sem dúvida era estranho, mas o que realmente lhe incomodava era o cachorro latindo e ganindo em seus ouvidos. Outros cachorros da vizinhança entraram no coro e Chris mandou todos se calarem de uma forma explosiva e totalmente patética. Começou a rir dolorosamente.

Lembrou-se de Robert e seu caixão fechado.

*Ninguém deveria morrer assim, pensou Miller.*

O solo começou a tremer por toda a área em sua volta. O cão que estava a seu lado correu em um trote desesperado por sua vida. Partículas de poeira, sangue e óleo voavam para cima em uma gravidade inversa. Miller foi virando sua cabeça até o limite de seu pescoço, e foi então que viu a parte de baixo de um imenso disco pairando a poucas milhas no céu, aparentemente escondido nas nuvens. Entre ele e o impossível, existia toda a poeira que subia de encontro a uma abertura branca na parte inferior do silencioso disco em cima de sua cabeça.

Tentou gritar, mas ficara sem voz. Sentia o puxão de ar por baixo de seu corpo, e em pouco tempo começou a levitar como se um furacão o atingisse de baixo para cima.

A poucos momentos de Chris finalmente perder os sentidos e a mais de vinte metros no ar, ele viu de perto a luz branco azulada que emanava da entrada do disco.

Havia algo lá lhe esperando.



**Fronteira com o México,  
Março 1969**

Benjamim dirigia enquanto seu irmão John tirava um cochilo despreocupado no banco do carona. Eram as primeiras férias dos irmãos, depois de terem entrado na faculdade. John cursava engenharia mecânica e Ben ainda não sabia se o curso de medicina fora uma escolha sensata. Nos últimos meses entediara-se até o limite onde entendia por saudável. Em sua cabeça, talvez a única coisa boa que tinha lhe acontecido fora ter comprado um novíssimo Ford T-Bird, para cruzar o deserto rumo ao pacífico com seu irmão.

Devido ao entusiasmo de seu irmão John, Ben comprara aquele carro (cor *laguna blue*, última moda) para também entender um pouco daquela paixão. John mudara-se e há dois anos estava morando em seu próprio apartamento, deixando Ben com sua mãe que envelhecia a passos largos.

Encontravam-se nos fins de semana, e nos últimos anos aproveitavam o tempo assistindo as corridas no autódromo da cidade. John revelara-se um ótimo piloto de corridas e tirara terceiro lugar em uma competição amadora. Trazia na mala do carro seu capacete e a esperança de ganhar algo no torneio de San Diego, última parada dos dois.

O deserto durante a viagem tornava-se algo espetacular. Não havia tradução boa o suficiente, mesmo a partir das fotos que eles tinham visto antes de começarem sua aventura. As conversas intermináveis de sua infância, que haviam se perdido nos estudos,

namoradas e eventos sociais da família, voltaram como se ambos tivessem dez anos de novo. Para Ben, o que antes fora o passar enjoado do tempo, agora se transformava em uma experiência de descobrimento a cada cidade perdida que eles passavam. O cheiro do deserto, do asfalto, do couro aquecendo-se ao sol, da cerveja, mulheres e loções de bronzamento ficaria para sempre na lembrança daquela viagem — além de seus novos chapéus de vaqueiros.

O carro já estava quase sem gasolina e a fome de Ben incomodava. Ele esperou que passasse por um daqueles postos com restaurantes, onde comeria uns bons ovos mexidos com o filé mais grosso que seu dinheiro pudesse comprar. John mexeu-se no assento, e tocou na aba da frente de seu chapéu, ajustando ao sol forte.

Ben colocou a seta para direita e foi procurando uma vaga no *Joe's Gas and Dinner*. O restaurante era igual a quase todos os outros que eles tinham ido — um bar de cozinha aberta, com balcão largo para os desacompanhados e mesas colocadas perto das janelas, para quem quisesse comer com mais pessoas ou a família. Os bancos eram muito confortáveis, convidando as pessoas para ficarem mais tempo. A chapa dos grelhados ficava à mostra, para os clientes ouvirem seus os bifes tostarem e os indecisos serem influenciados pelo cheiro de carne sendo feita na hora. Em cima do caixa, estava um quadro com os dizeres *NUNCA venderemos fiado* talhados em madeira.

John puxou mais um cigarro de sua carteira e o acendeu com uma caixa de fósforos com o nome do bar. Seu irmão comia feito um



presidiário que acabara de ser solto.

“Como está a mãe?” perguntou John.

Ben parou um pouco sua batalha com os ovos e arroz, colocando um dedo em sua boca por um momento.

“Gostava mais quando a gente só se via nos almoços. A velha não dá descanso.”

John tragou seu cigarro e soltou uma baforada para o lado.

“Não esqueça que existe sempre o telefone. Juro que é umas duas ou três vezes por semana que tenho de dizer o que têm na geladeira ou como vai minha carreira. Nem sempre nesta ordem.”

John olhou um pouco pela janela e então soltou uma risada alta, fazendo Ben parar de comer e perguntar: “O que foi?”

“Me lembrei uma vez que ela teve, como se diz mesmo? Um surto. A gente ia para uma corrida de cavalos e ela voltou sete vezes para ver se tínhamos desligado tudo que era elétrico. Sete vezes! Cara... inacreditável.”

Ben deu uma risada junto. No início os dois tinham achado aquilo mais uma maluquice de sua mãe, mas o que os seguintes anos comprovaram foi uma esclerose precoce que poderia tornar-se uma manifestação de Alzheimer. Ben já sabia disso há mais tempo, por causa da faculdade, mas não iria contar a seu irmão neste momento, e nem tão cedo se tudo desse certo. Apesar das loucuras, se sua mãe não lhe ligasse, John ligaria. E ambos sabiam muito bem disso.

Ben ficou sério, mas John continuou sua risada.

“Você, Ben, futuro médico da família, também teve suas parcelas de loucuras. Ou você acha que eu esqueci o que você estava fazendo com a nova empregadinha na biblioteca?”

“Isso foi a um tempão atrás” desconversou Ben, que agora apertava seu bife com o garfo sem o menor entusiasmo.

“Ora, o que foi? Vamos lá, diga-me algo maluco que eu tenha feito.” perguntou John.

Ben olhava agora para a janela agora como se o inverno tivesse chegado e lá fora tudo estivesse cinzento e chuvoso. Algo subiu do estomago de Benjamim e fez um nó em sua garganta. O jovem engoliu demoradamente o que estava comendo, junto com um longo suspiro.

“O que foi?” perguntou John, enquanto seu irmão estava um tanto desconfiado, cuja expressão ficara muito séria e triste rapidamente.

*John*

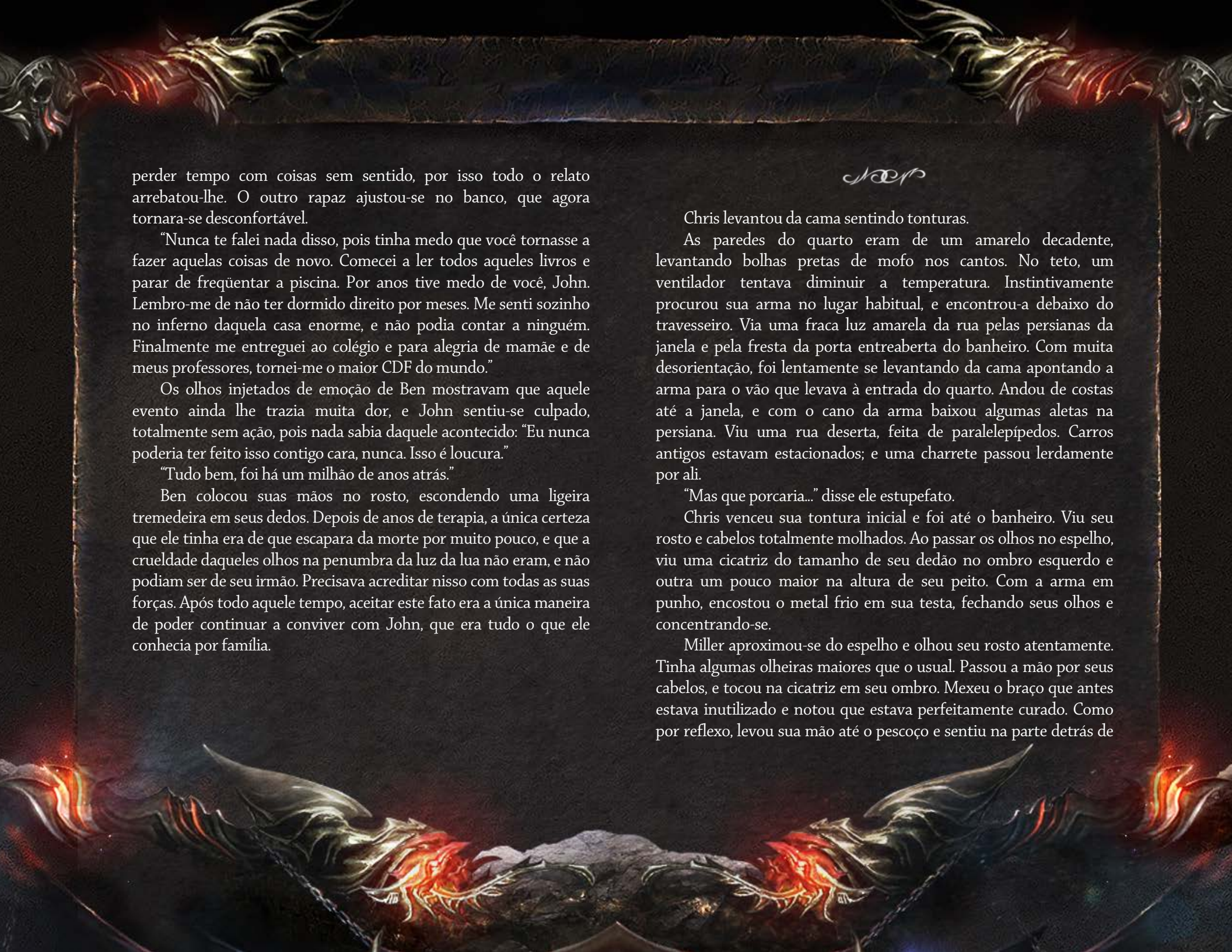
O irmão mais novo nem tentou segurar, pois aquilo lhe estava engasgado em sua garganta há muito tempo, e nem cinco anos de terapia conseguiram diminuir a intensidade do acontecido. Começou a falar, em princípio em uma voz calculada, mas conforme as lembranças vinham com as associações, ele falava cada vez mais rápido. John só pôde cruzar seus braços e ouvir o relato nervoso de seu irmão sobre a vez que ele quase o matou com uma face de completa estupefação.

Depois de Ben silenciar-se, John falou muito sério e triste.

“Eu tentei... te matar? É isso mesmo? Te esganar no meio da noite?”

Uma coisa que John sabia era que Ben não era de mentir ou de





perder tempo com coisas sem sentido, por isso todo o relato arrebatou-lhe. O outro rapaz ajustou-se no banco, que agora tornara-se desconfortável.

“Nunca te falei nada disso, pois tinha medo que você tornasse a fazer aquelas coisas de novo. Comecei a ler todos aqueles livros e parar de freqüentar a piscina. Por anos tive medo de você, John. Lembro-me de não ter dormido direito por meses. Me senti sozinho no inferno daquela casa enorme, e não podia contar a ninguém. Finalmente me entreguei ao colégio e para alegria de mamãe e de meus professores, tornei-me o maior CDF do mundo.”

Os olhos injetados de emoção de Ben mostravam que aquele evento ainda lhe trazia muita dor, e John sentiu-se culpado, totalmente sem ação, pois nada sabia daquele acontecido: “Eu nunca poderia ter feito isso contigo cara, nunca. Isso é loucura.”

“Tudo bem, foi há um milhão de anos atrás.”

Ben colocou suas mãos no rosto, escondendo uma ligeira tremedeira em seus dedos. Depois de anos de terapia, a única certeza que ele tinha era de que escapara da morte por muito pouco, e que a crueldade daqueles olhos na penumbra da luz da lua não eram, e não podiam ser de seu irmão. Precisava acreditar nisso com todas as suas forças. Após todo aquele tempo, aceitar este fato era a única maneira de poder continuar a conviver com John, que era tudo o que ele conhecia por família.

*JP*

Chris levantou da cama sentindo tonturas.

As paredes do quarto eram de um amarelo decadente, levantando bolhas pretas de mofo nos cantos. No teto, um ventilador tentava diminuir a temperatura. Instintivamente procurou sua arma no lugar habitual, e encontrou-a debaixo do travesseiro. Via uma fraca luz amarela da rua pelas persianas da janela e pela fresta da porta entreaberta do banheiro. Com muita desorientação, foi lentamente se levantando da cama apontando a arma para o vão que levava à entrada do quarto. Andou de costas até a janela, e com o cano da arma baixou algumas aletas na persiana. Viu uma rua deserta, feita de paralelepípedos. Carros antigos estavam estacionados; e uma charrete passou lerdamente por ali.

“Mas que porcaria...” disse ele estupefato.

Chris venceu sua tontura inicial e foi até o banheiro. Viu seu rosto e cabelos totalmente molhados. Ao passar os olhos no espelho, viu uma cicatriz do tamanho de seu dedão no ombro esquerdo e outra um pouco maior na altura de seu peito. Com a arma em punho, encostou o metal frio em sua testa, fechando seus olhos e concentrando-se.

Miller aproximou-se do espelho e olhou seu rosto atentamente. Tinha algumas olheiras maiores que o usual. Passou a mão por seus cabelos, e tocou na cicatriz em seu ombro. Mexeu o braço que antes estava inutilizado e notou que estava perfeitamente curado. Como por reflexo, levou sua mão até o pescoço e sentiu na parte detrás de



sua nuca uma saliência, como se houvesse algo inchado por ali.

*Como vim parar aqui?* perguntou-se Chris.

Um sinal forte como um alarme de carro tocou uma vez. Muito desconfiado, Miller voltou-se para o quarto. Houve mais um toque. Chris empunhou sua arma e foi se esgueirando, conferindo todos os lados. Notou que sua roupa estava espalhada na cadeira à frente. Outro toque. Era estranho, mas Chris podia jurar que aquele som também ecoava em seus ouvidos de forma esquisita.

*"Que merda é essa agora?"* disse ele para o silêncio do quarto.

A atenção de Miller agora se voltava a algumas cores que piscavam de dentro de seu casaco pendurado a um cabide, perto do pequeno rádio mexicano em cima da mesinha. Chris foi até a cadeira, vestiu seu short branco e aproximou-se do cabide com uma expressão séria. Outro toque, agora mais claro. Notou o volume dentro do bolso do casaco. Bateu com sua arma no que lhe parecia ser uma pequena bola de beisebol, mas que era dura como uma granada. Sem pensar muito, tirou aquilo de lá. Coube perfeitamente em sua mão, e quando o alarme tocou novamente, a coisa abriu-se de dentro para fora, revelando um mostrador com números e uma seta que apontava para a janela. Aquele metal era de um polimento muito perfeito, e as peças eram de uma precisão tal que qualquer um notaria que aquilo não fora deixado por acaso dentro do bolso de seu casaco.

*"Doze minutos"*, disse uma voz por todos os lados.

Miller assustou-se e voltou sua arma para a porta. Olhou desconfiado para o rádio na mesinha à frente, mas não tinha volume e não parecia estar conectado à tomada. Viu mais uma vez o orbe em

sua mão e notou que existia um contador ali informando onze minutos e quarenta e sete segundos. Rapidamente colocou sua camisa, mantendo a coisa sob suas vistas. Conforme caminhava com aquilo em sua mão, notou que a seta dentro dele girava sempre apontando para um mesmo local. Antes de abrir a porta para sair do quarto, achou um jornal local largado sobre a mesinha com um pequeno abajur.

Pegou o jornal e com um dedo trêmulo tentou ler a primeira página: *"D-Dez de... Março!"*

Aparentemente, tinha ficado um mês dormindo naquele lugar. O orbe tremeu em sua mão. Já tinha menos de dez minutos, segundo a leitura no estranho objeto. Abriu a porta com velocidade e correu pelo corredor, alcançando a escada. Ao chegar ao térreo do hotel, um zelador dormia descansado em sua cadeira enquanto o radinho tocava uma música típica de fronteira. Um dia já soubera um pouco de espanhol, e tentou falar uma coisa tocando com urgência no ombro do homem que fedia a cigarro.

*"Ola...."*

O homem assustou-se e ajustou-se na cadeira.

*"Perdón, estaba a dormir..."*

*"No problema.. Donde esta..."*

Tinha se esquecido de como se falava a palavra certa e então fez a mímica com as duas mãos girando um volante invisível. Com agilidade, o porteiro lhe jogou seu conhecido molho de chaves e fez um sinal que tinha de ir pela porta de trás. O objeto emitiu mais um toque, e Miller o escondeu em sua calça. O porteiro já mexia em seu radinho e sintonizava em outra rádio.



Chris abriu a porta do estacionamento e viu seu *Bel Air*. Entrou no carro, passou a mão pelo guidão sentindo nova-mente seu cheiro característico.

Largou com certa apreensão o orbe em cima do painel.

“Isso aqui parece... Uma bússola?”

Entre dialogar mais um pouco com o porteiro verificando como ele sabia seu nome e seguir para onde aquela seta apontava, decidiu pelo o último.

O motor ligou como se ainda estivesse aquecido, porém Chris não sabia que ele mesmo tinha usado o carro no dia anterior.



Pelas escuras e mal iluminadas ruas do México, Chris seguiu a seta, que nem sempre correspondia com as curvas e retas das quadras. Notou que a cor da seta saía do branco para tornar-se de um verde claro, e logo após começar a piscar. Por dois quarteirões, a frequência com que a seta piscava aumentava e agora ele via movimentação na rua, com alguns bares e pessoas dentro de seus carros fumando cigarros e dividindo garrafas de bebidas. Naquele local, o orbe fechou-se se tornando-se uma bola de aço. Chris encostou o carro na calçada e ficou segurando o objeto em suas mãos, sentindo seu peso leve. Por fim, devolveu-o ao painel e deixou seu corpo recostar-se no banco.

Dor. Rápida como o espetar de uma agulha, entrava por seu pescoço e invadia todos os poros da sua pele. Quis gritar por ajuda, mas sua língua estava mole e fofa. Em momentos, a dor foi

desaparecendo, mas percebeu-se paralisado, conseguindo mover somente seus olhos em pânico.

Um homem loiro, vestindo um terno bege e um chapéu de vaqueiro branco o aguardava pela janela do outro lado. Com um gesto seguro e tranquilo, abriu a porta e sentou-se ao lado de Chris. Após alguns instantes de puro horror para Chris, o homem falou com um sotaque que lhe parecia de algum país sul-americano.

“Isto é para seu próprio bem, Sr. Miller.” disse Frank.

Pelo canto de seu olho, ele viu o sorriso maroto daquele moço, que já conduzia um cigarro à sua boca. Tentou falar alguma coisa, mas a única coisa que fez foi tremer sua boca e babar um pouco, molhando sua camisa.

“Se você não chamar atenção, poderemos conversar. Saiba que posso deixá-lo aqui desta maneira por muito tempo, mas, infelizmente, tempo é uma coisa da qual não disponho.”

Não esperando alguma resposta, o homem estranho puxou um lenço e limpou a boca de Chris que salivava bastante.

“Me chame de Frank.”

Miller sentiu um formigamento passando-lhe por seu pescoço e então pode mexer sua língua novamente. Virou seu rosto, e, em um pânico contido, conseguiu dizer, tremendo seu lábio inferior de forma quase espasmódica: “O quê está acontecendo comigo?”

Os músculos nos braços de Chris simplesmente não respondiam. O jovem continuou a fumar, mas com seu dedo apontado ao outro falou de uma maneira enigmática: “Sabe, a verdade sempre esteve ao seu alcance; esteve diretamente em sua cara, da mesma maneira que estou conversando aqui com você.”



O estranho homem trouxe mais um pouco, girando seu pescoço e mostrando-lhe a parte de trás da cabeça com uma pequena cicatriz logo abaixo dos cabelos da nuca.

“Isto se chama *desígnio*. Através disto podemos controlar qualquer um a uma distância segura.”

O homem de terno então apagou seu cigarro no painel, mudando de posição, ficando encostado com suas costas à porta do passageiro sentando-se de pernas cruzadas no banco. Sua expressão de divertimento sumiu deixando lugar a uma face muito séria. Miller pensou automaticamente que estava a frente de algum caso de loucura aguda.

*Em breve este lunático vai acabar me mostrando o colar que fez com os dentes de sua mãe*, pensou Chris enraivecido.

Frank então falou pausadamente, parecendo ter escutado o que Miller pensara: “Embora você agora não acredite em mim, eu estou de seu lado. Vamos dizer que nós somos a inteligência (seu dedo indicava o teto do carro) e gostaria de acreditar que você possa ser nosso agente em campo.”

Frank fumou mais um pouco e ficou pensativo: “Existem coisas terríveis, muito miseráveis às quais venho perseguindo por... muito mais tempo que eu poderia imaginar. A conversa que estamos tendo aqui hoje, eu já fiz centenas de vezes, em mundos melhores ou piores que este. Depois de tanto tempo, também já não faz mais diferença.”

“Mundos? Ora rapaz, o que está falando?”

“Você já esqueceu ou quer muito esquecer?”

Frank pendeu sua cabeça um pouco para a esquerda, e o sorriso

maroto voltava ao canto de sua boca que mordida seu cigarro. Naquele instante memórias voltaram novamente como a ânsia de um mal-estar.

*Um disco pairando sobre ele, fazendo-o levitar.*

“Considere-se um dos poucos humanos que sabem de nossa existência. Seu amigo Hober é número 17 e você será o número 18. Tudo aquilo foi, digamos, a sua entrevista. Você viu um *Anthratti*, o que não é coisa ordinária; nem todos passam por isso. Um novo protocolo foi criado especialmente para você, não se sente grato?”

O silêncio tornou-se pesado entre os dois. Em frente ao carro, um jovem com uma garrafa na mão dá um tapa no rosto de uma mulher. Ela chora, com seus cabelos caindo ao rosto, segurando a bochecha e observando o outro ir embora num misto de pesar e frustração.

Frank assente com sua cabeça ao ver aquilo.

*“O desígnio revela-se quase sempre com morte.”*

Chris tremeu por todo seu corpo.

“Me deixe ir embora... e leve esta... porcaria com você.”

*“Mundos como o seu são o terreno das possibilidades.”*

“Voltarei para casa e morrerei recluso e em sigilo absoluto. Você têm minha palavra.”

*“Muitos mundos. Milhares de desígnios.”*

“Droga, você não está ouvindo o que estou lhe dizendo!”

O homem que estava em sua frente (um dia fora um filho de fazendeiro antes da primeira guerra mundial) trouxe profundamente e proferiu as palavras entre os dentes.

“Eles alugam os corpos, Chris. Oferecem a psicopatas que tem



dinheiro e o estômago de os usarem para crimes hediondos. Você compreende tal crime?”

Frank aproximou-se de Chris.

“Piratas cobram pelo minuto. Imagine o que se pode fazer com um minuto dentro de um corpo designado. Tudo o que você quiser, sem nenhum limite. Se puder, é claro, pagar o preço.”

Miller engoliu em seco.

“Tudo feito à distância; o perfeito crime virtual. E eles vem fazendo isso a muito, muito tempo; e é claro, somente em mundos emergentes como o seu.”

Chris sentiu seu corpo voltar a si, e pôde mover-se no assento. Mexeu suas mãos e os dedos dos pés. Sentiu-se tonto, e algo se embrulhava em seu estômago. Rapidamente deu uma ré em seu carro e saiu dali, impelindo grande velocidade. Frank nada disse, apenas voltou ao seu assento, fumando seu cigarro de forma indiferente. Miller parou o carro perto de uma árvore, rapidamente desceu e pôs para fora tudo o que tinha no estômago. Quando achou que tudo tinha acabado, sentiu outra golfada vindo e sujou a calçada novamente junto com a ponta de seu sapato.

Tocou sua nuca, e o calombo estava lá.

*A coisa infernal está em minha cabeça!*

Miller voltou a sentar-se em seu carro, fechando a porta em um estrondo. Não olhou para o lado, onde viu pela fumaça no pára-brisa que o homem de terno já começava outro cigarro.

“Você não está realmente aqui... está lá (apontou para o teto do carro) são e salvo... não é isso?” disse Miller com desdém.

Frank balançou sua cabeça negativamente.

“No início desta tecnologia, uma das vítimas conseguiu revidar e matar aquele que o agredia, no caso o próprio desígnio. O criminoso conectado pode então ver a vida de seu desígnio passar por seus olhos, sentir todas as memórias e emoções que uma pessoa tem durante toda uma vida, em um curtíssimo espaço de tempo — algo tão poderoso e lúcido que nenhuma droga em todo o universo chegava aos pés.”

Frank olhou para Chris, que apertava-se todo na cadeira.

“A notícia espalhou-se rápido. Vieram os malditos colecionadores, e eles tinham milhares de vidas a escolher. De repente, os crimes virtuais reduziram-se a pó. Observam na máquina vidas inteiras como as das pessoas que você conhecia. Agradeça por estarmos aqui ajudando vocês, *Homo sapiens* ainda delirando em cima de seus próprios umbigos *sozinhos no universo*. Enquanto temos esta conversa, me é informado que outro crime foi cometido.”

O silêncio entre os dois durou alguns momentos. Chris, ainda com o gosto ácido em sua boca, deu-se conta de que não adiantava resistir. Entrara no jogo como uma peça, não como estrategista.

“Posso ler você e digo que está errado. Você continua vivo, pois nunca desistiu, em nenhum momento, de saber o que tinha acontecido. Responsabilidade requer coragem, a única maneira que conheço de justiça. Hober estava certo, ao menos esta vez.”

Depois de algum tempo, Frank continuou: “Esta é a verdade que você estava procurando! Estou tentando lhe dizer que é possível pegar os filhos da puta. Já capturamos muitos e tenho certeza que você desempenhará o *seu* próprio desígnio.”



Miller fechou seus olhos e segurava sua cabeça com ambas as mãos. Dentro de si alguma engenhoca deveria estar funcionando, remexendo dentro de seu cérebro, e isto lhe trazia calafrios.

“Como f-faremos?” perguntou Miller.

Frank tirou do bolso de seu paletó um fino colar negro com uma presilha diferente, algo que lhe pareceu um cristal incrustado no centro.

“Este é um *Jenntu*. Através dele, a transmissão pode ser copiada para nós, e nos revelará a localização exata da embarcação onde o sinal pirata está sendo enviado, e a assinatura digital do transgressor. Com isso, poderemos iniciar a captura e processar os envolvidos. A tecnologia deles precisa estar ao menos a dez milhas próxima de quem envia. Por isso quando um tipo de radiação se manifesta, podemos saber com certeza que, num raio desta mesma distância, algum crime deve estar sendo cometido.”

Chris falou em um tom de quase ironia.

“É preciso colocar isto no pescoço do indivíduo, tempo suficiente enquanto vocês vasculham por eles no céu?”

“Exatamente. Note como a fita aumenta quando você puxa.”

Chris puxou aquele estranho material e depois o soltou, ficando com ele muito apertado em sua mão. Frank então apertou o cristal naquele visor e o cordão se expandiu voltando à forma original.

“Tem sido feito desta maneira desde sempre. O colecionador não pode ver a coleira, senão ele não hesitará em cortar a conexão e fugir. Use-a com muita parcimônia!”

Miller colocou aquele artefato em seu bolso e olhava fixamente para frente. Frank o observava com cautela.

“Amanhã entraremos em contato.” disse Frank.

O homem de terno manejou o orbe e o entregou.

“Alertaremos você sobre qualquer atividade nesta área. Siga a seta, mantenha-se sóbrio. Pare de se punir, estamos lhe observando lá de cima e não vamos perder nosso investimento.”

Chris aproximou-se de Frank e em um movimento rápido abriu a porta com violência: “Cai fora da merda do meu carro.”

Frank nada disse. Levantou-se e caminhou para a escuridão da mata que existia ali perto. Miller virou seu rosto na outra direção quando uma forte luz branca apareceu em seu espelho retrovisor, levando o homem de terno de volta.



Era de manhã. Pelos desenhos na televisão, quase onze horas. Enquanto John saía do banheiro com a toalha molhada enrolada em sua cintura, Ben segurava o capacete de corrida dele, sentindo de longe o cheiro que vinha de seu interior.

“Você vai competir com o meu carro então?”

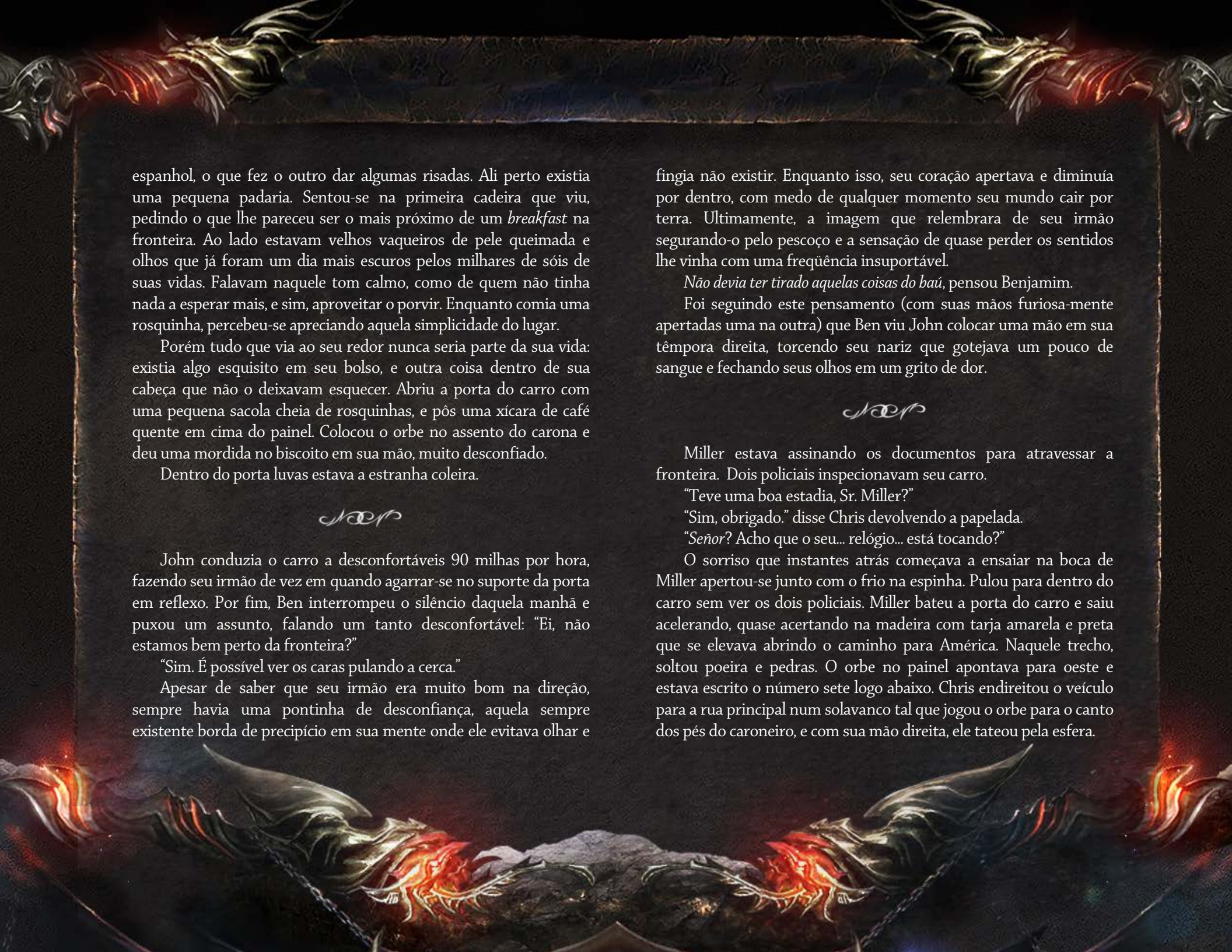
“Essa é a ideia. Talvez o devolva com rodas, prometo.”

Benjamin torceu o rosto numa careta de desaprovação.



Miller acordou de uma noite sem sonhos. Desceu as escadas devagar e calmamente. Enquanto pagava suas diárias, conversou um pouco com o porteiro daquele hotel de quinta categoria em seu fraco





espanhol, o que fez o outro dar algumas risadas. Ali perto existia uma pequena padaria. Sentou-se na primeira cadeira que viu, pedindo o que lhe pareceu ser o mais próximo de um *breakfast* na fronteira. Ao lado estavam velhos vaqueiros de pele queimada e olhos que já foram um dia mais escuros pelos milhares de sóis de suas vidas. Falavam naquele tom calmo, como de quem não tinha nada a esperar mais, e sim, aproveitar o porvir. Enquanto comia uma rosquinha, percebeu-se apreciando aquela simplicidade do lugar.

Porém tudo que via ao seu redor nunca seria parte da sua vida: existia algo esquisito em seu bolso, e outra coisa dentro de sua cabeça que não o deixavam esquecer. Abriu a porta do carro com uma pequena sacola cheia de rosquinhas, e pôs uma xícara de café quente em cima do painel. Colocou o orbe no assento do carona e deu uma mordida no biscoito em sua mão, muito desconfiado.

Dentro do porta luvas estava a estranha coleira.



John conduzia o carro a desconfortáveis 90 milhas por hora, fazendo seu irmão de vez em quando agarrar-se no suporte da porta em reflexo. Por fim, Ben interrompeu o silêncio daquela manhã e puxou um assunto, falando um tanto desconfortável: “Ei, não estamos bem perto da fronteira?”

“Sim. É possível ver os caras pulando a cerca.”

Apesar de saber que seu irmão era muito bom na direção, sempre havia uma pontinha de desconfiança, aquela sempre existente borda de precipício em sua mente onde ele evitava olhar e

fingia não existir. Enquanto isso, seu coração apertava e diminuía por dentro, com medo de qualquer momento seu mundo cair por terra. Ultimamente, a imagem que relembrou de seu irmão segurando-o pelo pescoço e a sensação de quase perder os sentidos lhe vinha com uma frequência insuportável.

*Não devia ter tirado aquelas coisas do baú,* pensou Benjamim.

Foi seguindo este pensamento (com suas mãos furiosamente apertadas uma na outra) que Ben viu John colocar uma mão em sua têmpora direita, torcendo seu nariz que gotejava um pouco de sangue e fechando seus olhos em um grito de dor.



Miller estava assinando os documentos para atravessar a fronteira. Dois policiais inspecionavam seu carro.

“Teve uma boa estadia, Sr. Miller?”

“Sim, obrigado.” disse Chris devolvendo a papelada.

“Señor? Acho que o seu... relógio... está tocando?”

O sorriso que instantes atrás começava a ensaiar na boca de Miller apertou-se junto com o frio na espinha. Pulou para dentro do carro sem ver os dois policiais. Miller bateu a porta do carro e saiu acelerando, quase acertando na madeira com tarja amarela e preta que se elevava abrindo o caminho para América. Naquele trecho, soltou poeira e pedras. O orbe no painel apontava para oeste e estava escrito o número sete logo abaixo. Chris endireitou o veículo para a rua principal num solavanco tal que jogou o orbe para o canto dos pés do caroneiro, e com sua mão direita, ele bateu na esfera.



*Sete milhas, possível conexão eminente!* ouviu em sua mente.

Com o orbe de volta em mãos, Miller colocou-o de volta ao painel. Apertou o cinto de segurança, tirou sua arma do coldre e a colocou no banco do carona. Pisou no acelerador até sentir o assoalho com seu sapato enquanto segurava o volante com as duas mãos. Os doces rolavam do assento do carona para o chão enquanto Chris gritava loucamente.

“Ninguém vai morrer hoje!”

Os pneus guinchavam a cada troca de marcha junto com um sonoro palavrão.

Miller contornava as curvas com todo seu corpo sentindo seu estômago deslocar-se de uma maneira líquida e pastosa.

*Seis milhas; possível conexão eminente!*



Em princípio, e negando o que estava acontecendo, Ben não olhou para John, que tinha sua mão esquerda ao lado de sua cabeça e outra no volante enquanto gritava de dor; mantinha-se atento à sua frente, pois a velocidade era algo que no momento classificava como prioridade. Seus dentes apertados e os pés fincados no assoalho atuavam como se pudessem frear o que estava acontecendo.

“Pára o carro, John. Olhe a estrada!” pediu Ben.

Tirando seu pé um pouco do acelerador, John gritava: “O que tá acontecendo... Que merda é essa! Dói muito...”

O carro agora tombava desgovernado de um lado para o outro,

e Ben viu que outras pessoas corriam do perigo iminente.

“Esquerda! Vira p-pra esquerda cara, agora!” gritou Ben.

Um casal desatento que estava em um quiosque comprando santinhos de estrada conseguiu escapar da morte por muito pouco. O carro azul levantou terra e poeira, destruindo metade da vendinha que existia ali.

Os irmãos agora lutavam pela direção do carro, em uma gritaria que Ben sufocaria de sua garganta anos mais tarde ao acordar de seus sonhos. Sua mente jogava toda aquela loucura o mais fundo que pudesse, pois precisava ter o controle do carro imediatamente. Podia ver pela tremedeira de seu irmão que o aconteceu no passado estava real em sua frente; mas desta vez estavam em um carro em alta velocidade.



Miller não se lembrava quando teria dirigido daquela maneira. Carros na outra faixa lhe passavam segurando suas buzinas, irritando-o completamente.

“Saiam da merda da rua!”

E então, algo que guardava em baixo de seu banco iluminou sua mente. Baixando um pouco a velocidade, levou sua mão esquerda onde estava uma pequena lâmpada azul. Sorrindo, abriu seu vidro e ajustou a lâmpada no teto do carro, ligando-o tal como um carro de polícia.

*Agora sim, tudo se encaixa!* pensou Chris, apertando o botão do pisca alerta. Imediatamente as pessoas começaram a abrir espaço e



Chris bateu o pé do acelerador novamente até o chão de metal.

"Mostrem respeito ao homem da..."

*Conexão iniciada!* exclamou a voz do orbe em urgência.

Chris mantinha sua velocidade dirigindo no centro da estrada com a faixa amarela dividindo seu *Bel Air* ao meio. Seguia agora pela avenida em puro instinto, mas não sabia o que iria encontrar. Pensou em Robert indo direto no muro e sua cabeça rompendo como um melão caído de algum prédio, literalmente explodido pela calçada

*(Milhares de vidas a escolher, lembre-se disso Chris)*

e ele no bar, já pegando sua dose e virando-a naquele movimento conhecido de pescoço.

"Parem de... foder com minha mente! EU SEI O QUE DEVO FAZER!"

Engatou a última marcha do carro. Dirigia com seus olhos vermelhos e sentia o ódio fluir pelo suor de seu rosto, e a necessidade de vingança urrando por sua garganta. Convivera com aquela intensidade de sentimentos por muito tempo.

Naquele mesmo instante, percebeu a poeira e a confusão que rodeava um pequeno grupo de pessoas que estava em um quiosque em sua frente. Pisou forte no freio abrindo o vidro do passageiro, onde um senhor de idade estava a gesticular com seu chapéu lhe indicando para seguir pelo mesmo caminho e procurar um carro azul.

*John*

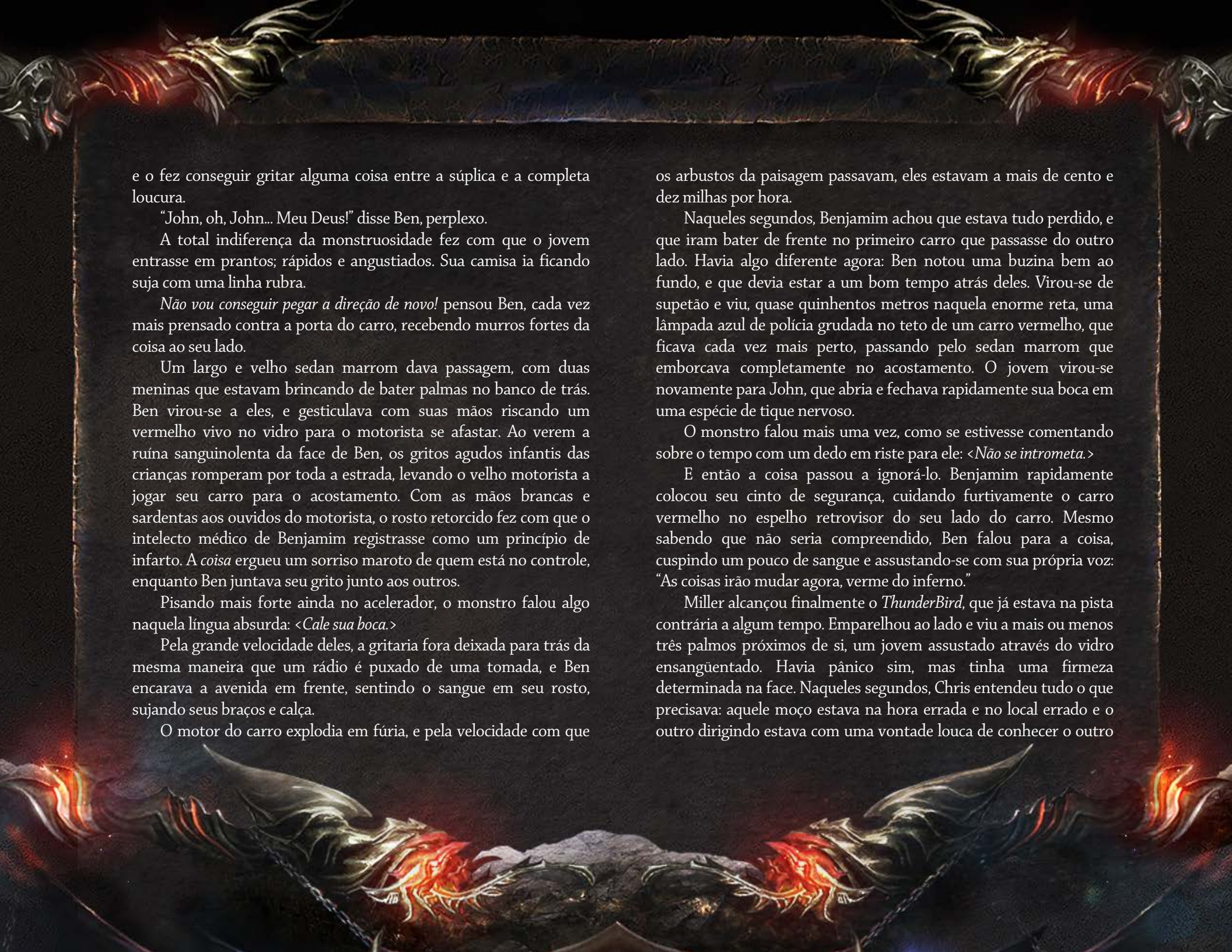
A face mudara, do mesmo jeito de antes; mas agora tornara-se algo muito mais assustador, mesmo sob à luz forte daquela manhã. Parecia John, mas não o era; quase tudo lhe dizia ser outra coisa, mas os olhos ainda eram de seu irmão e eram neles que Ben tentava manter sua lucidez vacilante. Espasmos corriam pelas mãos dele, da mesma maneira que em suas aulas de laboratório cortara a cabeça de uma rã com o bisturi, e o anfíbio continuava a se debater mesmo depois de sua morte.

Por momentos que lhe pareceram eternos, Benjamim não respirou. Seu coração torcia em seu peito e em algum lugar dentro de sua cabeça que resistia mais próximo à realidade dizia-lhe para não largar o pouco do volante que ele segurava, junto com o que ele passou a chamar de *a coisa*.

Em um reflexo, Ben empurrou seu irmão e conseguiu o controle da direção, voltando a respirar em uma grande golfada. Corrigiu a trajetória, dando uma guinada forte para a direita, impedindo uma colisão direta com uma carreta de bois. O carro balançou forte em sua suspensão e quando Ben voltou seus olhos para John, uma mão crescia em seu rosto, acertando-o em cheio e fazendo um barulho terrível em sua cabeça.

A coisa então balançava negativamente sua cabeça. Olhou para seus pés e pisou com mais força no direito. Ben nunca iria saber, mas a entidade que estava ali, já tinha passado por mais de cinquenta corpos, e não era realmente a primeira vez que dirigia um carro naquele mundo. O ferimento em seu rosto rompeu o véu de silêncio





e o fez conseguir gritar alguma coisa entre a súplica e a completa loucura.

“John, oh, John... Meu Deus!” disse Ben, perplexo.

A total indiferença da monstruosidade fez com que o jovem entrasse em prantos; rápidos e angustiados. Sua camisa ia ficando suja com uma linha rubra.

*Não vou conseguir pegar a direção de novo!* pensou Ben, cada vez mais prensado contra a porta do carro, recebendo murros fortes da coisa ao seu lado.

Um largo e velho sedan marrom dava passagem, com duas meninas que estavam brincando de bater palmas no banco de trás. Ben virou-se a eles, e gesticulava com suas mãos riscando um vermelho vivo no vidro para o motorista se afastar. Ao verem a ruína sanguinolenta da face de Ben, os gritos agudos infantis das crianças romperam por toda a estrada, levando o velho motorista a jogar seu carro para o acostamento. Com as mãos brancas e sardentas aos ouvidos do motorista, o rosto retorcido fez com que o intelecto médico de Benjamim registrasse como um princípio de infarto. A coisa ergueu um sorriso maroto de quem está no controle, enquanto Ben juntava seu grito junto aos outros.

Pisando mais forte ainda no acelerador, o monstro falou algo naquela língua absurda: *<Cale sua boca.>*

Pela grande velocidade deles, a gritaria fora deixada para trás da mesma maneira que um rádio é puxado de uma tomada, e Ben encarava a avenida em frente, sentindo o sangue em seu rosto, sujando seus braços e calça.

O motor do carro explodia em fúria, e pela velocidade com que

os arbustos da paisagem passavam, eles estavam a mais de cento e dez milhas por hora.

Naqueles segundos, Benjamim achou que estava tudo perdido, e que iram bater de frente no primeiro carro que passasse do outro lado. Havia algo diferente agora: Ben notou uma buzina bem ao fundo, e que devia estar a um bom tempo atrás deles. Virou-se de supetão e viu, quase quinhentos metros naquela enorme reta, uma lâmpada azul de polícia grudada no teto de um carro vermelho, que ficava cada vez mais perto, passando pelo sedan marrom que emborcava completamente no acostamento. O jovem virou-se novamente para John, que abria e fechava rapidamente sua boca em uma espécie de tique nervoso.

O monstro falou mais uma vez, como se estivesse comentando sobre o tempo com um dedo em riste para ele: *<Não se intrometa.>*

E então a coisa passou a ignorá-lo. Benjamim rapidamente colocou seu cinto de segurança, cuidando furtivamente o carro vermelho no espelho retrovisor do seu lado do carro. Mesmo sabendo que não seria compreendido, Ben falou para a coisa, cuspiendo um pouco de sangue e assustando-se com sua própria voz: “As coisas irão mudar agora, verme do inferno.”

Miller alcançou finalmente o *ThunderBird*, que já estava na pista contrária a algum tempo. Emparelhou ao lado e viu a mais ou menos três palmos próximos de si, um jovem assustado através do vidro ensangüentado. Havia pânico sim, mas tinha uma firmeza determinada na face. Naqueles segundos, Chris entendeu tudo o que precisava: aquele moço estava na hora errada e no local errado e o outro dirigindo estava com uma vontade louca de conhecer o outro



lado.

Ben levou sua mão direita ao cinto de segurança e fechou-a no meio de seu peito mostrando que estava bem apertado. Os dois concordaram afirmativamente com cabeça ao mesmo tempo, em um entendimento instantâneo. Miller pisou ainda mais fundo no acelerador e virou toda a direção à esquerda, acertando em cheio o eixo das rodas da frente. Todos foram direto para o acostamento, evitando o próximo poste, que seria fatal.

*John, que na verdade agora estava preso dentro de sua própria cabeça, observava pela janela de seus olhos o pequeno barranco aproximando-se em frente. Viu os vidros laterais quebrarem e o barulho das rodas girando livres no ar, enquanto o motor subia para uma rotação absurda. De sua garganta surgiu um grito e então viu o painel crescer diretamente em seu rosto. Sua visão ficou em uma escuridão avermelhada pelo sol que atravessava a pele de suas pálpebras. Sentia dor. Parecia ter ainda seus sentidos, mas de forma difusa. Ouviu a suspensão do carro dar sua última chiada, e os cacos de vidro do pára-brisa deslizarem pelo seu peito até encontrarem seus pés.*

O carro vermelho também fez uma aterrissagem forçada passando ao lado, quase capotando. Miller bateu com seu peito na direção, e o ar lhe faltou perigosamente. Após um chacoalhar tremendo, seu *Bel Air* parou de balançar. Tateou por sua arma no banco do carona, mas nada achou. No mesmo momento, uma chiadeira vinha de sua garganta, e ele achou que seus olhos iriam explodir nas órbitas, de tão esbugalhados.

Ben conseguiu escapar quase ileso do acidente, mas alguns

pedaços de vidro lhe feriram um pouco os braços. Desvencilhou-se do cinto de segurança observando que seu irmão estava com um ferimento na testa e gemendo coisas sem sentido. Sem mais rodeios, abriu a porta. Precisava de ajuda, e já não sabia o quanto mais iria suportar ver John daquele jeito. Ao abrir a porta, observou o outro veículo a poucos metros em sua frente, onde um homem parecia não conseguir respirar. Caminhou até lá, com as pernas bambas e tropeçando em algumas pedras que estavam no chão.

Miller ouviu passos em sua direção. Seu coração batia forte no ouvido por causa da adrenalina. Seu cinto estava emperrado e ele sem forças. Por fim a voz fraca e assustada do moço lhe veio pedindo ajuda: “*Por favor senhor, me ajude!*”

Miller pediu para ele chegar mais perto de seu ouvido. Com o pouco de respiração que lhe sobrava, conseguiu falar: “*Meu cinto...*”

O jovem então contornou o carro, entrando pelo lugar do carona. Com certa facilidade, apertou com força o botão emperrado e o cinto soltou-se. Ar entrava novamente pela bocarra escancarada do homem, e ele golfou duas vezes, aliviado.

Ben falou aflito chacoalhando Miller pelo terno: “*Eu preciso que o senhor veja meu irmão! Ele não está... bem.*”

Chris olhava para o jovem, ainda segurando seu peito que arfava: “*Sou polícia. Me alcance aquela pistola ali do chão, garoto.*”

O jovem o olhou incrédulo e seguiu o dedo do policial até onde estavam seus pés. Ali, encostada contra a porta, estava a pistola. Benjamim pegou-a de qualquer maneira, não querendo contrariar a única pessoa ali entre ele e a loucura que deixara no carro.

Benjamim voltou a falar, em um ritmo frenético: “*Você precisa*



e-entender que meu irmão está um t-tanto..." Palavras faltaram à ele, junto com aquela gagueira súbita e ele ficou com um ar de idiota. "Um tanto fora de si."

Miller ouvia o moço e cuidava com seus olhos o outro que já estava levantando de seu lugar, procurando a fenda que abriria a porta. Lentamente conferiu sua arma, ainda um pouco ofegante. Tocou em algo em seu bolso com um apertão e voltou seu rosto ao jovem que parecia ter vindo de alguma guerra.

"Ouça isso rapaz. Eu sei o que está acontecendo, mas não temos tempo para perguntas."

Chris abriu a porta do carro e apontou sua arma para o outro, que já vinha cambaleando na direção deles.

"Você aí! Volte para o carro e coloque as mãos na cabeça!"

*A conexão, não posso perder a conexão; ele precisa achar que vou matá-lo!* pensou Miller, enquanto ajeitava sua mira e tentava respirar com menos dificuldade.

Naquele exato momento tudo fez sentido, e Chris então soube o que fazer. Atirou ao lado do rapaz, furando o único pneu que ainda não tinha ainda estourado, fazendo um barulho alto que ecoou pela estrada.

"Ele não fez nada!" protestou Ben.

"Volte para dentro, estou lhe avisando!" gritou Miller.

*De algum lugar a dez milhas dali, o colecionador percebia que a travessia ainda podia ser feita. Carregava algo escondido em sua mão onde os dois em sua frente não podiam ver. Sentia a dor em todo o corpo do desígnio, mas era algo que podia agüentar. Falou para o operador ao*

*seu lado para não desligar a conexão e a não se meter em seus assuntos, ao mesmo tempo ecoando na boca de John no mundo real, deixando Miller e Ben atônitos com o que ouviam sair da boca do jovem.*

John então começou a caminhar em direção à eles. Chris pensou em tudo que aconteceria, e então disparou um tiro no ombro do rapaz que parecia ansioso por aquilo. Sangue voou do jovem e molhou a grama. O impacto fez sua perna direita voltar um passo e girar para trás, junto com sua metade do torso superior. No outro instante, a coisa já recolocava-se no lugar, segurando o caco de vidro com tanta força que gotas de sangue escorriam de sua mão. Em seu terceiro passo, estava quase em uma velocidade de corrida, preparando o pedaço de vidro para um ataque.

Ben levantou-se como um cachorro raivoso de seu lugar e pulou na direção do homem que estava parado junto à porta atirando em seu irmão.

Tudo foi tão rápido que Chris mais tarde não saberia explicar como acontecera. Sorte cega? Talvez. Estava acostumado a brandir a arma, e na maioria das vezes aquilo bastava. Quando os dois jovens (um que não era mais deste mundo, e o outro claramente perturbado) atacaram ao mesmo tempo, sua mente calculou friamente que o melhor a fazer era sair da equação no último instante, e bater onde dói. Ben caiu ao chão quando Chris deu um pequeno e preciso passo ao lado; John, que empunhava um vidro que refletiu a luz do sol em seus olhos, errou seu golpe por alguns centímetros quando Chris desviou-se e lhe segurou apertando o ombro ferido. No mesmo instante, sua outra mão desferia-lhe um



golpe certeiro na nuca, enviando o rapaz para baixo e fazendo-o estatelar-se bem na frente de Ben naquele chão poeirento.

Ao olhar John no chão frente a frente, Benjamim soube que era a última vez que o veria. Num tempo ínfimo, a máquina do colecionador falhou, pois quem estava ali era seu irmão John, que sempre lhe ganhava no xadrez; que sempre lhe ajudou com os temas da escola; que sempre esteve sentado ao seu lado, enquanto eles ouviam seu pai quebrar a casa; que no final de suas brigas de criança, lhe olhava com o perdão nos olhos dizendo-lhe para esquecer.

Lá estava ele lhe dizendo adeus.

Rápido como uma bala, o colar saltou do bolso de Miller para a cabeça do rapaz, desfazendo aquela pequena magia. O cristal iluminou-se, apertando forte o pescoço dele.

Todos se afastaram enquanto o colecionador se levantava com horror em seus olhos, movendo sua cabeça em lances rápidos e encarando os dois, completamente surpreso. O cristal emitiu apenas uma luz e cessou, levando o cadáver de John ao chão.

*JP*

Chris observou em pânico o jovem tentar tudo o que sabia de primeiros socorros com o outro rapaz caído no chão, inerte como uma rocha. Apertou seus dentes contra os lábios enquanto ele fazia uma massagem cardíaca desesperada. Uma idéia terrível lhe passava pela cabeça, e por mais que tentasse evitar de pensar, cada vez mais sua lógica fria e calculista lhe dizia o que estava acontecendo.

*Eles não me disseram toda a verdade, pensou Chris.*

Ben agora fungava mantendo uma de suas mãos na boca, talvez tentando conter o grito que estava preso dentro de si, lhe arranhando a garganta e embrulhando o estômago. Sabia o que tinha acontecido, mas mesmo assim lhe era impossível de acreditar. Seus pensamentos fugiam para o café da manhã, a espera por sua vez no banho, o programa de televisão que teria visto, eles discutindo a rota que iriam tomar, e então um olho enchendo-se de sangue conforme o cérebro se derramava de um lado ao outro. Pensou no capacete verde que devia estar jogado pelo banco de trás, e percebeu finalmente que não haveria mais corrida nenhuma, e que aquelas férias tinham terminado.

*“Não! Não, não, não... por Deus, não!” o jovem gritou.*

Chris puxou o garoto dali pela camisa, jogando-o na lateral de seu carro e o segurando forte. Deu-lhe uma boa chacoalhada e um tapa. Duas vezes. O jovem em sua frente tornara-se um menino, chorando copiosamente, de nariz quebrado e sanidade derrapando pelo abismo de terror em sua cabeça.

*O único objetivo era só pegar o filho da mãe; somos totalmente dispensáveis!* pensou Miller com muita resignação enquanto tentava contato com os olhos do rapaz.

*“Já chega, ele se foi!” gritou Chris.*

*“Seu... filho da puta desgraçado!”*

Chris recebeu um chute inesperado em sua canela, e os dois caíram no chão lutando como cães. Miller recebia os socos do rapaz, sem alterar aquela face de consternação, pois agora sabia que aquela coleira devia matar o quem a estivesse usando.

Os olhos de Miller ficaram muito abertos, e ele adotou aquela



cara de paisagem, fazendo Ben parar automaticamente de bater nele.

*Aqueles mesmos olhos!* pensou Benjamim.

O rapaz levantou suas mãos para cima em um susto, como se rendesse. Algo estava dentro da cabeça de Miller e ele ouvia Frank dizer rapidamente, quase uma frase se atropelando em cima da outra.

*Bom trabalho Chris, mas... Tivemos problemas... Isso acontece às vezes... Eles são maus perdedores... Prepare-se para o impacto...*

Miller piscou e olhou o jovem estupefato chegando quase à loucura: "Ainda estamos em perigo... Não acabou ainda."

Ben levantou-se e os dois se recompuseram. Olhavam-se como se a briga ainda não tinha acabado, mas mantinham uma distância segura, um pouco ofegantes.

"Se está para acontecer o que eu acho que vai acontecer, estamos em uma grande enrascada!" disse Chris.

"Que merda que vocês fizeram com meu irmão, filhos da puta!"

Chris viu no chão uma carteira marrom. Agachou-se, e viu a foto com o nome do rapaz em sua frente.

"Benjamim, tente entender que o que aconteceu ao seu irmão já aconteceu com outras pessoas. Você não ia acreditar no que eu passei para estar aqui com você no meio de toda essa merda."

Miller tirou de sua carteira as fotos de seus protegidos, e foi se aproximando dele, com sua mão pedindo calma.

"Olhe, veja estas fotos. Estes aqui são Robert, Quinci, Jane,

Oswald, Lily e Mike."

Ben esticou seu braço e pegou as fotos.

"Perdi todos eles. Estes e muitos outros são meus... amigos. Um por um eles foram morrendo em situações estranhas, e eu acredito que seu irmão tinha o mesmo destino deles."

Um silêncio demonstrou certo entendimento pela parte do jovem, que andava de um lado ao outro.

"Qual o nome dele?" perguntou Chris.

"Era J-John." disse Ben aflito.

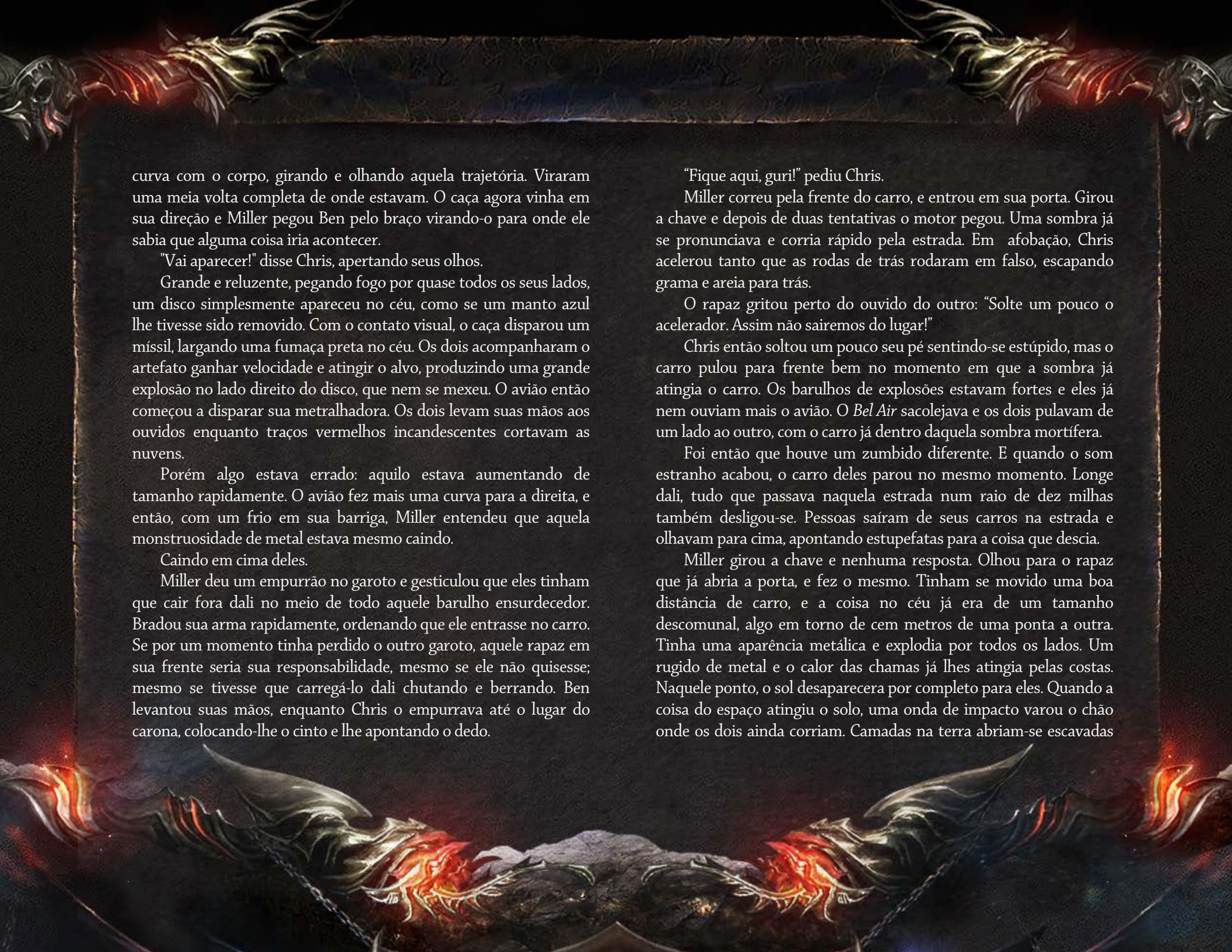
"Sou Chris. John iria bater o carro para morrer, e você teve sorte de isso não ter acontecido. É um absurdo aceitar isso, mas eu sei que ele ia fazê-lo. Veja, este aqui (apontou para Robert) nem sabia dirigir quando encontraram seu carro destruído em um muro. John nunca teve mudanças completas de comporta-mento? Nunca lhe tentou agredir, como se fosse outra pessoa?"

A boca de Ben tremia, e ele quase sentiu uma pequena mão fantasma avançar mais uma vez em seu pescoço.

"Como se fosse.. um monstro?" falou Ben.

Um barulho ensurdecido de máquina começou a encher os ouvidos dos dois, que se olharam desconfiados. Suas cabeças viravam para a estrada, os carros e o jovem morto no chão. O ruído aumentou a tal ponto de eles não ouvirem mais sua respiração. Um avião a jato, que nenhum dos dois reconheceu, passou perto por eles e muito próximo do chão. A distância era tão próxima que Chris achou que vira o piloto apontar para eles lá de cima. Ambos observaram o avião fazer uma manobra para a esquerda e depois para a direita, em uma volta muito fechada. Eles acompanharam a





curva com o corpo, girando e olhando aquela trajetória. Viraram uma meia volta completa de onde estavam. O caça agora vinha em sua direção e Miller pegou Ben pelo braço virando-o para onde ele sabia que alguma coisa iria acontecer.

"Vai aparecer!" disse Chris, apertando seus olhos.

Grande e reluzente, pegando fogo por quase todos os seus lados, um disco simplesmente apareceu no céu, como se um manto azul lhe tivesse sido removido. Com o contato visual, o caça disparou um míssil, largando uma fumaça preta no céu. Os dois acompanharam o artefato ganhar velocidade e atingir o alvo, produzindo uma grande explosão no lado direito do disco, que nem se mexeu. O avião então começou a disparar sua metralhadora. Os dois levam suas mãos aos ouvidos enquanto traços vermelhos incandescentes cortavam as nuvens.

Porém algo estava errado: aquilo estava aumentando de tamanho rapidamente. O avião fez mais uma curva para a direita, e então, com um frio em sua barriga, Miller entendeu que aquela monstruosidade de metal estava mesmo caindo.

Caindo em cima deles.

Miller deu um empurrão no garoto e gesticulou que eles tinham que cair fora dali no meio de todo aquele barulho ensurdecedor. Bradou sua arma rapidamente, ordenando que ele entrasse no carro. Se por um momento tinha perdido o outro garoto, aquele rapaz em sua frente seria sua responsabilidade, mesmo se ele não quisesse; mesmo se tivesse que carregá-lo dali chutando e berrando. Ben levantou suas mãos, enquanto Chris o empurrava até o lugar do carona, colocando-lhe o cinto e lhe apontando o dedo.

"Fique aqui, guri!" pediu Chris.

Miller correu pela frente do carro, e entrou em sua porta. Girou a chave e depois de duas tentativas o motor pegou. Uma sombra já se pronunciava e corria rápido pela estrada. Em afobação, Chris acelerou tanto que as rodas de trás rodaram em falso, escapando grama e areia para trás.

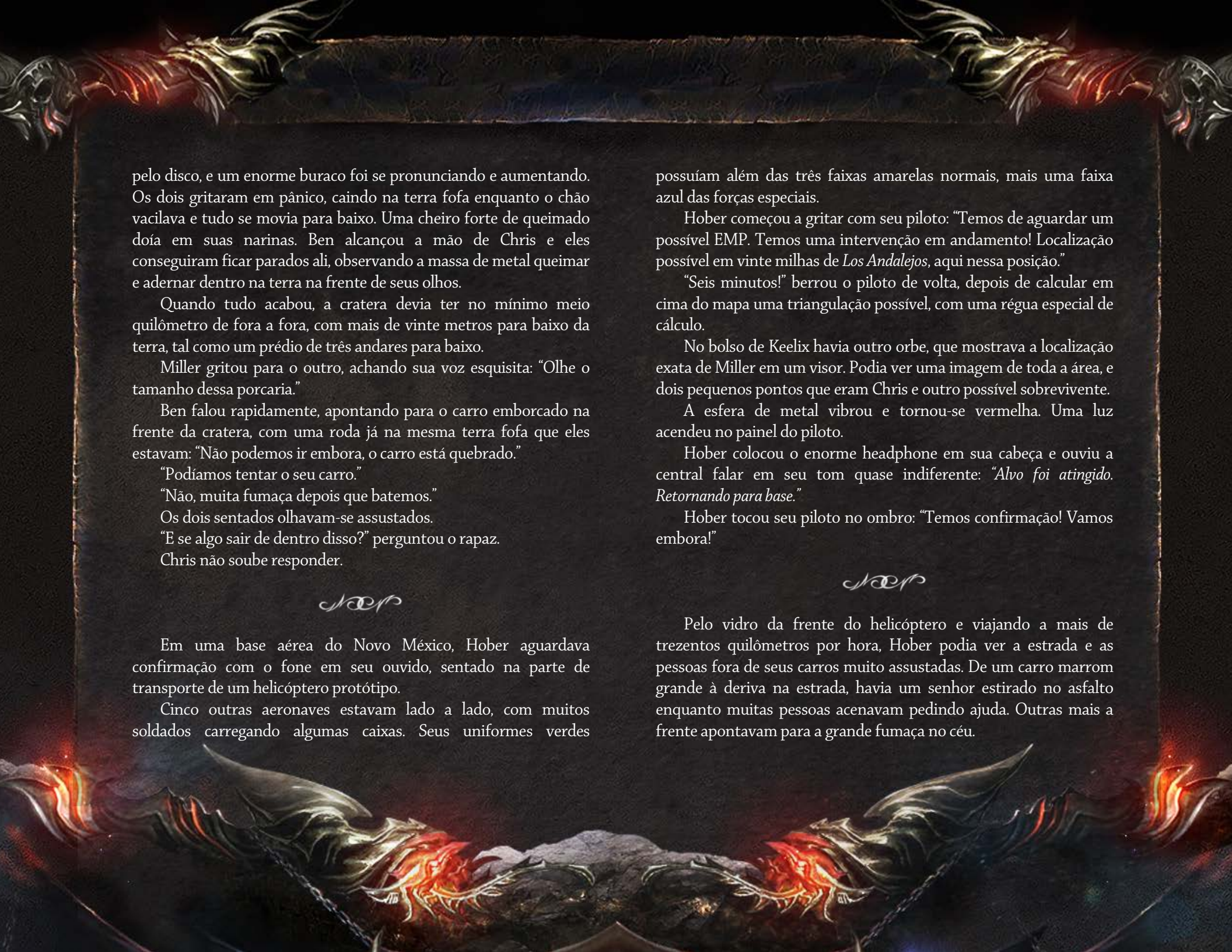
O rapaz gritou perto do ouvido do outro: "Solte um pouco o acelerador. Assim não sairemos do lugar!"

Chris então soltou um pouco seu pé sentindo-se estúpido, mas o carro pulou para frente bem no momento em que a sombra já atingia o carro. Os barulhos de explosões estavam fortes e eles já nem ouviam mais o avião. O *Bel Air* sacolejava e os dois pulavam de um lado ao outro, com o carro já dentro daquela sombra mortífera.

Foi então que houve um zumbido diferente. E quando o som estranho acabou, o carro deles parou no mesmo momento. Longe dali, tudo que passava naquela estrada num raio de dez milhas também desligou-se. Pessoas saíram de seus carros na estrada e olhavam para cima, apontando estupefatas para a coisa que descia.

Miller girou a chave e nenhuma resposta. Olhou para o rapaz que já abria a porta, e fez o mesmo. Tinham se movido uma boa distância de carro, e a coisa no céu já era de um tamanho descomunal, algo em torno de cem metros de uma ponta a outra. Tinha uma aparência metálica e explodia por todos os lados. Um rugido de metal e o calor das chamas já lhes atingia pelas costas. Naquele ponto, o sol desaparecera por completo para eles. Quando a coisa do espaço atingiu o solo, uma onda de impacto varou o chão onde os dois ainda corriam. Camadas na terra abriam-se escavadas





pelo disco, e um enorme buraco foi se pronunciando e aumentando. Os dois gritaram em pânico, caindo na terra fofa enquanto o chão vacilava e tudo se movia para baixo. Uma cheiro forte de queimado doía em suas narinas. Ben alcançou a mão de Chris e eles conseguiram ficar parados ali, observando a massa de metal queimar e adernar dentro na terra na frente de seus olhos.

Quando tudo acabou, a cratera devia ter no mínimo meio quilômetro de fora a fora, com mais de vinte metros para baixo da terra, tal como um prédio de três andares para baixo.

Miller gritou para o outro, achando sua voz esquisita: “Olhe o tamanho dessa porcaria.”

Ben falou rapidamente, apontando para o carro emborcado na frente da cratera, com uma roda já na mesma terra fofa que eles estavam: “Não podemos ir embora, o carro está quebrado.”

“Podíamos tentar o seu carro.”

“Não, muita fumaça depois que batemos.”

Os dois sentados olhavam-se assustados.

“E se algo sair de dentro disso?” perguntou o rapaz.

Chris não soube responder.



Em uma base aérea do Novo México, Hober aguardava confirmação com o fone em seu ouvido, sentado na parte de transporte de um helicóptero protótipo.

Cinco outras aeronaves estavam lado a lado, com muitos soldados carregando algumas caixas. Seus uniformes verdes

possuíam além das três faixas amarelas normais, mais uma faixa azul das forças especiais.

Hober começou a gritar com seu piloto: “Temos de aguardar um possível EMP. Temos uma intervenção em andamento! Localização possível em vinte milhas de *Los Andalejos*, aqui nessa posição.”

“Seis minutos!” berrou o piloto de volta, depois de calcular em cima do mapa uma triangulação possível, com uma régua especial de cálculo.

No bolso de Keelix havia outro orbe, que mostrava a localização exata de Miller em um visor. Podia ver uma imagem de toda a área, e dois pequenos pontos que eram Chris e outro possível sobrevivente.

A esfera de metal vibrou e tornou-se vermelha. Uma luz acendeu no painel do piloto.

Hober colocou o enorme headphone em sua cabeça e ouviu a central falar em seu tom quase indiferente: “*Alvo foi atingido. Retornando para base.*”

Hober tocou seu piloto no ombro: “Temos confirmação! Vamos embora!”



Pelo vidro da frente do helicóptero e viajando a mais de trezentos quilômetros por hora, Hober podia ver a estrada e as pessoas fora de seus carros muito assustadas. De um carro marrom grande à deriva na estrada, havia um senhor estirado no asfalto enquanto muitas pessoas acenavam pedindo ajuda. Outras mais a frente apontavam para a grande fumaça no céu.



Hober acionou o mecanismo de rádio: "Unidade cinco, temos problemas civis adiante."

"Sim, General."

"Outras unidades, prosseguir com alvo."

Conforme os outros quatro helicópteros passaram por cima das cabeças das pessoas da auto-estrada, o último diminui rápido sua velocidade e foi manobrando pela estrada, até achar um lugar onde tivesse espaço para uma descida. Os soldados preparavam-se para sair, e cada um tinha duas malas; uma de primeiros socorros, e outra com componentes eletrônicos.

Algumas pessoas receberam os soldados em uma pequena confusão, e o senhor ao lado de uma *Caravan* marrom parecia estar passando mal deitado ao asfalto. Uma mulher com duas crianças em seus braços começou a soluçar em frente ao primeiro soldado que pisara em terra. Um médico logo apareceu e ajoelhou-se no chão, prestando uma massagem cardíaca no senhor que enfartava. A mulher sentou-se no asfalto que agora machucava e queimava seus tornozelos, porém aquilo quase não a incomodava perto dos gritos apavorados das crianças ao lado apontando para o céu.

As pessoas cruzavam seus braços. Alguns muito nervosos por seus carros que não funcionavam mais. Outros, que tinham visto melhor o que caíra no céu, estavam silenciosos e assustados. Os soldados espalharam-se na pequena multidão que os seguia na massa de carros.

Muitos perguntavam o que estava acontecendo, e conforme os soldados abriam o motor dos carros e trocavam uma peça especificamente elétrica, respondiam com uma frase padrão: "O

meteorito libera uma descarga elétrica forte quando cai. Por isso seu carro estragou e estamos trocando esta peça. Toda essa área deve ser evacuada por causa de radiação nuclear. Prossigam imediatamente para fora desta estrada, fora de uma possível contaminação."

Um senhor que estava com binóculos na mão falou a sua esposa com tom de deboche: "Isso não foi... um *meteorito*!"



Chris e Benjamim viram os helicópteros fazerem uma volta por eles, em um círculo grande onde a cratera situava-se bem no meio. Um a um, foram se aproximando do solo e de onde eles estavam. Havia soldados com armas pesadas descendo e mirando diretamente ao disco. No helicóptero mais próximo deles, um oficial desceu pela porta do piloto e Chris pode ver quem era. Trajava um uniforme de guerra, com uma pistola ao lado de seu quadril. Hober aproximou-se deles com um soldado em seu lado, que apontava seu rifle diretamente em Ben. Chris fez um cumprimento relutante ao general, que parecia extrema-mente satisfeito.

"Bom trabalho!" gritou o general no meio do barulho.

Benjamim levantava suas mãos em rendição a um soldado, olhando em pânico para Chris, que agora balançava negativa-mente sua cabeça e baixava a arma com sua mão: "Deixe o rapaz fora disso."

O general tirou o orbe do bolso de sua calça e fitou os olhos de Chris: "Você irá aprender como usar esta coisa em tempo."

Com um aperto em uma fenda ao lado, quatro pequenas hastes de metal abriram-se do orbe, e quando Hober aproximou aquilo da



testa do rapaz

Benjamim encolheu-se.

Um soldado apontou seu rifle diretamente em seu peito, o empurrando um pouco.

“Mantenha suas mãos à vista.” disse o soldado.

Keelix encostou o orbe na testa de Ben, e poucos segundos depois a pelota de metal tornou-se azul.

“Você está livre.” disse o general.

Hober virou-se e rapidamente colocou o artefato na cabeça de Chris. O orbe brilhou e sua superfície tornou-se de um forte vermelho com um sinal sonoro de alerta. Com um rápido movimento de mão, o general tirou o rifle do soldado que já se encaminhava ao rosto de Miller.

“Você já está adequado na nova diretriz. Já deve ter percebido isso. Céus, eu não queria estar em sua pele, 18.” falou Hober em um tom um pouco de deboche e outro mais sutil, mais indireto, de medo e horror nos cantos de seus olhos, pois sabia que qualquer dia estaria na mesma situação.

Muita movimentação nos outros helicópteros, enquanto caixas eram retiradas e colocadas ao chão. Com um rádio em mãos, Hober ordenou: “Rápido. Não queremos mais confusão por aqui!”

As caixas foram abertas e grandes cristais (perfeitamente hexagonais) foram colocados em cima de uma base de metal cinza. As pedras começaram a levitar e a adquirirem contornos de energia verde, enquanto oscilavam para cima e para baixo.

“Estamos sugando a energia do reator deles. Poderiam nos sabotar e explodir toda esta área.” disse Hober à Chris.

Inesperadamente uma placa de aço é ejetada do disco, liberando uma cápsula de escape em grande barulho e fumaça. Todos observam a pequena embarcação subir vinte metros no ar e começar sua parábola descendente. A pequena nave colide com o chão e de seu casco, um sulco na terra é feito em grande velocidade.

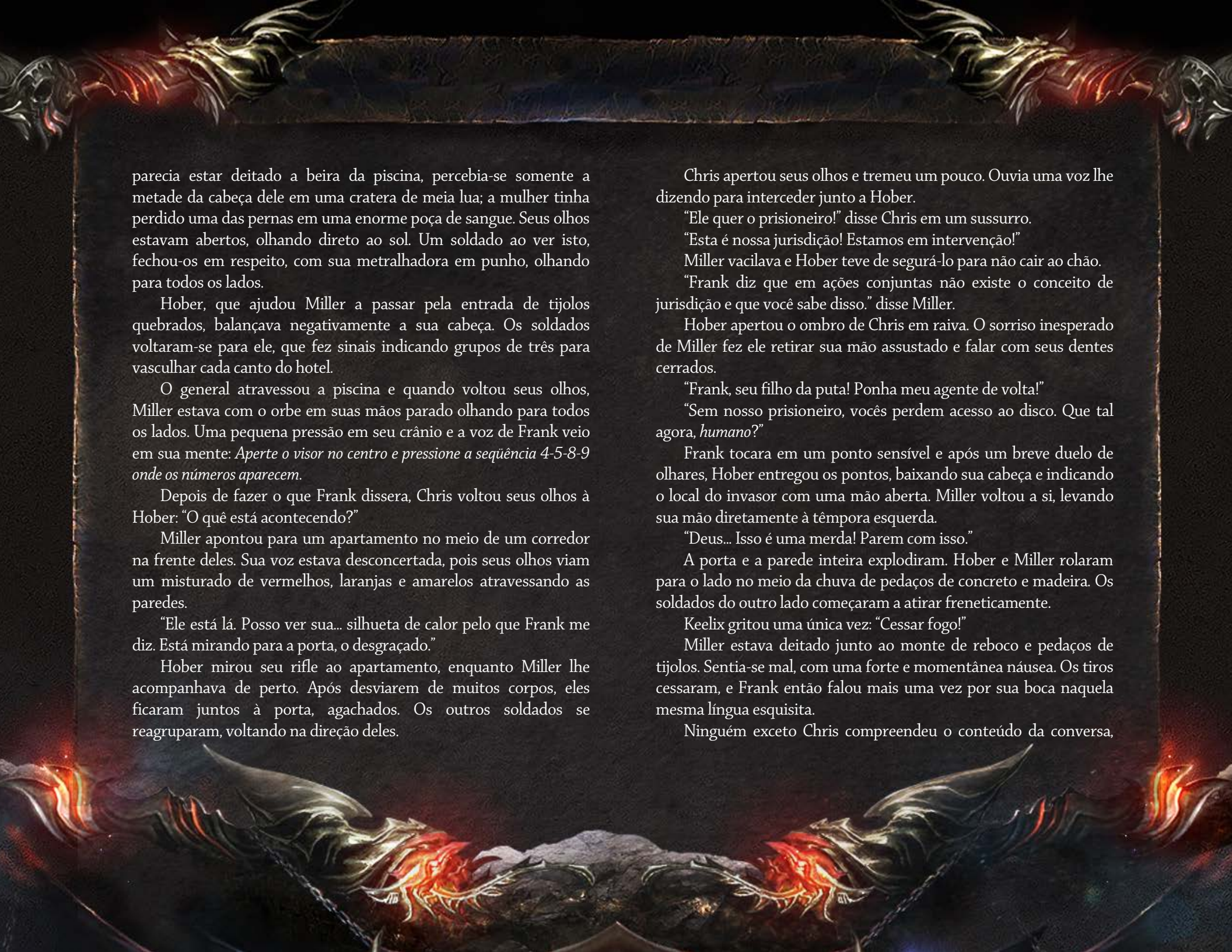
Aos gritos de Hober, os soldados começam a atirar. Hober segura Chris pelo braço e os dois começam uma corrida até o trecho escavado pela cápsula, que continua avançando rápido até colidir com o muro de um motel de estrada, mais de um quilômetro dali, visto por binóculos.

O piloto já abre a porta do helicóptero, enquanto o rotor acelera. Miller se junta aos outros soldados, na pequena área de transporte. Uma metralhadora de grande calibre fixa ao lado dá a gravidade do assunto. Conforme o helicóptero ganha altitude, Miller observa Benjamim do alto, com as mãos em seus bolsos vendo distraído o disco queimar ao chão, enquanto um cristal ao seu lado preenche-se de um brilho verde.

*MEP*

O muro destruído mostrou o enorme impacto da cápsula. Com certo receio, soldados invadem pela mesma fenda, que de tão grande parece como uma nova entrada, mas o que eles viram lá dentro era um cenário de extermínio. Inquilinos com roupas de banho com buracos que atravessavam seus corpos do tamanho de grandes laranjas. A piscina mostrava-se de um tom rubro, e havia sangue por todos os lados, salpicado nas paredes e no chão. De um casal que





parecia estar deitado a beira da piscina, percebia-se somente a metade da cabeça dele em uma cratera de meia lua; a mulher tinha perdido uma das pernas em uma enorme poça de sangue. Seus olhos estavam abertos, olhando direto ao sol. Um soldado ao ver isto, fechou-os em respeito, com sua metralhadora em punho, olhando para todos os lados.

Hober, que ajudou Miller a passar pela entrada de tijolos quebrados, balançava negativamente a sua cabeça. Os soldados voltaram-se para ele, que fez sinais indicando grupos de três para vasculhar cada canto do hotel.

O general atravessou a piscina e quando voltou seus olhos, Miller estava com o orbe em suas mãos parado olhando para todos os lados. Uma pequena pressão em seu crânio e a voz de Frank veio em sua mente: *Aperte o visor no centro e pressione a sequência 4-5-8-9 onde os números aparecem.*

Depois de fazer o que Frank dissera, Chris voltou seus olhos à Hober: “O quê está acontecendo?”

Miller apontou para um apartamento no meio de um corredor na frente deles. Sua voz estava desconcertada, pois seus olhos viam um misturado de vermelhos, laranjas e amarelos atravessando as paredes.

“Ele está lá. Posso ver sua... silhueta de calor pelo que Frank me diz. Está mirando para a porta, o desgraçado.”

Hober mirou seu rifle ao apartamento, enquanto Miller lhe acompanhava de perto. Após desviarem de muitos corpos, eles ficaram juntos à porta, agachados. Os outros soldados se reagruparam, voltando na direção deles.

Chris apertou seus olhos e tremeu um pouco. Ouvia uma voz lhe dizendo para interceder junto a Hober.

“Ele quer o prisioneiro!” disse Chris em um sussurro.

“Esta é nossa jurisdição! Estamos em intervenção!”

Miller vacilava e Hober teve de segurá-lo para não cair ao chão.

“Frank diz que em ações conjuntas não existe o conceito de jurisdição e que você sabe disso.” disse Miller.

Hober apertou o ombro de Chris em raiva. O sorriso inesperado de Miller fez ele retirar sua mão assustado e falar com seus dentes cerrados.

“Frank, seu filho da puta! Ponha meu agente de volta!”

“Sem nosso prisioneiro, vocês perdem acesso ao disco. Que tal agora, *humano?*”

Frank tocara em um ponto sensível e após um breve duelo de olhares, Hober entregou os pontos, baixando sua cabeça e indicando o local do invasor com uma mão aberta. Miller voltou a si, levando sua mão diretamente à têmpora esquerda.

“Deus... Isso é uma merda! Parem com isso.”

A porta e a parede inteira explodiram. Hober e Miller rolaram para o lado no meio da chuva de pedaços de concreto e madeira. Os soldados do outro lado começaram a atirar freneticamente.

Keelix gritou uma única vez: “Cessar fogo!”

Miller estava deitado junto ao monte de reboco e pedaços de tijolos. Sentia-se mal, com uma forte e momentânea náusea. Os tiros cessaram, e Frank então falou mais uma vez por sua boca naquela mesma língua esquisita.

Ninguém exceto Chris compreendeu o conteúdo da conversa,



pois seu cérebro estava sendo usado como mediador.

*“<Aqui é a Lei e esta será sua única chance de não ser capturado pelos habitantes locais. Suas ações criminais neste mundo violam o acordo de não influência em civilizações em desenvolvimento.>”*

Uma voz surpreendentemente jovem respondeu.

*“<Mas eu fui enganado! Eles me disseram que era tudo realidade virtual.>”*

Frank voltou seus olhos à Hober, que assustado, já preparava para invadir o quarto.

*“<Eu devia deixar você ser dissecado vivo, fedelho. Guarde suas mentiras para o tribunal.>”* falou Miller.

De volta ao disco, um soldado perto da borda do disco olha por todos os lados e então toca no ombro de outro que observa mais de perto o funcionamento do cristal.

“Onde está o garoto?”

O silêncio agora no motel era completo. Uma lasca de tijolo rolou dos pés de Miller até a piscina, parando junto à cabeça da mulher que parecia ser um espectador macabro de toda aquela loucura.

Frank falou por Chris mais uma vez: *“<Entregue sua arma. Faremos sua extradição segura se houver cumprimento destes termos.>”*

Um objeto foi jogado pela enorme abertura na porta. Miller foi até lá, segurou o artefato, e após alguns momentos aquela arma subiu aos céus. Um quilômetro acima, um *Anthratti* pairava em modo semi-visível.

Miller olhou para Hober e falou com certa calma: “Ele se entregou. Somente nós dois iremos entrar e fazer a prisão.”

Os soldados foram se aproximando das ruínas do local com seus olhos fixados no local onde estaria a criatura. Chris entrou no quarto seguido logo por Hober. Miller voltou a sentir seu peso nas pernas e sua visão deixara de ser embaçada. Parecia antes que estava suspenso, vendo tudo de longe. Seus olhos se depararam com o prisioneiro e ele ficou confuso, pois parecia alguém um tanto magro com uma roupa escura e usando um capacete preto. Tinha suas mãos levantadas ao alto. Ele conseguiu contar quatro longos dedos e um dedão um pouco mais separado que o normal. Aparentemente a natureza não era tão diferente assim em outros mundos.

Imediatamente o telhado começou a ser sugado pela nave que pairava acima. Toda a estrutura rangeu, e telha por telha foi sendo puxada e jogada para cima, caindo ao lado. O céu azul foi se pronunciando aos poucos naquela sala escura.

O invasor mexeu rápido seus braços em pânico e todos recuaram. Mais uma vez, aquela língua estranha foi proferida, e os soldados todos engoliram em seco, como se um demônio tivesse invadido uma assembléia de religiosos.

O invasor gesticulava assustado, tentando se defender.

*“<Não!>”* gritou Miller naquela língua estranha.

Hober voltou sua atenção aos soldados atrás de si, e então, não moveu nenhum músculo, pois Benjamim estava lá, sujo dos pés à cabeça com sangue, barro e agora uma nova camada de pó de tijolo. A enorme pistola Magnum do general era erguida com as duas mãos do jovem. O estouro logo em seguida foi quase ensurdecedor. O



invasor foi jogado para trás, e uma substância amarela espalhou-se na parede do quarto.

Aquele corpo magrelo foi escorrendo sem vida até o chão.

Hober não pode esconder um sorriso. Minutos atrás, enquanto todos olhavam a cápsula de escape subir aos céus, o jovem não pensou duas vezes e lhe roubou a arma. Pela sujeira em todo seu corpo, devia ter rastejado dentro do sulco feito pela cápsula no solo.

Miller começou a gesticular em frente ao corpo: "Ele era prisioneiro! Se entregou por todos os termos!"

O general colocou um dedo na cara de Miller.

"Frank, entenda isso: um civil, não militar, é quem genuinamente defendeu a pátria. Segundo as regras acordadas, isso isenta o corporativo de entrega do invasor vivo. Nós vencemos, filho da puta do espaço."

"É a sua arma! Você trapaceou!" gritou Frank com a voz de Chris.

Os soldados tiraram a arma de Benjamim, que foi devolvida ao general, que ainda sorria com aquele desfecho.

Miller olhou Hober em desafio: "É esta sua posição final?"

O general olhou para seus homens e falou com autoridade: "Alguém teve que dar um basta nesta situação. E aquele garoto ali é quem teve as bolas para fazer o que é certo." disse Hober, cuspidando ao chão. "Primeiro puto do espaço que pegamos em vinte anos. Vou celebrar isso, Frank."

Após um breve momento, Chris então deu um inesperado soco no general. Em seguida Chris então ouviu a voz de Frank, enquanto segurava sua mão que doía. Hober limpou o sangue de sua boca com um sorriso.

"Frank disse que vocês estão acertados agora." disse Chris.

"Ainda bate como mulherzinha." falou Hober rindo.

Ben aproximou-se junto com muitos outros soldados, que queriam ver a coisa mais de perto. Hober apertou a mão de Benjamim com muito entusiasmo.

"Bem vindo à força especial, guri!" disse Hober.

Ben terminou seu cumprimento respeitoso ao general. Chris lhe oferecia também sua mão. Ambos concordaram com a cabeça, conforme se cumprimentaram. Eles tinham sobrevivido a loucura de tudo aquilo, mas os olhos de Ben voltaram-se rápido para a coisa, cujo sangue amarelo ainda escorria da parede. Do peito da criatura, existia um furo do tamanho de uma moeda. Seu braço estendeu para remover o capacete quando Hober rapidamente segurou sua mão.

"Não tão rápido, rapazinho." disse o general sério.

O jovem subitamente alterou sua voz em raiva: "Eu *preciso* saber o que matou meu irmão!"

Hober acendeu um cigarro segurando Benjamim apenas com seus olhos. Ao todo existiam vinte homens em volta do invasor. O general olhou para Miller ajoelhado ao lado do monstro naquele chão imundo; aparentemente ele também precisava ver o que havia debaixo da máscara.

Hober começou a falar e todos ouviram: "Não fazem mais de seis meses que recebemos de Frank uma dica para um local no Alaska, onde eles estavam possivelmente construindo uma versão terrestre para a emissão mental, com alcance muito maior, sem necessidade dos discos. Como sempre, chegamos atrasados e eles já



tinham percebido que iríamos vir. Deixaram um deles lá, talvez um técnico que não conseguiu sair a tempo. Aquele filho da mãe matou mais de cinquenta de nossos soldados, usando uma mesma arma que este puto aqui. Foi então que usamos gás e granadas. Três horas depois descemos até lá, e encontramos o filho da puta, deitado no chão sem um de seus braços. O cheiro era terrível. Vomitei tudo depois de dois minutos lá dentro. Ainda hoje não sei se o filho da mãe não comeu seu próprio braço. Um de nossos novos agentes, James Deveraux, em sua terceira missão ficou curioso e removeu a máscara."

"Depois do terror inicial, olhou mais de perto e a coisa pulou em sua cara, mordendo seu nariz e rasgando seu lábio superior com a fúria de um jaguar. Eu não pude fazer nada, congelei. Até hoje tenho pesadelos com a porcaria. Enfim, um dos soldados tirou uma faca e esfaqueou a coisa em sua costas, mais de vinte vezes até parar. Suas mãos e rosto ficaram amarelos, tal como essa merda na parede. Deveraux desfigurou-se, perdendo sua língua e nariz. Seu rosto tornou-se como uma rosa aberta de sangue. Não sabíamos se chamávamos o médico ou lhe dávamos um tiro de misericórdia. Mas não precisamos fazer nada, pois aparentemente o sangue deles é tóxico. Tanto James como o corajoso soldado morreram minutos depois em convulsões. Eu mesmo lhe dei um tiro de misericórdia. Pobre francês bastardo."

Naquele silêncio que veio depois do relato do general, o rádio na costas de um soldado emitiu um aviso. Keelix pediu ao soldado que se aproximasse, e todos ouviram o rádio.

*"Reator foi retirado com sucesso pelos amigos. Todos os invasores*

*foram escoltados para fora do local do acidente."*

Keelix puxou o fone e falou: "Aqui é Hober. Mande a unidade dois para nossa posição."

O general sacou sua arma e apontou para Chris que já alcançava o capacete.

"Não cometa este erro."

Chris ignorou o general e apertou as duas fendas, enquanto Keelix e todos os soldados miravam na criatura. A pedido de Chris, Ben foi até lá e removeu em um movimento rápido a máscara de metal. Miller deu um passo para trás e Hober engatilhou sua arma horrorizado.

*MEP*

Sem dúvida os olhos grandes eram pretos que nem piche e a sua boca larga um pouco aberta mostrava alguns dentes agudos. Não tinha nariz algum ou muito menos ouvidos visíveis. Em seu pescoço havia duas fendas que encaixavam com as arestas do capacete, parecendo guelras de um peixe.

Miller notou horrorizado a cor cinza descrita nos tablóides.

Benjamim viu finalmente o maldito tubarão do espaço que matou seu irmão



# JOGOS DE JACOB

## Parte 1

1

OS SONS DAS TECLAS DO COMPUTADOR oscilavam entre momentos frenéticos e outros de longas pausas. Mesmo depois das quatro e meia da manhã, Jacob bebia um longo gole de seu refrigerante sem tirar seus olhos azuis do monitor grande em sua frente. Textos em amarelo âmbar fluíam no reflexo das lentes de seus óculos. Após de passar à madrugada sofreguidamente (seis fatias de pizza, duas barras de chocolate, e agora a terceira latinha de soda de limão), ele enfrentava monstros e labirintos apenas informando comandos de texto em seu computador. Era 1993, e ele tinha quase treze anos. Recebera seu presente de aniversário antecipado pelas boas notas na escola, o que correspondia também mais ou menos um mês de noites mal dormidas.

O menino lutava contra a programação da máquina, o que lhe trazia imensa frustração, pois em certos momentos apenas imaginava qual seria o próximo passo inventado por quem havia criado o jogo, não o que ele, em seus anseios fantasiosos, gostaria realmente de fazer. As respostas certas eram lógicas dentro daquela narrativa interativa, mas para avançar no jogo ele precisava eliminar todas as distrações que sua mente necessitava para manter viva a ilusão daquele mundo em sua imaginação — algo que o senhor Luiz dizia ser a tal *suspensão de descrença*, necessária para manter jogadores (ou guerreiros de teclado como ele) ansiosos pelo próximo



quebra-cabeça, acreditando que aquilo tudo era crível.

Seu Luiz era muito inteligente e cheio de surpresas.

Aos sábados de manhã, o garoto visitava-o para conversar sobre mais pistas do jogo, às quais as respostas eram sempre as mesmas: *Se eu lhe contar, perde a graça guri!* junto com uma risadinha um pouco marota, de quem sabia até onde a extenuante maratona mental iria. Jacob então tirava seus óculos, e após uma barrinha de chocolate ser escorregada em sua coxa magrela e com um *Me ajuda, por favor!*, Jacob recebia sua resposta em seu ouvido, onde ficava de olhos esbugalhados pela surpresa, como se tudo fosse de uma obviedade desesperadora. Ser criança tinha algumas vantagens, e às vezes ele pensava como seria difícil quando fosse maior, e seu Luiz não teria mais compaixão por ele, deixando-o trancado em uma fase qualquer do jogo, perdido sem saber o que fazer.

Infelizmente, esta situação hipotética acontecia hoje.

Jacob estava agora preso em seu jogo, sem ideias para avançar, e o cursor na tela piscava aguardando seu próximo comando. Atualmente Jacob investigava um pequeno depósito escuro ao lado da garagem de uma casa suspeita — comando após comando, teria andado virtualmente por toda residência em busca de uma chave para o alçapão escondido na cozinha, embaixo de uma geladeira: descobriu aquele fato incrível sozinho, quando o computador informou que haviam riscos no chão. O personagem principal (ele mesmo espichado em sua imaginação) era um investigador que recebera uma dica anônima naquele endereço por barulhos e gritos suspeitos. Entrar pela porta dos fundos fora um sofrimento de centenas de tentativas frustradas. Naquele mesmo dia de grande

excitamento ao descobrir o jogo, ele buscou desesperado o telefone na agendinha ao lado, achando o nome de quem vendera o computador para sua mãe. Sem muita cerimônia, Jacob perguntou sobre o jogo, e o senhor aposentado ajudou-o pelo telefone. Depois disso, o senhor Luiz Rodrigues (nascera no México, mas agora morava em Compton, depois de trabalhar nas fábricas da *Texas Instruments*), perguntou se ele não queria tomar um suco com ele, para aproveitar a visita.

A amizade foi instantânea.

Ultimamente, Jacob teria ido muito mais longe que o próprio senhor Luiz, eletrônico aposentado, e que agora consertava vídeo cassetes emperrados para ajudar no fim do mês com as suas contas de remédios. "*Ser esperto não garante passe livre sobre sua asma.*" dizia ele sempre com uma tosse.

Depois deles tomarem suas limonadas, por vezes junto com balinhas de goma, conversavam também sobre filmes do cinema. Após debates sobre heróis e até mesmo sobre filmes que Jacob não conhecia (as aventuras de Perseu, em *Fúria de Titãs*, com luta de espadas, bruxas e uma coisa horrenda que podia transformar homens em pedra), o aposentado se despedia tocando no cabelo loiro de Jacob na nuca, junto com um *Bom menino!* mais honesto e gentil que o reverendo Esteban tentava todo domingo.

Ao lado de seu monitor monocromático de quinze polegadas, estava uma foto dele com sua mãe. Já tinha-se ido muito tempo desde aquela época, pois aqueles óculos de armação preta quebraram-se antes mesmo dele ter se mudado para a costa oeste, trocando casacos de neve por camisetas, calções e bicicleta nova. Ele



nunca diria isso a sua mãe, mas às vezes (principalmente à noite) imaginava a neve de Pittsburgh caindo mais uma vez em seu rosto, e todos de seu bairro correndo apavorados para suas casas. Ele andaria sozinho na rua, com seu velho casaco e um conhecido e companheiro furo no bolso esquerdo, onde sempre havia uma moeda escondida para o fliperama.

Após uma longa piscada de olhos onde tudo aquilo passou em sua mente, Jacob terminou seu gole e guardou a latinha com cuidado. Depois disso, teria de tomar suco de laranja azedo ou um iogurte provavelmente vencido, onde uma dor de barriga a uma semana antes de iniciar as férias de verão seria no mínimo ridículo em seu último dia de aula.

Surpreendeu-se segurando ainda a foto por um longo momento, e sua cabeça pendeu para baixo, colocando seu pequeno queixo no peito e encaixando-o na moldura de madeira. Sentimentos tentaram irromper a realidade alternativa imposta pelo computador em sua frente, e Jacob lutou contra eles com força. Mesmo perdido naquele ponto do jogo, estar ali em sua imaginação era muitas vezes melhor que viver em seu bairro: correr na rua por causa dos garotos maiores, dobrar esquinas com cuidado redobrado, pular muros evitando cachorros, fazer uma volta enorme buscando novos caminhos por ruas diferentes ou então voltar para casa com um lábio, nariz ou olho machucado. Ele não conseguia entender por que faziam isso com os pequenos, e também não conseguia imaginar-se maior batendo em alguém, somente por que podia ou que era sua vez de direito, como se a violência fosse uma espécie de estagio natural do ser humano.

Percebeu-se apertando a foto contra seu peito.

No meio de tudo isso, o sono da última noite perdida veio para valer, mas ele não fraquejava: fechou seus olhos e falou baixinho para aquele silêncio da sala de estar, junto com a claridade do novo dia ensaiando-se na janela: "Já fiz coisas ainda mais difíceis, isto não é nada!"

Após outro pequeno momento, ele revigorou-se de seu torpor e abriu seus olhos arregalados, escrevendo rápido em seu computador:

> USAR LÂMPADA

Jacob apertou a tecla mágica *Enter*.

O computador piscou e soltou um *beep*, e um novo texto informava que, agora com a luz, podia-se ver uma chave pendurada do outro lado do armarinho.

*Elementar, meu caro Jacob!* diria seu Luiz.

O garoto sorriu como se hoje fosse Natal. Sua mente começava a imaginar o que teria escondido dentro daquele alçapão, que precisava mover uma geladeira e abrir com chave escondida para entrar.

Quaisquer que fossem os desafios, ele estaria pronto.

*JP*

Ao acordar, Claire não se moveu. Apenas abriu os olhos e viu a janela semi-aberta, onde um pouco de claridade passava. Seu olho direito doía, e isto não era novidade — já doía três horas atrás. Ouvira um pouco antes o barulho de abrir de um refrigerante, mas seu ouvido automaticamente procurou o homem ao lado, que por



sua respiração, notava-se que já estava acordado.

Claire se encolheu um pouco ao perceber isso.

"Acho que devia ir embora, já teve o que queria comigo, então suma daqui," falou Claire, ríspida e incisiva.

O homem fungou contrariado: "Você não é mais legal, Claire." disse ele sem camisa, sentando-se na cama e acendendo um cigarro.

*Jacob*

Jacob começou a ouvir a conversa raivosa entre os dois, abafada pela parede do quarto. O garoto levantou seus olhos acima do monitor do computador preocupado. Fazia tempo que ela não tinha mais namorados, mas sua mãe mesmo dizia que tinha dedo torto para homens. Jacob achava aquela frase comum entre ele e sua mãe engraçada, mas ao mesmo tempo entendia-a em um nível mais abaixo do normal, onde o medo e a raiva ficavam debatendo quem era mais forte. Quatro anos atrás, e mesmo ainda um pouco criança, Jacob entendeu que a mudança deles de cidade não vinha com uma proposta de emprego esperando do outro lado. Durante aqueles meses, o gesso em seu pequeno braço direito (onde Claire desenhava bichos coloridos), mostrava violência contida por cima de uma camada frágil, temporária de inocência. Abaixo daquela proteção, um osso quebrado cicatrizava, simplesmente por ele ter entrado no quarto e perguntar o que estava acontecendo. Sua mãe nua segurava seus seios em vergonha, enquanto gesticulava com a outra para ele correr em olhos aflitos — o que ele não conseguira, pois ficara travado ali, vendo um pesadelo real em seus olhos de criança.

Ao lembrar-se disso, seu abdômen tornou-se rígido, e todo o torpor de não ter dormido sumiu de imediato. O medo tinha seus super poderes, disse ele se lembrava quando deixava para trás na corrida adolescentes alguns anos a mais que ele. Levantou-se da cadeira, e sentou-se no chão com a cabeça nos joelhos, conforme os filmes de avião indicavam a todos durante um pouso desastroso. Por enquanto, o medo tinha larga vantagem sobre a raiva dentro de si, onde sua consciência de menino escondia-se. Naquele momento ínfimo percebeu que seu antigo braço quebrado já estava como novo, mas ali, dentro dele, tudo ainda estava em aberto, como se fosse ontem. Sua mente não cicatrizava, apenas bloqueava as ruas de acesso daquele local perigoso, onde o tempo estava parado. Com certo horror e detalhes, ele via até as marcas roxas nos antebraços, coxas e canela de sua mãe, que ficavam apenas trocando de lugar a cada semana. Ali, em sua memória, aqueles olhos fixos dela ainda o mandavam correr.

Jacob sentiu-se ainda menor ao se lembrar disso, apertando suas mãos nas orelhas, ouvindo sua respiração forte por sua pequena boca apertada de criança.

Um copo quebrou-se no chão. Houve um silêncio, uma risada nervosa masculina, a voz firme de sua mãe e então um homem muito tatuado saiu de costas do quarto, com ambas mãos ao nível de seu rosto: "Calma, calma, sua piranha," disse ele com desdém, mas receoso em seu andar e voz.

"Vá embora!" rugiu Claire do fundo escuro do quarto.

Jacob, agora de face enterrada em suas mãos, só ouvia o ambiente. O homem deu as costas para ela, falou algum xingamento



em espanhol, e foi indo para a porta da frente, ignorando o menino. A porta da frente da casa bateu, e depois houve um ruído de pneus, junto com um arranque forte de carro. Depois de algum tempo, passos vieram do quarto. Um objeto metálico e pesado foi colocado na mesa da cozinha, entre o resto da pizza e as embalagens vazias de chocolate.

Claire sentou-se ao lado dele, tremendo: "Jacob, por que está ainda aqui na sala e não no seu quarto?" perguntou ela.

O garoto levantou seus olhos e viu o revólver na mesa.

"P-por que você tem uma arma?" perguntou o menino assustado.

"Não era para você ver isso... Eu..."

Então Jacob realmente olhou para ela, e quando Claire pode ver seu rosto de menino em agonia (igual à outra vez que eles tiveram de fugir), aquilo quebrou finalmente o resto de controle que ela tinha. Em choro silencioso e agoniado, Claire tremia e o ar entrava e saía forte de sua boca aberta. Era como seu sofrimento fosse impossível de sair, e que ardia, queimando por dentro.

Jacob agiu rápido, abraçando-a forte, quase no limiar de dor, como se quisesse lutar junto com ela contra o inominável, o sem forma, a coisa sem nome. Jacob, mesmo cansado e exausto, lutou junto à ela por longos momentos contra aquele agressor invisível, e então, finalmente, um choro longo e grave rompeu-se, limpo e sadio para fora. Ele a via sofrer mais uma vez, da mesma maneira brutal que todas outras vezes. Claire era magrela, com mais de um metro e setenta, mas tinha uma musculatura forte de quem topava fazer qualquer tipo de serviço — o menino teve de usar toda a sua força,

contendo-a em meio aos seus soluços e gritos abafados de dor.

Nestes momentos terríveis de crise, Jacob sentia sua mente elevar-se de seu próprio porão de horror (onde o tempo estava parado) alcançando um outro local de calma, respeito. Ignorando todo seu medo e anulando sua raiva, ele beijava o olho machucado dela e alisava seu cabelo de forma calma e metódica. Num acordo não verbal, Jacob transcendia seu papel de filho naturalmente para seu companheiro.

"Te amo, te amo, te amo." disse Claire diversas vezes, dois tons mais agudos que o normal.

"Eu sei, mãe. Eu sei." repetiu o garoto junto com ela.

Ignorando o revólver em cima da mesa, os dois foram quietos até a cama e dormiram por algumas horas.

*SEP*

O despertador tocou as onze e trinta da manhã, e Jacob levantou rápido. Arrumou sua bagunça da sala, guardou todas as latinhas de refrigerante no lixo. Pegou a arma, olhou-a com cuidado e guardou-a dentro de uma gaveta do quarto. Onde eles moravam era um bairro violento, e Claire falava que eles precisavam se defender, mas Jacob não sabia que ela tinha adquirido a arma de fato.

"Jay..." disse Claire, muito cansada, segurando seu olho que doía.

"Sim, mãe. O que foi?"

"Hoje é seu último dia na escola?" perguntou ela.

"Sim."



"Eu tenho de trabalhar à noite. Não vou poder ir nas mesas, mas posso limpar aquela bagunça do depósito finalmente. Na verdade, acho até melhor, sabe? Não quero ver mais aqueles idiotas me..."

"Vamos nos mudar de novo?" interrompeu Jacob.

Houve um silêncio um tanto constrangedor.

"Depois que mudamos, nossos problemas se resolveram?"

Jacob olhou para a porta ansioso. Aquela era uma conversa de adultos que ele não queria ter, embora sua ansiedade em ter as respostas, depois de ver a arma, o fez perguntar coisas sem pensar nas consequências.

O menino baixou sua cabeça triste.

"Jay, olha para mim." pediu Claire.

O garoto pensou no seu Luiz lhe afagando o cabelo, em seu jogo de computador quando finalmente acendeu a lâmpada no depósito e achou a chave do alçapão, ele caminhando sozinho na neve, um homem forte segurando ele pelo braço e o jogando na parede, o médico colocando seu osso no lugar e pondo o gesso, a arma pesada em suas mãos. Ele percebeu que, de forma inevitável, todos os caminhos iam de encontro à aquele local horrível em sua consciência, andando em círculos como em um filme cruel.

"Armas também não vão resolver nossos problemas." falou o menino, invertendo as palavras de sua mãe.

Claire viu mais uma vez a tristeza do filho, e lhe estendeu a mão. Mesmo sentido por ter respondido tão duramente com ela, o menino pegou naquela mão como se fosse uma bóia de salva vidas.

"O revólver não tem balas. Não somos como o resto desta

gente. Eu jogo fora amanhã esta porcaria, se isto te incomoda."

"Me incomoda muito!" rompeu finalmente Jacob em um choro muito verdadeiro.

"Vem cá pequenino."

Os dois ficaram juntos até o garoto se acalmar.

*JP*

Claire arrumou o cabelo dele, e limpou suas lágrimas: "Jay, você conhece o Leonard, não? Duas quadras daqui, já os visitamos no último quatro de julho. A mãe dele, Tiffany, trabalha comigo..."

"Ele é da minha aula de inglês. Ele é idiota."

"Jay, olha os modos. Tiffany me disse que ele anda muito triste depois que ela se separou. Você poderia..."

"Ah não, mãe..."

"Só hoje, fique com ele no fim da tarde, joguem algum jogo e esteja de volta às dez."

"Ele rouba muito nas regras quando jogamos! Outra vez eu tinha um arqueiro..."

"Obrigado!" disse Claire encerrando a conversa.

"Mas eu não concordei!" respondeu Jacob.

"Filho, se não estendermos nossas mãos, quando que vão nos estender de volta? Esqueceu o que o reverendo falou domingo passado?"

Claire sorriu. O menino sorriu logo em seguida. Se ela estava bem, ele agüentava até perder humilhanantemente para o menino mimado de sua aula de inglês.



"Podemos comer pizza de novo?" perguntou Jacob, mais animado, levantando-se da cama.

"Claro! Sua mãe não é demais?"

Claire pegou um plástico de comprimidos: "Preciso de uma boa apagada até as seis, senão não consigo nem ficar em pé naquela pocilga, muito menos encarar as baratas que vão sair daquela papelada."

O garoto fechou a persiana, saindo do quarto e fechando a porta. Depois de algum tempo, Claire olhou desconfiada para todos os lados e então rolou devagar na cama, abrindo a gaveta e pegando seu revólver. Verificou com cuidado que todas as balas ainda estavam lá. No escuro e silêncio do quarto, sua consciência ia por lugares complicados, de muita culpa e anseios raivosos de justiça, e ela não sabia se iria conseguir cumprir sua promessa de jogar fora aquele revólver. O silêncio era o que mais incomodava, lhe fazendo ir atrás de alguma solução, mas a resposta que ela tinha era o mesmo *não sei!* de sempre, o mesmo que ela dizia sobre o pai do menino, pois naquela época quando precisava do pó fazia o que os homens queriam, sem pudores ou limites.

Ao saber da gravidez, tudo mudou para Claire.

De alguma maneira, Jacob a salvou mesmo antes de nascer, o que fez uma lágrima correr pelo seu olho roxo e inchado.

"Não tem outro jeito." disse Claire cansada, enquanto aguardava ansiosa que o comprimido fizesse efeito e que a levasse para a escuridão, onde engoliria tudo de uma vez, certo ou errado, passado ou presente.

Enquanto ela ouvia Jacob lavar a louça, o silêncio enfim veio de

forma avassaladora, lhe tirando a dor e a levando junto para onde estava o inominável e o sem forma, sempre a lhe esperar.

## 2

A escola *Winston High* ficava a oito quadras de sua casa; porém quando se tem boas notas, esta distância era simplesmente do outro lado da cidade. Pegaram ele quatro vezes nos últimos dois meses, e Jacob conseguira fugir apenas uma vez. Em todas outras, ele perdera tudo que havia na carteira, e havia uma chance imensa de lhe quebrarem seus óculos, que por vezes sem escapatória, jogava-os por cima do muro — sua mãe não iria agüentar uma terceira troca de armação. O que mais irritava era de que não podia ir ao fliperama, pois *eles* ficavam lá a manhã inteira. Quando iria almoçar fora, Jacob e sua mãe sempre pegavam o carro e dirigiam para longe. Claire tentava convencê-lo que nada iria acontecer, mas com apenas um olhar de angústia, ela logo concordava, pois os dois viviam seus pesadelos praticamente lado a lado.

Pelo seu relógio, estava vinte minutos adiantado do primeiro período. Conforme caminhava em direção à escola, maior eram a quantidade de pichações pelos muros, como se a instituição fosse o epicentro de uma bomba de ignorância. Alguns destes muros eram repintados, mas o estrago voltava sempre, cada vez mais impetuoso. Havia facas de pessoas estilizadas como fantasmas nos muros,



junto com letras grandes e amontoadas. Jacob tentava entender se aquilo era uma expressão de medo ou de raiva, mas talvez aquela arte fosse uma maneira de tentar fechar cicatrizes da mente, tirando o inominável de si e o prendendo do lado de fora, exorcizado no muro. Sua mente debatia consigo que se isso realmente funcionasse, por que o mundo ainda insistia em correr atrás de meninos que nem ele?

*Depois que mudamos, nossos problemas se resolveram?*

Jacob parou na frente da escola, onde o logotipo estava faltando algumas letras. Ao lado do último H do nome da escola, haviam dois rapazes mais velhos, de cabelos arrepiados, fumando algo cujo cheiro não era o mesmo que o cigarro do seu Luiz. Apesar de tudo isso, Jacob sentia-se muito mais tranquilo na escola. Lá, por mais caótico que o exterior de pichações e marginais ao seus arredores fosse, ele nunca apanhara.

Nos intervalos, ficava ao lado dos adultos monitores, enquanto os maiores algumas vezes lançavam olhares de desdém; outras vezes apontavam direto para ele e a saída, com uma afirmativa ansiosa. Talvez o que mais humilhava os maiores era de que eles tinham de repetir as matérias com ele.

Jacob cruzou o portão triste, em seu ultimo dia de aula.

*Lee*

"Hoje quero que escrevam uma redação sobre o que pretendem fazer nas férias. Quarenta linhas ou mais." disse o professor Lee.

Jacob olha ao seu redor, e percebe que Leonard não está em sua

classe, enquanto outros meninos e meninas já rasgam uma página de seus cadernos. Ele detestaria ter de dizer simplesmente *que não o achou* para sua mãe, o que levantaria suspeitas. Também não gostaria de a contrariar pelos fatos de hoje de manhã, que a deixaria em ruínas até a próxima quermesse, onde faria no mínimo três bolos e cinco tortas para os necessitados em uma maratona na cozinha, seu único jeito de extravazar toda aquela raiva. Ao pensar em casa, o revólver grande e pesado voltava em sua mente: seu peso, tamanho e possibilidade de estourar a cabeça de alguém, fazendo um barulho e sujeira difíceis de limpar e impossíveis de se esquecer.

*Por favor, não!* pensou Jacob.


"O que foi, senhor Hollister?" perguntou o professor.

"Muita coisa para se fazer nas férias, professor." disse Jacob rápido, arrancando a página.

JOGOS DE JACOB, escreveu no título. Seu Luiz ficaria com muito orgulho. O garoto então encheu a sua folha com o que imaginava ter atrás do alçapão, depois do comando de texto em seu teclado: "ABRIR ALÇAPÃO COM A CHAVE". Desceria um porão nas sombras das antigas catacumbas da cidade, lutaria contra lobisomens, bruxas, medusas, ogros de duas cabeças e um demônio gigante de várias cabeças.

Jacob escreveu, escreveu, limpou meio parágrafo com sua borracha, re-escreveu, virou a página e escreveu ainda mais. Sua mente girava longe dali, e, dentro da proteção de sua imaginação de criança, ele exorcizava de forma implacável os monstros que ousavam cruzar seu caminho.





Após se aproximar da mesa do professor, o garoto entregou sua redação, e o mestre Lee a recebeu com um sorriso: "Nos vemos de novo em dois meses?"

"Sim!" disse Jacob, com a sua mão doendo de tanto escrever.

O mestre olhou a redação, virou a página e sorriu.

"Jay, venha cá."

O mestre então deu-lhe um abraço, um pouco mais forte que o normal, um pouco mais longo que o normal: "*Tenho fé em você, Jay.*" disse ele baixinho, e, da mesma maneira que o senhor Luiz, ele sentiu uma verdade absoluta naquelas palavras. Um sentimento tão forte, que o menino afastou-se um pouco molhando seus olhos, e agradeceu-o com um pequeno aceno de cabeça, envergonhado.

Enquanto caminhava no corredor, ele pensou que estes dois meses sem aula eram muito piores que todas as quadras que tinha de percorrer diariamente, com ou sem *bullies*. A escola era para ele o que sua mãe encontrava na igreja, naquela cantoria toda e quermesses a cada duas ou três semanas.

Perto do bebedouro, um menino com uma camiseta preta estava de costas para ele, mas Jacob percebeu logo que era Leonard, sempre com sua bermuda verde e tênis *All Star* brancos. Quando o outro menino se virou, ele estava com uma camisa com o logotipo dos caça-fantasmas, mas seu rosto estava parcialmente escondido por um cabelo mais longo na frente, mostrando que levava a pior na rua, justo no último dia de aula.

"Pegaram você?" disse Jacob, apertando seus olhos para entender melhor o que aconteceu.

O outro nada disse, apenas cuspiu um pouco de vermelho agitado no bebedouro, como se aquilo fosse uma resposta.


"Os caras da 8C. Fiz a volta pelo outro parque, mas não deu." disse Leonard, aparentemente muito cansado.

"Ah, eles já manjaram por ali. Melhor atravessar a casa com aquele buldogue preto. Eu sempre..."

"Vamos ali." disse Leonard interrompendo Jacob e apontando para o banheiro.

Jacob viu um borrimo vermelho na parte branca do caça-fantasma, e ele engoliu em seco. Seria sangue do próprio Leonard?

*Existem riscos em baixo da geladeira*, teria informado o computador algumas horas atrás.



De frente para o espelho, Leonard vai lavando seu rosto, devagar e calmamente. Jacob está de braços cruzados na parede, e limpa seus óculos.

"Eu acho que você deveria chamar.." começou Jacob a falar.

"Não vou chamar ninguém Jay."

O menino pegou um punhado de água e limpou areia de sua bochecha, com diversos cortes que agora estavam vermelhos.

"Se meu pai estivesse aqui, as coisas seriam diferentes." falou Leonard.

"Você vai ficar por aqui nas férias?" perguntou Jacob.



Leonard sorriu, e seus dentes estavam vermelhos, junto com uma gengiva inchada e de uma cor dois ou três tons mais escura que o normal.

"O que você acha? Ninguém escapa de Compton."

"Bom, então... Você quer jogar *D&D* comigo?" perguntou Jacob ansioso.

"Você leva o tabuleiro?"

"Claro."

"Aparece lá em casa então."

"Marcado," disse Jacob, conversando com ele pelo espelho.

Jacob sai do banheiro.

"Iremos nos divertir muito... Jacob," diz Leonard, em um sorriso forçado, enquanto uma gota de sangue escura de seu lábio finalmente cai na louça branca, fazendo uma curva lenta até o ralo, indo e rolando para a escuridão.

### 3

Com o pacote grande do tabuleiro e todos os livros de regras, Jacob chegou até a casa de Leonard. Aquela era uma zona residencial muito diferente das pequenas casinhas de aluguel onde ele e sua mãe moravam, apesar de meras duas quadras de distância. Havia mais árvores e pracinhas, além das casas terem dois andares com garagem interna. Embora a mãe de Leonard trabalhasse junto com

sua mãe, Jacob não entendia como eles conseguiam morar ali. Talvez fosse a pensão do pai de Leonard, que era um destes gerentes comerciais de uma revendedora de carros, mas mesmo assim a conta não fechava: Leonard foi o primeiro da escola a ter videogame importado do Japão, além de sempre estar trocando de bicicleta e sua televisão ser uma das maiores que Jacob já vira.

Parado em frente à porta, um bom tempo passou, e Jacob tocou a campainha já pela quarta vez. Havia um carro esportivo na frente da casa, um Mustang conversível. Talvez o pai de Leonard estivesse lá, e eles não podiam atender a campainha, por isso a demora. Houve então um arrastar de passos audíveis por debaixo da porta. A porta abriu devagar, e Jacob pode ver que Leonard continuava com a mesma camiseta suja, e sua cara parecia estar ainda mais inchada, em meio aos seus cabelos desgrehados.

Desta vez, outra coisa ficou muito mais evidente: o garoto fedia, mesmo a uma boa distância dele.

"Vamos jogar então?" falou Jacob, com pouco entusiasmo, torcendo o nariz pelo cheiro.

"Ok," disse o garoto, em uma voz um tanto vagarosa.

Imediatamente ao cruzar a soleira da porta, o garoto percebeu que o cheiro terrível de Leonard era o menor dos problemas. Junto à porta havia um móvel com um grande espelho, onde a mãe de Leonard deveria arrumar-se e conferir seu batom pela última vez antes de sair de casa. O espelho estava trincado, em um quebrado de cima a baixo com um ponto amassado no centro — Jacob percebia o tamanho de um punho, mas não de uma mão de menino. Leonard passou pelo espelho como se já estivesse acostumado com ele. Outra



coisa fez arquear a sobrancelha de Jacob, desconfiado: seu amigo agora mancava muito.

Como Jacob não passava do móvel da porta, Leonard virou-se daquela maneira desinteressada e falou para ele, como se estivesse terrivelmente cansado: "Vamos logo, Jay."

"O que houve com o espelho?"

"Fui eu que quebrei. Vamos até a sala."

*Ele está mentindo*, pensou Jacob.

Jacob então foi andando, e no corredor começou a ver retratos tortos, além de furos na parede, em rasgos ora triangulares ora circulares. Algumas fotos da família estavam ao chão, com o vidro da moldura quebrado e cacos espalhados junto ao quadro arrebentado. Mesmo assim, seguia seu colega que caminhava lentamente, por vezes se encostando na parede do outro lado, parecendo estar meio sonâmbulo ou perdendo seu equilíbrio.

"Meu pai veio aqui dois dias atrás. Por isso a bagunça. Minha mãe não cala a boca, aquela vadia. Dizem que meu pai tem um..."

"Temperamento?" disse Jacob sobre a palavra que sua mãe referia sempre sobre seus ex-namorados violentos.

"É. Por aí." falou Leonard de costas, movendo a cabeça devagar de um lado para o outro, parecendo estar tentando equilibrar-se.

Jacob assustou-se com a violência do lugar. Lembrou-se de sua casa e o retrato deles na neve, o revólver mais uma vez na mesa entre a pizza e os papéis de chocolate. Será que tudo isso poderia também ter acontecido com ele justo algumas horas atrás, sem a intervenção desesperada de sua mãe?

"Vamos jogar aqui." disse Leonard, entrando por uma porta

maior.

*Estaria mesmo a arma descarregada?* perguntou-se Jacob.

Com um suspiro nervoso, ele entrou na sala, que diferente de todo o resto destruído que já vira, parecia estar normal, com sofás brancos, uma grande mesa baixinha e aquela TV monstruosa.

*Jay*

Jacob abriu o jogo de RPG, com exército branco e vermelho na mesa, junto com o livro de aventuras e fichas de personagens para eles escolherem o que iriam fazer. Ele separou tudo nos seus locais, e então olhou para frente: Leonard não parecia estar ali. Seu rosto parado olhava apenas para frente, e não nos olhos de Jacob, que mexia sua mão na frente dele para ver o que acontecia.

Após um tempo, Leonard abriu a boca um pouco com certo tremelico na bochecha e lábio superior, que estava bem machucado e já com um edema se pronunciando: "Onde estão... seus dados, Jacob?"

"Estão aqui... em algum lugar." começou Jacob a procurar os dados dentro da caixa.

O outro levantou-se com um meio sorriso, e foi até a porta. "Tenho os meus especiais de vinte lados. Venha comigo me ajudar a achá-los."

Pelo fim do corredor, havia uma cozinha, e dela uma porta que vinha da garagem. Como Leonard e sua mãe não tinham carro, eles usavam aquele espaço embaixo como um grande porão. Leonard foi andando e se encostando por tudo que passava, como se não



conseguisse manter-se em pé.

"Tem muita porcaria... aqui em baixo." falou Leonard, abrindo a porta do porão e descendo a escada, ainda de forma lenta e arrastada.

Jacob manteve uma longa distância, desconfiado.

*De quem era o carro na frente da casa?* perguntava-se Jacob, que pela janelinha da cozinha notou que já estava escuro — ninguém deixaria um conversível aberto de noite, não naquela parte da cidade. Já tinha vindo outras vezes na casa de Leonard, e não era a primeira vez que descia ali por aquela escada. A mãe de seu amigo, segundo ele próprio, tinha um *pequeno problema de compras*, dissera Leonard apenas alguns meses atrás, enquanto descia a escada pulando dois degraus por vez, sem tempo nenhum no mundo a perder.

Hoje, seu amigo arrastava-se pelas paredes.

*Parece drogado*, pensou Jacob.

Passo a passo, o outro chegava ao fim da escada: "Venha." disse Leonard, agora mais forte pelo eco da garagem.

Naquela penumbra, Leonard largou os dados que havia escondido em seu bolso, enquanto Jacob estivera distraído arrumando o tabuleiro. Com dois passos estava no escuro.

De cima da escada, Jacob via a garagem escura, e não ouvia mais nem os passos do outro. Sendo honesto consigo, o que ele ouvia mesmo era seu coração galopando no peito. Outra vez que sentiu-se assim aconteceu na casa de sua colega Sammy, quando foi ver a reprise da série *Twilight Zone*, onde um garoto tinha de dar chá para sua avó do inferno. Na volta para casa, ele colocava o máximo

que podia de velocidade em sua bicicleta, repetindo *Georgie! Traga meu chá!* às vezes rindo, outras vezes desejando ter olhos atrás de sua nuca para ver se não havia um monstro gordo e deforme atrás dele, pulando entre as árvores e querendo um abraço mais forte.

Jacob encostou-se na parede, olhando de lado aquela simples escada, sentindo aquele aperto de medo mais uma vez na barriga, porém seus super-poderes pareciam não responder.

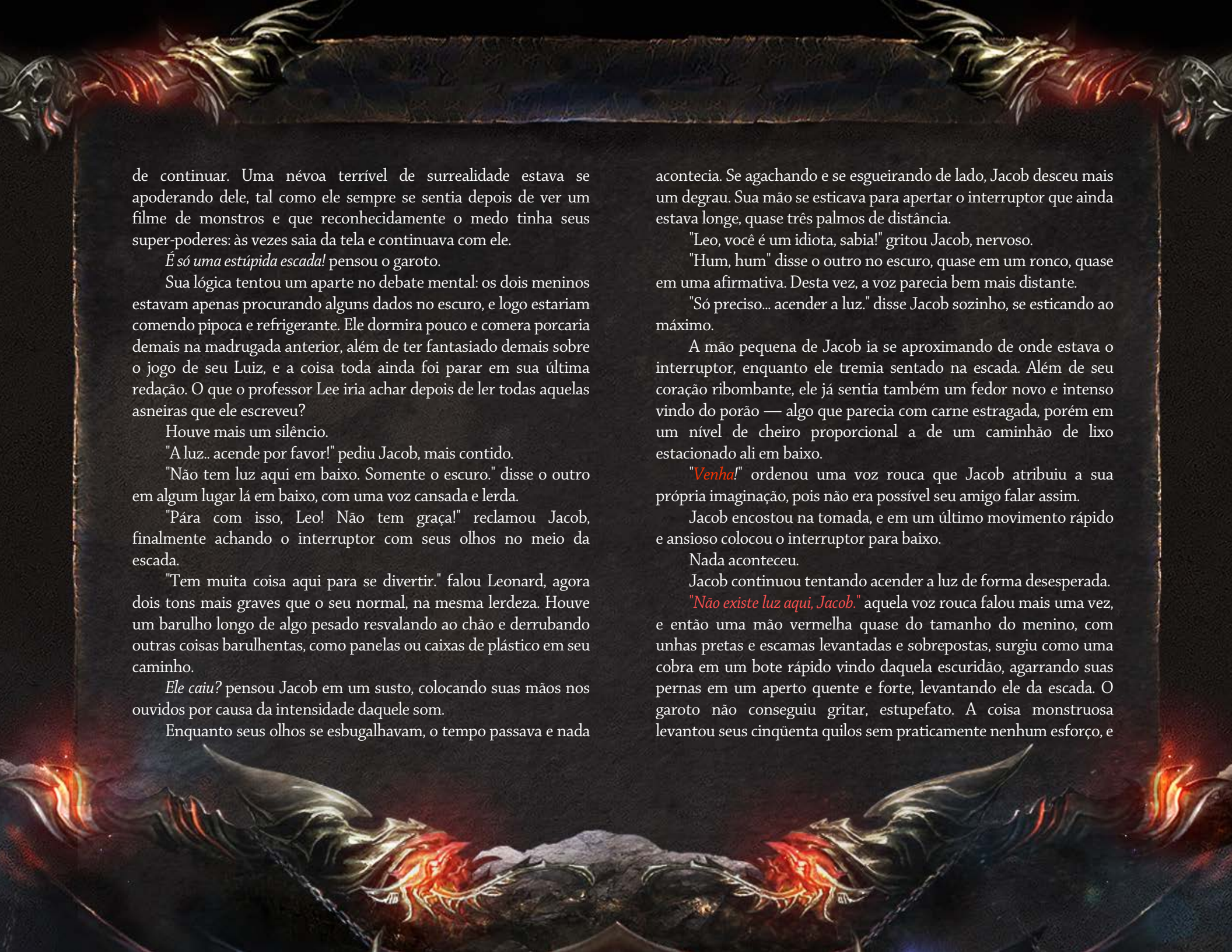
"Acende a luz... por favor" pediu Jacob, sentindo um terror inesperado e irracional.

Jacob então segurou um grande ímpeto de correr. Olhava para seus braços, que contiveram a coisa que machucava sua mãe poucas horas atrás. Se ele voltasse cedo demais para casa, havia uma grande chance de sua mãe desapontar-se com ele, o que Jacob evitava a qualquer custo. Acontecendo isso, não haveria mais o momento onde ele conseguia, efetivamente, curar um pouco daquilo que a machucava, como tudo sempre terminava com ele no controle da situação.

*Corral!* ouvia mais uma vez sua mãe o avisar daquela memória terrível em sua mente, nua e de olhos aflitos — mas ele não se movia. Dentro de si, Jacob sempre teve a certeza de ser uma vítima de tudo isso, mas se fugisse, as conseqüências seriam desastrosas para ambos. A próxima vez que a *coisa* viesse pegar sua mãe, a consumindo em seus acessos avassaladores e brutais, talvez Claire não o confiasse mais nele para interceder.

*Leonard sempre foi bobinho nunca violento*, pensou Jacob, limpando o suor nervoso de seu rosto gelado. Reuniu todo o controle que ainda tinha, dando um passo de lado na escada. Teria





de continuar. Uma névoa terrível de surrealidade estava se apoderando dele, tal como ele sempre se sentia depois de ver um filme de monstros e que reconhecidamente o medo tinha seus super-poderes: às vezes saía da tela e continuava com ele.

*É só uma estúpida escada!* pensou o garoto.

Sua lógica tentou um aparte no debate mental: os dois meninos estavam apenas procurando alguns dados no escuro, e logo estariam comendo pipoca e refrigerante. Ele dormira pouco e comera porcaria demais na madrugada anterior, além de ter fantasiado demais sobre o jogo de seu Luiz, e a coisa toda ainda foi parar em sua última redação. O que o professor Lee iria achar depois de ler todas aquelas asneiras que ele escreveu?

Houve mais um silêncio.

"A luz.. acende por favor!" pediu Jacob, mais contido.

"Não tem luz aqui em baixo. Somente o escuro." disse o outro em algum lugar lá em baixo, com uma voz cansada e lerda.

"Pára com isso, Leo! Não tem graça!" reclamou Jacob, finalmente achando o interruptor com seus olhos no meio da escada.

"Tem muita coisa aqui para se divertir." falou Leonard, agora dois tons mais graves que o seu normal, na mesma lerdeza. Houve um barulho longo de algo pesado resvalando ao chão e derrubando outras coisas barulhentas, como panelas ou caixas de plástico em seu caminho.

*Ele caiu?* pensou Jacob em um susto, colocando suas mãos nos ouvidos por causa da intensidade daquele som.

Enquanto seus olhos se esbugalhavam, o tempo passava e nada

acontecia. Se agachando e se esgueirando de lado, Jacob desceu mais um degrau. Sua mão se esticava para apertar o interruptor que ainda estava longe, quase três palmos de distância.

"Leo, você é um idiota, sabia!" gritou Jacob, nervoso.

"Hum, hum" disse o outro no escuro, quase em um ronco, quase em uma afirmativa. Desta vez, a voz parecia bem mais distante.

"Só preciso... acender a luz." disse Jacob sozinho, se esticando ao máximo.

A mão pequena de Jacob ia se aproximando de onde estava o interruptor, enquanto ele tremia sentado na escada. Além de seu coração ribombante, ele já sentia também um fedor novo e intenso vindo do porão — algo que parecia com carne estragada, porém em um nível de cheiro proporcional a de um caminhão de lixo estacionado ali em baixo.

*"Venha!"* ordenou uma voz rouca que Jacob atribuiu a sua própria imaginação, pois não era possível seu amigo falar assim.

Jacob encostou na tomada, e em um último movimento rápido e ansioso colocou o interruptor para baixo.

Nada aconteceu.

Jacob continuou tentando acender a luz de forma desesperada.

*"Não existe luz aqui, Jacob."* aquela voz rouca falou mais uma vez, e então uma mão vermelha quase do tamanho do menino, com unhas pretas e escamas levantadas e sobrepostas, surgiu como uma cobra em um bote rápido vindo daquela escuridão, agarrando suas pernas em um aperto quente e forte, levantando ele da escada. O garoto não conseguiu gritar, estupefato. A coisa monstruosa levantou seus cinquenta quilos sem praticamente nenhum esforço, e



bateu com o menino na parede com força.

Jacob sentiu tudo ficar amarelo brilhante em múltiplas estrelas em seus olhos, o ar fugindo rápido de seus pulmões e sua consciência escorregando, rolando, girando para seu lugar escondido, onde o inominável sempre esperava ansiosamente, roçando suas garras por ele, sempre pegando sua mãe por engano, mas desta vez não houve escapatória: era ele quem o escuro queria pegar.

## 4

*"Acorde!"* disse uma grave e sobrenatural voz.

Após uma confusão momentânea e depois de tossir muito, Jacob abre seus olhos, e percebe que a garagem de Leonard expandira-se, ficando muitas vezes maior que era antigamente; o chão, antes de azulejos marrons comuns, agora formava-se de uma terra escura e arenosa — Jacob reconheceu imediatamente como a mesma areia que seu amigo teria limpado no banheiro da escola.

Seus olhos corriam por aquele ambiente, e logo viram que todas as porcarias que estavam armazenadas em duas filas e três andares de caixas plásticas estavam espalhadas, quebradas pelos cantos. A escada parecia estar bem longe dali, e quando se olhava parecia desfocada, como se ele visse tudo de dentro de um aquário ou uma bolha.

Ao seu lado, e com o mesmo fedor que ele sentira antes, estava Tiffany, mãe de Leonard, com metade de sua cabeça afundada e o sangue escuro seco nos cabelos ruivos, enquanto um par de olhos cinzas o encaravam sem nenhuma expressão.

Uma mosca saiu do nariz da mulher e voou dali.

Jacob seguiu o inseto, e então viu um outro senhor gordo e grisalho, de olhos fechados, mas a sua garganta aberta sujava completamente uma camisa, amassada e cheia de terra.

Foi então que viu finalmente seu amigo Leonard, de uma magreza terrível, mas com os mesmos olhos perdidos e vazios de quando abriu-lhe a porta, momentos atrás. Em uma pose torta, ele vacilava em pé, como se não comesse à muitos dias, doente a ponto de cair no chão.

"Leo!" gritou Jacob, e ao falar, sua cabeça doeu e ele sentiu um inchaço grande logo acima de sua orelha esquerda, que estava ardendo, quente e molhada com um filete de sangue que ele logo percebeu que fora transferido para sua mão.

*"Vejo que conhece a família!"* falou a criatura.

Jacob sentiu que o som vinha de trás dele, e logo também percebeu que uma certa luminosidade vermelha tomava conta do ambiente. Encolheu-se em seus ombros em medo, e tentou gritar mas a voz não vinha, pois algo enrolava-se em seu pescoço.

*"Desculpe, mas uma coisa que não agüento mais são gritos de crianças."* disse a criatura, cada vez mais impaciente.

Havia agora um pequeno tentáculo enroscado na garganta de Jacob o sufocando. O menino levantou uma de suas mãos em um gesto de concordar, e então aquela cobra soltou-lhe um pouco, o



mínimo para que ele pudesse respirar.

"T-t-tudo b-bem!" disse Jacob engasgando-se.

*"Tenha também um pouco de respeito e olhe para mim."* falou a criatura, girando Jacob no ar por aquele tentáculo, forçando-o a vê-lo, meio metro suspenso do chão.

O garoto viu o mesmo dragão que estava no tabuleiro que ele tinha tirado de seu armário e trouxera para jogar com Leonard, e então começou a rir, de forma incrédula: "Isso é uma piada?"

A criatura aproximou-se mais um pouco, e Jacob parou de rir, pois aquela ilusão deixava qualquer filme ou programa de TV tão pobre, tão ínfimo, que seus ombros voltaram a crescer e sua cabeça tentou se esconder dentro deles, enquanto sua face esquentava somente com a proximidade da criatura que parecia queimar por dentro.

"Dê-dê-dê-dêmonio..." balbuciou Jacob como fizera inúmeras vezes em seus piores pesadelos, quando tentava gritar e a sua voz não saía. Desta vez conseguiu falar, e sentia todos os cabelos de sua cabeça arderem um pouco com todo aquele calor, molhados de suor que vertia de si — parecia estar em um forno.

*"Assim está melhor."* resmungou a coisa. *"Deixe eu explicar a situação, pois eu gosto das coisas acertadas. Nós gostamos muito de contas por aqui. Lógica e contabilidade não é o que sustenta o mundo, Jacob?"*

Jacob somente manteve seus olhos incrédulos no monstro.

*"Tiffany Wellman, 37 anos, escondia uma vida paralela de seu filho, que nunca suspeitou que todos os seus brinquedos e porcarias acumuladas neste mesmo local..."*

"Isto é patético. Estou sonhando... com coisas do tabuleiro!" falou Jacob para suas mãos sujas e molhadas de suor.

*"Já chegaremos na sua parte, Jacob. Cale-se."*

Leonard tossiu um pouco de sangue, assustando Jacob.

*"Como eu ia dizendo, Tiffany era, como em um passado não tão distante, participante ativa de um clube muito seletivo. Daqueles que gostam de música, bebidas e altares cheios de sangue."*

O garoto olhou seu colega de inglês, que agora era uma espécie de manequim grotesco, tremendo e seu rosto com um roxo terrível em baixo de seu olho esquerdo.

"Ele precisa de ajuda!" falou Jacob, apavorado.

*"Oh, crianças."* falou a criatura em um deboche.

Um tentáculo se arrastou pelo chão, e foi até a perna de Leonard, e tal como uma cobra, o abocanhou, e então começou a se encher e a vaziar um líquido verde. O menino começou a se endireitar, e até seu roxo no olho diminuiu rapidamente.

*"Chega destas asneiras!"* rosnou a criatura.

"Deixe ele ir embora!" pediu Jacob, quase em um grito.

Leonard começou a caminhar até o demônio, passando direto por Jacob com um sorriso esquisito, não mais cambaleando ou equilibrando-se esquisito enquanto andava.

*"Mostre a ele."* pediu o demônio, passando sua garra gigante na cabeça do outro, que acenava positivamente com sua cabeça, ainda com a camisa do caça-fantasmas.

Leonard vai até a mulher caída no chão, e então levanta a mão direita dela, onde faltava o dedo mínimo.

*"Sem dor, sem ganho."* riu o demônio. *"Mas, como ela nunca fizera*



*nenhum ritual antes, nada aconteceu. Foi assim, que ela chamou seu novo namorado, por que ela estava endividada mais uma vez e iria perder sua casa. E então..."*

Vou acordar a qualquer momento, pensou Jacob.

Leonard larga o braço de sua mãe e passa para o senhor do lado.

*"Senhor Mustang aqui, chega e vê toda esta confusão e fica furioso com Tiffany, pois ela não servia mais para a seita depois daquela ofensa. Como era ela que trazia as vítimas, o senhor iria ter que recrutar outra pessoa, o que trazia muito prejuízo, pois aparentemente ruivas satânicas não é uma qualidade fácil de achar nas páginas amarelas. Começa a quebrar tudo, e termina na cabeça da dona de casa, na frente do pobre menino."*

O demônio riu: *"Infelizmente, o senhor Thornton estava muito atrás de sua quota, e nossa organização tem uma reputação a zelar, e então decidi participar da festinha, mesmo com ritual malffeito e incompleto."*

"Isso não é... nosso problema!" berrou Jacob.

*"Você tem que ouvir tudo! É isso que um convidado deve fazer, Jacob."* falou o monstro. *"Então senhor costeletas-de-porco-todo-dia aqui, decide que não vai pagar mais nada, que ainda não recebeu tudo que merece."*

"Deixe a gente ir embora!" pediu Jacob.

*"Mostre a ele o que fazemos com devedores Leonard!"* disse o dragão.

Leonard faz então um corte imaginário em sua própria garganta com seu dedo. Era um olhar de satisfação brutal, pouco

visto em meninos, mais em lobos ou leões, difícil de acreditar que ainda era seu amigo.

*"Não se preocupe, eles estão comigo agora."* e o monstro exibiu duas pequenas bolas de energia amarelas, que emanavam dentro de sua barriga semi-translúcida, no meio das escamas de dragão.

## 5

"O-o q-que você quer?" falou Jacob, sem tirar os olhos daquelas esferas, que precisavam de poucas explicações e que o reverendo Esteban, entre uma quermesse e outra, nunca admitiria que tal coisa pudesse acontecer, pois as pessoas precisavam acreditar que tudo estava em ordem no mundo.

*"O que o tigre quer? O que o tubarão quer?"*

*Sou só criança!* pensava Jacob com força.

*"Você viu seu amigo lá fora no mundo real, não o viu?"*

*Ele arrastava-se pelas paredes.*

Leonard se aproximou de Jacob.

*"Não viu os dentes faltando?"* e enquanto o outro garoto mostrava a sua boca, a criatura ria.

"Vou acordar a qualquer momento! Eu caí e bati a cabeça." falou Jacob, querendo acreditar no que dizia.

*"Depois de encerrar o contrato com aquele traste cuja alma corrupta não vale quase nada, eu decidi dar uma volta com nosso garoto Leo, que*



*sua alma límpida vale muito mais que os dois juntos."*

"Crianças são protegidas, até eu sei isso." falou Jacob.

O demônio riu em deboche: *"Você, Jacob, quis estar aqui. Ignorou os avisos, que lhe mostravam o caminho certo, não foi?"*

"Eu não podia ir embora, desgraçado!"

Jacob engoliu em seco: entrara ali por seu livre arbítrio.

*"De qualquer maneira, quando passeamos com alguém, temos acesso às memórias recentes, e então, olha quem eu encontro..."*

Jacob sentiu algo novo e desesperador batendo em seu peito, um reconhecimento que o fez tremer dos pés à cabeça.

*"Meu irmão Arkhen. Falhou miseravelmente na umbra, perdendo todos os desafios de admissão, fugindo como um cão miserável."*

"Não!" gritou o garoto.

*"Posso sentir você Arkhen, mesmo como um garotinho medroso de óculos. Esqueceu de nosso tempo de glória?"*

Jacob segurava e puxava seus cabelos. O que ouvia era loucura. Como poderia aquela coisa estar dirigindo sua palavra a ele daquela maneira? Mas, mesmo assim, algo em seu peito apertava, tal quando sua mãe o pegava mentindo, e ele tentava esconder, mas no fundo sabia que era verdade.

"Pare!" suplicou Jacob.

*"Bom, chegou a hora!"* falou a criatura, e Leonard foi de encontro ao monstro, passando por Jacob que lutava contra aquele tentáculo que tornava-se uma cobra e enrolava-se pelo seu corpo ainda mais forte.

*"Alguma última palavra ao amigo?"* falou o monstro.

Leonard continuava sorrindo, e sua cabeça foi separada do

corpo com apenas uma garra do demônio, juntando-se ao corpo de sua mãe, rolando como uma pedra.

"NÃO!" gritou Jacob, estremecendo sua garganta com o grito, enquanto o resto do corpo de Leonard caía no chão, amontoando-se na sujeira. Imediatamente uma nova esfera brilhante estava na barriga do dragão, muito maior que as outras, e iluminando ainda mais o ambiente escuro com seu brilho branco límpido.

*"Sabe, tudo isso é terrível. De todo este trabalho, a legião fica com quase tudo."* diz a coisa, e então estende sua outra garra, com o dedo da mulher, que brilhava em um vermelho. *"Só me ficam migalhas."* continua o monstro, que então come aquele dedo e seus olhos brilham um púrpura doentio em seus olhos.

Jacob chorava baixinho por seu amigo.

*"Seu eu te pegar Jacob, terei de te entregar a eles. Eu não gosto deste trato, não é lógico — você é família..."*

"Meu nome é Jacob, filho da puta." falou o garoto em um tom de enfrentamento adulto que silenciou o dragão por um tempo.

*"É esse o espírito!"* respondeu o monstro, rindo.

A cobra desenrolou-se do garoto, e aquele tentáculo sumia para dentro do dragão. Jacob conseguia respirar melhor agora, e limpou seus óculos embaçados. A coisa em sua frente tinha facilmente três metros, e seus braços e garras seguravam a barriga, com as esferas dos outros brilhando.

Jacob deu um passo para trás.

*"Não existe satisfação nenhuma em lhe entregar assim, como um pobre infeliz à umbra. Você foi meu irmão..."*



"CALE-SE!" veio a voz de adulto novamente em Jacob.

*"Oh, suas gnosys já estão despertando. Isso é bom."*

Jacob conferia a escada mais uma vez, desfocada por algum efeito óptico em forma de uma bolha de proteção. Se alguém entrasse ali, provavelmente só veria uma garagem vazia. A criatura continuava a estudar Jacob, torcendo sua cabeça lentamente, de um lado ao outro.

*"Proponho um desafio. Se você jogar comigo e ganhar, pode ir embora para sua vidinha pacata e tola."* disse a criatura.

"E se eu perder?" falou Jacob com sua nova voz de comando.

*"Toda sua energia virá para mim ao invés de entregá-lo à legião, de acordo com as regras de desafio. Você sabe o procedimento, era um exímio jogador, não se faça de espertinho, Arkhen."*

JOGOS DE JACOB, pensou o menino. Tal qual escrevera horas atrás em sua redação estava acontecendo, tirando os corpos, o sangue e a violência, além da cabeça de seu colega caídos na sujeira.

O dragão em sua frente cada vez mais lhe parecia real, e a criatura se aproximou dele rapidamente com um brilhar raivoso de olhos em fogo, e vociferou em um tom que fez Jacob virar seu rosto em desgosto: *"Não vou facilitar Arkhen! Você não me engana como menino inocente — as únicas vezes que perdi foram para você, e prometi que iria ter minha desforra em glória!"*

A criatura lhe mostra dois dedos faltando de sua garra esquerda.

## 6

O dragão gesticulou e proferiu uma dezena de frases em uma língua estranha, junto com diversos relâmpagos e trovões. De um portal feito de símbolos no ar, alto e reluzente até o teto, entra um ser com vestes iguais à de um mágico, com capa azul e uma enorme cabeça calva de olhos brancos e luminosos. Jacob engoliu em seco, pois aquele ser era igual ao personagem Vigia dos quadrinhos do *Quarteto Fantástico*, que deixou-o incrédulo. Será que aquilo tudo ainda era um sonho maluco adolescente?

"Jacob, aceita este desafio que lhe é dado?" perguntou-lhe o Vigia, desta vez em uma voz normal.

O garoto ficou paralisado com seus olhos esbugalhados.

"Jacob, esta forma foi dada pela aproximação que represento ao seu espírito quando entrei aqui. Ela não significa nada para mim, está claro?"

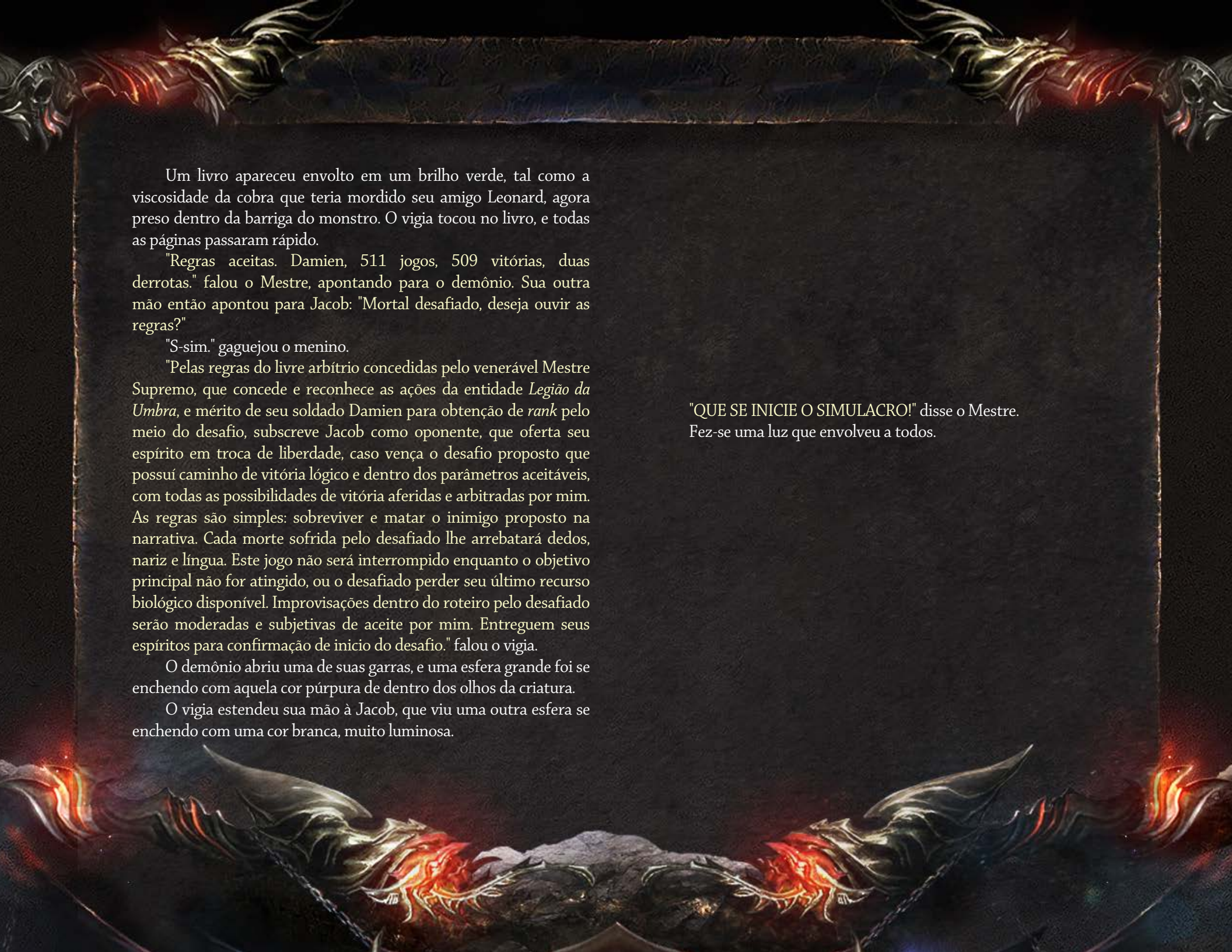
"Como posso confiar que este desafio não vai ser roubado por este demônio?" falou Jacob em tom acusatório.

*"Não ofenda o venerável mestre dos jogos, Arkhen!"* disse a criatura, em uma voz contida e baixa.

"Regras Damien." pediu o Mestre.

Jacob sentia o imenso poder que vinha do mestre, da mesma forma que ele tinha um medo irracional de trovão no escuro de seu quarto, uma força da natureza que parecia não ter limites, que fazia até o demônio em sua frente praticamente falar em meia voz.





Um livro apareceu envolto em um brilho verde, tal como a viscosidade da cobra que teria mordido seu amigo Leonard, agora preso dentro da barriga do monstro. O vigia tocou no livro, e todas as páginas passaram rápido.

"Regras aceitas. Damien, 511 jogos, 509 vitórias, duas derrotas." falou o Mestre, apontando para o demônio. Sua outra mão então apontou para Jacob: "Mortal desafiado, deseja ouvir as regras?"

"S-sim." gaguejou o menino.

"Pelas regras do livre arbítrio concedidas pelo venerável Mestre Supremo, que concede e reconhece as ações da entidade *Legião da Umbra*, e mérito de seu soldado Damien para obtenção de *rank* pelo meio do desafio, subscreve Jacob como oponente, que oferta seu espírito em troca de liberdade, caso vença o desafio proposto que possui caminho de vitória lógico e dentro dos parâmetros aceitáveis, com todas as possibilidades de vitória aferidas e arbitradas por mim. As regras são simples: sobreviver e matar o inimigo proposto na narrativa. Cada morte sofrida pelo desafiado lhe arrebatará dedos, nariz e língua. Este jogo não será interrompido enquanto o objetivo principal não for atingido, ou o desafiado perder seu último recurso biológico disponível. Improvisações dentro do roteiro pelo desafiado serão moderadas e subjetivas de aceite por mim. Entreguem seus espíritos para confirmação de início do desafio." falou o vigia.

O demônio abriu uma de suas garras, e uma esfera grande foi se enchendo com aquela cor púrpura de dentro dos olhos da criatura.

O vigia estendeu sua mão à Jacob, que viu uma outra esfera se enchendo com uma cor branca, muito luminosa.

"QUE SE INICIE O SIMULACRO!" disse o Mestre.  
Fez-se uma luz que envolveu a todos.



# JOGOS DE JACOB

## Parte 2

7

A primeira coisa que Jacob sentiu foi um forte cheiro de campo junto a um som de máquina rítmico; depois, uma estranha sensação de ter crescido, de que todo seu corpo fora espichado, com suas mãos, braços e pernas mais distantes que ele estava acostumado, o que trazia-lhe uma estranheza imediata. Logo em seguida, abriu seus olhos e viu-se dentro de um vagão de passageiros em movimento. Estava em um trem antigo com muita madeira por onde quer que olhasse. Com sua visão periférica, notou que vestia um terno sob medida, junto com um chapéu cinza. Pelo que podia ver, era de uma posição mais elevada, pois trajava roupas distintas de todos ali, aos quais pareciam estar à trabalho ou indo visitar parentes de forma casual. Tocou-se em sua face, e descobriu lá um vistoso bigode e barba fechando todo seu rosto, causando-lhe surpresa e também uma certa graça.

Ao seu lado, um senhor também de chapéu lia um jornal, e então Jacob aproximou-se e verificou a data em 1892, uma sexta-feira, treze de agosto, impresso em um papel diferente, mais amarelado. O homem fumava um charuto, e os numerosos detalhes em seu rosto eram incríveis: barba mal-feita, óculos sujos em apenas um pedaço da lente esquerda, cabelo mal repartido que parecia ter sido penteado rapidamente, gravata um pouco inclinada para a direita, mostrando que aquele senhor recém acordara e arrumara-se sem muito esmero, tal como era de se esperar no mundo real em



uma viagem longa de trem.

Depois de Jacob olhar aquele senhor um pouco com um semblante quase incrédulo, o outro parou de ler seu jornal, e devolveu-lhe um olhar esquisito, em uma linguagem corporal que dizia o que foi?

Jacob voltou-se à janela disfarçando sua pequena euforia por estar ali, e então viu campos, montanhas, vacas, cercas, árvores, barrancos e uma paisagem que se perdia até o fim do horizonte.

Cada arbusto, barranco e árvore eram únicos.

*Um mundo criado por um demônio*, pensou Jacob.

Sentiu então sua mente roçar sobre memórias que não eram suas. *Sinto-me melancólico por estar voltando para casa*, percebeu Jacob naquele corpo diferente.

Junto à toda aquela comoção mental, Jacob sentiu sua mão ficar viva e tocar seu paletó, descobrindo uma carta endereçada a ele (talvez o Mestre o forçou, como se além de toda a interatividade, existisse uma peça de teatro também inclusa no desafio). Muito amassada, a carta parecia ter sido lida inúmeras vezes, guardada outras muitas vezes mais. Para Jacob, a lia pela primeira vez, embora emocionalmente sentia-se tomado de grande insegurança e um pouco de culpa. Também para seu espanto, era a letra desenhada e cuidadosa de sua mãe.

*Caro Jacob,*

*Peço que volte para casa meu filho. Temo pela saúde de sua irmã Claire, que está com a mesma febre que muitos outros também estão contraindo. Falei com o senhor Hatfield, e ele diz que nenhum de seus livros de medicina mostra os sintomas horríveis que algumas das pessoas estão apresentando. Acho que ele também está com problemas, pois me levou para a saída já armado, fechando seu consultório.*

*Além de tudo isso, os lobos estão nos assolando à noite. Escrevo esta carta em vigília, pois nunca vimos tantos e tão famintos. Ninguém mais sai à noite, pois o ataque é certo. O senhor Montesquieu morreu semana passada, com a garganta cortada e em um funeral fechado, pobre homem.*

*Coisas estranhas vem acontecendo!*

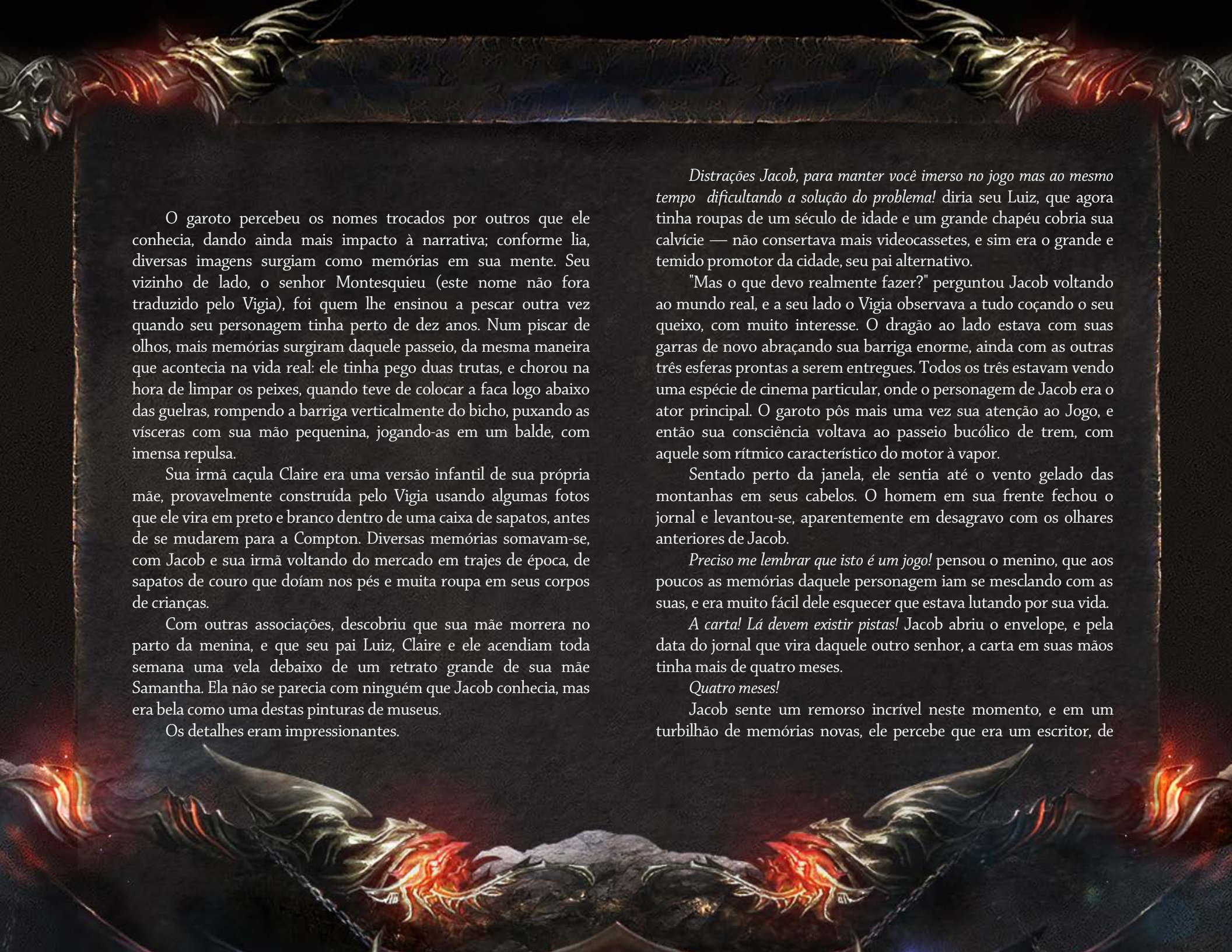
*Depois disso, ninguém sai mais de casa, e tenho medo de deixar esta carta na estação para que o correio a leve para você, filho. Por favor, esqueça quaisquer bobagens que aconteceram entre nós!*

*Volte para casa, Jay!*

*Seu saudoso pai,*

*Luiz*





O garoto percebeu os nomes trocados por outros que ele conhecia, dando ainda mais impacto à narrativa; conforme lia, diversas imagens surgiam como memórias em sua mente. Seu vizinho de lado, o senhor Montesquieu (este nome não fora traduzido pelo Vigia), foi quem lhe ensinou a pescar outra vez quando seu personagem tinha perto de dez anos. Num piscar de olhos, mais memórias surgiram daquele passeio, da mesma maneira que acontecia na vida real: ele tinha pego duas trutas, e chorou na hora de limpar os peixes, quando teve de colocar a faca logo abaixo das guelras, rompendo a barriga verticalmente do bicho, puxando as vísceras com sua mão pequenina, jogando-as em um balde, com imensa repulsa.

Sua irmã caçula Claire era uma versão infantil de sua própria mãe, provavelmente construída pelo Vigia usando algumas fotos que ele vira em preto e branco dentro de uma caixa de sapatos, antes de se mudarem para a Compton. Diversas memórias somavam-se, com Jacob e sua irmã voltando do mercado em trajes de época, de sapatos de couro que doíam nos pés e muita roupa em seus corpos de crianças.

Com outras associações, descobriu que sua mãe morrera no parto da menina, e que seu pai Luiz, Claire e ele acendiam toda semana uma vela debaixo de um retrato grande de sua mãe Samantha. Ela não se parecia com ninguém que Jacob conhecia, mas era bela como uma destas pinturas de museus.

Os detalhes eram impressionantes.

*Distrações Jacob, para manter você imerso no jogo mas ao mesmo tempo dificultando a solução do problema!* diria seu Luiz, que agora tinha roupas de um século de idade e um grande chapéu cobria sua calvície — não consertava mais videocassetes, e sim era o grande e temido promotor da cidade, seu pai alternativo.

"Mas o que devo realmente fazer?" perguntou Jacob voltando ao mundo real, e a seu lado o Vigia observava a tudo coçando o seu queixo, com muito interesse. O dragão ao lado estava com suas garras de novo abraçando sua barriga enorme, ainda com as outras três esferas prontas a serem entregues. Todos os três estavam vendo uma espécie de cinema particular, onde o personagem de Jacob era o ator principal. O garoto pôs mais uma vez sua atenção ao Jogo, e então sua consciência voltava ao passeio bucólico de trem, com aquele som rítmico característico do motor à vapor.

Sentado perto da janela, ele sentia até o vento gelado das montanhas em seus cabelos. O homem em sua frente fechou o jornal e levantou-se, aparentemente em desagravo com os olhares anteriores de Jacob.

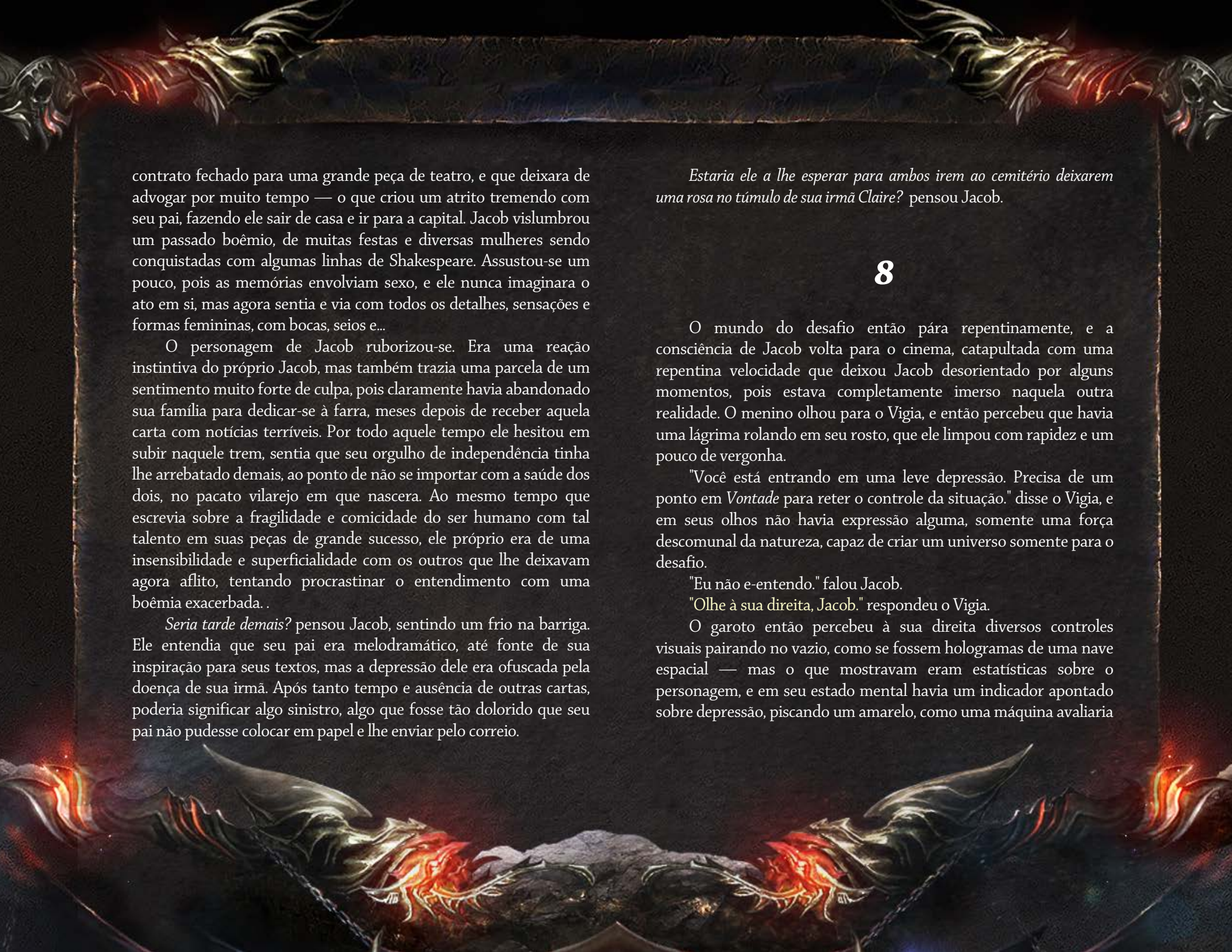
*Preciso me lembrar que isto é um jogo!* pensou o menino, que aos poucos as memórias daquele personagem iam se mesclando com as suas, e era muito fácil dele esquecer que estava lutando por sua vida.

*A carta! Lá devem existir pistas!* Jacob abriu o envelope, e pela data do jornal que vira daquele outro senhor, a carta em suas mãos tinha mais de quatro meses.

*Quatro meses!*

Jacob sente um remorso incrível neste momento, e em um turbilhão de memórias novas, ele percebe que era um escritor, de





contrato fechado para uma grande peça de teatro, e que deixara de advogar por muito tempo — o que criou um atrito tremendo com seu pai, fazendo ele sair de casa e ir para a capital. Jacob vislumbrou um passado boêmio, de muitas festas e diversas mulheres sendo conquistadas com algumas linhas de Shakespeare. Assustou-se um pouco, pois as memórias envolviam sexo, e ele nunca imaginara o ato em si, mas agora sentia e via com todos os detalhes, sensações e formas femininas, com bocas, seios e...

O personagem de Jacob ruborizou-se. Era uma reação instintiva do próprio Jacob, mas também trazia uma parcela de um sentimento muito forte de culpa, pois claramente havia abandonado sua família para dedicar-se à farra, meses depois de receber aquela carta com notícias terríveis. Por todo aquele tempo ele hesitou em subir naquele trem, sentia que seu orgulho de independência tinha lhe arrebatado demais, ao ponto de não se importar com a saúde dos dois, no pacato vilarejo em que nascera. Ao mesmo tempo que escrevia sobre a fragilidade e comicidade do ser humano com tal talento em suas peças de grande sucesso, ele próprio era de uma insensibilidade e superficialidade com os outros que lhe deixavam agora aflito, tentando procrastinar o entendimento com uma boêmia exacerbada.

*Seria tarde demais?* pensou Jacob, sentindo um frio na barriga. Ele entendia que seu pai era melodramático, até fonte de sua inspiração para seus textos, mas a depressão dele era ofuscada pela doença de sua irmã. Após tanto tempo e ausência de outras cartas, poderia significar algo sinistro, algo que fosse tão dolorido que seu pai não pudesse colocar em papel e lhe enviar pelo correio.

*Estaria ele a lhe esperar para ambos irem ao cemitério deixarem uma rosa no túmulo de sua irmã Claire?* pensou Jacob.

## 8

O mundo do desafio então pára repentinamente, e a consciência de Jacob volta para o cinema, catapultada com uma repentina velocidade que deixou Jacob desorientado por alguns momentos, pois estava completamente imerso naquela outra realidade. O menino olhou para o Vigia, e então percebeu que havia uma lágrima rolando em seu rosto, que ele limpou com rapidez e um pouco de vergonha.

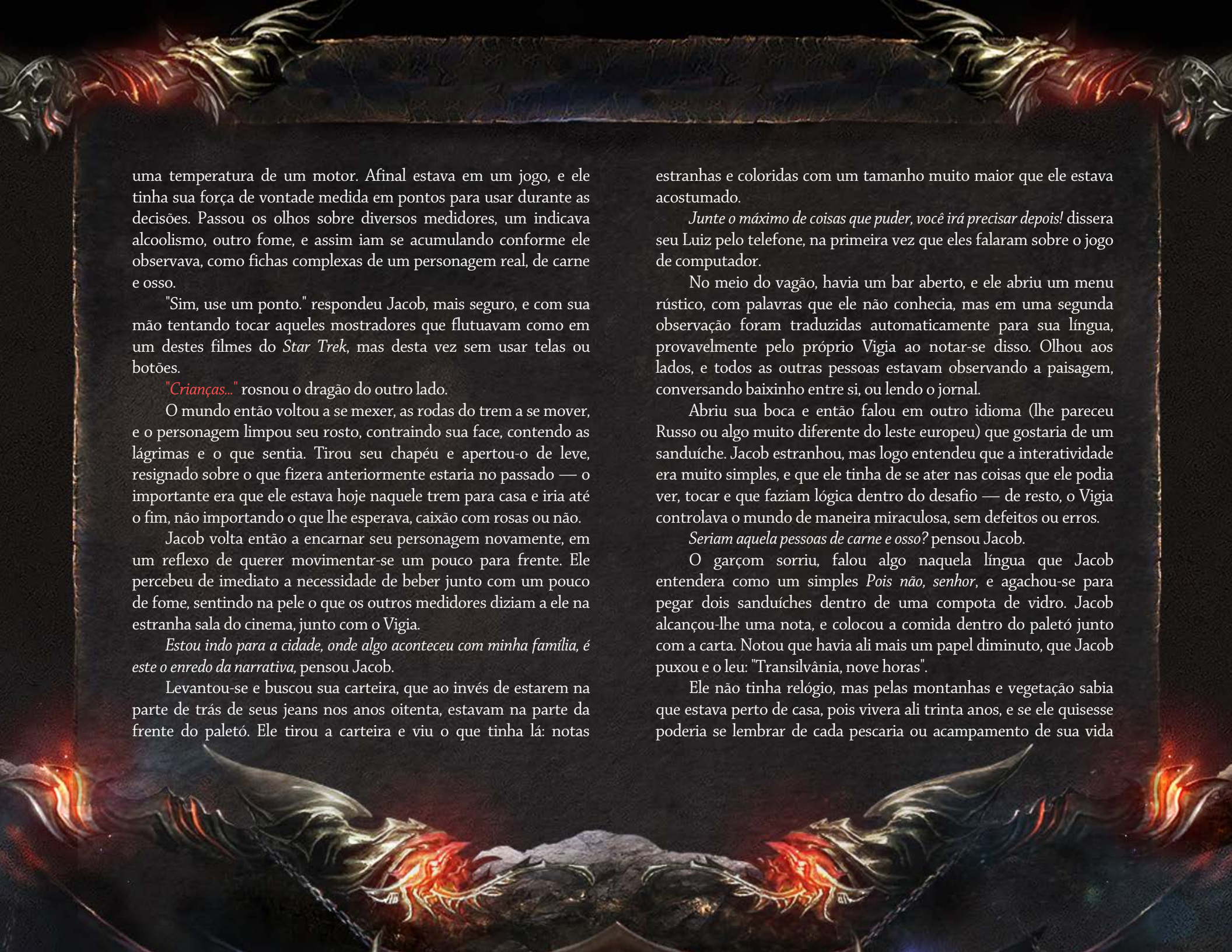
"Você está entrando em uma leve depressão. Precisa de um ponto em *Vontade* para reter o controle da situação." disse o Vigia, e em seus olhos não havia expressão alguma, somente uma força descomunal da natureza, capaz de criar um universo somente para o desafio.

"Eu não e-entendo." falou Jacob.

"Olhe à sua direita, Jacob." respondeu o Vigia.

O garoto então percebeu à sua direita diversos controles visuais pairando no vazio, como se fossem hologramas de uma nave espacial — mas o que mostravam eram estatísticas sobre o personagem, e em seu estado mental havia um indicador apontado sobre depressão, piscando um amarelo, como uma máquina avaliaria





uma temperatura de um motor. Afinal estava em um jogo, e ele tinha sua força de vontade medida em pontos para usar durante as decisões. Passou os olhos sobre diversos medidores, um indicava alcoolismo, outro fome, e assim iam se acumulando conforme ele observava, como fichas complexas de um personagem real, de carne e osso.

"Sim, use um ponto." respondeu Jacob, mais seguro, e com sua mão tentando tocar aqueles mostradores que flutuavam como em um destes filmes do *Star Trek*, mas desta vez sem usar telas ou botões.

*"Crianças..."* rosnou o dragão do outro lado.

O mundo então voltou a se mexer, as rodas do trem a se mover, e o personagem limpou seu rosto, contraindo sua face, contendo as lágrimas e o que sentia. Tirou seu chapéu e apertou-o de leve, resignado sobre o que fizera anteriormente estaria no passado — o importante era que ele estava hoje naquele trem para casa e iria até o fim, não importando o que lhe esperava, caixão com rosas ou não.

Jacob volta então a encarnar seu personagem novamente, em um reflexo de querer movimentar-se um pouco para frente. Ele percebeu de imediato a necessidade de beber junto com um pouco de fome, sentindo na pele o que os outros medidores diziam a ele na estranha sala do cinema, junto com o Vigia.

*Estou indo para a cidade, onde algo aconteceu com minha família, é este o enredo da narrativa,* pensou Jacob.

Levantou-se e buscou sua carteira, que ao invés de estarem na parte de trás de seus jeans nos anos oitenta, estavam na parte da frente do paletó. Ele tirou a carteira e viu o que tinha lá: notas

estranhas e coloridas com um tamanho muito maior que ele estava acostumado.

*Junte o máximo de coisas que puder, você irá precisar depois!* dissera seu Luiz pelo telefone, na primeira vez que eles falaram sobre o jogo de computador.

No meio do vagão, havia um bar aberto, e ele abriu um menu rústico, com palavras que ele não conhecia, mas em uma segunda observação foram traduzidas automaticamente para sua língua, provavelmente pelo próprio Vigia ao notar-se disso. Olhou aos lados, e todos as outras pessoas estavam observando a paisagem, conversando baixinho entre si, ou lendo o jornal.

Abriu sua boca e então falou em outro idioma (lhe pareceu Russo ou algo muito diferente do leste europeu) que gostaria de um sanduíche. Jacob estranhou, mas logo entendeu que a interatividade era muito simples, e que ele tinha de se ater nas coisas que ele podia ver, tocar e que faziam lógica dentro do desafio — de resto, o Vigia controlava o mundo de maneira miraculosa, sem defeitos ou erros.

*Seriam aquela pessoas de carne e osso?* pensou Jacob.

O garçom sorriu, falou algo naquela língua que Jacob entendera como um simples *Pois não, senhor*, e agachou-se para pegar dois sanduíches dentro de uma compota de vidro. Jacob alcançou-lhe uma nota, e colocou a comida dentro do paletó junto com a carta. Notou que havia ali mais um papel diminuto, que Jacob puxou e o leu: "Transilvânia, nove horas".

Ele não tinha relógio, mas pelas montanhas e vegetação sabia que estava perto de casa, pois vivera ali trinta anos, e se ele quisesse poderia se lembrar de cada pescaria ou acampamento de sua vida



alternativa, bastando gastar apenas um ponto de força de vontade para tal.

*Jacob*

De pé no trem, o tempo passou rápido, e Jacob começou a notar que as pessoas iam parando com suas conversas e fechando as persianas. Alguns até de forma nervosa e um tanto apressada. O imediato do trem (um jovem de vinte e poucos anos) foi acendendo lamparinas e todos buscaram jornais e livros para ocuparem-se. Uma senhora de chapéu preto segurava uma bíblia forte em seu peito, rezando baixinho e somente mexendo seus lábios recitando uma prece naquela língua esquisita.

Apenas uma janela estava aberta e ele aproximou-se.

*Tenho de descer na estação, pensou Jacob.*

O trem não reduzia sua velocidade, e ele se aproximou rápido da saída, onde um funcionário (vestido quase como um policial) colocou uma mão aberta à ele, impedindo-o de passar.

"Esta região é perigosa, ninguém desce."

Jacob então pegou seu ticket e o entregou ao rapaz, que por sua vez não demonstra nenhum entendimento.

"Eu disse que a região é perigosa," repetiu o guarda.

*Eu preciso convencê-lo, pensou Jacob.*

"Sou morador. Deixe-me passar," falou Jacob.

"Ninguém desce aqui," disse o outro, cruzando os braços.

Um frio nervoso passou por Jacob.

*Primeiro quebra-cabeça: onde estão as pistas?*

O personagem de Jacob olhou ao redor do vagão de madeira, e notou que todas as pessoas agora o olhavam como se estivesse pronto para fazer um loucura.

"Faz meses que esta estação foi desativada. Algo aconteceu na mina de cobre, foi o que me disseram," falou o guarda.

*A carta, mostre a carta! pensou Jacob.*

O personagem agiu naturalmente, de acordo com o pensamento de Jacob, pegando a carta de seu pai e mostrando ao guarda, como seus pensamentos estivessem em sincronia com a máquina infernal.

"Olhe o remetente: Luiz é meu pai e eu sou Jacob. Aqui estão meus papéis. Preciso descer e verificar o estado de saúde de minha irmã imediatamente," falou Jacob, certo e seguro.

O guarda olhou a carta com cuidado, mas com muita descrença. Jacob percebeu que ele não estava convencido, e então voltou à sala com o Vigia, e todos olhavam a situação impassíveis.

"Ele não quer me deixar passar. Este jogo é impossível!" reclamou Jacob ao Vigia.

O mundo parou, e o Vigia virou-se para ele.

*"Você desafia minha interpretação das regras?"*

Jacob começou a gaguejar, sentia que tudo estava saindo fora do controle. Engoliu em seco, e começou a tremer em medo e receio de não poder nem começar a jogar.

O dragão começou a rir: *"Só um garoto medroso, Arkhen!"* disse o monstro com o máximo de desdém, e também um pouco de ira.

"Falhar a entrada na cidade constitui falta grave na narrativa, e conseqüente pagamento biológico de acordo com o contrato do



desafio." falou o Vigia, em uma voz de comando que fez Jacob tremer em suas pernas de menino.

*Tudo tem lógica, não se deixe iludir pelo mundo!* pensou Jacob.

E então o garoto teve um momento *eureka!*, tal qual resolveu seu jogo acendendo a lâmpada no depósito conseguindo ver a chave que abria o alçapão — o óbvio que sempre escapava, pois ele não conseguia distinguir as árvores da floresta, imerso na experiência. Jacob acionou seu reflexo mental, e o personagem então esticou sua mão e puxou forte a cordinha que ele vira ser puxada diversas vezes durante a viagem, que era a ordem do guarda para que o trem parasse.

O guarda ficou muito nervoso enquanto o trem desacelerava: "Você não pode descer..." começou o guarda.

"Eu vou descer aqui, moço." disse Jacob em sua voz de adulto, em uma língua diferente. "Goste ou não, eu não me importo, saia da minha frente imediatamente."

*Elementar, meu caro Jacob!* pensou o garoto.

Pelos próximos momentos até o trem parar, Jacob e o personagem sorriam juntos como um reflexo, onde aparentemente a primeira dificuldade fora superada. O trem parou e Jacob desceu de seu vagão, junto com a reza agora em gritos da senhora com a bíblia, protegendo todos ali de um mal que o garoto ainda não sabia que iria enfrentar. Segurando-se na porta e observando Jacob descer, o guarda fez o sinal da cruz enquanto o trem ganhava velocidade, distanciando-se da estação vazia e suja como se fugisse do diabo.

## 9

Por um tempo, Jacob somente explorou a estação, que infelizmente, como o guarda do trem teria lhe dito, estava deserta e abandonada. O grande relógio à meia altura, onde outrora os comerciantes da cidade aguardavam pelos horários do trem, estava parado às onze e quarenta e três, de uma sujeira evidente pelo estado do vidro que protegia os ponteiros de metal, estagnados para sempre naquela posição. Jornais espalhavam-se pelo vento dentro da estação, que parecia como um pequeno pavilhão de alvenaria, de um pé direito muito alto para os dias de calor. Havia três bancos longos com um couro estofado para as pessoas aguardarem. Papéis e jornais voavam e reviravam-se com o vento frio que descia das montanhas de picos brancos ao redor, com notícias antigas sobre o que acontecia por aqueles lados da Europa. Jacob pegou uma destas folhas de jornal e viu que o mesmo era de dois meses atrás. Foi juntando um por um, até sentir-se certo de que a melhor estimativa possível de desativamento da estação ficava entre dois a três meses atrás, um bom tempo depois de seu pai lhe enviar a carta.

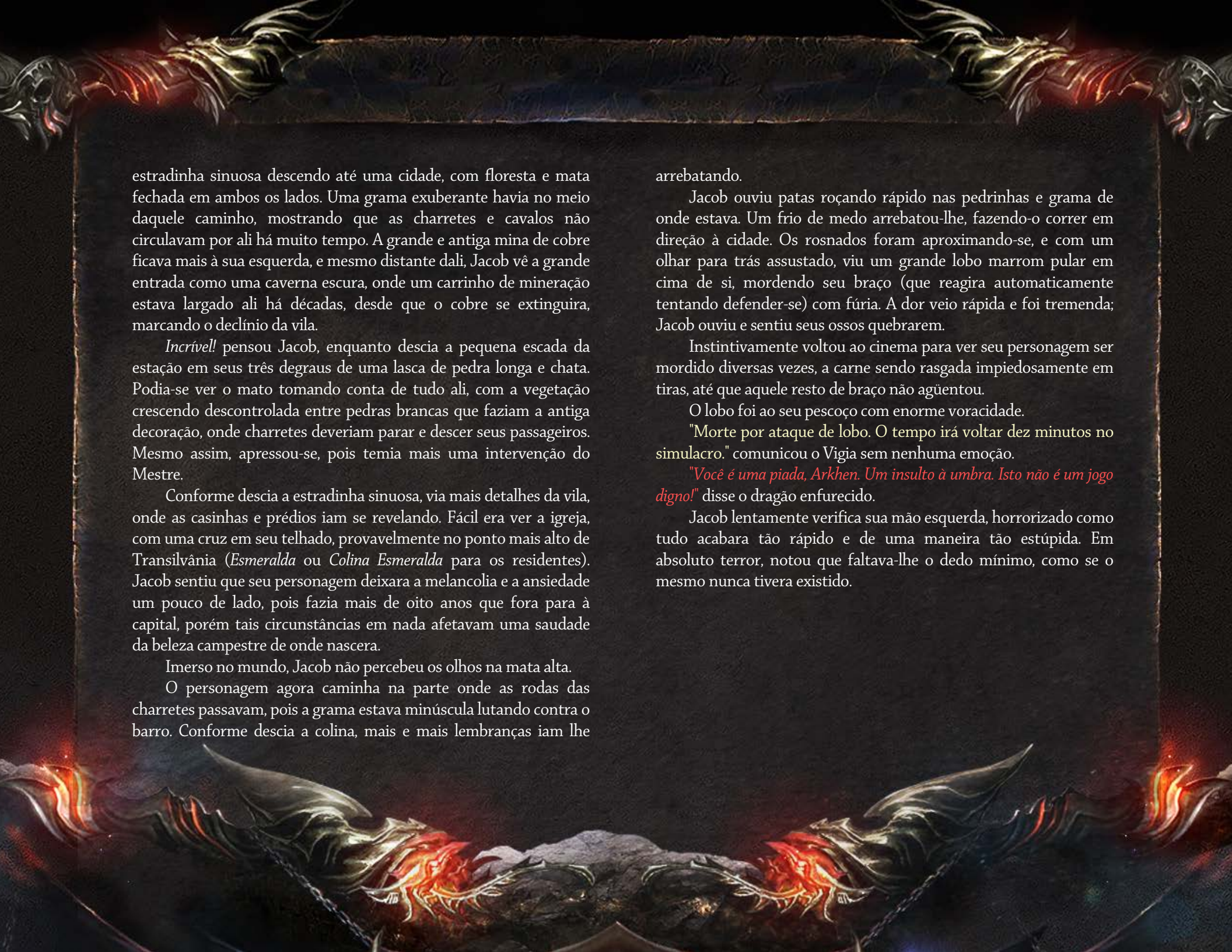
Mais uma vez, Jacob volta ao cinema repentinamente.

"O desafio começa na cidade. É imperativo que vá até lá." disse o Vigia um tanto ríspido.

"S-sim." disse o menino assustando-se.

Voltando ao jogo e atravessando rápido a pequena estação, Jacob percebe que está no topo de uma colina, e vislumbra uma





estradinha sinuosa descendo até uma cidade, com floresta e mata fechada em ambos os lados. Uma grama exuberante havia no meio daquele caminho, mostrando que as charretes e cavalos não circulavam por ali há muito tempo. A grande e antiga mina de cobre ficava mais à sua esquerda, e mesmo distante dali, Jacob vê a grande entrada como uma caverna escura, onde um carrinho de mineração estava largado ali há décadas, desde que o cobre se extinguiu, marcando o declínio da vila.

*Incrível!* pensou Jacob, enquanto descia a pequena escada da estação em seus três degraus de uma lasca de pedra longa e chata. Podia-se ver o mato tomando conta de tudo ali, com a vegetação crescendo descontrolada entre pedras brancas que faziam a antiga decoração, onde charretes deveriam parar e descer seus passageiros. Mesmo assim, apressou-se, pois temia mais uma intervenção do Mestre.

Conforme descia a estradinha sinuosa, via mais detalhes da vila, onde as casinhas e prédios iam se revelando. Fácil era ver a igreja, com uma cruz em seu telhado, provavelmente no ponto mais alto de Transilvânia (*Esmeralda* ou *Colina Esmeralda* para os residentes). Jacob sentiu que seu personagem deixara a melancolia e a ansiedade um pouco de lado, pois fazia mais de oito anos que fora para à capital, porém tais circunstâncias em nada afetavam uma saudade da beleza campestre de onde nascera.

Imerso no mundo, Jacob não percebeu os olhos na mata alta.

O personagem agora caminha na parte onde as rodas das charretes passavam, pois a grama estava minúscula lutando contra o barro. Conforme descia a colina, mais e mais lembranças iam lhe

arrebatando.

Jacob ouviu patas roçando rápido nas pedrinhas e grama de onde estava. Um frio de medo arrebatou-lhe, fazendo-o correr em direção à cidade. Os rosnados foram aproximando-se, e com um olhar para trás assustado, viu um grande lobo marrom pular em cima de si, mordendo seu braço (que reagira automaticamente tentando defender-se) com fúria. A dor veio rápida e foi tremenda; Jacob ouviu e sentiu seus ossos quebrarem.

Instintivamente voltou ao cinema para ver seu personagem ser mordido diversas vezes, a carne sendo rasgada impiedosamente em tiras, até que aquele resto de braço não agüentou.

O lobo foi ao seu pescoço com enorme voracidade.

"Morte por ataque de lobo. O tempo irá voltar dez minutos no simulacro." comunicou o Vigia sem nenhuma emoção.

*"Você é uma piada, Arkhen. Um insulto à umbra. Isto não é um jogo digno!"* disse o dragão enfurecido.

Jacob lentamente verifica sua mão esquerda, horrorizado como tudo acabara tão rápido e de uma maneira tão estúpida. Em absoluto terror, notou que faltava-lhe o dedo mínimo, como se o mesmo nunca tivera existido.



## 10

O tempo volta no simulacro, e Jacob desce do trem mais uma vez, com o guarda executando o mesmo sinal da cruz, em um filme repetido. Desta vez, o cenário incrível não o arrebatou. Conferiu a mão do personagem e a mesma tinha todos os dedos, diferentemente da sua própria no mundo real. Jacob percebe as memórias do personagem tentarem atenção em sua mente, mas os últimos acontecimentos o mantiveram ali, consciente, lutando por sua vida, e que aquilo não era só um desafio ou muito menos um jogo: era sua própria existência em questão.

Jacob mantinha-se acordado entre os dois mundos.

*Lobos*, informava a carta, e ele esquecera deste detalhe no meio de seu arrebatamento ao simulacro que gerava o desafio em uma realidade alternativa perfeita. Tal como seu jogo de computador, as peças do quebra-cabeça eram sempre informadas de antemão, no meio de milhares de outras coisas que ele erroneamente se ateve, e que eram completamente dispensáveis ao desafio.

*O que eu faço?* perguntou-se Jacob, e ficou ali caminhando de um lado ao outro, nervoso.

O jogo pára mais uma vez, e o vigia volta sua enorme cabeça para Jacob.

"Sua ansiedade está demasiadamente alta. Vou ter de obrigar seu personagem à comer um dos sanduíches como punição. Você pode, por *Vontade*, controlar isso se quiser Jacob."

"Vou precisar do sanduíche depois!" reclamou o garoto.

O Vigia somente observou-lhe por um momento. Como o garoto não sabia o que fazer, seu personagem colocou a mão no paletó e retirou o sanduíche, comendo-o então com muita pressa. Jacob não conseguia controlá-lo neste ínterim. O garoto lembrou-se de toda as fatias de pizza e chocolate que comera outra vez em sua casa, quando no mundo real estivera preso no jogo sem saber o que fazer, de como toda aquela expectativa o mantivera acordado.

Um arrepio passou pelo garoto.

*Sou só um menino!*

Jacob desejou não estar mais ali, porém sua alma estava logo ao lado, presa dentro da esfera e brilhando quase como um sol, e se quisesse ver melhor teria de colocar a mão na frente, de tão forte que era aquela luminosidade.

"O desafio é no vilarejo." reafirmou o Vigia.

*~~~~~*

O personagem no cinema termina o sanduíche, joga o papel no meio da sujeira que estava o chão, e então Jacob volta ao jogo em um pulo. Ele sente que a comida (engolida sem quase mastigar em quatro mordidas) estava pesada em seu estômago, mas aquela ansiedade que ele sentia tinha diminuído bastante.

"Lobos" ouviu sua voz adulta na estação vazia.

Jacob releu a carta. Havia lobos e doença no vilarejo, e sua irmã estava em perigo, doente. O personagem começou a se sentir culpado, e então Jacob sente que precisa voltar ao cinema para



pensar melhor no que deveria fazer, sem ser influenciado por um jovem escritor boêmio do século passado. Viu mais uma vez sua mão sem o dedo, e depois continuou seu olhar para o braço.

Lobos não eram muito diferentes de cachorros ferozes. Jacob sabia que iria ser atacado, e que seu braço fora a primeira coisa que o lobo atacou.

Jacob voltou ao jogo, e seu personagem começou a juntar jornais no chão, enrolando-os em seu braço esquerdo esticado. Após alguns minutos de procura, achou também um cordão longo e fino, que o usou fazendo várias voltas para segurar todos os jornais com mais força. Por fim, tirou seu próprio paletó e enrolou-o também, fazendo ainda mais volume. Calculou pela selvageria anterior, que aquilo tudo poderia segurar talvez uma ou duas mordidas.

Sentado em um dos bancos de couro, vislumbrou mais uma vez pela janela o caminho das charretes e onde teria morrido anteriormente. Não fora muito longe naquela tentativa, e sabia pela mente do personagem que faltava muito caminho ainda. Recebeu o ataque de lobo pela esquerda, mas isso não poderia ser uma regra, pois a floresta dos dois lados era vasta e...

Interrompendo seus pensamentos, Jacob viu uma pequena porta atrás de onde ficava o funcionário que vendia os tickets da estação. Em sua primeira vista, estava por demais distraído, e agora via claramente que existia um quarto naquele salão que ele ainda não tinha explorado. Aproximou-se, conseguindo abrir a portinha que ficava embaixo do balcão sem muitas dificuldades. Alguns papéis mostravam itinerários e horários que nunca mais seriam cumpridos. Abriu as gavetas, e notou que elas tinham algumas

baratas, junto com mais papéis naquela língua esquisita.

Foi até a porta, que estava destrancada.

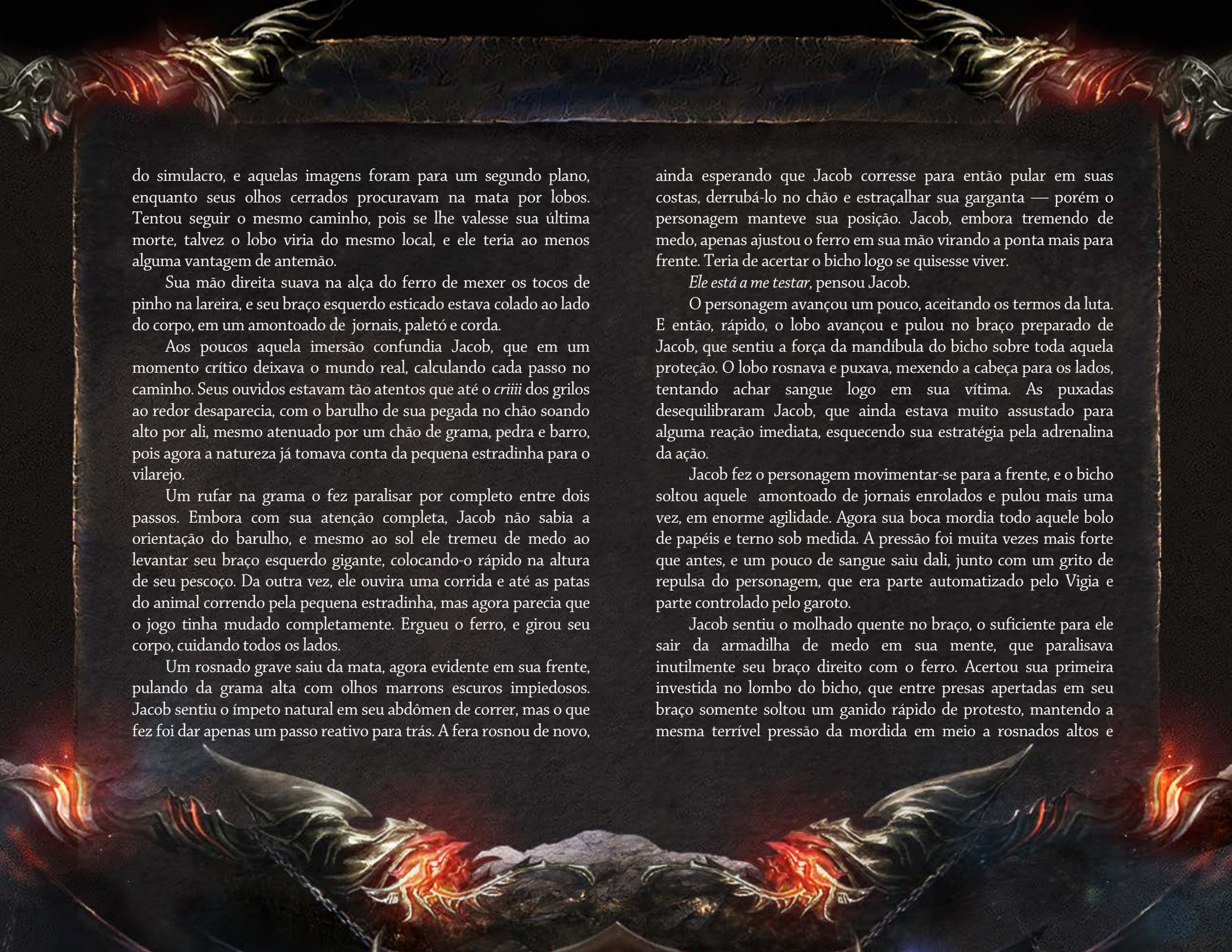
Lá dentro, em um espaço mínimo, havia uma lareira de ferro, um fogão à lenha, um sofá largo para passar a noite e um espelho. Entre muitas cinzas, ele viu um pedaço longo de ferro com uma ponta torta para se mexer no fogo daquela lareira. Jacob pegou o ferro, que era até um pouco pesado, e o levantou. Com força, bateu no sofá, e pelo barulho e rigidez daquele metal, entendeu que poderia usá-lo como arma.

*~*

Ao passar pela porta da estação mais uma vez, o personagem agora lembrava de outras coisas, conforme este novo contexto se apresentava, com ele pronto para enfrentar lobos. Por vezes, ele e seu pai iam deixar armadilhas para pequenos animais na floresta, mas mesmo assim, eles carregavam armas pesadas para os lobos, que atormentavam a região desde o tempo da colonização mais de noventa anos atrás, quando os primeiros pioneiros construíram a ferrovia e viram aquele mesmo vale verde esmeralda abaixo, decidindo ficar por aqui. Alguns anos depois, a mina fora descoberta, e desde então o vilarejo aumentara muito de tamanho e importância pelo extenso comércio de cobre. Tudo isso surgia em flashes na cabeça de Jacob, somente por ele ter observado a colina. Aquela memória era muito clara, e ouvia seu pai lhe contar tudo sobre o vale antes de sua primeira caçada.

Jacob deu mais um passo ignorando as influências da memória





do simulacro, e aquelas imagens foram para um segundo plano, enquanto seus olhos cerrados procuravam na mata por lobos. Tentou seguir o mesmo caminho, pois se lhe valesse sua última morte, talvez o lobo viria do mesmo local, e ele teria ao menos alguma vantagem de antemão.

Sua mão direita suave na alça do ferro de mexer os tocos de pinho na lareira, e seu braço esquerdo esticado estava colado ao lado do corpo, em um amontoado de jornais, paletó e corda.

Aos poucos aquela imersão confundia Jacob, que em um momento crítico deixava o mundo real, calculando cada passo no caminho. Seus ouvidos estavam tão atentos que até o *criiii* dos grilos ao redor desaparecia, com o barulho de sua pegada no chão soando alto por ali, mesmo atenuado por um chão de grama, pedra e barro, pois agora a natureza já tomava conta da pequena estradinha para o vilarejo.

Um rufar na grama o fez paralisar por completo entre dois passos. Embora com sua atenção completa, Jacob não sabia a orientação do barulho, e mesmo ao sol ele tremeu de medo ao levantar seu braço esquerdo gigante, colocando-o rápido na altura de seu pescoço. Da outra vez, ele ouvira uma corrida e até as patas do animal correndo pela pequena estradinha, mas agora parecia que o jogo tinha mudado completamente. Ergueu o ferro, e girou seu corpo, cuidando todos os lados.

Um rosnado grave saiu da mata, agora evidente em sua frente, pulando da grama alta com olhos marrons escuros impiedosos. Jacob sentiu o ímpeto natural em seu abdômen de correr, mas o que fez foi dar apenas um passo reativo para trás. A fera rosnou de novo,

ainda esperando que Jacob corresse para então pular em suas costas, derrubá-lo no chão e esfaquear sua garganta — porém o personagem manteve sua posição. Jacob, embora tremendo de medo, apenas ajustou o ferro em sua mão virando a ponta mais para frente. Teria de acertar o bicho logo se quisesse viver.

*Ele está a me testar*, pensou Jacob.

O personagem avançou um pouco, aceitando os termos da luta. E então, rápido, o lobo avançou e pulou no braço preparado de Jacob, que sentiu a força da mandíbula do bicho sobre toda aquela proteção. O lobo rosnava e puxava, mexendo a cabeça para os lados, tentando achar sangue logo em sua vítima. As puxadas desequilibraram Jacob, que ainda estava muito assustado para alguma reação imediata, esquecendo sua estratégia pela adrenalina da ação.

Jacob fez o personagem movimentar-se para a frente, e o bicho soltou aquele amontoado de jornais enrolados e pulou mais uma vez, em enorme agilidade. Agora sua boca mordida todo aquele bolo de papéis e terno sob medida. A pressão foi muita vezes mais forte que antes, e um pouco de sangue saiu dali, junto com um grito de repulsa do personagem, que era parte automatizado pelo Vigia e parte controlado pelo garoto.

Jacob sentiu o molhado quente no braço, o suficiente para ele sair da armadilha de medo em sua mente, que paralisava inutilmente seu braço direito com o ferro. Acertou sua primeira investida no lombo do bicho, que entre presas apertadas em seu braço somente soltou um ganido rápido de protesto, mantendo a mesma terrível pressão da mordida em meio a rosnados altos e



graves.

*Se cair no chão estou morto mais uma vez!* pensou Jacob, dando mais um passo para trás, levando junto o pesado canino consigo. Jacob levantou o ferro pesado e bateu de novo, desta vez acertando direto no focinho, que ganiu muito mais alto desta vez, soltando seu braço.

"*Rá!*" gritou Jacob com força explosiva, tentando amedrontá-lo pela vitória parcial.

O lobo sentiu o ferimento, abaixando sua cabeça e um ganindo que parecia ser de dor forte. Uma pata tocou de lado onde a ponta do ferra tinha deixado uma grande ferida aberta e já vermelha.

"*Sai daqui!*" gritou Jacob, simulando um ataque no ar com o ferro e seu braço esquerdo retorcido de jornais.

O lobo latiu uma vez de volta, e depois desinteressou-se, partindo em disparada para dentro da mata, por vezes soltando ganidos agudos de dor que iam desaparecendo e juntavam-se ao silêncio daquela cidade esquecida.

*SEP*

Jacob desceu todo o caminho em uma caminhada forçadamente rápida. Seu braço esquerdo doía, e ele removeu o paletó para ver um pedaço de jornal mais avermelhado perto de seu punho. Não sabia se haveria mais ataques, mas pela gravidade em que estava, suas chances de sobrevivência tinham baixado muito, o que lhe faziam apertar o passo.

Mesmo assim, todo aquele silêncio imperava na *Colina*

*Esmeralda*. Jacob viu a estradinha de terra tornar-se agora uma rua com pedras chatas e irregulares, onde a grama mesmo assim ainda insistia em nascer no meio, em tufos descontrolados. Estava chegando em casa, e as memórias começavam a também lhe dar senso de direção, pois onde morava ficava apenas três quadras dali, quase na frente da igreja, que vira do alto da estação deserta.

Porém, seu personagem desacelerou quando viu a praça central, com uma espécie de laguinho com um vaso de flores no meio, ostentando flores estas que já estavam tortas e mortas a muito tempo, há meses sem cuidado. Dentro da água, dezenas de estacas com cabeças de pessoas, deformadas e decrépitas, sem olhos e bocas escancaradas, com dentes amarelos e outros faltando, em posições que pareciam ser amontoadas, quase umas sobre as outras de tantas que eram.

Todos aqueles olhos vazios das caveiras o observaram.

Jacob perdeu o controle do personagem, que então soltou o ferro no chão perplexo, sentando por ali com pernas trêmulas que também já não mais respondiam. O personagem fez o sinal da cruz, enquanto Jacob pulava de volta ao cinema assustado, olhando os níveis de medo e culpa piscarem no vermelho de seu personagem.



## 11

O vigia então fala para todos no cinema: "Este é um evento programado, e agora o personagem receberá penalidades sobre seu medo em disparada. Seu livre trânsito será bloqueado, requerendo ao jogador custo em *Vontade* sobre algumas decisões. Existirão outros eventos como esse, e esta explicação também se aplicará aos mesmos, está claro, Jacob?"

"Teremos de debater as ações?" perguntou Jacob.

"Exatamente." respondeu o Vigia.

Jacob voltou ao jogo, e tentou mover o personagem, que nada respondia. Em outro reflexo, o garoto voltou ao cinema, percebendo que o personagem agora colocava sua mão trêmula no rosto, tentando não ver alguns de seus amigos de infância nas estacas.

"Oh, Deus!" disse o personagem.

"Decida Jacob, esta situação é apenas temporária, mas poderá piorar com o tempo." falou o Vigia.

*O mestre também segue um script*, pensou Jacob.

"Quero que o personagem se levante." falou o menino.

"Ele não quer levantar-se." veio a resposta do Vigia, sem nenhuma expressão.

*Isso me soa muito familiar*, lembrou-se Jacob das respostas da máquina no mundo real, e de ficar horas tentando diversas combinações de coisas tentando destravar a situação em que estava.

Houve um momento de reflexão do menino.

O personagem no cinema chora pelo que via, oscilando entre puxar seus cabelos e fechar seus olhos com cada palma de sua mão em seus olhos, em um aparentemente desespero crescente.

Jacob virou-se para o vigia, e com um dedo ordenou: "Quero que o personagem corra **desesperado** para sua casa, onde deve finalmente ver como está sua família." disse Jacob, com ênfase na palavra que remetia desespero.

"Ação condiz com estado emocional do personagem. Nenhum ponto de *Vontade* requerido." disse o Vigia.

O que Jacob desejou aconteceu de verdade na tela do cinema. O personagem levantou-se um tanto desorientado, e em uma corrida desastrada (tropeçou algumas vezes olhando para trás e correndo ao mesmo tempo) fazendo o contorno na igreja e chegando na porta de sua casa. Ainda estava com os jornais que tinham sobrado da luta com o lobo enrolados em seu braço, mas de uma maneira caótica e misturados com um pouco de sangue; apenas uma linha de cordão segurava precariamente toda aquela confusão.

Jacob vibrou com um soco no ar: "Sim!".

O dragão riu, devagar e absorto em outros pensamentos.

Na frente de casa, o medo de seu personagem continuava em um nível amarelo de atenção, mas boa parte daquela aflição fora distribuída em outras frentes como *Ansiedade*, *Culpa*, *Pavor macabro* e outras aflições menores que iam se acumulando, como camadas em um bolo emocional onde o Vigia determinaria o resultado do estado final mental do personagem.

"Evento encerrado. Livre trânsito resumido." disse o Mestre,



que na visão do menino, era apenas um personagem em quadrinhos.

*Estou sendo treinado em como jogar o jogo, pensou Jacob.*

*Jacob*

O personagem, já sentindo seu punho esquerdo latejar, tenta a porta da frente com alguma força, mas sem sucesso. Jacob pára e observa; lembra-se da casa, passando por diversas memórias, até que, eventualmente, corre até o terceiro vaso em cima da janela fechada, e lá encontra uma chave reserva.

O menino percebe um certo alívio, e verifica no cinema que a ansiedade baixou para um nível aceitável. Muito nervoso, ofegante e sem tempo para tirar todos os jornais de seu braço esquerdo, o personagem aproxima-se então da porta, e insere a chave no local, girando duas voltas completas. Verificou com certo alívio que a casa de seu pai estava trancada por dentro, dando-lhe algum alento de que talvez eles tinham escapado do massacre que acontecera na praça central.

Qualquer esperança (e Jacob sentia a volúpia emocional desdobrar-se dentro de si) sumiu após ver o estrago que estava sua casa, com buracos de bala abertos nas paredes, sofá de couro revirado e uma parede com borriço grande de sangue entre a pintura branca do reboco e um quadro rupestre.

Apesar da destruição da casa (até um degrau da grande escada para o segundo piso tinha buraco de bala) não encontrara nenhum corpo. Jacob sentiu o impulso do personagem de perder de novo a consciência. Um medo irracional surgia nas medições dos

hologramas.

Jacob falou alto, tentando controlar a si mesmo — era como se vivesse duas vidas ao mesmo tempo — e ao seu personagem aflito: "A porta estava fechada, eles não saíram daqui." disse ele, naquela casa antiga dentro do simulacro.

O personagem então ficou desconfiado, de olhos muito abertos: "*Pai! Pai!*" gritava ele, e Jacob percebeu que estava em mais um evento guiado apenas pelo Vigia, pois era catapultado ao cinema e via seu personagem subir a escada seguindo uma trilha de sangue, como em um filme de horror.

"*Deus...*" dizia o personagem em frente do quarto que reconhecia como de sua irmã, que tinha a porta entreaberta com a maçaneta de metal ainda coberto de um resíduo antigo de sangue seco.

Jacob volta-se aos hologramas, e percebe que os controles de adrenalina estão altos, com uma pequena figura de um coração (destes de livros de medicina, esquematizados) com um número alto ao lado, piscando e batendo conforme o do próprio personagem.

"*Pai?*" perguntou ele baixinho, aproximando sua mão da maçaneta mas não a tocando, horrorizado com aquele sangue já seco e escuro lambuzado pela porta e o metal.

O personagem então empurra a porta, e o que vê lhe deixa confuso, mas aquele horror de sua ansiedade sai de si em um grito agudo, contínuo, e ele se segura na própria porta para não cair ao chão mais uma vez: sua irmã estava transformada em pedra no meio do quarto, em uma boca aberta de terror e braços levantados, tentando se defender de algo que vinha de sua janela aberta, para sempre presa na rocha.



"O quê no nome do senhor..." falou o personagem controlado pelo Vigia, enquanto tocava a estátua de sua irmã Claire no meio do quarto.

Jacob viu nos hologramas flutuantes IRRACIONAL piscar em vermelho. O pé do personagem então toca em algo no chão, duro e pesado. Ele se agacha lentamente, e vê uma massa grande no tapete sujo; era uma cabeça com um rosto cinzento, descorado e um tanto roxo na parte dos olhos fechados. De boca fechada, ostentava um bigode grisalho parecido com o do personagem, mas que na verdade parecia mesmo com o senhor Luiz no mundo real, que consertava videocassetes e tomava limonadas com bala de goma falando sobre seus heróis no cinema e jogos de computador.

Desta vez, uma lágrima rolou rápida no rosto do menino, ao ver seu amigo representado cruelmente naquela situação. Seus óculos incomodaram, e ele limpou-os com as costas de sua mão, tentando não chorar, não se envolver, que tudo aquilo era uma fantasia distante e cruel.

Após um breve tempo onde o Vigia olhou para Jacob que estava em silêncio, a palavra IRRACIONAL, que piscava nos hologramas, foi trocada por CHOQUE EMOCIONAL nos controles do jogo, enquanto o personagem gritava com seus olhos esbugalhados e perdidos,

"Livre trânsito bloqueado." falou o Vigia no cinema, desta vez com uma mão em seu queixo, intrigado olhando para Jacob, que também nem respirava pela gravidade da situação.

*Jacob*

Jacob reconheceu na máquina infernal o que muitas vezes vivera em primeira mão com sua mãe. Aqueles olhares em pânico e dor tangível estavam presentes. Por longos momentos, o personagem ficaria ali, preso no tempo e dentro de sua cabeça, sucumbindo em uma areia movediça emocional — e Jacob não sabia como tirá-lo sozinho deste estado.

*CRISE EMOCIONAL* continuava piscando.

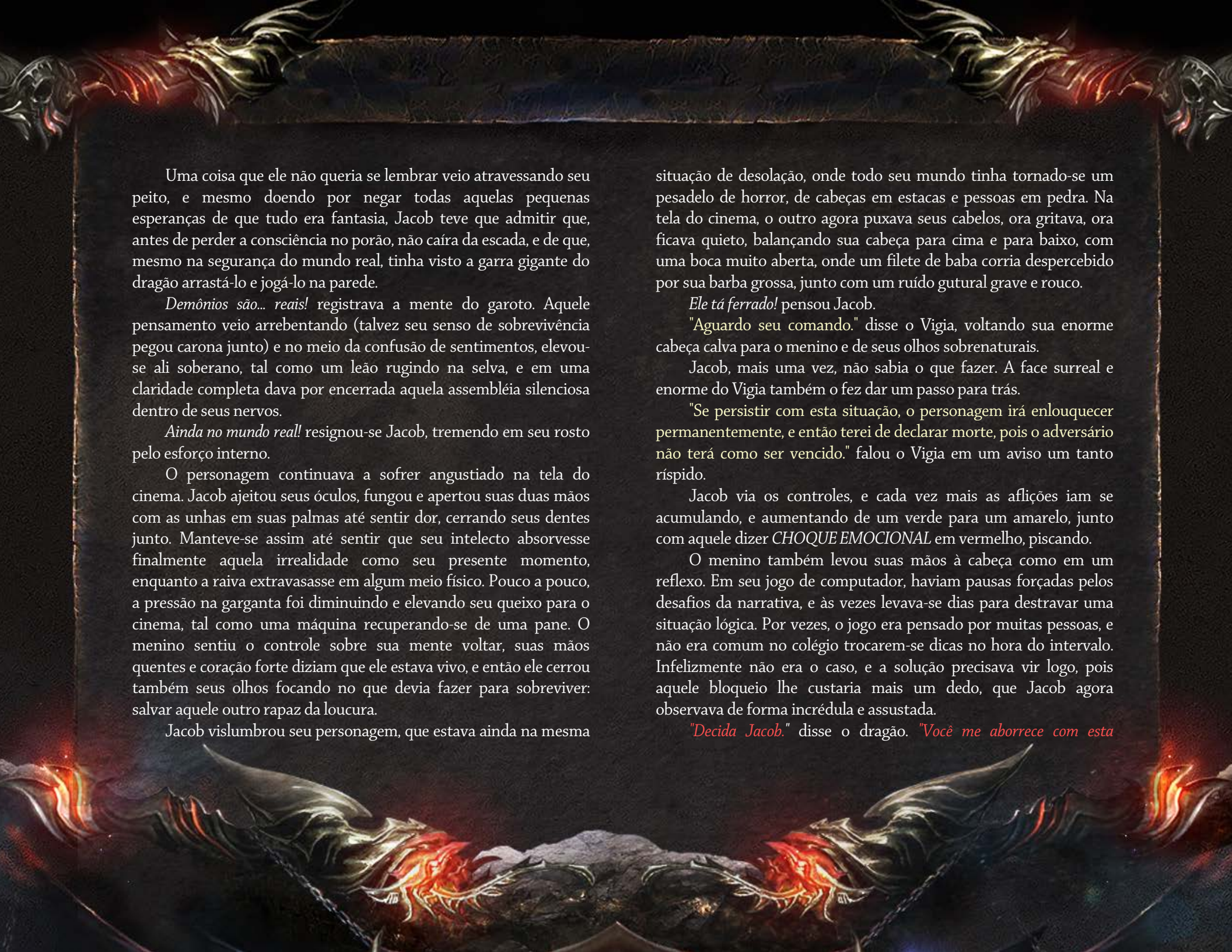
Tal como os hologramas mostravam as aflições do personagem, Jacob também sentia seu próprio bolo emocional apertá-lo em sua barriga lutando contra si, girando e chegando até sua garganta, apertando-a cruelmente. O menino instintivamente punha sua cabeça baixa, tentando conter tudo aquilo como se fosse sair em um vômito, pois se ele também entrasse em choque perderia suas mãos, nariz e língua, juntando-se aos outros dentro da barriga do monstro.

*Controle-se*, pensou Jacob — mas mesmo assim, um fio de sua consciência ainda persistia: toda aquela encenação era uma repetição de seus últimos momentos, pois também entrara em uma casa quebrada, vira seu amigo espancado (agora duvidava que tinha sido por causa dos imbecis da 8C) e ele mesmo assustou-se com tudo isso, caindo de maneira estúpida na escada do porão.

*Em breve acordarei*, tentou afirmar, mas com pouco sucesso. Viu mais uma vez sua mão sem o dedo mínimo, passando o indicador por ali e não encontrando nenhuma cicatriz.

*Tal como nos sonhos*, pensou Jacob tremendo de medo.





Uma coisa que ele não queria se lembrar veio atravessando seu peito, e mesmo doendo por negar todas aquelas pequenas esperanças de que tudo era fantasia, Jacob teve que admitir que, antes de perder a consciência no porão, não caíra da escada, e de que, mesmo na segurança do mundo real, tinha visto a garra gigante do dragão arrastá-lo e jogá-lo na parede.

*Demônios são... reais!* registrava a mente do garoto. Aquele pensamento veio arrebatando (talvez seu senso de sobrevivência pegou carona junto) e no meio da confusão de sentimentos, elevou-se ali soberano, tal como um leão rugindo na selva, e em uma claridade completa dava por encerrada aquela assembléia silenciosa dentro de seus nervos.

*Ainda no mundo real!* resignou-se Jacob, tremendo em seu rosto pelo esforço interno.

O personagem continuava a sofrer angustiado na tela do cinema. Jacob ajustou seus óculos, fungou e apertou suas duas mãos com as unhas em suas palmas até sentir dor, cerrando seus dentes junto. Manteve-se assim até sentir que seu intelecto absorvesse finalmente aquela irrealidade como seu presente momento, enquanto a raiva extravasasse em algum meio físico. Pouco a pouco, a pressão na garganta foi diminuindo e elevando seu queixo para o cinema, tal como uma máquina recuperando-se de uma pane. O menino sentiu o controle sobre sua mente voltar, suas mãos quentes e coração forte diziam que ele estava vivo, e então ele cerrou também seus olhos focando no que devia fazer para sobreviver: salvar aquele outro rapaz da loucura.

Jacob vislumbrou seu personagem, que estava ainda na mesma

situação de desolação, onde todo seu mundo tinha tornado-se um pesadelo de horror, de cabeças em estacas e pessoas em pedra. Na tela do cinema, o outro agora puxava seus cabelos, ora gritava, ora ficava quieto, balançando sua cabeça para cima e para baixo, com uma boca muito aberta, onde um filete de baba corria despercebido por sua barba grossa, junto com um ruído gutural grave e rouco.

*Ele tá ferrado!* pensou Jacob.

"Aguardo seu comando." disse o Vigia, voltando sua enorme cabeça calva para o menino e de seus olhos sobrenaturais.

Jacob, mais uma vez, não sabia o que fazer. A face surreal e enorme do Vigia também o fez dar um passo para trás.

"Se persistir com esta situação, o personagem irá enlouquecer permanentemente, e então terei de declarar morte, pois o adversário não terá como ser vencido." falou o Vigia em um aviso um tanto ríspido.

Jacob via os controles, e cada vez mais as aflições iam se acumulando, e aumentando de um verde para um amarelo, junto com aquele dizer *CHOQUE EMOCIONAL* em vermelho, piscando.

O menino também levou suas mãos à cabeça como em um reflexo. Em seu jogo de computador, haviam pausas forçadas pelos desafios da narrativa, e às vezes levava-se dias para destravar uma situação lógica. Por vezes, o jogo era pensado por muitas pessoas, e não era comum no colégio trocarem-se dicas no hora do intervalo. Infelizmente não era o caso, e a solução precisava vir logo, pois aquele bloqueio lhe custaria mais um dedo, que Jacob agora observava de forma incrédula e assustada.

*"Decida Jacob."* disse o dragão. *"Você me aborrece com esta*



*infantilidade."*

Uma aflição com uma caveira simbólica ao seu lado, *Flagelação*, subiu velozmente na prioridade dos sentimentos e piscou um alerta amarelo, trocando o dizer em letras grandes de *CHOQUE EMOCIONAL* para *CRISE PSICÓTICA*.

O personagem então foi tomado de uma raiva e foi rasgando os jornais que ainda estavam enrolados em seu braço esquerdo com rapidez e violência. O cordão que segurava os restos da última luta com o lobo voou pela janela aberta do quarto, e os jornais, alguns até ensangüentados, caíram no chão sujo onde estava aquela cabeça a lhe voltar seu olhar macabro. O personagem viu seu ferimento (um buraco pequeno vermelho onde o dente do lobo alcançara sua carne) e então, deliberadamente com seu dedão da outra mão apertou naquele local com força, saindo ainda mais sangue.

Com urros terríveis de loucura, o personagem balançava seu pulso, e o sangue pulava em seu rosto em algo que beirava um êxtase psicótico.

"*Faz ele parar! Faz ele parar!*" gritou Jacob desesperado ao Vigia.

"*Você tem doze pontos de força em Vontade.*" respondeu o Mestre no meio da gritaria, que parecia vir de todos os lados.

O dragão ria roucamente no meio daqueles gritos.

*Força de vontade*, pensou Jacob, tentando se lembrar mais exatamente de como o personagem teria se contido no trem, em outra pequeno conflito de consciência por causa de seus erros no passado. Agora seu personagem machucava-se, e era isso que o termo esquisito deveria referir-se. O perigo simbolizado da caveira era mesmo iminente, e Jacob percebeu os danos mentais que

estavam acontecendo à integridade psicológica dele, pois aquela reação maluca estava apenas acontecendo justo no início do nível amarelo da aflição.

"Vou ter de pronunciar loucura permanente." falou o Vigia para Jacob, sem tirar os olhos do cinema.

*A raiva não está saindo! pensou Jacob. De algum jeito, está aumentando o choque. Ele precisa...*

Jacob viu o rosto marcado de sangue do personagem.

*Ele precisa de um fato novo, algo para se agarrar!* pensou Jacob.

Num início de ideia, Jacob olhou para o vigia e disse: "Eu quero que ele pegue a cabeça de seu pai do chão".

"Ele não quer." veio a resposta automática do Vigia.

"Gaste quantos pontos de *Vontade* forem necessários."

Houve um momento, e então o personagem parou de repente com sua flagelação, e com sua face rubra de sangue e olhos muito abertos, pegou lentamente a cabeça de seu pai do chão, suspendendo-a até sua frente, tal como Jacob vira em uma peça de Shakespeare.

"Cinco pontos gastos. Lhe restam sete." falou o Vigia.

O personagem na tela começa a respirar rápido e com um chiado terrível de quem quase não consegue respirar. O computador ainda mantinha *CRISE PSICÓTICA* em seus alarmes emocionais.

Jacob fala novamente ao Vigia, com um sorriso novo no rosto, e com nova determinação: "Quero que ele se lembre de momentos bons com seu pai."

"Vai lhe custar três pontos de força de vontade. Depois disso, você ainda possui quatro." falou o vigia.



O rosto do personagem foi mudando, muito devagar, mas foi mesmo mudando para algo menos doente, porém sustentava ainda aquela dor tremenda.

"Mostre as lembranças, preciso identificá-las." pediu Jacob.

*As peças são mostradas e depois escondidas,* pensou Jacob.

A tela do cinema recuou, e um quadro holográfico novo surgiu mais à frente deles em preto e branco, misturado com a imagem do personagem atrás e a cabeça cadavérica de seu pai.

*Vai aparecer, vai aparecer!* torcia Jacob, enquanto memórias surgiam com eles na montanha, descendo na colina, juntos em cima dos livros escrevendo teses sobre a jurisprudência de algum caso civil da cidade, um abraço desajeitado na sua formatura com um sorriso. Jacob começou a se desesperar, pois a lembrança que queria era mais nova, e em breve seu personagem sairia de casa brigado com o pai, o que poderia ser ainda mais terrível para a situação.

"Antes! Antes! Quando ele era menino... Sobre os lobos!" pediu Jacob ao Vigia, que agora colocava sua mão no queixo mais uma vez, intrigado.

"Mais dois pontos, ele está muito cansado. Lhe restam mais dois." falou o Vigia.

Uma memória do pai e o menino prontos para uma caçada então veio com mais força, com diálogos e maior riqueza de detalhes.

"Faça ele se lembrar de tudo!" exclamou Jacob agitado, pois aquela pista lhe fora dada quando observava a colina, e fazia sentido total para resolver o problema com as peças que ele tinha.

"Vai lhe custar mais um ponto, e levará o personagem à beira da

exaustão." falou o vigia.

"SIM!" disse Jacob, verificando que os controles agora mudavam para *CRISE EMOCIONAL* e aquela caveira sumia para baixo nas aflições menos relevantes.

*Está funcionando!* exaltava-se Jacob em sua mente.

No cinema, aparecia o personagem menino, sentado no sofá da sala com um rifle pequeno na mão, enquanto seu pai tirava outra carabina muito maior da parede. O fundo com o personagem adulto sumiu para a escuridão pelo foco total que fora dado aquela memória.

*Depois*

*"Hoje é nosso primeiro dia de caça." disse seu Luiz, vinte anos mais jovem e de bigode ainda preto, forte em seus braços de cortar lenha e com apenas trinta e oito anos era o promotor mais cruel de toda a região, com olhos austeros e nenhuma derrota nos tribunais da cidade, enforcing mais de cinquenta criminosos por ano.*

*O menino, muito parecido com Jacob, mas de olhos verdes e cabelo escuro, mantinha-se calado sentindo pela primeira vez o peso da arma em suas pequenas mãos de criança.*

*"Caçamos por necessidade aqui no vale, e honraremos a natureza abatendo somente o que precisamos, que deverá ser um alce, de preferência mais velho, que provavelmente já tenha reproduzido. Você entende isso, Jacob?"*

*"Sim, senhor." foi a resposta rápida e no tom de voz certo, aprendido por diversas lições até ali. Para o menino, seu pai era o que o padre*



Esteban dizia de Deus: justo e temido. Poucas vezes olhara nos olhos do homem, e muitas vezes ouvira o assobio forte e agudo que lhe dava um frio na espinha por ter feito algo errado. Mesmo assim, Jacob sabia pelos olhos nervosos de outros que a caneta de seu pai era mais temida que a própria polícia, e de que a lei ali no vale passava muitas vezes por sua casa.

Luiz levantou o queixo de Jacob e disse: "Seu rifle é capaz de matar Jacob. É um ótimo instrumento de guerra, e por isto, deve-se apenas cumprir sua função e voltar para a parede, que é lá onde deve ficar até termos extinguido todos os meios possíveis de justiça. Depois de o usarmos, não tem mais volta. Preciso que entendas bem isso, meu filho."

"Sim, senhor." falou Jacob evitando os olhos do homem mais temido de Esmeralda, que para os estrangeiros da capital chamava-se Transilvânia.

"Existem muitos perigos no vale. Não se engane com a beleza aparente de nossa colina. Menos de cinquenta passos além da estradinha, fora da luz da civilização a natureza continua em guerra, e a fome é seu instrumento implacável de ajuste de contas."

Ele senta ao lado do filho, com um rifle tão grande que o menino se sente minúsculo perto dele.

"Fez a lição?"

"Sim, senhor."

"Lavou a louça?"

"Sim, senhor."

"Fez suas preces em nome do senhor para a alma de sua mãe?"

"S-sim, senhor."

O homem tirou seu boné, pequeno e para frente, que deixaria uma sombra em seus olhos diminuindo o ainda forte sol de outubro para que

seu tiro seja certo, honrando a caça com uma morte limpa e rápida.

"Você já viu um lobo de perto?" perguntou ele, sem tirar os olhos da pintura em sua frente, de uma casa com um moinho.

"Não, senhor" falou Jacob, apequenando-se, olhando para seus sapatos.

"Dentro dos braços da mãe natureza, veremos eles. Na verdade, somos invasores de seu território. Por milhares de anos, eles é quem caçavam e matavam nesta terra onde estamos. Já pensou sobre isso?"

"Não, senhor."

"As vezes penso sobre isso: lobos e homens. Somos matadores também, e nossa precária, cega e velha justiça vai levar muito tempo até deixarmos de sermos assim. É mais fácil tirar a arma da parede, você não acha?"

O menino ficou quieto, observando a retórica de seu pai.

"Meu pai me falou dos colonizadores. De um tempo onde as armas não ficavam dentro de casa, mas ao alcance da mão, pendendo ao lado de homens grotescos que mal assinavam seu nome, e a justiça corria na velocidade da bala, não importando muito o certo ou o errado, e sim seu talento com o revólver."

Luiz suspirou cansado: "A mina estava a todo vapor, e eles entravam e saíam com o maldito cobre, algumas vezes com outras pedras preciosas. Outros tempos. Tempos de dinheiro e aventura, para quem tinha saúde e coragem de enfrentar as pistolas dos três xerifes em exercício do condado. Não havia tempo nem para a força."

O menino já conhecia a história, e também sabia que a mina fora desativada um pouco antes de seu pai nascer, e que muita gente tinha ido embora do vale e outros ficaram a beira da pobreza, sem o que fazer e sem



nenhum conhecimento além de mineração.

"Antes de erguemos a igreja, homens assustados com a rápida decadência da mina criavam histórias também sobre lobos e homens durante a dureza da fome e do frio. Estas histórias e o horrendo castelo medieval a cinco milhas daqui fizeram a fama do vale ser amaldiçoado."

"Sim, senhor." disse o menino ainda para seus sapatos.

"Enquanto na capital se discutia asneiras sobre os morcegos bebedores de sangue, somente quem morava por aqui falava sobre os lobos. As histórias locais ficaram conosco, de pais para filhos. Tradição é importante para a família, é um laço mais forte que mantém um homem na linha e saber fazer o que deve ser feito, sem nenhuma dúvida ou sombra em seu coração."

O menino concordou com sua cabeça afirmativamente.

Em um tom mais baixo e triste, o homem falou: "Algumas vezes, e diferente de todos os outros lobos, um grande cinzento ignorava as fogueiras e puxava homens para o escuro, arrancando-lhes a cabeça. Não só atacava mineiros solitários que dormiam na floresta, e sim grupos de pessoas, sem nenhum sobrevivente. Não era por fome, e sim pela sanguinolência. A lenda diz que os gritos da criatura faziam os mineiros correrem para a cidade, e então perdiam sua cabeça com um apenas um golpe. Alguns diziam ser a montanha encarnada vingando-se da ganância dos homens. Acharam uma toca anos depois, repleta com centenas de caveiras, e então uma parcela grande da cidade comprovou seu folclore pagão com evidências terríveis. Poucos sabem deste lugar, pois a cidade precisava interagir com a capital se queria sobreviver, e a história ficou como um segredo guardado por todos."

O menino intrigou-se pela mudança de tom na conversa.

"Diziam ser um lobisomem: parte lobo, parte homem. Monstruosidade despertada pelo ciclos lunares, com mais de dois metros e quase duzentos quilos de fúria onde balas não fariam a menor diferença."

Ao dizer o nome do monstro, havia um sorriso naquele homem implacável, poucas vezes visto, mas que se desfez rapidamente, ao passo que olhava diretamente para o menino, em seu mesmo olhar fulminante nos tribunais onde condenava criminosos à força.

Com seu dedo em riste, o homem falou: "Pessoas de todas as crenças e de todas as idades inventam absolutamente tudo para não enfrentarem as misérias dentro de sua cabeça, Jacob. Quero que entenda isso pela honra do nome de nossa família. Aqui dentro de nossa casa, o senhor é o caminho, e a justiça dos homens é a estrada por onde os justos trilham seu destino!"

"Sim, senhor." veio a resposta assustada, ajeitando-se no sofá perante aqueles olhos fortes.

"Mas quando um lobo vier..." falou Luiz, esperando a resposta, levantando um pouco seu rosto e olhando-o um pouco de lado com uma raiva tremenda.

"Vamos estourar sua cabeça!" disse o menino, confiante.

"Não se esqueça! Ele não vai hesitar em te matar." falou o homem, diretamente nos olhos do menino.

"Não vou esquecer, papai!" disse o menino.





100

A tela em preto e branco some e o personagem mais uma vez aparece, segurando a cabeça pesada de seu próprio pai, morto a muito tempo e que lhe avisara do perigo em que eles estavam, mas Jacob ignorou sua carta de ajuda.

"N-não vou e esquecer." repetiu o personagem boquiaberto pela lembrança, controlado agora pela maestria do Vigia, especialista em contar histórias, criador de universos, deixando os olhos do homem barbudo esbugalhados diante daquela memória poderosa.

"LENDAS SÃO REAIS!" gritou Jacob eufórico para o Vigia, e instantes depois o outro na tela do cinema repetiu a mesma fala, porém com um certo ar de estupefação e surpresa muito sutis, onde o simulacro compreendera perfeitamente o intuito da frase do menino e agira de acordo.

"JUSTIÇA SERÁ FEITA!" completou Jacob, e o personagem repetiu-o mais uma vez, em um rompante forte e indignado, num misto de raiva e culpa em seus olhos ainda esbugalhados, esboçando uma nova lucidez pela luz da justiça que ele se esquecera longe de casa.

Os hologramas ao lado de Jacob alteraram-se, e o texto que informava *CRISE EMOCIONAL* sumiu, dando lugar para outras aflições como *Vingança*, *Ódio por lobos*, *Resistência ao sobrenatural* e muitas outras características psicológicas que se acumulavam dentro da máquina do simulacro.

"Livre trânsito resumido." disse o Vigia, com um pequeno sorriso pela mudança inesperada do destino do jogo.

O dragão ao lado pestanejou um palavrão.

Jacob imediatamente voltou ao personagem, colocou a cabeça em cima da cama, tapou-a com um lençol e saiu do quarto, fechando e trancando a porta com o maior cuidado que conseguiu, junto com suas pernas pesadas, braço sangrando e cabeça latejando.

Estava completamente exausto, como o Vigia teria dito.

Desceu as escadas com imensas dificuldades, ignorou a destruição do local e sentou-se à mesa de jantar, que estava limpa. Pegou um pano de prato e lavou seu rosto na pia, deixando o pano cair ao chão quando o viu ficar rosado. Alcançou mais um pano, rasgou-o em tiras lentamente. Lavou o ferimento em seu punho até a água fria estancar o sangramento. Com cuidado, colocou as duas tiras com o resto de força que tinha, sentindo uma melhora imediata e firmeza em seu braço.

Sentou à mesa, tirou o último sanduíche de seu bolso, e tentou comer devagar, mas o personagem parecia mais uma vez ter uma força maior, e Jacob o deixou tomar conta, sem forçar mais nada. Era quase como guiar um cachorro, e às vezes ele tinha vontade própria, forçando algumas ações e Jacob ia junto com ele, guiando a interpretação em conjunto.

Enquanto o outro comia, Jacob voltou ao cinema e viu os controles acusarem níveis normais para quase todas as aflições, e mais um destes controles, *Estresse*, surgiu do nada beirando ao vermelho. Jacob voltou ao simulacro, achou uma poltrona grande de couro e usou uma destas toalhas grandes costuradas à mão como um cobertor, tapando-se por completo e fechando seus olhos.

O personagem logo dormiu exausto, sem intervenções.



## 12

"O que acontece agora?" perguntou Jacob, vendo seu personagem dormir na tela do cinema.

"Esta pausa é reservada ao desafiante para reflexão. O tempo fica acelerado e pela estimativa do simulacro, você tem menos de vinte minutos para preparar-se aos próximos acontecimentos." disse o Vigia, sem tirar os olhos da tela.

No lugar dos hologramas, agora existia uma sala pequena com um sofá grande e vermelho. Nas poltronas, Jacob viu seu caderno de escola, junto com canetas e lápis que ele mesmo tinha usado durante a aula do senhor Lee, quando imaginou aventuras parecidas, mas não tão reais quanto esta, o que fez o menino coçar um pouco a cabeça, pois também haviam lobisomens e...

"Nos veremos em breve." falou o Vigia, interrompendo bruscamente o pensamento do garoto.

Tudo se apagou, e Jacob estava sozinho naquela pequena sala.

*Isto é incrível!* pensou Jacob, sentindo-se eufórico pela aparente vitória no simulacro.

"Lobisomens!" disse o garoto, pondo sua mão (menos seu dedo mínimo) em sua boca, em grande emoção.

*Seu Luiz*, pensou Jacob ao se lembrar de seu pai na história contando a lenda do lobo. E então, rápido como um piscar de olhos, lembrou-se de sua mãe e começou a chorar. Seu pranto era devagar,

doído, quase como se estivesse ficado um mês fora, com muita saudade de casa. Ao mesmo tempo que o personagem descobria que as lendas eram reais, ele também realizava de uma vez por todas que estava preso no porão com o demônio — aquele calombo em sua cabeça e o dedo faltando em sua mão comprovavam isso. Eram tantas coincidências que o menino ficou com medo de enlouquecer, de não saber mais distinguir quem ele era, face a incrível máquina do Vigia.

Fechou seus olhos.

Em outro instante já estava em outro local.

*Seu*

Dentro de uma caverna de gelo, Jacob encolheu-se pela súbita mudança de cenário. Observando ao seu redor, impressionou-se por não sentir frio ainda de camisa curta, e logo viu o reflexo do brilho amarelado de uma tocha em um grande mural de gelo em sua frente.

"Não se assuste." disse alguém atrás de si, com um sotaque britânico muito distinto. "Vire-se devagar."

Jacob viu um homem barbudo, por volta de seus quarenta anos, de uma face consternada em sobranceiras grossas. Parecia ter vindo de fora da caverna, pois usava roupas de quem vivia na neve, com muitas peles, couro e cordas por todos os lados, em uma vestimenta rústica que remetia Jacob a uma vez que vira na enciclopédia da escola a descrição de um homem das cavernas.

"Meu nome... é Arkhen." falou o outro, com certo receio.

Jacob recuou imediatamente, pois era o nome que o demônio



tinha dito diversas vezes à ele. Arkhen mostrou sua mão aberta, e em um dos dedos havia um anel grande, muito distinto para um selvagem.

"Vimos fazer o certo, Jacob." falou o outro, seguro de si, mas também mantendo sua distância.

"Você conhece o... d-dragão?" perguntou Jacob receoso.

"Damien é meu irmão mais velho."

"Eu não entendo!" respondeu Jacob.

"Aparências Jacob. Velhos truques. Embora, ao meu ver, pareçam ser metafisicamente corretas." disse o homem apreensivo.

"Meta.. o que?" falou Jacob, ainda desorientado com a mudança de cenário e aquele homem cheio de peles e de face grave.

"Me desculpe, fazem alguns anos que não falo com ninguém por aqui, e ver você em minha frente me causa muita estranheza, pois na verdade somos ainda a mesma pessoa neste espaço-tempo."

Arkhen olha com receio para o anel.

"Você... é... real?" perguntou Jacob levantando devagar sua mão até ele, mas desistindo ao perceber que não faria diferença, pois nada daquilo fazia sentido. "*Eu não entendo mais nada!*" gritou o menino.

"Faz muito tempo que morri. Mais de milênio pelas minhas contas. Também não é muito fácil para mim." disse Arkhen, com raiva.

Houve um longo momento de silêncio desconfortável.

O homem aguardou o garoto se recompor.

"Ele pegou você. Isto era esperado." disse Arkhen.

"O dragão me confunde com você! Isto é ridículo!" falou Jacob

apontando para o outro em sua frente.

"Você é também meu irmão, mas em nossa pequena tribo, além do tempo e dentro do karma. Damien pode ver isso, tal como eu posso ver você aqui comigo."

"Pare com essas merdas orientais sem sentido!" falou o menino com raiva, batendo uma mão na outra.

Arkhen ficou imediatamente transtornado, e Jacob logo sentiu que suas mãos eram muito reais em sua camisa a levantá-lo: "Vou lhe mostrar o respeito, garoto." veio a resposta rosada no rosto do menino, junto com o cheiro de carne queimada de alguma caçada anterior.

Como se o menino não pesasse nada, Arkhen arrastou-o por dentro da caverna, com a tocha revelando dezenas de esqueletos de pequenos bichos junto a outros restos de antigas fogueiras.

Foram assim até verem uma saída na neve.

"Por ali!" ordenou Arkhen, jogando o garoto na neve, que o não causava frio, mas que era real ao toque do mesmo jeito.

Com somente a luz da tocha a tremer pelo vento, os dois subiram uma colina íngreme de gelo, onde somente as pegadas do homem deixavam buracos na neve. No topo, havia um pequeno muro de pedras que se estendia longe por ambos os lados, chegando à uma floresta densa à oeste, subindo e descendo aquelas terras debaixo de neve até onde olhos alcançavam.

"Jacob." falou Arkhen, encolhendo-se e puxando-o pelo ombro de uma forma mais calma e contida.

O menino virou-se. Estava coberto em lágrimas, sujo. A luz da lua e o brilho da tocha o deixavam ainda mais assustador, e o



próprio homem hesitou em falar ao vê-lo sofrer daquela maneira.

"J-Jacob, você vai testemunhar o momento em que eu... eu deixei de ser humano para entender o que estamos fazendo. Pensei muito sobre isso, e é a única maneira de você perceber a realidade em que estamos. Nenhum menino deveria passar por este trauma, mas estarei sempre ao seu lado."

"Pelo amor de Deus, me leve para casa!" pediu o garoto.

"Ver você assim me rasga por dentro, mas viemos fazer o que precisa ser feito, não é algo que podemos escapar."

"O quê?"

"Somos os únicos que podem parar Damien." disse Arkhen, apontando para Jacob.

O menino juntou seus dois punhos altos em seu peito, abaixou um pouco sua cabeça e falou naquela entonação de voz grave e adulta de comando: *"ME DEIXE EM PAZI!"*

Arkhen protegeu-se do ataque, abrindo sua mão com o grande anel na frente de seu rosto, que brilhou um escudo azul forte em seu redor.

"JACOB!" gritou Arkhen em resposta indignada, como um pai se dirigisse a um filho que fizera algo muito errado.

O menino assustou-se com o que fizera, indo para trás até encontrar o muro de pedras, encolhendo-se junto às pedras. Olhava para suas mãos, assustado.

Arkhen jogou a tocha no chão, e o pegou pelos ombros: "Prometa que nunca mais fará isso! É assim que começa!"

"Eu... não sei como fiz isto." desculpou-se Jacob.

"Damien já está corrompendo você, tal como fez comigo."

Os dois se olharam desconfiados.

"Você é minha última reencarnação, Jacob."

O menino acenou afirmativamente com sua cabeça tentando compreender, pois sentira aquela força tremenda passando por ele.

"Este aqui é o meu limbo. Entre todas as outras vidas que tive, fico aqui esperando por minha próxima incursão no mundo humano, para que meu débito seja pago."

Jacob mostrou sua mão, com um dedo faltando: "Eu também paguei, desgraçado." disse o garoto em tom acusatório.

"Acredite quando eu digo que outra pessoa já estaria morta em seu lugar. Escapar de uma armadilha emocional é tarefa para poucos." disse Arkhen, tocando amigavelmente em seu ombro, o dobro de sua altura e tamanho.

Jacob cruzou seus braços em defesa.

"Nascemos juntos, eu e você. Quando você dorme, eu volto para a caverna. Observo e condiciono você ao caminho certo dando-lhe orientação por seus sonhos e aspirações, mas no limbo, eu represento o primeiro elo de muitos outros."

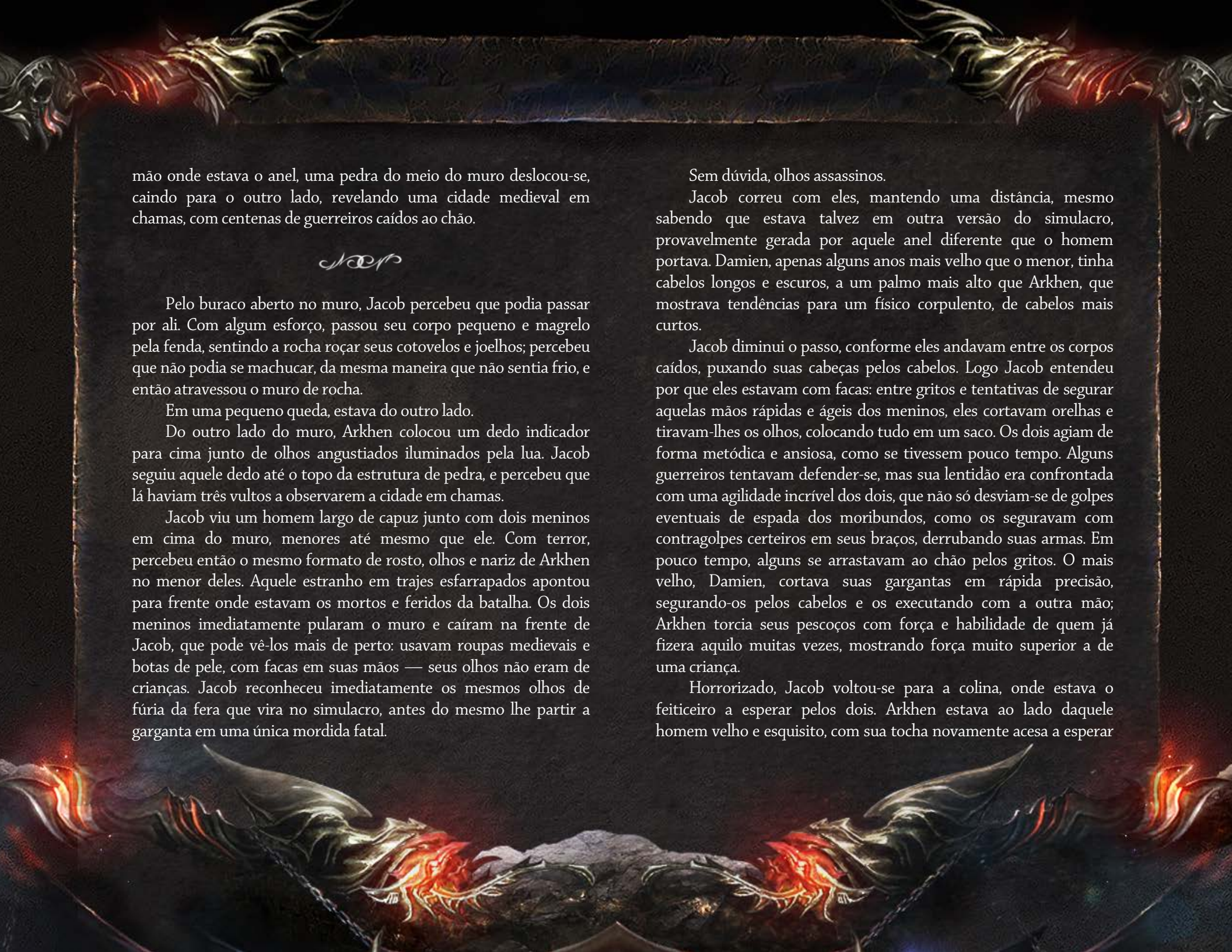
Vários espectros azuis e brancos surgiram ao lado de Arkhen. Monges, padres, mulheres, crianças, soldados, homens e mulheres de séculos passados ainda carregando suas ferramentas de trabalho olhavam Jacob com muito interesse aproximando-se.

"Esta é nossa tribo. Preciso que veja com seus olhos para entender o que temos de fazer para devolver o equilíbrio, e como tudo começou."

"O que preciso ver?" perguntou Jacob, sem entender.

"O dia em que morri." falou Arkhen, e com um gesto rápido da





mão onde estava o anel, uma pedra do meio do muro deslocou-se, caindo para o outro lado, revelando uma cidade medieval em chamas, com centenas de guerreiros caídos ao chão.



Pelo buraco aberto no muro, Jacob percebeu que podia passar por ali. Com algum esforço, passou seu corpo pequeno e magrelo pela fenda, sentindo a rocha roçar seus cotovelos e joelhos; percebeu que não podia se machucar, da mesma maneira que não sentia frio, e então atravessou o muro de rocha.

Em uma pequeno queda, estava do outro lado.

Do outro lado do muro, Arkhen colocou um dedo indicador para cima junto de olhos angustiados iluminados pela lua. Jacob seguiu aquele dedo até o topo da estrutura de pedra, e percebeu que lá haviam três vultos a observarem a cidade em chamas.

Jacob viu um homem largo de capuz junto com dois meninos em cima do muro, menores até mesmo que ele. Com terror, percebeu então o mesmo formato de rosto, olhos e nariz de Arkhen no menor deles. Aquele estranho em trajes esfarrapados apontou para frente onde estavam os mortos e feridos da batalha. Os dois meninos imediatamente pularam o muro e caíram na frente de Jacob, que pode vê-los mais de perto: usavam roupas medievais e botas de pele, com facas em suas mãos — seus olhos não eram de crianças. Jacob reconheceu imediatamente os mesmos olhos de fúria da fera que vira no simulacro, antes do mesmo lhe partir a garganta em uma única mordida fatal.

Sem dúvida, olhos assassinos.

Jacob correu com eles, mantendo uma distância, mesmo sabendo que estava talvez em outra versão do simulacro, provavelmente gerada por aquele anel diferente que o homem portava. Damien, apenas alguns anos mais velho que o menor, tinha cabelos longos e escuros, a um palmo mais alto que Arkhen, que mostrava tendências para um físico corpulento, de cabelos mais curtos.

Jacob diminui o passo, conforme eles andavam entre os corpos caídos, puxando suas cabeças pelos cabelos. Logo Jacob entendeu por que eles estavam com facas: entre gritos e tentativas de segurar aquelas mãos rápidas e ágeis dos meninos, eles cortavam orelhas e tiravam-lhes os olhos, colocando tudo em um saco. Os dois agiam de forma metódica e ansiosa, como se tivessem pouco tempo. Alguns guerreiros tentavam defender-se, mas sua lentidão era confrontada com uma agilidade incrível dos dois, que não só desviavam-se de golpes eventuais de espada dos moribundos, como os seguravam com contragolpes certos em seus braços, derrubando suas armas. Em pouco tempo, alguns se arrastavam ao chão pelos gritos. O mais velho, Damien, cortava suas gargantas em rápida precisão, segurando-os pelos cabelos e os executando com a outra mão; Arkhen torcia seus pescoços com força e habilidade de quem já fizera aquilo muitas vezes, mostrando força muito superior a de uma criança.

Horrorizado, Jacob voltou-se para a colina, onde estava o feiticeiro a esperar pelos dois. Arkhen estava ao lado daquele homem velho e esquisito, com sua tocha novamente acesa a esperar



por ele.

"O que está acontecendo?" perguntou Jacob.

"Prepare-se," disse Arkhen, com uma mão em sua testa fechando seus olhos, em grande pesar.

Os dois irmãos voltavam, cada um com um saco que deixava um trilho de sangue escuro no chão. O feiticeiro tirou um caldeirão pequeno de um saco de peles ao chão, colocou-o na neve em sua frente, em cima de uma lenha. Com um toque seu no caldeirão junto a um cântico, a cor escura do metal tornou-se de uma amarelo quente em pouco tempo, e a lenha em baixo pegou fogo imediatamente, soltando uma fumaça branca.

O irmão menor se aproximou e entregou seu saco primeiro, e o feiticeiro colocou sua mão dentro até o fundo. Com um cuspe no chão, o velho esbravejou, dizendo: "É o sangue que os mantém quentes, Arkhen! Eu não falei para você?" e então, em um golpe com sua mão direita, jogou o menino longe para o lado, rolando no chão. Balançando negativamente sua cabeça, o feiticeiro pegou um olho do fundo do saco, e o colocou no caldeirão.

Damien aproximou-se, sujo de sangue dos pés à cabeça, e ofertou suas duas mãos sangrentas cheias de orelhas e olhos para o mestre.

"Coloque-os rápido!" veio a ordem do velho feiticeiro.

Damien despejou tudo no caldeirão escuro, enquanto Arkhen ficou ao seu lado, segurando sua bochecha esquerda vermelha e ainda quente do tapa que levou. O feiticeiro tocou mais uma vez o caldeirão, que ficou mais uma vez amarelo por causa da alta temperatura, e tudo que estava ali dentro foi gerando uma fumaça

preta no início, mas logo tornava-se de um cor sobrenatural rosa.

Com apenas um aceno positivo de seu irmão, Arkhen saiu para o lado, enquanto o feiticeiro ria e falava em uma língua estranha, vendo olhos e orelhas subir e descer naquele líquido vermelho escuro.

Jacob, que estava ao lado, inclinou-se e viu naquele caldeirão um líquido verde então se formar, conforme o feiticeiro mexia com uma colher de madeira.

O riso do feiticeiro parou quando ele viu o menino em sua frente, em posição desafiadora: "Queremos nossa parte, velho inútil!" gritou Damien.

O feiticeiro olhou o menino e colocou um copo de barro naquele líquido, pegando quase tudo.

"Isto é meu de direito, moleque," disse o feiticeiro com a poção em sua mão, e então ele buscou sua espada em seu cinto, sem tirar os olhos de Damien.

Para sua surpresa, não havia nada mais lá.

Em um golpe fortíssimo, Arkhen sai das sombras e enterra a espada ao lado do feiticeiro, atravessando meias espada naquele pouco de roupa que o velho usava.

O feiticeiro ajoelhou-se de dor, e então falou, em uma risada cuspindo sangue: "Vocês dois vermes acham que podem me matar?"

O velho olhou para o copo de barro, e com um grande gole, o feiticeiro emborcou todo o líquido de uma vez. Começou a gritar, enquanto seus cabelos brancos iam tornando-se negros mais uma vez.

"Arkhen, segure-o!" gritou Damien, puxando sua faca.



O irmão menor largou a espada, e empurrou o feiticeiro em plena transmutação para o chão.

"Vou comer vocês, parte por parte!" vociferou o feiticeiro, com seus olhos não mais humanos, mas de um verde sobrenatural, envolto em uma aura amarela que ia aumentando rapidamente.

Damien segurou o copo vazio: "Ele t-tomou tudo!"

Enquanto os dois se entreolhavam assustados, o sangue parava de correr do feiticeiro de seu ferimento nas costas, e Arkhen já quase não conseguia segurar o braço dele no chão, pois sua força estava voltando e já não era mais um velho.

"Precisamos fazer alguma coisa!" disse Arkhen.

Após um instante de hesitação, Damien pulou no pescoço do feiticeiro, e com seus próprios dentes, rasgou um buraco na garganta do homem, e aquele líquido verde começou a surgir no meio de carne e sangue. Arkhen puxou sua faca e a enterrou na mão do homem no chão, enquanto ele gritava e saía aquele líquido verde, escorrendo pelo seu peito.

Jacob virou seu rosto enquanto os dois bebiam aquele líquido misturado com o sangue do feiticeiro, em gritos e rosnados animais, cada vez mais rasgando a carne para conseguir mais daquele líquido. Como leões, os dois continuaram dilacerando o feiticeiro em silêncio.

Arkhen aproximou-se com sua tocha, e segurou a face de Jacob, virando-a para presenciar aquele ato de pesadelo: "Observe, Jacob. Eu tinha apenas sete anos!" falou Arkhen cada vez mais alto, na frente dos dois, que terminavam de beber o pouco da poção que restava.

Damien, rubro e molhado de sangue e tripas por todo o seu rosto e pescoço, começou a rir histericamente. Logo Arkhen o acompanhou naquela risada sobrenatural, onde suas vozes de criança iam sumindo e davam espaço à algo monstruoso que fez Jacob encolher-se ao lado deles.

"Olhe para mim!" disse Damien maravilhado e extasiado para seu irmão — ele começou a criar escamas em seus braços, e suas mãos viraram garras de dragão, em meio à olhos vermelhos e um rosto reptiliano horrendo. Arkhen por sua vez, deu uma risada grave e sobrenatural aceitando seu desafio, e então de seus dentes surgiram caninos longos e afiados, transformando-se em um lobo enquanto os dois riam sem parar; duas monstruosidades de pé enquanto o corpo do feiticeiro ainda agonizava depois de ser parcialmente devorado.

"M-meu D-deus." disse Jacob, apertando-se contra o corpo de Arkhen.

"Já é suficiente." falou Arkhen, colocando sua mão no rosto do menino, bloqueando sua visão enquanto o anel brilhava um branco que envolvia os dois, tirando-os dali em um grande flash.

*✍*

De volta à caverna, Jacob passa mal sentando-se no chão e uma expressão assustada em seus olhos. Arkhen colocou a tocha em um buraco no gelo, e agachou-se junto ao garoto.

"É incrível ver você." disse o homem. "É como ver um espelho de carne e osso."



"Estou cercado de demônios." respondeu o menino.

"Pense em quantos outros poderemos salvar, Jacob. Pense em Leonard, que tinha toda uma vida pela frente. Tudo lhe foi arrebatado. Por todos eles, precisamos prosseguir."

"Ele se a-arrastava pelas paredes." falou Jacob com uma mão em sua boca, junto com olhos apertados.

"Jay, olhe para mim."

"Eu estou jogando com o demônio!" gritou o garoto assustado e com seus olhos cheios de lágrimas, lembrando-se de Damien transformando-se em um dragão.

Arkhen o levantou com um aperto forte no braço.

"Preste atenção: não cabe a você, uma de minhas encarnações mais puras e justas, ser exposto à tamanhas crueldades e violência. Damien sempre soube me controlar e você já mostra sinais de corrupção."

Jacob lembrou-se de sua voz de comando.

"M-me desculpe." disse o menino.

"Venha cá."

Arkhen abraçou o garoto por um bom tempo, e depois falou em seu ouvido: "A partir de agora trocaremos de lugar, pois pelo que conheço meu irmão ele irá atacar ao invés de tentar pegá-lo em armadilhas."

"C-certo."

"Em breve nos veremos de novo. Por enquanto, apenas observe o simulacro por este espelho."

Com um gesto de Arkhen com sua mão do anel, um espelho grande e retangular surge, aparecendo o personagem dormindo

ainda na mesma poltrona.

"Será como... ver um filme?" perguntou o menino.

"Sim."

"E se você morrer?"

"Não vou morrer. Conheço o simulacro e Damien por milênios. Ele é um tanto... previsível."

"O que é este anel que você usa?"

"Isto é um artefato superior. Estou preso à ele desde que fui capturado."

"Por quem?"

"Mais tarde, Jacob. Próxima pausa conversaremos."

Arkhen estendeu sua mão para o menino, que de forma relutante estendeu-a de volta. Depois de um toque, o homem das cavernas simplesmente desapareceu.

Jacob sentou-se ao chão observando o anel dourado em sua mão, enquanto o personagem no espelho acordava.



## 14

Com o corpo de Jacob, Arkhen volta caminhando de seu espaço para ao cinema do simulacro, onde está Damien e o Vigia a lhe esperar.

"Livre arbítrio resumido. Oito pontos de força em *Vontade* ainda lhe sobram pelo descanso," fala o Mestre, e Arkhen sorri confiante na pele de Jacob, enquanto o personagem no cinema retorna à sua consciência.

Arkhen confere os controles, que parecem estar quase todos em níveis normais, embora apenas uma dor generalizada em seu pulso esteja lhe incomodando.

*Este jogo é muito diferente dos outros*, pensa Arkhen, que lembrava de muitas outras partidas com seu irmão, e que todas eram muito mais simples como fugir de castelos, lutas de monstros e outras obviedades de confrontos e chaves escondidas. Contrastava muito com este jogo elaborado com personagens, lendas e memórias — escondera isto de Jacob, porém ele não podia expor mais o garoto, correndo um risco demasiado que provavelmente resultaria em morte.

O personagem tira a carta antiga de seu pai do bolso mais uma vez, e Arkhen a lê com todo o cuidado. Com um lápis tirado da gaveta, ele circula o nome de Hatfield, o médico da cidade.

"Quero me lembrar onde fica," pede Arkhen.

"Você foi apenas duas vezes neste local; uma quando criança e

outra mais de quinze anos atrás com uma inflamação. Você está desorientado depois de tanto estresse emocional, sem falar na morte de toda uma cidade — precisa de um ponto de *Vontade* para lembrar-se," diz o Mestre.

"Certo, gaste-o."

"Lhe restam agora sete pontos."

A casa e a locação surgem direto na mente de Arkhen.

"Dr. Lee Hatfield," diz o personagem para a casa vazia.

Respeitando a fadiga do personagem, Arkhen desce devagar até o porão, e por associação de memórias de cada estante, gaveta e mesa daquele local escuro, ele finalmente encontra uma caixa com as ferramentas de seu pai.

De lá, tira uma machadinha, ainda afiada.

"Isto deve bastar," fala Arkhen.



O personagem fecha a porta, trancando-a com chave. Pelas sombras de sua casa e a intensidade do sol, ele tem menos de duas horas de claridade antes de a noite chegar.

Arkhen continuou caminhando devagar, tentando não ficar muito visível, buscando observar primeiro se não havia nada o aguardando para uma morte estúpida no meio da rua. Deslocar-se desta maneira levava tempo, e podia ver pelos hologramas que também havia um custo crescente em seus controles de *Estresse* e *Ansiedade*, além de estar sentindo dentro de si uma fome já expressiva, com algumas puxadas em seu estômago lembrando-o



visceralmente.

Ao ver no final da quadra a casa do médico, ambos controles reduziram-se à metade, e ele sentiu dentro de si a pequena mudança em seu humor, junto com um esboço de sorriso. Impressionou-se com a quantidade de detalhes da rua, ao lado do eco de seus passos nas pedras da calçada.

*Vamos ver o que você aprendeu então, irmão!* pensou Arkhen, com certo entusiasmo por mais um desafio.

A casa em sua frente era pequena em um grande pátio, e provavelmente fora maior horta caseira da cidade — o que agora resultava em um enorme mato e grama alta. Usando sua machadinha, Arkhen cortou e empurrou alguns galhos que emperravam o portão de ferro que separava o terreno da rua. Observando ao seu redor, haviam ainda rótulos nas plantas, onde algumas ainda eram protegidas por um telhadinho rústico à meia altura para os excessos de sol e chuva; porém sem a poda preventiva, aquilo tudo estava um completo caos com somente três meses sem supervisão. Os diferentes arbustos medicinais rompiam as telhas fracas com sua natureza sem limites.

Para sua surpresa, a porta reforçada da frente da casa estava apenas encostada, e ele a abriu sem ter de usar seu machado.

"Dr. Lee?" perguntou Arkhen ao silêncio.

A casa de Hatfield servia como consultório, e logo ele viu bancos longos similares à da estação, encostados na parede. Havia muita sujeira e terra no chão, sugerindo a indiferente passagem do tempo.

Os poucos médicos da cidade (onde alguns até reconheciam ser

apenas enfermeiros mas a demanda era tanta que isso não fazia a menor diferença) faziam de tudo: além da habitual extração de dentes, muitas vezes os enfermos de doenças respiratórias precisavam de vapores para seus pulmões doentes, e as plantas de Lee reconhecidamente faziam a diferença na qualidade de vida. Em um *flash* espontâneo de memória (provavelmente associativo e inferido pelo próprio simulacro) lembrou-se que o personagem estivera ali alguns anos atrás acometido de uma infecção em seu pé esquerdo. Hatfield cortou ao lado daquela bolha enorme e extraiu todo aquele pus diversas vezes, apertando e passando algumas plantas ao redor, junto com diversos vapores durante longos meses.

Continuou caminhando pela casa.

Ao contrário da felicidade e empolgação reconhecidas de Hatfield ao empregar os mais novos conceitos de medicina, seu cadáver no banheiro junto com os restos de seu cérebro espalhados na parede sugeriam que os horrores que chegaram à cidade eram demais até para quem lidava com a morte e doença em rotina diária. Pelo respingo seco e negro até o teto, fora um suicídio trágico com um tiro de carabina de caça direto em sua boca aberta, arrebeitando-lhe o topo de sua cabeça.

O personagem fechou a porta rápido, assustado.

*MEP*

Após um momento de pesar, Arkhen continuou sua investigação dentro do escritório central do médico. Em um armário grande, achou diversas gazes limpas e feitas de linho. Havia uma pia



especialmente instalada dentro do escritório, e o personagem retirou e lavou o ferimento de seu pulso, já com um roxo grande ao redor do buraco onde o dente do lobo o atravessara.

A água ainda corria fria e forte da torneira, e Arkhen limpou diversas vezes o ferimento para então colocar duas faixas bem apertadas daquele tecido limpo e fino, o que lhe trouxe um alívio imediato.

"Sua saúde está restaurada." disse o Vigia.

O personagem vai até a mesa de trabalho, que está repleta de papéis largados em uma forma caótica, dispersos de uma maneira que Arkhen consegue imaginar Hatfield debruçado escrevendo diversas notas à luz de velas noite adentro. Pegando algumas páginas rabiscadas de cima a abaixo em uma linguagem que nem o Vigia quis traduzir, podia-se ver a loucura do médico, e o porque seu corpo estava daquele estado no banheiro.

Mesmo assim, o personagem conseguiu achar uma nota onde a letra, mesmo escrita em grande tensão, revelava uma história macabra.

*Vi hoje com meus olhos, confirmando o que muitos gritavam nas ruas enquanto as autoridades divertiam-se com o paganismo crescente de nosso vilarejo, um lobo descomunal, que dado momento ficou em duas patas como um homem.*

Um desenho mostrava as dimensões e características do monstro junto a uma pessoa comum, mostrando enorme diferença.

Uma legenda abaixo estava escrito *Hominis Lupus*. Ao levantar o papel para ver melhor aquela figura contra o fraco sol das cinco da tarde, uma nota pequena escorregou ao chão. Arkhen pegou-a do chão.

### *ANA E SOPHIE EM PEDRA!*

"Oh, Meu deus!" disse o personagem, em mais um evento pré-programado pelo Vigia. Arkhen sentiu que perdia mais uma vez o controle de seu personagem: viu a aflição de *Medo* disparar, mas mesmo assim, o personagem levantou o machado e foi até o único armário que não abria, com enorme receio.

Lá dentro, estava a filha pequena do médico junto com sua mãe, ambas paralisadas em pedra como sua irmã, de olhos apavorados olhando o imponderável para sempre.

Fechou o armário lentamente, encerrando-o com suas costas, cobrindo seus olhos com sua mão livre, enquanto a outra apertava forte o cabo do machadinha.

"Livre arbítrio resumido." falou o Vigia, intrigado.



## 15

Arkhen decide então agir freneticamente, buscando uma bolsa grande que vira ao lado da escrivaninha — de forma abrupta joga toda as notas do célebre intelectual para lá, tomado de um forte medo de que algum ataque poderia acontecer a qualquer momento, e estava completamente exposto naquele local. Ao cruzar apressado pelo banheiro de onde saía um cheiro terrível de decomposição, Arkhen segurou todo o ímpeto do personagem. Não vira ainda o rifle de seu pai em casa, e como sabia que deveria enfrentar pesadelos que mataram um vilarejo inteiro, realizou em pavor que estava ainda desarmado.

Respirou forte pelo nariz resignado, pois teria de mexer no cadáver.

"Vai necessitar de *Vontade*. Você é um escritor e não um ladrão de tumbas acostumado com cadáveres." falou o Vigia, entendendo o próximo movimento do menino.

"Certo." confirmou Arkhen imediatamente.

O personagem voltou ao escritório, achou alguns algodões e enfiou-os dentro de suas narinas, além de colocar uma gaze grande em duas voltas em seu rosto, finalizando aquela proteção.

Largou a grande bolsa ao lado da porta, e depois de respirar forte como se fosse mergulhar, Arkhen agachou-se ali onde estava o corpo. O rifle estava caído à esquerda, e o personagem pegou-o imediatamente. Mas quando aproximou-se de verdade do corpo que

resvalara para a parede do outro lado, Arkhen sentiu suas memórias como Jacob falarem mais alto, e parou-se um pouco olhando seu professor de inglês do colégio *Winston High* de Compton caído, sem o topo de sua cabeça e com a boca semi-aberta depois de a bala cumprir sua rota trágica atravessando-o e liberando de seus pesadelos. Por um momento, Arkhen sentiu-se partindo em três pedaços: ele mesmo, o jovem Jacob e o escritor boêmio no simulacro, e então seus joelhos dobraram como sua mente pesasse demais.

*Isso é cruel!* pensou Arkhen.

Com sua mão, ele fechou as pálpebras que restavam de Hatfield, e isso de alguma maneira subjetiva amenizou a situação. Arkhen então viu na cintura do médico uma grande pistola. Arrastou o outro pelo chão para fora do banheiro. Pouco a pouco, e com uma respiração forçada pela boca, o personagem conseguiu puxá-lo para fora.

Pegou o revólver grande depois de abrir o coldre com um botão grande que mantinha a arma presa e em segurança. O tamanho e peso da arma o impressionou, e o simulacro enviou-lhe um pensamento muito claro.

"*Justiça na velocidade da bala.*" disse o personagem pelo Vigia, interessado em contar uma grande história, não importando-se com o sacrifício de meninos se fosse necessário.

Arkhen colocou a pistola dentro de uma pasta e saiu dali em um passo mais acelerado. Deixou a porta aberta, mas o medo dentro do simulacro voltava-lhe os pensamentos para a mãe e a menina em pedra dentro do armário, seus olhos (como os de sua irmã Claire)



trancados em pedra vislumbrando algo terrível em seus últimos instantes de vida.

Fez o sinal da cruz, saindo dali apressado.



O personagem na rua continuou sua caminhada cuidadosa, e em uma olhada rápida para o céu sabia que desperdiçou muito tempo na casa do médico, já com pouco sol na rua e as sombras quase não se pronunciavam mais, difusas e dispersas nos cantos de todas as coisas. Sentiu suas entranhas reclamarem em uníssono. Em alguns momentos de avaliação, Arkhen percebeu que havia algo novo dentro de si, e voltou ao cinema e viu um novo medidor de PÂNICO elevando-se em níveis amarelos de preocupação nos hologramas.

*Embora ainda não haja confrontação, Damien está ainda entrincheirado comigo na batalha emocional, que é tão importante quanto danos físicos: enlouquecer também é um jeito de morrer — registrou o estrategista dentro de Jacob sobre o simulacro perigosamente evoluído de Damien.*

Arkhen tentava ignorar os pensamentos do escritor que voltavam a todo momento ao que escondia dentro de sua própria casa, também trancado atrás de uma porta. Tal como esposa e filha de Hatfield, a situação de sua irmã Claire era de uma abominação terrível, em um túmulo de pedra em um gesto aflitivo de medo para todo o sempre.

*Preciso comer imediatamente, assim diminuirei um pouco esta*

*ansiedade que me aflige. Preciso sair da rua!* pensou Arkhen.

Voltando à Transilvânia usando aquele reflexo de se jogar para dentro da tela do cinema, Arkhen continuou sua rota para casa por outro caminho, tentando evitar alguma emboscada na volta. Apesar de tudo isso, aparece uma nova aglomeração de caveiras em uma esquina, aumentando mais seu pânico interior: mais de vinte caveiras podres e disformes o confrontavam de longe por seu intelecto.

"Você está prestes a correr em pânico." disse o Vigia tocando o ombro do menino ao seu lado.

Damien riu, satisfeito.

*Droga! Fui envolvido mais uma vez!* pensou Arkhen.

"Gaste um ponto para resignar-me."

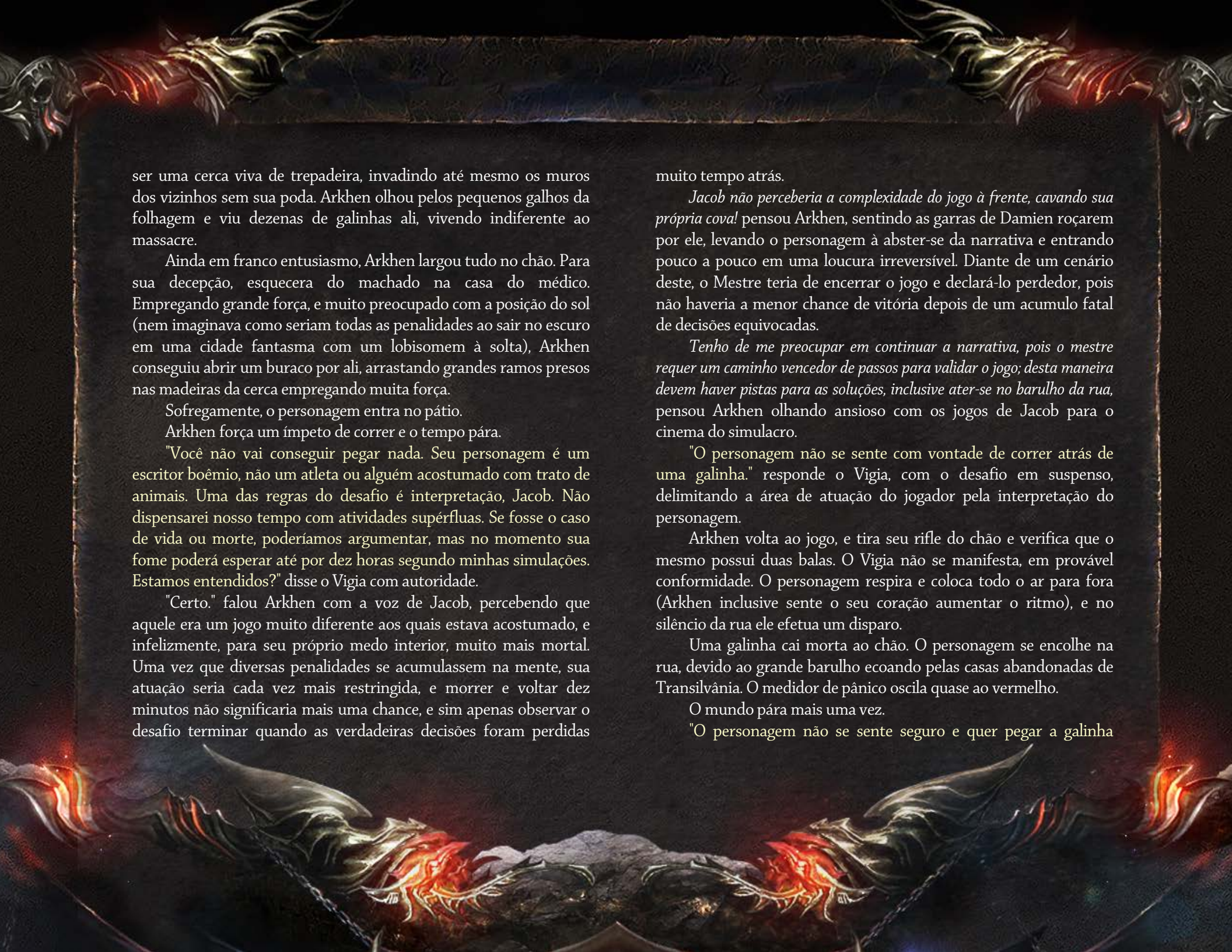
O simulacro assumiu o controle, e então o personagem virou seu rosto com uma careta resignada, atravessando a rua e deixando aquela loucura para trás em um passo nervoso e apressado, carregando sacolas e armas pesadas, falando baixinho um *Deus me livre e guarde!*

"Lhe restam seis pontos." disse o Vigia, conferindo mais uma vez o livro das regras de Damien.



Depois de colocar uma boa distância daquele cemitério aberto, o personagem diminui sua caminhada, e para sua surpresa ouve um barulho diferente na rua. Longe de ser algo assustador, o barulho de galinhas o faz parar em frente de um terreno com o que lhe pareceu





ser uma cerca viva de trepadeira, invadindo até mesmo os muros dos vizinhos sem sua poda. Arkhen olhou pelos pequenos galhos da folhagem e viu dezenas de galinhas ali, vivendo indiferente ao massacre.

Ainda em franco entusiasmo, Arkhen largou tudo no chão. Para sua decepção, esquecera do machado na casa do médico. Empregando grande força, e muito preocupado com a posição do sol (nem imaginava como seriam todas as penalidades ao sair no escuro em uma cidade fantasma com um lobisomem à solta), Arkhen conseguiu abrir um buraco por ali, arrastando grandes ramos presos nas madeiras da cerca empregando muita força.

Sofregamente, o personagem entra no pátio.

Arkhen força um ímpeto de correr e o tempo pára.

"Você não vai conseguir pegar nada. Seu personagem é um escritor boêmio, não um atleta ou alguém acostumado com trato de animais. Uma das regras do desafio é interpretação, Jacob. Não dispensarei nosso tempo com atividades supérfluas. Se fosse o caso de vida ou morte, poderíamos argumentar, mas no momento sua fome poderá esperar até por dez horas segundo minhas simulações. Estamos entendidos?" disse o Vigia com autoridade.

"Certo." falou Arkhen com a voz de Jacob, percebendo que aquele era um jogo muito diferente aos quais estava acostumado, e infelizmente, para seu próprio medo interior, muito mais mortal. Uma vez que diversas penalidades se acumulassem na mente, sua atuação seria cada vez mais restringida, e morrer e voltar dez minutos não significaria mais uma chance, e sim apenas observar o desafio terminar quando as verdadeiras decisões foram perdidas

muito tempo atrás.

*Jacob não perceberia a complexidade do jogo à frente, cavando sua própria cova!* pensou Arkhen, sentindo as garras de Damien roçarem por ele, levando o personagem à abster-se da narrativa e entrando pouco a pouco em uma loucura irreversível. Diante de um cenário deste, o Mestre teria de encerrar o jogo e declará-lo perdedor, pois não haveria a menor chance de vitória depois de um acúmulo fatal de decisões equivocadas.

*Tenho de me preocupar em continuar a narrativa, pois o mestre requer um caminho vencedor de passos para validar o jogo; desta maneira devem haver pistas para as soluções, inclusive ater-se no barulho da rua,* pensou Arkhen olhando ansioso com os jogos de Jacob para o cinema do simulacro.

"O personagem não se sente com vontade de correr atrás de uma galinha." responde o Vigia, com o desafio em suspenso, delimitando a área de atuação do jogador pela interpretação do personagem.

Arkhen volta ao jogo, e tira seu rifle do chão e verifica que o mesmo possui duas balas. O Vigia não se manifesta, em provável conformidade. O personagem respira e coloca todo o ar para fora (Arkhen inclusive sente o seu coração aumentar o ritmo), e no silêncio da rua ele efetua um disparo.

Uma galinha cai morta ao chão. O personagem se encolhe na rua, devido ao grande barulho ecoando pelas casas abandonadas de Transilvânia. O medidor de pânico oscila quase ao vermelho.

O mundo pára mais uma vez.

"O personagem não se sente seguro e quer pegar a galinha



abatida e correr." diz o Vigia.

"Controle-o." pediu Arkhen.

"Precisarei de dois pontos, pois a noite se espreita."

Arkhen sentiu o momento de discutir com o Mestre, mas não iria argumentar sobre algo tão estúpido como galinhas mortas.

Apertou sua mão com raiva e disse: "Certo."

O personagem no cinema olha para todos os lados, morde seu lábio, confere a última bala no cano do rifle de dois gatilhos, encolhe-se e depois de algum tempo onde ele espera seu batimento cardíaco diminuir, ele aponta o rifle para onde as galinhas estavam juntas mais uma vez. Um estrondo grave ecoa na rua, e Arkhen vê *TERROR* surgir nas aflições emocionais. O personagem, em um pulo, atravessa a cerca e pega os dois frangos pelo pescoço saindo correndo sem parar até sua casa, com os bichos na mesma sacola das anotações e o rifle balançando em sua outra mão. Após chegar em casa, fechar a porta e juntar-se na parede, o informativo de *TERROR* some, e um outro de alívio aparece junto com mais pontos sobre novos rótulos de *Confiança* e *Glória*.

"Livre arbítrio restaurado. Você percebe-se muito cansado, porém faminto." disse o Vigia, sem esconder um sorriso.

"Gostaria que o personagem cozinhasse um dos frangos." pediu Arkhen, e o Mestre concordou.

O simulacro executou tudo sem interferências. Arkhen, Damien e o Mestre viram o personagem remover as penas, estripar, cortar, extrair a bala e cozinhar com muita pressa, sempre com olhares desconfiados para a porta enquanto via com temor apressado o sol desaparecer na pequena janela. Já com luz de velas,

ele comeu aquela comida apressada, tremendo a cada garfada naquela carne mal passada, tentando não pensar no que lhe esperava no segundo andar da casa.

Todos olhavam aquele filme sem muito interesse, pois travavam uma guerra estratégica e psicológica tremenda em suas faces retesadas e pensativas.

"Fome sob controle, e bônus sobre *Ansiedade* e *Pânico* foram distribuídos. Dois pontos em *Vontade* serão acrescentados. Lhe restam seis pontos, Jacob."

"*As paredes estão se fechando, irmãozinho.*" falou Damien, não em um tom de escárnio, mas uma afirmação de quem sabia o que viria em seguida.

Arkhen engoliu em seco, e pela primeira vez já não tinha mais a certeza de que poderia sair vivo dali, e que todo um trabalho de milênio no limbo estava a perigo naquele jogo movediço e subjetivo de Damien, tentando colocá-lo em um buraco sem volta.

Em uma dualidade imposta pela troca de lugar com Jacob pelo artefato, Arkhen co-habitava aquele cérebro que rejeitava a realidade alternativa do simulacro de forma visceral, sentindo imensa angústia de não ver mais sua mãe, rolando uma lágrima de seu olho.

Arkhen percebeu que lutava contra todos, inclusive contra o próprio corpo de Jacob. Em compaixão, deixou o menino fechar seus olhos e imaginar a neve de mais uma vez cair em seu rosto, mesmo sozinho no escuro, rodeado por monstros.



*JKP*

O personagem levanta-se da mesa, e pela próxima hora ele usa toda a lenha disponível da casa para fechar as janelas e portas com martelo e pregos. Durante este tempo, o simples ato de executar uma tarefa diminuiu pouco a pouco seu *Pânico*, que oscila entre o meio de sua escala representado pelo amarelo e o verde, que resultava na prática em nenhuma perda de seu intelecto por aquela aflição. No segundo andar da casa, Arkhen colocou duas tábuas grandes, fechando para sempre a porta do quarto onde aquele pesadelo acontecera; uma larga parte de sua ansiedade evaporou do simulacro ao realizar a maneira com que aquela porta estava fechada para sempre. Revigorado, desceu as escadas sem mais aquela sensação de assombração.

Arkhen foi até a biblioteca e limpou a mesa de trabalho de seu pai, colocando todas as notas do médico organizadas lado a lado, em quatro colunas — mesmo algumas escritas em algum dialeto louco, intraduzível até mesmo pelo simulacro. Com o desenho do *Lupis Hominis* ao centro, vislumbrou as pistas que haviam, em uma espécie de grande jornal para histéricos e loucos.

Por um longo momento, apenas contemplou tudo.

"Pai, fale comigo! O que eu preciso fazer?" gritou o personagem aflito, em uma intervenção automática do Vigia, batendo na mesa com sua cabeça de olhos fechados à beira de romper um choro. "Onde estava com a cabeça, meu Deus. Agora é... tarde demais!"

Jacob recuou um passo para trás frente à óbvia intervenção do Mestre. O Vigia, notadamente decepcionado, disse: "Você perdeu

dois pontos em Vontade por não conformidade à culpa e ressentimento do escritor, Jacob. Interpretação também é parte do desafio, senão o simulacro perde o sentido e a narrativa fica comprometida. É perceptível sua confusão por ser seu primeiro jogo, mas não serão toleradas mais falhas neste quesito, que para mim é ainda mais crítico que o resultado do desafio. Lhe restam quatro pontos."

O garoto virou-se lentamente, expondo uma face apavorada e incrédula para o Mestre — nunca em todos as suas mais de trezentas vitórias houvera qualquer intervenção desta forma abrupta questionando seus atos, muito menos interpretação. A face do garoto corou imediatamente por aquela falha crassa, e de ter todos aqueles pontos confiscados, além de ver nos controles de aflição sua ansiedade subir até uma posição temerária até o amarelo novamente, inutilizando grande parte dos benefícios da refeição. Arkhen percebeu que seus conflitos internos estavam influenciando demais suas decisões a um ponto onde sua sobrevivência estava por um fio. Por um instante, sentia que todo seu intelecto co-habitando um menino de apenas treze anos seria definitivamente o seu fim.

*Simplifique Arkhen!* irrompeu aquela célula milenar de algum ponto dentro da selva de medos e terrores da mente do menino.

Damien riu do outro lado.

A narrativa precisa continuar como uma história, refletiu Arkhen, levantando o personagem em um pulo da cadeira de seu pai.

"Todos estes livros não resolvem NADA." gritou Arkhen.

O personagem olhou com fúria para a grande estante de livros e então foi condicionado por Arkhen a uma raiva incontrolável,



derrubando livros ao chão em braçadas junto a gritos, emulando corretamente a situação atual de desolação vista nas aflições. Os livros foram se amontoando ao chão, e tal qual os rabiscos do médico, aquela confusão retratava bem o estado mental do personagem.

Sentado no chão, seus olhos iam por todos os lados, em busca de respostas. Ao lado da escrivaninha, percebeu um jornal no lixo para sua surpresa.

"ESTARIA A MINA ASSOMBRADA?" Arkhen leu a manchete em letras enormes, pegando aquele jornal incrédulo e colocando-o em cima da mesa, abrindo a página e colocando uma lamparina mais perto para poder ler, percebendo que o povo local ainda adotava o nome histórico da cidade para não se misturarem com o horrendo feudo próximo dali.

## **Gazeta da Colina Esmeralda**

EDIÇÃO EXTRA

Quinta-feira, 12 de fevereiro, 1892

por Mike Trenton

*O corpo do jovem Timmy Withers, desaparecido desde a última edição deste periódico, continua perdido. Respeitosamente registramos aqui "o corpo", pois como registramos na edição de segunda-feira, sua cabeça foi encontrada junto à fonte das rosas eternas, cravado em uma estaca. Após uma histeria de parte das duas freiras que descobriram o fato ao regressarem da capital ainda nas primeiras horas do dia, o padre Esteban foi chamado às pressas para uma benzedeira e prece no local, abrindo caminho em uma multidão enraivecida e estupefata pela natureza macabra do ocorrido.*

*Este jornalista que vos escreve chora ao deitar testemunho ocular sobre uma crueldade nunca vista em Esmeralda. Para sempre me assombrarei com aqueles olhos parados olhando para o infinito. Confesso que a cena lembrou-me do tempo onde deixávamos oferendas no quintal nos dias de lua mais intensas. O drama desta família nos faz hoje retroceder décadas em termos de um parco progresso sobre nossas pequenas tradições humildes de origem pagã, que de tanto repetirmos dentro de casa a tornamos em educação para os pequenos em respeito à natureza do vale — incansável em seus desafios de uma vida difícil aos homens de bem, aos quais superamos com nossa forte comunidade.*

*É com enorme tristeza que também devemos registrar aqui no diário,*



e em primeira mão nesta edição extra, que nossos leitores EVITEM TRANSITAR PERTO DA MINA, e nestes próximos dias fiquem em casa, de preferência em vigília e com o rifle da família em mãos, enquanto nossos agentes da lei resolvem este assassinato macabro.

(NOTA: Nós da gazeta pedimos ao leitor que mantenha uma bíblia ao lado, pois sua fé em Deus será testada. O padre Esteban já nos orientou que hoje às dezesseis horas teremos uma missa para limpeza pelo espírito Santo.)

A pedido dos envolvidos com o caso que veremos a seguir, os nomes destes heróis serão omitidos, pois seu relato poderá ter repercussões em seus negócios, devido a fatores místicos que tanto lutamos contra, mas que Deus testa mais uma vez nossa fé. Eles foram selecionados pelo próprio xerife Gilles para a primeira busca dos restos mortais de Timmy na montanha.

Tais homens, de integridade moral forte e consistente na comunidade Esmeraldense, presenciaram algo que faz jus às horrendas fantasias que o nome de Transilvânia traz à mente de nossos vizinhos.

(NOTA: repudio Stoker com toda fibra em meu ser por seu folhetim patético, de delírios sanguinolentos e nefastos sobre nosso honrado local abençoado, baseado solenemente na própria negritude de sua alma, condenando à difamação e o perjúrio um povo decente que por séculos já não crê mais em falsos ídolos ou aos ridículos demônios chupadores que refere-se.)

Seguindo com a notícia: recebi ontem por bilhete corrido, uma nota do xerife me pedindo presença não em seu escritório, mas em outro local que devo também manter em segredo. Chegando lá, encontrei-me com estes oito voluntários. Todos cabisbaixos e fumando, sentei-me ao lado de

um que tremia. "Foi horrível." disse-me com loucura em seus olhos e levantando-se em apressada retirada. "Deixe ele ir." falou o pai do rapaz, que apesar da tremedeira em suas mãos, tinha olhos perdidos (parecidos com o próprio jovem na estaca!), mas falava e caminhava ainda com o resto de seu corpo.

Este bravo Esmeraldense tirou seu chapéu e disse que a bruma do início daquele pálido dia cerrava forte toda a montanha, mas todos vieram para o serviço, pois nenhuma mãe deveria enterrar somente a cabeça de seu filho. "Dá azar" replicou um deles baixinho, enquanto outro dizia que o espírito perambulava pelas ruas à noite enquanto não fosse devidamente enterrado.

O homem pediu silêncio e continuou seu relato, dizendo que, na verdade, eles queriam também era matar o homem-lobo, que cansara de meio século de oferendas e voltara para pegar os filhos dos residentes. Neste ponto o xerife reitera beijando uma pequena cruz em seu peito: "Não me inclua nesta asneira pagã.". Um início de briga começa com um levante de todos, porém este velho repórter acostumou-se a intervir nos ânimos, e então ofereço meu tão custoso e apreciado rapé a todos, enquanto o Xerife fica de costas para a rua, e com um cuspe no chão encerra seu discurso, terminando seu café.

O homem me agradece o fumo, e volta a falar. Com dez cavalos, subiram a montanha, um para levar o corpo de Timmy e outro potro forte para arrastar a criatura até a igreja, onde a crucificariam em fogo. Aguardaram até às oito horas, e então somente o sol cansado de fevereiro estava presente, e toda aquela neblina descia para o vale.

Por horas, eles foram a todas as cavernas conhecidas do lado esquerdo da colina, e nada acharam.



*Perto do meio-dia, voltaram pelos pinheiros orientando-se pela mina, e eis que uma bruma de novo adentra dos topos das árvores, assustando a todos, pois nunca acontecera antes uma bruma erguer-se duas vezes em um dia.*

*(NOTA: Consultei o Dr. Hatfield, e é de sua opinião de que a bruma é, de fato, oriunda do solo úmido em contato com o sol, por isso o que ele chama de 'condensação' só acontece uma vez ao dia e parece sair da terra.)*

*"Era de um fedor deprimente." um dos rapazes me disse, me pedindo mais rapé. O homem falou que aquilo mexeu com os cavalos, e eles tiveram que descer naquele momento para acalmá-los. Um outro me diz que estavam a menos de uma caminhada curta da mina, o que todos pareceram concordar, mas logo depois silenciaram-se, que me deixou ainda mais aflito. "Vamos lá. Parem de enrolar!" pediu o xerife Gilles. O homem de chapéu na mão olhou para seus companheiros que viraram o rosto, se eximindo de relatar o impensável, e de forma constrangedora continuaram cabisbaixos. Ele pediu mais rapé e um uísque. Foi então que percebi uma sacola de linho suja no meio da mesa, onde o homem olhava ansioso. Me aproximei, e um deles me deteve, me contendo somente com uma negativa de cabeça e terror em seus olhos.*

*(NOTA: Dr. Hatfield me disse que talvez esta segunda bruma esteja contaminando a água que vem da montanha, e que todos devem ferver a água para remover o demônio no fogo para evitarem doenças.)*

*"A bruma começou a piorar." disse o senhor de chapéu, rompendo o silêncio e completando logo em seguida que sentiu seus olhos secarem e arderem. Um outro disse: "Ouvimos passos. Cada passo vinha com revoada de pássaros e o fugir de um de nossos cavalos.". O senhor olha para mim, bebe todo o copo e diz que seus próprios pés quiseram fugir, mas que ele*

*sacou sua arma e mirou para a fumaça branca que descia da montanha. "Enquanto todos corriam, vi um gigante de duas cabeças. Pernas e braços longos e grossos como toras, ele sorria com uma boca e rosnava com a outra em pura loucura. Alto como árvore pequena, de uns quatro metros. Alvejei-o dali, e ele apenas riu de minha insignificância." Outro homem falou: "Ouvi também a risada. Não era de um homem, muito menos de lobo. Era algo, impossível." Um dos rapazes chora. "O m-monstro jogou isso em mim!" Eles finalmente abrem a sacola, e vi outra cabeça, desta vez de uma mulher, e por sua aparência relativamente decente parece ter sido morta no mesmo dia (tirando as moscas nos olhos).*

*(PADRE: Devemos todos orar por esta pobre mulher, e o xerife Gilles pede a todas as famílias que tenham algum ente perdido que o encontrem a qualquer hora na delegacia do condado para identificação da pobre alma.)*

*(XERIFE: Reforço à população para deixar o assunto nas mãos da lei, e que não interfiram nas investigações com artefatos religiosos. O acesso à mina está temporariamente revogado.)*

*Arkhen / Jacob reconheceram com pesar os nomes de seus colegas de aula naquele pedaço perdido de jornal, o que lhe fez tremer de raiva por aquela intrusão em seu íntimo apenas com o prazer de lhe chocar com os horrores que lá estavam.*

*Ainda mais inimigos! pensou Arkhen.*

*O personagem na tela do cinema reage mexendo muito com seus cabelos de forma nervosa, puxando e coçando. Arkhen o força a arrumar a estante dos livros tentando diminuir sua ansiedade; aflição esta que vai diminuindo muito pouco conforme os livros*



voltavam aos seus lugares. Depois da punição do Mestre, o personagem estava muito frágil para Arkhen dispensar qualquer método ou artifício de defesa — por mais ridículo que fosse, pertencia ao enredo da narrativa e isto contava. Arkhen pede para o Mestre tomar controle daquela tarefa repetitiva e volta ao cinema. Para sua surpresa o Vigia está sozinho com ele, enquanto mais ao longe dali, Damien discute com um clone do Vigia sem o menino poder ouvir.

"O que está acontecendo?" pergunta Arkhen, embora já soubesse a resposta, mas apesar de tudo que estava passando, precisava manter também as aparências de representar o menino ao lado do Mestre jogando sua primeira partida.

"Existe um novo evento preparado em conflito com as chances de vitória, então separei uma instância para resolver este problema com o criador das regras." respondeu o Vigia.

"Ok." falou Arkhen, temendo pelo que Damien planejava.

Com a biblioteca já arrumada, Arkhen conduziu o personagem a remover almofadas da sala e o mesmo cobertor rústico que usara no fim da manhã. Puxou duas taboas e selou-se no quarto com pregos e martelo, deitando sobre a cama improvisada.

"Ele não consegue dormir." disse o Vigia.

"Gaste os pontos necessários." respondeu Jacob.

O personagem fechou seus olhos com força, e usou parte do cobertor em cima de sua cabeça, tremendo um pouco de frio que passava pelas janelas e o receio de dormir naquela cidade que virara um inferno.

"Lhe restam dois pontos em *Vontade*." falou o Vigia.

Arkhen viu o personagem aos poucos relaxar, resignar-se e então dormir, obviamente em uma velocidade acelerada, pois o simulacro atuava até nos mínimos detalhes mostrando seus olhos irem de um lado a outro, sonhando com monstros.





## 16

Damien e uma cópia do Vigia voltam, e o Mestre absorve aquele clone sem mover-se de sua posição, enquanto Arkhen cruza seus braços apreensivo: "Está decidido: evento incluído e ativado." disse o Vigia inclinando sua cabeça para o cinema, aguardando o simulacro responder.

"Espere..." gritou o garoto, até ouvir os gritos horrendos de uma criatura ecoar na rua e chegar à biblioteca de sua casa, despertando o personagem em um pulo, logo encostando-se na parede em terror.

Arkhen tentou os controles habituais em vão.

O Mestre virou para o garoto e disse: "Não haverá interação sua Jacob, pois este evento faz parte de um dos muitos planos paralelos de narrativas, e por solicitação do criador foi arranjado sua inclusão posterior na atual interpretação. Adicionar este evento está muito de acordo com seu viés narrativo dramático e de alta intensidade emocional; claro que verifiquei ainda possibilidades de vitória, embora um pouco mais restritas."

Arkhen leva suas mãos à cabeça em desespero frente à natureza animalesca daqueles gritos e a fragilidade de seu personagem, já com o mínimo de pontos em força de vontade para resistir à qualquer coisa.

Damien sorria satisfeito, tornando a vitória anterior de Jacob em uma nova arma sua, dificultando ainda mais o percurso de vitória: *"Nada pessoal, Arkhen. É só um jogo, certo?"*

"Lhe restarão oito pontos ao final do evento, Jacob, pois o evento ocorre pela manhã, e os bônus esperados de seu sono foram respeitados." falou o Vigia, voltando sua enorme cabeça e olhos brancos sobrenaturais para o cinema, satisfeito com a história que estava criando.

O garoto coça sua cabeça, confuso e nervoso, enquanto o simulacro segue sua programação dentro de suas engrenagens infernais.



Trancado dentro da biblioteca, o personagem colocou seus dedos dentro dos ouvidos, mas mesmo assim os gritos horrendos e algumas risadas de mulher continuaram por um bom tempo. Após uma pausa, o personagem olhou para a janela e viu o sol fraco da manhã por entre todas as taboas que já estavam ali, antes mesmo dele chegar na casa de seu pai. Encostando-se pelos livros da estante, o personagem na penumbra foi passo a passo até a janela, impelido por um forte medo, mas ao mesmo tempo tremenda curiosidade — dentro de seus sentimentos precisava absolutamente saber o que destruíra sua família, e escondido dentro de sua casa, esta seria sua melhor chance de ao menos ver seu inimigo. Por entra as frestas das madeiras, o personagem coloca uma mão forte em sua boca para não gritar: do outro lado da rua, uma serpente verde reluzente trazida de algum pesadelo e alta como uma pessoa de grande estatura, estava de pé arrastando seu ventre no chão: parte mulher, parte cobra, enquanto suas garras demoníacas traziam diversas



cabeças pelos cabelos, parcialmente envolta na bruma matinal de Esmeralda.

É uma... *Medusa!* registrou Arkhen, temeroso.

Continuando aquela observação, o personagem observou a cabeça da medusa tornar-se para seu lado, revelando-se de uma monstruosidade com outras serpentes menores no lugar de seus cabelos, além de caninos longos saindo de sua bocarra, junto à olhos e lábios verdes em um rosto pálido e lívido de morte. A medusa levantou uma daquelas cabeças que tinha escolhido, e com sua outra garra, transformou-a em pedra para logo jogá-la ao chão quebrando-a em pedaços, seguindo pela rua e emitindo seus guinchos agudos de vitória.

O personagem caminha para trás, e cai no chão. Uma aflição nova chamada *INSANIDADE* aparece e pisca nos hologramas, junto com *Medo* outra vez atingindo vermelho, com um aviso *Apavorado* qualificando-o.

Arkhen grita sozinho no cinema em repulsa à aparente injustiça da narrativa do desafio.

O personagem é tomado mais uma vez em terror, levanta-se, destranca a porta com a chave em uma mão trêmula, e então, com suas próprias mãos arranca as duas taboas que seguravam a porta, deixando lastros de sangue por ali pela dificuldade em arrancá-los à mão. Jogando-se de ombros contra à porta, a mesma cede na terceira investida, e ele cai no chão pelo impulso. Correndo, o personagem vai até o porão da casa, pulando as escadas em grande agilidade devido ao seu estado de pavor, abrindo um armário grande de roupas velhas e escondendo-se ali entre roupas velhas.

Chorava encolhido no chão, repetindo "*M-medusa*" sem parar.







*1001*

O Mestre vira-se para o garoto e diz: "Sua *Resistência ao sobrenatural* preveniu o avanço da loucura ao estágio amarelo, mas você deverá levar em consideração a partir de agora sinais de doença mental. Insanidade sem tratamento neste nível verde levará o simulacro a interferir em sua interpretação com pequenos micro-eventos de forma automática."

Arkhen tira os óculos de Jacob e os limpa em sua camisa, sem entender como seria possível vencer três inimigos tão fortes e sobrenaturais, sendo ele um escritor de teatro amador, bebedor e que abandonara sua família em doença.

O garoto levou sua mão ao pescoço, passando mal.



# JOGOS DE JACOB

## Parte 3

A complexa dualidade da entidade Arkhen/Jacob (mantida por um artefato superior), observava a derrota emocional de seu personagem, recluso dentro de um armário e espelhando parte da mesma sorte de outros paralisados em pedra. Por sua vez, ainda não transformara-se em uma estátua, mas sua agonia lenta e de olhos perdidos ao nada, remetia à todos fortes contornos de aparente loucura. Aquela cena representava tudo o que Arkhen tentava escapar com todas suas forças; mas as armadilhas emocionais de seu irmão eram imprevisíveis, inclusive intercedendo junto ao Mestre e mudando seu jogo, que era de uma complexidade jamais vista por Arkhen.

Damien, o Mestre e Jacob estavam em silêncio no cinema do simulacro. Enquanto isso, o verdadeiro e puro resguardado intelecto do menino temia por sua vida dentro da caverna vendo tudo por um espelho. Arkhen lutava por ele dentro daquele desafio, junto a um demônio e outra *coisa*, que nem mesmo ele ou Damien sabiam de onde vinha, mas seu poder incomensurável era capaz de criar um universo apenas para contar uma história. Os olhos de pura energia do Vigia respondiam por si, e buscavam Jacob com certo interesse um tanto disperso.

*Seres mitológicos... a redação da escola!* pensou Arkhen, que poucas horas atrás ainda era simplesmente um garoto de treze anos.



*Premonições são de inclinação mediúnica*, refletiu sua mente compartilhada com o corpo do menino. Ele sabia que Jacob era diferenciado de todos os outros que vivera neste milênio no limbo, porém nem ele imaginava (por sua origem demoníaca) ter uma linhagem ascendente deste tipo.

*Escondidos dentro de minha imaginação, estes fatos iriam acontecer depois no simulacro, mas naquele momento não pude perceber* — pensou Arkhen, sentindo todo o temor de Jacob a lhe puxar para detalhes da aparência do Vigia que o observava e da monstruosidade demoníaca ao lado. Tudo aquilo empurrava-o para um porão onde outros horrores o aguardavam no escuro.

O corpo pré-adolescente de Jacob tremia e continuava a engolir em seco, assoberbado de tantas emoções ao mesmo tempo.

*Damien preparou-se para este jogo: dificulta ações de estratégia em troca de armadilhas emocionais onde posso me perder a qualquer instante*, pensou Arkhen, resistindo dentro do menino, mesmo sendo puxado por diversas forças ao mesmo tempo.

Diante da complexidade onde estava, Arkhen forçou ideias de superação dentro da imaginação do menino. Tal tarefa era como alguém puxar sozinho pianos pesados e delicados de um lugar ao outro, enroscados por diversas teias de pensamentos confusos e temerários. Aos poucos, dentro da imaginação de Jacob, ele imaginava-se correndo mais que os outros meninos, fugindo de brigas; via-se socorrendo sua mãe, tornando-se um adulto muito antes do tempo; sentia o abraço verdadeiro de seu professor, atestando seu futuro promissor; ele e sua mãe de mãos dadas na neve, voltando para casa.

Após alguns segundos naquela batalha mental de medos e conceitos, Arkhen conseguiu que Jacob sorrisse, finalmente cruzando seus braços resignado.

"Isto não é nada!" falou o menino em um sussurro.

"Qual sua escolha, Jacob? Permanecer nesta situação levará uma insanidade total sem volta a partir de alguns minutos." pergunta o Mestre.

O personagem na frente deles colocava suas mãos com alguns dedos rubros no rosto, desesperado, emitindo um som baixo de quem apanhava de algum ser invisível, mas muito real nas aflições representadas nos hologramas ao lado.

*Medo* continuava no máximo, e o rótulo de *Apavorado* traduzia o que a máquina sentia, junto com *Solidão*, *Órfão*, *Injustiçado* e outros rótulos menos relevantes frente à loucura próxima e crescente.

"Gaste meus pontos para obter livre arbítrio, com o mínimo de controle emocional." responde Arkhen.

"Lhe restarão quatro pontos, com o custo de três horas e meia do dia, encerrando toda a manhã. O simulacro atuará em algo como um sono leve de fadiga emocional, onde a saída será tentar não pensar muito no sobrenatural de forma forçada, mas sem agir recorrendo à outros métodos aflitivos."

"Proceda." confirmou Arkhen, limpando sua testa suada.

"Que assim seja: o tempo será acelerado." disse o Mestre.

Arkhen viu o rosto na tela do cinema contrair-se rápido com o conflito do personagem e pela velocidade aumentada da narrativa; os pontos em sua *Vontade* iam decrescendo nos hologramas, até o personagem finalmente dormir.



Depois de um tempo, porta do armário abre e Arkhen recebe os controles de volta, junto com o personagem emergindo de outra prisão emocional.

Conduzindo o personagem à cozinha, Arkhen começa a preparar o frango, de forma mais calma, com um balde no chão e tirando as penas da ave, sentindo uma fome crescente.

Inesperadamente, o Mestre pára o jogo e avisa: "Você sente uma compulsão enorme e seus olhos encontram uma garrafa de vinho em cima de um móvel. Existe uma grande chance de o personagem afundar em depressão sem volta se ele refugiar-se na bebida, e então terei de decretar morte."

Arkhen viu um aviso de *Abstenção* sair do verde e ir ao amarelo em dois pulos rápidos.

"Prossiga em tempo normal." disse Arkhen.

Ignorando sua fome, o personagem larga tudo e tomado de uma pressa súbita, alcança a garrafa do alto do móvel de onde está. Ele remove a rolha, e sem hesitar, toma um grande gole.

*Ainda não*, pensou Arkhen, sentindo a embriaguez atingir seus controles com rótulos do tipo *Influência anestésica*, *Relaxamento*, *Euforia*, *Humor*, *Dependência*. Ao mesmo tempo, sua maior aflição, *Medo*, caía de um amarelo preocupante para o verde de contenção.

"Quero lançar a garrafa na parede." pede Arkhen.

A narrativa pára no simulacro.

"Intenção?" perguntou o Mestre.

"Culpa, fraqueza." responde Arkhen, incerto sobre a sua leitura do personagem, mas precisava intervir se queria sobreviver.

"Certo. Restarão dois pontos em *Vontade* antes da exaustão,

porém acrescentarei *Miséria*, *Culpa* e *Raiva* por esta ação."

"Raiva?" perguntou o menino, mas o Mestre voltou sua grande cabeça para a tela e o personagem lançou a garrafa na parede, espatifando-a, em um rosto contorcido entre raiva e culpa. As aflições combinadas aparecem nos hologramas, porém um novo rótulo, *Raiva*, surgiu preenchendo-se do verde ao vermelho em segundos.

O menino levou sua mão à testa, pois não antecipara tais consequências: "NÃO!" gritou Arkhen.

"Evento obsessor automático em curso, decorrente de *INSANIDADE* em nível amarelo de aflição." falou o Mestre.

O personagem pega um caco de vidro do chão, e faz um pequeno corte por cima de seu antebraço, rindo e chorando de uma loucura temporária óbvia e perigosa. Um antigo rótulo perigoso com caveira, *Flagelação*, apareceu mais uma vez na ficha holográfica.

*"Vamos logo, Arkhen, vá para a garganta."* provocou Damien.

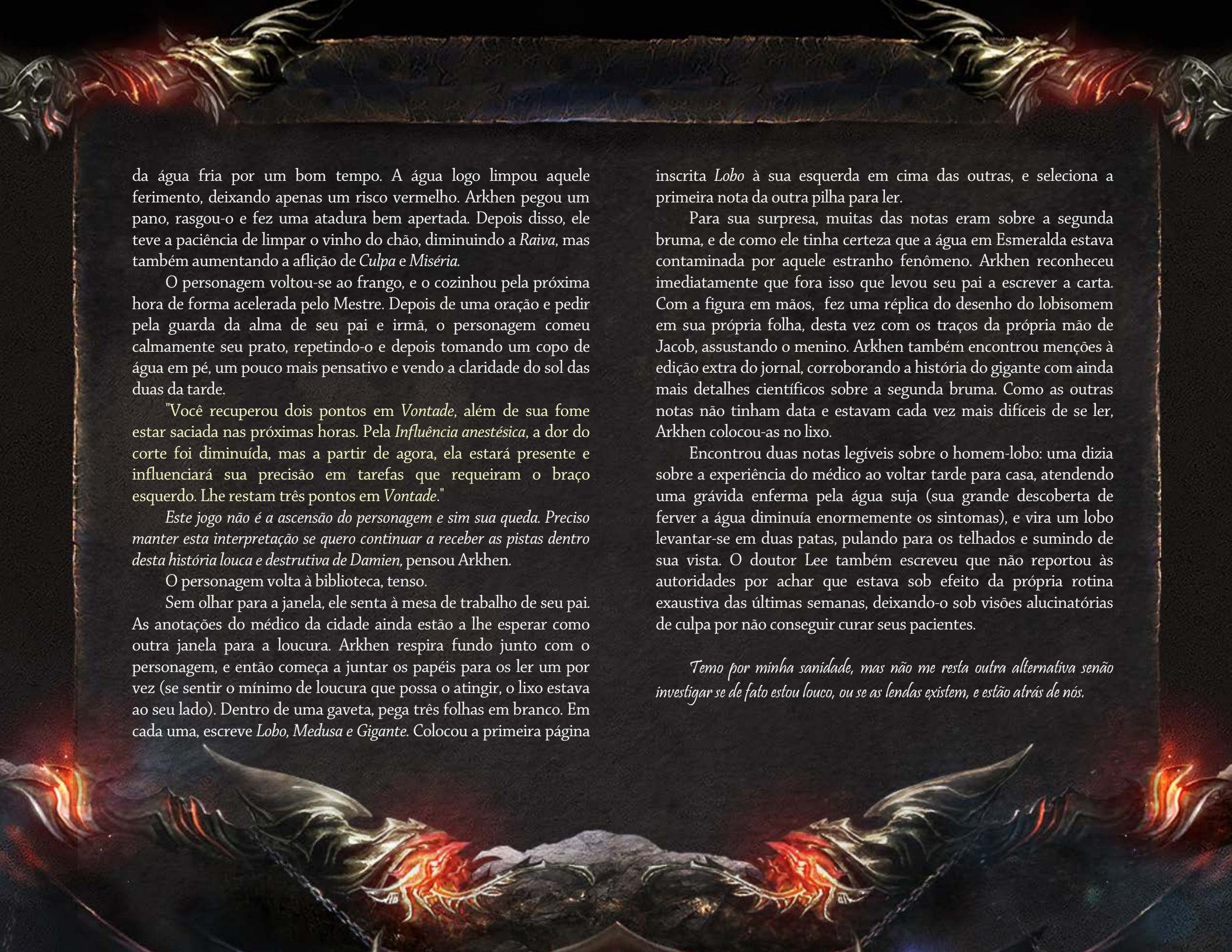
Após o risco na pele preencher-se em uma linha vermelha líquida, o personagem levantou o vidro para continuar com aquela aflição mais uma vez.

"Faz ele parar!" pediu Arkhen, agindo rápido.

"Certo, lhe resta apenas um ponto final em *Vontade* agora, Jacob." disse o Vigia.

O personagem olha para o caco, seu braço sangrando e grita, dando um passo para trás e deixando o pequeno vidro cair ao chão, que estava sujo do vinho no piso. Arkhen sentiu que tinha novamente o controle (era vacilante, pois o simulacro controlava mais da metade das ações). Forçou o braço do personagem embaixo





da água fria por um bom tempo. A água logo limpou aquele ferimento, deixando apenas um risco vermelho. Arkhen pegou um pano, rasgou-o e fez uma atadura bem apertada. Depois disso, ele teve a paciência de limpar o vinho do chão, diminuindo a *Raiva*, mas também aumentando a aflição de *Culpa* e *Miséria*.

O personagem voltou-se ao frango, e o cozinhou pela próxima hora de forma acelerada pelo Mestre. Depois de uma oração e pedir pela guarda da alma de seu pai e irmã, o personagem comeu calmamente seu prato, repetindo-o e depois tomando um copo de água em pé, um pouco mais pensativo e vendo a claridade do sol das duas da tarde.

"Você recuperou dois pontos em *Vontade*, além de sua fome estar saciada nas próximas horas. Pela *Influência anestésica*, a dor do corte foi diminuída, mas a partir de agora, ela estará presente e influenciará sua precisão em tarefas que requeiram o braço esquerdo. Lhe restam três pontos em *Vontade*."

*Este jogo não é a ascensão do personagem e sim sua queda. Preciso manter esta interpretação se quero continuar a receber as pistas dentro desta história louca e destrutiva de Damien*, pensou Arkhen.

O personagem volta à biblioteca, tenso.

Sem olhar para a janela, ele senta à mesa de trabalho de seu pai. As anotações do médico da cidade ainda estão a lhe esperar como outra janela para a loucura. Arkhen respira fundo junto com o personagem, e então começa a juntar os papéis para os ler um por vez (se sentir o mínimo de loucura que possa o atingir, o lixo estava ao seu lado). Dentro de uma gaveta, pega três folhas em branco. Em cada uma, escreve *Lobo*, *Medusa* e *Gigante*. Colocou a primeira página

inscrita *Lobo* à sua esquerda em cima das outras, e seleciona a primeira nota da outra pilha para ler.

Para sua surpresa, muitas das notas eram sobre a segunda bruma, e de como ele tinha certeza que a água em Esmeralda estava contaminada por aquele estranho fenômeno. Arkhen reconheceu imediatamente que fora isso que levou seu pai a escrever a carta. Com a figura em mãos, fez uma réplica do desenho do lobisomem em sua própria folha, desta vez com os traços da própria mão de Jacob, assustando o menino. Arkhen também encontrou menções à edição extra do jornal, corroborando a história do gigante com ainda mais detalhes científicos sobre a segunda bruma. Como as outras notas não tinham data e estavam cada vez mais difíceis de se ler, Arkhen colocou-as no lixo.

Encontrou duas notas legíveis sobre o homem-lobo: uma dizia sobre a experiência do médico ao voltar tarde para casa, atendendo uma grávida enferma pela água suja (sua grande descoberta de ferver a água diminuía enormemente os sintomas), e vira um lobo levantar-se em duas patas, pulando para os telhados e sumindo de sua vista. O doutor Lee também escreveu que não reportou às autoridades por achar que estava sob efeito da própria rotina exaustiva das últimas semanas, deixando-o sob visões alucinatórias de culpa por não conseguir curar seus pacientes.

*Temo por minha sanidade, mas não me resta outra alternativa senão investigar se de fato estou louco, ou se as lendas existem, e estão atrás de nós.*



A outra nota, em letra miúda, que virava duas folhas amarelas grandes dobradas, fez Arkhen encostar-se na cadeira, lendo-a e bebendo nervoso todo o seu copo de água. Arkhen percebeu que, de fato, a água tinha um gosto diferente, mais barrenta e amarga.

Com o desdobramento da carta, o simulacro criou uma projeção de um mundo em preto e branco, onde o relato era narrado e interpretado como em um filme: doutor Lee Hatfield caminhava apressado na rua, e a câmera o seguia por trás, fazendo uma volta e finalizando em seu rosto determinado.

## 18

*Fui visitar o padre Esteban esta manhã. Não que eu tenha culpa ou abandonado minha fé, longe disso. Se vou investigar algo sobrenatural, preciso ir primeiro até onde a razão se estende ao máximo, que no meu entender percorre o caminho das ciências exatas, humanas, teológicas e por fim encara ao puro abismo sem fim subjetivo. Com metade da população doente, por que teria eu de insistir em algo tão absurdo, tão peculiar, tão óbvio da miséria mental e da simplicidade psicológica de não saber lidar com perdas? Mesmo assim, meus próprios olhos, formados de pupilas e córneas, tão concretos quanto o ato de somar do espectro exato e sólido do conhecimento humano, registrou a existência de criatura muito além de atos místicos como preces e rezas. Infelizmente, a rua não estava escura; já era de manhã e o sol das seis já lançava sombras sobre aquele*

*ser, que parecia ter quase a altura somada de duas pessoas de estatura média, e de alguma forma lembrava um homem, mas o que eu vi era um lobo, ereto com um ser humano, atravessando a rua e em um pulo de quatro metros subiu até o telhado, enquanto nosso vilarejo dormia. Corri para casa até a exaustão, mas o visto não poderá ser desvisto.*

*Já não me é mais necessário acreditar, pois devo aceitar a natureza absoluta e real de meu testemunho, além de que o (Lupis Hominis?) deixava suas sombras na rua, o que afere sua solidez e não se trata de algum espectro. Deixo figura representativa em outro papel, quando este vinho agir completamente e deixar-me menos tomado por estas aflições infantis sobre o que é o ser humano, e de como alguém poderá tornar-se um híbrido de tal pavor e repugnância. Obviamente estou evitando escrever o que vi, pois mais e mais evidências somam-se ao que eu considerava como 'paganismo', tal como Peter escrevera de forma categórica e brilhante em seu jornal sobre o ocorrido na montanha.*

*Infelizmente pertenço ao seletto grupo que nosso jornal se refere. Preciso também de mais vinho, pois preciso exatamente de três taças dormir: mais que isso perco minhas faculdades mentais, que acredito serem meu único e fiel remédio.*

*Retomando, a última parada da razão encontra-se na teologia (mesmo que ofereça soluções dúbias e obviamente de controle social), e depois de algumas horas recuperando-me do avistamento macabro, cancelei minhas consultas para o resto do dia, e fui até o nosso nobre representante local em busca de respostas.*

*Em princípio, padre Esteban relutou e desconversou sobre a criatura (mesmo reservadamente!). Após ter-lhe contado minha história, e somente depois de lhe afirmar sobre a bíblia que o ouviria sob sigilo e como*



seu alienista particular, ele começou seu relato; não antes de explicar-me que era preciso 'manter seu rebanho junto com ele', e também que 'Deus nos testa a todos momentos em todas as suas diferentes faces e natureza'. Confesso que cheguei a pensar em agradecer-lhe e buscar meu chapéu, mas seus olhos mudaram drasticamente para algo que já vira em meu rosto no espelho, e então fiquei.

"Como um representante de Deus (e seu silêncio misericordioso) pode conviver com uma manifestação tão real e tão óbvia dos deuses da lama e do sangue?" disse-me o padre Esteban, tornando-se metade do homem alto que era em seu púlpito, agora curvado e de ombros caídos; sua voz, antes grave e possante pela repetição e aperfeiçoamento de todos os domingos, agora era de um sussurro assustado.

Registro também (ora por que não!) que havia um misto de horror e fascínio que nunca imaginei alguém de tanta fé portar.

Sentei-me ao lado dele, pois sua voz era contida.

Esteban Desmois descera a colina Esmeralda mais de seis meses atrás para a extrema-unção da filha desacreditada de um pequeno agricultor. O terreno pequeno possuía cinco vagas leiteiras, dois porcos e um grande galinheiro com uma horta roçada atrás da casa, junto a um cavalo malhado e velho puxando um arado enferrujado. Chegou lá tarde da manhã, e o sol forte de junho o fazia suar descendo do cavalo, já usando vestes negras apropriadas para o caso. Esteban entrou e rezou sobre a menina, que tinha uma tosse terrível enquanto sua mão trocava-lhe os panos úmidos quentes a cada meia-hora, tamanha febre. Neste momento, Esteban faz o sinal da cruz, e me diz que a menina estava a horas da morte. O pai, mesmo desolado e choroso, recitava o pai nosso. A mãe da menina, pálida e assustada como um fantasma, ficava com um olho nos

panos e outro na janela, vendo o dia descer e a observar a lua cada vez mais forte. Todos oravam com o padre Esteban pedindo por uma intervenção divina a uma alma tão singela quanto à criança deitada ali, prestes a ser arrebatada pelo ceifeiro junto com a noite escura.

Enquanto a mãe acende as velas, o pai tira uma travessa grande de madeira, onde retira do fogão um pequeno filhote de porco assado inteiro ali. Padre Esteban me diz que se enfureceu com tal refeição pesada e sanguinolenta e foi confrontar o pai, que lhe devolve olhos esbugalhados e angustiados, continuando a colocar flores ao redor da travessa ignorando-o, claramente uma oferta pagã. O padre Esteban também confrontou a mãe, que apenas levanta sua mão rápido também ignorando-o, ainda em prece e cada vez mais alta e forte, trocando panos molhados na testa febril da menina, que tossia infelizmente sem parar. Após ver o pai colocar a travessa na frente da porta, Esteban o vê sair de casa com seu rifle de caça até a cerca do outro lado. Já era noite, e somente o braseiro de seu cigarro era visível.

Esteban me diz que entende o desespero dos dois, e tira um pouco de água benta e unta seu lenço branco de seda nela; com o máximo que seus pulmões podiam, pediu que ele torna-se um instrumento de Deus, e que esta menina fosse poupada. A tosse da menina vai cessando em leito de morte, e a mãe começa seus gritos de misericórdia.

Neste momento, percebo que Esteban deixa cair uma lágrima. "Tive de me ausentar. Tudo tem limite." disse ele, e então sai do quarto e vai até a frente da casa, onde a travessa ainda fumegava com a carne em oferenda.

"Desolado, olhei para uma Lua cheia, amarela, doente. Questionei minha fé, minha doutrina, minha sanidade. A heresia em minha frente me



enojava, e os gritos da mãe nos últimos momentos de vida da pequenina me enlouqueciam. Vi o vulto do pai, sentado na cerca um pouco mais longe dali, fumando sem parar, imerso nas sombras. Ouvi o rugido de vacas, e o bater de asas de muitas galinhas. Depois um silêncio. Pela mudança do vulto do pai, percebo ele apontar seu rifle para a direção das árvores à esquerda. Eu olho para lá, e vejo dois olhos grandes refletirem o brilho da lua, em um vulto corpulento. Tive ganas de correr, mas caí ao chão estupefato, enquanto a mãe agora chorava em longos prantos. Com um longo pulo, a coisa emerge da pequena floresta ao lado e cai no meio dos sulcos da horta da família, fazendo buracos com suas patas enormes e peludas, com garras enfiadas no chão. Era um lobo de pé, Doutor Lee, e pelas costelas à mostra, estava faminto. Pela luz espectral da Lua, vi o ser aproximar-se de mim frontalmente, tremendo de fome, rosnando muito. Parecia sofrer junto com todos ali. A mãe ora mais uma Ave Maria, que me dá arrepios até hoje de lembrar pelo seu sofrimento, pois a criança deixara de respirar naquele momento cruel."

Alcancei um copo de água para o padre Esteban.

"A criatura pegou o pequeno porco e o comeu com fúria, esquecendo-se de mim, e então pude me levantar. Foi então que olhos vermelhos voltaram-se à mim. O pai gritou 'Leonard!' em uma voz embargada, rouca, grave, já se aproximando com o rifle em punho. A coisa rosnou mais uma vez, quase indiferente, pois ainda tinha fome. Em dois passos, já estava quase em cima de mim. 'LEONARD!' gritou o pai mais uma vez, e a criatura olhou para o homem brevemente, mas logo uma de suas garras levantava-se bloqueando até a lua doente, me deixando nas trevas. A monstruosidade deu um passo, e o pai atirou duas vezes nele, que já alcançava meu pescoço. A coisa urrou de dor, e seu sangue quente

impregnou-se em mim, sujando-me o rosto e cabelos. O pai diz em uma voz de comando: 'Se quer comer mais uma vez, vá embora! VÁ EMBORA!'. Algo acontece com o rosto do bicho, e o buraco da bala que atravessou seu rosto vai fechando. Os lamentos da mãe agora tornam-se gritos desesperados. Em uma corrida, o monstro pula para a floresta e some no escuro."

O amigo vira o resto de seu copo em uma vez só, e ambos agradecemos à Deus. Ele me diz que, mesmo todo ensangüentado, correu para dentro da casa, e a mãe chorava ao lado da menina em leito de morte. "Leve-a para Deus!" pedia a mãe em soluços. Esteban então vê a pequena sem respirar, de olhos abertos. Sem pensar, ele põe sua mão gotejando de sangue da criatura no rosto dela, e fecha aqueles olhos de criança. Um pouco de sangue resvala dentro da boca da menina, e ele pede desculpas a mãe. A menina então suspira alto e forte, assustando a todos, voltando a tossir e escapando da morte.

Mesmo na segurança da paróquia, padre Esteban em pavor me pede confidencialidade total, pois em seguida que percebeu o que acontecera, juntou todo o sangue de sua mão e cabelos em seu pano de seda, enquanto o pai e a mãe desesperados abriam a boca da pequena para ela engolir tudo, torcendo o pano. Horas depois, a menina que retornara da morte estava brincando com uma boneca de pano e cantando os hinos por entre duas novas pequenas presas, enquanto o padre subia em seu cavalo e voltava ao seu silêncio misericordioso.

Perguntei sobre Leonard, mas Esteban disse ser um segredo de família, e que não era de minha conta. O pano manchado ainda estava com ele, porém não funcionava mais; ele chorou em minha frente perguntando por que Deus testava-lhe ferozmente com milagres disfarça-



*dos de monstruosidades em uma cidade amaldiçoada pelos homens.*

A carta terminava abruptamente, assim como o filme que eles viam no cinema do simulacro, que voltava a mostrar o personagem largando aquelas folhas na mesa com certo fascínio pelo relato fantástico do doutor Hatfield.

Arkhen então puxa a folha com *Lobo* em seu título e escreve com a maior urgência que conseguiu enquanto o relato curioso do médico ainda estava fresco em sua memória.

- *Armas lhe ferem temporariamente;*
- *Seu sangue é miraculoso;*
- *Oferendas são usadas para invocação;*

O personagem pegou a folha da *Medusa* e escreveu:

- *Transforma em pedra pelo olhar, mesmo mortos;*
- *Incita loucura ao observá-la, mesmo à distância.*

Na folha do gigante colocou:

- *Resistente à balas;*
- *Invulnerável?*

No silêncio da biblioteca, Arkhen contemplou aquele problema, sentindo sua pele arrepiar pelo que acabara de ver e a tarefa impossível de derrotar todas aquelas criaturas que aparentemente não tinham pontos fracos.

Qual seria a narrativa onde ele, um mero escritor antes da virada do século, poderia vencer? pensou Arkhen, enquanto o simulacro automatizava sua linha de pensamento com o personagem batendo

seu lápis nervoso na mesa.

Um tempo passou e então algo surgiu forte na mente do menino: *Que poder é este que tenho onde a vitória é possível?*

Arkhen prestou atenção ao simulacro, e o lápis batendo na mesa o fez arregalar seus olhos em uma surpresa tão óbvia e simples, estando em sua frente o tempo inteiro. *Sou escritor! Quem controla e cria a narrativa sou eu! Minha imaginação é o poder necessário para vencê-los!*

"Sua intuição subiu um nível." disse o Mestre, percebendo pelos pensamentos compartilhados na máquina as intenções de Arkhen.

O personagem puxou uma nova folha em branco e começou a escrever, conduzido pela maestria do Vigia. Logo o texto fluía intenso de suas mãos, operado pelo Mestre conforme os pensamentos de Arkhen formulavam os próximos passos da narrativa.

*Para meu pesar, esta carta nunca irá chegar a você, pai. Isto é definitivo pelos horrores que vi nesta casa e temo por não poder lhe dar um descanso digno devido a estes monstros que estão à solta. Registro meu testemunho como único sobrevivente de nossa cidade, pois em minha ausência também sei que você teve de enfrentar esta mesma loucura mortal que recebeu-me no fim dos dias de Esmeralda.*

*As lendas são, infelizmente, reais. Vi com meus próprios olhos algo rastejante que não é deste mundo de Deus. Tentei negar as descrições no jornal e as anotações do doutor Lee em seu diário; mas acredito agora, com todas as*



*peças em minhas mãos, que negar esta existência fez com que a cidade sucumbisse aos poderes sobre-naturais das criaturas. Observo perplexo o que causou a morte de nossa eterna pequena Claire existe e caminha pela cidade ainda em busca de vítimas, em plena luz do sol zombando de nossas crenças.*

O personagem limpa seus olhos vermelhos.

*O que houve nesta casa? Por que vocês não fugiram? Por que você não conseguiu matar o monstro de que me alertava antes de nossas caçadas?*

Arkhen sentiu que seu intuito não estava funcionando, e o próximo passo iluminou-se forte em suas idéias, fazendo o Mestre se inclinar e lhe perguntar, um tanto curioso.

"O que você está considerando é um caminho perigoso, porém válido dentro do contexto; ainda não configura uma morte a médio prazo, mas você está andando por uma ladeira muito perigosa e escorregadia. Deseja mesmo continuar?" perguntou o Mestre.

"Prossiga até alcançar este intuito." disse Arkhen, soando como um adulto nos sapatos de uma criança, nervoso com aquele rumo imprevisível.

*É uma descida ao inferno, tudo ou nada!* re-afirmou Arkhen para si, sentindo um frio em sua barriga pelo o que teria de fazer e as conseqüências que aquele ato poderia trazer.

Os olhos de todos voltaram-se ao cinema.

O personagem olhou para o lápis com certa loucura de olhos arregalados, e então, como fizera no disparo do rifle para as galinhas,

forçou sua respiração para diminuir o batimento cardíaco. Imediatamente e com força, enterrou o lápis pouco a pouco na palma de sua mão esquerda, de dentes cerrados e expressão alucinada. Enquanto rosnava, sangue escapava aos poucos do ferimento. *Flagelação* surgiu mais uma vez, e *INSANIDADE* passou do verde para o amarelo nos hologramas.

Arkhen pegou o lápis sujo de sangue, olhou-o com certa incredulidade e surpresa; depois, voltou a escrever.

*Volte pai, preciso de você aqui comigo!*

Em mais um evento automático, o personagem tirou seus olhos da carta e com muita apreensão ficou olhando para a biblioteca vazia. Pegou o lápis e estocou-o mais uma vez dentro de sua mão, desta vez soltando um grito horrível de dor, deixando o instrumento ainda mais rubro e molhado.

*ME TORNE INSTRUMENTO DE SUA VINGANÇA!*

"Pare!" vociferou Damien, fazendo o simulacro pausar a narrativa. *"Ele não é necromântico ou ocultista, portanto não pode trazer seu pai morto de volta!"*

"Você contesta minha interpretação das regras?" diz o Mestre, voltando seus olhos intrigados para Damien, onde estrelas *supernovas* explodiam a cada instante dentro daquele universo particular.



"E-eu... quero e-entender." falou Damien, agora com a voz trêmula e frágil de um ser humano.

"Observe que neste momento de insanidade, Jacob começará a ter alucinações que irão conduzir esta parte do desafio. Não haverá absolutamente nenhuma vantagem *sobrenatural*, mas ele pagou com pontos em *Insanidade* para obter apenas alguma revelação do mundo espiritual, que condiz largamente com a insinuação de *Luto* e *Culpa* sendo empregada na narrativa. Não é somente as regras, Damien, e sim a fluidez da narrativa que impera. Me fiz claro?"

"*Sim, Mestre.*" falou Damien olhando para o chão.

Enquanto isso, o corpo de Jacob mexia em seus cabelos sem parar, tremendo de medo pois não sabia se o que estava fazendo era o certo; por outro lado o intelecto de Arkhen confiava em sua interpretação e de como deveria conseguir mais pistas sobre o caminho de vitória dentro daquela espiral para a loucura.

O mestre voltou seus olhos ao cinema, fazendo o simulacro voltar a funcionar.

O personagem olhava sua mão sangrando. Um choro longo e cansado então surgiu dele, e depois de alguns momentos, a aflição de *Flagelação* desaparece dos hologramas conforme o sofrimento dele assoberba-se contra aquele episódio insano. Deitou-se sobre a carta sangrenta e pôs sua cabeça entre seus braços cruzados sobre a mesa, continuando a chorar.

"*Estou amaldiçoado. É tudo minha culpa.*" falou o personagem pelo Mestre.

Minutos depois, ele silencia-se.

No meio de todo aquele silêncio, a porta da biblioteca abre-se

em um rangido lerdo. Passos arrastados são ouvidos pelo personagem, ainda com seu rosto apertado em seus braços, disparando seu coração. O ranger do assoalho, lentamente vindo da porta, termina em frente à sua mesa.

O personagem ergue sua cabeça, de olhos arregalados.

Um espectro descolorido de seu pai estava lá, e via-se que sua cabeça estava cortada, pois havia um vazio entre ela o resto de seu corpo, que estava dilacerado por garras e mordidas em uma roupa rasgada e manchada de sangue.

Seus olhos eram também brancos como os do Vigia.

Aquela cabeça virou primeiro e mais rápido, sem o pescoço. O resto do espectro acompanhou-a voltando até a porta, saindo da biblioteca ainda rangendo o chão e causando arrepios ao cérebro de Jacob, que nunca vira um fantasma antes em sua vida. O pavor que o outro sentia da tela lhe acariciava as costas em arrepios de um medo terrível, em um horror transcendente, pois sua vida também estava em jogo.

Ainda seguindo o evento automático, o personagem levantou-se e foi temeroso atrás dele, em um passo cauteloso, esquecendo completamente a dor em sua mão que sangrava.

Da biblioteca, ele e a aparição foram até a sala na frente da casa, onde a escada levava até os quartos. O fantasma de seu pai parou repentinamente, e aquela cabeça flutuante olhava para a porta da frente. O personagem ficou ao seu lado, e arriscou uma olhada ao lado para ver o estado tenebroso que falecido ficara, com grandes buracos no peito rasgados por mordidas e garras.

A porta da frente abre-se, e outra representação etérea de seu



pai (em gritos) carrega sua irmã Claire em pedra para dentro. Logo depois, ele carrega a estátua pela escada até seu quarto, ainda gritando desesperado.

O pai desce a escada, e tira o rifle da parede.

Uma criatura grande e de aparência feral grita da escada em um rugido sobrenatural. O pai atira, acertando-o no ombro, e a criatura ri. Sem conseguir controlar o medo em suas mãos, ele dispara outro tiro e erra, fazendo um buraco na escada.

A coisa desce a escada e pula em direção ao homem, que a recebe usando o rifle como um porrete. Em uma luta terrível, a fera então vai rasgando as paredes com as mãos de lobo, rindo-se com o medo do outro. Em um ataque fulminante e frontal da criatura, o homem cai ao chão. Quando a criatura se aproxima, o homem lhe acerta com um tiro de pistola direto em seu rosto.

Após cambalear, a criatura recupera-se do disparo, para depois lhe enfiar as garras no peito e a mordê-lo com suas presas enormes. Depois disso, e em um só golpe, arranca a cabeça do homem ao chão com um golpe de suas garras ao pescoço, fazendo a parede tornar-se vermelha pelo jorrar do sangue.

O personagem grita ao lado do fantasma: "Não!"

O lobisomem ouve o grito de comando da Medusa na rua, e então pega os restos mortais do homem; em dois pulos já está no segundo piso e entra no quarto da menina, deixando a porta encostada, após a mesma bater com violência do outro lado.

Aos prantos do personagem, o fantasma de seu pai desloca-se pela sala, sem mostrar emoção. Ele chega até onde estava o rifle e então fica de frente para o quadro bucólico do moinho, parado ali

por muito tempo.

O personagem acompanha-o até lá, ficando ao seu lado.

"P-pai. O que d-devo f-fazer? Estou tão... perdido!"

O espectro descolorido continuou imóvel. Os dois contemplaram o quadro rupestre do moinho por um tempo, e quando o personagem virou-se mais uma vez, aquele fantasma já não estava mais lá.

"Livres arbítrios resumidos." diz o Mestre.

## 19

Arkhen recebe os controles do personagem novamente, e com aquele reflexo de movimento para frente, já percebe-se dentro do simulacro, com toda a confusão dos sentimentos do personagem.

*Só pode ser isto!* pensou Arkhen, aproximando-se do quadro e tocando a pintura com seus dedos, sentindo sua tinta em relevo. Lentamente, levou suas mãos aos lados da pintura, e então puxou-a dali, jogando-a no chão. Em sua frente, um pedaço grande de madeira pintado de branco igual à parede, mostrava um esconderijo.

Com pressa, o personagem retira aquela tabua fina: ali haviam quatro livros velhos empilhados, junto com um envelope com uma nota em cima.

*Se estiveres lendo esta carta Jacob, você retornou para casa tarde demais*



*e é testemunha de minha derrota. Ao falhar em defender nossa família pelo meio da fé e da justiça dos homens, ousei supor que Deus e a razão abandonaram este mundo que já não nos pertence, pois é reduto de monstruosidades oriundas do próprio inferno. Talvez tenha sido o destino que você tenha saído de casa e sobrevivido à esta loucura.*

*Espero que encontre nestes livros proibidos (profanos e pagãos, Jacob!) algo que possa salvar sua alma do julgamento final, e com esta bala, especialmente forjada e benzida, vingar o espírito de Esmeralda, trancado neste limbo horroroso após os justos serem expiados desta terra antes frutífera, mas agora amaldiçoada.*

Abriendo o envelope, Arkhen vê uma bala de prata.

"Mais um ponto em Glória foi alcançado. Você se sente revigorado e recebe outro ponto em Vontade. Lhe restam agora quatro pontos." disse o Mestre, com sua mão no queixo pensativo.

Com o envelope e os livros em suas mãos, Arkhen volta à biblioteca e pega a pistola do doutor Lee. O personagem coloca a bala no tambor e engatilha a arma. Apressado, ele pega uma lamparina pequena de querosene ao lado na estante, e a acende.

"São três da tarde, você precisa comer." disse o Mestre.

"Vou ignorar minha fome." responde Arkhen.

"Lhe restarão apenas três pontos em Vontade."

"Prossiga."

O personagem coloca sua mão na barriga e depois na testa, mas com um soco na mesa, diz: "Não vou descansar enquanto não tiver

minha vingança!"

Arkhen força o simulacro a apagar todas as velas, colocar a pistola em seu bolso, pegar os livros e suas folhas dos monstros e ir até o porão, onde ele se esconde mais uma vez no armário, fechando a porta e aumentando a luminosidade da lamparina ao girar um pequeno botão ao lado.

"Quero que o personagem leia todos os livros e eu receba seus conteúdos completamente em minha mente." disse Jacob, soando mais uma vez adulto.

"Que assim seja." disse o Mestre.

O simulacro acelerou-se, e o virar das páginas da leitura dos livros pareceu ser um borrão, junto com algumas pausas onde o personagem coçava sua cabeça, bocejava, batia na parede do armário contendo sua raiva e outras pequenas coisas que tornavam a ilusão de realidade perfeita, junto com escritas rápidas nas folhas de seus inimigos.

Na ficha do lobisomem, observou entradas novas:

- *A noite, é mais suscetível à oferendas;*

- *É chefe da alcateia dos lobos;*

Na ficha da Medusa, verificou outros itens:

- *Subjuga outros seres sobrenaturais pelo seu toque;*

- *Possui fortes poderes mágicos;*

Na ficha do gigante, havia apenas uma linha a mais:

- *Será atingido somente por ataques sobre-humanos;*

Arkhen engoliu em seco, pois aquele resultado era pífio face a sua perda de metade de sua sanidade. De qualquer forma, eram



pistas de narrativas às quais precisava se ater para sobreviver e a conquistar o simulacro subversivo de Damien.

O Mestre virou para Jacob e disse: "Você agora terá uma resistência maior ao sobrenatural como *Ocultista*. Você imagina pelo seu relógio biológico que são mais de dez da noite. Sua fome requer atenção imediata. Terá de dormir em breve, pois está exausto mentalmente."

Arkhen voltou ao simulacro, deixou os livros proibidos em uma estante. Saiu do porão somente com a luz da lua em seus olhos. Pela janela da sala, ele viu a pequena horta do jardim de inverno que seu pai mantinha. Abriu-a com o máximo de cuidado, e então adentrou no jardim, que tal como a cidade, era controlado agora pela natureza desgobernada. Pegou batatas e cenouras que estavam fáceis de colher. Tentava não causar ainda mais exaustão no personagem, mas sentia todo o seu corpo clamar por comida de qualquer tipo. Voltou à cozinha, e com toda a paciência possível, fez um prato com aqueles vegetais, observando que para usar aquela água precisaria fervê-la primeiro, senão quisesse ficar doente.

Sua fome então foi aplacada a um nível mínimo nos controles de aflições (indo para o limítrofe do verde com o amarelo), e logo o personagem sentiu-se sonolento de uma força arrebatadora.

"Quanto tempo quer dormir?" perguntou o Mestre.

"O mínimo possível." pediu Arkhen, pois mais um dia inteiro sozinho em casa certamente enlouqueceria pelo andamento da história.

*O confronto precisa ser logo, enquanto ainda tenho condições mentais!* pensou Arkhen, tentando formular uma narrativa que

levasse em conta tudo o que tinha passado no desafio até então, inclusive as novas pistas sobre os demônios que conquistaram Esmeralda.

"Você poderá dormir por duas horas, em um sono cansado mas superficial, repleto de pesadelos grotescos devido à carga sobrenatural da informação dos livros adentrando seu intelecto de escritor." falou o mestre.

"Conduza o personagem ao armário; faça-o dormir com a porta fechada no meio das roupas; mantenha a pistola sempre ao alcance de sua mão que atira melhor." pediu Arkhen.

"Que assim seja." respondeu o mestre.

O simulacro seguiu os comandos com perfeição. Fechado ali naquele pequeno espaço, o personagem sentiu-se seguro e cobriu-se entre as roupas velhas.

Logo fechou seus olhos, caindo direto no sono.

No simulacro, mais uma vez o tempo avançava rápido.

O personagem acordou em um susto, com sua mão em seu pescoço, em um grito: "Socorro!". A aflição *Tristeza* subiu até um amarelo nos hologramas, e depois foi descendo devagar até o verde, conforme ele acordava.

Atrás deles, haviam dezenas de cópias espectrais do Mestre discutindo e ponderando entre si, flutuando em o que parecia ser um vazio sem fim.

"Lhe restam agora cinco pontos em *Vontade*, Jacob." disse o Mestre oficial e sólido, conferindo mais uma vez as regras escritas em língua demoníaca.

*Droga! Em apenas um dia, já estou beirando à loucura e com menos*



da metade de minha força motivacional — pensou Arkhen.

O menino, pelo intelecto de Arkhen, sentia que surpresas ainda espreitavam pelo simulacro, mas o Mestre ainda sustentava possível vitória do menino, mesmo ele estando parcialmente insano e com fome.

Damien olhava para sua garra de três dedos com raiva.

## 20

Olhando-se no espelho de seu quarto, o personagem não pode esconder um certo sorriso cansado escapar por sua barba farta, sentindo seu antebraço esquerdo inteiro doer e uma atadura em sua mão esconder sua passagem final à loucura.

Pelas frestas na janela, a lua estava alta na madrugada.

Usando dois casacos de couro, ele suava. Com outras ataduras e cintos, seus antebraços tinham pequenas correntes enroladas, para ele poder se defender minimamente de mordidas.

"Vou matar você, filho da puta." ouviu Jacob de seu personagem, falando sozinho pelo simulacro apenas com um pequeno reflexo de sua mente.

"Atenha-se à interpretação da história, Jacob." disse o Vigia em um mínimo sorriso.

Damien riu, e falou com a sua voz demoníaca: *"Você é um escritor de teatro onde as mulheres perdem a roupas para o riso da*

*platéia, Arkhen. Só isso. Não vai matar um demônio sobrenatural de quase três metros de fúria apenas por que leu um livro e papai morreu. Você é uma desonra ao Mestre."*

"Vão existir penalidades, Damien. Discutimos isso." falou o Vigia. "Não influencie a partida intimidando o desafiado."

*Ele está certo, estou louco!* pensou Jacob, interferindo no intelecto de Arkhen, que momentaneamente sentiu-se jogado à um porão de medo cheio de traumas do menino.

Por alguns momentos, o garoto tremeu de medo.

"Apenas conduza sua narrativa, Jacob." falou o Mestre, agora de braços cruzados.

"Certo." disse Arkhen, escapando das garras da mente do menino, e com um soco de sua mão em ataduras quebrou o vidro, olhando-se de perto, fraturado em múltiplos reflexos.

*"Isto é por minha cidade!"* disse Arkhen, e removendo um caco de vidro do espelho, fez um pequeno corte abaixo de seu olho logo acima da barba, rosnando em dor e fúria; logo sua face esquerda tinha uma marca vermelha de guerra.

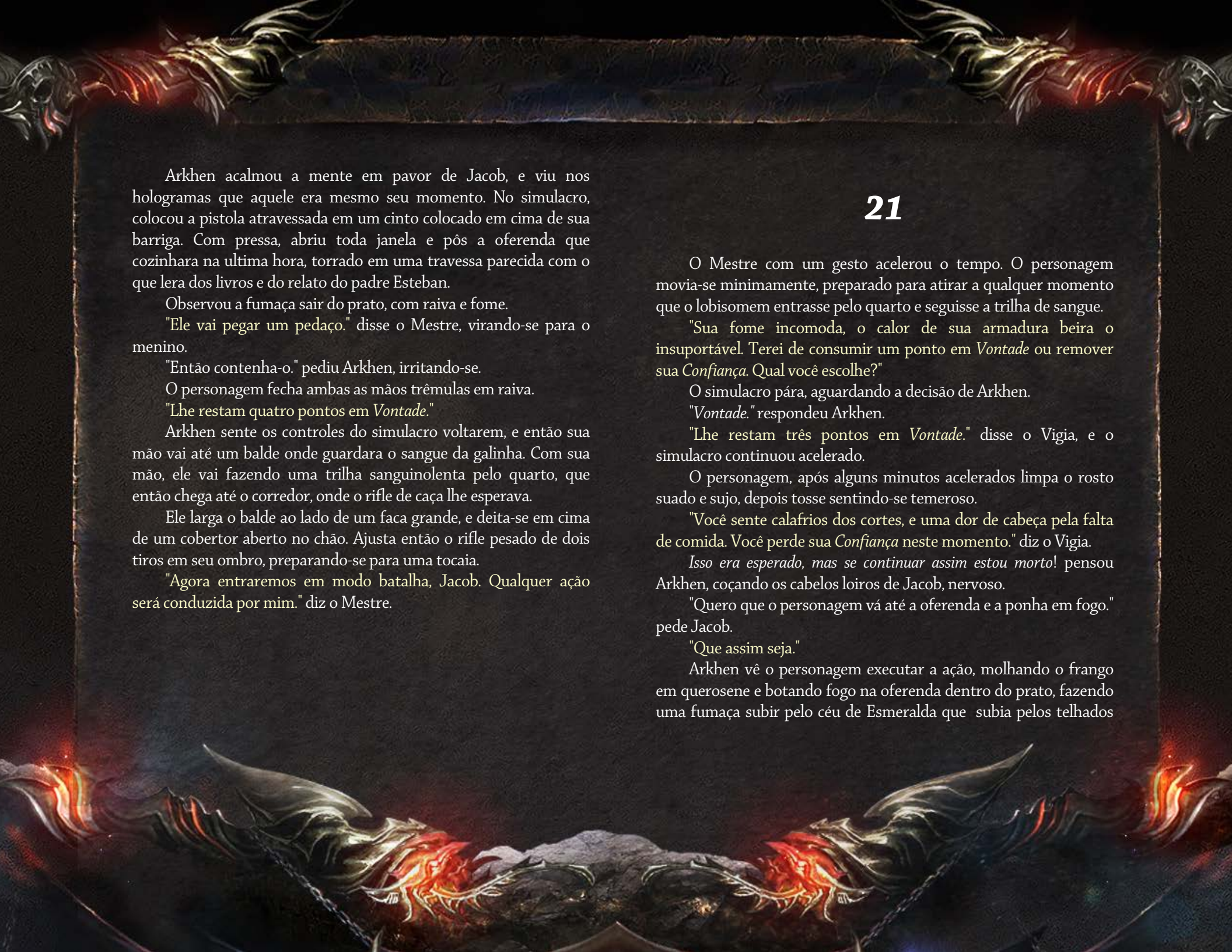
*"Isto é por minha família!"* rosnou ele, fazendo o mesmo corte do outro lado do rosto, cerrando os dentes.

Com o rosto e barba manchados de sangue, ele levou a pistola até o vidro, mirando direto no reflexo de sua testa.

"Só precisa de um tiro. Eu posso fazer isso. Eu TENHO de fazer isso. Nada mais me sobrou desta vida além deste momento." disse o personagem pela mente estrategista de Arkhen.

"Você adquiriu *Confiança* por esta resolução, e seu *Medo* diminuiu significativamente." disse o Vigia.





Arkhen acalmou a mente em pavor de Jacob, e viu nos hologramas que aquele era mesmo seu momento. No simulacro, colocou a pistola atravessada em um cinto colocado em cima de sua barriga. Com pressa, abriu toda janela e pôs a oferenda que cozinhou na última hora, torrado em uma travessa parecida com o que lera dos livros e do relato do padre Esteban.

Observou a fumaça sair do prato, com raiva e fome.

"Ele vai pegar um pedaço." disse o Mestre, virando-se para o menino.

"Então contenha-o." pediu Arkhen, irritando-se.

O personagem fecha ambas as mãos trêmulas em raiva.

"Lhe restam quatro pontos em *Vontade*."

Arkhen sente os controles do simulacro voltarem, e então sua mão vai até um balde onde guardara o sangue da galinha. Com sua mão, ele vai fazendo uma trilha sanguinolenta pelo quarto, que então chega até o corredor, onde o rifle de caça lhe esperava.

Ele larga o balde ao lado de um faca grande, e deita-se em cima de um cobertor aberto no chão. Ajusta então o rifle pesado de dois tiros em seu ombro, preparando-se para uma tocaia.

"Agora entraremos em modo batalha, Jacob. Qualquer ação será conduzida por mim." diz o Mestre.

## 21

O Mestre com um gesto acelerou o tempo. O personagem movia-se minimamente, preparado para atirar a qualquer momento que o lobisomem entrasse pelo quarto e seguisse a trilha de sangue.

"Sua fome incomoda, o calor de sua armadura beira o insuportável. Terei de consumir um ponto em *Vontade* ou remover sua *Confiança*. Qual você escolhe?"

O simulacro pára, aguardando a decisão de Arkhen.

"*Vontade*." respondeu Arkhen.

"Lhe restam três pontos em *Vontade*." disse o Vigia, e o simulacro continuou acelerado.

O personagem, após alguns minutos acelerados limpa o rosto suado e sujo, depois tosse sentindo-se temeroso.

"Você sente calafrios dos cortes, e uma dor de cabeça pela falta de comida. Você perde sua *Confiança* neste momento." diz o Vigia.

*Isso era esperado, mas se continuar assim estou morto!* pensou Arkhen, coçando os cabelos loiros de Jacob, nervoso.

"Quero que o personagem vá até a oferenda e a ponha em fogo." pede Jacob.

"Que assim seja."

Arkhen vê o personagem executar a ação, molhando o frango em querosene e botando fogo na oferenda dentro do prato, fazendo uma fumaça subir pelo céu de Esmeralda que subia pelos telhados



do vilarejo, misturando-se com a lua na visão do personagem. Logo, o simulacro traz o personagem de volta à antiga posição, deitando-se no cobertor e reposicionando o rifle.

"Vou ter de acrescentar *Fadiga* agora nas penalidades."

"Prossiga," disse Jacob.

O tempo acelera-se mais um vez, e uma pequena claridade começa a dar uma nova luminosidade pelas altas horas da madrugada. Mais uma vez, o simulacro pára e o personagem fecha os olhos.

"Ele está a ponto de dormir, pois sua *Fadiga* excedeu seu *Medo* e *Raiva* que diminuíram consideravelmente," disse o Mestre.

"*Você não é um soldado, Arkhen.*" falou Damien, impaciente.

"Aperte o ferimento na mão esquerda, até que sua *Raiva* contraponha a *Fadiga* atual," disse Arkhen, muito inseguro, e fazendo o mesmo movimento que o personagem deveria fazer.

"Certo," disse o Mestre.

O personagem executou a ação, e começou a gritar por entre seus dentes cerrados. *Flagelação* surgiu nos controles outra vez, mas a aflição de *Fadiga* em amarelo opõe-se, e logo aquele rótulo com a caveira desapareceu.

"Evento em curso," disse o Mestre.

Arkhen esbugalhou seus olhos quando ouviu os passos no telhado. O personagem reposicionou-se, trêmulo e piscando muito; ao mesmo tempo sua *Raiva* e *Fadiga* sublimavam-se, e o *Medo* batia quase ao máximo, entrando no início da contagem vermelha de perigo.

Pela primeira vez, a tela do simulacro vai sozinha até o quarto,

e com o som gutural de um rosnado raivoso, mostra o lobisomem pegar aquela oferenda queimada e a jogar no chão, furioso. Com uma cheirada, ele vê o trajeto de sangue e lentamente vai descendo da janela, exibindo garras enormes, quebrando um pedaço do piso com seu peso e força. A câmera do simulacro segue o caminho da criatura em uma perspectiva de perfil, até ele ficar frente a frente com o personagem pela porta aberta diretamente para o corredor.

"Seu personagem agora tem uma chance de atirar, Jacob."

"Quero esperar, ele está longe," disse Arkhen.

"Seu medo e inexperiência não permitem isso. Dentro de si, você percebe que fez uma loucura, e a morte se aproxima. Seu instinto e medo querem se livrar da ameaça imediatamente."

O mestre lhe alcança um dado simples de seis lados, e uma pequena mesa de jogo com um feltro verde surge na frente dele para ele rolar sua sorte.

"Jogue este dado para um tiro de rifle na criatura. O valor que você tirar deverá ser diminuído em dois pontos por este medo galopante, a distância e pouca claridade. O fato de ser *Ocultista* lhe garantiu não ter ainda mais um ponto de penalidade. Mesmo assim, esta arma não fará muita diferença à criatura, apenas de forma temporária," diz o Mestre.

"Isto é ridículo!" reclamou Arkhen, mesmo sabendo que tudo relatado pelo Mestre estava correto e perfeito, porém o menino ao redor de seu intelecto precisava extravasar suas angústias também com certa pressa.

"Lhe falei que haveriam penalidades," disse o Mestre.

Jacob segurou o dado, jogou-o e tirou um quatro.



"Dois de seis em dano." falou o Mestre.

No simulacro, o personagem atira e a bala acerta o peito da criatura, mas fazendo mais barulho que o pequeno furo.

A criatura rugiu surpresa, e deu um passo para trás.

O simulacro parou de novo.

"Próxima ação." pediu o Mestre.

"Quero tirar a pistola." pediu Arkhen.

"Que assim seja, o tempo irá ficar lento." diz o Mestre.

A fera toca com sua mão o ferimento, enquanto isso o personagem levanta-se da tocaia, joga o rifle no chão e puxa devagar a pistola de seu cinto, com seus olhos no bicho, que também vai se aproximando, preparando um pulo de bote. Quando o personagem estica a pistola até o monstro, o mesmo já está no ar.

O filme no simulacro pára.

"Certo, Jacob. Agora vamos ver onde a pistola vai acertar. Desta vez, um lampejo de confiança surge em você, pois sabe que esta bala é a que vai feri-lo mortalmente. Junto com sua inexperiência e o fato de pistolas serem menos precisas que um rifle, sustento ainda dois pontos de penalidade ao resultado de seu dado."

Arkhen engoliu em seco: "Não posso usar minha força de vontade para melhorar a mira?"

"Olhe melhor a cena, Jacob."

O monstro ocupava quase todo o corredor, e, contrário ao que o padre Esteban teria revelado, este lobisomem estava em seu pleno vigor físico, com músculos sobrenaturais e presas que não eram de lobos, mas talvez de um *tigre de sabre* que o menino teria visto em um museu.

"Certo." disse Jacob, jogando o dado e obtendo cinco.

"Dano de três em seis." falou o Mestre.

"SIM!" gritou Jacob em uníssono com Arkhen, apostando sua própria vida.

A bala acerta perto da clavícula e quase junto ao pescoço da fera, e naquela velocidade reduzida, pode-se ver um enorme espanto na feição horrenda da criatura peluda, junto com um ganido alto de uma dor que ele nunca teria sentido, fazendo-o cair no meio daquele pulo, e agora a três passos do personagem.

O Vigia então falou: "Você vê completamente a fera em sua monstruosidade sobrenatural pela primeira vez, muito próximo de si, e seu medo está no máximo. Uma pessoa normal entraria em choque ou desmaiaria. Você irá precisar gastar um ponto de vontade apenas para continuar. Lhe restam dois pontos."

"Tudo bem." disse Arkhen, reconhecendo em seu intelecto que ele também fora esta mesma monstruosidade, mas no mundo real, em outra vida milênios atrás.

O monstro ruge, sentindo uma dor incrível pelo jeito que ele rola no chão angustiado.

"A prata ainda vai levar um tempo para reagir, Jacob."

O monstro volta sua face de fúria ao personagem, e dá um rugido de revolta tão alto, tão estridente, que Arkhen não consegue conter a mente do menino, que imediatamente se esconde atrás do próprio Mestre.

O simulacro pára.

"*Crianças!*" rugiu Damien.

"Qual sua próxima ação, Jacob?" disse o Mestre, conduzindo o



garoto de óculos ao seu lugar.

"Q-queró que e-le, digo, o p-personagem..." Jacob engole em seco, apavorado, "que ele largue a a-arma e pegue o rifle de volta, para tentar o último t-tiro." falou Jacob, tremendo dos pés á cabeça, deixando Arkhen isolado e assoberbado mais uma vez dentro da mente do menino.

"Que assim seja." disse o Mestre.

O personagem atua de acordo, jogando sua arma no chão e pegando o rifle, enquanto o Lobisomem segura o local onde fora ferido com a prata, ainda sem ação.

"Jogue o dado para disparar o rifle." pediu o Mestre.

Jacob pega o dado, o joga e obtém um dois. No simulacro, a arma não consegue disparar, somente queimando a pólvora. Enquanto Jacob reclamava, o monstro cambaleou para frente e derrubou o personagem, que também solta a carabina no chão tamanha a força do empurrão.

Todos vêm a cena toda desenrolar-se devagar.

Com o personagem no chão, o simulacro pára de novo.

"O que quer fazer agora, Jacob." perguntou o Mestre.

"Preciso pegar o facão ao lado à qualquer custo."

"Seu personagem não tem histórico de combate, e não tem como executar esta ação com suas atuais habilidades, muito menos estado emocional."

"Espere!" pediu Jacob.

A fera prepara um ataque com sua garra em cima dele.

*"Escolha um dedo, Arkhen."* riu Damien.

## 22

"Jogue o dado para defender-se." falou o mestre.

Jacob pega o dado com seus olhos esbugalhados, pois tudo estava escapando de seu controle, e a criatura ainda resistia, mesmo com toda a sorte que tivera anteriormente.

O dado voou pelo feltro verde, e pára em quatro.

O simulacro responde com o personagem levando seus braços para cima, defendendo seu rosto um tanto desajeitado, sem olhar por onde a garra viria.

*Terror*, acusava-se piscante nos hologramas.

A garra raspa e solta faíscas pelas correntes, e os dois casacos são feitos em tiras por onde elas passaram.

"Seu braço esquerdo está quebrado em três locais diferentes pela pressão, com esfacelamento severo em um dos ossos. Ele não poderá ser mais usado na luta." disse o Mestre.

Arkhen abre espaço na mente convalida de Jacob com o máximo de força que tinha. O lobisomem agora avançava pelo chão feito um lobo, e então o desafio pára.

"Qual sua próxima ação, Jacob?" pergunta o Mestre.

*Sobreviver primeiro*, pensou Arkhen.

"Com o ombro esquerdo, gire-o de modo a oferecer somente o braço esquerdo inutilizado, protegendo-me e virando um pouco para a direita; vire também meu rosto para o mesmo lado e



mantenha-o ali, evitando contato visual com a criatura."

O simulacro agiu de acordo, enquanto a boca enorme do lobo mordia o braço e correntes do personagem, que gritava de dor e repulsa.

"Próxima ação, Jacob?" pergunta o Mestre.

"Pegue agora o facão com a mão direita, ele não tem nenhuma outra escolha para sobreviver."

"Vai requerer um ponto de *Vontade* pelo seu *Terror*. Depois disso, você terá apenas um único ponto remanescente, Jacob."

"De acordo." falou Arkhen.

O simulacro continua em sua velocidade devagar, e enquanto o monstro morde e sacode o braço esquerdo com pedaços de madeira ensanguentados de uma maneira furiosa e burra, o personagem alcança o facão com um esforço extremo.

Mais uma vez a ação pára.

"Jogue o dado para atingi-lo com o facão, com menos três pontos de penalidade, pois a fera ainda possui reflexos sobre-humanos, mesmo a prata já atuando forte em seu corpo." diz o Mestre.

Arkhen pega o dado, e tira dois.

O personagem faz o movimento com seu braço direito intacto e acerta apenas o ar, enquanto aquela cabeça de lobo consegue facilmente desviar-se do golpe, ainda mordendo o braço do personagem com sua fúria animal — ao mesmo tempo, já nota-se seus músculos diminuírem-se, e aquele pêlo negro, forte e reluzente começa a retrair, mostrando pele humana por baixo.

A ação pára repentinamente.

"O que deseja fazer?" perguntou o Mestre.

"Nada, vou esperar." disse Arkhen.

"Vou ter de gastar o último ponto de *Vontade* para agüentar este turno de dor para não desmaiar." falou o Mestre, voltando-se ao menino.

"Certo." disse Arkhen, esperando o monstro ficar cada vez mais humano em sua frente.

O personagem cerrava os dentes e urrava de dor, mas mantinha o resto de seu braço na mesma posição. Arkhen aguardou com uma mão nervosa, puxando seus cabelos de garoto de treze anos. Dentro de si, sentia um turbilhão de coisas, e usava toda a sua concentração para que o cérebro apavorado do menino não colocasse tudo à perder.

*Mais um pouco, mais um pouco!* pensava Arkhen.

E então o monstro pára de morder, dando-se conta sobre os efeitos da bala especial da pistola, saindo um pouco da selvageria da criatura e percebendo um pouco melhor a luta e o que realmente estava fazendo.

"AGORA!" pediu Arkhen, jogando o dado.

Tirou um cinco.

Damien rosnou furioso do outro lado.

"Dano de quatro pontos, pois a prata já diminui consideravelmente a transformação da criatura e neste momento está entendendo que sua forma está mudando. Você acerta uma orelha, que é um dos pontos fracos, e ele não poderá lhe atacar no próximo turno."

O simulacro age como o Mestre descreveu, mostrando o lobisomem (agora em um estágio intermediário entre humano e



lobo) levantando-se em agonia, com mãos ainda enormes em sua cabeça.

"Levante-se junto, devagar e mostrando o facão, de forma intimidadora." pediu Arkhen.

O rótulo *Vingança* surgia novo nos hologramas.

"Você matou meu pai, desgraçado!" falou Arkhen, e logo depois o simulacro mostrou sua versão perfeita, onde o personagem gritava e cuspiu sangue, limpava-se com o braço direito que ainda respondia com a faca grande, segura com o máximo de força no punho.

O monstro grita de dor, ainda de forma sobrenatural.

"Você pode atacar, com três penalidades, pois seu braço quebrado lhe deixa sem equilíbrio e seu receio instintivo ainda lhe contrai todo o abdômen." disse o Vigia.

Arkhen jogou o dado e tirou um seis.

*"Filhodaputa!"* rosnou Damien.

O personagem gingou de um jeito esquisito, e então fez um corte diagonal longo no peito do bicho; porém rolou-se logo após no chão, soltando o facão e segurando seu outro braço quebrado, apavorado e em choque, evidentes em seus olhos petrificados.

"Você atingiu a exaustão emocional. Dois turnos sem ação em penalidade." diz o Mestre.

A criatura semi-transformada com um enorme corte em seu peito caiu ao lado, rosnando, sangrando e tremendo.

O personagem somente observa o monstro, engasgando-se em pavor. Arkhen viu os hologramas mostrarem em seus controles aflitivos a tradução da batalha em sua frente.

O monstro, já semi-humano e com pouco pêlo, arrasta-se até o

outro, subindo de forma arrastada por cima dele. Com unhas fortes ainda, avançou lentamente.

"Primeiro turno encerrado." disse o Mestre.

Aquele corpo sanguinolento, que era uma caricatura sobrenatural de seu amigo Leonard, ainda tinha presas ainda muito evidentes e mesmo ferido mortalmente ainda tinha um ímpeto final subindo pelo personagem aterrorizado.

A coisa colocou uma mão semi-transformada no pescoço do personagem, e começou a estrangulá-lo.

O personagem sentiu o ar lhe faltar, em pânico.

"Segundo turno encerrado." disse o Mestre.

Damien riu mais uma vez: *"Más companhias, Arkhen."*

O personagem continuava a se engasgar.

*Precisa de muita força para matar alguém assim,* pensou Arkhen.

Em um reflexo, seu intelecto impulsionou-se para a frente, para dentro do personagem. Sentiu então o apertão forte, como se fosse em sua própria garganta sendo esganada.

*Ainda falta muito e sua força demoníaca está diminuindo,* reconheceu Arkhen de seus próprios dias de assassinato, ignorando a dor passiva de seu personagem.

"O que vai ser?" perguntou o Mestre, enquanto no cinema a criatura cuspiu sangue entre presas que iam diminuindo pouco a pouco.

"Vou... ainda aguardar mais um pouco." respondeu o menino.

*Ele vai sofrer mas não será seu fim,* pensou Arkhen.

"Ponto sem volta de um estrangulamento em quinze segundos." disse o Mestre, um pouco apressado.



Na tela, o personagem engasgava-se enquanto o monstro rugia, cada vez mais humano e menos peludo, já juntando sua outra mão no pescoço do personagem.

“Oito segundos.” disse o Mestre.

Os olhos do personagem injetavam-se de vermelho.

“*Morra Arkhen!*” gritou Damien, em sua voz terrível de uma monstruosidade real com três espíritos ainda brilhando de dentro de sua barriga.

Jacob olhava a cena contorcendo-se.

“Estique o braço direito o máximo para o lado.” disse Arkhen.

O personagem lentamente executou a ação, arrastando as correntes pelo chão.

“Cinco segundos.” falou o Vigia com sua enorme cabeça.

O lobisomem agora aproximava-se e rosnava direto no rosto do outro, por vezes gritando como um insano.

“Junte toda a força e concentração possível do personagem em seu antebraço direito com as correntes.” disse o menino apressado, enquanto o personagem olhava com o canto de seus olhos seu braço direito ainda responsivo.

“Feche a mão dele, projete raiva o máximo possível.” disse Arkhen, agora mostrando um Jacob mais sério e estrategista.

“Dois segundos!” falou o Mestre, um tom mais alto.

“ACERTE A CABEÇA DELE AGORA COM AS CORRENTES USANDO TODA A FORÇA!” gritou Jacob.

O personagem, em um único movimento rápido, girou seu braço direito e acertou as correntes no monstro de novo na orelha disforme e grande da criatura, que rolou para o lado, ganindo e

gritando, convulsionando-se.

“Ponto sensível atingido, um turno sem ação para a criatura.” falou o Mestre.

“Levante o personagem, use a raiva ainda como motivação.” disse o garoto, fechando seus punhos.

Na tela do simulacro, a ação correspondeu com exatidão à descrição, junto com uma respiração forçada por uma garganta com as marcas vermelhas recentes dos dedos do monstro.

“Puxe-o pelos cabelos até a escada.” disse Arkhen, com uma expressão de fúria pelo rosto de menino de Jacob.

Lentamente o outro puxou a criatura que parecia tonta pelo golpe, mas já transformara-se em um rapaz de trinta anos, de um cabelo negro comprido.

“Desça-o por um degrau com sua cabeça inclinada para baixo.”

Com sofreguidão, o personagem fez o pedido.

“Fim do turno.” disse o Vigia.

“Levante o braço com as correntes até em cima, junte forças e raiva.” falou Jacob, horrorizado e percebendo o que Arkhen iria fazer.

“Pare, p-por f-favor...” disse um Leonard adulto na pele do lobisomem, agora não mais uma criatura e sim um rapaz nu e assustado, cheio de cortes e sangrando por todos os lados.

“ACERTE A CARA DELE!” disse Arkhen em fúria.

O personagem gritou: “*Morra desgraçado!*”

Sangue voou para o rosto do personagem.

“Livre arbítrio resumido.” falou o Vigia.

Arkhen pulou para o simulacro em seu reflexo mental, e então



encarregou-se de matar o outro, batendo sem parar até aquele rosto virar uma massa vermelha pela ação das correntes, em gritos de loucura.

A criatura morreu engasgada em seu próprio sangue.

Mesmo assim, Arkhen continuou a bater.

*"Já chega! Ele está morto!"* disse Damien, furioso.

O Mestre virou-se, curioso: Jacob sorria com os olhos assassinos de Arkhen, em uma expressão de satisfação completa.

## 23

"Você irá morrer em quatro horas pelos ferimentos." disse o Mestre, esperando uma reação de Jacob, que agora estava confuso e perplexo com o que fizera com a criatura.

"Me d-desculpe." disse o menino, abaixando sua cabeça.

"Sua garganta tem sangramento interno. Seu braço precisa de atenção imediata, com uma fratura exposta e esfacelamento de osso. Dois dedos de sua mão direita estão quebrados. A garra da criatura possui agentes venenosos, detalhe este que não foi escrito em nenhum registro das lendas. Você percebe-se com algo já incomodando por todo seu corpo, e em vinte minutos estará febril." falou o Mestre.

O personagem parou de bater, e respirava ruidosamente com um chiado devido ao estrangulamento. Seu braço esquerdo caía ao lado, sangrento e com uma protusão amarela no meio das correntes.

O pulso acelerado andava em conjunto com o arfar sofrido de seu peito. Ele suava demais por toda aquela armadura rústica.

*Tenho pouco tempo agora!* pensou Arkhen, diminuindo-se dentro da mente do garoto após se exacerbar ao matar aquele transmorfo das lendas de Esmeralda.

*O que está acontecendo comigo? De onde veio esta fúria?*

*E se Damien perceber o artefato? O que devo fazer?*

Por um momento, o menino fechou seus olhos com todas aquelas questões, enquanto no cinema do simulacro o cadáver retorcido do lobisomem regenerava-se lentamente.

*Preciso matar as outras criaturas, e o que estou fazendo não é uma narrativa correta, pois já recebi a notificação de morte do Mestre. Não sobreviverei assim, é impossível!*

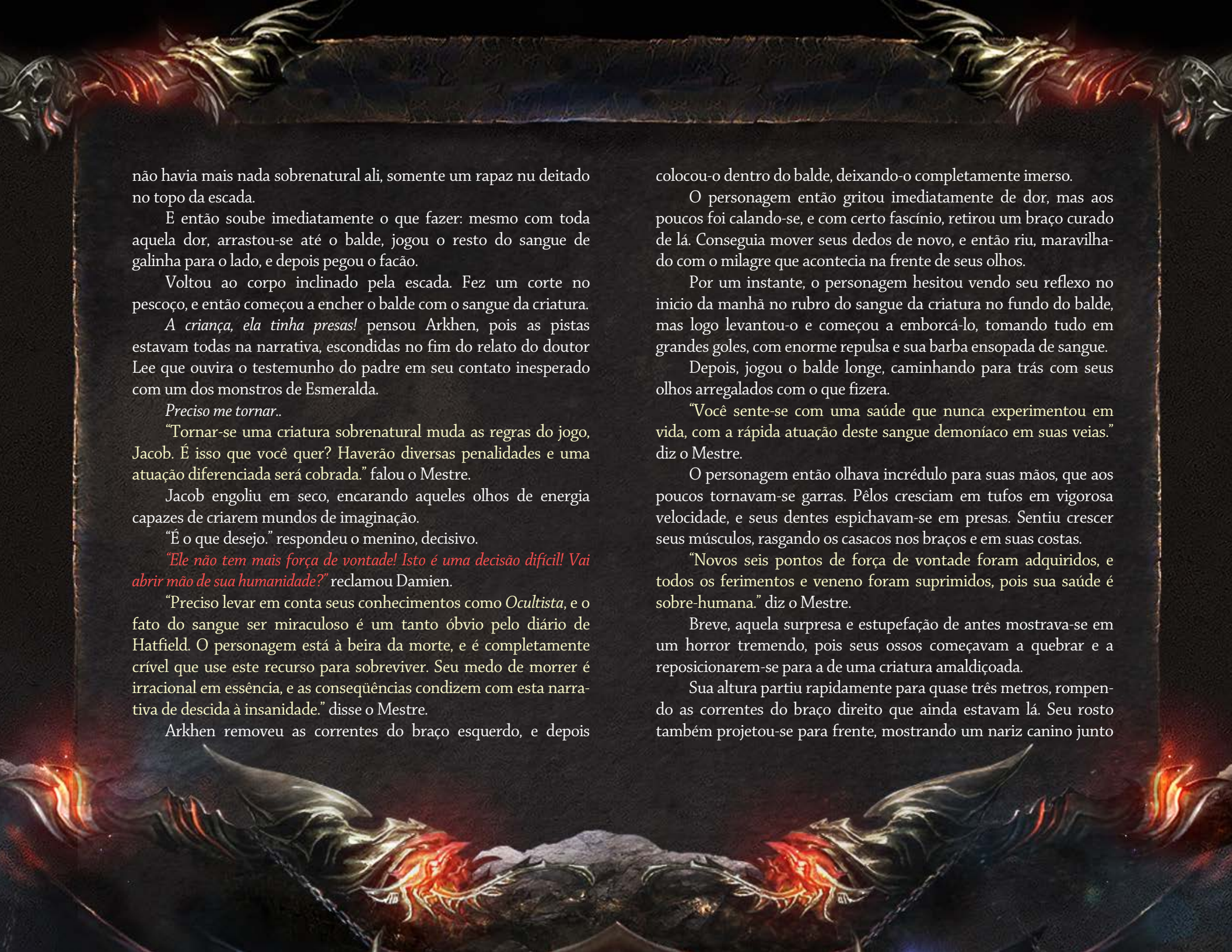
Arkhen sentia agora todo o peso de suas decisões, e via-se preso dentro de um buraco sem volta. O corpo do garoto suava frio, e seu abdômen tremia e se contraía, como se tivesse vida própria.

Arkhen então escolheu a mente insana do escritor, onde estaria mais perto daquela realidade monstruosa, muito perto da morte, mas também as soluções deveriam se apresentar pelo rolar da história.

Abriu seus olhos já dentro do simulacro.

Entre as tossidas quase engasgadas do personagem (automáticas em micro-eventos pelo Mestre), viu o rosto do personagem clarear-se e as feridas já fechando. Aproximou-se em um pulo de olhos arregalados, observando o milagre em sua frente. Dentro da mente do personagem, percebia que o medo tinha sumido de si, pois





não havia mais nada sobrenatural ali, somente um rapaz nu deitado no topo da escada.

E então soube imediatamente o que fazer: mesmo com toda aquela dor, arrastou-se até o balde, jogou o resto do sangue de galinha para o lado, e depois pegou o facão.

Voltou ao corpo inclinado pela escada. Fez um corte no pescoço, e então começou a encher o balde com o sangue da criatura.

A *criança, ela tinha presas!* pensou Arkhen, pois as pistas estavam todas na narrativa, escondidas no fim do relato do doutor Lee que ouvira o testemunho do padre em seu contato inesperado com um dos monstros de Esmeralda.

*Preciso me tornar..*

“Tornar-se uma criatura sobrenatural muda as regras do jogo, Jacob. É isso que você quer? Haverão diversas penalidades e uma atuação diferenciada será cobrada.” falou o Mestre.

Jacob engoliu em seco, encarando aqueles olhos de energia capazes de criarem mundos de imaginação.

“É o que desejo.” respondeu o menino, decisivo.

*“Ele não tem mais força de vontade! Isto é uma decisão difícil! Vai abrir mão de sua humanidade?”* reclamou Damien.

“Preciso levar em conta seus conhecimentos como *Ocultista*, e o fato do sangue ser miraculoso é um tanto óbvio pelo diário de Hatfield. O personagem está à beira da morte, e é completamente crível que use este recurso para sobreviver. Seu medo de morrer é irracional em essência, e as consequências condizem com esta narrativa de descida à insanidade.” disse o Mestre.

Arkhen removeu as correntes do braço esquerdo, e depois

colocou-o dentro do balde, deixando-o completamente imerso.

O personagem então gritou imediatamente de dor, mas aos poucos foi calando-se, e com certo fascínio, retirou um braço curado de lá. Consequia mover seus dedos de novo, e então riu, maravilhado com o milagre que acontecia na frente de seus olhos.

Por um instante, o personagem hesitou vendo seu reflexo no início da manhã no rubro do sangue da criatura no fundo do balde, mas logo levantou-o e começou a emborcá-lo, tomando tudo em grandes goles, com enorme repulsa e sua barba ensopada de sangue.

Depois, jogou o balde longe, caminhando para trás com seus olhos arregalados com o que fizera.

“Você sente-se com uma saúde que nunca experimentou em vida, com a rápida atuação deste sangue demoníaco em suas veias.” diz o Mestre.

O personagem então olhava incrédulo para suas mãos, que aos poucos tornavam-se garras. Pêlos cresciam em tufo em vigorosa velocidade, e seus dentes espichavam-se em presas. Sentiu crescer seus músculos, rasgando os casacos nos braços e em suas costas.

“Novos seis pontos de força de vontade foram adquiridos, e todos os ferimentos e veneno foram suprimidos, pois sua saúde é sobre-humana.” diz o Mestre.

Breve, aquela surpresa e estupefação de antes mostrava-se em um horror tremendo, pois seus ossos começavam a quebrar e a reposicionarem-se para a de uma criatura amaldiçoada.

Sua altura partiu rapidamente para quase três metros, rompendo as correntes do braço direito que ainda estavam lá. Seu rosto também projetou-se para frente, mostrando um nariz canino junto



à uma bocarra de dentes enormes.

“Como lhe avisei, haverão penalidades. Sua inteligência reduziu-se praticamente à de um gorila devido à força da transformação, mas ainda retendo alguma condição humana. Conforme sua fome, sobrevivência ou eventos lunares, tal percepção retrocederá ainda mais para à selvageria de um lobo.” diz o Mestre.

Sentindo a fome em seu estômago, a criatura rugiu feroz.

*É impossível contê-lo!* reagiu Arkhen, sentindo o simulacro tomar conta da narrativa.

O personagem monstro viu o cadáver em sua frente, e então com uma fúria animalesca, usou suas garras nele e enfiou sua boca enorme lá, estripando-o e voando sangue e vísceras para todos os lados, com rugidos terríveis.

Nos hologramas so simulacro, Arkhen viu a *Fome* alcançar até o vermelho, enquanto outra palavra, *Bestialidade*, aparecia em evidência. As antigas aflições humanas foram sumindo (talvez indo para algum subconsciente simulado pelo Mestre), e os hologramas iam se simplificando apenas para aflições como *Fome (vermelho)*, *Perigo*, *Presença humana*, *Presença sobrenatural*, *Sede de sangue (amarelo)*, *Senso sobre oferendas*, *Influência Lunar (vermelho)*, *Raiva e Dor*.

Arkhen verificou que pouco restava do antigo escritor boêmio de peças de comédia, agora transformado em um monstro selvagem, com três metros de uma fúria sem fim.

Depois de algum tempo, a criatura comia mais devagar, mastigando nacos de carne e osso como um leão sobre sua presa.

## 24

O espírito à salvo de Jacob no limbo viu a luta pelo espelho da caverna como um filme: sem as paradas e como uma só sequência fluida. Com horror, viu o personagem tornar-se a própria lenda, e virou seu rosto quando o monstro rugiu e avançou sobre o corpo do outro rapaz, rugindo como um tigre faminto sobre uma carcaça.

Neste momento, espectros saem de dentro das paredes da caverna, e de suas emanções azuis, Jacob percebe todas as suas características: eram pessoas de outros séculos, de todos os lugares do mundo, todos humildes em suas vestes.

Um rapaz oriental aproximou-se, tocando na mão do menino que se assustava.

*“É chegado o momento.”* disse uma voz sobrenatural, mas havia um sorriso junto consigo, e na face de todos o menino percebeu uma certa admiração por ele.

O anel de Jacob lançou um lampejo tênue naquele escuro cheio de outros fantasmas curiosos, cada um observando Jacob como se fosse uma divindade, tocando em seus cabelos e rosto, fazendo ele sorrir pela primeira vez em muito tempo.

Logo, todos olhavam de volta ao simulacro pelo espelho.





100

Arkhen sentiu dentro de si o sinal do artefato chamando-o de volta. Imerso dentro da complexidade do cérebro físico de Jacob, ele agora precisaria voltar, pois a energia que tinha reservado para a projeção de seu intelecto estava chegando ao fim.

*Preciso devolver este jogo de uma maneira mais simples, se não o menino não conseguirá vencê-lo!* pensou Arkhen.

Depois de perceber que sua fome saciara, fez a criatura descer a escada, com muita paciência e contornando às rédeas do simulacro que voltava-se à todos os lados, um pouco inseguro e indeciso sobre tudo, mas conduzindo toda aquela monstruosidade de três metros pela casa.

“Quero voltar a ser humano.” pediu Arkhen.

“Necessita três pontos em vontade.” respondeu o Mestre.

*É muito!* pensou Arkhen.

“O que consigo com dois pontos?” perguntou o menino.

“Você se torna um híbrido. Terá parte de seu personagem de volta, junto com parte das outras antigas aflições. Sua insanidade vai ser removida, pois sua realidade mudou, e o que era muito fora de seu mundo, agora é o seu presente vivo em sua carne. Haverão penalidades, e seu campo de atuação ficará restrito, pois sua inteligência co-habita um monstro, dentro de um cérebro re-escrito pela maldição do lobisomem.”

“Prossiga.” pediu o menino, um pouco apressado.

“Lhe sobram quatro pontos de vontade.” falou o Mestre.

No fim da escada, a criatura então levou suas mãos à cabeça, e

em rosnados e rugidos, deitou-se no chão, com seu rosto e corpo diminuindo aos poucos, enquanto sua figura era envolta com uma espécie de brilho branco, que Jacob percebeu ser o mesmo que o brilho da lua forte dentro de casa.

Foram alguns segundos de agonia, mas o monstro agora era, de fato, um meio-lobo e humano, e os traços humanos do personagem voltavam a ser percebidos, numa barba ainda mais forte, junto com longas sombrancelhas e vasto cabelo.

*Parece como nos filmes!* registrou a mente de Jacob, ao redor do intelecto de Arkhen, mantido ali forçadamente pela ação do artefato superior.

O ser levantou-se, aquele brilho desapareceu, e o início do dia surgia na janela. Arkhen tentou os controles do simulacro e conseguiu fazer o monstro caminhar até o banheiro, onde ficou por um tempo olhando-se no espelho.

Conferiu seus dentes e língua, e então riu, mas o que saiu de sua garganta foi mais um rosnado que risada.

Seus olhos eram vermelhos, e sem dúvida, de um monstro.

Por um longo tempo, Arkhen então limpou-se do sangue do outro, tomando bastante água da pia. Com um fósforo, acendeu dois tocos de madeira debaixo de uma grande balde de água, e então despejou-o na banheira proseguindo com um banho. Secou-se e vestiu-se, mesmo não sentindo frio por aquele corpo sobrenatural. Com um pente, ensaiou um sorrindo de grandes presas enquanto ajeitava seu cabelo repartido aos dois lados.

Arkhen olhou o Mestre a seu lado.

*Interpretação!* pensou Arkhen.



*"Ainda bem que sempre existe outro dia. E outros sonhos. E outros risos. E outras coisas. E outras pessoas. E outros amores."* falou a criatura no espelho, com dificuldades em pronunciar os plurais por causa dos dentes, ajustando seu colarinho para cima em uma roupa apertada, pois estava com quase dois metros de altura, enquanto lembrava uma frase de Shakespeare de seu tempo no teatro.

O mestre sorriu: "Você recebeu um ponto em *Charme*."

O garoto e o Vigia com sua grande cabeça riram no escuro do cinema, enquanto o dragão conferia seu livro de regras, virando as páginas incessantemente. O personagem saiu do banheiro, deixando para trás todo aquele sangue nas toalhas e dentro da banheira.

Arkhen pode notar *Bestialidade* diminuir bastante nos hologramas, por toda aquela cena e interpretação do personagem tentando buscar sua humanidade dentro da pele de um monstro.

Nos hologramas, *Stresse* subiu rapidamente ao personagem ver a destruição do segundo andar e o cadáver aberto e exposto no topo da escada.

"Você sente-se cansado mentalmente por tudo que aconteceu. Parte de si ainda reluta que você deixou de ser humano, e quer que as coisas voltem ao passado. Seus poucos pontos em vontade agem em você com um cansaço em forma de estresse, e embora seu corpo físico esteja completamente curado, você percebe que sua loucura transformou-se em realidade." falou o Mestre.

O personagem segue caminhando, conduzido pelo Mestre, e entra na biblioteca.

"Ele irá dormir agora pela manhã, tal como animais de caça noturna o fazem. Esta é uma das novas condições de interpretação,

Jacob." disse o Mestre, voltando seus olhos brancos de pura energia ao menino.

"Sim." disse Arkhen, enquanto a criatura deitava-se no sofá.

No simulacro, o sol já brilhava na colina Esmeralda, onde todos os homens e mulheres já haviam deixado aquela terra abençoada por Deus.

"Nos veremos após um breve recesso."

Jacob estava sozinho novamente, e aquela sala pequena com um sofá e seu caderno lhe aguardavam.

O menino sentiu uma pontada em seu peito, reflexo de Arkhen que sabia ser sua última vez dentro de um simulacro com o máximo que chegara perto de Deus.

*✍*

Na caverna, todos viram o espelho tornar-se branco pouco a pouco, como uma névoa sobre a criatura que dormia dentro da biblioteca. Jacob levantou-se e todos acompanharam Arkhen surgir da abertura da caverna, junto com a claridade de um novo dia.

Passo a passo, os dois encurtaram a distância.

Com um abraço, Jacob falou: "Obrigado, eu não saberia me defender de tantas coisas."

"Somos todos um." falou Arkhen arrumando o cabelo desarrumado do gartoto. "Esta separação é ilusória e temporária."

Os olhos molhados do menino viam em Arkhen o pai que ele nunca teve em vida. Os fantasmas ao redor fizeram um círculo.

"O desafio de Damien é o mais difícil que já joguei. Ele tentou



diversas armadilhas emocionais e quase fui à loucura.”

“Não havia outra maneira, a não ser tornar-se um monstro.”

“Sim, Jay. A criatura de duas cabeças só pode ser derrotada por outro monstro, seguindo as regras obtidas pela narrativa. De qualquer maneira, precisamos descobrir como matar os outros dois, que obviamente são mais poderosos que o próprio lobo.” falou Arkhen, sentindo-se melhor com sua própria voz e seu próprio corpo projetado no limbo, não mais apertado dentro da consciência de Jacob no mundo real.

O menino olhou ao seu redor, fantasmas por toda parte.

“E agora?” perguntou ele, receoso.

O anél já estava no dedo de Arkhen.

“Vamos derrotar Damien, todos juntos agora.”

“E se eu me perder.”

“Estarei junto contigo, mas tão dentro de você que não irá perceber diferença.” falou Arkhen.

“O desafio... é demais para mim!”

“Você não é mais nenhum menino, Jacob.”

A caverna começou a tremer, e Arkhen levantou seu mão com o anél para cima, acionando alguma magia que para Jacob parecia a mesma que Damien fizera para chamar o Mestre dos jogos. Uma aura forte e branca surgiu ao redor de Arkhen, enquanto ele gritava em agonia. Os fantasmas de outras vidas foram um por um ao encontro de Arkhen, enquanto aquele terremoto continuava forte.

A abertura da caverna implodiu-se, e somente a aura de Arkhen iluminava onde eles estavam agora, em uma prisão de gelo.

Ele estendeu sua mão com sofreguidão, seu rosto em agonia

por estar exposto aquele enorme poder do artefato.

“N-não tenha m-medo.” pediu Arkhen, com seus olhos parecidos com os do Vigia, cheios de uma enorme energia que parecia queimar de dentro, vindo de um lugar celestial de iluminação.



# JOGOS DE JACOB

## Parte 4

25

“Acorde, Jacob” disse o Mestre.

O garoto estava debruçado no sofá, como se uma exaustão tivera lhe acometido, e lhe sobrara tempo apenas para colocar sua cabeça entre os braços.

Aos poucos foi acordando, e virou-se para a voz.

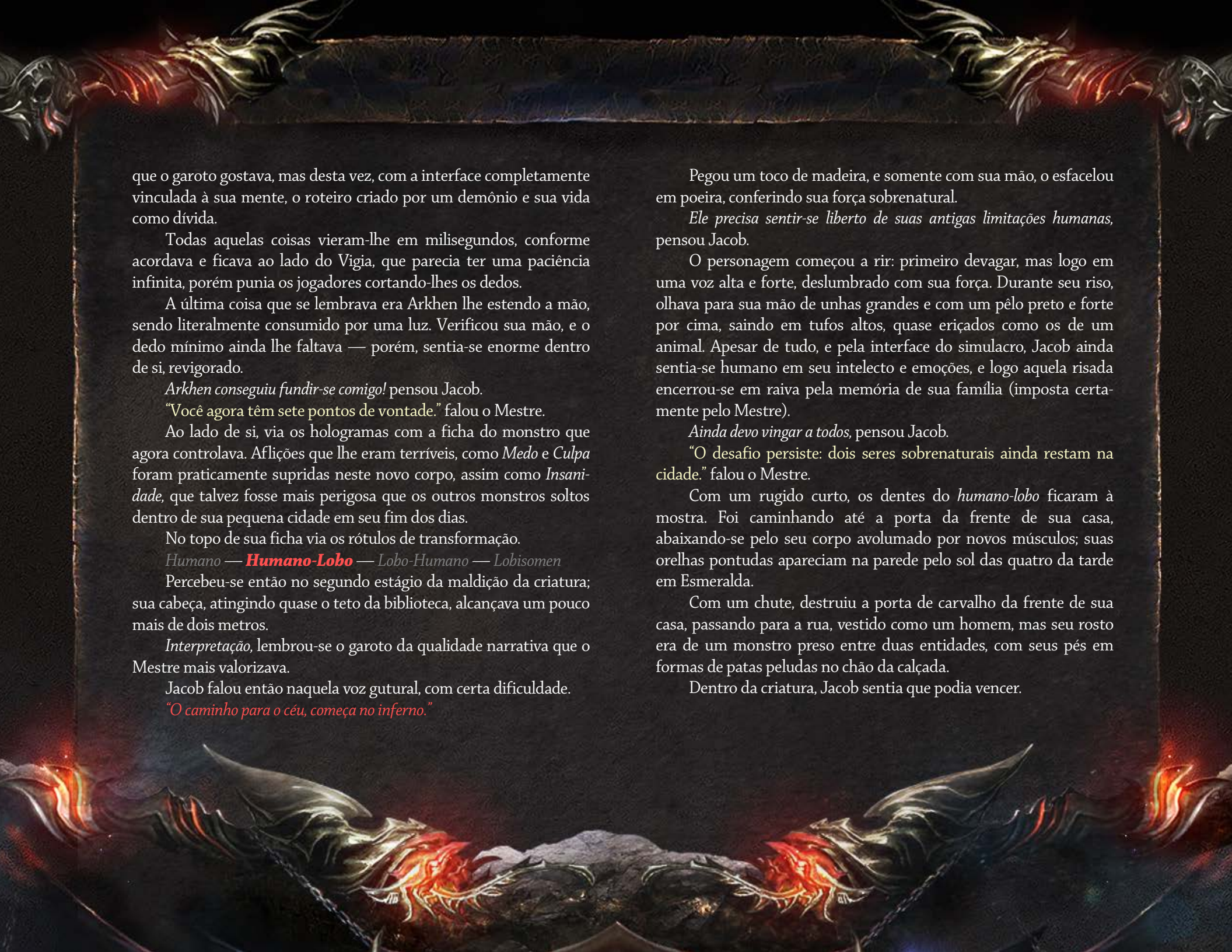
O Vigia dos X-Men, Mestre dos Jogos, ainda estava lá, e o dragão Damien, seu irmão demônio de uma vida passada o encarava com desprezo — dentro de sua barriga, três esferas de energia (a maior, de seu amigo Leonard) brilhavam pelas suas escamas vermelhas, dando-lhe um brilho amarelo e vermelho sinistro.

O menino desconfiava de que não sentiria fome, mesmo se o seu jogo durasse meses ali dentro de uma estrutura infernal: uma máquina de criar mundos alternativos, e de consequências mortais, pois sua própria essência ainda estava por ali, brilhando como um sol atrás de todos, ao lado do espírito maligno e púrpura de Damien, que criara todas as armadilhas possíveis para lhe matar dentro daquela realidade alternativa.

“Desculpe.” falou Jacob, levantando-se.

No cinema à frente deles, a criatura no centro da imagem do filme (que o Mestre chamava de simulacro) já estava de pé, aguardando alguma instrução, como os jogos de computador em





que o garoto gostava, mas desta vez, com a interface completamente vinculada à sua mente, o roteiro criado por um demônio e sua vida como dívida.

Todas aquelas coisas vieram-lhe em milissegundos, conforme acordava e ficava ao lado do Vigia, que parecia ter uma paciência infinita, porém punia os jogadores cortando-lhes os dedos.

A última coisa que se lembrava era Arkhen lhe estendo a mão, sendo literalmente consumido por uma luz. Verificou sua mão, e o dedo mínimo ainda lhe faltava — porém, sentia-se enorme dentro de si, revigorado.

*Arkhen conseguiu fundir-se comigo!* pensou Jacob.

“Você agora têm sete pontos de vontade.” falou o Mestre.

Ao lado de si, via os hologramas com a ficha do monstro que agora controlava. Aflições que lhe eram terríveis, como *Medo* e *Culpa* foram praticamente suprimidas neste novo corpo, assim como *Insanidade*, que talvez fosse mais perigosa que os outros monstros soltos dentro de sua pequena cidade em seu fim dos dias.

No topo de sua ficha via os rótulos de transformação.

*Humano — **Humano-Lobo** — Lobo-Humano — Lobisomen*

Percebeu-se então no segundo estágio da maldição da criatura; sua cabeça, atingindo quase o teto da biblioteca, alcançava um pouco mais de dois metros.

*Interpretação*, lembrou-se o garoto da qualidade narrativa que o Mestre mais valorizava.

Jacob falou então naquela voz gutural, com certa dificuldade.

*“O caminho para o céu, começa no inferno.”*

Pegou um toco de madeira, e somente com sua mão, o esfacelou em poeira, conferindo sua força sobrenatural.

*Ele precisa sentir-se liberto de suas antigas limitações humanas,* pensou Jacob.

O personagem começou a rir: primeiro devagar, mas logo em uma voz alta e forte, deslumbrado com sua força. Durante seu riso, olhava para sua mão de unhas grandes e com um pêlo preto e forte por cima, saindo em tufo altos, quase eriçados como os de um animal. Apesar de tudo, e pela interface do simulacro, Jacob ainda sentia-se humano em seu intelecto e emoções, e logo aquela risada encerrou-se em raiva pela memória de sua família (imposta certamente pelo Mestre).

*Ainda devo vingar a todos,* pensou Jacob.

“O desafio persiste: dois seres sobrenaturais ainda restam na cidade.” falou o Mestre.

Com um rugido curto, os dentes do *humano-lobo* ficaram à mostra. Foi caminhando até a porta da frente de sua casa, abaixando-se pelo seu corpo avolumado por novos músculos; suas orelhas pontudas apareciam na parede pelo sol das quatro da tarde em Esmeralda.

Com um chute, destruiu a porta de carvalho da frente de sua casa, passando para a rua, vestido como um homem, mas seu rosto era de um monstro preso entre duas entidades, com seus pés em formas de patas peludas no chão da calçada.

Dentro da criatura, Jacob sentia que podia vencer.



Texto.

*Com este novo corpo consegue ver tudo com um aspecto sobrenatural, incluindo cheiros e barulhos. Jacob volta à igreja, e encontra o corpo do padre pelo cheiro (?). Retira sua roupa, removendo sua humanidade. Ele se transforma em mais um nível somente pela noite, e Jacob não gasta um ponto de FV para resistir, agora não mais de pé, mas como um lobo (a selvageria o impede de pensar). Jacob sobe a colina para a montanha. Na entrada já sente o cheiro de centenas de ossadas ao chão. Ele vai andando, e então ele sente duas presenças grandes naquela galeria, e as serpentes emitem um som intimidador. "Você cheira diferente... Leonard." Quando Jacob vai responder, um gigante de duas cabeças o empala com uma lança de ponta de prata na parede, morrendo em segundos.*

26

*Jacob volta ao cinema e perdeu mais um dedo. Seu personagem está na igreja. O DM avisa que o cenário mudou. Ele se lembra que na lenda, é preciso olhar a medusa para virar pedra. Jacob pega um cinto e um pano preto e cobre seus olhos. Chega à noite, restringe sua transformação. Com os outros sentidos aguçados ele caminha. Se cobre de lama (ala predador), tentando disfarçar seu cheiro. No caminho, um lobo (com a mesma cicatriz no focinho) o olha de lado, rosna e vai embora. Jacob volta à mina,*

*espera o Ogro sair (ele é menor do que o jornal dissera, mas de três a quatro metros) e passo a passo vai se esgueirando pela parede. Ele pressente uma certa distância segura da medusa, e arrisca um olho somente pelo tecido negro. Jacob vê um portal mágico aberto e uma coleção de cabeças de pedra, junto à uma estátua de feiticeiro, quem provavelmente abriu tal portal.*

27

*O personagem se lembra de sua irmã e tem uma reação automática de rosnado, feita pelo DM (Jacob fica surpreso e revoltado!). Pelo reflexo do líquido metálico e espelhado do portal, Jacob então vê a medusa sorrir e fazer um gesto mágico, onde sua mão fica em uma aura laranja. Ele recoloca o cinto em seu olho e sente seu redor tremer e a medusa lhe escapa de seus sentidos. A rocha onde Jacob está encostado tornam-se dois braços de pedra que o agarram. A dor é tanta que Jacob sai de volta para o cinema e pede tempo muito lento e com um gesto ajusta a câmera para ver melhor o que acontece mais de frente. Jacob pede ao DM para ir para frente, e ele arrasta um golem de pedra tentando pegar seu pescoço, que pelo seu reflexo sobrenatural conseguiu colocar uma mão antes do pescoço e andar dois passos lerdos à frente. Jacob então pede para encolher e depois usar toda a força nas pernas para quebrar o monstro na própria rocha em um pulo para trás. O DM avisa que por quatro segundos o lobisomem ficará exausto e imóvel, Jacob concorda. Após as pedras levantarem poeira, e o barulho parar de ecoar, Jacob ouve as cobras da medusa se aproximando pelo lado esquerdo. Neste tempo a medusa*



*arranca uma cobra de sua cabeça e a larga ao chão, picando Jacob em ambas as pernas enquanto ele se recobrava do esforço. O DM diz que agora ele pode se mexer apenas do quadril para cima. "Bem vindo à minha coleção particular." diz a medusa, rindo em sua frente.*

## 28

*Jacob possui agora apenas 5 pontos de força de vontade. A medusa está em sua frente, observando-o. Ela pergunta o que houve com Rubem (seu fiel Lupus, que sabia onde ficava seu lugar na casa), enquanto tira uma adaga de prata de sua roupa.*

*O DM avisa que se ele não exercer vontade, o lobisomem irá se ajoelhar no chão, e Jacob gasta mais um ponto de FV para ficar em pé por mais dez segundos. A medusa chega mais perto. "Você veio me matar?" A medusa levita a adaga e bate em sua orelha, o fazendo ganir de dor e vacilar ao chão, gastando mais um ponto automático de FV para não cair no chão, colocando suas mãos nos ouvidos. "Eu gostava do meu antigo cão." diz a medusa, e então a adaga de prata perfura a mão direita de Jacob, e ele vai sentindo seu pêlo torrar. Jacob pára o jogo. O DM diz que ele tem dez minutos para pensar.*

## 29

*Jacob volta à caverna — e ele está sozinho, pois Arkhen já tinha se incorporado à ele. Sente falta de sua mãe e senta-se chorando. E então, naquele silêncio, sua feição vai mudando. Ele se levanta e volta ao cinema e pede para ver todas as habilidades que estavam impregnadas no sangue de Rubem e que foram passadas à ele. O DM lhe entrega um pequeno livro de seu bolso. Jacob percebe que está escrito em latim e pede tradução. O DM diz que estas são as regras, e que ele tinha acordado que SIM no início dos jogos. Jacob diz que o DM é obrigado a responder todas as suas perguntas no seu tempo de espera, e ele confirma. Jacob pergunta se em alguma das habilidades ele pode chamar seu pack de lobos. O DM diz que isto custa 1 FV por tentativa. Jacob então pede para que o jogo continue.*

## 30

*Jacob então emite dois latidos diferentes gastando dois FV, o deixando com apenas um ponto. A medusa olha com curiosidade, e torce cruelmente sua adaga na mão dele. O DM diz que ele vai se curvar ao chão, e agora Jacob consente. Dois lobos entram no local, rosnando. Jacob solta um rugido infernal, e os dois pulam na medusa por lados diferentes, em grande luta. Com seu rabo ela gira e luta com eles. Jacob, no chão, remove a adaga de prata da sua mão e envolve ela em sua venda. Um dos lobos vira pedra no ar e cai quebrando em pedaços. O outro morde um braço da medusa e uma das cobras pula em seu pescoço — a medusa com sua outra mão esmaga a cabeça dele e o joga longe. Ela se vira para Jacob, e ele lança*



a adaga (joga 4 no dado de 6), e acerta direto no olho. O DM diz que ela não irá morrer imediatamente. Jacob se lança para frente, e enquanto a medusa grita ele vai se puxando pelo chão e a pegando pelo rabo.

### 31

Jacob a puxa e seu último FV. Pelo som ele detecta onde a boca está, e de olhos fechados ele lhe dá um ataque de garra no pescoço (com dado 3 de 6) e sente o sangue dela escorrer por si. O DM diz que a prata transformou sua mão esquerda em humana. Jacob se arrasta para longe e vê pelo reflexo do portal a medusa afogar em seu próprio sangue. Jacob percebe que as faculdades de recuperação do lobisomem estão agindo. A cobra que mordia o lobo vem em sua direção e com um gesto rápido com a espada a divide em dois. Quando a medusa cessa, Jacob corta a sua cabeça e a joga de volta para o portal. Ele sai da caverna e encontra o Ogro. Ele mata o agro e termina sua morte com a mão humana (metáfora do homem de duas faces). O DM diz que o jogo acabou e que o humano (Jacob) venceu pelas regras.

### 32

Jacob recebe a sua alma do DM e ele diz que foi bem jogado, mas que faltou estratégia e planejamento para alguma recomendação. Jacob agradece e o DM diz que o demônio está temporariamente preso para que ele saia deste local imediatamente para sua segurança. Jacob volta à caverna. Arkhen reaparece e diz que ele precisa assumir mais uma vez agora. Jacob pergunta por que ele o deixou antes no jogo, e Arkhen

responde que ele queria que Jacob percebesse todo o seu potencial, e que ele também era um tremendo jogador. Arkhen argumenta que agora ele precisa terminar o que começou, e que precisa da permissão de Jacob para matar o demônio de uma vez por todas. Eles se dão a mão — e Jacob agora tem olhos verdes.

### 33

Jacob (de olhos verdes agora) pergunta ao DM o que vão fazer com o 'bicho'. O DM diz que não é de sua alçada e que ele tem 5 minutos para sair e vira uma ampulheta saindo por um portal. Arkhen e o demônio estão sozinhos agora. Após algum tempo Arkhen diz "Pode parar com o teatro agora, irmão." O demônio volta a ser um homem velho com olhos de fogo. "As crianças adoram, você sabe." O demônio aproxima sua mão e um escudo de energia não o deixa passar. Arkhen "Não, eu não sou mais... assim." Arkhen diz que ele sabe o que vai acontecer, mas que ele tem uma escolha: renuncie e sacrifique-se. O demônio dá as costas. "Você sempre foi o fraco, não eu. Por quanto me vendeu?" Arkhen diz que ele pagou doze vidas por ele, para ao menos tentar lhe convencer a se entregar. O demônio olha a ampulheta e diz "A umbra nunca esquece e nunca dorme." Arkhen se decepciona e abre um novo portal surgindo com um capitão angelico, em armadura celestial.



# JOGOS DE JACOB

## Final

34

*O capitão entra dentro do campo do demônio e o arrebenta, e lhe coloca um argola no pescoço que o faz sumir em um campo de partículas. O capitão então se vira e diz "Jacob, você sabe o que está acontecendo?". Arkhen o desafia e diz "Meu nome é Arkhen." O capitão diz "Não tenho tempo mais para você Arkhen. Sua encarnação encerrou diversos karmas passados. Traga a criança de volta e pare com suas influências, que a partir deste momento serão contabilizadas e motivo de julgamento." A ampulheta continua a descer sua areia. Arkhen diz, "Por favor, mude sua imagem — Jacob ficará traumatizado..". Um monge aparece. "Arkhen, nem mais uma palavra: devolva-me a criança agora!" Arkhen vê a ampulheta terminar, e então seus olhos tornam-se azuis novamente.*

35

*O monge se aproxima do menino, lhe pede a mão (seus olhos dão uma brilhada, pois ele investiga se é Jacob mesmo) e fala: "Jacob, você esteve diretamente com um... demônio... e agora, com sua ajuda, o apreendemos, você entende?" Jacob diz "Eu quero ir para casa." O monge vai até os corpos das vítimas, e depois volta à ele "Jacob, você também entende que errou ao jogar com o demônio?" Jacob diz que foi coagido, e o padre diz: "Estes aqui pagaram com suas vidas e estão limpos em termos da luz. Mas você Jacob, não temos outra coisa a fazer senão ajustar o equilíbrio, pois você ficou manchado.". Jacob se encolhe e põe suas mãos nos olhos. O monge diz "A sociedade humana não pode saber o que acontece nestas*



ocasiões." Jacob diz "Eu não vou dizer nada." O monge diz "Não é isso. A ausência de uma explicação é que devemos observar, esta ausência é o que leva a dúvida, a novas investigações e conseqüentes problemas." Jacob chora ao começar a entender o que estava acontecendo. "Mas eu venci! Olhe aqui, perdi dois dedos salvando minha vida!". O monge diz que ele fez dois sacrifícios oficiais à umbra e que estes jogos normalmente são feitos entre demônios buscando colocações na legião.

### 36

Jacob chora e pede por sua mãe. O monge diz que para a ordem dos homens seja restaurada, ele precisa seguir um caminho difícil, mas possível, para corrigir o equilíbrio. "A polícia chegará em meia hora, pois este senhor foi dado como pessoa desaparecida, e o carro dele está aqui na frente." Jacob diz que ninguém sabe o futuro. O monge diz que todos angélicos tem o dom da premonição. Jacob "O que vai acontecer comigo?". Monge "Você será condenado por matar todos aqui, Jacob." E Jacob se vê sujo de sangue e com uma faca na mão. "Esta será sua expiação — e a única maneira de manter o que houve aqui em sigilo completo e ajustar seu karma naturalmente." Jacob "Eu... lhe entreguei o demônio!" Monge "Jacob, você sabe que o que aconteceu aqui hoje foi a apreensão de dois demônios." O monge lhe levanta e olha nos olhos. "Esqueceu quem lhe trouxe aqui?"

### 37

O monge diz "Odeio este trabalho. Detesto ter de dizer isso a você, posso ler sua vida pelos teus olhos." O monge lhe dá um abraço. "Posso ver você, livre, em 30 anos, mas terá de passar por todo o tipo de provações da sociedade." Jacob fala baixinho. "Terei mais de quarenta anos..." O monge diz "Jacob, se quiser, posso abrir uma exceção e lhe conceder um pequeno desvio mental, o que as pessoas deste tempo chamam de esquizofrenia, e assim os primeiros anos seriam menos traumáticos." "E-Eu não matei ninguém!" grita Jacob. "O verei sempre que puder." diz o monge. "Agora descanse!"

Jacob cai ao chão.

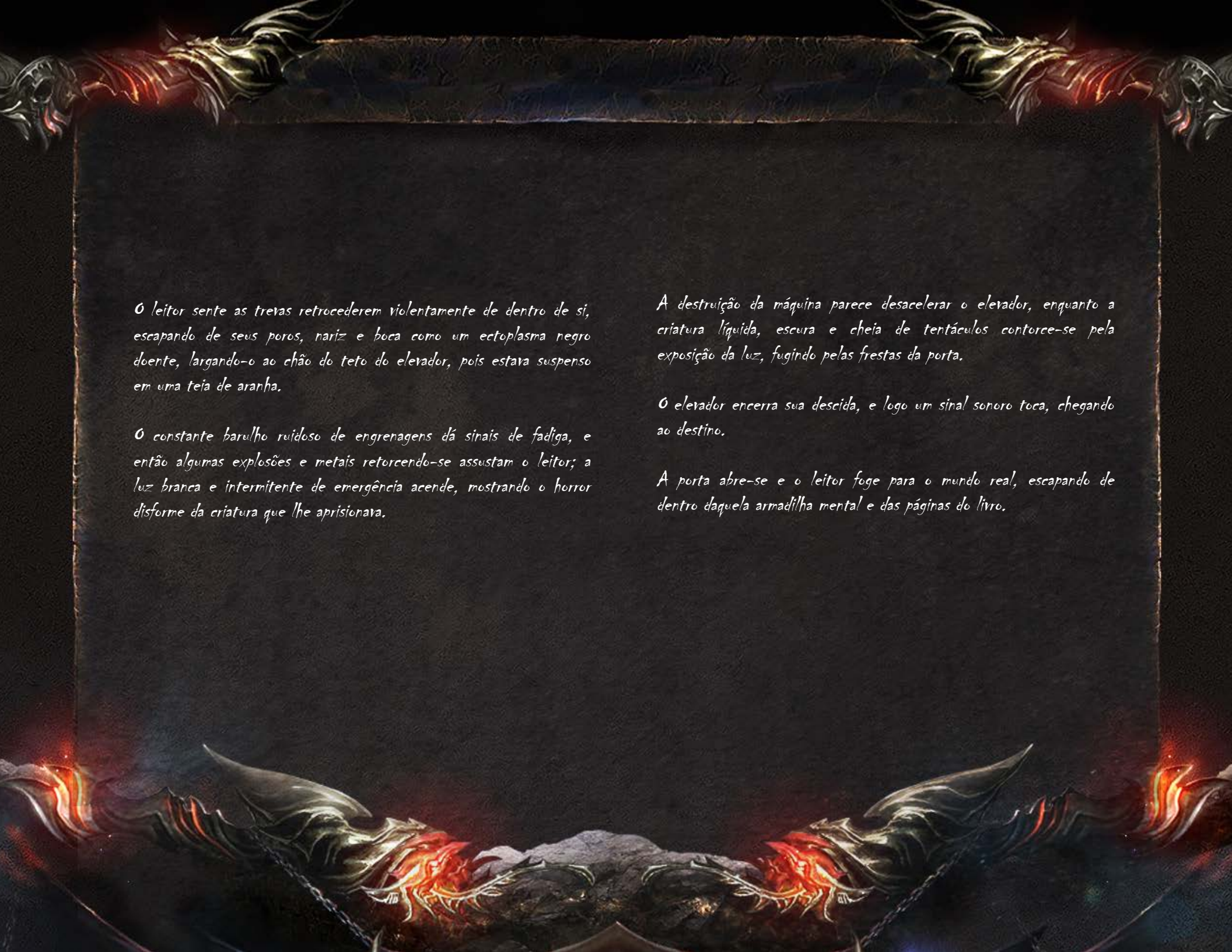
### 38

Um enfermeiro busca um homem barbudo vendo televisão. O homem de olhos azuis quase não pisca quando o enfermeiro passa a mão na frente de seu rosto. O enfermeiro o leva pelos corredores de um hospital psiquiátrico. Depois de um tempo, eles entram em uma sala, e o enfermeiro o algema à mesa. Lhe faltam dois dedos na mão direita. O enfermeiro (monge) o olha nos olhos "Jacob?". Um psiquiatra entra na sala e o interroga. Diz que é famoso por encerrar casos e que ele não sofre de nenhuma esquizofrenia, e é um psicopata, e que fará de tudo para que ele vá para a cadeira elétrica. O psiquiatra mostra uma foto de sua mãe, morta por overdose. Após um silêncio, ele diz que só precisa saber quando que começou a ser um criminal, e expõe toda a sua tese (?).



*Após o homem sair, seu luiz volta como um enfermeiro e conversa (?) Com um gesto do anjo, Jacob sai de seu torpor e o reconhece pelo bigode, seus os olhos cheios de lágrimas. Jacob pergunta o que vai acontecer. Ele diz: "Se eu lhe contar perde a graça, guri." com um sorriso. Em um gesto, Jacob volta de novo ao seu torpor, e seu luiz lhe afaga a nuca dizendo 'Bom menino.'*





*O leitor sente as trevas retrocederem violentamente de dentro de si, escapando de seus poros, nariz e boca como um ectoplasma negro doente, largando-o ao chão do teto do elevador, pois estava suspenso em uma teia de aranha.*

*O constante barulho ruidoso de engrenagens dá sinais de fadiga, e então algumas explosões e metais retorcendo-se assustam o leitor; a luz branca e intermitente de emergência acende, mostrando o horror disforme da criatura que lhe aprisionava.*

*A destruição da máquina parece desacelerar o elevador, enquanto a criatura líquida, escura e cheia de tentáculos contorce-se pela exposição da luz, fugindo pelas frestas da porta.*

*O elevador encerra sua descida, e logo um sinal sonoro toca, chegando ao destino.*

*A porta abre-se e o leitor foge para o mundo real, escapando de dentro daquela armadilha mental e das páginas do livro.*





## EPÍLOGO

"VITÓRIA!" GRITA O AUTOR FRENETICAMENTE para o mestre, que em desagravo abre devagar uma grossa porta de ferro, ostentando um largo escudo em bronze com a forma de um lobo em alto relevo. Ao redor deles, uma máquina enorme dentro da sala queima, soltando uma fumaça branca, junto com faíscas e fogo por todos as suas frestas.

Os dois saem dali para o corredor da caverna iluminado por

tochas, ouvindo a porta grande fechar-se. O mestre segura o ombro do autor, que estava agora apreensivo.

"Estava perdendo minha esperança com você. Talvez eu tenha de intervir em algum momento." disse o mestre um pouco desapontado, mas havia em seu rosto um sorriso cansado depois de anos dentro daquela sala, vendo o autor lutar miseravelmente contra a máquina.

"Para onde vamos agora?" perguntou o autor para o outro.

O mestre mostrou-lhe um longo corredor cheio de outras portas, cada uma com escudo e símbolo em relevo diferente.

"Eventualmente achará sua saída ou continuará comigo descobrindo até onde esta caverna vai."

O velho mestre de cabelos brancos portava um sorriso de quem sabia o que estava por vir. O autor, com determinação, abriu a porta logo em sua frente, sem muita consideração e pronto para o próximo desafio.

**Fez-se uma luz que envolveu a todos.**







FRINGE DIVISION

*Próximo lançamento...*

**ANNIE**

**CYBER APOCALIPSE  
WARP DRIVE  
VIAGEM ASTRAL  
DARK MATTER**